

REPUBLIQUE FRAN

N° 40

LIBERTÉ — ÉGALITÉ —

COMMUNE

LA COMMUNE DE PARIS.

Considérant que le gouvernement de Versailles (cont.)

Considérant que les représentants de la Commune de

Considérant que les lois politiques et les décisions

SECRET

Art. 17. Toute personne prisonnière de

Art. 18. Le jury d'accusation sera

Art. 19. Le jury national sera

Art. 20. Tous accusés

Art. 21. Toute

A COMMUNA DE PARIS

Os Trabalhadores de Paris, com a sua Comuna, serão para sempre celebrados como o glorioso arauto de uma nova sociedade. Os seus mártires estão conservados no relicário do grande coração da classe trabalhadora. A história dos carrascos que os massacraram já foi pendurada àquele eterno pelourinho, de onde todas as orações dos seus padres não serão capazes de redimi-los.

Karl Marx

Versão Portuguesa - Nota do Tradutor

Em meados de junho de 1871, um homem de 32 anos bateu à porta de Karl Marx em Londres. Tendo escapado milagrosamente à *Semana Sangrenta*, durante a qual os últimos resistentes da Comuna de Paris haviam sido massacrados, Prosper-Olivier Lissagaray chegava à Inglaterra depois de uma breve passagem pela Bélgica.

Após um minucioso exame dos documentos trazidos pelo recém-chegado, Marx manifestou o desejo de patrocinar a produção de uma versão em língua inglesa daqueles manuscritos franceses, e publicá-los com o aval do seu nome. Aquela papelada passaria à posteridade como a versão oficial da "*História da Comuna de Paris de 1871*," revista e aprovada por Karl Marx.

Contando apenas 16 anos de idade na ocasião, Eleanor Marx já atuava como secretária do pai, que encarregou a filha caçula de traduzir os documentos, reservando para si próprio a tarefa de proceder à sua revisão final. No curso desse trabalho, o jovem revolucionário e a menina se apaixonaram mas o velho Marx opôs-se ao relacionamento, em face da acentuada diferença de idade entre os dois.

Fazendo prevalecer a sua autoridade paterna, Marx não obstante não permitiu que essas circunstâncias de caráter pessoal interferissem no trabalho em curso, e a colaboração entre Lissagaray e Eleanor prosseguiu inalterada sob a sua supervisão.

Tempos mais tarde, quando Eleanor completou 25 anos, Marx finalmente consentiu na união do jovem casal, mas o longo adiamento causara danos irreversíveis ao romance, e eles acabaram por separar-se em 1882. Em 1884, ela deu início a um novo relacionamento com o biólogo ateu e Darwinista, Edward Aveling, que duraria até o fim dos seus dias. Ao descobrir que Aveling casara-se em segredo com uma jovem atriz, Eleanor Marx suicidou-se em 31 de março de 1898. Da sua parte, Lissagaray jamais voltou a casar-se, e morreu celibatário em 1901, aos 62 anos de idade.

Na produção da presente versão em língua portuguesa da "*História da Comuna de Paris de 1871*," portanto, não baseei-me no original francês de Lissagaray, mas na versão inglesa de Eleanor Marx publicada em 1886, revista e aprovada por seu pai.

marco fernandes

Introdução

A presente tradução da *Histoire de la Commune* de Lissagaray foi feita há muitos anos, atendendo a um desejo expresso do autor o qual, além de efetuar muitas correções em seu trabalho, escreveu quase cem páginas adicionais especialmente para essa versão inglesa. A tradução, com efeito, foi feita a partir de uma *Histoire de la Commune* destinada a uma segunda edição - uma edição cuja publicação não seria permitida pelo Governo Francês. Essa explicação é necessária em vista das diferenças entre esta tradução e a primeira edição do livro de Lissagaray.

Escrita em 1876, há necessariamente passagens nesta história que estão desatualizadas hoje; como, por exemplo, as referências aos prisioneiros na Nova Caledônia, os exilados, e a anistia. Mas por duas razões eu prefiro deixar essa tradução como era originalmente. Fazer-lhe uma "atualização" só iria transformá-la em uma colcha de retalhos. Segundo, desagradame alterar esse trabalho seja no que for. Ele foi inteiramente revisado e corrigido por meu pai. Eu quero que tudo permaneça como ele o conheceu.



A *Histoire de la Commune* de Lissagaray é a única história autêntica e confiável jamais escrita sobre o mais memorável movimento dos tempos modernos. É verdade que Lissagaray foi um soldado da Comuna, mas ele teve a coragem e a honestidade de falar a verdade. Ele não tentou esconder os erros do seu partido, nem lustrar as fatais deficiências da Revolução; e se ele errou, foi por excesso de moderação, em sua ânsia de não fazer uma só declaração que não pudesse ser corroborada por provas incontestáveis de sua autenticidade. Sempre que possível, as declarações dos Versalheses em seus Inquéritos Parlamentares, em sua imprensa, e em seus livros, são usadas em preferência às declarações de amigos e correligionários; e sempre que o testemunho de *Communards* é dado, ele é invariavelmente peneirado com escrupuloso cuidado. E é essa imparcialidade, essa cuidadosa evitação de qualquer assertiva que possa ser considerada duvidosa, que deve recomendar esse trabalho aos leitores ingleses.

Na Inglaterra em especial, a maioria das pessoas ainda está um tanto ignorante dos eventos que conduziram e forçaram o povo de Paris a fazer essa revolução, destinada a salvar a França da vergonha e da desgraça de um Quarto Império. Para a maioria do povo inglês, a Comuna ainda é um sinônimo de "rapina, medo e lascívia" e quando falam das suas "atrocidades," eles baseiam-se em vagas idéias de reféns impiedosamente massacrados por revolucionários brutais, ou casas incendiadas por *pétroleuses* furiosas. Não seria a hora do povo inglês afinal saber a verdade? Não seria a hora de lembrar-lhes que pelos sessenta e cinco reféns fuzilados, não pela Comuna, mas por algumas poucas pessoas levadas à loucura pelo massacre de prisioneiros cometido pelos Versalheses, as tropas da lei e da ordem fuzilaram trinta mil homens, mulheres e crianças, em sua maioria um longo tempo depois que todo combate havia cessado? Se algum inglês, depois de ler a *Histoire de la Commune* de Lissagaray, ainda tiver alguma dúvida quanto às reais "atrocidades" da Comuna, ele deve consultar os correspondentes do Times, Daily News e Standard presentes em Paris de maio a junho de 1871. Lá ele poderá descobrir o tipo de "ordem reinante em Paris" após a gloriosa vitória de Versalhes.

Mas não basta apenas esclarecer as "atrocidades" da Comuna. É hora de as pessoas compreenderem o verdadeiro significado dessa Revolução; e isso pode ser sumarizado em

algumas poucas palavras. Ela significou o governo do povo pelo povo. Essa foi a primeira tentativa do proletariado de governar-se a si próprio. Os trabalhadores de Paris o expressaram, quando em seu primeiro manifesto, declararam que *"entendiam ser o seu imperioso dever e o seu direito absoluto tornarem-se mestres do seu próprio destino, ao tomar o poder governamental."* O estabelecimento da Comuna significou - não a substituição de uma forma de domínio de classe por outra - mas a abolição de todo domínio de classe. Ela significou a substituição da produção capitalista por uma produção verdadeiramente cooperativa, isto é, comunista, e a participação nessa Revolução de trabalhadores de todos os países significou a internacionalização, e não apenas a nacionalização, da terra e da propriedade privadas.

E os mesmos homens que ora clamam contra o uso da força usaram a força - e que força! - para derrotar o povo de Paris. Aqueles que denunciam os Socialistas como meros incendiários e dinamitadores fizeram uso do fogo e da espada para esmagar o povo e reduzi-lo à submissão.

E qual foi o resultado desses massacres, dessa matança de milhares de homens, mulheres e crianças? Estaria o Socialismo morto? Foi ele afogado no sangue do povo de Paris? O Socialismo hoje tem mais poder do que jamais teve. A República burguesa da França pode juntar as mãos com o Autocrata da Rússia para difamá-lo; Bismarck pode passar leis repressivas, e a América democrática pode seguir no seu rastro - e ainda assim ele se move! E como o Socialismo é hoje uma força, como mesmo na Inglaterra ele está *"no ar,"* é chegada a hora de se fazer justiça à Comuna de Paris. É chegada a hora em que mesmo os oponentes do Socialismo irão ler, ao menos com paciência se não com simpatia, um relato honesto e verdadeiro do maior movimento Socialista - até aqui - deste século.

Eleanor Marx Aveling
junho de 1886

Prefácio

A história do Terceiro Estado deveria ter sido o prólogo desta história. Mas o tempo é curto; as vítimas são precipitadas em suas sepulturas; as perfídias dos Radicais ameaçam superar as esfarrapadas calúnias dos Monarquistas. Eu limito-me no momento à introdução estritamente necessária.

Quem fez a Revolução de 18 de março? Qual foi o papel do Comitê Central? O que foi a Comuna? Como foi possível ao país perder 100.000 franceses? Quem é o responsável? legiões de testemunhas responderão.

Sem dúvida, este é um exilado quem fala, mas um exilado que não foi nem membro, nem oficial, nem funcionário da Comuna; que por cinco anos vem peneirando as provas; que não aventurou-se a uma única asserção que não fosse assentada em uma profusão de provas; que vê um vencedor atento à menor imprecisão para poder negar todo o resto; que não conhece uma melhor defesa para os vencidos do que a simples e sincera récita da sua história.



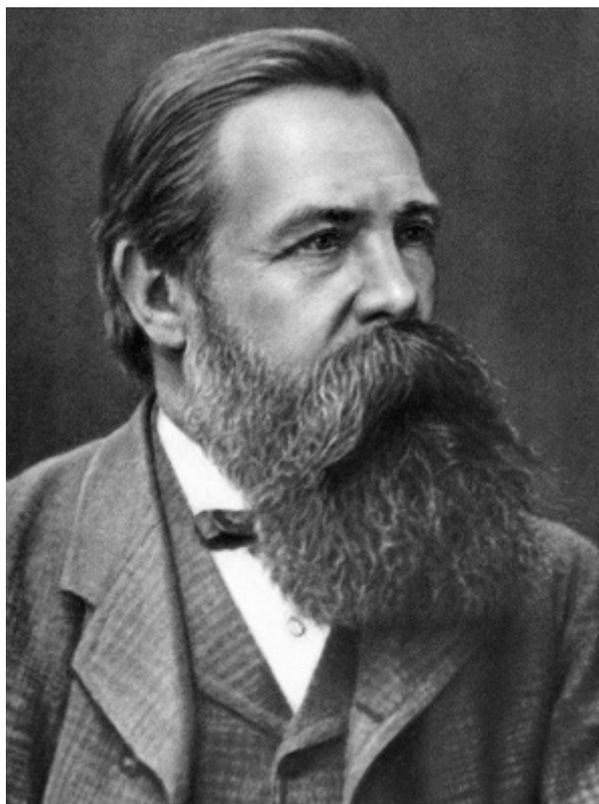
Esta história, além disso, é um tributo a todos os seus descendentes, a todos os trabalhadores da Terra. A criança tem o direito de conhecer as razões das derrotas paternas, o partido Socialista tem o direito de conhecer a campanha da sua bandeira em todos os países. Aquele que conta ao povo lendas revolucionárias, aquele que diverte-se com contos sensacionalistas, é tão criminoso quanto o geógrafo que desenha cartas falsas para os navegadores.

*Prosper-Olivier Lissagaray
Londres, novembro de 1877*

Antecedentes Históricos e Visão Geral da Guerra Civil

(Introdução de Frederick Engels Por Ocasião do 20º Aniversário da Comuna de Paris - 1891)

Graças ao desenvolvimento econômico e político desde a Revolução Francesa de 1789, Paris manteve por 50 anos uma posição tal que nenhuma revolução poderia acontecer lá sem assumir um caráter proletário, isto é, o proletariado, que havia comprado a vitória com o seu próprio sangue, apresentaria as suas próprias exigências após a vitória. Essas exigências eram mais ou menos obscuras e mesmo confusas, e correspondiam ao grau de evolução alcançado pelos trabalhadores de Paris naquele período específico, mas em última instância todas elas resumiam-se à abolição do antagonismo de classe entre o capitalismo e os trabalhadores. É verdade que ninguém sabia como isso seria realizado. Mas a própria exigência, por mais indefinida que ainda estivesse em sua formulação, continha uma ameaça à ordem da sociedade em vigor; os trabalhadores que a manifestavam ainda estavam armados; portanto, o desarmamento dos trabalhadores era o primeiro mandamento para a burguesia que manjava o leme do estado. Daí, após toda revolução vencida pelos trabalhadores, uma nova luta, que resulta na derrota dos trabalhadores.



Isso aconteceu pela primeira vez em 1848. A burguesia liberal da oposição parlamentar promoveu banquetes para garantir a reforma da franquia, a qual deveria garantir a supremacia para o seu partido. Forçada mais e mais, em sua luta com o governo, a apelar ao povo, eles tiveram que permitir que os estratos radicais e republicanos da burguesia e da pequena-burguesia gradualmente assumissem a liderança. Mas por trás deles estavam os trabalhadores revolucionários e, desde a Revolução de Julho de 1830, estes haviam adquirido uma independência política muito maior do que a burguesia - e os próprios republicanos - suspeitavam. No momento da crise entre o governo e a oposição, os trabalhadores transformaram as ruas em um campo de batalha; o rei Louis Philippe evaporou-se, e com ele a reforma da franquia; e em seu lugar surgiu a república, e de fato uma que os próprios trabalhadores vitoriosos designaram como república "social". Ninguém, entretanto, explicara com clareza em que implicaria essa república social; nem mesmo os próprios trabalhadores. Mas eles agora tinham armas em suas mãos, e eles eram um poder dentro do estado. Portanto, assim que a burguesia republicana que estava no controle sentiu que começava a pisar em terra firme, o seu primeiro objetivo foi desarmar os trabalhadores. Para tornar isso possível, eles foram traiçoeiramente atraídos para a insurreição de junho de 1848, depois por meio de provocação aberta e pela tentativa de banir os desempregados para uma província distante. O governo teve a precaução de reunir uma força esmagadoramente superior. Depois de cinco dias de heróica luta, os trabalhadores foram derrotados. E então seguiu-se um banho de sangue dos prisioneiros indefesos, como não se via desde as guerras civis que acompanharam a queda da República Romana. Essa foi a primeira vez em que a burguesia mostrou as insanas crueldades de que era capaz em sua vingança, a partir do momento em que o proletariado ousasse enfrentá-la como uma classe à parte, com os seus próprios interesses e exigências. E mesmo assim, 1848 não passou de uma brincadeira de criança, comparado ao seu frenesi de 1871.

O castigo não fêz-se por esperar. Se o proletariado ainda não estava apto a governar a França, a burguesia já não era mais capaz de fazê-lo. Pelo menos não naquele período, quando a grande maioria dela ainda tinha inclinações monárquicas, e estava dividida em três partidos

dinásticos - Legitimistas, Orleanistas e Bonapartistas - além de um quarto partido republicano. As suas dissensões internas permitiram que o aventureiro Louis Bonaparte se apoderasse de todos os postos de comando - exército, polícia, máquina administrativa - e em 2 de dezembro de 1851 detonasse a última fortaleza da burguesia, a Assembléia Nacional. O Segundo Império abriu a França à exploração de uma quadrilha de aventureiros políticos e financeiros, mas ao mesmo tempo, também a um desenvolvimento industrial que nunca havia sido possível sob o tacanho e tímido sistema de Louis Philippe, dominado que era de forma exclusiva por apenas uma pequena seção da alta burguesia. Louis Bonaparte tomou o poder político dos capitalistas sob o pretexto de protegê-los, a burguesia, contra os trabalhadores, e por outro lado, proteger os trabalhadores contra eles; mas como resultado o seu governo encorajou a especulação e a atividade industrial - em uma palavra, a ascensão e o enriquecimento de toda a burguesia a níveis desconhecidos até então. A níveis ainda maiores, é verdade, desenvolveram-se a corrupção e o roubo em massa, agregados em torno da corte imperial, e extraindo suas altas porcentagens desse enriquecimento.

Mas o Segundo Império era também um apelo ao chauvinismo francês, a exigência da restauração das fronteiras do Primeiro Império, que haviam sido perdidas em 1814, ou pelo menos as da Primeira República. Um império francês dentro dos limites da velha monarquia e, de fato, dentro das fronteiras ainda mais amputadas de 1815 - tal coisa era impossível por qualquer período de tempo muito longo. Daí a necessidade de guerras breves e da extensão das fronteiras. Mas nenhuma extensão de fronteiras fascinava mais a imaginação dos chauvinistas franceses do que a extensão à margem esquerda do Reno alemão. Para eles, uma milha quadrada no Reno valia mais do que dez nos Alpes, ou em qualquer outro lugar. Estabelecido o Segundo Império, a exigência da devolução da margem esquerda do Reno à França, fosse de uma só vez ou aos pedaços, era uma mera questão de tempo. Essa hora chegou por ocasião da Guerra Austro-Prussiana de 1866; frustrado em suas pretensões de "compensação territorial" por Bismarck, e por sua própria política excessivamente astuciosa e hesitante, nada restava agora a Napoleão senão a guerra, que eclodiu em 1870 e empurrou-o, primeiro a Sedan, e depois à prisão em Wilhelmshöhe.

O inevitável resultado foi a Revolução de Paris de 4 de setembro de 1870. O império ruiu como um castelo de cartas, e a república foi proclamada mais uma vez. Mas o inimigo estava postado às portas de Paris; os exércitos do império que não estavam cercados em Metz eram mantidos cativos na Alemanha. Nessa emergência, o povo permitiu que os Deputados de Paris do antigo corpo legislativo se constituíssem em um "Governo de Defesa Nacional". Isso foi concedido com uma presteza ainda maior já que, para efeito de defesa, todos os parisienses aptos a empunhar uma arma haviam-se alistado na Guarda Nacional e estavam armados, de forma que agora os trabalhadores constituíam a grande maioria. Mas quase que imediatamente o antagonismo entre o governo quase totalmente burguês e o proletariado armado irrompeu em franco conflito. Em 31 de outubro, batalhões de trabalhadores assomaram a prefeitura e capturaram alguns membros do governo. Pela trapaça, pela quebra do governo de suas próprias promessas, e pela intervenção de alguns batalhões de pequenos-burgueses, eles foram novamente libertados e, a fim de evitar uma guerra civil no interior de uma cidade que já encontrava-se cercada por uma potência estrangeira, o antigo governo teve permissão de continuar no cargo.

Finalmente em 28 de janeiro de 1871, Paris, quase morta de fome, capitulou com honras inéditas na história da guerra. As fortalezas se renderam, a muralha exterior foi desarmada, as armas dos regimentos de linha e da Guarda Móvel foram renunciadas, e eles próprios consideraram-se prisioneiros de guerra. Mas a Guarda Nacional reteve as suas armas e os seus canhões, e celebrou apenas um armistício com os vitoriosos, que por sua vez não ousaram entrar em Paris em triunfo. Eles apenas se contentaram em ocupar um diminuto canto de Paris, o qual, de acordo com a barganha, consistia em parte de parques públicos, e mesmo assim foram ocupados apenas por alguns dias! E durante esse tempo eles, que haviam cercado a cidade por 131 dias, viam-se agora cercados pelos trabalhadores armados de Paris, que mantinham os olhos bem abertos para que nenhum "Prussiano" ultrapassasse os estreitos limites cedidos aos conquistadores estrangeiros. Tal era o respeito inspirado pelos trabalhadores de Paris ao exército diante do qual todas as forças do império haviam deitado as suas armas; e os Junkers prussianos, que haviam vindo colher a sua vingança no centro mesmo da revolução, foram compelidos a ficar respeitosamente parados, e saudar precisamente essa revolução armada!

Durante a guerra, os trabalhadores de Paris haviam-se limitado a exigir a vigorosa continuação da luta. Mas agora, quando veio a paz após a capitulação da capital, Thiers, o novo chefe de governo, foi obrigado a reconciliar-se com o fato de que a supremacia das classes abastadas - grandes proprietários de terras e capitalistas - estaria em constante perigo enquanto os trabalhadores de Paris continuassem com armas nas mãos. O seu primeiro gesto foi tentar desarmá-los. Em 18 de março, ele enviou tropas de linha com ordens de confiscar as peças de artilharia pertencentes à Guarda Nacional, que haviam sido fabricadas durante o cerco de Paris, e pagas através de subscrição pública. A tentativa fracassou; a cidade mobilizou-se como se fosse um só homem em defesa de suas armas, e a guerra entre Paris e o governo francês estabelecido em Versalhes foi declarada. Em 26 de março a Comuna de Paris foi eleita, e dois dias depois ela foi proclamada. O Comitê Central da Guarda Nacional, que até então exercera o governo, ofereceu a sua renúncia à Guarda Nacional, não sem antes decretar a abolição da escandalosa "Polícia da Moralidade" parisiense. Em 30 de março a Comuna aboliu a conscrição militar e o exército regular e declarou que a Guarda Nacional, na qual todos os cidadãos aptos a portar armas seriam alistados, passaria a ser a única força armada. Todos os pagamentos de aluguel residencial foram suspensos de outubro de 1870 até abril, as quantias já pagas contabilizadas para um futuro período de locação, e interromperam-se todas as vendas de artigos empenhados às casas de penhores municipais. No mesmo dia os estrangeiros eleitos à Comuna foram confirmados no cargo, por que "a bandeira da Comuna é a bandeira da República Mundial."

Em 1º de abril, foi decidido que o maior salário recebido por qualquer empregado da Comuna, e portanto também pelos seus próprios membros, não poderia exceder 6.000 francos. No dia seguinte a Comuna decretou a separação entre a Igreja e o Estado, e a abolição de todos os pagamentos do estado para fins religiosos, bem como a transformação de toda a propriedade da Igreja em propriedade nacional; em consequência disso, em 8 de abril, foi decretada a remoção das escolas de todos os símbolos, quadros, dogmas e orações religiosas - em uma palavra, "tudo aquilo que pertence à esfera da consciência individual" - e esse decreto foi gradualmente aplicado. No dia 5, em resposta ao fuzilamento, dia após dia, dos soldados da Comuna capturados pelas tropas de Versalhes, foi aprovado um decreto para a tomada de reféns, mas ele nunca foi posto em prática. No dia 6, a guilhotina foi trazida pelo 137º batalhão da Guarda Nacional e queimada em praça pública, em meio a grande regozijo popular. No dia 12, a Comuna decidiu que a Coluna da Vitória da praça Vendôme, que fora fundida dos canhões capturados por Napoleão após a guerra de 1809, deveria ser demolida como um símbolo do chauvinismo e da incitação ao ódio nacional. Esse decreto foi cumprido em 16 de maio. Em 16 de abril, a Comuna ordenou uma tabulação estatística das fábricas que haviam sido fechadas pelos seus proprietários, e a elaboração de planos para a reabertura dessas fábricas pelos seus ex-empregados, que deveriam ser organizados em sociedades cooperativas, bem como planos para a organização dessas cooperativas em um grande sindicato. No dia 20 a Comuna aboliu o trabalho noturno nas padarias, bem como os cartões de registro dos trabalhadores, que desde o Segundo Império vinham sendo administrados como um monopólio por nomeados da polícia - exploradores de primeira categoria; a emissão desses cartões de registro foi transferida para os prefeitos dos 20 distritos de Paris. Em 30 de abril a Comuna ordenou o fechamento das casas de penhores, considerando que eram uma exploração privada da mão de obra, e uma contradição ao direito do trabalhador à posse de suas ferramentas de trabalho e ao crédito. Em 5 de maio foi ordenada a demolição da Capela da Redenção, que havia sido construída em expiação à execução de Louis XVI.

Assim, a partir de 18 de março, o caráter de classe do movimento de Paris, que anteriormente fora relegado a um segundo plano em vista da luta contra o invasor estrangeiro, emergiu de forma aguda e clara. Como quase sem exceção eram trabalhadores, ou representantes reconhecidos pelos trabalhadores, os que sentavam-se nas sessões da Comuna, as suas decisões revestiam-se de um caráter decididamente proletário. Quando não decretavam reformas que a burguesia republicana falhara em aprovar por pura covardia, mas que proporcionavam a base necessária para a livre atividade da classe trabalhadora - tal como a constatação do princípio de que, em relação ao estado, a religião é uma questão puramente privada - promulgavam decretos que estavam no interesse direto da classe trabalhadora e que, de alguma forma, cortavam fundo na velha ordem da sociedade. Em uma cidade cercada, entretanto, era possível no máximo esboçar a realização de todas essas medidas. E do início de maio em diante, todas as suas energias foram voltadas para a luta contra os exércitos cada vez maiores reunidos pelo governo de Versalhes.

Em 7 de abril, as tropas de Versalhes haviam capturado a travessia do Sena em Neuilly, no extremo oeste de Paris; por outro lado, ao atacar a frente sul no dia 11 eles foram repelidos com grandes perdas pelo general Eudes. Paris era bombardeada continuamente, e pior, pelas mesmas pessoas que haviam estigmatizado como um sacrilégio o bombardeio dessa mesma cidade pelos prussianos. Essas mesmas pessoas imploravam agora ao governo prussiano pelo rápido retorno dos soldados franceses feitos prisioneiros em Sedan e em Metz, a fim de que estes pudessem recapturar Paris para eles. A partir do início de maio, a chegada gradual dessas tropas deu uma decisiva ascendência às forças de Versalhes. Isso já havia-se tornado evidente quando, em 23 de abril, Thiers rompera as negociações pela troca, proposta pela Comuna, do Arcebispo de Paris Georges Darboy e de um grande número de outros padres mantidos como reféns em Paris, por um único homem, Blanqui, que por duas vezes fora eleito à Comuna mas continuava prisioneiro em Clairvaux. E mais ainda, pela mudança no discurso de Thiers; até então procrastinador e ambíguo, ele tornara-se subitamente insolente, ameaçador, brutal. As forças de Versalhes tomaram o reduto de Moulin Saquet na frente sul em 3 de maio; no dia 9 foi a vez do Forte Issy, que foi completamente reduzido a ruínas pela canhonada; e no dia 14, o Forte Vanves. Na frente oeste eles avançavam gradualmente, capturando as numerosas aldeias e construções que estendiam-se até as muralhas da cidade, até chegarem à muralha principal propriamente dita; no dia 21, graças a uma traição e ao descuido dos Guardas Nacionais ali estacionados, eles conseguiram forçar a entrada na cidade. Os prussianos que controlavam as fortalezas ao norte e a leste permitiram que as tropas de Versalhes avançassem através do terreno ao norte da cidade, que fora-lhes interdito nos termos do armistício, e assim marchassem à frente e atacassem ao longo de uma extensa linha, que os parisienses naturalmente julgavam estar cobertas pelo armistício, e portanto estavam protegendo com um mínimo de forças apenas. Como resultado disso, somente uma débil resistência foi oferecida na metade oeste da cidade, onde ficam as residências luxuosas propriamente ditas; essa resistência tornava-se mais forte e mais tenaz à medida em que as tropas invasoras aproximavam-se da metade leste, onde concentram-se os verdadeiros bairros proletários.

Foi somente depois de oito dias de combate que o último defensor da Comuna foi esmagado sobre as colinas de Belleville e Menilmontant; e aí o massacre de homens, mulheres e crianças indefesos, que vinha acontecendo por toda a semana em uma escala crescente, atingiu o seu zênite. As armas simples já não podiam matar suficientemente rápido; os trabalhadores vencidos foram fuzilados às centenas pelo fogo das metralhadoras - mais de 30.000 cidadãos de Paris foram massacrados. O Muro dos Federados - também conhecido como o Muro da Comuna - no cemitério do Père-Lachaise, onde o derradeiro homicídio em massa foi consumado, está de pé ainda hoje, um silencioso porém eloquente testemunho da selvageria de que é capaz a classe dominante, toda vez em que a classe trabalhadora ousa reclamar os seus direitos. Depois vieram as prisões em massa - 38.000 trabalhadores presos; quando concluiu-se que era impossível matar todo mundo, passou-se ao fuzilamento de vítimas escolhidas arbitrariamente entre os prisioneiros, e a remoção dos sobreviventes para grandes campos onde aguardariam julgamento por uma corte marcial. As tropas prussianas que cercavam a metade norte de Paris tinham ordens de não permitir a passagem de quaisquer fugitivos; mas os oficiais muitas vezes fechavam os olhos quando os seus soldados prestavam uma maior obediência aos ditados da humanidade do que àqueles emanados do Estado Maior; em particular, honras são devidas ao corpo de exército da Saxônia, que comportou-se de forma muito humana e permitiu a passagem de muitos trabalhadores, que eram obviamente lutadores da Comuna.

Frederick Engels
Londres, 18 de março de 1891

PRÓLOGO

*Ousadia, essa palavra encerra toda a política deste momento
Relatório de St. Just à Convenção*

COMO OS PRUSSIANOS TOMARAM PARIS E A FRANÇA RURAL

9 de agosto de 1870 - Em seis dias, o Império perdeu três batalhas. Douai, Frossart, MacMahon deixaram-se isolar, surpreender, esmagar. A Alsácia está perdida, a Mosela indefesa. O Ministério estupefato convocou a Câmara. Ollivier, temendo uma manifestação, denuncia-a antecipadamente como "*prussiana*". Mas desde as onze da manhã uma multidão imensa e agitada ocupa a praça de la Concorde, os cais, e cerca o Corpo Legislativo.

Paris espera pela "*palavra de ordem*" dos deputados da Esquerda. Desde o anúncio das derrotas, eles tornaram-se a única autoridade moral. Burguesia, trabalhadores, todos reagrupam-se à sua volta. As fábricas despejaram o seu exército nas ruas, e à frente dos diferentes grupos vêem-se homens de provada energia.

O Império cambaleia - só lhe resta agora cair. As tropas alinhadas diante do Corpo Legislativo estão extremamente excitadas, a um passo da deserção, a despeito do condecorado e resmungão Marechal Baraguay d'Hilliers. O povo grita, "*Para a fronteira!*" Oficiais respondem alto, "*Nosso lugar não é aqui!*"

Na Sala dos Pas Perdus, Republicanos bem conhecidos, os homens dos clubes, que forçaram a entrada no recinto, interpelam rudemente os deputados Imperiais, pedem a proclamação da República em altos brados. Os pálidos Mamelucos [a Direita] escondem-se por trás dos grupos. O sr. Thiers chega e exclama, "*Bem, então, façam a sua República!*" Quando o Presidente, Schneider, ocupa a cadeira, é recebido com gritos de "*Renuncie!*"

Os deputados da Esquerda estão rodeados por delegados de fora. "*O que vocês estão esperando? Nós estamos prontos. Basta mostrarem-se sob as colunatas nos portões.*" Os honoráveis cavalheiros parecem confusos, estupefatos. "*Vocês são numerosos o bastante? Não seria melhor esperar até amanhã?*" Há de fato apenas 100.000 homens prontos. Alguém chega e diz a Gambetta, "*Há vários milhares de nós na praça Bourbon.*" Um outro, o escritor desta história, diz, "*Assegure-se da situação hoje, enquanto ainda pode ser salva. Amanhã, quando tornar-se desesperadora, ela será forçada sobre você.*" Mas esses cérebros parecem paralisados; nenhuma palavra escapa desses seres boquiabertos.

A sessão tem início. Jules Favre propõe a essa Câmara ignóbil, a instigadora dos nossos desastres, o húmus do Império, que assuma o governo. Os Mamelucos levantam-se indignados e Jules Simon, de cabelo em pé, vem ter conosco na Sala dos Pas Perdus. "*Estão ameaçando fuzilar-nos,*" ele grita; "*Eu descí ao centro do plenário e disse, 'Bem, fuzilem-nos.'*" Nós exclamamos, "*Acabe com isso.*" Ele disse, "*Sim, precisamos acabar com isso*" - e ele volta para a Câmara.

Mas essas bravatas duraram pouco. Os Mamelucos, que conhecem a sua Esquerda, recuperam a sua auto-confiança, empurram Ollivier para fora do barco e formam um Ministério golpista. Schneider suspende a sessão precipitadamente, a fim de livrar-se da multidão. Repellido debilmente pelos soldados, o povo recua em massa para as pontes e acerca-se daqueles que saem da Câmara, esperando ouvir a proclamação da República a qualquer momento. A uma distância segura das baionetas, Jules Simon faz um discurso heróico e convoca o povo a uma reunião no dia seguinte na praça de la Concorde. No dia seguinte, a polícia ocupa toda a área.

E assim a Esquerda abandonou a Napoleão III os nossos dois últimos exércitos. Um pequeno esforço teria bastado para derrubar esse Império de papelão. O povo instintivamente ofereceu a sua ajuda para redimir a nação. A Esquerda os rejeitou, recusou-se a salvar o país através de um levante e, limitando os seus esforços a uma ridícula moção, deixou aos Mamelucos a tarefa de salvar a França. Os turcos em 1876 exibiram mais inteligência e elasticidade.

Durante três semanas foi a história de Bizâncio reeditada mais uma vez - a nação manietada deslizando para o fundo do abismo, sob os olhares de suas imóveis classes governantes. Toda a Europa gritava, "*Cuidado!*" Somente els não ouviam. As massas, enganadas por uma

imprensa arrogante e corrupta, podiam ignorar o perigo, iludir-se com vãs esperanças; mas os deputados têm, têm que ter, as suas mãos cheias de verdades esmagadoras. Eles as escondem. A Esquerda consome-se em exclamações. No dia 12 Gambetta grita, "*Precisamos combater essa guerra como Republicanos*" - e senta-se novamente. No dia 13 Jules Favre reclama a criação de um Comitê de Defesa. A proposta é recusada. Ele não pronuncia uma sílaba. No dia 20 o Ministério anuncia que Bazaine empurrou três corpos de exército para dentro das pedreiras de Jaumont; no dia seguinte toda a imprensa européia relata que, pelo contrário, batido três vezes, Bazaine fora empurrado de volta para Metz por 200.000 alemães. E nenhum deputado levanta-se para interpelar os mentirosos! Eles sabem desde o dia 26 da insana marcha de MacMahon sobre Metz, expondo o último exército da França, uma turba de 80.000 recrutas, e vencida por 200.000 alemães vitoriosos. Novamente restaurado em seu prestígio desde os últimos desastres, o sr. Thiers demonstra nos comitês e nos lobbies que essa marcha é o caminho para a ruína definitiva. A extrema Esquerda diz e repassa o boato que tudo está perdido e, em meio a todas essas pessoas responsáveis que vêm o barco do estado dançar na tormenta, nenhuma mão se ergue para empunhar o leme.

Desde 1813 a França não testemunhava um tal colapso de suas classes governantes. A inefável pusilaminidade dos Cem-Dias empalidece em face dessa covardia ainda maior; pois agora Tartufo [a hipocrisia] é enxertado em Trimalcion [Nero]. Treze meses mais tarde em Versalhes, em meio a aplausos entusiásticos, eu ouço o Império ser interpelado, "*Varus, devolva-nos nossas legiões.*" [o general romano Varus suicidou-se após a destruição de suas legiões] Quem diz isso, quem aplaude isso? A mesma grande burguesia que, calada e inclinada até o chão por dezoito anos, ofereceu as suas legiões a Varus. A burguesia aceitou o Segundo Império por temor ao Socialismo, da mesma forma que os seus pais submeteram-se ao Primeiro Império para por um fim à Revolução. A apoteose de Napoleão I não custou caro à burguesia, comparada aos dois serviços que ele prestou a ela. Ele legou-lhes uma centralização de ferro, e mandou para o cemitério 15.000 desgraçados ainda animados pela chama da Revolução, que a qualquer momento poderiam vir a reclamar as terras públicas que ele concedeu à burguesia. Mas ele deixou essa mesma burguesia encilhada para quaisquer futuros cavaleiros. Quando eles se apoderaram do governo parlamentar, ao qual Mirabeau desejava erguê-los de uma só tacada, eles foram incapazes de governar. Em seu motim de 1830, que o povo tornou em revolução, eles pensaram com a barriga. O grande burguês de 1830, como aquele de 1790, não tinha senão um pensamento - entupir-se de privilégios, erguer baluartes em defesa dos seus domínios, perpetuar o proletariado. A fortuna do seu país nada significa para ele, desde que ele engorde. Para liderar, para comprometer a França, o rei parlamentar tem uma mão tão livre quanto a de Bonaparte. Quando a despeito de massacres e proscricções, a burguesia é compelida por uma nova convulsão popular a empunhar o leme, em três anos ele escorrega de suas mãos paráliticas e é arrebatado pelo primeiro que aparece.

De 1851 a 1869 eles recaem no mesmo estado que sucedeu ao 18 Brumário. Uma vez garantidos os seus privilégios, eles permitem que Napoleão III saqueie a França, torne-a vassalo de Roma, desonre-a no México, arruíne as suas finanças, vulgarize a corrupção. Todos-poderosos em suas sinecuras e em suas riquezas, eles não arriscam um só homem, um só vintém, para fazer um protesto por menor que seja. Em 1869 a pressão de fora deixa-os a um passo do poder; um pouco de força de vontade e o governo seria deles. Mas eles não têm senão a veleidade do eunuco. Ao primeiro gesto do mestre impotente, eles beijam o cajado que os fustigou em 2 de dezembro, dando espaço ao plebiscito que rebatiza o Império.

Bismarck arma a guerra, Napoleão III a deseja, a grande burguesia fica olhando. Eles poderiam tê-la impedido através de um gesto determinado. O sr. Thiers limita-se a fazer uma careta. Ele viu nessa guerra a certeza da nossa ruína; ele conhecia a nossa terrível inferioridade em tudo; ele poderia ter unido a Esquerda, o "*terceiro partido*", os jornalistas, tornar palpável a eles a tolice desse ataque e, armado dessa autoridade de opinião, ter dito às Tulherias, a Paris se necessário, "*A guerra é impossível; nós a combateremos como se traição fosse.*" Preocupado apenas em salvar a própria pele, ele simplesmente pede os despachos em vez de falar a verdadeira palavra, "*Você não tem a menor chance de sucesso.*" E esses grandes burgueses, que não teriam arriscado um vintém de suas fortunas na ausência das mais sérias garantias, apostaram 100.000 vidas e os bilhões da França na palavra de um Lebœuf e nos equívocos de um Grammont.

E em meio a tudo isso, o que está então fazendo a pequena classe média? Essa classe esbelta, que tudo permeia - indústria, comércio, administração - poderosa por incluir o povo, tão

vigorosa, tão pronta nos primeiros dias da nossa Hégira, não irá ela, como o fêz em 1792, levantar-se pelo bem comum? Ai! ela deixou-se mimar pela quente corrupção do Império. Por muitos anos ela tem vivido ao acaso, distanciando-se do proletariado, ao qual pertencia ainda ontem, e ao qual os grandes barões do Capital a precipitarão de volta amanhã. Nada restou daquela fraternidade com o povo, daquele zelo pela reforma, que manifestou-se de 1830 a 1848. Com a sua audaciosa iniciativa, o seu instinto revolucionário, foi-se também a consciência da sua força. Em vez de fazer-se representar, como tão apta estava a fazê-lo, ela sai em busca de seus representantes entre os Liberais.

O amigo do povo que dispuser-se a escrever a história do Liberalismo na França irá poupar-nos muitas convulsões. O Liberalismo sincero seria uma tolice em um país onde as classes governantes, em sua recusa a qualquer concessão, forçam todo homem honesto a tornar-se um revolucionário. Mas ele nunca passou de um Jesuitismo da liberdade, um truque da burguesia para isolar o trabalhador. De Bailly a Jules Favre, os moderados têm mascarado as manobras do despotismo, sepultado as nossas revoluções, conduzido os grandes massacres de proletários. O olho atento dos velhos segmentos de Paris os odeia mais do que aos reacionários irredutíveis. Por duas vezes o despotismo Imperial os reabilitou e a pequena classe média, logo esquecendo-se do seu verdadeiro papel, aceitou como defensores aqueles que fingem ter sido derrotados como ela. Os homens que tornaram abortivo o movimento de 1848, e prepararam o caminho para o 2 de dezembro, tornaram-se assim, durante a escuridão que veio a seguir, os aclamados defensores da liberdade ultrajada. Ao primeiro raio de luz, eles revelaram-se aquilo que sempre foram - os inimigos da classe trabalhadora. Sob o Império, a Esquerda nunca condescendeu em preocupar-se com os interesses dos trabalhadores. Esses Liberais nunca encontraram para eles uma palavra, uma protestação, mesmo que fosse do tipo testemunhado vez por outra pelas Câmaras de 1830-1848. Os jovens advogados a quem eles haviam-se afiliado logo revelaram os seus desígnios, aderindo ao Império Liberal, alguns abertamente como Ollivier e Darimon, outros com prudência como Picard. Para os tímidos ou ambiciosos eles fundaram a "*Esquerda aberta*", um banco de candidatos à função pública; e em 1870 um número de Liberais de fato procurou funções oficiais. Para os "*intransigentes*" havia a "*Esquerda fechada*", onde os dragões inconciliáveis como Gambetta, Crémieux, Arago e Pelletan guardavam os princípios puros. Os chefes erguiam-se no centro. Esses dois grupos de profetas monopolizavam assim cada milímetro da oposição burguesa - os timorosos e os intrépidos. Após o plebiscito eles tornaram-se o sínodo sagrado, os chefes incontestes da pequena classe média, cada vez mais incapaz de governar-se a si própria e alarmada com o movimento Socialista, atrás do qual eles diziam-lhe estar o dedo do Imperador. Ela deu-lhes plenos poderes, fechou os próprios olhos, e deixou-se gravitar gradualmente rumo à esfera do Império parlamentar, amplo em portfolios para os seus clientes. O relâmpago das derrotas galvanizou-a de volta à vida, mas apenas por um momento. Instada pelos deputados a permanecer tranquila, a pequena classe média, a mãe do 10 de agosto, curvou docilmente a cabeça e quedou-se estática enquanto o estrangeiro cravava a sua espada em pleno coração da França.

Pobre França! Quem irá salvar-te? O humilde, o pobre, aquele que por seis anos lutou por ti contra o Império.

Enquanto as classes superiores vendem a nação a troco de umas poucas horas de descanso, e os Liberais buscam construir os seus ninhos sob o Império, um punhado de homens, sem armas, desprotegidos, erguem-se contra o ainda todo-poderoso déspota. Por um lado, jovens saídos da burguesia vieram ter com o povo, filhos fiéis de 1789, resolvidos a retomar o trabalho da Revolução; pelo outro, trabalhadores unem-se no estudo e na conquista dos direitos do trabalho. Em vão o Império tentou rachar essas forças, seduzir os trabalhadores. Estes percebem a armadilha, apupam os professores do socialismo Cesariano e, a partir de 1863, sem jornais, sem uma tribuna, afirmam-se como uma classe, para o grande escândalo dos sicofantas Liberais, insistindo que 1789 igualou todas as classes. Em 1867 eles descem às ruas, realizam uma manifestação junto ao túmulo de Manin [nacionalista italiano exilado na França] e, a despeito dos porretes dos esbirros, protestam contra Mentana [aldeia onde Garibaldi foi derrotado pelos franceses em 1867]. Com essa aparição de um partido socialista revolucionário, a Esquerda range os seus dentes. Quando alguns trabalhadores, ignorantes da sua própria história, perguntam a Jules Favre se a burguesia Liberal irá apoiá-los no dia do seu levante pela República, o líder da Esquerda responde de forma impudente, "*Cavalheiros trabalhadores, vocês fizeram o Império; cabe a vocês desfazê-lo.*" E Picard diz, "*O Socialismo não existe e, seja lá como for, nós não trataremos com ele.*"

Assim ajustados para o futuro, os trabalhadores continuam a luta sozinhos. Desde a reabertura das reuniões públicas eles enchem os salões e, apesar das perseguições e das prisões, afligem, minam o Império, tirando vantagem de cada acidente para desferir uma pancada. Em 26 de outubro de 1869 eles ameaçam marchar sobre o Corpo Legislativo; em novembro eles insultam as Tulherias pela eleição de Rochefort; em dezembro eles aguilhoam o Governo com a Marselhesa; em janeiro de 1870 eles são 200.000 no funeral de Victor Noir e, bem orientados, teriam varrido o trono.

Aterrorizada com essa multidão que ameaça atropelá-la, a Esquerda rotula os seus líderes ora como malfetores, ora como agentes da polícia. Eles todavia conservam a disposição, desmascarando a Esquerda, desafiando-a ao debate, mantendo ao mesmo tempo uma pressão constante sobre o Império. Eles formam a vanguarda contra o plebiscito. Aos rumores de guerra, eles são os primeiros a assumir uma posição. Os velhos rebotalhos do Chauvinismo, atiçados pelos Bonapartistas, descarregam as suas águas lamacentas. Os Liberais ficam impassíveis ou aplaudem; os trabalhadores barram o caminho. No 15 de julho, à exata mesma hora em que Ollivier invocava a guerra de forma despreocupada da tribuna, os socialistas revolucionários enchiam os boulevards gritando, "*Vive la paix!*" e cantando o refrão pacifista -

*'Os povos são para nós irmãos
E os tiranos inimigos.'*

Do Château d'Eau ao boulevard St. Denis eles são aplaudidos, mas vaiados no boulevard Bonne Nouvelle e em Montmartre, e entram em conflito violento com certos grupos gritando pela guerra.

No dia seguinte eles voltam a reunir-se na Bastilha e desfilam pelas ruas, Ranvier, um pintor de porcelanas bem conhecido em Belleville, marchando à frente com uma bandeira. No *faubourg* Montmartre eles são investidos com sabres desembainhados pela polícia.

Incapazes de sensibilizar a burguesia, eles voltam-se para os trabalhadores da Alemanha, como haviam feito em 1869: - "*Irmãos, nós protestamos contra a guerra, nós que desejamos paz, trabalho e liberdade. Irmãos, não ouçam os mercenários que buscam enganá-los quanto aos reais desejos da França.*" O seu nobre apelo teve a sua recompensa. Em 1869 os estudantes de Berlim haviam respondido com insultos à mensagem pacifista dos estudantes franceses. Os trabalhadores de Berlim assim falaram aos trabalhadores da França em 1870: "*Nós também desejamos paz, trabalho e liberdade. Nós sabemos que há irmãos em ambos os lados do Reno, com os quais estamos prontos a morrer pela República Universal.*" Grandes palavras proféticas! Que sejam inscritas na primeira página do Livro de Ouro que os trabalhadores acabam de abrir.

Assim, ao fim do Império não havia nenhuma vida, nenhuma atividade, exceto nas fileiras do proletariado e dos jovens da classe média que haviam-se juntado a elas. Eles sozinhos demonstravam alguma coragem política e, em meio à paralisia geral do mês de julho de 1870, eles sozinhos encontraram a energia para tentar ao menos a salvação da França.

Faltava-lhes autoridade; eles fracassaram em obter a adesão da pequena classe média, pela qual também lutavam, por causa de sua absoluta inexperiência política. Como poderiam tê-la adquirido nos oitenta anos anteriores, quando a classe dirigente não apenas privou-os de luz mas até mesmo do direito de iluminarem-se? Por um maquiavelismo infernal, eles foram forçados a tatear o seu próprio caminho no escuro, o que lançou-os com maior facilidade nos braços de sonhadores e sectários. Sob o Império, quando as reuniões públicas e os jornais reapareceram, a educação política do trabalhador ainda estava por ser efetuada. Muitos, abusados por mentes mórbidas, na crença de que a sua emancipação dependia de um gesto ousado, rendiam-se a qualquer um que falasse em derrubar o Império. Outros, convencidos de que mesmo os mais arrematados burgueses eram hostis ao Socialismo, e somente cortejavam as pessoas com o fim de fazer avançar os seus planos ambiciosos, desejavam que os trabalhadores se constituíssem em grupos independentes de toda tutela. Essas diferentes correntes se entrecruzavam. O estado caótico do partido da ação refletia-se em seu jornal - a *Marseillaise* - uma explosiva mistura de escritores doutrinários e desesperados, unidos pelo ódio ao Império mas sem visões definidas e, acima de tudo, sem disciplina. Muito tempo era ainda necessário para resfriar a primeira efervescência, e eliminar o lixo romântico que vinte anos de opressão e ausência de estudo haviam tornado popular. Apesar de tudo, a influência

dos Socialistas começou a prevalecer, e sem dúvida com o tempo eles teriam classificado as suas idéias, delineado o seu programa, eliminado os meros falastrões e embarcado em ações sérias. Já em 1869, sociedades de trabalhadores estabelecidas com o fim de crédito mútuo, resistência e estudo haviam-se unido em uma Federação, cujo quartel-general ficava na praça de la Corderie du Temple. A Internacional, ao propugnar a idéia de movimento revolucionário mais adequada do nosso século, sob a liderança de Varlin, um encadernador de rara inteligência, e ainda Duval, Theisz, Frankel e alguns poucos homens devotados, começava a ganhar poder na França. Ela também se reunia na Corderie, e pressionava as sociedades de trabalhadores mais lentas e reservadas. As reuniões públicas de 1870 já não se pareciam com as primeiras; o povo ansiava por discussões úteis. Homens como Millière, Lefrançais, Vermorel, Longuet, etc. competiam seriamente com os meros declamadores. Mas muitos anos teriam sido requeridos para o desenvolvimento do partido do trabalho, estorvado por jovens burgueses aventureiros em busca de uma reputação, bem como visionários românticos ou obcecados por conspirações absurdas, e ainda ignorante do mecanismo administrativo e político do regime burguês que ele atacava.

Às vésperas da guerra, alguma disciplina foi tentada. Alguns tentaram sensibilizar os deputados da Esquerda, e reuniram-se com eles na casa de Crémieux. Mas o que encontraram foram homens estupefatos, mais temerosos de um golpe de estado do que das vitórias prussianas. Pressionado a agir, Crémieux respondeu ingenuamente, *"Vamos esperar por um novo desastre como, por exemplo, a queda de Estrasburgo."*

Era de fato necessário esperar, pois sem essas sombras nada poderia ser feito. A pequena classe média de Paris acreditava na extrema Esquerda, assim como acreditara em nossos exércitos. Aqueles que desejaram ir em frente sem eles fracassaram. No dia 14 os amigos de Blanqui tentaram sublevar os distritos periféricos, atacaram o quartel dos Bombeiros de La Villette, e puseram a polícia para correr. Senhores do terreno, eles atravessaram o boulevard até Belleville gritando, *"Vive la République! Morte aos prussianos!"* Ninguém juntou-se a eles. O povo observava tudo de longe, atônito, imóvel, vítima da desconfiança disseminada pelos agentes da polícia, que dessa forma distraiu-os do real inimigo - o Império. A Esquerda fingiu acreditar no agente prussiano para acalmar a burguesia, e Gambetta requereu o imediato julgamento dos prisioneiros de La Villette. O Ministro Palikao teve que lembrá-lo que certas formalidades devem ser observadas, mesmo pela justiça militar. A corte marcial pronunciou dez sentenças de morte, ainda que quase todos os acusados nada haviam tido a ver com o tumulto. Alguns homens honestos desejosos de impedir essas execuções procuraram Michelet, que escreveu uma tocante carta em sua defesa. O Império não teve tempo de fazer cumprir as sentenças.

Desde o dia 25 MacMahon vinha conduzindo o seu exército rumo às armadilhas armadas por Moltke. No dia 29, surpreendido e batido em Beaumont l'Argonne, ele sabia que estendera-se além da conta, mas mesmo assim seguiu em frente. Palikao escrevera-lhe no dia 27: *"Se você abandonar Bazaine teremos uma revolução em Paris."* Para evitar a Revolução ele expôs a França. No dia 30 ele lançou as suas tropas no abismo de Sedan; em 1º de setembro o exército foi cercado por 200.000 inimigos, e 700 canhões coroavam as colinas. No dia seguinte Napoleão III entregava a sua espada ao rei da Prússia. Isso foi anunciado pelo telégrafo; toda a Europa ficou sabendo na mesma noite. Os deputados, porém, ficaram calados; assim continuaram no dia 3. Somente no dia 4, à meia-noite, depois de Paris ter passado por um dia de excitação febril, eles decidiram falar. Jules Favre requereu a abolição do Império e uma Comissão encarregada da Defesa, mas teve o cuidado de não tocar na Câmara. Durante o dia, alguns homens de provada energia tentaram sublevar os boulevards, e à noite uma multidão ansiosa comprimia-se contra as grades do Corpo Legislativo gritando: *"Vive la République."* Gambetta veio ao seu encontro e disse, *"Vocês estão errados; nós devemos permanecer unidos; não façam nenhuma revolução."* Cercado ao sair da Câmara, Jules Favre esforçou-se em acalmar o povo.

Se Paris houvesse sido guiada pela Esquerda a França teria capitulado naquela mesma hora, e de forma mais vergonhosa do que o fez Napoleão III. Mas na manhã de 4 de setembro o povo acorre, e com ele Guardas Nacionais com seus mosquetes. Os atônitos gendarmes afastam-se para dar-lhes passagem. Pouco a pouco o Corpo Legislativo é invadido. Às dez horas, a despeito dos esforços desesperados da Esquerda, a multidão enche as galerias. Está na hora. A ponto de formar um Ministério, a Câmara tenta arrebatá-lo o governo. A Esquerda lança todo o seu peso em apoio a essa combinação, inflando de indignação à mera menção de uma

República. Quando esse grito explode nas galerias, Gambetta faz um esforço inédito e conjura o povo a esperar pelo resultado das deliberações da Câmara - um resultado conhecido por antecipação. É o projeto do sr. Thiers: uma Comissão de Governo nomeada pela Assembléia; paz oferecida e aceita a qualquer preço; após essa desgraça, a monarquia parlamentar. Felizmente, uma nova multidão de invasores rompe o caminho pelas portas, enquanto os ocupantes das galerias saltam para o plenário. O povo expulsa os deputados. Empurrado para a tribuna, Gambetta é obrigado a anunciar a abolição do Império. Desejando mais do que isso, a multidão exige a República e arrasta os deputados para proclamá-la no Paço Municipal.

Aquilo já estava nas mãos do povo. Na Sala do Trono estavam alguns daqueles que por um mês vinham tentando motivar a opinião pública. Por terem sido os primeiros a chegar eles poderiam, com um pouco de disciplina, ter influenciado a constituição do governo. A Esquerda surpreendeu-os com uma arenga e, excitado pela aclamação da multidão, Jules Favre tomou a cadeira cedida por Millièrre, dizendo, *"No presente momento só há uma questão em jogo - a expulsão dos prussianos."* Jules Favre, Jules Simon, Jules Ferry, Gambetta, Crémieux, Emmanuel Arago, Glais-Bizoin, Pelletan, Garnier-Pages e Picard, unidos, proclamaram a si próprios o novo Governo, e leram os seus próprios nomes para a multidão, que respondeu acrescentando os de homens como Delescluze, Ledru-Rollin e Blanqui. Eles, entretanto, declararam que não aceitariam nenhum colega que não fosse deputado de Paris. A multidão aplaudiu. Esse frenesi de servos recém-emancipados fez da Esquerda os senhores da situação. Eles foram inteligentes o bastante para incluir Rochefort.

A seguir eles convocaram o general Trochu, que Napoleão nomeara governador de Paris. Esse general tornou-se o ídolo dos Liberais, por que zangara-se um pouco com o Império. Toda a sua glória militar consistia em alguns poucos panfletos. A Esquerda estivera muito com ele durante a última crise. Tendo chegado ao poder, ela rogou-lhe que dirigisse a defesa. Ele pediu, primeiro, um lugar para Deus no novo regime; segundo, a presidência do conselho para si. Eles deram-lhe tudo. O futuro dirá qual é o elo secreto que uniu com tamanha rapidez os homens da Esquerda ao leal Bretão que havia prometido *"morrer sobre os degraus das Tulherias em defesa da dinastia."*

Doze indivíduos assim tomaram posse da França. Eles não invocaram nenhum título senão o seu mandato como representantes de Paris, e declararam-se legítimos por aclamação popular.

À noite, a Internacional e os sindicatos dos trabalhadores enviaram delegados ao Paço Municipal. Eles haviam no mesmo dia enviado uma nova mensagem aos trabalhadores alemães. Cumprido o seu dever fraternal, os trabalhadores franceses renderam-se à defesa. Que o Governo a organizasse, e eles a aceitariam. Os mais suspeitos haviam sido incluídos. No dia 7, no primeiro número do seu jornal *A Pátria em Perigo*, Blanqui e os seus amigos ofereceram ao Governo a sua mais enérgica, a sua absoluta cooperação.

Toda Paris abandonou-se aos homens do Paço Municipal, esquecendo as suas últimas defecções, investindo-os com a grandeza do perigo. Arreatar, monopolizar o governo em um tal momento, parecia um golpe de audácia do qual apenas o gênio é capaz. Privada por oitenta anos de suas liberdades municipais, Paris aceitou como prefeito o lacrimoso Étienne Arago. Nos vinte distritos ele nomeou os prefeitos que quis, e eles por sua vez nomearam os adjuntos que melhor lhes aprouveram. Mas Arago anunciou eleições antecipadas e falou em reviver os grandiosos dias de 1792. Nesse ínterim Jules Favre, altaneiro como Danton, exclamou à Prússia, à Europa, *"Nós não cederemos uma polegada sequer do nosso território, e nem uma só pedra de nossas fortalezas,"* e Paris aplaudiu com êxtase essa ditadura que anunciava-se com tão heróicas palavras. No dia 14, quando Trochu passou em revista a Guarda Nacional, 250.000 homens perfilados nos boulevards, na praça de la Concorde e nos Champs-Élysées vibraram entusiasticamente, e renovaram um voto semelhante ao de seus pais na manhã de Valmy.

Sim, Paris entregou-se sem reservas - incurável confiança - a essa mesma Esquerda com a qual havia sido forçada a chocar-se com violência a fim de fazer a sua revolução. A sua explosão de vontade não durou mais que uma hora. Uma vez derrubado o Império, ela voltou a abdicar. Em vão patriotas de visão tentaram mantê-la em alerta; em vão escreveu Blanqui, *"Paris não é mais inexpugnável do que nós somos invencíveis. Mistificada por uma imprensa arrogante, Paris ignora a grandeza do perigo; Paris abusa da confiança."* Paris abandonou-se a seus novos mestres, fechando obstinadamente os olhos. E todavia cada dia trazia consigo

novos maus agouros. A sombra do cerco aproximava-se e o Governo de Defesa, longe de remover as bocas supérfluas, amontoou os 200.000 habitantes dos subúrbios dentro da cidade. Os trabalhos exteriores não avançavam. Em vez de lançar toda Paris ao trabalho, e fazer esses descendentes dos aplainadores do Campo de Marte marcharem para fora das muralhas em colunas de 100.000, tambores rufando, bandeiras ao vento, Trochu abandonou as obras de fortificação a empreiteiros ordinários. As colinas de Châtillon, chave de nossos fortes ao sul, mal haviam sido inspecionadas quando, no dia 19, o inimigo apresentou-se, varrendo do platô uma terrificada tropa de zuavos e soldados que não desejava lutar. No dia seguinte essa Paris, que segundo a imprensa não podia ser investida, foi cercada e isolada do resto do país.

Essa grosseira ignorância não tardou em alarmar os Revolucionistas. Eles haviam prometido o seu apoio, mas não a sua fé cega. Desde 4 de setembro, desejando centralizar as forças do partido da ação para a defesa e a manutenção da República, eles haviam convocado reuniões públicas em cada distrito, para nomear um Comitê de Vigilância encarregado de controlar os prefeitos, e para delegar quatro membros a um Comitê Central dos vinte distritos. Esse tumultuoso modo de eleição resultara em um comitê composto por trabalhadores, empregados e escritores, comum nos movimentos revolucionários dos últimos anos. Esse comitê havia-se estabelecido no salão da rua de la Corderie, emprestado pela Internacional e pela Federação dos sindicatos.

Estas últimas haviam quase suspendido os seus trabalhos, toda a sua atividade tendo sido absorvida pelo serviço da Guarda Nacional. Alguns de seus membros pertenciam ainda ao Comitê de Vigilância e ao Comitê Central, o que fez este último ter sido erroneamente atribuído à Internacional. No dia 4 ele requereu através de um manifesto a eleição das municipalidades, a colocação da polícia em suas mãos, a eleição e o controle de todos os magistrados, liberdade absoluta de imprensa, reunião e associação, a expropriação de todos os artigos de primeira necessidade, e a sua distribuição por concessão, o armamento de todos os cidadãos e o envio de comissários para motivar as províncias. Mas Paris estava então infectada pelo vírus da confiança. Os jornais burgueses denunciaram o comitê como prussiano. Os nomes de alguns dos signatários eram, todavia, bem conhecidos das reuniões e da imprensa: Ranvier, Millière, Longuet, Vallès, Lefrançais, Mallon, etc. Os seus cartazes foram arrancados.

No dia 20, após o documento de Jules Favre a Bismarck, o Comitê promoveu uma grande reunião no Alcazar e enviou uma delegação ao Paço Municipal para requerer uma guerra "*às últimas consequências*" e a antecipação das eleições à Comuna de Paris. Jules Ferry deu a sua palavra de honra de que o governo não negociaria por nenhum preço, e anunciou as eleições municipais para o fim do mês. Um decreto adiou-as indefinidamente dois dias depois.

Assim esse Governo, que em dezessete dias nada preparara, que permitira-se ser bloqueado sem uma luta sequer, recusava o conselho de Paris, e mais do que nunca arrogava-se o direito de dirigir a defesa. Teria ele então o segredo da vitória? Trochu acabara de dizer, "*A resistência é uma loucura heróica*"; Picard, "*Nós vamos nos defender em nome da honra, mas toda esperança é quimérica*"; o elegante Crémieux, "*Os prussianos entrarão em Paris como uma faca na manteiga*"; o chefe do Estado-Maior de Trochu, "*Nós não podemos nos defender; nós decidimos não nos defender*"; e em vez de honestamente alertar Paris, dizendo, "*Capitulem já ou conduzam vocês próprios o combate*," esses homens reclamam a direção exclusiva de uma defesa que eles próprios qualificaram de impossível.

Qual é então o seu objetivo? Negociar. Desde as primeiras derrotas esse é o seu único objetivo. Os reveses que exaltaram os nossos pais apenas tornaram a Esquerda mais covarde do que os deputados Imperiais. Em 7 de agosto Jules Favre, Jules Simon e Pelletan disseram a Schneider, "*Nós não vamos aguentar; devemos negociar os termos tão logo seja possível.*" Por todos os dias que se seguiram a Esquerda só teve um plano de política - instar a Câmara a apoderar-se do governo a fim de negociar, na esperança de instalarem-se no poder depois de tudo. Mal estabeleceram-se, esses defensores enviaram o sr. Thiers por toda a Europa para implorar pela paz, e Jules Favre para correr atrás de Bismarck e perguntar-lhe as suas condições - um gesto que revelou ao prussiano com que medrosos ele estava lidando.

Quando toda Paris clamava-lhes, "*Defendam-nos; expulsem o inimigo*," eles aplaudiram, aceitaram, mas disseram a si mesmos, "*Vocês vão capitular.*" Não há uma traição mais gritante na história. A confiança asinina da imensa maioria não diminui esse crime, assim como a tolice do idiota não escusa o trapaceiro. Os homens de 4 de setembro traíram o mandato que

receberam, sim ou não? "*Sim,*" será o veredito da história.

Um mandato tácito, é verdade, mas tão claro, tão formal, que toda Paris estremeceu à notícia dos eventos em Ferrières. Se os Defensores fossem um passo além, eles teriam sido varridos. Eles foram obrigados a procrastinar, a dar lugar ao que eles denominaram a "*tolice do cerco,*" para simular uma defesa. Na realidade, eles não abandonaram a sua idéia por uma hora sequer, julgando-se os únicos homens em Paris que não haviam perdido a cabeça.

"*Haverá luta, já que esses parisienses fazem questão, mas somente no sentido de amaciar Bismarck.*" Ao retornar de sua revista, aquela cena de entusiasmo esperançoso manifestado por 250.000 homens armados alegadamente afetou Trochu, que anunciou que talvez fosse possível segurar as muralhas. Esse era o limite máximo do seu entusiasmo: segurá-las - não abrir os portões. Quanto a treinar ou organizar esses 250.000 homens, unindo-os aos 240.000 *mobilis*, soldados e *marins* concentrados em Paris, e com todas essas forças formar um poderoso flagelo para empurrar o inimigo de volta ao Reno, com isso ele nunca sonhou. Os seus colegas não pensavam nisso tampouco, e somente discutiam com ele a maior ou menor negociata em que poderiam aventurar-se com o invasor prussiano.

Ele era inteiramente voltado para procedimentos suaves. A sua devoção proibia-lhe o derramamento inútil de sangue. Já que de acordo com todos os manuais militares a grande cidade deveria cair, ele tornaria essa queda o menos sangrenta possível. Além do quê o retorno do sr. Thiers, que poderia chegar a qualquer momento trazendo um tratado, era aguardado. Deixando o inimigo estabelecer-se tranquilamente à volta de Paris, Trochu organizou umas poucas escaramuças para a platéia. Um único enfrentamento sério teve lugar no dia 30 em Chevilly quando, após um sucesso, nós recuamos, abandonando uma bateria por falta de reforços e de homens. A opinião pública, ainda enganada pelos mesmos homens que haviam exclamado, "*Para Berlim!*" acreditou em um sucesso. Os Revolucionistas sozinhos não se deixaram convencer. A capitulação de Toul e de Estrasburgo foi para eles um solene alerta. Flourens, chefe do 63º batalhão, mas que era o verdadeiro comandante de Belleville, não pôde mais se conter. Com a cabeça e o coração de uma criança, uma ardente imaginação, guiado apenas pelo seu próprio impulso, Flourens conduziu os seus batalhões até o Paço Municipal, exigiu uma "*levée en masse,*" investidas, eleições municipais, e a colocação da cidade sob racionamento. Trochu, que para diverti-lo dera-lhe o título de prefeito das muralhas, fez um elaborado discurso; os doze apóstolos argumentaram com ele, e acabaram por fazê-lo ir-se. Como delegados vinham de todo lado exigir que Paris deveria ter uma voz em sua própria defesa, deveria nomear um conselho, a sua Comuna, o Governo declarou no dia 7 que a sua dignidade proibia-os de conceder essas demandas. Essa insolência provocou o movimento de 8 de outubro. O comitê dos vinte distritos protestou em um enérgico cartaz. Entre 700 e 800 pessoas gritaram "*Vive la Commune!*" sob as janelas do Paço Municipal. Mas a multidão ainda não perdera a sua fé. Um grande número de batalhões acorreu em socorro; o Governo passou-os em revista. Jules Favre abriu as comportas de sua retórica e declarou ser impossível a eleição por que - inquestionável razão! - todo mundo precisava estar junto às muralhas.

A maioria engoliu avidamente a isca. No dia 16, Trochu tendo escrito a seu íntimo parceiro Étienne Arago, "*Eu cumprirei o plano que tracei para mim até o fim,*" os indolentes anunciaram uma vitória, e assumiram o fardo de sua canção de agosto sobre Bazaine, "*Deixem-no em paz; ele tem um plano.*" Os agitadores pareciam prussianos pois Trochu, como um bom Jesuíta, não deixara de falar de "*um pequeno número de homens cujas visões condenáveis servem aos projetos do inimigo.*" Então Paris deixou-se embalar durante todo o mês de outubro ao som de expedições começando com um sucesso e sempre terminando em retiradas. No dia 13 nós tomamos Bagneux, e um ataque determinado poderia ter-nos devolvido a posse de Châtillon: Trochu não tinha reservas. No dia 21 uma marcha sobre Malmaison revelou a debilidade da investida e levou o pânico até mesmo a Versalhes. Em vez de pressionar à frente, o general Ducrot mobilizou apenas seis mil homens e o inimigo o repeliu, tomando dois canhões. O Governo transformou essas repulsas em reconhecimentos bem sucedidos, e imprimiu moeda comemorando os despachos de Gambetta que, enviado às províncias no dia 8, anunciou exércitos imaginários e intoxicou Paris com o relato da brilhante defesa de Châteaudun.

Os prefeitos encorajavam essa agradável confiança. Eles sentavam-se no Paço Municipal com seus adjuntos, e essa Assembléia de sessenta e quatro membros poderia ter visto claramente o que era a Defesa, se houvessem tido a menor coragem. Mas ela era composta desses Liberais

e Republicanos dos quais a Esquerda é a última expressão. Eles batiam à porta do Governo de ora em vez, interrogavam-no timidamente, e recebiam apenas vagas garantias nas quais eles não acreditavam, mas faziam tudo ao seu alcance para fazer Paris acreditar.

Mas na Corderie, nos clubes, no jornal de Blanqui, no *Despertar* de Delescluze, no *Combat* de Félix Pyat, o plano dos homens do Paço Municipal é exposto. O que significam essas investidas que não são nunca sustentadas? Por que a Guarda Nacional está pobremente armada, desorganizada, excluída de toda ação militar? Por que a fundição de canhões não prossegue? Seis semanas de conversa ociosa e de inatividade não podem deixar a menor dúvida quanto à incapacidade ou à má-vontade do Governo. Esse mesmo pensamento ocupa todas as mentes. Que os cétricos abram espaço para aqueles que acreditam na Defesa; que Paris retome a posse de si própria; que a Comuna de 1792 seja revivida para mais uma vez salvar a cidade e a França. A cada dia essa resolução cala mais fundo nas mentes viris. No dia 27 o *Combat*, que propugnava a Comuna em uma extravagante fraseologia cujo ritmo musical impressionava mais as massas do que a nervosa dialética de Blanqui, desfez um terrível relâmpago. "*Bazaine está prestes a conceder a rendição de Metz, para tratar da paz em nome de Napoleão III; o seu ajudante-de-campo está em Versalhes.*" O Paço Municipal imediatamente contradiz essa notícia, "*tão infame quanto falsa. O glorioso soldado Bazaine não tem cessado de fustigar o exército que nos cerca com brilhantes investidas.*" O Governo qualificou o jornalista como "*o flagelo da opinião pública.*" A esse apelo as vespas de Paris passaram a zumbir, queimaram o jornal, e teriam reduzido o jornalista a pedacinhos, não tivesse ele levantado acampamento. No dia seguinte o *Combat* declarou que tinha o depoimento de Rochefort, a quem Flourens o havia comunicado. Outras complicações vieram a seguir. No dia 20 um ataque-surpresa fizera-nos senhores de Bourget, uma aldeia a nordeste de Paris, e no dia 29 o Estado-Maior anunciou esse sucesso como um triunfo. Os nossos soldados foram deixados o dia todo sem comida e sem reforços sob o fogo dos prussianos que, retornando no dia 30 com 15.000 homens, retomaram a aldeia dos seus 1.600 defensores. Ao despertar no dia 31 de outubro, Paris recebe a notícia de três desastres: a perda de Bourget, a capitulação de Metz, juntamente com todo o exército do "*glorioso Bazaine,*" e a chegada do sr. Thiers com o propósito de negociar um armistício.

Os homens de 4 de setembro acreditam estar salvos, que o seu objetivo foi alcançado. Eles haviam afixado o armistício lado a lado com a capitulação, "*boas notícias e más notícias,*" convencidos de que desesperando da vitória, Paris aceitaria a paz de braços abertos. Paris estremece como se atingida por uma faísca elétrica, que reverbera em Marselha, Toulouse e Saint-Étienne. Há uma tal espontaneidade de indignação que, a partir das onze horas, sob uma chuva torrencial, as massas vêm ao Paço Municipal aos gritos de "*Não ao Armistício!*" Não obstante a resistência dos *mobiles* que defendem a entrada, eles invadem o vestibulo. Arago e seus adjuntos precipitam-se à frente, juram que o Governo está esgotando-se em esforços para salvar-nos. A primeira multidão retira-se; uma segunda logo toma o seu lugar. Ao meio-dia Trochu aparece ao pé da escadaria, pensando extricar-se com uma arenga; gritos de "*Abaixo Trochu!*" fazem-no calar-se. Jules Simon vem em seu socorro e, confiante em sua própria retórica, arrisca-se mesmo a sair à praça diante do Paço Municipal e disserta sobre o lado confortável de um armistício. O povo grita "*Não ao Armistício!*" Ele só consegue sair de lá depois de propor a nomeação de seis delegados para acompanhá-lo de volta ao prédio, onde Trochu, Jules Favre, Jules Ferry e Picard os recebem. Trochu demonstra a inutilidade de Bourget em frases cicerônicas, e pretende ter sabido da capitulação de Metz há apenas alguns instantes. Uma voz grita, "*Você é um mentiroso!*" Uma delegação do Comitê dos vinte distritos e do Comitê de Vigilância entrara no salão momentos antes. Outros, desejando apertar Trochu, encorajam-no a continuar o seu discurso. Ele recomeça, quando um tiro é disparado na praça, pondo um fim ao monólogo e afugentando o orador. Restabelecida a calma, Jules Favre ocupa o lugar do general e retoma de onde ele parou.

Enquanto essas cenas se sucedem na Sala do Trono os prefeitos, até aqui cúmplices de Trochu, estão deliberando no salão do conselho municipal. A fim de aplacar o tumulto, eles propõem a eleição das municipalidades, a formação de batalhões da Guarda Nacional, e a sua junção ao exército. O bode-expiatório Étienne Arago recebe a incumbência de levar esse calmante ao Governo. Às duas horas uma imensa multidão inunda a praça do Paço Municipal aos gritos de "*Abaixo Trochu! Vive la Commune!*" e portando bandeiras com a inscrição "*Não ao Armistício!*" Por diversas vezes eles entram em choque com os *mobiles*. Os delegados que foram ao Paço Municipal saem de lá sem respostas. Por volta das três horas, a multidão perde a paciência e assoma o prédio, atropelando os *mobiles* e forçando Félix Pyat, que viera ao

Paço Municipal para observar os acontecimentos, para dentro da Sala dos Prefeitos. Ele exclama, debate-se, protesta que aquilo é contra todas as regras. Os prefeitos apoiam-no da melhor maneira que podem, e anunciam que requereram a eleição das municipalidades, e que um decreto nesse sentido está para ser assinado. A multidão, sempre empurrando, sobe à Sala do Trono e corta a palavra de Jules Favre, que acabara de reunir-se a seus colegas no gabinete do Governo.

Enquanto o povo troveja à porta, os Defensores votam a proposição dos prefeitos - mas em princípio - sem fixar a data para as eleições, - mais um truque Jesuítico. Por volta das quatro horas a massa penetra na sala. Em vão Rochefort promete as eleições municipais. Eles exigem a Comuna! Um dos delegados do Comitê dos vinte distritos sobe na mesa e proclama a abolição do Governo. Uma Comissão é encarregada de proceder às eleições em um prazo de quarenta e oito horas. Os nomes de Dorian, o único Ministro que levava a Defesa a sério, Louis Blanc, Ledru-Rollin, Victor Hugo, Raspail, Delescluze, Félix Pyat, Blanqui e Millière são recebidos com aclamações.

Tivesse essa Comissão assumido a sua autoridade, evacuado o Paço Municipal e afixado uma proclamação convocando os eleitores sem perda de tempo, esse dia de trabalho teria sido beneficentemente concluído. Mas Dorian recusou-se. Louis Blanc, Victor Hugo, Ledru-Rollin, Raspail e Félix Pyat ficaram calados ou simplesmente bateram em retirada. Flourens teve tempo de chegar. Ele irrompeu na assembléia com os seus atiradores de Belleville, subiu na mesa em torno da qual estavam reunidos os membros do Governo, e em vez de uma Comuna propôs um Comitê de Salvação Pública. Alguns aplaudiram, outros protestaram, declarando que a questão não era substituir um tipo de ditadura por outro. Flourens prevaleceu e leu os nomes, o dele primeiro, depois os de Blanqui, Delescluze, Millière, Ranvier, Félix Pyat, e Mottu. Intermináveis discussões se seguiram, a desordem tornou-se terrível. Os homens de 4 de setembro sentiram-se salvos e sorriram, ao fitar os vencedores que permitiram que a vitória escorregasse entre os seus dedos.

Dali em diante todos viram-se envolvidos em um inextricável imbroglío. Cada sala tinha o seu governo, os seus oradores. A confusão era tal que por volta de oito horas Guardas Nacionais reacionários puderam, debaixo do nariz de Flourens, apanhar Trochu e Jules Ferry, enquanto outros arrebatavam Blanqui quando alguns franco-atiradores tentavam resgatá-lo. No gabinete do prefeito Étienne Arago e seus adjuntos convocaram os eleitores para o dia seguinte, sob a presidência de Dorian e Schoelcher. Por volta das dez horas o seu cartaz estava afixado em Paris.

Por todo o dia Paris fora um espectador atônito. *"Na manhã de 31 de outubro,"* diz Jules Ferry, *"a população de Paris, do mais alto ao mais baixo, era-nos absolutamente hostil. Todos pensavam que deveríamos ser destituídos."* Os batalhões de Trochu não somente ficaram imóveis mas um dos melhores, enviado em socorro do Governo pelo general Tamisier, comandante-em-chefe da Guarda Nacional, ergueu no ar as suas coronhas ao chegar à praça do Paço Municipal. À noite tudo mudou de figura quando soube-se que os membros do Governo haviam sido feitos prisioneiros e, acima de tudo, quem eram os seus substitutos. A medida parecia excessiva. Alguém que pudesse ter aceito Ledru-Rollin ou Victor Hugo não engolia com a mesma facilidade gente como Flourens e Blanqui. Em vão, tambores haviam estado chamando às armas por todo o dia; à noite eles mostraram-se mais efetivos. Batalhões refratários chegaram à praça Vendôme pela manhã, a maioria acreditando, é verdade, que as eleições haviam sido concedidas; um ajuntamento de oficiais na Bolsa só concordou em esperar pelo voto regular ante a autoridade do cartaz de Dorian e Schoelcher. Trochu e os desertores do Paço Municipal mais uma vez encontraram o seu fiel rebanho. O Paço Municipal, por outro lado, estava se esvaziando.

A maioria dos batalhões da Comuna, crendo vitoriosa a sua causa, havia voltado a seus quartéis. No edifício restavam, se tantos, uns mil homens desarmados, os incontroláveis atiradores de Flourens eram a única tropa no local, enquanto ele vagava para cima e para baixo em meio ao tumulto. Blanqui assinava e assinava novamente. Delescluze tentou salvar alguns fragmentos desse grande movimento. Ele viu Dorian, recebeu a garantia formal de que as eleições da Comuna teriam lugar no dia seguinte, as do Governo Provisório um dia depois; registrou essas garantias em uma nota, onde o comitê insurrecional declara-se disposto a aguardar as eleições, e fê-la assinar por Millière, Flourens e Blanqui. Millière e Dorian foram comunicar esse documento aos membros da Defesa [i.e. governo recém-deposto]. Millière

propôs-lhes sair do Paço Municipal juntos, enquanto encarregava Dorian e Schoelcher de prosseguir com as eleições, mas sob a condição expressa de que nenhum processo seria instaurado. Os membros da Defesa aceitaram e Millière já estava dizendo-lhes, "*Cavalheiros, vocês estão livres,*" quando os Guardas Nacionais exigiram um compromisso assinado. Os prisioneiros ficaram indignados por sua palavra ter sido posta em dúvida, enquanto Millière e Flourens não conseguiam fazer os Guardas entenderem que assinaturas são ilusórias. Durante essa anarquia mortal os batalhões da ordem cresciam, e Jules Ferry atacou a porta que abre-se para a praça Lobau. Delescluze e Dorian informam-no do arranjo que acreditavam concluído, e induzem-no a esperar. Às três da manhã o caos ainda reina supremo. Os tambores de Trochu rufam na praça do Paço Municipal. Um batalhão móvel de Bretões desemboca no meio do Paço Municipal através da passagem subterrânea da Caserna Napoleão, surpreende e desarma muitos dos atiradores. Jules Ferry invade o gabinete de Governo. A massa indisciplinada não oferece resistência. Jules Favre e seus colegas são libertados. Como os Bretões tornam-se ameaçadores, o general Tamisier lembra-os da convenção acordada horas antes e, como penhor de perdão mútuo, ele deixa o Paço Municipal abraçado a Blanqui e a Flourens. Trochu desfila pelas ruas em meio ao pomposo fausto de seus batalhões.

Portanto esse dia, que poderia ter revitalizado a Defesa, acabou em fumaça. A leviandade, a indisciplinada dos patriotas devolveu ao Governo o seu imaculado caráter de setembro. Ele tirou vantagem disso nessa mesma noite para arrancar os cartazes de Dorian e Schoelcher; ele confirmou as eleições municipais para o dia 5 mas em troca exigiu um plebiscito, formulando a pergunta ao estilo Imperial, "*Aqueles que desejam manter o Governo votarão 'sim'.*" Em vão o Comitê dos vinte distritos publicou um manifesto; em vão o *Despertar*, a *Pátria em Perigo*, o *Combat* enumeraram as centenas de razões que tornavam necessário votar '*não*'. Seis meses após o plebiscito que apoiara a guerra, a imensa maioria de Paris votou o plebiscito que apoiou a capitulação. Que Paris se lembre e se acuse. Por medo de dois ou três homens, Paris reabriu o seu crédito a esse Governo que juntou a incapacidade à insolência e disse-lhe, "*Eu quero você,*" 322.000 vezes. O exército, os *mobilés* disseram '*sim*' 237.000 vezes. Não houve senão 54.000 civis e 9.000 soldados que audaciosamente disseram '*não*'.

Como foi possível que esses 60.000 homens, tão perspicazes, preparados e enérgicos não tenham sido capazes de influenciar a opinião pública? Simplesmente por que eram carentes de quadros, de método, de organizadores. A febre do cerco fora incapaz de disciplinar o partido revolucionário, em tamanha confusão poucas semanas antes, e nem os patriarcas de 1848 tentaram fazê-lo. Os Jacobinos como Delescluze e Blanqui, em vez de liderar o povo, viviam em um círculo exclusivo de amigos. Félix Pyat, vibrando entre apenas idéias e epilepsia literária, só tornou-se prático quando precisou salvar a própria pele. Os outros, Ledru-Rollin, Louis Blanc, Schoelcher, a esperança dos Republicanos sob o Império, retornaram do exílio superficiais, obesos, carcomidos até a medula pela vaidade e pelo egoísmo, sem coragem ou patriotismo, desdenhando os Socialistas. Os janotas do Jacobinismo, que auto-intitulavam-se Radicais, Floquet, Clémenceau, Brinon, e outros políticos democratas, mantinham uma cuidadosa distância dos trabalhadores. Os velhos *Montagnards* eles próprios formavam um grupo à parte, e nunca vieram ao Comitê dos vinte distritos, que precisava apenas de método e experiência política para tornar-se uma potência. Portanto ele era apenas um centro de emoções, não de direção, - a seção Gravilliers de 1870-71, ousada, eloquente, mas como as suas antecessoras, tratava de tudo através de manifestos.

Havia ao menos vida, uma lâmpada nem sempre brilhante mas sempre acesa. Qual é a contribuição da classe média agora? Onde estão os seus Jacobinos, ou mesmo os seus *Cordeliers*? Na Corderie eu vejo o proletariado da pequena classe média, homens da caneta e oradores, mas onde está o grosso do exército?

Tudo está silencioso. Exceto nos *faubourgs*, Paris é uma vasta enfermaria, onde ninguém ousa falar mais alto que a respiração. Essa abdicação moral é o verdadeiro fenômeno psicológico do cerco, e o mais extraordinário é que ela coexiste com um admirável ardor pela resistência. Homens que falam com suas esposas e suas crianças em buscar a morte, que dizem, "*Nós queimaremos as nossas casas antes de entregá-las ao inimigo,*" ficam irados com qualquer controvérsia, como o poder incumbido aos homens do Paço Municipal. Se eles receiam os cabeças tontas, os fanáticos ou os colaboradores transigentes, por que eles não tomam a direção do movimento em suas próprias mãos? Mas eles limitam-se a chorar, "*Nada de insurreição diante do inimigo! Nada de fanáticos!*" como se a capitulação fosse melhor do que uma insurreição; como se o 10 de agosto de 1792 e o 31 de maio de 1793 não tivessem sido

insurreições diante do inimigo; como se não houvesse um meio termo entre a abdicação e o delírio. E vocês, cidadãos das velhas seções de 1792-93, que forneceram idéias à Convenção e à Comuna, que ditaram-lhes os meios da segurança, que dirigiram os clubes e sociedades fraternas, entretiveram em Paris cem centros luminosos, digam, vocês reconhecem os seus descendentes nesses tolos, fracotes, invejosos, prostrados diante da Esquerda como um devoto diante da hóstia?

Nos dias 5 e 7 eles renovaram o seu voto plebiscitário, nomeando doze dos vinte prefeitos nomeados por Arago, quatro entre eles, Dubail, Vautrain, Tirard e Desmarets, pertencentes à pura reação. A maior parte dos adjuntos eram do tipo Liberal. Os *faubourgs*, sempre a postos, elegeram Delescluze no 19º distrito e Ranvier, Millière, Lefrançais e Flourens no 20º. Estes últimos não puderam assumir as suas cadeiras. Violando a convenção de Dorian e Tamisier, o Governo expediu mandados para a sua prisão, bem como para vinte outros revolucionistas. Assim, entre setenta e cinco membros efetivos, prefeitos e adjuntos, não havia dez revolucionistas.

Essas sombras de conselheiros municipais consideravam-se os administradores da Defesa, proibiam-se qualquer pergunta indiscreta, exibiam o seu melhor comportamento, alimentando e administrando o paciente de Trochu. Eles permitiram que o insolente e incapaz Ferry fosse apontado à prefeitura central, e que Clément-Thomas, o verdugo de junho de 1848, fosse feito comandante-em-chefe da Guarda Nacional. Por setenta dias, sentindo o pulso de Paris ficar de hora em hora mais fraco, eles nunca tiveram a honestidade, a coragem de dizer ao Governo, "*Aonde vocês estão nos levando?*"

Nada foi perdido no início de novembro. O exército, os *mobilés*, os *marins* somavam, de acordo com o plebiscito, 246.000 homens e 7.500 oficiais: 125.000 Guardas Nacionais capazes de servir uma campanha podiam ter sido facilmente selecionados em Paris, e 129.000 deixados para a defesa do interior. Os armamentos necessários podiam ser supridos em poucas semanas, especialmente o canhão, cada um abstando-se de pão a fim de dotar o seu batalhão com cinco peças, o tradicional orgulho dos parisienses. "*Onde encontrar 9.000 artilheiros?*" dizia Trochu. Ora, em todo mecânico parisiense há o estofado de um atirador, como bem o provou a Comuna. Em tudo o mais havia a mesma superabundância. Paris era um enxame de engenheiros, supervisores e capatazes, que podiam ser treinados como oficiais. Havia ali desperdiçados todos os materiais para um exército vitorioso.

Os gotosos empedernidos do exército regular nada viam aqui senão barbárie. Essa Paris, para a qual Hoche, Marceau, Kléber nunca teriam sido jovens demais, fiéis demais, nem puros demais, tinha por generais o resíduo do Império e do Orléanismo, Vinoy de dezembro, Ducrot, Luzanne, Leflô e um fóssil como Chabaud-Latour. Em sua agradável intimidade eles fizeram muita troça da defesa. Achando, porém, que a piada estava durando um pouco demais, o 31 de outubro os enfureceu. Eles conceberam um implacável, rábido ódio à Guarda Nacional, e até a última hora recusaram-se a utilizá-la.

Em vez de amalgamar as forças de Paris, de dar a todas as mesmas patentes os mesmos uniformes, a mesma bandeira, o altivo nome de Guarda Nacional, Trochu mantivera as três divisões: exército, *mobilés* e civis. Essa era a consequência natural da sua opinião sobre a defesa. O exército, incitado pelos oficiais, compartilhava o seu ódio por Paris, que impunha-lhes, dizia-se, tarefas inúteis. Os *mobilés* das províncias, cujos oficiais eram a nata da burguesia rural, sofriam o mesmo tipo de influência. Vendo a Guarda Nacional desprezada todos a desprezavam, chamando-os, "*Os ataque-em-massa! Os trinta-moedas!*" (desde o início do cerco inimigo, os parisienses recebiam 30 moedas como indenização) Colisões eram previsíveis todos os dias.

O 31 de outubro em nada alterou o real estado das coisas. O Governo rompeu as negociações às quais, não obstante a sua vitória, eles não poderiam dar prosseguimento sem ir a pique, decretou a criação de companhias de infantaria da Guarda Nacional, e acelerou a fundição de canhões, mas nem por isso acreditava mais na defesa, ainda tendo a paz como norte. Motins constituíam o principal foco das suas preocupações. Não era apenas da "*insanidade do cerco*" que eles desejavam livrar Paris, mas acima de tudo dos revolucionistas. Nessa direção eles foram empurrados pela grande burguesia. Antes do 4 de setembro esta declarara que "*não iria lutar se a classe trabalhadora estivesse armada, e tivesse qualquer chance de prevalecer;*" e na noite de 4 de setembro Jules Favre e Jules Simon foram ao Corpo Legislativo para

acalmá-los, para explicar-lhes que os novos locatários não danificariam a residência. Mas a irresistível força dos acontecimentos colocara armas nas mãos do proletariado, e torná-las ineficientes em suas mãos tornara-se agora o objetivo supremo da burguesia. Por dois meses eles haviam estado esperando pela hora propícia, e o plebiscito indicou-lhes que essa hora havia chegado. Trochu tinha Paris em suas mãos, e através do clero eles tinham Trochu nas suas, com maior firmeza ainda já que ele acreditava-se responsável perante a sua própria consciência apenas. Estranha consciência, cheia de alçapões, com mais complicações do que os de um teatro. A partir de 4 de setembro o general imbuu-se do dever de enganar Paris, dizendo, *"Eu vou fazer-te capitular, mas é para o teu bem."* Depois do 31 de outubro ele acreditou que a sua missão era dupla - ele viu em si mesmo o arcanjo, o São Miguel da sociedade ameaçada. Isso marca o segundo período da defesa. Este pode talvez ser rastreado a partir de um gabinete da rua des Postes, pois os chefes do clero enxergam mais claro do que ninguém o perigo de se acostumar o proletário à guerra. As suas intrigas são cheias de astúcia. Reacionários violentos teriam posto tudo a perder, teriam precipitado Paris em uma revolução. Eles aplicavam truques sutis em seu trabalho subterrâneo, observando cada movimento de Trochu, aguçando a sua antipatia pela Guarda Nacional, penetrando por toda parte na equipe do general, as ambulâncias, mesmo as prefeituras. Como o pescador que se debate com uma presa muito grande, eles desconcertavam Paris, ora permitindo aparentemente que ela nadasse em seu próprio elemento, e então subitamente debilitando-a com o harpão. Em 28 de novembro Trochu deu um primeiro espetáculo, acompanhado por uma banda completa. O general Ducrot, que comandava, apresentou-se como um Leônidas: *"Eu faço o meu juramento perante vocês, perante toda a nação. Eu retornarei a Paris morto ou vitorioso. Vocês podem ver-me cair; vocês nunca irão ver-me recuar."* Essa proclamação exaltou Paris. Ela imaginou-se às vésperas de Jemmappes, quando os voluntários parisienses escalaram as colinas defendidas pela artilharia; dessa vez a Guarda Nacional tomaria parte na operação.

Nós iríamos forçar uma abertura pela Marne a fim de juntarmos-nos aos míticos exércitos das províncias, e cruzar o rio em Nogent. O engenheiro de Ducrot havia feito mal as suas medidas; as pontes não estavam em boas condições. Foi necessário esperar até o dia seguinte. Em vez de ser surpreendido, o inimigo foi capaz de por-se na defensiva. No dia 30 um assalto determinado fez-nos senhores de Champigny. No dia seguinte Ducrot permaneceu inativo enquanto o inimigo, desguarnecendo Versalhes, acumulou as suas forças sobre Champigny. No dia 2 eles recuperaram parte da aldeia. Durante todo o dia nós lutamos duramente. Os ex-deputados da Esquerda estavam representados no campo de batalha por uma carta a seu *"muito querido presidente."* Nessa noite nós acampamos em nossas posições, mas meio gelados, o *"querido presidente"* tendo ordenado que os cobertores fossem deixados em Paris, e nós havíamos partido - uma prova de que tudo aquilo fora uma planejada encenação - sem tendas ou ambulâncias. No dia seguinte Ducrot declarou que precisávamos recuar e, *"perante Paris, perante toda a nação,"* esse arrogante desonesto fez soar a retirada. Nós tivemos 8.000 mortos e feridos entre os 100.000 homens que foram enviados, dos quais 50.000 efetivamente mobilizados.

Por vinte dias Trochu descansou sobre os seus louros. Clément-Thomas aproveitou-se desse momento de lazer para dispersar e estigmatizar os atiradores de Belleville que haviam, portanto, tido muitos mortos e feridos em suas fileiras. A um mero relatório do general comandante de Vincennes, ele também estigmatizou o 200º batalhão. Flourens foi preso. Em 20 de dezembro esses rábidos exterminadores das nossas próprias fileiras dignaram-se a dar uma pequena atenção aos prussianos. Os *mobiles* do Sena foram lançados sem canhões contra as muralhas de Stains e ao ataque de Bourget. O inimigo recebeu-os com uma esmagadora artilharia. Uma vantagem arrancada à direita de Ville-Evrard não foi explorada. Os soldados voltaram em total consternação, alguns deles em prantos, *"Vive la paix!"* Cada nova empresa traía os planos de Trochu, enervava as tropas, mas não tinha nenhum efeito sobre a coragem dos Guardas Nacionais mobilizados. Durante dois dias no platô d'Ouron eles sustentaram o fogo de sessenta peças. Quando havia um número escandaloso de mortos, Trochu descobriu que tratava-se de uma posição sem importância e evacuou.

Esses repetidos fiascos começaram a corroer a credulidade de Paris. De hora em hora as ferroadas da fome estavam aumentando, e a carne de cavalo havia-se tornado uma fina iguaria. Cães, gatos e ratos eram avidamente devorados. As mulheres esperavam por horas no frio e na lama por rações mínimas. O pão parecia um gesso preto, aquilo torturava o estômago. Crianças morriam sugando o seio vazio de suas mães. A lenha valia o seu peso em ouro, e tudo que o pobre tinha para aquecer-se eram os despachos de Gambetta, sempre anunciando

sucessos fantásticos. No fim de dezembro as suas privações começaram a abrir os olhos do povo. Deveriam desistir, com seus exércitos intactos?

Os prefeitos não se apoquentavam. Jules Favre oferecia-lhes pequenas recepções semanais, onde eles fofocavam sobre o cardápio do cerco. Apenas um cumpria o seu dever - Delescluze. Ele havia adquirido uma grande autoridade pelos seus artigos no *Despertar*, tão imparciais quanto severos. Em 30 de dezembro ele interpelou Jules Favre, disse a seus colegas, "*Vocês são responsáveis,*" requereu que o conselho municipal se juntasse à Defesa. Seus colegas protestaram, mais especialmente Dubail e Vacherot. Ele voltou à carga em 4 de janeiro, propôs uma moção radical - a destituição de Trochu e de Clément-Thomas, a mobilização da Guarda Nacional, a instituição de um conselho de defesa, a renovação do Comitê de Guerra. Não prestaram-lhe mais atenção do que antes.

O Comitê dos vinte distritos apoiou Delescluze publicando um cartaz vermelho no dia 6: "*O Governo que encarregou-se da defesa nacional tem cumprido a sua missão? Não. Pela sua procrastinação, a sua indecisão, a sua inércia, aqueles que nos governam conduziram-nos à beira do abismo. Eles não têm sabido administrar nem lutar. Nós morremos de frio, quase de fome. Investidas sem objetivo, lutas mortais sem resultados, repetidos fracassos. O Governo deu a medida da sua capacidade; ele está nos matando. A perpetuação desse regime significa capitulação. As políticas, as estratégias, a administração do Império continuadas pelos homens do 4 de setembro foi julgada. Abram alas para o povo! Abram alas para a Comuna!*" Isso foi sincero e verdadeiro. Por mais incapaz de agir que fosse o Comitê, as suas idéias eram justas e precisas, e até o fim do cerco ele permaneceu o infatigável e sagaz monitor de Paris.

A multidão que queria nomes ilustres não prestava atenção a esses cartazes. Alguns dos que assinaram foram presos. Trochu, entretanto, sentiu-se atingido e naquela mesma noite mandou colar em todas as paredes, "*O Governador de Paris nunca capitulará.*" E Paris novamente aplaudiu, quatro meses após o 4 de setembro. Foi mesmo considerado, a despeito da declaração de Trochu, que Delescluze e seus adjuntos deveriam oferecer as suas renúncias.

Não obstante, a não ser que se fechasse obstinadamente os olhos, era impossível não ver o precipício para o qual o Governo estava nos empurrando. Os prussianos bombardeavam as nossas casas dos fortes de Issy e de Vanves e em 30 de dezembro Trochu, tendo declarado que qualquer ação adicional era impossível, invocou a opinião de todos os seus generais, e terminou por propor que ele deveria ser substituído. De 2 a 4 de janeiro os Defensores discutiram a eleição de um Assembléia a ser implantada após a catástrofe. Mas para a irritação dos patriotas, Paris teria capitulado antes do dia 15.

Os *faubourgs* não chamavam mais os homens do Governo por outro nome que não fosse "*o bando de Judas.*" Os grandes lamas democráticos, que haviam se retirado após o 31 de outubro retornaram à Comuna, provando assim a sua própria impotência e o bom senso do povo. A Aliança Republicana, onde Ledru-Rollin oficiava perante meia dúzia de sacristãos, a União Republicana e outras capelas burguesas, chegaram ao ponto de muito energicamente exigir que uma Assembléia Parisiense organizasse a defesa. O Governo sentiu que não tinha tempo a perder. Se a burguesia se unisse ao povo, iria tornar-se impossível capitular sem um formidável quebra-quebra. Uma população que entoava vivas sob o bombardeio não iria deixar-se levar como um bando de ovelhas. Era preciso mortificá-la primeiro, curá-la de sua "*paixão,*" como dizia Jules Ferry, a fim de purgar a sua febre. "*A Guarda Nacional só estará satisfeita depois que 10.000 Guardas tiverem caído,*" eles diziam à mesa do Governo. Pressionado por Jules Favre e Picard por um lado, e por outro pelos simplórios Emmanuel Arago, Garnier-Pages e Pelletan, o charlatão Trochu consentiu em dar um último espetáculo.

Este foi concebido como uma farsa simultânea à capitulação. No dia 19 o Conselho de Defesa afirmou que uma nova derrota seria o sinal para a catástrofe. Trochu estava disposto a aceitar os prefeitos como coadjutores na questão da capitulação e do reabastecimento. Jules Simon e Garnier-Pages estavam dispostos a conceder a capitulação de Paris, e tinham apenas algumas reservas em relação à França. Garnier-Pages propôs nomear através de eleições especiais os mandatários encarregados da capitulação. Tal era a sua vigília à véspera da batalha.

No dia 18 o clamor dos clarins e dos tambores chamou Paris às armas e pôs os prussianos em alerta. Para esse supremo esforço Trochu fora capaz de arregimentar apenas 84.000 homens,

dos quais dezenove regimentos pertenciam à Guarda Nacional. Ele os fez passar a noite, que era fria e chuvosa, na lama dos campos de Mont-Valérien.

O ataque foi dirigido contra as defesas que cobriam Versalhes do lado de La Bergerie. Às dez horas, com o impulso de velhas tropas, a Guarda Nacional e os *mobilés*, que formavam a maior parte da ala esquerda e do centro, haviam investido o reduto de Montretout, o parque de Buzenval e uma parte de St. Cloud, avançando até Garches, ocupando, em uma palavra, todos os postos designados. O general Ducrot, comandando a ala esquerda, chegara duas horas atrasado e, ainda que o seu exército consistisse principalmente de tropas de linha, ele não avançou.

Nós havíamos conquistado várias posições de comando em colinas, que os generais não fortificaram. Deixou-se que os prussianos varressem essas cristas à vontade, e às quatro horas enviassem quatro colunas de assalto. A princípio cedemos terreno, então, firmando-nos, anulamos a ofensiva do inimigo. Por volta de seis horas, quando o fogo hostil diminuiu, Trochu ordenou uma retirada. Contudo havia 40.000 reservas entre Mont-Valérien e Buzenval. De 150 peças de artilharia, apenas 30 foram utilizadas. Mas os generais, que durante todo o dia mal dignaram-se a comunicar-se com a Guarda Nacional, declararam que não podiam ficar mais uma noite, e Trochu fez evacuar Montretout e todas as posições conquistadas. Os batalhões retornaram chorando de raiva. Todos compreenderam que tudo aquilo havia sido uma cruel farsa.

Paris, que havia ido dormir vitoriosa, acordou ao som do despertador de Trochu. O general requereu um armistício de dois dias para transportar os feridos e enterrar os mortos. Ele disse, "*Nós queremos tempo, carroças, e muitas macas.*" Os mortos e feridos não excediam 3.000 homens.

Dessa vez Paris afinal enxergou o abismo. Além disso os Defensores, desdenhando qualquer disfarce adicional, subitamente deixaram cair a máscara. Jules Favre e Trochu convocaram os prefeitos. Trochu declarou que tudo estava perdido e que qualquer nova luta era impossível. A notícia sinistra imediatamente espalhou-se pela cidade.

Durante quatro meses de cerco, a patriótica Paris pressagiu, aceitou tudo; pestilência, assalto, pilhagem, tudo exceto capitulação. A esse ponto a Paris de 20 de janeiro, não obstante a sua credulidade e a sua fraqueza, é a mesma Paris de 20 de setembro. Portanto, quando a palavra fatal foi dita, a cidade pareceu a princípio estupefata, como à visão de algum crime monstruoso, desnaturado. As feridas de quatro meses voltaram a abrir-se, clamando por vingança. Frio, fome, bombardeio, as longas noites nas trincheiras, crianças de colo morrendo aos milhares, a morte vastamente espalhada nas investidas, e tudo terminar em vergonha, uma escolta para Bazaine, tornar-se uma segunda Metz. Imagina-se que se pode ouvir o escárnio do prussiano. Em alguns, o estupor torna-se ira. Aqueles que ansiavam pela rendição simulam atitudes. Os prefeitos covardes até mesmo afetaram estar emocionados. Na noite do dia 21 eles foram de novo recebidos por Trochu. Naquela mesma manhã todos os generais haviam unanimemente decidido que uma outra investida era impossível. Muito filosoficamente, Trochu demonstrou aos prefeitos a absoluta necessidade de conversar com o inimigo, mas declarou que não teria nada a ver com isso, insinuando que eles deveriam capitular em seu lugar. Eles fizeram caretas, protestaram, ainda imaginando que não eram responsáveis por essa questão.

Depois que eles partiram os Defensores deliberaram. Jules Favre pediu a Trochu que renunciasse. Mas ele, o apóstolo, insistiu em ser demitido por eles, sonhando assim em iludir a história para que esta acreditasse que ele resistira à capitulação até o fim. A discussão estava esquentando quando, às três da manhã, eles foram informados do resgate de Flourens e outros prisioneiros políticos confinados em Mazas. Um corpo de Guardas Nacionais encabeçado por um adjunto do 18º distrito havia-se apresentado uma hora antes diante da prisão. O desnorteado governador não fora capaz de impedi-los. Os Defensores, temendo uma repetição do 31 de outubro, apressaram a sua resolução que substituía Trochu por Vinoy.

Ele queria que implorassem. Jules Favre e Leflô tiveram que mostrar-lhe o povo em armas, a insurreição iminente. Naquele mesmo instante, na manhã do dia 22, o prefeito de polícia, declarando-se impotente, havia submetido a sua renúncia. Os homens de 4 de setembro haviam descido tão baixo que agora ajoelhavam-se diante daqueles do 2 de dezembro. Vinoy condescendeu em atendê-los.

O seu primeiro gesto foi armar-se contra Paris, dismantelar as suas linhas antes dos prussianos, contactar as tropas de Suresne, Gentilly, Les Lilas, chamar a cavalaria e a gendarmaria. Um batalhão de *mobiles* comandado por Vabre, um coronel da Guarda Nacional, fortificou-se no Paço Municipal. Clément-Thomas lançou uma furiosa proclamação: "*As facções estão unindo-se ao inimigo.*" Ele adjurou "*Toda a Guarda Nacional a levantar-se a fim de puni-los.*" Ele nunca fizera uma convocação semelhante contra os prussianos.

Havia sinais de ira na superfície, mas nenhum sintoma de uma colisão séria. Muitos revolucionistas, bem cientes de que tudo chegara ao fim, não apoiariam um movimento que, se bem sucedido, teria salvado os homens da Defesa e forçado os vitoriosos a capitular em seu lugar. Outros, cujo patriotismo não era iluminado pela razão, ainda sentiam no peito o ardor de Buzenval e acreditavam em uma investida em massa. Precisamos pelo menos, diziam eles, salvar a nossa honra. Na noite anterior algumas reuniões haviam votado que uma oposição armada deveria ser oferecida a qualquer tentativa de capitulação, e haviam marcado um encontro diante do Paço Municipal.

Às doze horas os tambores bateram às armas em Batignolles. À uma hora vários grupos apareceram no quadrado do Paço Municipal; a multidão estava juntando-se. Uma delegação conduzida por um membro da Aliança foi recebida por G. Chaudey, adjunto do prefeito, pois o Governo mudara-se para o Louvre desde o 31 de outubro. O orador disse que os erros de Paris exigiam a nomeação da Comuna. Chaudey respondeu que a Comuna não fazia sentido; que ele sempre se opusera e sempre se oporia a ela. Uma delegação mais enfática chegou e Chaudey a recebeu com insultos. Enquanto isso a excitação espalhava-se pela multidão que enchia a praça. O 101º batalhão chegou da margem esquerda gritando, "*Morte aos traidores!*" quando o 207º de Batignolles, que viera marchando pelos boulevards, desembocou na praça pela rua du Temple e entrou em formação diante do Paço Municipal, cujas portas e janelas estavam fechadas. Outros juntaram-se a eles. Alguns tiros foram disparados, as janelas do Paço Municipal encheram-se de fumaça e a multidão dispersou-se com um grito de terror. Abrigados por trás dos postes e de alguns montes de areia alguns Guardas Nacionais sustentaram o fogo dos *mobiles*. Outros atiravam das casas da avenida Victoria. A fuzilaria já durava cerca de meia hora quando os gendarmes apareceram na esquina da avenida. Os insurgentes, quase cercados, ensaiaram uma retirada. Cerca de doze deles foram presos e levados para o Paço Municipal, onde Vinoy desejava despachá-los de pronto. Jules Ferry interveio e mandou-os para as cortes marciais regulares. Houve trinta mortos e feridos entre os manifestantes e os espectadores da praça, entre outros um homem de grande energia, o Comandante Sapia. O Paço Municipal teve apenas um morto e dois feridos.

Na mesma noite o governo fechou todos os clubes e expediu numerosos mandados de prisão. Oitenta e três pessoas, a maioria inocente, foram presas. Aproveitou-se também essa ocasião para fazer Delescluze, apesar dos seus sessenta e cinco anos e de uma bronquite aguda que minava-lhe a saúde, juntar-se aos prisioneiros do 31 de outubro amontoados em uma úmida masmorra em Vincennes. O *Despertar* e o *Combat* foram suprimidos.

Uma proclamação indignada denunciou os insurgentes como "*os partidários dos estrangeiros,*" o único recurso que restava aos homens do 4 de setembro nessa vergonhosa crise. Somente nisso eles foram Jacobinos. Quem serviu ao inimigo? O Governo sempre pronto a negociar, ou os homens sempre oferecendo uma desesperada resistência? A história contará como em Metz um imenso exército com oficiais e soldados bem treinados deixou-se render, sem que um só marechal, chefe-de-corpo ou regimento se levantasse para salvá-lo de Bazaine; enquanto os revolucionistas de Paris, sem líderes, sem organização, às voltas com 240.000 soldados e *mobiles* seduzidos pela paz, adiaram a capitulação por meses e vingaram-na com o seu próprio sangue.

A teatral indignação dos traidores só fez suscitar um sentimento de desgosto. O seu próprio nome, "*Governo da Defesa,*" depunha contra eles. No mesmo dia da fuzilaria eles representaram a sua última farsa. Após reunir os prefeitos e uma dúzia de altas autoridades, Jules Simon ofereceu o comando supremo ao militar que pudesse propor um plano. Essa Paris, que eles receberam exuberante de vida, os homens de 4 de setembro, agora que eles haviam-na esgotado e sangrado, propunham abandoná-la a outros. Nenhum dos presentes ofendeu-se com a infame ironia. Eles limitaram-se a recusar essa herança desesperada. Era exatamente por isso que Jules Simon esperava. Alguém balbuciou, "*Nós devemos capitular.*" Era o general Lecomte. Os prefeitos compreenderam por que haviam sido convocados, e uns

poucos entre eles enxugaram uma lágrima.

A partir desse momento Paris existiu como o paciente que aguarda uma amputação. As fortalezas ainda trovejavam, os mortos e feridos ainda continuavam a chegar, mas sabia-se que Jules Favre estava em Versalhes. À meia-noite do dia 27 os canhões silenciaram. Bismarck e Jules Favre haviam chegado a um entendimento "*honorável*." Paris havia-se rendido.

No dia seguinte o Governo da Defesa publicou a base das negociações - um armistício de duas semanas, a imediata convocação de uma Assembléia, a ocupação das fortalezas, o desarmamento de todos os soldados e *mobilis* com a exceção de uma divisão. A cidade ficou sombria. Esses dias de angústia haviam atordoado Paris. Apenas algumas manifestações aconteceram. Um batalhão da Guarda Nacional veio até a frente do Paço Municipal gritando, "*Abaixo os traidores!*" À noite, 400 oficiais assinaram um pacto de resistência, nomeando como chefe Brunel, um ex-oficial expulso do exército sob o Império por suas opiniões republicanas, e resolveram marchar sobre as fortalezas do leste sob o comando do almirante Saisset, a quem a imprensa atribuía a reputação de um Beaurepaire. À meia-noite a chamada às armas e o sino de alarme convocaram o 10º, o 13º e o 20º distritos. Mas a noite estava fria como o gelo, a Guarda Nacional nervosa demais para um gesto de desespero. Somente dois ou três batalhões vieram ao encontro marcado. Brunel foi preso dois dias depois.

Em 29 de janeiro a bandeira alemã foi içada em nossas fortalezas. Todas elas haviam sido rendidas na noite anterior. 400.000 homens armados de mosquetes e canhões capitularam frente a 200.000. As fortalezas e as muralhas em torno da cidade foram desarmadas. Paris teria que pagar 200 milhões de francos em quinze dias. O Governo gabou-se de ter preservado as armas da Guarda Nacional, mas todo mundo sabia que para arrebatá-las teria sido necessário tomar Paris de assalto. Enfim, não satisfeito com a rendição de Paris, o Governo da Defesa Nacional concedeu a rendição de toda a França. O armistício aplicava-se a todos os exércitos das províncias exceto ao de Bourbaki, o único que teria lucrado com ele.

Nos dias que se seguiram, chegaram algumas notícias das províncias. Soube-se que Bourbaki, pressionado pelos prussianos e após uma tentativa de suicídio tragicômica, evadiu-se com todo o seu exército para a Suíça. O aspecto e a debilidade da Delegação da Defesa nas províncias apenas começava a revelar-se, quando o *Palavra de Ordem* fundado por Rochefort, que abandonara o Governo após o 31 de outubro, publicou uma proclamação de Gambetta, estigmatizando uma paz vergonhosa, e uma longa ladainha de decretos Radicais: a inelegibilidade de todos os altos funcionários e deputados do Império; a dissolução dos conselhos-gerais, a revogação de alguns dos juizes que haviam feito parte da comissão mista do 2 de dezembro. Foi ignorado que durante toda a guerra a Delegação agira em contradição a seus últimos decretos os quais, emanados de um poder caído, eram um mero truque eleitoral, e o nome de Gambetta foi colocado na maioria das listas eleitorais.

Alguns jornais burgueses apoiaram Jules Favre e Picard, que haviam sido espertos o bastante para criar para si a imagem de figuras marginais dentro do Governo; nenhum ousou ir tão longe ao ponto de apoiar Trochu, Simon e Ferry. A variedade de listas eleitorais anunciadas pelo partido republicano explicava a sua impotência durante o cerco. Os homens de 1848 recusavam-se a aceitar Blanqui, mas admitiram vários membros da Internacional a fim de usurpar o seu nome e a sua lista, uma miscelânea de neo-Jacobinos e Socialistas, intitulava-se "*a lista dos Quatro Comitês*." Os clubes e os grupos de trabalhadores elaboraram listas com um caráter mais franco; uma delas tomou o nome do deputado Socialista alemão *Liebkelecht*. A mais decidida era a da Corderie.

A Internacional e a Câmara Federada das sociedades de trabalhadores, mudas e desorganizadas durante o cerco, disseram ao retomar o seu programa, "*Precisamos ter também trabalhadores entre aqueles que estão no poder*." Elas entraram em um acordo com o Comitê dos vinte distritos, e os três grupos compartilharam o mesmo manifesto. "*Esta*," diziam eles, "*é a lista dos candidatos apresentados pelo partido dos deserdados, em nome de um mundo novo. A reconstituição da França está para acontecer; os trabalhadores têm o direito de encontrar e tomar o seu lugar na nova ordem das coisas. As candidaturas Socialistas-revolucionárias significam a negação do direito de discutir a existência da República; a afirmação da necessidade do acesso dos trabalhadores ao poder político; a derrubada do Governo oligárquico e do feudalismo industrial*." Além de uns poucos nomes familiares ao público, Blanqui, Gambon, Garibaldi, Félix Pyat, Ranvier, Tridon, Longuet, Lefrançais e Vallès, esses

candidatos Socialistas eram conhecidos somente no meio dos trabalhadores - mecânicos, sapateiros, metalúrgicos, alfaiates, carpinteiros, cozinheiros, moveleiros, entalhadores. Os seus cartazes não existiam senão em reduzido número. Esses deserdados não podiam competir com a empresa burguesa. O seu dia iria chegar poucas semanas depois, quando dois terços deles seriam eleitos à Comuna. Agora, só receberam um mandato aqueles aceitos pelos jornais da classe média, cinco ao todo: Garibaldi, Gambon, Félix Pyat, Tolain e Malon.

A lista dos representantes do 8 de fevereiro era um carnaval, incluindo cada matiz republicano e todo tipo de extravagância política. Louis Blanc, que fizera o papel de bonzinho durante o cerco, e que era apoiado por todos os comitês exceto o da Corderie, liderava a procissão com 216.000 votos, seguido por Victor Hugo, Gambetta e Garibaldi; Delescluze obteve 154.000 votos. A seguir vinha uma multidão heterogênea de fósseis Jacobinos, radicais, oficiais, prefeitos, jornalistas e inventores. Um único membro do Governo conseguiu esgueirar-se, Jules Favre, ainda que a sua vida privada tenha sido exposta por Millièrè, que também foi eleito. Por uma cruel injustiça, a sentinela vigilante, o único jornalista que mostrou sagacidade durante o cerco, Blanqui teve apenas 52.000 votos, aproximadamente o mesmo número daqueles que opuseram-se ao plebiscito, enquanto Félix Pyat recebeu 145.000 pela flauta que tocava no *Combat*.

Esse pleito confuso e incongruente pelo menos afirmou a idéia republicana. Pisoteada pelo Império e pelos Liberais, Paris agarrou-se à República, que deu-lhe uma promessa para o futuro. Mas antes mesmo que o seu voto houvesse sido proclamado, ela ouviu um selvagem brado de reação vindo das urnas provinciais. Antes que um só de seus representantes houvesse deixado a cidade, ela viu no caminho de Bordeaux uma tropa de rústicos, de *Pourceaugnacs* [caracteres criados por Molière para representar a tacanhice provinciana], de clérigos sombrios, espectros de 1815, 1830, 1848, reacionários altos e baixos que, resmungões e furiosos, vinham tomar posse da França pela graça do sufrágio universal. O que significava esse sinistro baile de máscaras? Como pôde essa vegetação subterrânea romper a superfície e vir brotar no topo do país?

Foi necessário que Paris e as províncias fossem esmagadas, que o Shylock [estereótipo do judeu agiota em O Mercador de Veneza de Shakespeare] prussiano drenasse os nossos bilhões e amputasse-nos o seu meio-quilo de carne, que o estado de sítio pesasse por quatro anos sobre os quarenta e dois departamentos, que 100.000 franceses tivessem a sua vida ceifada ou fossem banidos do seu solo nativo, que a irmandade negra conduzisse as suas procissões por toda a França, para materializar essa grande conspiração conservadora que, da primeira hora até a última explosão, os revolucionistas de Paris e das províncias não haviam cessado de denunciar aos nossos traiçoeiros ou preguiçosos governantes.

Nas províncias, o terreno e as táticas não foram os mesmos. Em vez de partir do interior do Governo, a conspiração enredou-o. Durante todo o mês de novembro, os reacionários espreitaram das suas tocas. O Governo de Defesa Nacional esqueceu-se apenas de um elemento da defesa - as províncias, setenta e seis departamentos. Contudo elas estavam agitadas, exibiam vida; elas sozinhas mantinham em cheque a reação. Lyon compreendia o seu dever antes mesmo que Paris; na manhã de 4 de setembro ela proclamou a República, içou a bandeira vermelha, nomeou um Comitê de Salvação Pública. Marselha e Toulouse organizaram comissões regionais. Os Defensores nada entenderam desse zelo patriótico, consideraram a França disjunta, e para recolocarem-na no bom caminho delegaram duas relíquias Liberais já muito maculadas, Crémieux e Glais-Bizoin, bem como um ex-governador de Caiena, o almirante Bonapartista Fourichon.

Eles chegaram a Tours no dia 18. Os patriotas lá acorreram para encontrá-los. No oeste e no sul, eles já haviam organizado Ligas para arregimentar os departamentos contra o inimigo e suprir o necessário para um impulso central. Eles acercaram-se dos delegados de Paris, pedindo-lhes uma palavra de ordem, medidas vigorosas, o envio de comissários, e prometeram a sua absoluta cooperação. Os putrefatos responderam, *"Cá entre nós, falemos francamente. Bem, não temos mais nenhum exército; toda resistência é impossível. Só estamos nos segurando com a finalidade de obtermos melhores condições."* Nós próprios testemunhamos a cena. Não houve senão um grito de indignação: *"Como! é essa a sua resposta quando milhares de franceses vêm oferecer-lhes as suas vidas e as suas fortunas?"*

No dia 28 os lioneses desesperaram-se. Não mais que quatro departamentos separavam-nos

do inimigo, que a qualquer momento poderia vir extorquir um resgate de sua cidade, e desde 4 de setembro eles vinham em vão pedindo por armas. A municipalidade, eleita no dia 16 para substituir o Comitê de Salvação Pública, passava todo o tempo em discussões inúteis com o Governador Challemel-Lacour, um neo-Jacobino arrogante. No dia 27, em vez de quaisquer medidas sérias de defesa, o conselho reduzira o pagamento dos trabalhadores empregados nas fortificações, e apontou Cluseret como general *in partibus* de um exército ainda não criado.

Os comitês Republicanos de Les Brotteaux, La Guillotière, La Croix-Rousse e o Comitê Central da Guarda Nacional decidiram apertar o Paço Municipal, e expuseram a ele no dia 28 um enérgico programa de defesa. Liderados por Saigne, os trabalhadores das fortificações apoiaram a iniciativa com uma manifestação. Eles encheram a praça des Terreaux e dá-lhe discursos, dá-lhe excitação, invadiram o Paço Municipal. Saigne propôs a nomeação de uma comissão revolucionária e, percebendo Cluseret, nomeou-o comandante da Guarda Nacional. Preocupado sobretudo com o seu futuro, Cluseret só apareceu no balcão para expor o seu plano e recomendar calma. Entretanto, constituída a comissão, ele não ousou continuar resistindo mas partiu em busca de suas tropas. À porta o prefeito Hénon e o governador o prenderam. Eles haviam penetrado no Paço Municipal pela praça de la Comédie. Saltando para o balcão, Saigne anunciou as novidades à multidão a qual, atirando-se sobre o prédio, libertou o candidato a general e em seu lugar prendeu o prefeito e o governador.

Os batalhões burgueses logo chegaram à praça des Terreaux; pouco depois os batalhões de La Croix-Rousse e de La Guillotière desembocaram. Um grande infortúnio poderia ter resultado se alguém disparasse o primeiro tiro. Os batalhões parlamentaram. A comissão desapareceu e o general desmaiou.

Aquilo foi um aviso. Outros sintomas manifestaram-se em várias cidades. Os governadores chegaram a presidir Ligas e a reunir-se. No começo de outubro o almirante de Caiena fora capaz de por de pé apenas 30.000 homens, e nada veio de Tours exceto um decreto convocando as eleições para o dia 16.

Quando Gambetta apeou do seu balão no dia 9 todos os patriotas estremeceram. Os Conservadores, que haviam começado a rastejar para fora dos seus redutos, esconderam-se de novo rapidamente. O ardor e a energia da sua primeira proclamação arrebatou o povo. Gambetta tinha a França nas mãos de forma absoluta; ele era todo-poderoso.

Ele dispunha dos imensos recursos da França, dos inumeráveis homens; de Bourges, Brest, Lorient, Rochefort, Toulon como arsenais; oficinas como Lille, Nantes, Bordeaux, Toulouse, Marselha, Lyon; os mares livres; uma força incomparavelmente maior do que a de 1793, que tinha de enfrentar ao mesmo tempo o estrangeiro e rebeliões internas. Os centros estavam vibrando. Os conselhos municipais faziam-se sentir, os distritos rurais até ali não mostravam sinais de resistência; a reserva nacional intacta. O metal incandescente só precisava ser moldado.

A estréia do delegado foi uma séria asneira. Ele executou o decreto de Paris para o adiamento das eleições, que prometiam ser republicanas e belicosas. O próprio Bismarck dissera a Jules Favre que não queria uma Assembléia, por que essa Assembléia seria pró-guerra. Circulares enérgicas, algumas medidas contra os intrigantes, instruções formais aos governadores, teriam abrilhantado e vitoriosamente capitalizado esse fervor patriótico. Uma Assembléia fortalecida por todas as aspirações republicanas, vigorosamente conduzida, sediada em uma cidade populosa, teria incrementado cem vezes a energia nacional, trazido à luz talentos inesperados, e poderia ter extraído tudo do país, sangue e ouro. Ela teria proclamado a República e, no caso de ser obrigada por reveses a negociar, tê-la-ia salvado do naufrágio, impedido a reação. Mas as instruções de Gambetta eram formais. "*Eleições em Paris trariam dias como os de junho,*" disse ele. "*Precisamos fazê-lo sem Paris,*" foi a nossa resposta. Tudo foi inútil. Além do quê vários governadores, incapazes de influenciar as suas áreas, prediziam eleições pacíficas. Carecendo da energia necessária para enfrentar as reais dificuldades da situação, Gambetta sonhou que poderia removê-las através do expediente faroleiro da sua ditadura.

Trouxe ele uma grande revolução política? Não. Todo o seu programa era, "*Manter a ordem e a liberdade e prosseguir a guerra.*" Crémieux havia chamado os Bonapartistas "*republicanos extraviados.*" Gambetta acreditava, ou fingia acreditar, no patriotismo dos reacionários. Uns poucos zuavos pontificais que ofereceram-se, a abjeta submissão dos generais Bonapartistas,

a bajulação de alguns bispos, foram suficientes para iludi-lo. Ele continuou as táticas de seus antecessores em conciliar todo mundo; ele poupou até mesmo os funcionários. No departamento das Finanças e da Instrução Pública, ele e seus colegas proibiram a demissão de qualquer autoridade. O Gabinete de Guerra por um longo tempo permaneceu sob a suprema direção de um Bonapartista, e sempre promoveu uma guerra desleal contra a defesa. Gambetta manteve no governo de alguns departamentos os mesmos empregados que compilaram as listas de proscricção do 2 de dezembro de 1851. Com a exceção de alguns poucos juizes de paz e um pequeno número de magistrados o pessoal político em nada foi alterado, deixando intacta toda a administração subordinada.

Faltava-lhe autoridade? Os seus colegas do conselho sequer ousavam erguer as suas vozes; ele era o único que os governadores conheciam; os generais tinham modos de estudantes da escola primária na sua presença. Havia falta de pessoal? As Ligas continham elementos sólidos; a pequena burguesia e o proletariado poderiam ter suprido os quadros.

Gambetta via aqui somente entraves, caos, federalismo, e dispensava rudemente os seus delegados. Todo departamento possuía grupos de republicanos conhecidos e experimentados, a quem a administração e o papel de agilizar a Defesa sob a direção de comissários poderiam ter sido confiados. Gambetta recusou-se em quase toda a parte a recorrer a eles; ele sabia como manter um estreito garrote nos poucos que apontou. Ele conferia todo o poder aos governadores, em sua maioria ruínas de 1848, ou a seus colegas da Conferência Molé, fracos, loquazes, timorosos, ansiosos para que falassem bem deles, e muitos deles ansiosos por armar um ninho em seus departamentos.

Nas províncias a Defesa apoiava-se nessas duas muletas - o Gabinete de Guerra e os governadores. Sobre esse absurdo plano de conciliação o Governo era conduzido.

O novo delegado trouxe ao menos uma poderosa concepção militar? *"Ninguém no Governo, nem o general Trochu, nem o general Leflô, ninguém sugeriu uma operação militar de qualquer tipo."* Possuía ele ao menos essa rápida penetração que compensa a falta de experiência? Após vinte dias nas províncias ele não compreendia a situação militar melhor do que quando estava em Paris. A capitulação de Metz inspirou-lhe proclamações indignadas, mas não mais que os seus colegas do Paço Municipal ele entendeu que esse era o exato momento de se fazer um esforço supremo.

Com a exceção de três divisões (30.000 homens) e da maior parte da sua cavalaria, os alemães foram obrigados a empregar todas as suas tropas na investida contra Paris, e não lhes restava nenhuma reserva. As três divisões em Orléans e Châteaudun foram mantidas em cheque por nossas forças da Loire. A cavalaria, ainda que infestando uma vasta extensão de território a oeste, norte e leste, não era páreo para a infantaria. No fim de outubro o exército diante de Paris, solidamente fortificado contra a cidade, não estava absolutamente coberto do lado das províncias. A aparição de 50.000 homens, fossem jovens recrutas, teria forçado os prussianos a levantar o bloqueio.

Moltke estava longe de ignorar o perigo. Ele decidira, em caso de necessidade, levantar o bloqueio, sacrificar o parque de artilharia então sendo formado em Villecoublay, concentrar o seu exército para ação no campo aberto, e só restabelecer o bloqueio após a vitória, em outras palavras, após a chegada do exército de Metz. *"Tudo estava preparado para levantarmos acampamento; precisávamos apenas emparelhar os cavalos,"* foi dito por uma testemunha ocular, o coronel suíço d'Erlach. Os jornais oficiais de Berlim já haviam preparado a opinião pública para essa eventualidade.

A quebra do bloqueio de Paris, mesmo que momentânea, poderia ter levado, sob a pressão da Europa, a uma paz honrada; isso era quase certo. A recuperação da flutuação salutar de Paris e da França, o reabastecimento da grande cidade, e o conseqüente prolongamento da sua resistência, teria proporcionado o tempo necessário para a organização dos exércitos provinciais.

No fim de outubro a formação do nosso exército da Loire estava em progresso, o 15º corpo em Salbris e o 16º em Blois já somando 80.000 homens. Se ele avançasse entre os bávaros em Orléans e os prussianos em Châteaudun; se - e isso seria fácil em vista da sua superioridade numérica - ele batesse o inimigo um após o outro, o caminho para Paris estaria aberto, e a

libertação da cidade quase certa.

A Delegação de Tours não enxergava tão longe. Ela limitou os seus esforços à retomada de Orléans, a fim de estabelecer ali um campo entrincheirado; portanto no dia 26 o general d'Aurelles de Paladines, nomeado comandante-em-chefe dos dois corpos por Gambetta, recebeu a ordem de resgatar a cidade dos bávaros. Ele era um senador, um rábido e beato reacionário, apto no máximo a ser um oficial dos zuavos, que odiava sinceramente a defesa. Foi decidido que o ataque partiria de Blois. Em vez de conduzir o 15º corpo à pé, o que por Romorantin teria levado quarenta e oito horas, a Delegação despachou-o pela estrada de ferro de Vierzon para Tours, uma jornada que levou cinco dias e não pôde ser ocultada do inimigo. Ainda, no dia 28 d'Aurelles estabelecido à frente de Blois dispunha de pelo menos 40.000 homens, e no dia seguinte ele deveria partir para Orléans.

No dia 28 às nove horas da noite o comandante das tropas alemãs mandou informá-lo da capitulação de Metz. No embalo desse pretexto, d'Aurelles telegrafou a Tours dizendo que deveria adiar o seu movimento.

Um general de alguma capacidade, de alguma boa fé, teria pelo contrário precipitado tudo. Já que o exército alemão em Metz, agora desembaraçado, iria lançar-se sobre a França central, não havia um dia a perder para antecipar-se a ele. Cada hora contava. Esse foi o momento crítico da guerra.

A Delegação de Tours era tão tola quanto d'Aurelles. Em vez de demiti-lo, ela contentou-se em lamentar-se e a ordenar-lhe que concentrasse as suas forças. Essa concentração foi finalizada em 3 de novembro. Agora d'Aurelles tinha 70.000 homens estabelecidos de Mer a Marchenoir. Ele poderia ter agido, pois os acontecimentos iam a seu favor. Nesse mesmo dia uma brigada inteira da cavalaria prussiana fora obrigada a abandonar Mantes e retirar-se diante de bandos de franco-atiradores; forças francesas foram observadas em marcha de Courville na direção de Chartres. D'Aurelles não se mexeu, e a Delegação permaneceu tão paralisada quanto ele. "Sr. Ministro," escreveu em 4 de novembro o Delegado para a Guerra M. de Freycinet, *"por alguns dias o exército e eu próprio não sabemos se o Governo quer a paz ou a guerra. Nesse momento, quando estamos justamente dispendo-nos a cumprir projetos laboriosamente preparados, rumores de um armistício perturbam a mente de nossos generais, e eu próprio, eu tento reanimar os seus espíritos e empurrá-los para a frente, sem saber se no dia seguinte serei desautorizado pelo Governo."* Gambetta respondeu no mesmo dia: *"Eu concordo com você quanto à detestável influência das hesitações políticas do Governo. A partir de hoje precisamos decidir pela nossa marcha à frente;"* e no dia 7 d'Aurelles ainda permanecia imóvel. Finalmente no dia 8 ele partiu e avançou cerca de 15 quilômetros, e à noite novamente falou em fazer uma parada. Todas as suas forças juntas excediam 100.000 homens. No dia 9 ele decidiu atacar em Coulmiers. Os bávaros imediatamente evacuaram Orléans. Longe de persegui-los, d'Aurelles anunciou que ia fortificar-se junto à cidade. A Delegação deixou-o fazer como quisesse, e não deu-lhe ordens para perseguir o inimigo. Três dias após a batalha Gambetta veio ao quartel-general e aprovou o plano de d'Aurelles. Os bávaros durante essa trégua haviam recaído sobre Toury, e duas divisões de Metz chegaram rapidamente a Paris pela ferrovia. Moltke ficou à vontade para dirigir a 17ª divisão prussiana rumo a Toury, onde ela chegou no dia 12. Três outros corpos do exército de Metz aproximaram-se do Sena à marcha forçada. A ignorância da Delegação, a obstrução de Trochu, a má vontade e as asneiras de d'Aurelles, frustraram as únicas chances de levantar o bloqueio de Paris.

No dia 19 o exército de Metz protegia o bloqueio ao norte e ao sul. Daí em diante a Delegação não tinha senão um papel - preparar exércitos para a França, sólidos, capazes de manobrar, e encontrando para isso o necessário tempo, como na antiguidade fizeram os romanos e, em nossos dias, os americanos. Ela preferiu encorajar aparências vãs, divertir a opinião pública com o tilintar das espadas, imaginando que assim poderia desconcertar também os prussianos. Lançou contra eles homens recrutados poucos dias antes, sem instrução, sem disciplina, sem instrumentos de guerra, fatalmente destinados à derrota. Os governadores encarregados da organização dos *mobiles* e daqueles ao ponto de serem mobilizados estavam em contínuo conflito com os generais, e perdiam-se nos detalhes dos equipamentos. Os generais, incapazes de fazer qualquer coisa daqueles contingentes mal supridos, só avançavam sob compulsão. Ao chegar Gambetta dissera em sua proclamação, *"Nós faremos novos chefes,"* e os comandos importantes eram dados a homens do Império, desgastados, ignorantes, que nada sabiam sobre guerras patrióticas. A esses jovens recrutas, que deveriam ser eletrificados por apelos

inspiradores, d'Aurelles pregava a palavra do Senhor e o interesse do serviço. O cúmplice de Bazaine, Bourbaki, em seu retorno de Londres, recebeu o comando do exército do Leste. A debilidade do novo Delegado encorajou a resistência de todos os descontentes. Gambetta perguntou aos oficiais se eles aceitariam servir sob Garibaldi; ele não somente deu-lhes espaço para recusar, como ainda libertou um padre que do púlpito estabelecera um preço pela cabeça do general. Ele humildemente explicou aos oficiais monarquistas que o que estava em questão não era defender a República, mas sim o território. Ele concedeu licença do serviço aos zuavos pontificais para que içassem a bandeira do Sagrado Coração. Ele tolerou que o almirante Fourichon contestasse a disposição da Marinha frente à Delegação. Ele rejeitou com indignação todo projeto de empréstimos compulsórios, e recusou-se a sancionar aqueles votados em alguns departamentos. Ele permitiu que as companhias de estradas de ferro dominassem o sistema de transportes, nas mãos de reacionários, sempre prontos a opor dificuldades. A partir do fim de novembro, essas ordens tumultuosas e contraditórias, esses acúmulos de decretos impraticáveis, esses poderes concedidos e tomados de volta, provaram claramente que apenas uma fachada de resistência era pretendida.

O país obedecia, dando tudo com passiva cegueira. Os contingentes eram levantados sem dificuldade; não havia recrutas refratários nos distritos rurais, apesar da gendarmeria estar ausente com o exército; as Ligas haviam cedido à primeira objeção. Houve apenas um movimento em 31 de outubro. Os Revolucionistas de Marselha, indignados com a debilidade do seu Conselho Municipal, proclamaram a Comuna. Cluseret, que de Genebra pedira ao "prussiano" Gambetta o comando de um corpo de exército, apareceu em Marselha, fez-se nomear general, voltou a dar para trás e retornou à Suíça, a sua dignidade proibindo-o de servir como simples soldado. Em Toulouse a população expeliu o general. Em Saint-Étienne a Comuna existiu por uma hora. Mas em toda parte bastava uma palavra para transferir a autoridade para as mãos da Delegação; tal era a apreensão de todos em criar o menor embaraço.

Essa abnegação só servia aos reacionários. Os Jesuítas, que retomaram as suas intrigas, haviam sido reinstalados por Gambetta em Marselha, de onde a indignação popular os havia expulsado. O Delegado cancelou a suspensão dos jornais que haviam publicado cartas de Chambord e d'Aumale. Ele protegeu os juízes que haviam feito parte da comissão mista, libertou o que havia dizimado o departamento do Var, e destituiu o governador de Toulouse por ter suspenso as funções de um outro na Haute-Garonne. Os Bonapartistas voltavam a levantar o nariz. Tendo o governador de Bordeaux, um Liberal ultra-moderado, solicitado autorização para prender alguns de seus cabecilhas, Gambetta respondeu-lhe em tom severo, "*Essas são práticas do Império, não da República.*" Também Crémieux disse, "*A República é o reino da lei.*"

Então a conservadora Vendéia levantou-se. Monarquistas, clericais, capitalistas, esperavam pela sua hora; espreitando de seus castelos, todos os seus baluartes continuavam intactos; seminários, tribunais, conselhos gerais, que por um longo tempo a Delegação recusou-se a dissolver em massa. Eles foram espertos o bastante para figurar aqui e ali no campo de batalha, a fim de preservar a aparência de patriotismo. Em algumas poucas semanas eles haviam decifrado Gambetta e identificaram o Liberal por trás do Tribuno.

A sua campanha foi rascunhada, conduzida desde o início, pelos únicos estrategistas políticos sérios que a França possui - pelos Jesuítas, mestres do clero. A chegada do sr. Thiers forneceu-lhes o necessário testa-de-ferro.

Os homens do 4 de setembro haviam feito dele o seu embaixador. Quase sem diplomatas desde Talleyrand, a França nunca teve um mais fácil de tapear do que esse homenzinho. Ele ingenuamente havia ido a Londres, a Petersburgo, à Itália, cujo inimigo inveterado ele sempre fora, implorando para a França vencida por alianças que foram-lhe recusadas quando ela ainda estava intacta. Fizeram-no de bobo por toda a parte. Ele não obteve senão uma entrevista com Bismarck, e negociou o armistício rejeitado pelo 31 de outubro. Quando chegou a Tours nos primeiros dias de novembro, ele sabia que a paz era impossível e que dali para a frente seria uma briga de faca. Em vez de fazer corajosamente o melhor permitido pela situação, de colocar a sua experiência a serviço da Delegação, ele não tinha senão um objetivo, fazer gorar a defesa.

Ela não poderia ter tido um inimigo mais formidável. O sucesso desse homem, sem idéias, sem princípios de governo, sem compreensão do progresso, sem coragem, teria sido impossível em

qualquer outro lugar, exceto junto à burguesia francesa. Mas ele sempre estivera à mão quando precisou-se de um Liberal para atirar no povo, e ele é um maravilhoso artista da intriga parlamentar. Ninguém soube como ele atacar, isolar um Governo, agrupar preconceitos, ódios e interesses, para esconder as suas intrigas sob uma máscara de patriotismo e de bom senso. A campanha de 1870-71 será certamente a sua obra-prima. Ele havia chegado a uma conclusão quanto à parte do leão devida aos prussianos, e não mais preocupou-se com eles do que se tivessem recuado de volta para trás do Mosela. Para ele, o inimigo era o defensor. Quando os nossos pobres *mobilis*, sem quadros, sem treinamento militar, sucumbiam sob temperaturas tão fatais quanto as de 1812, o sr. Thiers exultava com os nossos desastres. A sua casa tornou-se o quartel-general dos notáveis do conservadorismo. Em Bordeaux especialmente, parecia estar-se na verdadeira sede do Governo.

Antes da investida a imprensa reacionária de Paris organizara um serviço provincial, e desde o início manteve a Delegação na geladeira. Depois da chegada do sr. Thiers ela praticou uma guerra regular. Ela jamais cessou de acosar, acusar, apontar para a menor falha, com o propósito não de instruir, mas de difamar, e chegar à conclusão pré-determinada: Lutar é loucura, a desobediência, legítima. A partir de meados de dezembro essa senha, fielmente seguida por todos os jornais do partido, espalhou-se pelos distritos rurais.

Pela primeira vez a nobreza rural encontrou o caminho para o ouvido do lavrador. Essa guerra em breve levará todos os homens que não estejam no exército ou na Guarda Móvel, e campos estão sendo preparados para recebê-los. As prisões da Alemanha guardam 260.000 homens; Paris, a Loire, o exército do Leste, mais de 350.000. Trinta mil estão mortos, e milhares enchem os hospitais. Desde o mês de agosto a França deu pelo menos 700.000 homens. Onde isso vai parar? Esse grito ecoava em cada choupana: "*É a República quem quer a guerra! Paris está nas mãos dos 'igualitários'.*" O que sabe o lavrador francês da sua pátria, e quantos deles poderiam dizer onde fica a Alsácia? É ele acima de todos quem a burguesia tem em vista quando resiste à educação compulsória. Por oitenta anos todos os seus esforços foram voltados para manter na ignorância os descendentes dos voluntários de 1792.

Em pouco tempo um espírito de revolta infectava os *mobilis*, comandados quase que universalmente por reacionários de marca maior. Aqui um cavaliário do Imperador, ali rábidos monarquistas comandavam os batalhões. No exército da Loire eles resmungavam, "*Nós não lutaremos pelo sr. Gambetta.*" Oficiais das tropas mobilizadas gabavam-se de nunca ter exposto as vidas de seus homens.

No início de 1871 as províncias estavam minadas de cabo a rabo. Alguns conselhos-gerais que haviam sido dissolvidos reuniam-se publicamente, declarando que consideravam-se eleitos. A Delegação seguia o progresso desse inimigo, praguejava contra o sr. Thiers privadamente, mas teve o cuidado de não mandar prendê-lo. Os revolucionistas que vinham contar-lhes sobre a extensão do que estava ocorrendo eram rispidamente postos da porta para fora. Desgastado, descrente da defesa, Gambetta só pensava em conciliar os homens de influência e tornar-se aceitável para o futuro.

Ao primeiro sinal de eleições o cenário laboriosamente preparado surgiu em sua integridade, mostrando os Conservadores agrupados, sobranceiros, as suas listas prontas. Já vai longe o mês de outubro quando, em muitos departamentos, eles sequer haviam ousado apresentar candidatos. Os decretos de inelegibilidade dos altos funcionários Bonapartistas só afetaram a sombras. A coalizão, desdenhando os alquebrados homens do Império, havia cuidadosamente levantado um plantel de nobres enrabichados, fazendeiros bem de vida, capitães de indústria, homens aptos a fazer o serviço sem hesitações. O clero unira habilmente em suas listas os Legitimistas e os Orléanistas, estabelecendo a base para uma possível fusão. O voto assumiu o caráter de um plebiscito. Os republicanos tentavam falar de uma paz honrada; os camponeses só queriam saber de uma paz a qualquer preço. As cidades mal sabiam que partido tomar; no máximo elegiam Liberais. De um total de 750 membros, a Assembléia contava 450 monarquistas natos. Chefe aparente da campanha, rei dos Liberais, o sr. Thiers foi eleito em vinte e três departamentos.

O conciliador a qualquer custo podia rivalizar com Trochu. Um havia exaurido Paris, o outro, a República.

CAPÍTULO I

O chefe do poder executivo, não mais que a Assembléia Nacional, apoiando-se um sobre o outro e fortalecendo-se um pelo outro, não provocaram de maneira alguma a insurreição parisiense.

*Discurso de M. Dufaure contra a Anistia
Sessão de 18 maio 1876*

PRIMEIROS ATAQUES DA COALIZÃO CONTRA PARIS
OS BATALHÕES DA GUARDA NACIONAL
FEDERALIZAM E TOMAM SEUS CANHÕES
OS PRUSSIANOS ENTRAM EM PARIS

A invasão trouxe de volta a "*Chambre Introuvable*" de 1816. Depois de ter sonhado com uma França regenerada elevando-se rumo à luz, sentir-se retroceder meio século, sob o jugo dos Jesuítas da Congregação, dos brutais rurais! Houve homens que desesperaram-se. Muitos falaram em expatriar-se. Os imprudentes disseram, "*A Câmara só durará um dia, já que não tem nenhum mandato exceto decidir entre a paz e a guerra.*" Aqueles, todavia, que haviam assistido ao progresso da conspiração e ao papel condutor nela desempenhado pelo clero, sabiam de antemão que esses homens não permitiriam que a França escapasse de suas garras antes que eles a esmagassem.

Os homens recém-saídos de uma Paris faminta porém ardente encontraram, à sua chegada em Bordeaux, a Coblença da primeira emigração, mas investida do poder para saciar rancores que vinham-se acumulando por quarenta anos. Clérigos e Conservadores tinham pela primeira vez a oportunidade, sem a interferência de imperador ou rei, de pisotear à vontade sobre Paris, a ateísta, a revolucionista, que havia por tantas vezes escapado ao seu jugo e frustrado os seus esquemas. Na primeira sessão a sua cólera explodiu. No fundo do salão, sentado sozinho em seu banco, evitado por todos, um velho homem ergueu-se e pediu para dirigir-se à Assembléia. Sob a sua capa evidenciava-se uma camisa vermelha. Era Garibaldi. Ao som do seu nome, ele quis responder, dizer em poucas palavras que renunciava ao mandato com o qual Paris o honrara. A sua voz foi submergida por apupos. Ele permaneceu de pé, a mão erguida, mas os insultos redobram. O castigo, porém, estava perto. "*Maioria rural! desgraça da França!*" gritou da galeria uma jovem voz vibrante, a voz de Gaston Crémieux, de Marselha. Os deputados levantaram-se, ameaçadores. Centenas de "*Bravos*" irromperam das galerias, abafando os rurais. Após a sessão a multidão gritou saudações a Garibaldi e vaiou aqueles que o haviam insultado. A Guarda Nacional apresentou armas, a despeito da ira do sr. Thiers, que sob o peristilo afrontara o oficial-comandante. No dia seguinte o povo voltou, formando alas em frente ao teatro, e obrigou os deputados reacionários a ouvir os seus brados republicanos. Mas eles sabiam a força que tinham, e desde o início das sessões desencadeavam os seus ataques. Um dos rurais, apontando para os representantes de Paris, exclamou, "*Eles são manchados pelo sangue da guerra civil!*" E quando um desses representantes gritou, "*Vive la République!*" a maioria o vaiou, dizendo, "*Vocês são apenas uma fração do país.*" No dia seguinte a Câmara foi cercada por tropas que mantiveram os republicanos à distância.

Ao mesmo tempo os jornais Conservadores uniram-se às vaias contra Paris, negando até mesmo os seus sofrimentos. A Guarda Nacional, diziam eles, havia fugido diante dos prussianos; as suas únicas façanhas haviam sido o 31 de outubro e o 22 de janeiro. Essas calúnias frutificaram nas províncias, preparadas havia um longo tempo para recebê-los. A sua ignorância quanto ao cerco era tal, que eles haviam nomeado alguns deles várias vezes - Trochu, Ducrot, Ferry, Pelletan, Garnier-Pages, Emmanuel Arago - a quem Paris não dera um só voto.

Era o dever dos representantes de Paris clarear essa escuridão, renarrar o cerco, denunciar os homens responsáveis pelo fracasso da defesa, explicar o significado do voto parisiense, desfraldar a bandeira da França republicana contra a coalizão clérigo-monárquica. Eles permaneceram em silêncio, contentando-se com pueris reuniões do partido, do qual Delescluze afastou-se com o coração tão partido quanto da Assembléia de prefeitos de Paris. Nosso Epimênides de 1848 respondeu com frases humanitárias estereotipadas ao tilintar de espadas do inimigo, que o tempo todo afirmava o seu programa: costurar uma paz, sepultar a República, e com esse propósito dar um cheque-mate em Paris. Thiers foi nomeado chefe do poder executivo por aclamação geral, e escolheu como seus Ministros Jules Favre, Jules Simon, Picard e Leflô, que poderiam ainda passar em revista os republicanos provinciais.

Essas eleições, essas ameaças, esses insultos a Garibaldi, aos representantes de Paris; Thiers, a encarnação da monarquia parlamentar, primeiro magistrado da República, golpe após golpe foi desferido contra Paris, uma febril, mal reabastecida Paris, ainda com mais fome de liberdade do que de pão. Essa era então a recompensa por cinco meses de sofrimento e de resistência. Essas províncias, que Paris invocara em vão durante todo o cerco, ousavam agora acusá-la de covardia, atirá-la de volta de Bismarck a Chambord. Bem, então, Paris estava resolvida a defender-se mesmo contra a França. O novo perigo iminente, a dura experiência do cerco, exaltara a sua energia e investira a grande cidade com uma alma coletiva.

Já em fins de janeiro alguns republicanos, e também alguns intrigantes burgueses em busca de um mandato, haviam tentado agrupar a Guarda Nacional com um olho nas eleições. Uma grande reunião presidida por Courty, um comerciante do 3º distrito, foi realizada no Cirque. Lá eles haviam elaborado uma lista e decidido reunir-se de novo para deliberar, no caso de resultados eleitorais duplos, e nomeado um comitê encarregado de convocar todas os grupos regularmente. Essa segunda reunião aconteceu na Vauxhall Douané Street. Mas quem então pensava nas eleições? Um único pensamento era prevalente: a união de todos as forças parisienses contra os rurais triunfantes. A Guarda Nacional representava todos os homens de Paris. A clara, simples, essencialmente francesa, idéia de confederar os batalhões estivera por um longo tempo em todas as mentes. Ela foi recebida com aclamações, e foi resolvido que os batalhões confederados deveriam ser agrupados em torno de um Comitê Central.

Durante a mesma sessão, uma comissão foi encarregada de elaborar os estatutos. Cada distrito representado - dezoito em um total de vinte - nomeou um comissário. Quem eram esses homens? Os agitadores, os revolucionistas de La Corderie, os Socialistas? Não; não havia um só nome conhecido entre eles. Todos aqueles que foram eleitos eram homens das classes média, lojistas, empregados, estranhos ao meio social, até agora em sua maioria estranhos até mesmo aos políticos. Courty, o presidente, só ficara conhecido a partir da reunião no Cirque. Desde o primeiro dia, a idéia da federação pareceu o que era - universal, não-sectária, e portanto poderosa. No dia seguinte, Clément-Thomas declarou ao Governo que ele não poderia mais responder pela Guarda Nacional, e apresentou a sua renúncia. Ele foi provisoriamente substituído por Vinoy.

No dia 24 no Vauxhall, perante 2.000 delegados e guardas, a comissão leu os estatutos que havia redigido, e pressionou os delegados a proceder à imediata eleição do Comitê Central. A Assembléia foi tempestuosa, intranquila, pouco inclinada a deliberações calmas. Cada um dos últimos oito dias trouxera consigo mais ameaças insultuosas de Bordeaux. Eles iriam, dizia-se, desarmar os batalhões, suprimir o soldo das *"trinta moedas,"* o único recurso dos trabalhadores, exigir o pagamento imediato dos alugueis residenciais devidos, e das contas comerciais vencidas. Além disso o armistício, prolongado por uma semana, expiraria no dia 26 e os jornais anunciaram que os prussianos entrariam em Paris no dia 27. Por uma semana esse pesadelo havia pesado sobre a cabeça de todos os patriotas. A reunião passou também a considerar essas alarmantes questões. Varlin propôs: a Guarda Nacional somente reconhece os chefes eleitos por ela própria. Uma outra: A Guarda Nacional protesta através do Comitê Central contra qualquer tentativa de desarmamento, e declara que em caso de necessidade ela oferecerá resistência armada. Ambas as proposições foram aprovadas por unanimidade. E agora, irá Paris submeter-se à entrada dos prussianos, deixá-los desfilar em parada militar pelos seus boulevards? Isso não pôde sequer ser discutido. A assembléia inteira ergueu-se num assomo de excitação e bradou um grito de guerra. Alguns apelos à prudência foram desdenhados. Sim, eles iriam opor as suas armas à entrada dos prussianos. A proposta seria submetida pelos delegados aos seus respectivos distritos. E entrando em recesso até o dia 3 de março, a reunião encerrou a sessão e marchou em massa até a Bastilha, arrastando consigo um grande número de soldados e de *mobiles*.

Desde a manhã, temendo a perda da sua liberdade, Paris congregara-se em torno da sua coluna revolucionária, como ela havia feito no passado em torno da estátua de Estrasburgo ao tremer pela França. Os batalhões desfilarão com tambores e bandeiras à frente, cobrindo os parapeitos e o pedestal com coroas de perpétuas. De tempos em tempos um delegado ascendia ao plinto, e dessa tribuna de bronze discursava ao público, que respondia com brados de *"Vive la République!"* Subitamente uma bandeira vermelha passou de mão em mão pela multidão, reaparecendo logo depois sobre a balaustrada. Ela foi saudada por um clamor formidável, seguido de um longo silêncio. Escalando a cúpula, um homem teve a audácia de ir fixá-la na mão da estátua da Liberdade no topo da coluna. E assim, em meio ao frenético clamor do povo,

pela primeira vez desde 1848, a bandeira da igualdade toldou aquele local, mais vermelho do que a sua bandeira pelo sangue de mil mártires.

No dia seguinte as peregrinações foram continuadas, não apenas por Guardas Nacionais mas por soldados e *mobiles*. O exército cedeu à inspiração de Paris. Os *mobiles* chegavam precedidos por seus intendentess portando grandes coroas negras; os corneteiros, postados a cada ângulo do pedestal, saudavam-nos, e a multidão ecoava em um brado. Mulheres trajando luto suspenderam uma bandeira tricolor trazendo a inscrição, "*Das mulheres republicanas aos mártires.*" Quando o pedestal foi coberto, as coroas e flores logo entrelaçaram-se inteiramente em torno do busto, envolvendo-o de cima a baixo com flores amarelas e negras, ouriflomas vermelhas e tricolores, símbolos de luto pelo passado e esperança no futuro.

No dia 26 as manifestações tornaram-se inumeráveis e irritadas. Um agente da polícia, surpreendido ao anotar o nome dos batalhões, foi agarrado e atirado no rio Sena. Vinte e cinco batalhões desfilaram, sombrios, presas de uma terrível angústia. O armistício estava para expirar, e o *Journal Officiel* não falou em prorrogação. Os jornais anunciavam a entrada do exército alemão pelos Champs-Élysées no dia seguinte. O Governo estava enviando tropas à margem esquerda do Sena e limpando o Palace de l'Industrie. Eles só esqueceram dos canhões da Guarda Nacional acumulados na praça Wagram e em Passy. Já o descuido dos capituladores havia entregado 12.000 mosquetes a mais aos prussianos do que o estipulado. Quem podia garantir que estes não lançariam mão dessas finas peças, fundidas com a carne e o sangue dos parisienses, marcadas com os números dos batalhões? Espontaneamente toda Paris se ergueu. Os batalhões burgueses de Passy, em comum acordo com a municipalidade, deram o exemplo, arrastando as peças do Ranelagh até o parque Monceaux. Outros batalhões vieram buscar os seus canhões no parque Wagram, fazendo-os rodar pelas ruas St. Honoré e Rivoli até a praça dos Vosges, sob a proteção da Bastilha.

Durante o dia a tropa enviada por Vinoy à Bastilha havia confraternizado com o povo. À noite as cornetas, o toque dos sinos e os clarins atraíram milhares de homens armados às ruas, que vieram aglomerar-se na Bastilha, no Château d'Eau e na rua de Rivoli. A prisão de St. Pélagie foi forçada e Brunel foi libertado. Às duas da manhã quarenta mil homens subiram os Champs-Élysées, silenciosos, em boa ordem, para encontrar os prussianos. Eles esperaram até a aurora. Em seu retorno, os batalhões de Montmartre recolheram todos os canhões que encontraram no caminho, e levaram-nos à prefeitura do 18º distrito e ao boulevard Ornano.

A essa febril porém cavalheresca irrupção Vinoy não pôde opor senão uma ordem do dia estigmatizando-a. E esse Governo que insultou Paris pediu-lhe que se imolasse pela França! Um cartaz afixado na manhã do dia 27 anunciou a prorrogação do armistício, e a ocupação dos Champs-Élysées por 30.000 alemães em 1º de março.

Às duas horas a comissão encarregada de redigir os estatutos do Comitê Central entrou em sessão na prefeitura do 3º distrito. Desde a noite anterior alguns de seus membros, considerando-se investidos de poderes pela situação, haviam tentado organizar um subcomitê permanente nessa prefeitura; mas não sendo numerosos o bastante eles haviam esperado até o dia seguinte e consultado os chefes de batalhão. A sessão, presidida pelo capitão Bergeret, foi tempestuosa. Os delegados do batalhão de Montmartre, que haviam estabelecido o seu próprio comitê na rua des Rosiers, não falavam senão em combater, mostraram os seus *mandats impératifs*, e invocaram a resolução do Vauxhall. Eles estavam quase unanimemente resolvidos a pegar em armas contra os prussianos. O prefeito Bouvalet, um tanto apreensivo por ter tais hóspedes em sua casa, fez cercar a prefeitura e com um pouco de persuasão, um pouco de força, conseguiu livrar-se deles.

Durante o dia inteiro os *faubourgs* haviam-se armado e preparado as munições; as peças das muralhas foram remontadas em seus carros; os *mobiles*, esquecendo-se que eram prisioneiros de guerra, foram buscar de volta as suas armas. À noite uma multidão seduziu os *marins* do quartel de La Pepinière e levou-os à Bastilha para confraternizar com o povo.

Uma catástrofe teria sido inevitável não fosse a coragem de alguns homens que ousaram opor-se a essa perigosa corrente. Todas as sociedades que reuniam-se na praça de la Corderie, o Comitê Central dos vinte distritos, a Internacional, e a Federação, viam com reservas esse Comitê Central composto de homens desconhecidos que nunca haviam tomado parte das campanhas revolucionárias. Ao deixar a prefeitura do 3º distrito alguns delegados dos

batalhões que pertenciam às seções da Internacional vieram à Corderie para falar da sessão e da desesperada resolução lá tomada. Todo empenho foi tentado para pacificá-los e oradores foram enviados ao Vauxhall, onde uma grande reunião estava acontecendo; eles conseguiram fazer-se ouvir. Muitos outros cidadãos fizeram grandes esforços para chamar o povo de volta à razão. Na manhã seguinte, dia 28, os três grupos da Corderie publicaram um manifesto conjurando os trabalhadores a terem cautela. "*Todo ataque,*" diziam eles, "*servirá para expor o povo aos golpes dos inimigos da Revolução, que afogarão todas as reivindicações sociais em um mar de sangue.*" Pressionado de todos os lados, o Comitê Central foi obrigado a ceder, conforme ele anunciou em uma proclamação assinada por vinte e nove nomes. "*Toda agressão resultaria na imediata derrubada da República. Barricadas serão erguidas em todo o entorno do território a ser ocupado pelo inimigo, de forma que o seu desfile ocorrerá em um campo isolado da nossa cidade.*" Essa foi a primeira aparição oficial do Comitê Central. Os vinte e nove homens desconhecidos que foram capazes de assim pacificar a Guarda Nacional foram aplaudidos até mesmo pela burguesia, que não parecia ter noção do seu poder.

Os prussianos entraram em Paris em 1º de março. Essa Paris da qual o povo tomara posse já não era a Paris dos nobres e da grande burguesia de 1815. Bandeiras negras pendiam das casas, mas as ruas desertas, as lojas fechadas, os chafarizes sem água, o véo cobrindo as estátuas da praça de la Concorde, o gás não acendido à noite, de forma ainda mais significativa anunciavam uma cidade em sua agonia. Prostitutas que se aventurassem na área do inimigo eram chicoteadas em público. Um café nos Champs-Élysées que abrisse as suas portas aos vencedores foi destruído. Não houve senão um *grand seigneur* no *faubourg* St. Germain que ofereceu a sua casa aos prussianos.

Paris estava ainda estremecida diante dessa afronta, quando uma nova avalanche de insultos desaguou sobre ela vinda de Bordeaux. Não apenas a Assembléia não encontrara uma palavra ou um gesto para confortá-la nessa dolorosa crise, mas os seus jornais, o *Journal Officiel* à sua frente, mostraram-se indignados que ela pudesse ter pensado em defender-se contra os prussianos. Uma proposição estava sendo assinada para fixar a sede da Assembléia fora de Paris. A projetada lei sobre as contas e aluguéis inadimplentes trouxe a perspectiva de inúmeras falências. A paz havia sido aceita, apressadamente votada como um negócio ordinário. A Alsácia, a maior parte da Lorena, 1.600.000 franceses arrancados de sua pátria, cinco bilhões a pagar, as fortalezas ao leste de Paris ocupadas até o pagamento dos primeiros 500 milhões de francos, e os departamentos do Leste até o pagamento total; isso foi o que Trochu, Favre, e a coalizão nos custaram, o preço pelo qual Bismarck permitiu-nos a *Chambre introuvable*. E para consolar Paris de tamanha desgraça, o sr. Thiers apontou como general da Guarda Nacional o incapaz e brutal comandante do primeiro exército da Loire, d'Aurelles de Paladines. Dois senadores, Vinoy e d'Aurelles, dois Bonapartistas, no comando da Republicana Paris - isso era demais. Toda Paris teve o pressentimento de um golpe de estado.

Naquela noite havia grandes grupos reunidos nos boulevards. Os Guardas Nacionais, recusando-se a reconhecer d'Aurelles como comandante, propuseram o apontamento de Garibaldi. No dia 3 duzentos batalhões enviaram delegados a Vauxhall. A sessão foi aberta com a leitura dos estatutos. O preâmbulo declarava a República "*o único Governo superior por lei e por justiça ao sufrágio universal, o qual é seu descendente.*" Segundo o Artigo 6, "*Os delegados devem impedir toda tentativa cujo objetivo seja a derrubada da República.*" O Comitê Central era composto de três delegados de cada distrito, eleitos pelas companhias, batalhões e legiões, e dos chefes de legião. Enquanto esperava pela eleição regular, a reunião nomeou um comitê executivo provisório. Varlin, Pindy, Jacques Durand e alguns outros Socialistas da Corderie faziam parte dele, um entendimento tendo havido entre o Comitê Central, ou melhor, a comissão que redigira os estatutos, e os três grupos da Corderie. Varlin recebeu um voto unânime na imediata reeleição dos oficiais da Guarda Nacional. Uma outra moção foi colocada: "*Que o departamento do Sena constitua ele próprio uma república independente no caso de a Assembléia tentar descapitalizar Paris,*" uma moção imperfeita em sua concepção, mal redigida, que pareceu isolar Paris do resto da França - uma idéia anti-revolucionista, anti-parisiense, cruelmente explorada contra a Comuna. Quem então alimentaria Paris senão as províncias? Quem salvaria os nossos camponeses senão Paris? Mas Paris havia sido confinada a uma vida solitária por seis meses; ela sozinha até o último momento havia-se declarado pela continuação da luta a qualquer preço, sozinha afirmou a República por um voto. O seu abandono, o voto das províncias, a maioria rural, deixou tantos homens prontos a morrer pela noção de uma república universal, que a República poderia ser trancada em Paris.

CAPÍTULO II

Essa república foi ameaçada pela Assembléia, disseram, Senhores, quando a insurreição irrompeu, a Assembléia ainda não havia-se assinalado do ponto de vista político senão por dois atos: a nomeação do chefe do poder executivo e a aceitação de um gabinete republicano.

*Discurso de M. Larcy, da Centro-Esquerda, contra a Anistia
Sessão do 18 de maio 1876*

A COALIZÃO ABRE FOGO SOBRE PARIS
O COMITÊ CENTRAL SE CONSTITUI
O SR. THIERS ORDENA O ASSALTO

Ao plebiscito rural a Guarda Nacional parisiense havia respondido com a sua federação; às ameaças dos monarquistas, aos projetos de descapitalização, com a manifestação da Bastilha; ao apontamento de d'Aurelles, com as resoluções do 3 de março. A Assembléia concretizou aquilo que os perigos do cerco não haviam sido capazes de efetuar - a união da classe média com o proletariado. A imensa maioria de Paris assistia ao crescimento do exército da República sem remorsos. No dia 3 o Ministro do Interior Picard, tendo denunciado "*o anônimo Comitê Central,*" e convocado "*todos os bons cidadãos a sufocar essas manifestações condenáveis,*" ninguém deu-lhe atenção. Mesmo por que a acusação era ridícula. O Comitê mostrou-se em plena luz do dia, enviou as suas minutas aos jornais, e só havia feito uma manifestação a fim de salvar Paris de uma catástrofe. Ele respondeu no dia seguinte: "*O Comitê não é anônimo; ele é a união dos representantes de homens livres aspirando à solidariedade de todos os membros da Guarda Nacional. Os seus atos sempre foram assinados. Ele repele com desprezo as calúnias que acusam-no de incitar à pilhagem e à guerra civil.*" Seguiam-se as assinaturas.

Os chefes da coalizão viram claramente os rumos que os eventos estavam tomando. O exército republicano aumentava a cada dia o seu arsenal de mosquetes, e especialmente de canhões. Havia agora peças de artilharia em dez diferentes lugares - na Barrière d'Italie, no *faubourg* St. Antoine, nas colinas de Montmartre. Um cartaz vermelho informou Paris da formação do Comitê Central da federação dos Guardas Nacionais, e convidou os cidadãos a organizar em cada distrito comitês de batalhões e conselhos de legiões, e a apontar os delegados ao Comitê Central. O conjunto, o ardor do movimento parecia confirmar a poderosa organização do Comitê Central. Alguns dias mais e a resposta do povo seria completa, se um golpe não fosse desferido imediatamente.

O que eles falharam em compreender foi a robustez do coração do inimigo. A vitória do 22 de janeiro deixara-os cegos. Eles acreditavam nas estórias dos seus jornais, na covardia dos Guardas Nacionais, nas bravatas de Ducrot que, nos comitês da Assembléia jurava ódio eterno aos demagogos mas, dizia, era capaz de vencê-los. Os valentões da reação julgaram que poderiam engolir Paris de uma só dentada.

A operação foi conduzida com destreza, método e disciplina clericais. Mesmo discordando quanto ao nome do monarca, Legitimistas e Orléanistas haviam aceitado o compromisso de Thiers, uma fatia igual no Governo, o qual foi chamado "*o pacto de Bordeaux.*" Mesmo por que contra Paris não podiam haver divisões.

Desde o início de março os jornais provinciais uniram-se em detalhar, falar de incendiário e de pilhagem em Paris. No dia 4 não havia senão um rumor nas comitês da Assembléia - que uma insurreição havia estalado; que as comunicações telegráficas estavam cortadas; que o general Vinoy recuara para a margem esquerda do Sena. O Governo, que espalhara esses rumores, despachou quatro delegados, que também eram prefeitos, para Paris. Eles chegaram no dia 5 e encontraram Paris perfeitamente calma, mesmo alegre. Os prefeitos e adjuntos, reunidos pelo Ministro do Interior, atestaram a tranquilidade da cidade. Mas Picard, sem dúvida membro da conspiração, disse, "*Essa tranquilidade é apenas aparente. Nós precisamos agir.*" E o ultra-Conservador Vautrain acrescentou, "*Precisamos agarrar o touro pelos chifres e mandar prender o Comitê Central.*"

A Direita nunca cessou de aticar o touro. Escárnio, provocações, insultos, choviam sobre Paris e seus representantes. Alguns entre eles, Rochefort, Tridon, Malon e Ranc, ao retirarem-se após o voto que mutilou o país, ouviram gritos de "*Boa viagem para vocês.*" Victor Hugo foi

vaiado ao defender Garibaldi. Ao requerer o *impeachment* dos membros da Defesa Nacional, Delescluze não foi ouvido de maneira melhor. Jules Simon declarou que iria manter a lei contra o direito de associação. No dia 10 a brecha foi aberta. Passou-se uma resolução pela qual Paris não mais deveria ser a capital, e que a Assembléia deveria ter Versalhes como sede. Isso trouxe à tona a Comuna, pois Paris não podia continuar ao mesmo tempo sem um Governo e sem uma municipalidade. Uma vez definido o campo de batalha, a coisa mais urgente era supri-lo com um exército. O Governo já havia decidido continuar o pagamento dos Guardas Nacionais, mas apenas àqueles que o requeressem. A Assembléia decretou que as contas devidas em 13 de novembro de 1870 deveriam tornar-se pagáveis em 13 de março, isto é, no prazo de três dias. O Ministro Dufaure recusou obstinadamente qualquer concessão em relação a isso. Não obstante os urgentes apelos de Millièrè, a Assembléia recusou-se a passar qualquer lei amparando os locatários cujos aluguéis estiveram devidos por seis meses. Duzentos ou trezentos mil trabalhadores, lojistas, modeladores, pequenos manufactureiros trabalhando em seus quintais, que haviam esgotado as suas pequenas economias e não tinham como ganhar mais de imediato, estando todos os negócios paralisados, foram assim colocados à mercê do senhorio, da fome e da bancarrota. Do dia 13 ao 17 de março 150.000 contas não foram honradas. Finalmente a Direita obrigou o sr. Thiers a declarar da tribuna *"que a Assembléia podia prosseguir com as suas deliberações em Versalhes, sem temer os paralelepípedos de uma insurreição,"* constringendo-o assim a agir imediatamente, pois os deputados deveriam reunir-se de novo em Versalhes no dia 20.

Declarando que iria submetê-la a uma rigorosa disciplina e expurgar-lhe de seus maus elementos, d'Aurelles deu início a operações contra a Guarda Nacional. *"O meu primeiro dever,"* dizia a sua ordem do dia, *"é assegurar o respeito devido à lei e à propriedade,"* - essa eterna provocação lançada pela burguesia toda vez em que é alçada ao poder supremo por eventos revolucionários.

Os outros senadores também aderiram. No dia 7 Vinoy lançou à sarjeta com uma esmola de oito xelins por cabeça os vinte e um mil *mobilis* do Sena. Em 11 de março, dia em que Paris soube da sua descapitalização e dos decretos ruinosos, Vinoy suprimiu seis jornais republicanos, quatro dos quais - *O Grito do Povo*, *A Palavra de Ordem*, *O Tio Duchêne* e *O Vingador* - tinham uma circulação de 200.000 exemplares. No mesmo dia, a corte marcial que julgava os acusados do 31 de outubro condenou vários deles à morte, entre outros Flourens e Blanqui. Assim, todo mundo foi atingido - burgueses, republicanos, revolucionistas. Essa Assembléia de Bordeaux, a inimiga mortal de Paris, dela alienada por sentimento, pensamento e linguagem, parecia um Governo de estrangeiros. Os bairros comerciais, assim como os *faubourgs*, ressoavam em um clamor geral contra ela.

A partir daí todas as hesitações desapareceram. O prefeito de Montmartre, Clémenceau, estivera intrigando por vários dias com o fim de obter a rendição dos canhões, e havia mesmo encontrado oficiais dispostos a capitular; mas o batalhão protestou e no dia 12, quando d'Aurelles enviou as suas equipes, os guardas recusaram-se a entregar as peças. Picard, em uma tentativa de exibir firmeza, mandou procurar Courty dizendo, *"Os membros do Comitê Central estão arriscando as suas cabeças,"* e obteve uma quase-promessa. O Comitê expeliu Courty.

Desde o dia 6 ele passara a reunir-se no salão da Corderie. Apesar de manter-se indiferente, e inteiramente independente, dos três outros grupos, a reputação do lugar foi-lhe útil. Serviu como evidência de boa política e frustrou as intrigas do *"comandante"* Du Bisson, um oficial que servira no estrangeiro e fora empregado em empreitadas de caráter ambíguo, e que estava tentando constituir de cima um Comitê Central com os chefes dos batalhões. O Comitê Central enviou três delegados a esse grupo, onde eles foram recebidos com uma animada oposição. Um chefe de batalhão, Barberet, mostrou-se particularmente refratário; mas um outro, Faltot, arrebatou a Assembléia dizendo, *"Eu vou passar para o lado do povo."* A fusão foi concluída em 10 de março, dia da reunião geral dos delegados. O Comitê apresentou o seu relatório semanal. Ele narrou os eventos dos dias anteriores, a nomeação de d'Aurelles, as ameaças de Picard, destacando bem justamente, *"Nós somos o que os eventos fizeram de nós: os reiterados ataques de uma imprensa hostil à democracia disseram isso; as ameaças do Governo confirmaram isso; nós somos a inexorável barreira erguida contra toda tentativa de derrubada da República."* Os delegados foram convidados a ir em frente com as eleições do Comitê Central. Um apelo ao exército foi redigido: *"Soldados, filhos do povo! Unamo-nos para servir à República. Reis e imperadores já nos causaram dano suficiente."* No dia seguinte os soldados

recém-chegados do exército da Loire aglomeravam-se diante desses cartazes vermelhos, que continham nome e endereço de todos os membros do Comitê.

A Revolução, privada de seus jornais, falava agora através de cartazes em enorme variedade de cores e de opiniões, afixados em todas as paredes. Flourens e Blanqui, condenados à revelia, publicaram os seus protestos. Subcomitês estavam sendo formados em todos os distritos populares. No 13º distrito o seu chefe era um jovem metalúrgico, Duval, um homem de fria e imperiosa energia. O subcomitê da rua des Rosiers cercou os seus canhões de um fosso e fê-los guardar dia e noite. Todos esses comitês anularam as ordens de d'Aurelles e foram os verdadeiros comandantes da Guarda Nacional.

Paris estava sem dúvida desperta, pronta a redimir a abdicação que fora-lhe forçada pelo cerco. Essa Paris, magra e oprimida pela necessidade, colocou em segundo plano a sua paz e o seu comércio, pensando apenas na República. O Comitê Central provisório, sem incomodar-se com Vinoy, que pedira a prisão de todos os seus membros, apresentou-se no dia 15 na assembléia geral do Vauxhall. Duzentos e quinze batalhões fizeram-se representar, e aclamaram Garibaldi como comandante-em-chefe da Guarda Nacional. Um orador, Lullier, iludiu a Assembléia. Ele era um ex-oficial naval, completamente louco, que aparentava ter treinamento militar e, quando não estava intoxicado pelo álcool, tinha intervalos de lucidez capazes de enganar a qualquer um. Ele foi nomeado coronel comandante da artilharia. Depois vieram os nomes dos membros do Comitê Central, cerca de trinta ao todo, pois vários distritos não haviam ainda votado. Esse era o Comitê Central regular que deveria instalar-se no Paço Municipal. Muitos desses eleitos haviam feito parte da comissão anterior. Os outros eram todos igualmente obscuros, pertencentes ao proletariado e à pequena classe-média, conhecidos apenas de seus batalhões.

Que importava a sua obscuridade? O Comitê Central não era um Governo à frente de um partido. Ele não tinha nenhuma Utopia a iniciar. Somente uma idéia muito simples, o medo da monarquia, poderia ter agrupado tantos batalhões. A Guarda Nacional constituía-se em uma companhia garantidora contra um golpe de estado; pois se Thiers e seus agentes repetiam a palavra "*República*," o seu próprio partido e a Assembléia bradavam "*Viva o Rei!*" O Comitê Central era um sentinela, e isso era tudo.

As nuvens da tempestade estavam se ajuntando; tudo era incerteza. A Internacional convocou os deputados Socialistas para perguntar-lhes o que fazer. Mas nenhum ataque foi planejado, sequer foi sugerido. O Comitê Central declarou formalmente que o primeiro tiro não partiria do povo, e que eles somente se defenderiam em caso de agressão.

O agressor, o sr. Thiers, chegou no dia 15. Por um longo tempo ele vinha prevendo que seria necessário travar uma luta terrível com Paris; mas ele pretendia agir na sua própria hora favorável à retomada da cidade, quando dispusesse de um exército de quarenta mil homens bem escolhidos, cuidadosamente mantido fora do conhecimento dos parisienses. Esse plano foi revelado por um oficial general. Nesse momento Thiers tinha apenas os meros destroços de um exército.

Os 230.000 homens desarmados pela capitulação, em sua maioria *mobiles* ou homens com o seu termo de serviço concluído, haviam sido despachados apressadamente para casa, pois apenas serviriam para engrossar o exército parisiense. Já alguns *mobiles*, *marins* e soldados haviam deitado as bases de uma associação republicana com os Guardas Nacionais. Restava a Vinoy somente a divisão que fora-lhe permitida pelos prussianos e 3.000 policiais ou gendarmes, ao todo 15.000 homens, um tanto mal condicionados. Leflô enviou-lhe uns poucos milhares de homens remanescentes dos exércitos da Loire e do Norte, mas eles chegaram devagar, quase sem quadros, contra a própria vontade, e desgostosos com o serviço. Já na primeira revista que fez-lhes Vinoy, eles estavam à beira de um motim. Permitiu-se que eles perambulassem por Paris abandonados, misturando-se com a população da cidade, que os socorreu, as mulheres trazendo-lhes sopa e cobertores em suas cabanas, onde eles estavam congelando. De fato, no dia 19 o Governo tinha apenas cerca de 25.000 homens, sem coesão ou disciplina, dois terços dos quais em franca confraternização com os *faubourgs*.

Como esse grupelho poderia desarmar 100.000 homens? Pois, para arrebatá-los, era necessário desarmar a Guarda Nacional. Os parisienses já não eram mais noviços na arte da guerra. "*Depois que tomarem-nos os canhões*," diziam eles, "*vão tornar nossos mosquetes*

inúteis." A coalizão era surda a todo argumento. Mal Thiers havia chegado, eles instaram-no a agir, lancetar o abscesso de imediato. Os financistas - sem dúvida os mesmos que haviam precipitado a guerra para dar um novo impulso à sua especulação - disseram-lhe, "*Você nunca será capaz de levar operações financeiras a cabo, enquanto não puser um fim a esses patifes.*" Todos eles asseguraram-lhe que a tomada dos canhões seria uma brincadeira de criança.

Eles de fato mal eram vigiados, mas por que a Guarda Nacional sabia que estavam em local seguro. Bastaria deslocar uns poucos paralelepípedos para impedir a sua remoção pelas íngremes e estreitas ladeiras de Montmartre. Ao primeiro alarme toda Paris acorreria em socorro. Isso fora visto no dia 16, quando os gendarmes apresentaram-se para levar da praça dos Vosges os canhões prometidos por Vautrain. Os Guardas Nacionais chegaram de todos os lados e desparafusaram as peças, e os lojistas da rua das Tournelles começaram a arrancar o calçamento.

Um ataque seria absurdo, e foi isso que determinou Paris a permanecer na defensiva. Mas o sr. Thiers nada quis ver, nem a insatisfação da classe média, nem a profunda irritação dos *faubourgs*. Esse homenzinho, por toda a vida feito de bobo, mesmo por um MacMahon, premido pela aproximação do 20 de março, instigado por Jules Favre e por Picard, que desde o fracasso do 31 de outubro julgavam os revolucionistas incapazes de qualquer ação séria, e ansioso por fazer o papel de um Bonaparte, atirou-se de cabeça na aventura. No dia 17 ele presidiu um conselho e, sem calcular as suas forças ou as do inimigo, sem dar um aviso prévio aos prefeitos - Picard havia-lhes prometido formalmente não tentar usar a força sem consultá-los - sem ouvir os chefes dos batalhões burgueses, esse Governo, sem força suficiente para sequer prender os vinte e cinco membros do Comitê Central, deu a ordem para arrebataram duzentos e cinquenta canhões guardados por toda Paris.

CAPÍTULO III

Nós fizemos então aquilo que deveríamos fazer; nada provocou a insurreição de Paris
Discurso de M. Dufaure contra a Anistia
Sessão de 18 de maio de 1876

O DEZOITO DE MARÇO

A execução foi tão insensata quanto a concepção. Em 18 de março, às três horas da manhã, várias colunas dispersaram-se em diversas direções rumo às colinas Chaumont, Belleville, ao *faubourg* du Temple, à Bastilha, ao Paço Municipal, praça St. Michel, ao Luxembourg, aos treze distritos e aos Inválidos. O general Susbille marchou sobre Montmartre com duas brigadas fortes de cerca de 6.000 homens. Tudo estava silencioso e deserto. A brigada Paturel tomou posse do Moulin de la Galette sem desferir um só golpe. A brigada Lecomte ganhou a Torre do Solférino, encontrando apenas um sentinela, Turpin, que cruzou baionetas com eles e foi destruído pelos gendarmes. Eles então precipitaram-se sobre o posto da rua des Rosiers, tomaram-no de assalto, e atiraram os Guardas Nacionais nos porões da Torre do Solférino. Às seis horas a surpresa era completa. O sr. Clémenceau correu a Montmartre para congratular o general Lecomte. Em todos os outros lugares os canhões foram surpreendidos da mesma maneira. O Governo triunfou em toda as frentes, e d'Aurelles enviou aos jornais uma proclamação escrita na veia de um conquistador.

Só estava faltando uma coisa - equipes para transportar o espólio. Vinoy quase as havia esquecido. Às oito horas eles começaram a atrelar alguns cavalos às peças. Enquanto isso os *faubourgs* estavam despertando e as primeiras lojas abrindo. À volta das leiterias e diante dos comércios de vinho o povo começou a falar em voz baixa; eles apontavam para os soldados, a metralhadora visando as ruas, as paredes cobertas pelo cartaz ainda molhado assinado pelo sr. Thiers e seus Ministros. Eles falavam do comércio paralisado, ordens suspensas, capitais amedrontadas: "*Habitantes de Paris, em seu interesse o Governo resolveu agir. Que os bons cidadãos apartem-se dos maus; que eles ajudem a força pública; eles estarão prestando um serviço à própria República,*" diziam os srs. Pouyer-Quertier, de Larcy, Dufaure e outros Republicanos. A conclusão é emprestada da fraseologia de dezembro: "*Os culpados deverão ser entregues à Justiça. A ordem, completa, imediata e inalterável precisa ser restabelecida.*" Eles falavam de ordem; - sangue estava para ser derramado.

Como nos bons velhos tempos, as mulheres foram as primeiras a agir. Essas do 18 de março, enrijecidas pelo cerco - elas haviam tido uma dupla razão de miséria - não esperaram pelos homens. Elas puseram-se à volta das metralhadoras, afrontaram o sargento no comando da peça, dizendo, *"Isso é vergonhoso; o que vocês estão fazendo aqui?"* Os soldados não responderam. Ocasionalmente um oficial não-comissionado falava-lhes: *"Ora vamos, minha boa mulher, saia do caminho."* Ao mesmo tempo um punhado de Guardas Nacionais chegou ao posto da rua Doudeauville, lá encontrou dois tambores que não haviam sido rasgados e fez rufar o alarme. Às oito horas eles somavam 300 oficiais e guardas, que ascendiam o boulevard Ornano. Eles encontraram um pelotão de soldados do 88º e, aos brados de *"Vive la République,"* obtiveram a sua adesão. O posto da rua Dejean também juntou-se a eles e, coronhas dos mosquetes voltadas para o alto, soldados e guardas marcharam juntos até a rua Muller, que vai dar nas colinas de Montmartre, defendidas desse lado pelos homens do 88º. Estes, vendo os seus camaradas misturados com os guardas, fizeram-lhes sinal para avançar, que os deixariam passar. O general Lecomte, percebendo os sinais, substituiu os homens por policiais e confinou-os na Torre do Solférino, acrescentando, *"Vocês terão o que merecem."* A polícia disparou alguns poucos tiros, aos quais os guardas responderam. Subitamente um grande número de Guardas Nacionais, coronhas de mosquetes ao alto, mulheres e crianças, desembocaram do outro flanco pela rua des Rosiers. Cercado, o general Lecomte por três vezes deu ordem de fogo. Os seus homens ficaram parados, suas armas em descanso. Avançando, a multidão confraternizou com eles, e Lecomte e seus oficiais foram presos.

Os soldados que ele acabara de trancar na torre queriam fuzilá-lo, mas alguns Guardas Nacionais tendo conseguido resgatá-lo com grande dificuldade - pois a multidão tomou-o por Vinoy - conduziram-no juntamente com os seus oficiais ao Château-Rouge, onde estava sediado o comando da Guarda Nacional. Lá eles pediram-lhe uma ordem para evacuar Montmartre. Ele assinou-a sem hesitação. A ordem foi imediatamente comunicada aos oficiais e soldados da rua des Rosiers. Os gendarmes entregaram os seus fuzis e até mesmo gritaram *"Vive la République!"* Três descargas dos canhões anunciaram a recaptura de Montmartre.

O general Paturel, que desejava levar embora os canhões, surpreendido no Moulin de la Galette, entrou em colisão com uma barreira humana na rua Lepic. O povo barrou os cavalos, cortou-lhes os arreios, dispersou os artilheiros, e levou os canhões de volta ao seu posto. Na praça Pigalle, o general Susbielle ordenou uma carga de cavalaria contra a multidão aglomerada à rua Houdon mas os caçadores, intimidados, deram à espora na direção oposta, sob uma gargalhada geral. Um capitão, precipitando-se à frente, sabre na mão, feriu um guarda e tombou varejado de balas. O general fugiu. Os gendarmes, que abriram fogo por trás das choupanas, foram logo desalojados e o grosso dos soldados passou para o lado do povo.

Em Belleville, nas colinas de Chaumont, no Luxembourg, as tropas confraternizavam por toda a parte com a multidão que acorrera ao primeiro alarme.

Por volta das onze horas o povo havia derrotado os agressores em todos os pontos, preservado quase todos os seus canhões, dos quais apenas dez foram levados, e apreendido milhares de fuzis. Todos os seus batalhões estavam agora de pé, e os homens dos *faubourgs* começaram a arrancar o pavimento das ruas.

Desde as seis horas da manhã d'Aurelles fizera rufar a chamada nos alojamentos centrais, mas em vão. Batalhões anteriormente notados por sua devoção a Trochu não enviaram mais que vinte homens à concentração. Toda Paris, ao ler os cartazes, dizia, *"Isso é o golpe de estado."* Ao meio-dia d'Aurelles e Picard soaram o alarme: *"O Governo convoca-os a defender os seus lares, as suas famílias, a sua propriedade. Alguns homens desguiados, sob a liderança de alguns chefes secretos, dirigem contra Paris os canhões que os prussianos não conseguiram tomar."* Essas reminiscências de junho de 1848, essa acusação de indelicadeza contra os prussianos, não tendo conseguido comover ninguém, o Ministério inteiro correu em socorro: *"Um rumor absurdo está sendo espalhado de que o Governo está preparando um golpe de estado. Ele tem desejado e deseja por um fim ao Comitê insurrecional, cujos membros nada representam além de doutrinas Comunistas."* Esses alarmes, repetidamente trombeteados, levantaram ao todo 500 homens.

O Governo estava no Ministério das Relações Exteriores e, após os primeiros reveses, o sr. Thiers deu a ordem para recuar com todas as tropas para o Campo de Marte. Quando ele viu a deserção dos Guardas Nacionais do Centro, ele declarou que era necessário evacuar Paris.

Vários Ministros objetaram, desejando que alguns pontos fossem guardados, o Paço Municipal, o seu quartel ocupado pela brigada Derroja, a Escola Militar, e que eles deveriam tomar uma posição no Trocadéro. O homenzinho, um tanto perturbado, só queria saber de medidas extremas. Leflô, que quase fora feito prisioneiro na Bastilha, apoiou-o vigorosamente. Foi decidido que toda a cidade deveria ser evacuada, até mesmo as fortalezas do sul, devolvidas pelos prussianos duas semanas antes. Por volta das três horas os batalhões populares do Gros Caillou marcharam pelo Paço Municipal, encabeçados por tambores e clarins. O Conselho acreditou estar ele próprio cercado. O sr. Thiers escapuliu por uma escada dos fundos, e partiu para Versalhes tão fora de si que na ponte de Sèvres ele deu uma ordem escrita para evacuar Mont-Valérien.

No momento da fuga do sr. Thiers os batalhões revolucionários não haviam ainda tentado qualquer ataque, ou ocupado qualquer prédio oficial. A agressão daquela manhã havia pego de surpresa o Comitê Central, como de resto toda Paris. Na noite anterior eles haviam-se despedido de forma habitual, marcando um encontro para o dia 18 às onze da noite atrás da Bastilha, na escola da rua Basfroi; a praça da Corderie ativamente vigiada pela polícia, não sendo mais segura. Desde o dia 15 novas eleições haviam aumentado o seu número, e eles haviam apontado um Comitê de Defesa. Com a notícia do ataque alguns acorreram à rua Basfroi, outros puseram-se a levantar os batalhões de seus bairros: Varlin em Batignolles, Bergeret, recentemente nomeado chefe de legião, em Montmartre, Duval no Panthéon, Pindy no 3º distrito, Faltot na rua de Sèvres. Ranvier e Brunel, mesmo não pertencendo ao Comitê, estavam agitando Belleville e o 10º distrito. Às dez horas uma dúzia de membros tiveram uma reunião, soterrados por mensagens vindas de todos os lados, e recebendo de tempos em tempos alguns prisioneiros. Uma inteligência positiva só chegou por volta das duas horas. Eles então elaboraram uma espécie de plano pelo qual todos os batalhões federalistas deveriam convergir sobre o Paço Municipal, e então dispersarem-se em todas as direções para transmitir ordens.

Os batalhões estavam de fato em alerta, mas não marcharam. Temendo a retomada do ataque e ignorando a plenitude da sua vitória, o comando revolucionário estava fazendo-se rodear de uma sólida barricada e permaneceu onde estava. Na própria Montmartre nada havia senão um enxame de guardas em busca de notícias, e soldados debandados para os quais donativos estavam sendo arrecadados, já que nada haviam comido desde a aurora. Por volta das três e meia o Comitê de Vigilância do 18º distrito, estabelecido à rua de Clignancourt, foi informado que o general Lecomte corria grande perigo. Uma multidão, consistindo em sua maior parte de soldados, cercara o Château-Rouge e pedia a cabeça do general. Os membros do Comitê de Vigilância, Ferré, Jaclard e Bergeret, imediatamente despacharam uma ordem ao comandante do Château-Rouge para guardar o prisioneiro, que deveria ser posto em julgamento. Quando a ordem chegou Lecomte acabara de sair.

Ele estivera pedindo por um longo tempo que o levassem perante o Comitê Central. Os chefes do posto, um tanto perturbados com a gritaria da multidão, ansiosos por se livrarem da sua responsabilidade e acreditando que esse Comitê estava sediado na rua des Rosiers, decidiram conduzir o general e seus oficiais até lá. Eles chegaram por volta das quatro horas, passando por uma multidão terrivelmente irritada, mas ninguém ergueu uma só mão contra eles. O general foi vigiado de perto em um pequeno cômodo de frente do andar térreo. Lá as cenas do Château-Rouge recomeçaram. Os soldados exasperados pediam a sua morte. Os oficiais da Guarda Nacional fizeram esforços desesperados para acalmá-los, gritando, "*Esperem pelo Comitê.*" Eles conseguiram posicionar sentinelas e esfriar a comoção por um certo tempo.

Nenhum membro do Comitê havia ainda chegado quando, às quatro e meia, uma gritaria formidável encheu a rua, e perseguido por uma multidão feroz, um homem de barbas brancas foi lançado contra as paredes da casa. Era Clément-Thomas, o homem de junho de 1848, o insultador dos batalhões revolucionários. Ele fora reconhecido e preso na Chaussée des Martyrs, onde estava examinando as barricadas. Alguns oficiais da Guarda Nacional, um capitão Garibaldiano, Herpin-Lacroix, e alguns franco-atiradores haviam tentado conter a massa letal, repetindo mil vezes, "*Esperem pelo Comitê! Constituem uma corte marcial!*" Eles foram abalroados e Clément-Thomas foi novamente agarrado e atirado no pequeno jardim da casa. Vinte mosquetes apontados contra ele o bombardearam. Durante essa execução os soldados quebraram as janelas do cômodo onde o general Lecomte estava confinado, lançaram-se sobre ele e arrastaram-no para o jardim. Esse homem, que nessa mesma manhã havia por três vezes dado ordem de fogo contra mulheres e crianças, chorou, implorou por piedade e falou da sua

família. Ele foi forçado contra a parede e tombou sob uma chuva de balas.

Findas essas represálias, a ira da massa arrefeceu. Eles permitiram que os oficiais do séquito de Lecomte fossem levados de volta ao Château-Rouge, e ao cair da noite eles foram postos em liberdade.

Enquanto essas execuções tinham lugar, o povo, que até ali ficara na defensiva, havia começado a se mover. Brunel cercou o quartel Prince Eugène, em poder do 120º de linha. Acompanhado por cerca de cem oficiais, o coronel assuniu ares superiores e Brunel colocou-os todos sob a tranca. Dois mil fuzis caíram assim nas mãos do povo. Brunel continuou a sua marcha pela rua du Temple rumo ao Paço Municipal. A Imprensa Nacional foi ocupada às cinco horas. Às seis a multidão atacou os portões do quartel Napoleon com machadinhas. Uma descarga foi feita, disparada pela abertura, e três pessoas tombaram; mas os soldados faziam gestos pelas janelas da rua de Rivoli, gritando, "*Foram os gendarmes que atiraram. Vive la République!*" Logo depois eles abriram as portas e deixaram as armas do quartel serem levadas.

Às sete e meia o Paço Municipal estava ao ponto de ser investido. Os gendarmes que a ocupavam fugiram pela passagem subterrânea do quartel Lobau. Por volta das oito e meia Jules Ferry e Vabre, inteiramente abandonados por seus homens, deixados sem nenhuma ordem pelo Governo, também esgueiraram-se em fuga. Pouco depois a coluna de Brunel desembocou na praça e apossou-se do Paço Municipal, onde Ranvier chegou ao mesmo tempo vindo dos cais.

O número dos batalhões aumentava incessantemente. Brunel dera ordens para o levantamento de barricadas na rua de Rivoli, nos cais, guarneceu todos os acessos, distribuiu os postos e despachou patrulhas em força. Uma delas cercou a prefeitura do Louvre, onde os prefeitos estavam deliberando, e por pouco não agarrou Ferry, que salvou-se saltando por uma janela. Os prefeitos retornaram à prefeitura da praça de la Bourse.

Eles já haviam-se reunido lá durante o dia com muitos adjuntos, muitos ofendidos com o insensato ataque governamental, esperando por informações e por idéias. Por volta das quatro horas eles enviaram delegados ao Governo. O sr. Thiers já havia debandado. Picard polidamente mostrou-lhes a porta. D'Aurelles lavou as mãos quanto a toda a empreitada, dizendo que os advogados haviam feito aquilo. À noite, entretanto, fez-se necessário tomar uma resolução. Os batalhões federais já cercavam o Paço Municipal e ocupavam a praça Vendôme, para onde Varlin, Bergeret e Arnold haviam conduzido os batalhões de Montmartre e de Batignolles. Vacherot, Vautrain e uns poucos reacionários falavam em resistir a qualquer preço, como se tivessem algum exército para secundá-los. Outros, mais sensíveis, buscavam algum expediente. Eles pensavam poder acalmar tudo nomeando como prefeito de polícia Ed. Adam, que se distinguira contra os insurgentes de 1848, e como general da Guarda Nacional o leviano proudhonista Langlois, um ex-Internacionalista que apoiara o movimento de 31 de outubro pela manhã, voltou-se contra ele à tarde, e foi nomeado deputado graças a um arranhão recebido quando gesticulava em Buzenval. Os delegados foram propor essa brilhante solução a Jules Favre. Ele recusou categoricamente, dizendo, "*Nós não podemos tratar com assassinos.*" Essa comédia só foi representada para justificar a evacuação de Paris, que fora ocultada dos prefeitos. Durante a conferência foi anunciado que Jules Favre havia abandonado o Paço Municipal. O outro Jules fingiu surpresa, e encorajou os prefeitos a convocar os batalhões da ordem com o propósito de substituir o exército, que havia-se evaporado.

Eles retornaram arrasados por essa troca, humilhados por terem sido deixados absolutamente no escuro quanto à intenção do Governo. Se fossem dotados de alguma coragem política, teriam ido direto ao Paço Municipal, em vez de retomar a sua deliberação na prefeitura da Bourse. Finalmente às dez da manhã, Picard informou-os que eles podiam trazer o seu Lafayette. Eles imediatamente enviaram Langlois ao Paço Municipal.

Alguns dos membros do Comitê Central tinham estado lá desde as dez horas, de forma geral muito ansiosos e muito hesitantes. Nenhum deles jamais sonhara que o poder cairia de forma tão pesada sobre os seus ombros. Muitos não queriam sentar-se no Paço Municipal. Eles deliberavam. Enfim foi decidido que eles só permaneceriam pelos dois ou três dias necessários para as eleições. Nesse meio tempo era necessário guardar-se contra qualquer tentativa de resistência. Lullier estava presente, zumbindo em torno do Comitê, em um de seus intervalos de grave lucidez, prometendo manter todo o perigo à distância e apelando ao seu apontamento no

Vauxhall. Ele não tivera nenhum papel nos eventos de todo o dia. O Comitê caiu na asneira de apontá-lo comandante-em-chefe da Guarda Nacional quando Brunel, que prestara serviços incalculáveis desde a manhã, já estava instalado no Paço Municipal.

Às três horas Langlois, o competidor de Lullier, anunciou-se. Ele estava cheio de auto-confiança, e já havia enviado a sua proclamação ao *Journal Officiel*. "Quem é você?" perguntaram-lhe os sentinelas. "General da Guarda Nacional," respondeu Langlois. Alguns deputados de Paris, Lockroy, Cournet, etc., acompanhavam-no. O Comitê consentiu em recebê-los. "Quem nomeou você?" disseram eles a Langlois. "O sr. Thiers." Eles sorriram diante do desembaraço do maluco. Como ele pleiteava os direitos da Assembléia, eles submeteram-no ao teste; "Você reconhece o Comitê Central?" "Não." Ele levantou acampamento para correr atrás da sua proclamação.

A noite foi calma, fatalmente calma para a liberdade. Pelos portões do sul Vinoy comandava a marcha de retirada de seus regimentos, sua artilharia e sua bagagem rumo a Versalhes. As tropas debandadas iam irritadamente aos trancos, insultando os gendarmes. O Estado-Maior, fiel às suas tradições, perdera a cabeça e deixara em Paris três regimentos, seis baterias, e todas as canhoneiras, às quais teria bastado deixar que a corrente do rio as levasse. A mínima demonstração dos federais teria interceptado esse êxodo. Longe de pensar em fechar os portões, o novo comandante da Guarda Nacional - ele jactou-se disso perante o conselho de guerra - deixou abertas ao exército todas as saídas.

CAPÍTULO IV

*Nossos corações partidos fazem apelo aos vossos
Os Prefeitos e Adjuntos de Paris e os Deputados do Sena
à Guarda Nacional e a todos os Cidadãos*

OS COMITÊ CENTRAL CONVOCA OS ELEITORES OS PREFEITOS DE PARIS E DEPUTADOS DO SENA VOLTAM-SE CONTRA ELE

Paris só ficou ciente da sua vitória na manhã de 19 de março. Que mudança de cenário, mesmo depois das sucessivas cenas do drama em curso nesses últimos sete meses! A bandeira vermelha flutuava sobre o Paço Municipal. Com as brumas da aurora o exército, o Governo, a Administração, todos haviam-se evaporado. Das profundezas da Bastilha, da obscura rua Basfroi, o Comitê Central ascendera ao topo de Paris sob os olhos do mundo inteiro. Assim no 4 de setembro o Império havia desaparecido; assim os deputados da Esquerda haviam tomado um poder abandonado.

O Comitê, para a sua grande honra, tinha apenas um pensamento, devolver o seu poder a Paris. Houvesse ele sido sectário, incubando decretos, o movimento teria acabado como o de 31 de outubro. Felizmente ele era composto de recém-chegados, sem um passado, e sem pretensões políticas; homens da pequena classe média, bem como trabalhadores, lojistas, empregados do comércio, mecânicos, escultores, arquitetos, não ligando a mínima para sistemas, ansiosos acima de tudo por salvar a República. A essa altitude vertiginosa eles não tinham senão uma idéia para equilibrá-los, a de garantir para Paris a sua municipalidade.

Sob o Império esse fora um dos esquemas favoritos da Esquerda, pelo qual ela havia em grande parte conquistado a pequena burguesia parisiense, tão humilhada à vista de nomeados governamentais entronizados no Paço Municipal por longos oito anos. Mesmo os mais pacíficos entre eles ficavam chocados, escandalizados pelo incessante inchaço do orçamento, pelos múltiplos empréstimos, e pela fraude financeira de Haussmann. E como eles aplaudiram Picard, reivindicando para a maior e mais iluminada cidade da França ao menos os direitos usufruídos pela mais diminuta aldeia, ou quando ele desafiou o Paxá do Sena a prestar contas regulares! Ao fim do Império, a idéia de um conselho municipal eletivo havia deitado raízes; ela havia em certa medida sido colocada em prática durante o cerco, e agora somente a sua total realização podia consolar Paris por sua descentralização.

Por outro lado as massas populares, insensíveis ao ideal burguês de um conselho municipal, também eram favoráveis à Comuna. Elas haviam clamado por ela durante o cerco como uma arma contra o inimigo estrangeiro; elas ainda clamavam por ela como uma alavanca para erradicar o despotismo e a miséria. O que importava-lhes um conselho, mesmo eletivo, mas sem liberdades reais e algemado ao estado - sem autoridade sobre a administração das

escolas e hospitais, da justiça e da polícia, e totalmente inadequado para corrigir a escravidão social dos seus concidadãos? O que o povo lutava para alcançar era uma fórmula política que lhes permitisse trabalhar pela melhoria da sua condição. Eles haviam assistido a toda constituição e a todo governo representativo agindo contra a vontade do assim chamado eleitor representado, e o poder do estado, tornando-se cada dia mais despótico, privando o trabalhador até mesmo do direito de defender o seu labor, e esse poder, o qual tem determinado até mesmo o ar que se respira, sempre recusando-se a interferir no banditismo capitalista. Após tantos fracassos, eles estavam plenamente convencidos de que o próprio regime governamental e legislativo era, por sua própria natureza, incapaz de emancipar o trabalhador. Essa emancipação eles esperavam da Comuna autônoma, soberana dentro dos limites compatíveis com a manutenção da unidade nacional. A constituição comunal iria substituir a opressão do representante sobre o eleitor pelo mandatário estritamente responsável. O antigo poder do estado enxertado no país, sugando a sua substância, supremacia usurpadora com base em interesses divididos e antagonísticos, organizando para o benefício de poucos a justiça, a finança, o exército e a polícia, deveria ser sucedido por uma delegação de todas as comunas autônomas.

Assim a questão municipal, apelando às legítimas suscetibilidades de um, e às audaciosas aspirações do outro, reuniu todas as classes em torno do Comitê Central.

Às oito e meia eles tiveram a sua primeira sessão na mesma sala onde Trochu havia estado entronizado. O presidente era um homem de cerca de trinta e dois anos; Edward Moreau, um pequeno corretor. *"Ele não era a favor,"* disse ele, *"de sentarem-se no Paço Municipal, mas já que estavam ali, era necessário regularizar imediatamente a situação deles, dizer a Paris o que eles queriam, proceder às eleições no mais curto prazo possível, prover os serviços públicos, e proteger a cidade contra uma surpresa."*

Dois de seus colegas imediatamente disseram, *"Nós devemos primeiro marchar sobre Versalhes, dispersar a Assembléia, a apelar à França para que se pronuncie."*

Um outro, o autor da moção do Vauxhall, disse, *"Não. Nós temos somente o mandato de garantir os direitos de Paris. Se as províncias compartilharem a nossa visão, elas que imitem o nosso exemplo."*

Alguns queriam consumir a revolução antes de recorrer ao eleitor. Outros opunham-se a essa sugestão vaga. O Comitê decidiu proceder de imediato às eleições, e encarregou Moreau de redigir uma convocação. Quando ela estava sendo assinada, um membro do Comitê chegou dizendo, *"Cidadãos, acabam de dizer-nos que a maioria dos membros do Governo está ainda em Paris; uma tentativa de resistência está sendo organizada no 1º e no 2º distritos; os soldados estão partindo para Versalhes. Nós devemos tomar prontas medidas para por as nossas mãos sobre os Ministros, dispersar os batalhões hostis, e impedir o inimigo de deixar a cidade."*

De fato, Jules Favre e Picard mal haviam deixado Paris. A liquidação dos Ministérios estava acontecendo publicamente; fileiras de soldados estavam ainda marchando para fora através dos portões da margem esquerda. Mas o Comitê continuava a assinar, negligenciando essa tradicional precaução - o fechamento dos portões - e perdeu-se nas eleições. Ele não viu - muitos poucos haviam visto àquela altura - que aquilo era uma luta de morte com a Assembléia de Versalhes.

O Comitê, distribuindo o trabalho a ser feito, apontou os delegados que iriam tomar posse dos Ministérios e dirigir os vários serviços. Alguns desses delegados foram escolhidos fora do Comitê, entre aqueles que eram reputados homens de ação, ou os revolucionistas. Alguém tendo mencionado um aumento de pagamento, os seus colegas responderam indignados, *"Nós não estamos aqui para imitar o Governo da Defesa. Nós temos vivido até agora do nosso pagamento; isso continuará a bastar."* Arranjos foram feitos para a presença permanente de alguns membros no Paço Municipal, e eles então partiram à uma hora.

Lá fora o jovial clamor do povo animava as ruas. Um sol de primavera sorria sobre os parisienses. Esse era o seu primeiro dia de consolo e de esperança em oito meses. Diante das barricadas do Paço Municipal, nas colinas de Montmartre, em todos os boulevards, curiosos se aglomeravam. Quem então falava em guerra civil? Somente o *Journal Officiel*. Ele narrava os

eventos ao seu próprio modo. "O Governo esgotou todos os meios de conciliação," e em um desesperado apelo à Guarda Nacional ele dizia, "Um comitê que tomou o nome de Comitê Central assassinou os generais Clément-Thomas e Lecomte a sangue frio. Quem são os membros desse Comitê? Comunistas, Bonapartistas ou Prussianos? Irão vocês assumir a responsabilidade por esses assassinatos?" Essas lamentações de fugitivos comoveram apenas algumas companhias do centro. Contudo - um grave sintoma disso - os jovens burgueses da Escola Politécnica vieram à prefeitura do 2º distrito onde os prefeitos estavam reunidos, e os estudantes das universidades, até aqui a vanguarda de todas as nossas revoluções, pronunciaram-se contra o Comitê.

Pois essa revolução foi feita por proletários. Quem eram eles? O que queriam eles? Às duas horas todos acorreram para ver os cartazes do Comitê, recém-saídos da Imprensa Nacional. "Cidadãos, o povo de Paris, calmo e impassível em sua força, esperou sem medo, pois não os provocou, os tolos desavergonhados que desejam tocar em nossa República. Que Paris e a França juntas deem as bases de uma verdadeira República, o único Governo que irá para sempre encerrar a era das revoluções. O povo de Paris está convocado a realizar as suas eleições." E dirigindo-se à Guarda Nacional: "Vocês nos encarregaram de organizar a defesa de Paris e dos seus direitos. O nosso mandato está agora expirado. Preparem-se, e façam já as suas eleições comunais. Até lá nós, em nome do povo, deteremos o Paço Municipal." Vinte nomes vinham a seguir os quais, exceto três ou quatro, Assim, Lullier e Varlin, somente eram conhecidos através dos cartazes dos últimos poucos dias. Paris jamais vira em seu Paço Municipal um tal advento de homens obscuros.

E contudo os seus cartazes eram respeitados, os seus batalhões circulavam livremente. Eles tomaram posse dos postos; à uma hora os Ministérios das Finanças e do Interior; às duas horas as Relações Estrangeiras e o Naval, o telégrafo, o *Journal Officiel*, e Duval foi instalado na Prefeitura de Polícia. E eles haviam acertado no alvo. O que de fato poderia ser dito contra esse poder recém-nascido, cuja primeira palavra fora a sua própria abdicação?

Tudo à volta deles tinha um aspecto guerreiro. Cruzemos as barricadas entreabertas da rua de Rivoli. Vinte mil homens acampados na praça do Paço Municipal; pão espetado na ponta de seus mosquetes. Cinquenta peças de artilharia, canhões, e metralhadoras alinhadas ao longo da fachada serviam de cavalos de frisa do Paço Municipal. A entrada e escadarias atulhadas de guardas fazendo as suas refeições, a vasta Sala do Trono enxameando de oficiais, guardas e civis. No salão da esquerda, que era usado pelo Estado-Maior, o ruído era menor. A sala do lado do rio, na esquina do edifício, era a antecâmara do Comitê. Cerca de cinquenta homens estavam lá escrevendo, inclinados sobre uma longa mesa. Ali a disciplina e o silêncio reinavam. Estávamos longe dos anarquistas do 31 de outubro. De tempos em tempos a porta, guardada por dois sentinelas, abria-se para um membro do Comitê que carregava ordens ou pedia informações.

A sessão fora reaberta. Um membro pediu ao Comitê para protestar contra as execuções de Clément-Thomas e de Lecomte, com as quais ele nada tinha a ver. "Cuidado para não desautorizar o povo," respondeu um outro, "para que ele por sua vez não desautorize você." Um terceiro disse, "O *Journal Officiel* declara que a execução ocorreu sob os nossos olhos. Nós devemos por um fim a essas calúnias. O povo e a burguesia juntaram as mãos nessa revolução. Essa união deve ser mantida. Você quer que todos tomem parte nas eleições." "Bem, então," ele foi interpelado, "abandone o povo a fim de ganhar a burguesia; o povo vai retirar-se, e você verá se é com a burguesia que revoluções são feitas."

O Comitê decidiu que uma nota deveria ser inserida no *Journal Officiel* para restabelecer a verdade. Ed. Moreau propôs e leu o rascunho de um manifesto, que foi adotado.

O Comitê estava discutindo a data e o modo das eleições, quando foi informado que uma grande reunião entre os chefes de batalhões, os prefeitos e os deputados do Sena estava acontecendo na prefeitura do 3º distrito. O sr. Thiers, durante a manhã, delegara à união dos prefeitos a administração provisória de Paris, e eles estavam testando a sua autoridade sobre a Guarda Nacional. Foi garantido ao Comitê que eles pretendiam convocar os eleitores.

"Se for assim," disseram vários membros, "nós devemos entrar em um acordo com eles para regularizar a situação." Outros, lembrando-se do cerco, simplesmente queriam mandar prendê-los. Um membro disse, "Se quisermos ter a França conosco, não devemos assustá-la."

Pense no efeito que a prisão desses deputados e prefeitos produziria, e que efeito, por outro lado, causaria a adesão deles a nós." Um outro, "É importante coletar um número imponente de votantes. Toda Paris irá às urnas se os representantes e os prefeitos juntarem-se a nós." Um impetuoso colega exclamou, "Melhor dizer que vocês não estão à altura da sua posição; que a sua única preocupação é a de desobrigarem-se." Eles finalmente decidiram enviar Arnold à prefeitura como delegado.

Ele foi bastante mal recebido. Os adjuntos e deputados mais radicais, Socialistas como Millièrre e Malon, declararam-se definitivamente contra o Paço Municipal, horrorizados com a perigosa iniciativa do povo. Muitos também disseram, *"Quem são esses homens desconhecidos?"* Mesmo na Corderie, Internacionalistas e ex-membros do Comitê dos vinte distritos mantinham uma atitude reservada. Entretanto, a reunião decidiu enviar comissários ao Paço Municipal pois, gostassem ou não, era lá que estava o poder.

O Comitê Central havia, nesse ínterim, fixado as eleições para a quarta-feira, decretado a suspensão do estado de sítio, a abolição das cortes marciais, e a anistia para todos os crimes e ofensas políticas. Ele abriu uma terceira sessão às oito horas para receber os comissários. Estes eram os deputados Clémenceau, Millièrre, Tolain, Cournet, Malon e Lockroy, os prefeitos Bonvalet e Mottu, os adjuntos Murat, Jaclard e Léo Meillet.

Clémenceau, meio cúmplice, meio logrado pelo golpe de estado do sr. Thiers, em sua qualidade de prefeito e deputado, foi o porta-voz. Ele foi prolixo e pedante. "A insurreição foi levada a cabo por um motivo ilegítimo; os canhões pertencem ao Estado. O Comitê Central está sem um mandato e de forma alguma detem Paris. Numerosos batalhões estavam alinhando-se aos deputados e aos prefeitos. Logo o Comitê vai tornar-se ridículo e os seus decretos serão desprezados. Além do quê, Paris não tem o direito de revoltar-se contra a França, e deve absolutamente reconhecer a autoridade da Assembléia. O Comitê não tem outro meio de sair da dificuldade - submeter-se à união de deputados e prefeitos, que estão resolvidos a obter da Assembléia a satisfação reivindicada por Paris."

Ele foi frequentemente interrompido durante esse discurso. Como! Eles ousavam falar de uma insurreição! Quem havia começado a guerra civil, atacado primeiro? O que fizera a Guarda Nacional senão responder a uma agressão noturna, tomar de volta canhões pagos por eles próprios? O que fizera o Comitê Central senão seguir o povo e ocupar um Paço Municipal deserto?

Um membro do Comitê disse, "O Comitê Central recebeu um mandato regular, imperativo. Esse mandato proíbe-o de permitir que o Governo ou a Assembléia toquem em suas liberdades ou na República. Agora, a Assembléia nunca cessou de por a existência da República em questão. Ela colocou um general desonrado para governar-nos, descapitalizou Paris, tentou arruinar o seu comércio. Ela zombou dos nossos sofrimentos, negou a devoção, a coragem, a abnegação que Paris mostrou durante o cerco, vaiou os seus representantes mais amados, Garibaldi e Victor Hugo. O complô contra a República é evidente. A tentativa foi iniciada amordaçando a imprensa; eles esperavam concluí-la pelo desarmamento de nossos batalhões. Sim, o nosso foi um caso de legítima defesa. Se tivéssemos curvado nossas cabeças sob essa nova afronta, seria o fim da República. Você acaba de falar da Assembléia da França. O mandato da Assembléia expirou. Quanto à França, nós não tivemos a pretensão de ditar as suas leis - nós temos com excessiva frequência sofrido sob as dela - mas nós não iremos nos submeter aos seus plebiscitos rurais. Veja você; a questão não é mais saber qual de nossos mandatos é o mais regular. Nós dizemos a você que a revolução está feita; mas nós não somos usurpadores. Nós desejamos convocar Paris para que ela nomeie os seus representantes. Você irá ajudar-nos, e consultar conosco o eleitor? Nós de bom grado aceitamos a sua cooperação."

Como ele falava de comunas autônomas e de sua federação, *"Tenha cuidado,"* disse Millièrre, *"se você desfraldar essa bandeira eles lançarão toda a França sobre Paris, e eu prevejo dias tão fatais quanto aqueles de junho. A hora da revolução social ainda não chegou. O progresso é alcançado em marchas lentas. Desçam das alturas onde vocês se colocaram. Vitoriosa hoje, a sua insurreição pode ser derrotada amanhã. Façam dela o quanto puderem, mas não hesitem em contentar-se com pouco. Eu os adjuro a deixar a porta aberta à união dos prefeitos e deputados; a sua confiança estará bem colocada."*

Um do Comitê: *"Já que falou-se da revolução social, eu declaro que o nosso mandato não vai tão longe."* Outros do Comitê, *"Sim! Sim!" "Não! Não!" "Você falou de uma federação, de Paris como uma cidade livre. O nosso dever é mais simples. É proceder às eleições. O povo irá depois decidir quanto a suas ações. Quanto a submeter-nos aos deputados e prefeitos, isso é impossível. Eles são impopulares e não tem nenhuma autoridade na Assembléia. As eleições vão acontecer com ou sem a sua concorrência. Irão eles nos ajudar? Nós os receberemos de braços abertos. Se não, nós faremos sem eles, e se tentarem obstruir o nosso caminho, nós saberemos reduzi-los à impotência."*

Os delegados resistiam. A discussão esquentou. *"Mas, afinal,"* disse Clémenceau, *"quais são as suas pretensões? Vocês limitam o seu mandato a pedir à Assembléia por um conselho municipal?"*

Muitos do Comitê: *"Não! Não!" "Nós queremos,"* disse Varlin, *"não apenas a eleição do conselho municipal, mas liberdades municipais reais, a supressão da prefeitura de polícia, o direito da Guarda Nacional nomear os seus chefes e reorganizar-se, a proclamação da República como o Governo legal, a pura e simples remissão dos aluguéis devidos, uma lei equitável de contas vencidas, e a interdição do território de Paris ao exército."*

Malon: *"Eu compartilho as suas aspirações, mas a situação é perigosa. Está claro que a Assembléia nada ouvirá enquanto o Comitê ocupar o Paço Municipal. Se, pelo contrário, Paris confiar-se novamente a seus representantes legais, eu acredito que eles poderão fazer mais do que vocês."*

A discussão prolongou-se até as dez e meia; o Comitê defendendo o seu direito de prosseguir com as eleições, os delegados, a sua pretensão de sobrepor-se ao Comitê. Eles afinal concordaram que o Comitê deveria enviar quatro dos seus membros ao 2º distrito. Varlin, Moreau, Arnold e Jourde foram apontados.

Lá eles encontraram todo o estado-maior do Liberalismo: deputados, prefeitos e adjuntos; Louis Blanc, Schoelcher, Carnot, Peyrat, Tirard, Floquet, Desmarests, Vautrain e Dubail, cerca de sessenta ao todo. A causa do povo tinha ali alguns poucos partidários, sinceros, mas terrivelmente desanimados com as incertezas do futuro. O prefeito do 2º distrito, Tirard, presidiu, um Liberal, nervoso, arrogante, um daqueles que haviam ajudado a paralisar Paris nas mãos de Trochu. Em seu depoimento ao Comitê Rural de Inquérito ele mutilou, travestiu essa sessão, onde a burguesia Radical-Liberal pôs a nu toda a sua baixeza. Nós iremos agora, para a instrução do povo e em sua justiça, trazer a plena verdade.

Os delegados: *"Para o Comitê Central, não haveria nada melhor do que chegar a um acordo com as municipalidades, se elas quiserem proceder às eleições."*

Schoelcher, Tirard, Peyrat, Louis Blanc, todos os Radicais e Liberais em coro: *"As municipalidades não tratarão com o Comitê Central. Só há uma autoridade - a união dos prefeitos investidos com a delegação pelo Governo."*

Os delegados: *"Não discutamos esse ponto. O Comitê Central existe. Nós fomos nomeados pela Guarda Nacional e nós ocupamos o Paço Municipal. Irão vocês proceder para fazer as eleições?"*

"Mas qual é o seu programa?"

Varlin o expôs. Ele foi atacado por todos os lados. Os quatro delegados tiveram de encarar vinte assaltantes. O grande argumento dos Liberais era que Paris não podia convocar-se a si própria, mas deveria esperar pela permissão da Assembléia. Uma reminiscência dos tempos do cerco, quando eles caíram de quatro perante o Governo da Defesa.

Os delegados afirmaram, pelo contrário: *"O povo tem o direito de convocar-se a si próprio. Esse é um direito inegável, o qual ele exerceu mais de uma vez em nossa história em momentos de grande perigo, e no momento nós estamos passando por uma dessas crises, já que a Assembléia de Versalhes está buscando a monarquia."*

Então recriminações se seguiram: *"Vocês agora estão face a face com a força,"* disseram os delegados. *"Pensem antes de desencadear uma guerra civil pela sua resistência." "São vocês*

quem desejam uma guerra civil," responderam os Liberais. À meia-noite Moreau e Arnold, um tanto desiludidos, retiraram-se. Os seus colegas estavam para segui-los, quando alguns adjuntos pediram-nos para ficar. "Nós prometemos," disseram os prefeitos e deputados, "fazer todo esforço para obter as eleições municipais no mais curto prazo." "Muito bem," responderam os delegados, "mas nós mantemos a nossa posição; nós queremos garantias." Os deputados e prefeitos, cada vez mais obstinados, pretenderam que Paris devia render-se incondicionalmente. Jourde levantou-se para sair, quando alguns dos adjuntos detiveram-no novamente. Por um momento eles pareciam estar chegando a um entendimento. O Comitê renunciaria a todos os serviços administrativos em favor dos prefeitos, deixando-os ocupar uma parte do Paço Municipal; ele próprio, porém, continuaria sediado lá, reteria a direção exclusiva da Guarda Nacional, e garantiria a segurança da cidade. Esse acordo só precisava ser confirmado pela emissão de uma proclamação comum, mas quando o cabeçalho desta última entrou em discussão, a disputa tornou-se mais violenta do que antes. Os delegados propuseram, "Os deputados, prefeitos e adjuntos, em comum acordo com o Comitê Central." Esses cavalheiros, pelo contrário, desejavam esconder-se por trás de uma máscara. Por uma hora Louis Blanc, Tirard e Schoelcher assomaram os delegados com indignidades. Louis Blanc exclamou-lhes, "Vocês são insurgentes contra uma Assembléia eleita da forma mais livre. Nós, os mandatários regulares, nós não podemos confessar uma transação com insurgentes. Nós estaríamos dispostos a impedir uma guerra civil, mas não aparecer como seus auxiliares aos olhos da França." Jourde respondeu-lhe que essa transação, para ser aceita pelo povo de Paris, deve ser consentida publicamente e, desistindo de obter qualquer coisa dessa reunião, retirou-se.

E em meio a essa elite da burguesia Liberal, ex-exilados, publicistas, historiadores de nossas revoluções, nem uma só voz indignada protestou, "Cessem essas cruéis disputas, esse ladrar a uma revolução. Coitados de nós se não reconhecemos a força que se manifesta através de homens desconhecidos! Os Jacobinos de 1794 a negaram, e eles pereceram; os Montagnards de 1848 a abandonaram, e eles pereceram; a Esquerda sob o Império, o Governo da Defesa Nacional, a desdenharam, e a nossa integridade como nação pereceu. Abramos os nossos olhos, os nossos corações; deixemos a trilha batida. Não; nós não ampliaremos o abismo que os dias de junho de 1848 e o Império interpuseram entre nós e os trabalhadores. Não; com os desastres da França em vista, nós não permitiremos que as suas forças vivas ainda em reserva sejam tocadas. Quanto mais anormal, monstruosa for a nossa situação, mais propensos estaremos a encontrar a solução, mesmo sob o olhar do prussiano. Vocês, o Comitê Central, que são o porta-voz de Paris, nós, que somos ouvidos pela França Republicana, nós marcaremos um campo para uma ação comum. Vocês suprem a força, as vastas aspirações, e nós o conhecimento das realidades e suas inexoráveis exigências. Nós apresentaremos à Assembléia essa carta livre de todas as visões Utópicas, igualmente atentos aos direitos da nação e àqueles da capital. Se a Assembléia recusá-la, nós seremos os primeiros a fazer as eleições, pedir o seu sufrágio. E quando a França vir Paris erguer em seu Paço Municipal a sua força equilibrada pela prudência, vigorosos recém-chegados aliados a homens de longa reputação, o único baluarte possível contra monarquistas e clericais, ela erguer-se-á como nos dias da Federação, e à sua voz Versalhes terá que ceder."

Mas o que deveríamos esperar de homens que sequer foram capazes de encontrar a coragem necessária para arrebatam Paris de Trochu? Varlin teve de sofrer sozinho o ataque combinado desses homens. Exausto, desgastado - essa discussão havia durado cinco horas - ele enfim desistiu, mas sob protestos. Ao retornar ao Paço Municipal ele recuperou toda a sua energia costumeira, a sua calma inteligência, e disse ao Comitê que agora enxergava a cilada, e aconselhou-os a rejeitar as pretensões dos prefeitos e deputados.

CAPÍTULO V

*Eu acreditava que os insurgentes de Paris não poderiam conduzir a sua barca
Jules Favre, Inquérito sobre o 18 de março*

O COMITÊ CENTRAL AFIRMA-SE, REORGANIZA OS SERVIÇOS PÚBLICOS E DETEM PARIS

Assim, não chegou-se a nenhum acordo, tendo apenas um dos quatro delegados, por pura fadiga, cedido até certo ponto. Portanto na manhã do dia 20, quando o prefeito Bonvalet e dois adjuntos enviados pelos prefeitos vieram para tomar posse do Paço Municipal, os membros do

Comitê exclamaram em uníssono, "*Nós nada tratamos.*" Mas Bonvalet, fingindo acreditar em um acordo regular, continuou, "*Os deputados vão requerer hoje as franquias municipais. As suas negociações não podem ter sucesso se a administração de Paris não for devolvida aos prefeitos. Sob pena de frustrar os esforços que irão salvá-los, vocês devem cumprir o compromisso assumido por seus delegados.*"

Um do Comitê: "*Nossos delegados não receberam nenhum mandato para assumir tal compromisso em nosso nome. Nós não estamos pedindo para ser salvos.*"

Um outro: "*A fraqueza dos deputados e dos prefeitos é uma das causas da revolução. Se o Comitê abandonar a sua posição e desarmar-se, a Assembléia nada concederá.*"

Um outro: "*Eu acabo de chegar da Corderie. O Comitê do 2º distrito está em sessão, e ele adjura o Comitê Central a permanecer em seu posto até as eleições.*"

Outros estavam a ponto de falar, quando Bonvalet declarou que viera para tomar posse do Paço Municipal, não para discutir, e saiu. A sua empáfia confirmou as piores suspeitas. Aqueles que na noite anterior haviam estado favoráveis a um entendimento disseram, "*Esses homens querem nos trair.*" Por trás dos prefeitos o Comitê enxergou a implacável reação. De qualquer maneira, pedir-lhes o Paço Municipal era o mesmo que pedir-lhes as suas vidas, pois os Guardas Nacionais teriam-nos tomado por traidores, punindo-os de imediato. Em uma palavra, uma acomodação tornara-se impossível. O *Journal Officiel*, pela primeira vez nas mãos do povo, e os cartazes falaram.

"*A eleição do conselho municipal terá lugar na próxima quarta-feira, 22 de março,*" decretou o Comitê Central. E em um manifesto ele disse, "*Filho de uma República cuja divisa traz a grande palavra Fraternidade, o Comitê Central perdoa os seus caluniadores, mas ele gostaria de convencer o povo honesto que acreditou em suas calúnias por ignorância. Ele nunca foi secreto, pois os seus membros assinaram os seus nomes em todas as suas proclamações. Ele nunca foi desconhecido, pois foi a livre expressão do sufrágio de 215 batalhões. Ele nunca fomentou a desordem, pois a Guarda Nacional nunca cometeu nenhum excesso. E contudo provocações é o que não falta. O Governo caluniou Paris e jogou as províncias contra ela, desejou impor-nos um general, tentou desarmar-nos, e disse a Paris, 'Tu te mostraste heróica, estamos com medo de ti, daí vamos arrancar-te a coroa de capital da França.' O que fez o Comitê Central em resposta a esses ataques? Ele fundou a Federação, pregou a moderação, a generosidade. Uma das maiores causas da ira contra nós é a obscuridade dos nossos nomes. Ai! muitos nomes são conhecidos, bem conhecidos, e essa notoriedade tem sido fatal para nós. A notoriedade é adquirida a preço baixo; muitas vezes frases vazias ou um pouco de covardia são o suficiente; eventos recentes têm provado isso. Agora que o nosso objetivo é alcançado, nós dizemos ao povo, que estima-nos o bastante para ouvir o conselho que com frequência choca-se com a sua impaciência, 'Aqui está o mandato que vocês nos confiaram.' Ali onde o nosso interesse pessoal começa, o nosso dever termina. Façam a sua vontade. Vocês libertaram-se. Obscuros há poucos dias atrás, obscuros retornaremos às suas fileiras, e mostraremos aos nossos governantes que é possível descer as escadas do seu Paço Municipal de cabeça erguida, com a certeza de receber ao pé delas a pressão das suas leais e vigorosas mãos.*" Ao lado dessa proclamação de uma eloquência tão vívida e tão nova, os deputados e os prefeitos afixaram algumas poucas linhas secas e incolores, onde prometiam pedir à Assembléia naquele mesmo dia a eleição de todos os chefes da Guarda Nacional e o estabelecimento de um conselho municipal.

Em Versalhes eles encontraram uma multidão em desvairada excitação. Os funcionários apavorados que chegavam de Paris espalhavam o terror por onde passavam, e cinco ou seis insurreições foram anunciadas das províncias. A coalizão estava desolada. Paris vitoriosa, o Governo em fuga - não fora isso o que haviam prometido. Esses conspiradores, detonados pela mina que eles próprios haviam armado, ergueram o grito da conspiração, falavam em refugiar-se em Bourges. Picard havia certamente telegrafado a todas as províncias, "*O exército, em número de 40.000 homens, está concentrado em Versalhes;*" mas o único exército que podia-se ver eram bandos de soldados perambulando pelas ruas. Tudo o que Vinoy fora capaz de fazer foi posicionar alguns postos ao longo das estradas de Châtillon e de Sèvres, e proteger os acessos à Assembléia com algumas metralhadoras.

O Presidente Grévy, que durante toda a guerra acorara-se nas províncias em rabugenta

hostilidade à defesa, abriu a sessão estigmatizando essa insurreição criminosa *"que nenhum pretexto pode extenuar."* Então os deputados do Sena deram início a uma procissão rumo à tribuna. Em vez de um manifesto coletivo, eles depuseram perante a Assembléia uma série de proposições fragmentárias, sem conexão, sem visões gerais, e sem um preâmbulo para explicá-las. Primeiro um projeto convocando no mais breve prazo as eleições de Paris, então um outro concedendo à Guarda Nacional a eleição dos seus chefes. Somente Millièr pensou nas contas comerciais vencidas, e propôs prolongá-las por seis meses.

Até então somente exclamações e insultos resmungados à meia voz haviam-se levantado contra Paris, mas nenhum ato formal de acusação fora proferido. Na sessão noturna um deputado preencheu esse requisito. Trochu efetuou uma surtida. Nessa cena monstruosa, a qual somente um Shakespeare poderia ter pintado, o homem lúgubre que havia gentilmente feito escorregar a grande cidade para as mãos de Wilhelm, lançou a sua própria traição na conta dos revolucionistas, acusando-os de ter trazido os prussianos quase uma dúzia de vezes para dentro de Paris. E a Assembléia, grata pelos seus serviços, pelo seu ódio, dando-lhe a merecida coroa, cobriu-o de aplausos. Um outro mais veio abanar as brasas desse rancor. Na noite anterior os Guardas Nacionais haviam prendido em um trem vindo de Orléans dois generais uniformizados. Um deles era Chanzy, desconhecido da multidão, que o tomou por d'Aurelles. Eles não podiam ser soltos sem risco de vida mas um deputado que os acompanhava, Turquet, foi posto em liberdade no ato. Acorrendo à Câmara ele descreveu o seu conto de fadas, afetando uma grande emoção ao falar de seus companheiros. *"Eu espero"*, disse o hipócrita, *"que eles não sejam assassinados."* Essa história foi acompanhada pelos furiosos urros da Assembléia.

Já na primeira sessão podia-se vislumbrar em que a luta entre Versalhes e Paris iria se transformar. Os conspiradores monárquicos, abandonando momentaneamente a sua quimera, lançaram-se ao trabalho mais urgente que tinham à mão: salvarem-se da Revolução. Eles cercaram o sr. Thiers e prometeram-lhe o seu apoio absoluto na tarefa de esmagar Paris. Dessa maneira esse Ministério, que numa verdadeira Assembléia Nacional teria sofrido um *impeachment*, tornou-se, a despeito desse crime, todo-poderoso. Mal recuperados do susto da sua precipitada fuga, o sr. Thiers e seus Ministros ousavam uma fanfarronada. E de fato, não acorreriam as províncias em seu socorro, como em junho de 1848? E proletários sem educação política, sem administração, sem dinheiro, como poderiam eles manobrar o barco do estado?

Em 1831 os proletários, senhores de Lyon, haviam fracassado em sua tentativa de auto-governarem-se, e o quanto era maior a dificuldade de Paris! Todos os novos poderes haviam até então herdado uma máquina administrativa em boa ordem, pronta para o vencedor. Em 20 de março o Comitê Central encontrou-a em frangalhos. A um sinal de Versalhes, a maioria dos funcionários abandonou os seus postos. Concessões, inspeção de vias públicas, iluminação, mercados, caridade pública, telégrafos, todo o aparato respiratório e digestivo de uma cidade de 1.600.000 almas, tudo precisava ser improvisado. Certos prefeitos haviam carregado os selos, os registros e o dinheiro de suas sedes. A intendência militar deixou doentes sem um tostão em hospitais e ambulâncias. O sr. Thiers tentara desorganizar até mesmo a administração dos cemitérios.

Pobre homem! que nunca soube nada sobre a nossa Paris, da sua força inesgotável, da sua maravilhosa elasticidade. O Comitê Central recebeu apoio de todos os lados. Os comitês distritais supriram a falta de pessoal nas prefeituras; muitos da pequena classe média emprestaram a sua experiência, e os mais importantes serviços eram acertados em um piscar de olhos por homens de bom senso e energia, que logo mostraram-se melhores do que os rotineiros burocratas. Os empregados que haviam permanecido em seus postos a fim de desviar fundos para Versalhes foram cedo descobertos e obrigados a fugir.

O Comitê Central superou uma dificuldade mais ameaçadora. Trezentas mil pessoas sem trabalho, sem recursos de qualquer tipo, estavam esperando pelas trinta moedas com as quais vinham vivendo nos últimos sete meses. No dia 19 Varlin e Jourde, delegados do departamento financeiro, tomaram posse desse Ministério. De acordo com os balanços entregues a eles, os cofres continham 4.600.000 francos; mas as chaves estavam em Versalhes e, em virtude dos esforços de conciliação então em curso, os delegados não ousaram arrombá-los. No dia seguinte eles foram pedir a Rothschild uma abertura de crédito em seu banco, e ele confirmou o adiantamento dos fundos. No mesmo dia o Comitê Central voltou ao assunto com mais insistência, e enviou três delegados ao banco para requerer os adiantamentos necessários.

Foi-lhes dito que um milhão fora colocado à disposição de Varlin e Jourde, que às seis da tarde foram recebidos pelo governador, M. Rouland. *"Eu esperava pela sua visita,"* disse ele, *"Na manhã após uma troca de governo, o banco sempre precisa encontrar dinheiro para os recém-chegados. Não é da minha conta julgar os acontecimentos; o Banco de França nada tem a ver com política. Vocês são um governo 'de facto,' e o banco vai adiantar-lhes um milhão para hoje. Apenas tenham a gentileza de mencionar no seu recibo que essa soma foi requisitada por conta da cidade de Paris."* Os delegados levaram um milhão em cédulas de dinheiro. Todos os empregados do Ministério das Finanças haviam desaparecido desde a manhã, mas com a ajuda de alguns amigos o dinheiro foi rapidamente dividido entre os agentes pagadores. Às dez horas os delegados puderam informar ao Comitê Central que o pagamento estava sendo distribuído em todos os distritos.

O banco agiu com prudência: o Comitê Central tinha Paris firmemente em suas mãos. Os prefeitos e deputados não haviam sido capazes de unir mais do que trezentos ou quatrocentos homens, apesar de terem encarregado o almirante Saisset de organizar a resistência. O Comitê estava tão seguro da sua força que mandou desmontar as barricadas. Todo mundo aderiu a ele, a guarnição de Vincennes rendeu-se espontaneamente com a fortaleza. A sua vitória era demasiado completa, pois isso era perigoso, obrigando-o a dispersar as suas tropas a fim de tomar posse das fortalezas abandonadas no sul. Lullier, encarregado dessa missão, tinha os fortes de Ivry, Bicêtre, Montrouge, Vanves e Issy ocupados nos dias 19 e 20. O último ao qual ele enviou a Guarda Nacional, Mont-Valérien, era a chave de Paris e, naquela época, também de Versalhes.

Por trinta e seis horas a inexpugnável fortaleza havia ficado vazia. Na noite do dia 18, após a ordem de evacuação, ela tinha para defendê-la apenas vinte mosquetes e alguns caçadores de Vincennes, lá internados como punição a um motim. Na mesma noite eles estouraram as trancas da fortaleza e retornaram a Paris.

Quando soube-se em Versalhes da evacuação de Mont-Valérien, generais e deputados rogaram ao sr. Thiers que a fizesse reocupar. Ele recusou-se obstinadamente, declarando que esse forte não tinha nenhum valor estratégico. Durante todo o dia 19 eles ainda não o tinham convencido. Afinal Vinoy por sua vez, instado por eles, conseguiu à uma da manhã do dia 20 arrancar uma ordem de Thiers. Uma coluna foi imediatamente despachada, e ao meio-dia mil soldados ocupavam a fortaleza. Somente à noite, às oito horas, apresentaram-se os batalhões de Ternes; o governador livrou-se facilmente dos seus oficiais. Lullier, ao fazer o seu relatório ao Comitê Central, disse que havia ocupado todos os fortes e chegou mesmo a nomear o batalhão que, segundo ele, estava então de posse de Mont-Valérien.

CAPÍTULO VI

*A idéia de ver um massacre enchia-me de dor
Jules Favre, Inquérito sobre o 4 de setembro*

OS PREFEITOS, OS DEPUTADOS, OS JORNALISTAS, A ASSEMBLÉIA UNEM-SE CONTRA PARIS A REAÇÃO MARCHA SOBRE A PRAÇA VENDÔME E É PUNIDA

No dia 21 a situação destacou-se em alto-relevo.

Em Paris - o Comitê Central, com ele todos os trabalhadores e todos os homens generosos e iluminados da pequena classe média. O Comitê disse, *"Não temos senão um objetivo - as eleições. Todos são bem-vindos a cooperar conosco, mas nós não deixaremos o Paço Municipal antes que elas tenham-se realizado."*

Em Versalhes - a Assembléia; - todos os monarquistas, toda a grande burguesia, todos os escravocratas. Eles berravam, *"Paris não passa de um rebelde, o Comitê Central uma quadrilha de bandidos."*

Entre Versalhes e Paris - alguns poucos deputados Radicais, todos os prefeitos, muitos adjuntos. Eles compreendem os burgueses Liberais, esse rebanho sagrado que faz todas as revoluções e permite que todos os impérios sejam feitos. Desprezados pela Assembléia, desdenhados pelo povo, eles gritam ao Comitê Central, *"Usurpadores!"* e à Assembléia, *"Vocês vão estragar tudo."*

O dia 21 é memorável, pois nele todas essas vozes fizeram-se ouvir.

O Comitê Central: *"Paris não tem qualquer intenção de separar-se da França; longe disso. Pela França ela aturou o Império e o Governo da Defesa Nacional, com todas as suas traições e defecções, certamente não para abandoná-la agora, mas somente para dizer-lhe como uma irmã mais velha: Sustenta-te como eu tenho-me sustentado; oponha-te à opressão como eu tenho feito."*

E o *Journal Officiel*, no primeiro daqueles artigos onde Moreau, Longuet e Rogeard comentaram sobre a nova revolução, disse: *"Os proletários da capital, em meio aos fracassos e traições das classes dominantes, entenderam que chegou a sua hora de salvar a situação, ao tomarem em suas próprias mãos a direção dos negócios públicos. Mal apossados do governo, eles apressaram-se em convocar o povo de Paris às urnas. Não há nenhum exemplo na história, de um governo provisório tão ansioso por livrar-se do seu mandato. Na presença de uma conduta tão desinteressada, pode-se bem perguntar como é possível encontrar uma imprensa tão injusta ao ponto de fazer chover sobre esses cidadãos a calúnia, a injúria e o insulto? Os trabalhadores, aqueles que produzem tudo e não desfrutam nada, serão eles para sempre expostos ao ultraje? A burguesia, que obteve a sua emancipação, não entende ela que agora a hora da emancipação do proletariado chegou? Por que então ela persiste em recusar ao proletariado a sua legítima quota?"*

Essa foi a primeira nota Socialista a soar no movimento. As revoluções parisienses nunca permanecem puramente políticas. A aproximação do estrangeiro, a abnegação dos trabalhadores, silenciaram no 4 de setembro todas as reivindicações sociais. Uma vez concluída a paz, os trabalhadores no poder, a sua voz iria naturalmente fazer-se ouvir. Como era justa essa queixa do Comitê Central! Que auto de acusação pôde o proletariado francês lavrar contra os seus senhores! E no 18 de março de 1871 não poderia o povo, fazendo maiores as suas grande palavras de 1848, dizer, *"Nós investimos oitenta anos de paciência a serviço do nosso país?"*

No mesmo dia o Comitê Central suspendeu a venda de objetos oferecidos em garantia a lojas de penhores, prorrogou em um mês o vencimento das contas devidas, e proibiu o despejo de locatários até segunda ordem. Em três linhas ele fez justiça, bateu Versalhes e ganhou Paris.

Por outro lado, os representantes e prefeitos diziam ao povo, *"Nada de eleição; é tudo com a melhor das intenções. Nós queríamos a manutenção da Guarda Nacional; nós a teremos. Nós queríamos que Paris recuperasse a sua liberdade municipal; nós a teremos. As suas reivindicações foram trazidas perante a Assembléia. A Assembléia 'as satisfêz' por um voto unânime, o qual garante as eleições municipais. Esperando por elas, as únicas eleições legais, nós declaramos que nos absteremos das eleições anunciadas para amanhã, e nós protestamos contra a sua ilegalidade."*

Um discurso triplamente mentiroso! A Assembléia não dissera uma só palavra sobre a Guarda Nacional; ela não prometera nenhuma liberdade municipal, e várias das assinaturas eram falsificadas.

A imprensa burguesa seguiu a banda. Desde o dia 19 os jornais Figaristas, apoiados pela polícia, pelo altar e pela alcova, as gazetas Liberais, pelas quais Trochu preparou a capitulação de Paris, não haviam cessado de cair em cima dos batalhões federais. Eles falavam de cofres públicos e propriedade privada sendo pilhados, de ouro prussiano jorrando pelos *faubourgs*, de provas documentais danosas aos membros do Comitê Central destruídas por eles. Os jornais Republicanos também descobriram ouro no movimento, mas ouro Bonapartista; e a melhor de todas, ingenuamente convencidos de que a República pertence a seus clientes, denunciam a ascensão do proletariado dizendo, *"Essas pessoas nos desonram."* Encorajados pelos prefeitos e pelos deputados, todos eles concordam em revoltar-se; e no dia 21, em uma declaração coletiva, pedem aos eleitores que considerem sem validade a convocação ilegal do Paço Municipal.

Ilegalidade! Assim a questão foi colocada pelos Legitimistas, duas vezes impostos a nós por baionetas estrangeiras; pelos Orléanistas, levados ao poder pelas barricadas; pelos bandidos de dezembro; até mesmo pelos exilados que voltaram para casa graças a uma insurreição. Como! Quando os burgueses, que fazem todas as leis, sempre agem ilegalmente, como deve

fazer o trabalhador, contra quem todas as leis são feitas?

Esses ataques dos prefeitos e dos deputados e da imprensa instigaram a coragem dos Heitores da reação. Por dois dias essa rale de fujões, que durante o cerco infestou os cafés de Bruxelas e o Haymarket de Londres, gesticulou nos boulevards chiques, exigindo ordem e *"trabalho"*. No dia 21, por volta das dez horas na praça de la Bourse, cerca de uma centena desses estranhos trabalhadores marcharam em volta da Bolsa de Valores, bandeiras no ar, e avançando ao longo dos boulevards aos gritos de *"Vive l'Assemblée!"* chegaram à praça Vendôme, gritando diante do estado-maior, *"Abaixo o Comitê!"* O comandante da praça, Bergeret, disse-lhes para enviarem delegados. *"Não, não!"* gritavam eles; *"nenhum delegado! Vocês vão assassiná-los!"* Os federais, perdendo a paciência, fizeram evacuar a praça. Os almofadinhas desordeiros marcaram um encontro para o dia seguinte em frente ao novo teatro da Ópera.

Àquela mesma hora a Assembléia fez a sua manifestação. A minuta de um discurso ao povo e ao exército, um emaranhado de mentiras e insultos a Paris, acabara de ser lida, e Millièrre tendo apontado que ela continha algumas expressões desafortunadas, seguiram-se os apupos. O pedido da Esquerda de ao menos concluir o discurso com as palavras *"Vive la République!"* foi freneticamente recusado por uma imensa maioria. Louis Blanc e o seu grupo, instando a Assembléia a examinar imediatamente o seu projeto de lei municipal e opor um voto às eleições que o Comitê anunciara para o dia seguinte, o sr. Thiers respondeu, *"Dê-nos tempo para estudar a questão."* *"Tempo!"* exclamou Clémenceau, *"não temos tempo a perder."* O sr. Thiers deu então àqueles parasitas uma lição bem merecida: *"De que serviriam concessões?"* disse ele. *"Que autoridade você tem em Paris? Quem o ouviria no Paço Municipal? Você acha que a adoção de um projeto irá desarmar o partido dos bandidos, o partido dos assassinos?"* Então ele pediu a Jules Favre que dissertasse sobre esse tema em deferência às províncias. Por uma hora e meia esse amargo seguidor de Guadet, girando em torno de Paris com as suas frases elaboradas, enredou-a com o seu veneno. Sem dúvida ele via-se novamente no 31 de outubro, quando o povo teve-o em seu poder e o perdoou, uma cruel lembrança para o seu ulcerado espírito. Ele começou lendo a declaração da imprensa, *"corajosamente escrita,"* disse ele, *"sob a faca dos assassinos."* Ele falou de Paris como se sob o poder de *"um punhado de patifes, colocando acima do direito da Assembléia não sei qual sangrento e ávido ideal."* Então, humildemente suplicando aos monarquistas e Católicos: *"O que eles querem,"* gritou ele, *"o que eles realizaram, é uma tentativa dessa perniciosa doutrina que em filosofia pode ser chamada individualismo e materialismo, e que em política significa a República colocada acima do sufrágio universal."* A esse detalhamento idiota a Assembléia irrompeu em uma torrente de aplausos. *"Esses novos doutores,"* continuou ele, *"têm a pretensão de separar Paris da França. Mas que os insurgentes saibam uma coisa: se deixamos Paris, foi com a intenção de retornar a fim de combatê-los resolutamente"* (Bravo! bravo!) Então suscitando o pânico daqueles rurais que a qualquer momento esperavam ver os batalhões federais caindo sobre eles: *"Se alguns de vocês caírem nas mãos desses homens, que apenas usurparam o poder pela causa da violência, do homicídio e do roubo, a sina das desafortunadas vítimas da sua ferocidade será também sua."* E finalmente, falsificando, melhorando com feroz habilidade um mau artigo do *Journal Officiel* sobre a execução dos generais: *"Chega de contemporização. Por três dias eu combati as exigências de um vitorioso que desejava desarmar a Guarda Nacional. Eu peço perdão por isso a Deus e aos homens."* Cada novo insulto, cada banderilla cravada na carne de Paris, arrancava da Assembléia enlouquecidos hurrahs. O almirante Saisset batia o pé, enfatizando certas frases do orador com as suas roucas interjeições. Animado pela excitação da platéia, Jules Favre redobrava a sua invectiva. Desde a Gironda, desde a praga de Isnard, Paris não se submetera a tal imprecisão. O próprio Langlois, não aguentando mais, exclamou, *"Oh, é ultrajante, atroz falar desse jeito!"* E quando Jules Favre concluiu, implacável, impassível, o canto da boca espumando: *"A França não se rebaixará ao nível sangrento dos canalhas que oprimem a capital,"* toda a Assembléia ergueu-se alucinada. *"Vamos apelar às províncias,"* cacarejavam os rurais. E Saisset: *"Sim, vamos convocar as províncias e marchar sobre Paris."* Em vão uns dos deputados do Sena adjurou a Assembléia a não deixá-los voltar a Paris de mãos vazias. Essa grande burguesia, que acabara de renunciar à sua honra, fortuna, e ao território da França em favor dos prussianos, tremia de cólera ao mero pensamento de conceder qualquer coisa a Paris.

Depois dessa cena horrível, os deputados Radicais não encontraram nada melhor a fazer do que emitir um lacrimoso discurso convidando Paris a ter paciência. O Comitê Central foi obrigado a adiar as eleições até o dia 23, pois várias prefeituras pertenciam ao inimigo; mas no dia 22 ele avisou aos jornais que a provocação à revolta seria severamente reprimida.

Reanimados pelo discurso de Jules Favre, os toureiros da reação subestimaram esse aviso como uma bravata vazia. No dia 22 ao meio-dia eles aglomeraram-se na praça da nova Ópera. À uma hora eles somavam um milhar de janotas, fidalgotes e jornalistas, familiares notórios do Império, que marchavam pela rua de la Paix abaixo aos gritos de "*Viva a ordem!*" O seu plano era, sob o manto de uma manifestação pacífica, forçar a praça Vendôme e expulsar os Federados de lá; então, senhores da prefeitura do 1º distrito, de metade do 2º e de Passy, eles teriam cortado Paris em duas e ameaçado o Paço Municipal. O almirante Saisset os seguia.

Diante da rua Neuve St. Augustin os homens dessa manifestação pacífica desarmaram e maltrataram dois sentinelas destacados da Guarda Nacional. Vendo isso, os Federados da praça Vendôme tomaram os seus mosquetes e acorreram em marcha ordenada ao topo da rua Neuve des Petits-Champs. Eles eram apenas 200, toda a guarnição da praça; os dois canhões apontados para a rua de la Paix não tinham cartuchos. Os reacionários logo toparam com a primeira linha com o grito, "*Abaixo o Comitê! Abaixo os assassinos!*" agitando uma bandeira e seus lenços, enquanto alguns deles estenderam as mãos para arrebataram os mosquetes. Dois membros do Comitê posicionados na primeira fileira, Bergeret e Maljournal, conclamaram os desordeiros a se retirarem. Gritos furiosos de "*Covardes! Bandidos!*" cobriram as suas vozes, e espadas e bengalas foram apontadas a eles. Bergeret fez um sinal para os tambores. Por uma dúzia de vezes o rufar de convocação foi feito e repetido. Durante vários minutos somente o som dos tambores foi ouvido, com gritos selvagens entre os intervalos. Os elementos posicionados à retaguarda da manifestação empurraram os que estavam na frente, e tentaram irromper através das linhas dos Federados. Finalmente, desesperando-se sem dúvida de não prevalecerem com meras bravatas, os insurgentes acionaram os seus revólveres; dois guardas foram mortos e sete ficaram feridos; Maljournal foi atingido na coxa.

Os mosquetes dos guardas dispararam, por assim dizer, espontaneamente. Uma rajada e um grito terrível, tornado ainda mais sinistro pelo silêncio que se seguiu. Em questão de segundos a abarrotada rua de la Paix foi esvaziada. Sobre a calçada deserta, salpicada de revólveres, espadas, bengalas e chapéus, jazia cerca de uma dúzia de corpos. Se os Federados tivessem apontado apenas para o coração do inimigo teria havido 200 mortos, pois nessa massa compacta nenhum tiro teria sido perdido. Os insurgentes mataram um dos seus, o visconde de Molinat, que estava na linha de frente e tombou de rosto no chão com uma bala na nuca. Em seu corpo foi encontrado um punhal pendurado a uma correntinha. Uma bala marota encontrou o traseiro do editor-chefe do *Paris Journal*, o Bonapartista De Pène, um dos mais abjetos caluniadores do movimento.

Os fujões atravessaram Paris gritando, "*Homicídio!*" As lojas dos boulevards foram fechadas e a praça de la Bourse encheu-se de grupos raivosos. Às quatro horas algumas das companhias reacionárias apareceram, resolutas e em boa ordem, mosquetes ao ombro, e tomaram posse do quarteirão da Bolsa.

Às três horas Versalhes ficou sabendo do ocorrido. A Assembléia acabara de rejeitar o projeto de conselho municipal proposto por Louis Blanc, e Picard estava lendo um outro recusando toda justiça a Paris, quando a notícia chegou. A Assembléia precipitadamente suspendeu a sessão; os Ministros pareciam aturdidos.

Toda a sua bazófia da noite anterior tivera o único objetivo de assustar Paris, de encorajar os homens da ordem, e provocar um golpe de força. O incidente ocorrera, mas o Comitê Central triunfara. Pela primeira vez o sr. Thiers começava a acreditar que esse Comitê, capaz de reprimir uma desordem, poderia afinal de contas ser um Governo.

As notícias da noite foram mais confortadoras. A fuzilaria parecia ter despertado os "*homens da ordem*". Eles estavam afluindo para a praça de la Bourse. Um grande número de oficiais recém-retornados da Alemanha vieram oferecer a sua ajuda. As companhias reacionárias estavam se estabelecendo solidamente na prefeitura do 9º distrito e reocupando a do 6º, desalojando os Federados da estação de St. Lazare, guardando todos os acessos aos quarteirões ocupados e forçosamente prendendo os transeuntes. Eles formavam uma cidade dentro da cidade. Os prefeitos estavam constituindo um comitê permanente na prefeitura do 2º distrito. A sua resistência dispunha agora de um exército.

CAPÍTULO VII

O COMITÊ CENTRAL TRIUNFA SOBRE TODOS OS OBSTÁCULOS E OBRIGA OS PREFEITOS A CAPITULAR

O Comitê Central mostrou estar à altura da ocasião. As suas proclamações, os seus artigos Socialistas no *Officiel*, a truculência dos prefeitos e deputados, haviam enfim reunido à sua volta todos os grupos revolucionários. Ele havia também recebido entre seus membros alguns homens que as massas conheciam melhor. Por sua ordem a praça Vendôme foi protegida por barricadas; os batalhões do Paço Municipal foram reforçados; patrulhas bem armadas percorriam os boulevards próximos aos postos reacionários das ruas Vivienne e Drouot. Graças a tudo isso, a noite transcorreu tranquila.

Como as eleições do dia seguinte haviam-se tornado impossíveis, o Comitê declarou que elas poderiam ter lugar somente no dia 26, e disse a Paris: *"Excitada pelos prefeitos e deputados da cidade, a reação declarou guerra contra nós. Nós devemos aceitar a luta e quebrar essa resistência."* Ele anunciou que iria intimar à sua presença todos os jornalistas que estiveram difamando o povo. Ele enviou um batalhão de Belleville para reocupar a prefeitura do 6º, e nomeou delegados para substituírem os prefeitos e adjuntos do 3º, 10º, 11º, 12º e 18º distritos, apesar dos seus protestos. Clémenceau escreveu que cedera à força, mas que não recorreria ele próprio à força. Uma atitude um tanto magnânima, sabendo-se que toda a sua força limitava-se a ele próprio e a seu adjunto. Os Federados instalaram-se em Batignolles sobre as linhas férreas e pararam os trens, impedindo assim a ocupação da estação St. Lazare. Por fim, o Comitê prosseguiu com uma ação enérgica contra a Bolsa.

A reação contava fazer o Comitê capitular pela fome. O milhão da segunda-feira fora-se; um segundo havia sido prometido. Na manhã da terça-feira Varlin e Jourde, ao ir buscar uma parcela, receberam apenas ameaças. Eles escreveram ao governador: *"Matar o povo de fome, tal é o objetivo de um partido que se diz honesto. A fome não desarma ninguém; ela só vai encorajar a devastação. Nós aceitamos a luva que foi arremessada a nós."* E sem dignar-se a tomar qualquer conhecimento dos fanfarrões da Bolsa, o Comitê enviou dois batalhões ao banco, que foi obrigado a ceder.

Ao mesmo tempo o Comitê nada negligenciou no sentido de tranquilizar Paris. Numerosos homens sob liberdade condicional estavam soltos pela cidade. O Comitê denunciou-os à vigilância da Guarda Nacional, e afixou sobre as portas do Paço Municipal, *"Todo indivíduo flagrado no ato de furtar será fuzilado."* A polícia de Picard havia fracassado em por um fim à jogatina que todas as noites desde o cerco vinha obstruindo as ruas; uma única ordem do Comitê bastou. O grande espantinho dos reacionários eram os prussianos, e Jules Favre havia anunciado que eles logo interviriam. O Comitê publicou os despachos que trocou com o comandante de Compiègne a esse respeito: *"As tropas alemãs permanecerão passivas enquanto Paris não assumir uma atitude hostil."* O Comitê respondera com grande dignidade: *"A Revolução cumprida em Paris tem um caráter essencialmente municipal. Nós não estamos qualificados a discutir as preliminares de paz votadas pela Assembléia."* Paris não tinha portanto nenhuma ansiedade nessa frente.

A única perturbação provinha dos prefeitos. Autorizados pelo sr. Thiers, eles apontaram como chefe dos Guardas Nacionais o almirante Saisset, o maluco da sessão do dia 21, dando-lhe Langlois e Schoelcher como coadjutores, e empreendiam todo esforço para atrair Guardas Nacionais à praça da Bolsa, onde era distribuído o pagamento devido aos guardas das prefeituras invadidas. Muitos vinham apenas para recolher o pagamento, não para lutar. Os próprios chefes começaram a ficar divididos entre si. Os mais raivosos certamente falavam em varrer tudo à sua frente. Estes eram Vautrain, Dubail, Denormandie, Degouve-Denuncques e Héligon, um ex-trabalhador, um sujeito indolente, admitido ao contingente da criadagem burguesa e presunçoso como outros lacaios. Mas muitos outros sinalizavam e pensavam em conciliação, especialmente a partir do momento em que alguns deputados e adjuntos - Millière, Malon, Dereure e Jaclard - haviam-se retirado da união de prefeitos, expondo assim ainda mais o seu caráter francamente reacionário. Finalmente alguns prefeitos sem nada na cabeça, ainda acreditando que a Assembléia precisava apenas de esclarecimento, improvisaram uma cena melodramática.

Eles chegaram a Versalhes no dia 23 no momento em que os rurais, mais uma vez recobrando a sua coragem, faziam um apelo às províncias para que marchassem sobre Paris. Com a mais solene atitude esses prefeitos fizeram a sua aparição perante a tribuna do presidente,

engalanados com as suas faixas oficiais. A Esquerda aplaudiu gritando, "*Vive la République!*" Os *Lamourettes* retornaram o cumprimento. Mas a Direita e o Centro gritaram "*Vive la France! Ordem! Ordem!*" e com punhos cerrados interpelaram os deputados da Esquerda, que ingenuamente responderam, "*Vocês insultam Paris!*" ao que os outros replicaram, "*Vocês insultam a França!*" e deixaram a Casa. À noite Arnaud de l'Ariège, um deputado que também era prefeito, leu da tribuna a declaração que eles haviam trazido e concluiu dizendo, "*Estamos à beira de uma horrível guerra civil. Não há senão um meio de preveni-la - fixando a eleição do comandante-em-chefe da Guarda Nacional para o dia 28, e a do conselho municipal para o 3 de abril.*" Essas proposições foram encaminhadas ao Comitê.

Os prefeitos voltaram para casa indignados. Um despacho da noite anterior já havia inquietado Paris. O sr. Thiers anunciou às províncias que os Ministros Bonapartistas Rouher, Chevreau e Boitelle, presos pelo povo de Boulogne, haviam sido protegidos, e que o marechal Canrobert, um dos cúmplices de Bazaine, havia oferecido os seus serviços ao Governo. O insulto infligido aos prefeitos irritou toda a classe média, e inspirou uma súbita mudança em seus jornais Republicanos. Mesmo os Moderados começaram a esperar o pior de Versalhes.

O Comitê Central tirou vantagem dessa mudança de opinião. Tendo acabado de ser informado da proclamação da Comuna em Lyon, ele falou de forma ainda mais clara em seu manifesto do dia 24. "*Alguns batalhões, desencaminhados por seus chefes reacionários, têm pensado ser seu dever obstruir os nossos movimentos. Alguns prefeitos e deputados, esquecendo os seus mandatos, têm encorajado essa resistência. Nós contamos com a sua coragem para o cumprimento da nossa missão. É argumentado que a Assembléia promete-nos em um futuro indefinido a eleição do conselho municipal e a de nossos chefes, e que conseqüentemente a nossa resistência não deve prolongar-se. Nós já fomos enganados um número suficiente de vezes para ser tapeados de novo; a mão esquerda tomará de volta aquilo que foi dado pela direita. Vejam o que o Governo já fez. Na Câmara, pela voz de Jules Favre, ele tem insuflado uma terrível guerra civil, convocou as províncias a destruir Paris, e cobriu-nos com as mais odiosas calúnias.*"

Tendo falado, o Comitê agora agiu e nomeou três generais - Brunel, Duval e Eudes. Ele teve de por sob confinamento o bêbado Lullier que, assistido por um estado-maior de traidores, havia na noite anterior permitido que todo um regimento do exército acampado no Luxembourg deixasse Paris com armas e bagagem. Agora sabia-se também que Mont-Valérien fora perdido por sua culpa.

Os generais fizeram uma profissão inequívoca: "*O tempo para o parlamentarismo esgotou-se. Nós precisamos agir. Paris deseja ser livre. A grande cidade não permitirá que a ordem pública seja perturbada com impunidade.*"

Isso era um recado direto ao campo da Bolsa que, além do mais, estava encolhendo visivelmente. As deserções a ele multiplicavam-se a cada sessão dos rurais. Mulheres vinham buscar os seus maridos. Os oficiais Bonapartistas, exagerando em suas promessas, irritavam os Republicanos moderados. O programa dos prefeitos - submissão a Versalhes - desencorajava a classe média. O estado-maior desse confuso exército fora imprudentemente estabelecido no Grand Hôtel. Lá sentava-se o trio maluco - Saisset, Langlois e Schoelcher - que, da extrema confiança inicial caíra em um estado de profundo desânimo. O mais doido deles, Saisset, meteu-se a anunciar através de cartazes que a Assembléia havia concedido o reconhecimento pleno da franquia municipal, a eleição de todos os oficiais da Guarda Nacional incluindo o comandante-em-chefe, modificações na lei das contas comerciais vencidas e uma lei de aluguéis favorável aos locatários. Esse gigantesco engodo só servia para mistificar Versalhes.

Passando à iniciativa, o Comitê ordenou a Brunel a tomada das prefeituras do 1º e do 2º distritos. Com 600 homens de Belleville e duas peças de artilharia, e acompanhado por dois delegados do Comitê, Lisbonne e Protot, Brunel apresentou-se às três horas diante da prefeitura do Louvre. As companhias burguesas assumiram um ar de resistência. Brunel fez avançar os seus canhões, e a passagem foi-lhe imediatamente aberta. Ele declarou aos adjuntos, Meline e Ad. Adams, que o Comitê procederia às eleições tão logo quanto possível. Intimidados, os adjuntos mandaram pedir à prefeitura do 2º distrito autorização para negociar. Dubail respondeu-lhes que as eleições poderiam ser prometidas para 3 de abril. Brunel insistiu em apontar o 30 de março. Os adjuntos aquiesceram. Os Guardas Nacionais dos dois campos

saudaram esse acordo com aclamações entusiásticas e, cerrando fileiras, marcharam juntos para a prefeitura do 2º distrito. Na rua Montmartre algumas poucas companhias do exército da Bolsa tentaram barrar-lhes o caminho mas ao ouvirem-nos dizer "*A paz está feita,*" deixaram-nos passar. Na prefeitura do 2º distrito, Schoelcher, que presidia à reunião dos prefeitos, Dubail e Vautrain resistiram, recusando-se a ratificar a convenção e insistindo na data de 3 de abril. Mas a grande maioria dos seus colegas aceitou o 30 de março, e a eleição do comandante-em-chefe da Guarda Nacional para o 3 de abril. Uma imensa ovação saudou as boas novas e os batalhões populares, saudados pelos batalhões burgueses, desfilaram pela rua Vivienne e pelos boulevards arrastando consigo os seus canhões, montados sobre os quais iam moleques com ramos verdes nas mãos.

O Comitê Central não podia aceitar essa transação. Por duas vezes ele havia adiado as eleições. Postergá-las de novo teria dado a certos prefeitos cinco dias para conspirarem e fazer o jogo de Versalhes. Além do quê, os batalhões Federados estavam de pé desde o dia 18 e estavam realmente fatigados. Ranvier e Arnold nessa mesma noite foram à prefeitura do 2º distrito para dizer que o Paço Municipal aderiria à data do dia 26 para as eleições. Os prefeitos e adjuntos, muitos dos quais tinham o único propósito, como confessaram mais tarde, de ganhar tempo, denunciaram uma quebra de palavra. Os delegados protestaram, pois Brunel não tinha outro mandato senão ocupar as prefeituras. Por várias horas tudo foi tentado para dobrar os delegados mas eles resistiram, e saíram de lá às duas da manhã sem que se chegasse a qualquer conclusão. Após a sua partida os mais intratáveis discutiram as chances de resistência. O irreprimível Dubail escreveu uma chamada às armas, enviou-a à gráfica e passou toda a noite com o seu fiel Héligon transmitindo ordens aos chefes de batalhão e guarnecendo a prefeitura com metralhadoras.

Enquanto eles estavam assim determinados à resistência, os rurais julgavam-se traídos. A cada dia eles ficavam mais nervosos, privados do seu conforto, obrigados a acampar nos salões do castelo de Versalhes, expostos a todos os ventos e a todos os pânicos. Sentiam-se aborrecidos com a incessante interferência dos prefeitos, e estavam atordoados com a proclamação de Saisset. Eles desconfiavam que o sr. Thiers estava flertando com a insurgência, que o "*pequeno-burguês,*" como ele hipocritamente chamava a si próprio, queria tapear os monarquistas e, usando Paris como alavanca, derrubá-los. Eles falavam em removê-lo e apontar como comandante-em-chefe um dos d'Orléans, Joinville ou d'Aumale. O seu complô poderia ter-se materializado na sessão noturna, quando a proposição dos prefeitos seria lida. O sr. Thiers esteve antecipadamente com eles, implorou à Assembléia que adiasse a discussão, acrescentando que uma palavra impensada poderia custar rios de sangue. Grévy tergiversou pela sessão em dez minutos. Mas o rumor de um complô vazou para o exterior.

O sábado foi o último dia da crise. O Comitê Central ou os prefeitos, um dos dois tinha que desaparecer. Naquela precisa manhã o Comitê afixou um cartaz: "*O transporte de metralhadoras para a prefeitura do 2º distrito compele-nos a manter a nossa resolução. A eleição terá lugar no dia 26 de março.*" Paris, que julgara a paz concluída, e pela primeira vez em cinco dias passara uma noite tranquila, ficou muito enraivecida ao ver os prefeitos recomeçarem a porfia. A idéia da eleição havia amadurecido em todos os estratos e muitos jornais haviam-se declarado por ela, mesmo entre aqueles que assinaram o protesto do dia 21. Ninguém conseguia entender essa querela por causa de uma data. Uma irresistível corrente de fraternização contagiava toda a cidade. As fileiras dos duzentos ou trezentos soldados da ordem que haviam permanecido fiéis a Dubail encolhiam a cada minuto, deixando o almirante Saisset sozinho com a sua proclamação no deserto do Grand Hôtel. Os prefeitos já não tinham um exército quando, às dez horas, Ranvier veio pedir-lhes a sua decisão final. A sua disputa esquentou quando alguns deputados de Paris retornando de Versalhes trouxeram a notícia de que o duque d'Aumale fora proclamado tenente-general. Vários prefeitos e adjuntos finalmente compreenderam então que a República estava em jogo e, convencidos da sua impotência, capitularam. A minuta de um cartaz foi redigida para ser assinada pelos prefeitos, deputados e - em nome do Comitê Central - pelos dois delegados Ranvier e Arnold. O Comitê deseja assinar *em massa* e modificou o texto ligeiramente, dizendo, "*O Comitê Central, em torno do qual os deputados de Paris, os prefeitos e adjuntos se uniram, convoca...*" A essa altura alguns dos prefeitos, atentos a um pretexto, levantaram-se exclamando, "*A nossa convenção não foi essa; nós dissemos os deputados, os prefeitos, os adjuntos e os membros do Comitê...*;" e, sob o risco de reacender as cinzas, fizeram um cartaz de protesto. Contudo o Comitê bem poderia ter perguntado, "*Quem uniu-se a quem?*", sabendo-se que não cedera em nenhum ponto. Entretanto, Paris desconsiderou os trapaceiros. O almirante Saisset teve de debandar os

quatro homens que ainda permaneciam com ele. Tirard estimulou em um cartaz os eleitores a votar; pois o sr. Thiers nessa mesma manhã havia-lhe dado a dica, *"Não continue essa resistência inútil. Eu estou reorganizando o exército. Eu espero ter em duas ou três semanas a força necessária para liberar Paris."*

Somente cinco deputados assinaram o discurso para a eleição, Lockroy, Floquet, Clémenceau, Tolain e Greppo; o resto do grupo de Louis Blanc vinha mantendo uma atitude de indiferença face a Paris por vários dias. Esse fracotes, tendo cantado a vida inteira as glórias da Revolução, fugiram assustados quando ela ergueu-se à sua frente, como o pescador árabe à aparição do gênio.

Com esses mandarins da tribuna da história e do jornalismo, mudos e sem vida, contrastam estranhamente os filhos da multidão, obscuros, mas ricos em vontade, fé e eloquência. O seu discurso de despedida foi digno do seu advento: *"Não esqueçam que os homens que melhor os servirão são aqueles que vocês escolherem entre vocês mesmos, vivendo a sua vida, sofrendo os mesmos males. Desconfie dos ambiciosos tanto quanto dos carreiristas. Cuidado também com os meros faladores. Evite aqueles a quem a fortuna favoreceu, pois só muito raramente tende o opulento a considerar o trabalhador como um irmão. Dê a sua preferência àqueles que não pedem o seu voto. O mérito verdadeiro é modesto, e é uma tarefa do trabalhador descobrir quais são os dignos, e não destes de se apresentarem."*

Eles podiam de fato *"descer as escadas do Paço Municipal de cabeça erguida,"* esses homens obscuros que haviam ancorado com segurança a revolução de 18 de março. Nomeados apenas para organizar a Guarda Nacional, atirados ao topo de uma revolução sem precedentes e sem guias, eles haviam sido capazes de resistir aos impacientes, suprimir a desordem, restabelecer os serviços públicos, abastecer Paris, frustrar intrigas, tirar vantagem de todas as asneiras de Versalhes e dos prefeitos e, acossados de todos os lados, a todo momento sob o risco de uma guerra civil, souberam negociar, agir na hora e no lugar certo. Eles haviam incarnado a tendência do movimento, limitado o seu programa a reivindicações comunais, e conduziram a população inteira à urna. Eles haviam inaugurado uma precisa, vigorosa e fraterna linguagem desconhecida de todos os poderes burgueses.

E contudo eles eram homens obscuros, todos com uma educação incompleta, alguns deles fanáticos. Mas o povo pensava com eles. Paris era o braseiro, o Paço Municipal a chama. No Paço Municipal, onde ilustres burgueses só haviam empilhado tolice sobre derrota, esses recém-chegados encontraram a vitória por que escutaram Paris.

Que os seus serviços absolvam-nos de duas faltas graves - permitir a fuga do exército e dos funcionários, e a retomada de Mont-Valérien por Versalhes. Tem sido dito que no dia 19 ou 20 eles deveriam ter marchado sobre Versalhes. Mas ao primeiro alarme estes teriam fugido para Fontainebleau, com a Administração e a Esquerda, tudo o que precisavam para governar e iludir as províncias. A ocupação de Versalhes serviria apenas para deslocar o inimigo, e não seria por muito tempo, pois os batalhões populares eram mal supridos demais, mal comandados demais, para defender ao mesmo tempo essa cidade aberta e Paris.

Todos os eventos considerados, o Comitê Central legou a seus sucessores todos os meios necessários para desarmar o inimigo.

CAPÍTULO VIII

Uma porção considerável da população e da guarda nacional de Paris solicita o concurso dos departamentos para o restabelecimento da ordem
Circular do sr. Thiers aos Governadores, em 27 de março

PROCLAMAÇÃO DA COMUNA

Aquela semana chegou ao fim com o triunfo de Paris. Paris novamente retomou o seu papel de capital da França, novamente tornou-se o iniciador nacional. Pela décima vez desde 1789 os trabalhadores puseram a França no caminho correto.

As baionetas da Prússia haviam posto a nu o nosso país, tal qual oitenta anos de dominação burguesa haviam-no deixado - um Golias à mercê do seu condutor.

Paris rompeu os mil grilhões que mantinham a França presa ao solo, como Gulliver presa das formigas; restaurou a circulação dos seus membros paralisados; disse, *"A vida da nação inteira reside em cada um dos seus menores organismos; a unidade da colméia, e não aquela dos quartéis. A célula orgânica da República Francesa é a municipalidade, a comuna."*

O Lázaro do Império e do cerco ressucitou, tendo rasgado o lençol da sua frente e sacudido o seu sudário, estava prestes a começar uma nova existência, com as regeneradas Comunas da França em seu rastro. Essa nova vida deu a toda Paris um aspecto jovial. Aqueles que haviam-se desesperado um mês antes estavam agora cheios de entusiasmo. Estranhos abordavam uns aos outros e apertavam as mãos. Pois de fato não éramos estranhos, mas unidos pela mesma fé e pelas mesmas aspirações.

Domingo 28 foi um dia de júbilo e de sol. Paris respirava de novo, feliz como alguém que por pouco escapou da morte ou de um grande perigo. Em Versalhes as ruas pareciam lúgubres, gendarmes ocupavam a estação, exigiam passaportes com brutalidade, confiscavam todos os jornais de Paris, e à menor expressão de simpatia pela cidade prendiam você. Em Paris todos podiam entrar livremente. As ruas fervilhavam de gente, os cafés estavam barulhentos; o mesmo garoto apregoava o *Paris Journal* e o *Commune*; os ataques contra o Paço Municipal, o protesto de uns poucos descontentes, dividiam as paredes lado a lado com os cartazes do Comitê Central. O povo estava sem raiva, por que sem medo. A cédula eleitoral havia substituído o fuzil.

O projeto de Picard somente dava a Paris sessenta conselheiros municipais, três para cada distrito, fosse qual fosse a sua população. Assim os 150.000 habitantes do 11º distrito tinham o mesmo número de representantes que os 45.000 do 16º. O Comitê Central decretou que haveria um conselheiro para cada 20.000 habitantes, e para cada fração de 10.000; noventa ao todo. As eleições seriam conduzidas com as listas de fevereiro e na forma usual; apenas o Comitê havia expressado o desejo de que no futuro o voto aberto deveria ser considerado o único modo digno dos princípios democráticos. Todos os *faubourgs* obedeceram, e deram um voto aberto. Os eleitores do bairro St. Antoine formaram longas colunas e, com uma bandeira vermelha à frente, as suas cédulas presas no chapéu, desfilaram diante da coluna da Bastilha, e na mesma ordem marcharam até as suas seções.

A adesão e convocação dos prefeitos tendo dissipado todo escrúpulo, também fez os bairros burgueses votarem. As eleições tornaram-se legais, já que plenipotenciários do Governo haviam dado o seu consentimento. Duzentos e oitenta e sete mil homens votaram, relativamente um número muito maior do que nas eleições de fevereiro; pois desde a abertura dos portões após o cerco, uma grande parte das classes abastadas havia acorrido às províncias para revigorar a sua saúde.

As eleições foram conduzidas de uma maneira digna de um povo livre. Nos acessos às seções, nenhuma polícia, nenhuma intriga. E contudo o sr. Thiers ousou telegrafar às províncias: *"As eleições acontecerão hoje sem liberdade e sem autoridade moral."* A liberdade foi tão absoluta que em toda Paris nem um só protesto ocorreu.

Os jornais moderados até mesmo louvaram os artigos do *Officiel*, nos quais o delegado Longuet descrevia o papel da futura Assembléia Comunal: *"Acima de tudo, ela deve definir o seu mandato, fixar os limites dos seus atributos. A sua primeira tarefa deve ser a discussão e a redação da sua Carta. Feito isso, ela deve considerar os meios de ter esse estatuto de autonomia municipal reconhecido e garantido pelo poder central."* A lisura, a prudência, a moderação que marcou todos os atos oficiais estava começando a comover os mais empedernidos. Somente o ódio de Versalhes não se abatia. No mesmo dia o sr. Thiers exclamou da tribuna, *"Não, a França não permitirá o triunfo dos patifes que a afogariam em sangue."*

No dia seguinte 200.000 *"patifes"* vieram ao Paço Municipal para lá instalar os representantes que escolheram, ao rufar dos tambores dos batalhões, as bandeiras coroadas pelo barrete frígio e com franjas vermelhas em torno dos mosquetes; as suas fileiras, inchadas por soldados de linha, artilheiros e *marins* fiéis a Paris, desceram de todas as ruas à praça de Grève como os mil riachos de um grande rio. No meio do Paço Municipal, contra a porta central, uma vasta plataforma foi erigida. Acima dela erguia-se o busto da República, um lenço vermelho enlaçado à sua volta. Imensas flâmulas batiam contra o frontão e o campanário, como línguas de fogo

anunciando as boas novas à França. Cem batalhões enchiam a praça com suas baionetas acesas pelo sol em frente ao Paço Municipal. Os outros batalhões que não puderam entrar na praça alinhavam-se nas ruas até o boulevard de Sebastopol e os cais. As bandeiras estavam agrupadas em frente à plataforma, algumas tricolores, todas com borlas vermelhas, simbolizando o advento do povo. Enquanto a praça enchia-se, canções irromperam no ar, as bandas tocaram a *Marseillaise* e o *Chant du Départ*, clarins soaram a carga, e os canhões da velha Comuna trovejaram sobre o cais.

Subitamente o ruído diminuiu. Os membros do Comitê Central e da Comuna, seus lenços vermelhos sobre os ombros, apareceram sobre a plataforma. Ranvier disse, "*Cidadãos, meu coração está demasiado cheio de júbilo para que eu possa fazer um discurso. Permitam-me apenas agradecer ao povo de Paris pelo grande exemplo que deram ao mundo.*" Um membro do Comitê anunciou os nomes dos eleitos. Os tambores soaram uma saudação, as bandas e duzentas mil vozes entoaram a *Marseillaise*. Ranvier, em um intervalo de silêncio, exclamou, "*Em nome do Povo a Comuna está proclamada!*"

Um eco multiplicado por mil respondeu, "*Vive la Commune!*" Bonés foram atirados às pontas das baionetas, bandeiras tremulavam no ar. Das janelas, sobre os telhados, milhares de mãos agitavam lenços. Os rápidos estampidos dos canhões, as bandas, os tambores, fundiam-se em uma formidável vibração. Todos os corações saltavam de alegria, todos os olhos encheram-se de lágrimas. Jamais desde a grande Federação estivera Paris assim comovida.

A ocupação do espaço foi administrada de forma muito inteligente por Brunel que, tendo primeiro feito evacuar a praça, trouxe os batalhões que estavam de fora, todos igualmente ansiosos em aclamar a Comuna. Diante do busto da República as bandeiras eram baixadas, os oficiais saudavam com os seus sabres, os homens erguiam os mosquetes. Somente às sete horas pôde a última procissão passar.

Os agentes do sr. Thiers retornaram em desalento para contar-lhe, "*Foi realmente Paris inteira que tomou parte na manifestação.*" E o Comitê Central bem poderia exclamar com entusiasmo, "*Hoje Paris abriu uma nova página no livro da história, e lá inscreveu o seu poderoso nome. Que os espiões de Versalhes, que rondam à nossa volta, vão e digam a seus mestres o que o movimento comum de uma população inteira significa. Que esses espiões carreguem de volta com eles a imagem do magnífico espetáculo de um povo recuperando a sua soberania.*"

Esse relâmpago teria feito ver o cego. 287.000 votantes, 200.000 homens com a mesma divisa. Esse não era um comitê secreto, um punhado de desordeiros e bandidos facciosos, como havia sido dito por dez dias. Aqui estava uma imensa força a serviço de uma idéia definida - independência Comunal, a vida intelectual da França - uma inestimável força nesses tempos de anemia universal, uma dádiva tão preciosa quanto a bússola recuperada do naufrágio que salva os sobreviventes. Esse foi um daqueles pontos críticos da história em que um povo pode ser remodelado.

Liberais, se foi de boa fé que vocês clamaram pela descentralização sob o Império; Republicanos, se vocês entenderam junho de 1848 e dezembro de 1851; Radicais, se vocês realmente desejam o auto-governo do povo, escutem essa nova voz, valham-se dessa maravilhosa oportunidade.

Mas o prussiano! Que importância tem isso? Por que não forjar armas sob o olhar do inimigo? Burgueses, não foi sob as vistas do estrangeiro que o seu ancestral Étienne Marcel tentou refazer a França? E a sua Convenção, a primeira vez em que agiu, não foi em pleno olho do furacão?

O que respondem eles? Morte a Paris!

O sol vermelho da discórdia civil faz derreter o verniz e todas as máscaras. Lá estão eles lado a lado como em 1791, 1794 e 1848, Monarquistas, Clericais, Liberais, Radicais, todos eles, as suas mãos erguidas contra o povo - um exército em diferentes uniformes. A sua descentralização é o federalismo rural e capitalista; o seu auto-governo, a exploração do orçamento por eles próprios, assim como toda a ciência política de seus estadistas consiste apenas no massacre e no estado de sítio.

Que burguesia no mundo após desastres tão imensos não teria guardado com cuidadoso zelo

tamanho reservatório de força viva? Eles, vendo essa Paris capaz de engendrar um novo mundo, o seu coração inchado com o melhor sangue da França, não têm senão um pensamento - sangrar Paris.

CAPÍTULO IX

*Todas as partes da França estão unidas e aliadas em torno da Assembléia e do governo
Circular do sr. Thiers à Província, à noite do dia 23*

A COMUNA EM LYON, ST. ÉTIENNE E CREUZOT

Qual era o estado das províncias?

Por alguns dias, sem nenhum dos jornais parisienses, elas alimentaram-se dos despachos mentirosos do sr. Thiers, então olharam as assinaturas sob as proclamações do Comitê Central, e lá não encontrando nem a Esquerda nem os paragões democráticos, disseram, "*Quem são esses desconhecidos?*" Os burgueses Republicanos, desinformados sobre os eventos ocorridos durante o cerco de Paris - muito inteligentemente distorcidos, a propósito, pela imprensa Conservadora - assim como os seus pais haviam dito outrora, "*Pitt e Coburg,*" quando incapazes de compreender movimentos populares, eles exclamaram, "*Esses desconhecidos só podem ser Bonapartistas.*" Somente o povo demonstrou um real instinto.

A Comuna de Paris encontrou o seu primeiro eco em Lyon. Essa era uma reverberação necessária. Desde o advento da Assembléia os trabalhadores viram-se vigiados. Os conselheiros municipais, homens fracos, alguns deles, quase à reação, haviam descido a bandeira vermelha sob o pretexto de que "*a orgulhosa bandeira da resistência às últimas consequências não deveria sobreviver à humilhação da França.*" Esse truque desajeitado não enganara o povo que, na Guillotière, montara guarda em torno da sua bandeira. O novo governador, Valentin, um ex-oficial tão brutal quanto vulgar, uma espécie de Clément-Thomas, foi pródigo em avisos quanto ao tipo de República que estava reservada ao povo.

No dia 19, às primeiras notícias, os Republicanos estavam em alerta, e não esconderam a sua simpatia por Paris. No dia seguinte Valentin publicou uma proclamação provocativa, confiscou os jornais parisienses, e recusou-se a comunicar quaisquer despachos. No dia 21 no conselho municipal, alguns dos membros indignaram-se e um deles disse, "*Tenhamos ao menos a coragem de ser a Comuna de Lyon.*" No dia 22 ao meio-dia, oitocentos delegados da Guarda Nacional reuniram-se no Palais de St. Pierre. Uma moção foi colocada propondo escolher entre Paris e Versalhes. Um cidadão recém-chegado de Paris explicou o movimento de lá, e muitos queriam que a reunião se declarasse imediatamente pró-Paris. A Assembléia finalmente enviou delegados ao Paço Municipal para exigir a extensão das liberdades municipais, o apontamento do prefeito como chefe da Guarda Nacional, e a sua investidura com as funções de governador.

O conselho municipal estava justamente em sessão. O prefeito Hénon, uma estúpida relíquia de 1848, opôs-se a qualquer resistência a Versalhes. O prefeito da Guillotière, Crestin, um conhecido Republicano, pediu que eles deviam ao menos protestar. Outros queriam que o conselho estendesse as suas prerrogativas. Hénon ameaçou apresentar a sua renúncia se eles continuassem com aquilo, e propôs que deveriam procurar o governador, que estava então convocando os batalhões reacionários.

Os delegados do Palais St. Pierre chegaram, e foram recebidos rudemente por Hénon. Uma delegação sucedia à outra, sempre encontrando o mesmo mau acolhimento. Entretanto, a esse mesmo tempo os batalhões de Brotteaux e La Guillotière estavam se preparando, e às oito horas uma densa massa encheu a praça des Terreaux em frente ao Paço Municipal, clamando, "*Vive la Commune! Abaixo Versalhes!*" Os batalhões reacionários não responderam ao apelo do governador.

Parte do conselho havia-se reunido de novo às nove horas enquanto os outros, junto com Hénon, estavam ainda altercando-se com os delegados. Após uma resposta do prefeito, que deixou-os sem nenhuma esperança de chegar a um entendimento, os delegados invadiram a câmara do conselho e a multidão, sendo informada disso, precipitou-se para dentro do Paço Municipal. Sentados à mesa do conselho, os delegados nomearam Crestin prefeito de Lyon. Ele recusou e, intimado a dar as suas razões, declarou que a direção do movimento pertencia àqueles que haviam-no iniciado. Depois de um grande tumulto, os Guardas Nacionais

aclamaram uma Comissão Comunal, na direção da qual eles colocaram cinco conselheiros municipais - Crestin, Durand, Bouvatier, Perret e Velay. Os delegados mandaram buscar Valentin e perguntaram-lhe se ele era pró-Versalhes. Ele respondeu que a sua proclamação não podia deixar nenhuma dúvida quanto a isso, e a essas palavras foi colocado na cadeia. Então eles decidiram pela proclamação da Comuna, a dissolução do conselho municipal, a destituição do governador e do general da Guarda Nacional, que deveria ser substituído por Ricciotti Garibaldi, notado tanto pelo nome quanto por seus serviços no exército dos Vosges. Essas resoluções foram anunciadas ao povo e saudadas com aclamações. A bandeira vermelha foi novamente desfraldada do balcão.

No dia seguinte, 23 de março, de manhã cedo, os cinco conselheiros nomeados na noite anterior recuaram, obrigando assim os insurgentes a apresentarem-se sozinhos a Lyon e às cidades vizinhas. "A Comuna," disseram eles, "*deve reivindicar para Lyon o direito de impor e administrar os seus próprios impostos, ter a sua própria polícia, e dispor da sua Guarda Nacional, que deverá ocupar todos os postos e fortalezas.*" Esse programa um tanto modesto foi expandido um pouco mais pelos comitês da Guarda Nacional e da Aliança Republicana: "*Com a Comuna, os impostos serão mitigados, o dinheiro público não será mais desperdiçado, instituições sociais exigidas pela classe trabalhadora serão criadas. Muita miséria e sofrimento serão aliviados até o desaparecimento final desse horrível mal social, o pauperismo.*" Proclamações insuficientes essas, inconclusivas, mudas em relação ao risco corrido pela República e à conspiração clerical, as únicas alavancas pelas quais a pequena classe média poderia ter sido seduzida.

Portanto a Comissão viu-se isolada. Ela havia tomado a fortaleza de Charpennes, acumulado cartuchos, disposto os canhões e metralhadoras em torno do Paço Municipal; mas os batalhões populares, à exceção de dois ou três, haviam-se retirado sem deixar sequer um piquete, e a resistência estava sendo organizada. O general Crouzat na estação catou todos os soldados, *marins* e *mobiles* dispersos por Lyon. Hénon nomeou um general da Guarda Nacional. Os oficiais dos batalhões da ordem protestaram contra a Comuna e puseram-se à disposição do conselho municipal, que sentou-se no gabinete do prefeito, próximo à Comissão.

Esquecendo-se que dissolvera o Conselho na noite anterior, ela convidou o Conselho a realizar a sua sessão na sala de conselho ordinária. Eles chegaram às quatro horas. A Comissão cedeu o lugar a eles, Guardas Nacionais ocupando a parte da sala reservada ao público. Houvesse algum vigor nessa classe média, algum presságio das atrocidades dos Conservadores, os conselheiros Republicanos teriam assumido a liderança desse movimento popular; mas eles eram ainda, alguns deles, os mesmos aristocratas mercantis parcimoniosos do seu ouro e de suas pessoas durante a guerra da defesa nacional; os outros, os mesmos Radicais presunçosos que sempre lutaram pela subordinação em vez da emancipação da classe trabalhadora. Como eles deliberavam sem chegar a quaisquer resoluções, a assistência impacientou-se e emitiu algumas poucas exclamações que soaram chocantes à sua dignidade, e eles bruscamente suspenderam a sessão a fim de ir redigir um discurso com Hénon.

À noite dois delegados do Comitê Central de Paris vieram ao clube da rua Duguesclin. Eles foram levados ao Paço Municipal, onde do vasto balcão eles dirigiram-se à massa, que respondeu com gritos de "*Vive Paris! Vive la Commune!*" e o nome de Ricciotti foi novamente aclamado.

Mas isso foi apenas uma manifestação. Os delegados eram eles próprios inexperientes demais para manter vivo e dirigir esse movimento. No dia 24 não restavam na praça des Terreaux senão alguns poucos grupos de desocupados. A chamada dos tambores soava em vão. Os quatro jornais importante de Lyon "*repudiaram energicamente toda convivência com as insurreições parisiense, lyonense e outras;*" e o general Crouzat espalhou o rumor de que os prussianos acampados em Dijon ameaçavam ocupar Lyon em vinte e quatro horas se a ordem não fosse restabelecida. A Comissão, mais e mais isolada, mais uma vez voltou-se para o Conselho, que agora realizava as suas sessões na Bolsa, propondo entregar a administração a eles. O Conselho recusou-se a negociar. "Não," disse o prefeito, "*nós jamais aceitaremos a Comuna.*" E como os *mobiles* de Belfort foram anunciados, o Conselho decidiu dar-lhes uma recepção solene. Isso foi uma declaração de guerra.

A conferência já durava a tarde inteira e entrara pela noite adentro. Pouco a pouco o Paço Municipal esvaziou-se, e os membros da Comissão desapareceram. Às quatro horas da manhã

os dois únicos que restavam cancelaram os seus poderes, dispensaram os sentinelas que guardavam o governador e deixaram o Paço Municipal. No dia seguinte Lyon amanheceu sem a sua Comuna.

* * * * *

Na mesma noite em que morria em Lyon, o movimento revolucionário irrompeu em St. Étienne. Desde o 31 de outubro, quando eles haviam quase conseguido proclamar oficialmente a Comuna, os Socialistas não haviam cessado de clamar por ela, a despeito da resistência, e mesmo das ameaças, do conselho municipal.

Havia dois centros Republicanos - o Comitê da Guarda Nacional, instigado pelo clube revolucionário da rua de la Vierge, e a Aliança Republicana reunindo os Republicanos avançados. O conselho municipal era, com uma ou duas exceções, composto por aqueles Radicais que não sabem como resistir ao povo sem serem esmagados pela reação. O Comitê e a Aliança concordaram em pedir pela sua renovação.

O 18 de março recebeu as entusiásticas boas-vindas dos trabalhadores. O ótgão Radical, *L'Eclairer*, disse, sem tirar quaisquer conclusões, "*Se a Assembléia prevalecer, a República está liquidada; se, por outro lado, os deputados de Paris separam-se do Comitê Central, eles devem ter uma boa razão para isso.*" O povo foi direto em frente. No dia 23 o Clube de la Vierge enviou delegados ao Paço Municipal para pedir pela Comuna. O prefeito prometeu submeter a questão a seus colegas. A Aliança também veio pedir a adjunção ao conselho de um certo número de delegados.

No dia seguinte, 24 de março, as delegações voltaram. O Conselho ofereceu a sua renúncia e declarou que somente oficiaria até a sua substituição pelos eleitores, a serem convocados no mais curto prazo. Isso foi uma derrota, pois no mesmo dia o prefeito *ad interim*, Morellet, adjurou a população a não proclamar a Comuna, mas respeitar a autoridade da Assembléia. Às sete horas da noite uma companhia da Guarda Nacional substituiu o sentinela aos gritos de "*Vive la Commune!*" O Comitê Central convidou a Aliança a juntar-se a eles e tomar posse do Paço Municipal. Os Radicais recusaram, dizendo que a promessa do Conselho bastava; que os movimentos de Paris e Lyon tinham um caráter vago, e que era necessário afirmar a ordem e a tranquilidade pública.

Durante essas negociações o povo havia-se reunido no Clube de le Vierge, acusando os primeiros delegados de fraqueza, resolvido a enviar outros e acompanhá-los de modo a não permitir que amolecassem. Às dez horas duas colunas de 400 homens cada formaram-se diante das grades do Paço Municipal. Estas haviam sido cerradas por ordem do novo governador, sr. de l'Espée, um autocrata da metalurgia que acabara de chegar, ávido por subjugar os desordeiros. Mas o povo começou a por abaixo as grades, e foi necessário deixar entrar os seus delegados. Eles encontraram o prefeito e Morellet, exigiram a Comuna e a adjunção provisória de uma comissão popular. O prefeito recusou, o ex-prefeito obstinadamente tentou demonstrar que a Comuna era uma invenção prussiana. Sem esperança de convencer os delegados, ele foi alertar de l'Espée - o gabinete do governador sendo contíguo à prefeitura - e saindo pelo jardim os dois conseguiram encontrar o general Lavoye, comandante da guarnição.

À meia-noite os delegados, sem nada ter obtido, declararam que ninguém teria permissão de deixar o Paço Municipal e indo até as grades disseram aos manifestantes para refletirem. Alguns correram em busca de armas, outros penetraram na Sala des Prudhommes, onde promoveram uma reunião. A noite transcorreu tumultuadamente. Os delegados ficaram sabendo do aborto do movimento em Lyon e vacilaram. O povo ameaçava e pedia que os tambores tocassem a convocação. O prefeito recusou. Por fim às sete horas ele encontrou um expediente, e prometeu propor um plebiscito sobre o estabelecimento da Comuna. Um delegado leu essa declaração ao povo, que de imediato deixou o Paço Municipal.

Nessa mesma hora de l'Espée concebeu a brilhante idéia de rufar a convocação que o povo em vão vinha pedindo desde a meia-noite. Ele tomou alguns Guardas Nacionais da ordem, retornou ao agora vazio Paço Municipal e promulgou a sua vitória. O conselho municipal informou-o do acordo recém-celebrado, mas de l'Espée recusou-se a fixar a data das eleições. Além do quê, disse ele, o general havia-lhe prometido o apoio da guarnição.

Às onze horas a chamada às armas do governador havia reunido todos os batalhões populares.

Grupos formavam-se diante do Paço Municipal, gritando "*Vive la Commune!*" De l'Espée mandou vir as suas tropas, consistindo de 250 homens da infantaria e dois esquadrões de hussardos, que vieram chegando preguiçosamente. A multidão os cercou; o Conselho protestou; e o governador teve que dispensar os seus guerreiros, ficando lá para encarar a multidão apenas uma linha de bombeiros e no Paço Municipal duas companhias, das quais somente uma era favorável ao partido da ordem.

Por volta do meio-dia uma delegação intimou o Conselho a manter a sua promessa. Os conselheiros presentes - somente uns poucos em número - não eram adversos a aceitar como coadjuutores dois delegados de cada companhia, mas de l'Espée declarou-se formalmente contra qualquer concessão. Às quatro horas uma delegação muito numerosa do Comitê apresentou-se. O governador falou em entrincheirar-se e reforçar os portões para a defesa; mas os bombeiros ergueram a coronha dos seus mosquetes, abriram a passagem e de l'Espée teve de receber alguns dos delegados.

A multidão lá fora tornava-se cada vez mais incontrollável, impaciente com essas conferências inúteis. Às quatro e meia os trabalhadores da manufatura de armas chegaram, quando um tiro partiu de uma das casas da praça, matando Lyonnet, um trabalhador. Uma centena de disparos foram ouvidos como resposta; os tambores rufaram, os clarins comandaram a carga, e os batalhões precipitaram-se para dentro do Paço Municipal, enquanto outros revistavam a casa de onde o ataque supostamente partiu.

Ao ouvir a fuzilaria o governador suspendeu a conferência e tentou escapar à maneira da noite anterior, errou o caminho, foi reconhecido e agarrado juntamente com o vice-procurador da República, trazido de volta com este último para o grande salão, e exibido do balcão. A multidão o recebeu com apupos, convencida de que ele dera a ordem para disparar contra o povo. Um dos guardas reacionários, de Ventavon, ao fugir da prefeitura foi tomado pelo assassino de Lyonnet, e foi carregado pela praça sobre a maca usada para transportar o cadáver ao hospital.

O governador e o vice-procurador foram deixados no grande salão no meio de homens exasperados. Muitos acusavam de l'Espée de ter provocado a fuzilaria contra os mineiros de Aubin sob o Império. Ele protestou afirmando que havia sido diretor das minas de Archambault, e não de Aubin. Pouco a pouco a multidão foi se cansando e dispersou-se, e às oito horas cerca de apenas quarenta guardas permaneciam no salão. Os prisioneiros recebiam alguma comida quando o presidente da Comuna, que estava constituindo-se em uma sala vizinha, vendo tudo calmo também foi embora. Às nove horas a multidão voltou berrando, "*La Commune! La Commune! Assine!*" De l'Espée ofereceu-se para assinar a sua renúncia, mas acrescentou que o fazia sob compulsão. Os prisioneiros estavam sob a guarda de dois homens, Victoire e Fillon, este último um velho exilado, um tanto desatento, que ora apontava contra a multidão, ora contra os prisioneiros. Às dez horas, sob intensa pressão da turba, como em um sonho Fillon olhou para o vazio e fez dois disparos com o seu revólver, matando o seu amigo Victoire e ferindo um soldado. Instantaneamente os mosquetes foram apontados contra ele, e Fillon e d'Espée caíram mortos. O vice-procurador, protegido pelo cadáver de Fillon, escapou à descarga. No dia seguinte ele e de Ventavon foram libertados.

Durante a noite a Comissão constituiu-se, escolhendo os seus membros entre oficiais da Guarda Nacional e os oradores habituais do Clube de la Vierge. Ela fez ocupar a estação, apossou-se do telégrafo, confiscou os cartuchos do paiol e convocou os eleitores para o dia 29. "*A Comuna,*" dizia ela, "*não significa incendiarismo, nem roubo, nem pilhagem como tantos gostam de anunciar, mas a conquista das franquias e a independência arrebatada de nós pela legislação imperial e monárquica; ela é a verdadeira base da República.*" Isso era todo o preâmbulo. Nessa colméia industrial, ao lado dos milhares de mineiros de La Ricamarie e Firminy, eles não encontraram uma só palavra sobre a questão social. A Comissão só sabia como fazer rufar a chamada que, como em Lyon, não era respondida.

No dia seguinte, um domingo, calma e curiosa a cidade leu a proclamação da Comuna, lado a lado com os cartazes contendo os apelos do general e do procurador. Enquanto este último, como convem a um bom Radical, falava de um complô Bonapartista, o general convidava o Conselho a desistir da sua renúncia. Ele foi até os conselheiros, que haviam buscado refúgio no quartel, e disse a eles, "*Meus soldados não lutarão, mas eu tenho mil fuzis. Se quiserem fazer uso deles, vão em frente!*" Os conselheiros protestaram a sua inaptidão para façanhas militares; mas ao mesmo tempo, como em Lyon recusaram-se a comunicar-se com o Paço

Municipal, considerando que "só se pode tratar com homens honestos."

No dia 27 a Aliança e *L'Éclaireur* abandonaram o movimento de vez, e a Comissão gradualmente esvaziou-se. À noite, os poucos fiéis que ainda se aguentavam receberam dois jovens enviados pelos delegados do Comitê Central de Lyon. Eles insistiam na resistência mas o Paço Municipal estava sendo abandonado, e na manhã do dia 28 restavam somente cerca de cem deles. Às seis horas o general Lavoye apresentou-se com os franco-atiradores dos Vosges e algumas tropas vieram de Montbrison. Os Guardas Nacionais, ao seu apelo de deitar as armas a fim de evitar derramamento de sangue, consentiram em evacuar a prefeitura.

Numerosas prisões foram efetuadas. Os Conservadores inundaram a Comuna com os insultos costumeiros, e relataram que canibais haviam sido vistos entre os assassinos do governador. *L'Éclaireur* não falhou em demonstrar que o movimento era puramente Bonapartista. Os trabalhadores sentiram-se vencidos, e no solene funeral de de l'Espée ouviram-se imprecações que não eram ruidosas mas eram profundas.

* * * * *

Também em Creuzot os proletários foram vencidos. Contudo os Socialistas administraram a cidade a partir de 4 de setembro, o prefeito Dumay sendo um ex-metalúrgico. No dia 25, com as notícias de Lyon, eles falaram em proclamar a Comuna. Durante a sua revista do dia 26 os Guardas Nacionais gritaram "*Vive la Commune!*" e a multidão acompanhou-os à praça da Mairie, ocupada pelo coronel dos couraceiros Gerhardt. Ele deu ordem de fogo à infantaria. Eles se recusaram. Ele então ordenou uma carga da cavalaria; mas os guardas apontaram as suas baionetas e invadiram a prefeitura. Dumay pronunciou a abolição do Governo de Versalhes, proclamou a Comuna, e a bandeira vermelha foi içada.

Mas lá, como em toda a parte, o povo não se moveu. O comandante de Creuzot voltou no dia seguinte com reforços, dispersou a multidão, a qual permanecia curiosa e passiva na praça, e apossou-se da prefeitura.

Em quatro dias todos os centros revolucionários do leste, Lyon, St. Étienne e Creuzot, foram perdidos pela Comuna.

CAPÍTULO X

A COMUNA EM MARSELHA, TOULOUSE E NARBONNE

Desde as eleições de 8 de fevereiro, o advento dos reacionários, a nomeação do sr. Thiers, a paz mal remendada e vergonhosa, a monarquia em perspectiva, as provocações e as derrotas foram ressentidos pela valente cidade de Marselha de forma tão amarga quanto por Paris. Lá as notícias do 18 de março caíram sobre um barril de pólvora. Não obstante, detalhes adicionais eram buscados, quando o dia 22 trouxe o famoso despacho de Rouher-Canrobert.

Os clubes, desempenhando um grande papel na ardente vida de Marselha, foram superlotados de imediato. Os prudentes e metódicos Radicais afetavam o clube da Guarda Nacional; os elementos populares encontravam-se no El Dorado. Lá eles aplaudiam Gaston Crémieux, um elegante e efeminado orador bem sucedido em lançar ataques epigramáticos contra, por exemplo, Bordeaux. Gambetta devia a ele a sua eleição em Marselha sob o Império. Crémieux correu de imediato ao clube da Guarda Nacional, denunciou Versalhes, disse-lhes que eles não podiam permitir que a República perecesse, mas deveriam agir. Apesar de altamente indignado com o despacho, o clube aconselhou-o a não se precipitar. As proclamações do Comitê Central, diziam eles, não anunciavam quaisquer políticas claramente definidas. Assinadas por nomes desconhecidos, bem podiam proceder de Bonapartistas.

Esse argumento Jacobino era ridículo em Marselha, onde o despacho do sr. Thiers havia dado o sinal para a comoção. Quem cheirava a Bonapartismo - esses homens desconhecidos levantando-se contra Versalhes, ou o sr. Thiers patronizando Rouher e seus Ministros, e gabando-se da oferta de Canrobert?

Após um discurso do vice-procurador da República Bouchet, Gaston Crémieux reconsiderava o seu passo impulsivo da primeira hora e, acompanhado pelos delegados do clube, dirigiu-se ao El Dorado. Lá ele leu e fez comentários ao *Officiel* de Paris que ele conseguira com o

governador, e acalmou a excitação. "O Governo de Versalhes ergueu a sua muleta contra o que eles chamam a insurreição de Paris; mas ela quebrou-se em suas mãos, e a sua tentativa deu origem à Comuna. Juremos que estamos unidos na defesa do Governo de Paris, o único que nós reconhecemos." Eles se separaram, prontos para a resistência, mas resolveram esperar pelo momento propício.

Assim a excitada população ainda se consultava quando o governador alfinetou-a com a mais estúpida das provocações. Esse almirante Cosnier, um distinto oficial naval, mas politicamente um mero zero à esquerda, um tanto fora do seu elemento nesse ambiente onde ele era um recém-chegado, era a ferramenta passiva da reação, a qual desde o 4 de setembro já havia por várias vezes colidido com a Guarda Nacional - os *civiques* - que haviam proclamado a Comuna e expulsado os Jesuítas. O Rev. Padre Tissier, apesar de ausente, era ainda o seu líder. A moderação da cidade eles confundiram com covardia. Como o sr. Thiers no dia 17, eles acreditavam-se fortes o bastante para dar um golpe brilhante.

À noite o almirante reuniu-se em conselho com o prefeito Bories, um velho escombros de 1848, que havia-se intrometido em todas as coalizões clérico-liberais, o procurador da República Guibert, um tímido oportunista, e o general Espivent de la Villeboisnet, uma dessas cruéis caricaturas em que as guerras civis da América do Sul abundam. Um obtuso Legitimista, um fanático embriagado, o Syllabus incarnado, um soldado de salão e ex-membro das Comissões Mistas de 1851, durante a guerra ele foi expelido de Lille pelo povo, indignado tanto pela sua absoluta incapacidade quanto pelos seus antecedentes. Ele trouxe para o conselho a palavra de ordem dos padres e dos reacionários, e propôs convocar os Guardas Nacionais para fazer uma manifestação armada em favor de Versalhes. Ele teria pedido mais, sem dúvida, mas a guarnição era composta unicamente de refugos do exército do Leste e de alguns poucos artilheiros desmobilizados. Caindo na sua conversa, Cosnier aprovou a manifestação e deu ordens ao prefeito e ao coronel da Guarda Nacional para prepará-la.

No dia 23 de março às sete horas da manhã, fez-se ouvir o chamado às armas. A engenhosa idéia do prefeito havia-se espalhado pela cidade, e os batalhões populares prepararam-se para honrá-la. A partir das dez horas eles chegaram ao curso du Chapitre, e a artilharia da Guarda Nacional foi disposta ao longo do curso St. Louis. Ao meio-dia franco-atiradores, Guardas Nacionais, soldados de todas as armas se misturando, aglomeraram-se no curso Belzunce. Logo os batalhões da Belle-de-Mai e de Endourre perfilavam-se em força plena, enquanto os batalhões da ordem permaneciam invisíveis.

O conselho municipal, apavorando-se, desautorizou a manifestação e publicou um discurso Republicano em um cartaz. O clube da Guarda Nacional compareceu ao conselho e exigiu o retorno da Assembléia a Paris e a exclusão da função pública de todos os cúmplices do Império. O vice do procurador Bouchet ofereceu a sua renúncia.

Durante todo esse tempo os batalhões estiveram marchando para cima e para baixo gritando "Viva Paris!" Oradores populares discursavam para eles e o clube, apreensivo com uma explosão iminente, enviou Gaston Crémieux, Bouchet e Frayssinet para pedir ao governador que dispersasse as fileiras e comunicasse os despachos de Paris. Os delegados estavam discutindo com Cosnier quando um terrível clamor veio lá de fora. O palácio do governador estava cercado.

Às quatro horas os batalhões, de pé por seis horas, haviam-se movido encabeçados por seus tambores. Doze ou treze mil homens tendo desembocado através da Cannebière e da rua St. Ferréol entraram em formação diante do palácio. Os delegados do clube tentavam parlamentar quando um tiro foi disparado e a multidão, correndo para dentro do palácio, prendeu o governador, seus dois secretários e o general Ollivier. Gaston Crémieux apareceu no balcão, falou dos direitos de Paris e recomendou a manutenção da ordem. A multidão deu vivas, mas ainda assim continuou a entrar e a pedir por armas. Crémieux fê-los formar em duas colunas e despachou-os para a metalúrgica Menpenti, cujas armas foram rendidas.

Durante esse tumulto uma Comissão de seis membros foi formada: Crémieux, Job, Étienne, um carregador de rua, Maviel, um sapateiro, Gaillard, um mecânico, e Allerini, que deliberava no meio da multidão. Crémieux propôs a libertação das pessoas presas pouco antes mas gritaram de todos os lados, "Mantenha-os como garantia." O almirante foi conduzido a uma sala vizinha, vigiado de perto, e - estranha mania de todos esses movimentos populares - ofereceu a sua

renúncia. Um tanto fora da sua latitude, Cosnier assinou o que lhe pediram.

A Comissão publicou um cartaz afirmando que todo o poder estava concentrado em suas mãos e, sentindo a necessidade de se fortalecer, convidou o conselho municipal e o clube da Guarda Nacional a enviar três delegados cada. O conselho nomeou David Bosc, Desservy e Sidore; o clube, Bouchet, Cartoux e Fulgêras. No dia seguinte eles fizeram uma proclamação moderada: *"Marselha tem desejado impedir a guerra civil provocada pelas circulares de Versalhes. Marselha apoiará um Governo Republicano regularmente constituído com sede na capital. A Comissão Departamental, formada com o concurso de todos os grupos Republicanos, manterá a vigilância sobre a República até que uma nova autoridade emanada de um Governo regular com sede em Paris a substitua."*

Os nomes do conselho municipal e do clube tranquilizaram a classe média. Os reacionários mantiveram as barbas de molho, e o exército evacuou a cidade durante a noite. Deixando o governador na armadilha em que o atirara o covarde Espivent, durante a investida contra o palácio, fora esconder-se na casa da amante de um comandante da Guarda Nacional de nome Spir, a quem ele posteriormente condecorou com a Legião de Honra por esse serviço à ordem moral. À meia-noite ele esgueirou-se de lá e reencontrou as tropas que, sem impedimento do povo embalado pela segurança da vitória, alcançaram a aldeia de Aubagne a cerca de dezessete quilômetros de Marselha.

Assim Marselha estava inteiramente nas mãos do povo. A vitória foi mesmo demasiado completa para cabeças com tendência à exultação. Essa *"cidade do sol"* não é propícia a matizes suaves; os seus céus, os seus campos, a sua gente todos afetam cores cruas. No dia 24 os guardas civis içaram a bandeira vermelha e já julgavam a Comissão um tanto morna. Sidore, Desservy e Fulgêras, alheios ao seu dever, mantinham-se indiferentes ao palácio; Cartoux partira para Paris em busca de informações, e assim toda a responsabilidade pesou sobre as costas de Bosc e de Bouchet que, com Gaston Crémieux, esforçavam-se em regularizar o movimento. Tendo dito que a bandeira vermelha era inoportuna e a detenção dos reféns inútil, eles logo tornaram-se suspeitos e ameaçados. Na noite do dia 24 Bouchet, um tanto desencorajado, ofereceu a sua renúncia mas diante da reclamação de Crémieux ao clube da Guarda Nacional ele consentiu em retomar o seu posto.

Esses desacordos já eram comentados em toda a cidade e, no dia 25, a Comissão foi obrigada a anunciar que *"o mais perfeito acordo a unira ao conselho municipal."* Mas este último no mesmo dia declarou ser o único poder existente, e clamou à Guarda Nacional para que despertasse da sua apatia. Oscilando entre a reação e o povo ela deu início àquele jogo miserável destinado a terminar em ignomínia.

Enquanto os Liberais imitavam os Tirards e os deputados da extrema Esquerda, a quem Dufaure referia-se em seus despachos, Espivent em todos os aspectos copiou o general Thiers. Ele havia saqueado todos os departamentos administrativos de Marselha. O escritório do tesouro da guarnição havia sido transferido para Aubagne. Mil e quinhentos Garibaldianos do exército dos Vosges e soldados que estavam voltando a seus postos na África foram deixados sem pão, sem pagamento, sem ajuda de deslocamento e teriam ficado sem refúgio se Gaston Crémieux e Bouchet não tivessem feito nomear um intendente provisório pelo conselho. Graças à Comissão aqueles que haviam derramado o seu sangue pela França receberam pão e abrigo. Gaston Crémieux disse-lhes em um discurso, *"Vocês se lembrarão com o passar do tempo da mão fraterna que nós lhes estendemos."* Ele era um gentil entusiasta, que encarava a revolução sob um aspecto um tanto bucólico.

No dia 26 o isolamento da Comissão tornou-se mais óbvio. Ninguém armou-se contra ela, mas ninguém também aderiu a ela. Quase todos os prefeitos do departamento recusavam-se a afixar os cartazes das suas proclamações, e em Arles uma manifestação em favor da bandeira vermelha foi abortada. Os espíritos inflamados no palácio do governo nada fizeram para explicar o significado da bandeira que eles haviam desfraldado e, em meio a essa entorpecida tranquilidade, sob os olhares curiosos de Marselha, ela pendia da campanilha do palácio imóvel e silenciosa como um enigma.

* * * * *

A capital do sudoeste também viu a sua insurreição apagar-se. Toulouse havia vibrado com os

trovões de 18 de março. No *faubourg* St. Cyprien havia uma inteligente e valente população de trabalhadores que constituía o próprio nervo da Guarda Nacional, e havia desde o dia 19 rendido a guarda aos brados de "*Vive Paris!*" Alguns poucos revolucionistas intimaram o governador Duportal a pronunciar-se contra ou a favor de Paris. Por um mês o *Emancipation*, que ele dirigia, havia feito uma campanha contra os rurais, e ele havia mesmo enfatizado as suas visões Republicanas em uma reunião pública. Mas ele não era o homem para tomar a iniciativa, e recusou-se a romper com Versalhes. Os clubes, entretanto, acossavam-no, obrigando os oficiais da Guarda Nacional a fazer um juramento de defender a República, e exigindo cartuchos. Vendo que Duportal iria afinal seguir a liderança deles, o sr. Thiers nomeou governador de Kératry, o ex-prefeito de polícia de 4 de setembro. Ele chegou na noite do dia 21 para o 22 à casa do general de divisão, Nansouty, e sendo informado de que toda a Guarda Nacional ia declarar-se por Duportal, bateu em retirada para Agen.

No dia 23 a Guarda Nacional preparava uma manifestação a fim de apossar-se do arsenal, quando Duportal e o prefeito acorreram ao Capitólio, o paço municipal de Toulouse. O prefeito declarou que a pretendida revista não iria ter lugar, e Duportal disse que antes apresentaria a sua renúncia do que pronunciar-se pelo movimento. Mas os generais, com medo dessa irrupção do *faubourg*, refugiaram-se no arsenal. O prefeito e o conselho municipal, compreendendo que não iria dar para continuar em seu papel platônico, fugiram por sua vez, e deixado sozinho em seu palácio Duportal brilhou como um grande revolucionista, e portanto ainda mais digno da simpatia da Guarda Nacional. Ele esforçou-se em acalmar os generais, foi ao arsenal e revelou-lhes a sua firme resolução de manter a ordem em nome do Governo de Versalhes, o único que ele reconhecia como legítimo, e foi tão bem sucedido que eles aconselharam o sr. Thiers a mantê-lo no posto. Valendo-se da sua declaração, Kératry requereu a sua ajuda para tomar posse do palácio, e Duportal agendou um encontro com a presença de oficiais dos *mobiles* e da Guarda Nacional para o dia seguinte, dia 24. Kératry compreendeu e permaneceu em Agen.

O objetivo dessa reunião era encontrar os voluntários contra Paris pedidos pela Assembléia. Quatro oficiais dos *mobiles* de um total de sessenta ofereceram os seus serviços a Versalhes. Os oficiais da Guarda Nacional não vieram ao palácio mas, pelo contrário, prepararam nesse mesmo momento uma manifestação contra Kératry. À uma hora 2.000 homens estavam reunidos na praça do Capitólio e, com as suas bandeiras no ar, dirigiram-se ao palácio do governo onde Duportal recebeu os seus oficiais. Um deles declarou que longe de apoiar a Assembléia eles estavam prontos a marchar contra ela, e que se o sr. Thiers não celebrasse a paz com Paris eles proclamariam a Comuna. Ao som dessa palavra, gritos partiram de todos os cantos da sala, "*Vive la Commune! Vive Paris!*" Cada vez mais esquentados, os oficiais decretaram a prisão de Kératry, proclamaram a Comuna e intimaram Duportal a assumir a chefia do movimento. Ele tentou esquivar-se e propôs-se a agir apenas como um porta-voz dos chefes da Comuna; mas os oficiais, praguejando contra deserções, induziram-no a sair à praça do palácio, onde ele foi aclamado pela Guarda Nacional e de lá eles prosseguiram para o Capitólio.

Mal chegados ao grande salão, os líderes pareciam um tanto embaraçados. Eles ofereceram a presidência sucessivamente ao prefeito e a outros conselheiros municipais, que esquivaram-se furtivamente, e a Duportal que escapou redigindo um manifesto, o qual foi lido do grande balcão. "*A Comuna de Toulouse,*" dizia ele, "*declara-se pela República una e indivisível, adjura os deputados de Paris a ser os intermediários entre o Governo e a grande cidade, e intima o sr. Thiers a dissolver a Assembléia.*" A massa deu vivas a essa Comuna aguada, que acreditava nos deputados da Esquerda e na opressão do sr. Thiers pela maioria rural.

À noite alguns oficiais da Guarda Nacional apontaram uma Comissão Executiva composta, com duas ou três exceções, de meros falastrões; nesta não figuravam os principais líderes do movimento. Ela contentou-se em afixar o cartaz do manifesto e negligenciou precauções mínimas, mesmo a de ocupar a estação ferroviária. Não obstante os generais não ousavam sair do seu arsenal, onde juntaram-se a eles no dia 26 o primeiro presidente da corte e o procurador-geral, que redigiram uma mensagem clamando à população que se unisse a eles. A Guarda Nacional queria responder com um assalto ao arsenal, e o *faubourg* já estava a caminho de uma concentração no Capitólio. Mas a Comissão preferiu negociar, e fez saber ao arsenal que iria dissolver-se se o Governo apontasse um governador Republicano para o lugar de Kératry, e abandonou de vez Duportal que, na verdade, nada havia feito até agora. As negociações prolongaram-se por toda a noite e, cansados, enganados pelos seus chefes, e imaginando que tudo estava resolvido, os Guardas Nacionais voltaram para as suas casas.

Bem informado de todos esses fracassos, Kératry chegou no dia seguinte à estação ferroviária com três esquadrões de cavalaria, prosseguiu até o arsenal, rompeu as negociações e deu a ordem para marchar. À uma hora o exército de Versalhes, forte de 200 cavaleiros e 600 soldados mal arrumados, abriu a sua campanha. Uma coluna ocupou a ponte St. Cyprien a fim de separar a cidade do *faubourg*, uma outra prosseguiu para o palácio do governo e a terceira, com Nansouty, Kératry e os magistrados, marchou para o Capitólio.

Cerca de 300 homens enchiam os pátios, as janelas e o terraço. Os Versalheses mobilizaram as suas tropas e posicionaram seis peças em linha a cerca de sessenta jardas do edifício, dessa maneira expondo negligentemente a sua infantaria e os seus artilheiros aos mosquetes dos insurgentes. O primeiro presidente da corte e o procurador-geral avançaram para conferenciar, mas nada conseguiram. Kératry pronunciou a convocação, a sua voz coberta pelos gritos. Uma única rajada de pólvora seca teria assustado os soldados e artilheiros, que além disso poderiam ter sido fustigados em ambos os flancos. Mas os líderes haviam fugido do Capitólio. A coragem de uns poucos homens poderia ter ainda provocado uma luta, quando a Associação Republicana interpôs-se, persuadiu os guardas a retirar-se e salvou Kératry. O palácio do governo foi tomado assim fácil, e naquela mesma noite Kératry instalou-se lá. Os membros da Comissão Executiva no dia seguinte publicaram um manifesto trivial o bastante para garantir-lhes a impunidade, e um deles conseguiu mesmo ser nomeado prefeito por Kératry.

Assim os generosos trabalhadores de Toulouse, que haviam-se erguido ao grito de "*Vive Paris!*", foram deixados em apuros por aqueles que haviam iniciado a insurreição. Um desastroso revés para Paris, pois todo o sul teria seguido o exemplo de Toulouse se vitoriosa.

* * * * *

O homem de pensamento e de energia que fez falta em todos esses momentos apareceu na insurreição de Narbonne. A velha cidade, Gálica em seu entusiasmo, Romana em sua tenacidade, é o verdadeiro centro de democracia no departamento de Aude. Em nenhum outro lugar durante a guerra ocorreu um protesto mais vigoroso contra as deficiências de Gambetta. Justamente por essa razão os Guardas Nacionais de Narbonne não haviam ainda recebido os seus mosquetes, enquanto em Carcassonne eles estavam armados fazia tempo. Com as notícias do 18 de março Narbonne não hesitou em declarar-se por Paris. Para proclamar a Comuna um exilado do Império, um homem de fortes convicções e de caráter firme, Digeon, foi requisitado de imediato. Tão modesto quanto resoluto, Digeon ofereceu a direção do movimento a seu camarada de exílio, Marcou, o reconhecido chefe da democracia no Aude, um dos mais ardentes opositores de Gambetta durante a guerra. Marcou, um astucioso advogado, com medo de comprometer-se e receando a energia de Digeon na principal cidade do departamento, induziu-o a partir para Narbonne. Digeon lá chegou no dia 23 e primeiro pensou em converter o conselho municipal aos princípios da Comuna. Mas diante da recusa do prefeito Raynal em convocar o conselho o povo, com a paciência esgotada, invadiu o Paço Municipal na noite do dia 24 e, armando-se com os mosquetes retidos pela municipalidade, instalou Digeon e seus amigos. Ele apareceu no balcão, proclamou a Comuna de Narbonne unida à de Paris e imediatamente procedeu à tomada de medidas de defesa.

No dia seguinte Raynal tentou arregimentar a guarnição, e algumas companhias formaram-se diante do Paço Municipal; mas o povo, especialmente as mulheres, dignas de suas irmãs parisienses, desarmou os soldados. Um capitão e um tenente foram retidos como reféns; o resto da guarnição foi-se e trancou-se no quartel St. Bernard. Como Raynal ainda continuasse a agitar a resistência, o povo o prendeu no dia 26; e Digeon, com os três reféns e à frente de um destacamento de Federados, foi tomar posse do palácio do governador, colocando piquetes na estação ferroviária e na agência do telégrafo. Para conseguir armas ele forçou o arsenal onde, apesar de terem recebido ordem do seu tenente para atirar, os soldados renderam as suas armas. No mesmo dia os delegados das Comunas vizinhas chegaram, e Digeon pôs-se a trabalhar para generalizar o movimento.

Ele havia entendido claramente que as insurreições departamentais logo iriam soçobrar se não fossem bem combinadas, e ele queria dar uma mão ao levante de Toulouse e de Marselha. Béziers e Cette já haviam-lhe prometido o seu apoio, e ele estava preparando-se para partir para Béziers quando, no dia 28, chegaram duas companhias de Turcos, logo seguidas por outros grupos enviados de Montpellier, Toulouse e Perpignan. A partir desse momento Digeon

foi obrigado a ficar na defensiva. Ele fez erguer barricadas e reforçou os postos, ordenando aos Federados sempre esperar pelos ataques e mirar nos oficiais.

Nós voltaremos a esse assunto mais à frente. Paris agora nos chama de volta. Os outros movimentos provinciais não passaram de vibrações momentâneas. No dia 28, quando Paris estava ainda embriagada pela sua vitória, todas as Comunas da França já haviam sido varridas exceto as de Marselha e de Narbonne.

CAPÍTULO XI

O CONSELHO DA COMUNA VACILA EM SUAS PRIMEIRAS SESSÕES OS PREFEITOS E ADJUNTOS ELEITOS DESERTAM EM MASSA

A praça do Paço Municipal estava ainda agitada quando os membros recém-eleitos da Comuna reuniram-se na sala de conselho municipal.

O voto resultara em dezesseis prefeitos, adjuntos e Liberais de todos os matizes, alguns poucos Radicais e cerca de sessenta Revolucionistas de todo tipo.

Como puderam estes últimos ser escolhidos? Tudo deve ser dito, e a verdade viril afinal tomar o lugar da desgastada adulação da velha escola romântica que autointitula-se "*Revolucionária*." É possível que haja algo mais terrível do que a derrota: a falsificação ou o esquecimento das suas causas.

A responsabilidade cai pesada o bastante sobre os eleitos, mas não devemos depositá-la toda em um só lado - os eleitores também carregam uma parcela dela.

O Comitê Central dissera ao povo no domingo, dia 19, "*Preparem-se para as suas eleições comunais*." Eles tiveram assim uma semana inteira para conceber um mandato e selecionar os seus mandatários. Sem dúvida a resistência dos prefeitos e a ocupação de postos militares manteve muitos eleitores revolucionários longe de seus distritos, mas ainda ficaram cidadãos em número suficiente para conduzir o trabalho de seleção.

Jamais um mandato havia sido mais indispensável, pois a tarefa em questão era dar a Paris uma constituição comunal aceitável a toda a França. Jamais Paris necessitara tanto de homens iluminados e práticos, capazes a um tempo de negociar e de combater.

Contudo jamais houve menos discussão preparatória. Apenas alguns poucos homens chamaram à prudência um povo habituado a ser extremamente escrupuloso em matérias eleitorais, e que acabara de fazer uma revolução para livrar-se de seus representantes. O Comitê dos vinte distritos emitiu um manifesto muito pertinente em vários pontos, e que poderia ter servido de contorno; os dois delegados junto ao Ministério do Interior tentaram, através de um artigo no *Officiel*, sensibilizar Paris quanto à importância do seu voto. Nem uma só assembléia estruturou o programa geral de Paris; somente dois ou três distritos deram alguma espécie de mandato.

Em vez de votar em um programa, eles votaram em nomes. Aqueles que haviam exigido a Comuna, deixado uma marca na Corderie ou durante o cerco, foram eleitos sem que se lhes pedissem mais explicações, alguns até mesmo por duas vezes, como Flourens, a despeito das asneiras do 31 de outubro. Somente sete ou oito, e não os melhores, dos obscuros homens do Comitê Central foram nomeados, estes tendo decidido, é verdade, não se apresentar à eleição. As reuniões públicas de muitos distritos enviaram os oradores mais violentos, românticos brotados durante o cerco, e sem qualquer conhecimento da vida prática. Em parte alguma foram os candidatos submetidos a qualquer teste. No ardor da luta eles não pensaram no dia de amanhã. Pode ser que tenham imaginado que a questão em pauta era uma simples manifestação, e não a fundação de uma nova ordem das coisas.

Somente vinte e quatro trabalhadores foram eleitos, dos quais um terço provinha antes das reuniões públicas do que da Internacional ou das sociedades de trabalhadores. Os outros delegados do povo provieram da pequena classe média e das assim chamadas profissões liberais, contadores, publicistas - estes chegavam a doze - doutores e advogados. Estes, salvo um punhado de homens realmente estudiosos, fossem veteranos ou recém-chegados, eram tão ignorantes quanto os trabalhadores do mecanismo político e administrativo da burguesia, ainda que impregnado da sua própria personalidade. A segurança do Comitê Central repousava nisso,

que ele não era adornado por grandes homens, que contassem cada um com a sua fórmula própria. O Conselho da Comuna, pelo contrário, era abundante em capelas, grupos, semi-celebridades, e daí competições e rivalidades sem fim.

Assim a precipitação e a negligência dos eleitores Revolucionários enviou ao Paço Municipal uma maioria de homens, em geral devotados, mas escolhidos sem discernimento e, na barganha, abandonou-os às suas próprias inspirações, aos seus caprichos, sem nenhum mandato específico para restringi-los ou guiá-los na luta que tinham à frente.

Tempo e experiência teriam sem dúvida corrigido essa negligência, mas o tempo era escasso. O povo nunca fica no controle por mais de uma hora, e aí dele se não estiver pronto, armado da cabeça aos pés. As eleições de 26 de março foram irreparáveis.

Somente cerca de sessenta dos eleitos estiveram presentes à primeira sessão. À sua abertura, o Comitê Central veio congratular o Conselho. Para presidi-la foi destacado o mais idoso dos eleitos, Beslay, um capitalista de mente fraternizadora, que fez o discurso de abertura. Em um tom muito feliz ele definiu essa jovem revolução: *"A emancipação da Comuna de Paris é a emancipação de todas as comunas da República. Os seus adversários têm dito que vocês golpearam a República. Foi como com a estaca, empurrada fundo na terra. A República de 1793 foi um soldado, que desejava centralizar todas as forças da nação; a República de 1871 é um trabalhador, que acima de tudo deseja liberdade para fecundar a paz. A Comuna irá ocupar-se com tudo o que é local, o Departamento com o que é regional, o Governo com o que é nacional. Não ultrapassemos esse limite, e o país e o Governo ficarão felizes e orgulhosos em aplaudir essa revolução."* Essa era a ingênua ilusão de um velho homem que, não obstante, havia tido a experiência de uma longa vida política. Esse programa, tão moderado em sua forma, nada mais era do que o dobre fúnebre da grande burguesia, como mostrado durante essa mesma sessão.

Já havia algumas notas dissonantes. Os violentos e os cabeças-tontas lançaram-se em moções aleatórias, e desejavam que a Comuna se declarasse onipotente. Tirard, eleito pelo seu distrito, aproveitou a ocasião para afastar-se, afirmando que o seu mandato era puramente municipal, que ele não podia reconhecer o caráter político da Comuna, ofereceu a sua renúncia, e ironicamente desejou boa sorte ao Conselho: *"Eu deixo-lhes os meus melhores e sinceros votos; que vocês possam ter sucesso em sua tarefa,"* etc.

A insolência desse homem desonesto, que por oito dias havia estado ocupado fomentando a guerra civil e agora jogava fora o mandato solicitado em seu discurso aos eleitores, evocou uma indignação geral. Os mais impacientes queriam vê-lo preso, outros decretar a cassação do seu mandato. Ele escapou impune por que havia dito à tribuna de Versalhes, *"Quando você entra no Paço Municipal, você não tem certeza se vai sair de lá."*

Esse incidente sem dúvida induziu o Conselho a votar o segredo de suas sessões, o seu embaraçoso pretexto sendo que a Comuna não era um parlamento. Essa decisão produziu um efeito muito ruim, violando as melhores tradições da grande Comuna de 1792-93, pois ela deu ao Conselho a aparência de uma conspiração, e foi julgado necessário anulá-la duas semanas mais tarde, quando os jornais encheram-se de relatos fantásticos como consequência natural das sessões secretas. Mas a publicidade nunca consistiu em algo mais que a inserção de curtos relatórios no *Officiel*. O Conselho nunca admitiu o público, cuja presença teria prevenido muitas faltas.

No dia seguinte o Conselho subdividiu-se em comissões encarregadas dos vários serviços. Uma Comissão Militar, e outras de Finanças, Justiça, Segurança Pública, Trabalho e Câmbio, Provisões, Negócios Estrangeiros, Serviços Públicos, e Educação foram nomeadas. A Comissão Executiva era composta por Lefrançais, Duval, Félix Pyat, Bergeret, Tridon, Eudes e Vaillant, dos quais Duval, Bergeret e Eudes também pertenciam à Comissão Militar.

Acabara de ser votado que todos os decretos deveriam ser assinados *La Commune* - um voto bem cedo esquecido - quando os delegados do Comitê Central foram anunciados. Depois de esperar por meia hora eles foram introduzidos. *"Cidadãos"*, disse o seu porta-voz, *"o Comitê Central vem devolver a vocês os seus poderes revolucionários. Nós retomamos as funções definidas por nossos estatutos."*

Esse era o momento para o Conselho afirmar a sua autoridade. Como único representante da

população, sozinho responsável, ele deveria agora ter absorvido todos os poderes, não tolerando a coexistência de um Comitê que certamente iria sempre lembrar-se da posição preponderante que ocupara, e lutar para recuperá-la. Na sessão anterior, o Conselho havia feito justiça ao Comitê Central ao votar que eles haviam merecido o apreço de Paris e da República, e agora levando-os ao pé da letra, deveriam ter declarado que o papel do Comitê havia chegado ao fim. Em vez de uma decisão autoritativa nesse sentido, fez-se recurso a recriminações.

Um membro do Conselho lembrou a promessa do Comitê Central de dissolver-se após as eleições. A não ser que tivessem o poder como meta, não havia necessidade de manter-se a sua organização. Varlin e Beslay defenderam a existência do Comitê, que foi combatida por Jourde e Rigault. Os delegados, que teriam cedido a uma palavra peremptória, resistiram a essa fraqueza. *"Essa é,"* disseram eles, *"a Federação que salvou a República. A última palavra ainda não foi dita. Dissolver essa organização é quebrar a força de vocês. O Comitê Central não deseja participar do governo. Ele continua a ser o elo entre vocês e a Guarda Nacional, a mão direita da Revolução. Nós voltamos a ser o que fomos, o grande conselho de família da Guarda Nacional."*

Essa comparação deixou uma marcada impressão. O debate foi prolongado e os delegados do Comitê se retiraram sem que se chegasse a nenhuma conclusão.

Nisso, sem preâmbulo, como uma caixinha de surpresas, Félix Pyat saltou da cadeira e propôs a abolição da conscrição.

Em 3 de março ele saíra furtivamente da Assembléia Nacional, como havia em 31 de outubro desertado o Paço Municipal e, poucos dias depois, fugido da prisão. Em 18 de março ele não se moveu, enquanto Delescluze havia abraçado a revolução desde o primeiro dia. Félix Pyat esperou pelo triunfo, e às vésperas das eleições veio bater o pandeirinho perante o Comitê, *"que ensina a modéstia ao nome mais orgulhoso e inspira os homens de gênio com um sentimento de inferioridade."* Eleito com cerca de 12.000 votos do 10º distrito, ele estava agora ansioso em ocupar o seu lugar no Paço Municipal.

A hora esperada por vinte anos havia finalmente soado; ele ia subir ao palco. Em meio à multidão de dramaturgos, taumaturgos, romancistas, visionários e relíquias Jacobinas, arrastando-se desde 1830 nos calcanhares da revolução social, o seu negócio havia consistido em apelos ao regicídio, à insurreição revolucionária, em epístolas, alegorias, brindes, invocações, evocações, peças de retórica sobre os eventos do dia, remendando as velhas mercadorias *Montagnards* e retocando-as com um pequeno verniz humanitário. Sob o Império os seus rábidos manifestos faziam a alegria da polícia e dos jornais Bonapartistas, excelentes bocados para se atirar ao povo, que não podia extrair deles uma só idéia prática ou um só grão de senso. Essa intoxicação era mais do que semi-encenada. O doido varrido dos bastidores tornou-se astucioso, cheio de truques e cauteloso em certa medida. No fundo ele era apenas um cético rabugento, sincero apenas em sua auto-idolatria. Ele veio para a Comuna com os bolsos transbordando de decretos.

Quando ele leu a sua moção ela foi vigorosamente aplaudida pelos românticos e aprovada de imediato. Contudo ainda naquela manhã o Conselho não sugerira nada desse tipo, mas apenas o declarado na proclamação pela qual eles se apresentaram a Paris: *"Hoje a decisão sobre os aluguéis, amanhã as contas vencidas, os serviços públicos restabelecidos e simplificados, e a Guarda Nacional reorganizada, estes serão os nossos primeiros atos."* E agora eles entravam abruptamente na esfera dos negócios nacionais. Comuna pela manhã, Assembléia Constituinte à tarde.

Se eles queriam transformar a revolução comunal em nacional, eles deveriam ter dito isso, ousadamente apresentado o seu programa completo, e demonstrado à França a necessidade da sua tentativa. Mas o que significava esse decreto, improvisado ao acaso, sem uma declaração preliminar e sem uma continuação? Esse quiproquó sequer foi considerado. Sob o pretexto de evitar o parlamentarismo, passou-se aos assuntos em pauta.

Então o Conselho decretou a isenção geral dos aluguéis devidos entre outubro de 1870 e julho de 1871. Versalhes havia oferecido apenas prorrogações; isso era contrário à equidade. O Conselho isentou os aluguéis pela boa razão de que a propriedade deveria arcar com a sua

parcela do sacrifício geral; mas ele não excetuou um grande número de industriais que haviam realizado lucros escandalosos durante o cerco. Isso era contrário à justiça.

Finalmente, eles negligenciaram o dever de anunciarem-se às províncias, já tão abandonadas pelo Comitê Central. Uma comissão havia certamente sido encarregada de redigir uma mensagem, mas o seu trabalho não agradou e uma outra havia sido nomeada, e com isso o programa da Comuna foi mantido em suspense por vinte e dois dias, e o Conselho permitiu que todas as insurreições das províncias morressem sem dar-lhes quaisquer conselhos ou idéias.

Essas intromissões, essa desordem, perturbavam Paris com o pensamento de que o novo poder não tinha idéias muito claras nem consciência da situação. A fração Liberal do Conselho tirou vantagem desse pretexto para cair fora. Se a sua convenção do dia 20 houvesse sido sincera, se eles se preocupassem com o destino de Paris, o prefeito e os adjuntos eleitos ter-se-iam corajosamente agarrado a seus mandatos. Como aqueles das províncias eles desertaram, mas eram ainda mais culpados já que não haviam protestado contra as suas eleições. Muitos nunca haviam sido vistos no Paço Municipal; outros esfregavam as mãos, lamentando-se, *"Para onde estamos indo?"* Alguns simularam enfermidades fatais: *"Você bem vê que eu estou nas últimas."* Aqueles que haviam sido os mais abusivos até então, agora buscavam por evasões humildes. Nenhum rompeu de forma audaciosa.

As suas renúncias, as eleições duplas, deixaram vinte e dois assentos vagos no dia 30, quando o Conselho verificou as credenciais. Fiel às melhores tradições da República Francesa, ele admitiu o húngaro Frankel, um dos mais inteligentes membros da Internacional, eleito no 13º distrito. Seis candidatos não haviam recebido a oitava parte dos votos requerida pela lei de 1849; o Conselho passou por cima dessa irregularidade por que o distrito desses candidatos, composto de bairros reacionários, estava se esvaziando dia após dia.

Os homens da ordem, duas vezes castigados, continuavam migrando para Versalhes, que eles abasteceram com uma nova reserva de rancores e de bravatas. A cidade havia assumido um aspecto bélico; tudo indicava que a guerra estava próxima. Já o sr. Thiers havia cortado Paris da França. Às vésperas do termo de abril, no 31 de março, o diretor dos correios-gerais, Rampont, recuando da palavra de honra que havia dado ao delegado do Comitê Central, Theisz, partiu depois de ter desorganizado o serviço postal, e o sr. Thiers suprimiu todos os trens de carga e reteve toda a correspondência destinada a Paris.

No 1º de abril ele anunciou oficialmente a guerra. *"A Assembléia,"* ele telegrafou aos governadores, *"está sediada em Versalhes, onde a organização de um dos mais finos exércitos que a França jamais possuiu está sendo completada. Os bons cidadãos podem então por coração e esperança no fim de uma luta que será triste porém breve."* Uma cínica jactância dessa mesma burguesia que havia-se recusado a organizar exércitos contra os prussianos. *"Um dos mais finos exércitos"* era até ali apenas a ralé do 18 de março, fortalecida por cinco ou seis regimentos; cerca de 35.000 homens com 3.000 cavalos e 5.000 gendarmes ou policiais, o único corpo que tinha alguma solidez.

Paris não teria acreditado sequer na existência desse exército. Os jornais populares exigiam uma investida, falando da jornada até Versalhes como um passeio. O mais impetuoso era o *Vingador*, no qual Félix Pyat sacudia furiosamente o seu chapéu de guizos. Ele exortava a Comuna a *"...apertar Versalhes. Pobre Versalhes! ela já não se lembra do 5 e 6 de outubro de 1789, quando as mulheres da Comuna sozinhas bastaram para agarrar o seu rei."* Na manhã de domingo, 2 de abril, o mesmo membro da Comissão Executiva anunciou a Paris: *"Ontem em Versalhes os soldados, inquiridos a votar 'sim' ou 'não' se deveriam marchar sobre Paris, responderam Não!"*

CAPÍTULO XII

INVESTIDA DE 3 DE ABRIL - OS PARISIENSES SÃO REPELIDOS POR TODA A PARTE FLOURENS E DUVAL SÃO MORTOS OS VERSALHESES MASSACRAM ALGUNS PRISIONEIROS

Nesse mesmo dia 2 de abril, à uma hora, sem aviso, sem intimação, os Versalheses abrem fogo e lançam os seus obuses sobre Paris.

Por vários dias a sua cavalaria vinha trocando disparos com os nossos postos avançados em

Châtillon e Putteaux. Nós ocupamos Courbevoie, que domina a estrada de Versalhes, o que deixou os rurais muito ansiosos. No dia 2 às dez horas da manhã, três brigadas entre as melhores tropas de Versalhes, somando 10.000 homens, chegaram à encruzilhada de Bergères. Seiscentos ou setecentos cavaleiros da brigada Gallifet apoiavam esse movimento, enquanto nós tínhamos apenas três batalhões federais em Courbevoie, ao todo quinhentos ou seiscentos homens, defendidos por uma barricada semi-acabada sobre a estrada de St. Germain. A sua atenção, todavia, estava em boa prontidão; os seus sentinelas haviam matado o cirurgião-chefe do exército Versalhês, que eles pensaram tratar-se de um coronel da gendarmeria.

Ao meio-dia os Versalheses, tendo canhoneado o quartel de Courbevoie e a barricada, lançaram-se ao assalto. Aos primeiros disparos dos nossos homens eles fugiram precipitadamente, abandonando na estrada canhões e oficiais. Vinoy foi obrigado a vir pessoalmente para reagrupar os desertores. Enquanto isso o 113º de linha flanqueou Courbevoie pela direita e a infantaria dos *marins* tomou a esquerda, marchando sobre Putteaux. Muito inferiores em número e temendo ser cortados de Paris, os Federados evacuaram Courbevoie e, perseguidos por obuses, recuaram para a avenida de Neuilly, deixando para trás doze mortos e alguns prisioneiros. Os gendarmes haviam capturado cinco, um dos quais uma criança de quinze anos, espancaram-nos impiedosamente e fuzilaram-nos ao pé de Mont-Valérien. Concluída essa expedição, o exército reganhou o seu acantonamento.

Com o estrondo dos canhões toda Paris sobressaltou-se. Ninguém acreditava em um ataque, tão completamente viviam todos desde o dia 28 em uma atmosfera de confiança. Isso era sem dúvida um aniversário, um mal-entendido no máximo. Quando as notícias, as ambulâncias chegaram; quando a palavra foi dita, "*O cerco está recomeçando!*" uma explosão de horror sacudiu todos os bairros. Uma colméia apavorada, tal era Paris. As barricadas foram novamente erguidas, o chamado às armas soando por toda parte, e os canhões empurrados às muralhas da Porte-Maillot e de Ternes. Às três horas 80.000 homens estavam de pé gritando, "*Para Versalhes!*" As mulheres excitavam os batalhões, e falavam em marchar na vanguarda.

A Comissão Executiva reuniu-se e proclamou em um cartaz: "*Os conspiradores monarquistas atacaram; a despeito da moderação da nossa atitude, eles atacaram. O nosso dever é defender a grande cidade contra essas agressões condenáveis.*" Na Comissão, os generais Duval, Bergeret e Eudes declararam-se a favor de um ataque. "*O entusiasmo,*" disseram eles, "*é irresistível, único. O que pode Versalhes fazer contra 100.000 homens? Nós devemos sair com tudo.*" Os seus colegas resistiram, especialmente Félix Pyat, em contraste com a sua linguagem bombástica e a sua bazófia daquela manhã. A sua poltronaria servia-lhe de bóia salva-vidas. "*Não se começa,*" disse ele, "*ao acaso, sem canhões, sem quadros e sem chefes;*" e ele clamou pela incrementação da força das tropas. Duval, que desde o 19 de março vinha insistindo em uma investida, interpelou-o violentamente: "*Para quê então você tem gritado nos últimos três dias 'Para Versalhes?'*" O mais enérgico oponente a uma investida era Lefrançais. Finalmente, os quatro membros civis - isto é, a maioria - decidiram que os generais deveriam apresentar um relatório detalhado de suas forças em homens, artilharia, munições e transportes. Nessa mesma noite a Comissão nomeou Cluseret delegado da Guerra juntamente com Eudes que, sendo um membro do assim chamado partido da ação, devia o seu posto unicamente ao patrocínio de seus velhos camaradas.

Apesar da maioria da Comissão, os generais puseram-se a caminho. Eles não haviam, além do mais, recebido nenhuma ordem em contrário. Félix Pyat havia mesmo concluído dizendo, "*Afinal, se vocês acham que estão preparados...*" Eles consideravam Flourens sempre pronto para um golpe de força, outros colegas igualmente aventureiros e, em sua própria autoridade, certos de serem seguidos pela Guarda Nacional. Eles enviaram aos chefes de legião a ordem de formar colunas. Os batalhões da margem direita deveriam concentrar-se na praça Vendôme e na praça Wagram; os da margem esquerda, na praça d'Italie e no Campo de Marte.

Esses movimentos, sem oficiais para guiá-los, foram muito mal executados. Muitos homens marchavam para lá e para cá, cansaram-se. Contudo à meia-noite ainda havia cerca de 20.000 homens na margem direita do Sena e cerca de 17.000 na esquerda.

Das oito horas até a meia-noite o Conselho permaneceu em sessão. O inexorável Félix Pyat, sempre pertinente, propôs a abolição do orçamento do culto público. A maioria imediatamente o satisfez. Ele poderia da mesma maneira ter decretado a abolição do exército de Versalhes. Quanto à investida, as preparações militares ensurdecendo Paris, ninguém sussurrava uma

palavra no Conselho - ninguém disputava o campo com os generais.

O plano destes últimos, o qual eles comunicaram a Cluseret, era fazer uma forte demonstração na direção de Rueil, enquanto duas colunas marchariam sobre Versalhes por Meudon e o platô de Châtillon. Bergeret, assistido por Flourens, operaria pela direita; Eudes e Duval comandariam as colunas do centro e da esquerda. Uma idéia simples, e fácil de executar com oficiais experimentados e cabeças de colunas sólidas. Mas a maioria dos batalhões estivera sem chefes desde o 18 de março, a Guarda Nacional sem quadros, e os generais que assumiram a responsabilidade de conduzir 40.000 homens jamais haviam conduzido um único batalhão ao campo. Eles negligenciaram mesmo as precauções mais elementares, não sabiam como agrupar artilharia, vagões de munição ou ambulâncias, esqueceram-se de fazer uma ordem do dia, e deixaram os homens por várias horas sem comida em uma penetrante neblina. Todo Federado escolheu o chefe de quem mais gostava. Muitos não tinham cartuchos e acreditavam que a investida era uma simples demonstração. A Comissão Executiva acabara publicar o cartaz de um despacho da praça Vendôme, quartel-general da Guarda Nacional: *"Soldados de linha estão todos vindo a nós e declaram que, salvo os oficiais superiores, ninguém quer lutar."*

Às três horas da manhã a coluna de Bergeret, com cerca de 10.000 homens e apenas oito peças de artilharia, chegou à ponte de Neuilly. Era necessário dar aos homens, que não haviam tomado nada desde a noite anterior, tempo para recuperarem-se. À aurora eles moveram-se na direção de Rueil. Os batalhões marchavam por seções em linha no meio da estrada, sem batedores, e escalavam alegremente o platô de Bergères quando subitamente um obus explodiu entre as suas fileiras, seguido por um segundo. Mont-Valérien abriu fogo.

Um terrível pânico rompeu os batalhões, em meio a milhares de gritos de *"Traição!"* - toda a Guarda Nacional acreditando que ocupávamos Mont-Valérien. Muitos membros da Comuna, do Comitê Central, da praça Vendôme, sabiam do contrário, e de forma um tanto tola o ocultaram, vivendo a esperança de que a fortaleza não iria disparar. Ela possuía, é verdade, apenas dois ou três canhões mal apontados, cujo alcance os Guardas poderiam ter driblado através de um movimento rápido; mas, surpreendidos quando em um estado de cega confiança, eles julgaram-se traídos e fugiram para todos os lados. Bergeret esgotou todos os meios de segurá-los. Um obus cortou em dois o irmão do chefe do seu estado-maior, um oficial do exército regular que passou-se para a Comuna. A maior parte dos Federados dispersou-se pelos campos e retornou a Paris. O 91º somente e uns poucos outros, 1.200 homens ao todo, permaneceram com Bergeret e dividindo-se em pequenos grupos alcançaram Rueil. Pouco depois Flourens chegou pela estrada de Asnières, trazendo se tanto mil homens. O resto ficara para trás em Paris ou pelo caminho. Flourens, mesmo assim empurrando adiante, chegou a Malmaison, pôs os caçadores de Gallifet para correr, e a vanguarda parisiense avançou até Bougival.

Surpreendidos por essa investida os Versalheses somente se alinharam muito tarde, por volta das dez horas. Dez mil homens foram lançados contra Bougival, e as baterias posicionadas sobre a colina de La Jonchère canhonearam Rueil. Duas brigadas de cavalaria à direita e a de Gallifet à esquerda defendiam as alas. A vanguarda parisiense - um mero punhado de homens - ofereceu uma resistência determinada, a fim de dar tempo a Bergeret de operar a sua retirada, que começou por volta de uma hora rumo a Neuilly onde eles fortificaram a cabeça de ponte. Alguns homens valentes que haviam obstinadamente resistido em Rueil ganharam a ponte de Asnières com grande dificuldade, sob o assédio da cavalaria que fez alguns prisioneiros.

Flourens foi surpreendido em Rueil, e a casa que ele ocupava com alguns oficiais cercada por gendarmes. Quando preparava-se para defender-se, o oficial do destacamento capitão Desmarests rachou-lhe o crânio com um golpe de sabre tão furioso que seus miolos jorraram no ar. O corpo foi atirado em uma carroça de lixo e levado a Versalhes, onde as finas senhoras aglomeraram-se para apreciar o espetáculo. Assim acabou-se um homem com um grande coração, amado pela Revolução.

Na extrema esquerda Duval havia passado a noite com seis ou sete mil homens sobre o platô de Châtillon. Por volta das sete horas ele formou uma coluna com homens escolhidos, avançou para Petit-Bicêtre, dispersou o posto avançado do general du Barail e enviou um oficial em missão de reconhecimento a Villecoublay, que comandava a estrada. O oficial anunciou que a estrada estava livre, e os Federados avançaram sem medo. Ao aproximarem-se da aldeia

começaram a receber fogo. Os homens posicionaram-se como escaramuçadores e Duval, sem cobertura no meio da estrada, dava-lhes o exemplo. Eles resistiram por várias horas. Uns poucos obuses teriam bastado para desalojar o inimigo; mas Duval não tinha nenhuma artilharia. Mesmo os cartuchos já estavam em falta, e ele teve que mandar buscar mais em Châtillon.

O grosso dos Federados que ocupavam o reduto, confundidos em uma inextricável desordem, já acreditavam-se cercados de todos os lados. Ao chegarem os mensageiros de Duval imploraram, ameaçaram, mas não puderam obter reforços nem munições. Um oficial ordenou mesmo a retirada. Totalmente abandonado o desafortunado Duval foi assaltado pela brigada Derroja e por toda a divisão Pellé, 8.000 homens. Ele retirou-se com as suas tropas para o platô de Châtillon.

Nossos esforços no centro não tiveram melhor sorte. Dez mil homens haviam partido do Campo de Marte às três horas da manhã com Ranvier e Avrial. Como toda a sua ordem de batalha o general Eudes ordenara as tropas que fossem em frente. Às seis horas o 61º alcançou o Moulineaux, defendido por gendarmes; estes logo foram forçados a recuar para Meudon, fortemente ocupada por uma brigada Versalhesa entrincheirada nas villas e armada de metralhadoras. Os Federados tinham somente oito peças, enquanto Paris possuía centenas, e cada uma delas tinha somente oito salvas. Às seis horas, cansados de atirar em paredes, eles recuaram para Moulineaux. Ranvier saiu em busca de canhões e montou-os no forte de Issy, impedindo assim que Versalhes tomasse a ofensiva.

Fomos batidos em todos os pontos e os jornais Comunalistas gritavam "*Victoire!*" Confundida por assistentes que sequer sabiam o nome dos generais, a Comissão Executiva anunciou a junção de Flourens e Duval em Courbevoie. Novamente tornado belicoso, Félix Pyat por seis vezes gritou em seu *Vingador*, "*Para Versalhes!*" A despeito dos desertores da manhã, o entusiasmo popular não esmoreceu. Um batalhão de 300 mulheres marchou pelos Champs-Élysées acima, bandeira vermelha à frente, pedindo para sair da cidade em busca do inimigo. Os jornais da noite anunciaram a chegada de Flourens a Versalhes.

Nas muralhas descobriu-se a triste verdade. Longas filas de guardas retornavam por todos os portões, e às seis horas o único exército fora de Paris eram os guardas no platô de Châtillon. Uns poucos obuses caindo em seu meio completaram a desordem. Alguns dos homens ameaçaram Duval, que fazia esforços desesperados para mantê-los juntos. Ele permaneceu, rodeado apenas por um punhado de homens, mas com a mesma resolução o tempo todo. Por toda a noite ele, normalmente tão taciturno, não cessava de repetir, "*Eu não vou recuar.*"

No dia seguinte às oito horas o platô e as aldeias vizinhas foram cercados pela brigada Derroja e pela divisão Pellé. "*Rendam-se e as suas vidas serão poupadas,*" o general Pellé disse-lhes. Os parisienses renderam-se. Os Versalheses de imediato separaram os soldados lutando nas fileiras Federadas e fuzilaram-nos. Os prisioneiros, entre duas linhas de caçadores, foram despachados para Versalhes enquanto os seus oficiais, a cabeça descoberta, seus galões arrancados, foram postos à frente do comboio.

No Petit-Bicêtre eles encontraram o comandante-em-chefe, Vinoy. Ele ordenou o fuzilamento dos oficiais, mas quando o chefe da escolta lembrou-lhe da promessa do general Pellé, Vinoy disse, "*Quem é o chefe?*" "*Sou eu,*" disse Duval, destacando-se da fila. Um outro avançou: "*Eu sou o chefe do estado-maior de Duval.*" Então o comandante dos voluntários de Montrouge colocou-se ao lado deles. "*Vocês são uns patifes horrorosos,*" disse Vinoy; e virando-se para seus oficiais, "*Fuzilem-nos.*" Duval e seus camaradas não se dignaram a responder, cavaram uma vala, e encostaram-se a um muro onde foram inscritas as palavras, "*Duval, horticulturista.*" Eles se despiram, e gritando, "*Vive la Commune!*", morreram por ela. Um cavaleiro arrancou as botas de Duval e as carregava como troféu, e um editor do *Figaro* apossou-se do seu colarinho ensanguentado.

Assim o exército da ordem inaugurou a guerra civil com o massacre de prisioneiros. Começou no dia 2; no dia 3 em Chatou, o general Gallifet fez fuzilar três Federados que foram surpreendidos em uma taverna fazendo uma refeição, e então ele publicou uma feroz proclamação: "*A guerra foi declarada pelos bandidos de Paris. Eles assassinaram meus soldados. É uma guerra impiedosa que eu declaro contra esses assassinos. Eu tinha de fazer um exemplo.*"

O general que chamou "*bandidos*" os combatentes de Paris, e esses homicídios "*um exemplo*" era um velhaco da boa-vida, primeiro arruinado, depois sustentado por atrizes. Famoso por seu banditismo no México, ele havia em poucos anos obtido uma patente de general de brigada graças aos encantos de sua esposa, proeminente nas orgias da corte Imperial. Nada é mais edificante nessa guerra civil do que os porta-bandeiras da "*gente honesta*."

O seu bando acorreu em massa à avenida Paris em Versalhes para receber os prisioneiros de Châtillon. A emigração parisiense inteira, funcionários, elegantes, mulheres do mundo e das ruas, todos vieram com a ira de hienas para golpear os Federados com os punhos cerrados, com bengalas e guarda-chuvas, puxando os seus quepes e seus capotes, gritando, "*Abaixo os assassinos! Para a guilhotina!*" Entre esses "*assassinos*" estava o geógrafo Elisée Reclus, pego com Duval. A fim de dar-lhes tempo de saciar a sua fúria, a escolta fez várias paradas antes de conduzir os prisioneiros ao quartel dos gendarmes. Eles foram então atirados nas docas de Satory, e de lá carregados para Brest em vagões de gado.

Picard queria associar toda a gente honesta das províncias com essa isca. "*Jamais*", telegrafou esse Falstaff de aspecto pustulento, "*fisionomias mais ignóbeis de uma demagogia ignóbil encontraram o aflito olhar de homens honestos*."

Já na noite anterior, após os homicídios de Mont-Valérien e de Chatou, o sr. Thiers havia escrito a seus governadores, "*O efeito moral é excelente*." Odiosa repetição daquelas palavras, "*A ordem reina em Varsóvia*," e "*O fuzil tem feito milagres*." Ah! sabe-se bem que não foi a burguesia francesa, mas uma filha do povo quem disse essas grandes palavras, "*Eu nunca vi derramar o sangue francês sem que o meu cabelo ficasse em pé*."

CAPÍTULO XIII

A COMUNA É VENCIDA EM MARSELHA E EM NARBONNE

O mesmo sol que viu a balança pender contra Paris olhou também para a derrota do povo de Marselha.

A parálitica Comissão continuava ainda a cochilar quando, no dia 26, Espivent fez soar o toque de alvorada, lançou o departamento em um estado de sítio, e emitiu uma proclamação à *la Thiers*. O conselho municipal começou a tremer, e no dia 27 removeu os seus delegados do palácio de governo. Gaston Crémieux e Bouchet foram de imediato enviados à Prefeitura para anunciar que a Comissão estava pronta para recuar diante do conselho. O conselho pediu tempo para considerar.

A noite estava passando, e a Comissão buscando uma saída por onde escapar de uma posição que tornara-se insustentável, quando Bouchet propôs telegrafar a Versalhes dizendo que eles renunciariam aos seus poderes em favor de um governador Republicano. Pobre questão de um grande movimento! Eles sabiam o que eram os governadores Republicanos do sr. Thiers. A Comissão, exausta, desencorajada, deixou Bouchet redigir o telegrama, quando Landeck, Amouroux e May chegaram, enviados, diziam eles, por Paris. Eles falavam em nome da grande cidade. Bouchet quis verificar os seus poderes e contestou a sua validade, a qual era de fato mais do que contestável, à vista do que a Comissão ficou indignada. O mágico nome da vitoriosa Paris resuscitou o entusiasmo das primeiras horas, e Bouchet foi embora. À meia-noite o conselho municipal decidiu manter a sua resolução, e comunicou isso ao clube da Guarda Nacional, que imediatamente seguiu o seu exemplo. À uma e meia da manhã os delegados do clube informaram à Comissão que os seus poderes haviam chegado ao fim. A burguesia Liberal, covardemente, caiu fora, os Radicais recuaram, e o povo ficou sozinho para encarar a reação.

Essa foi a segunda fase do movimento. O mais exaltado dos três delegados, Landeck, tornou-se uma autoridade suprema para a Comissão. Os Republicanos de sangue-frio que o ouviram e sabiam de suas relações com a polícia Imperial no passado, suspeitaram de um Bonapartista sob aquele valentão grosseiramente ignorante. Ele de fato não passava de um impostor, talhado para o palco itinerante, de uma vaidade grotesca, que não tinha medo de nada, por ser ignorante de tudo. A situação ficava mais trágica com esse charlatão como líder. Crémieux, incapaz de ver outra saída, continuava a contemplar a solução da noite anterior. No dia 28 ele escreveu ao conselho municipal que a Comissão estava pronta a retirar-se, deixando-lhes a responsabilidade dos eventos, e instou seus colegas a libertar os reféns; isso

só fez torná-lo ainda mais suspeito de moderação. Vigiado de perto, ameaçado, ele desiludiu-se com essas disputas, e nessa mesma noite deixou o palácio de governo. A sua secessão privou a Comissão de toda autoridade. Ela conseguiu descobrir onde ele estava, fez um apelo à sua devoção à causa, e conduziu-o de volta ao palácio para retomar o seu estranho papel de um chefe a um tempo cativo e responsável.

O conselho municipal não respondeu à carta de Crémieux, e no dia 29 a Comissão renovou a sua proposta. O conselho ainda permanecia em silêncio. À noite 400 delegados da Guarda Nacional, reunidos no museu, decidiram federar os batalhões, e apontaram uma comissão encarregada de negociar entre o Paço Municipal e o palácio de governo. Mas esses delegados representavam somente o elemento revolucionário dos batalhões, e o Paço Municipal mergulhou cada vez mais em um pântano de desespero.

Seguiu-se então uma guerra de proclamações entre os dois poderes. No dia 30 o conselho respondeu às deliberações da reunião do museu através de uma proclamação dos chefes dos batalhões reacionários. A Comissão lançou um manifesto exigindo a autonomia da Comuna e a abolição dos governos regionais; imediatamente após isso, o conselho declarou o secretário-geral do governo regional como representante legal do Governo, e convidou-o a retomar o seu posto. O secretário ignorou o convite e buscou refúgio a bordo do *La Couronne*, muitos conselheiros também embarcando na fragata - uma covardia gratuita, uma vez que os mais notórios reacionários iam e vinham sem sofrer a menor interferência. A energia da Comissão era uma mera fachada; ela prendeu apenas dois ou três funcionários, o procurador Guibert, o seu vice, e por um curto tempo o diretor da alfândega e o filho do prefeito. O general Ollivier foi libertado tão logo soube-se que ele havia-se recusado a fazer parte das Comissões Mistas de 1851. Ela foi condescendente ao ponto de deixar um posto próximo ao palácio nas mãos de caçadores esquecidos por Espivent. A fuga do conselho pareceu portanto ainda mais vergonhosa. A cidade continuou calma, alegre, jocosa. Tendo um dia o navio de despachos *Le Renard* vindo exibir os seus canhões na Cannebière, a multidão aglomerada no cais o vaiou tanto que ele foi obrigado a recolher o seu cabo e ir juntar-se à fragata no novo porto.

A Comissão inferiu portanto que ninguém ousaria atacá-la, e assim não tomou nenhuma medida para defender-se. Eles poderiam ter facilmente armado as colinas de Notre Dame de la Garde, que comandam a cidade, e recrutado um grande número de Garibaldianos, alguns oficiais da última campanha tendo-se oferecido para organizar tudo. A Comissão os agradeceu, disse que as tropas não viriam e, mesmo se viessem, iriam confraternizar com o povo. Eles contentaram-se em içar a bandeira negra, dirigindo uma proclamação aos soldados, e armazenando no palácio armas e canhões sem projéteis de calibre correspondente. Landeck por sua vez, querendo distinguir-se, declarou cassada a patente de Espivent e em seu lugar nomeou um ex-sargento da cavalaria chamado Pelissier. *"Até que assuma as suas funções,"* dizia o decreto, *"as tropas permanecerão sob as ordens do general Espivent."* Essa farsa grosseira foi datada de 1º de abril. Perante a corte marcial que o julgou, Pelissier acertou na mosca. Quando perguntado, *"De quais exércitos era você general?"* *"Eu era general da situação,"* foi a sua resposta; e de fato ele jamais conduzira qualquer tropa. Na manhã do dia 24 os trabalhadores haviam retornado ao trabalho, pois à exceção dos guardiães do palácio os Guardas Nacionais não recebiam soldo. Homens para guarnecer os postos eram encontrados com dificuldade, e à meia-noite o palácio não tinha senão uma centena de defensores.

Um golpe de força teria sido fácil, e alguns burgueses ricos queriam tentá-lo. Os homens estavam lá e as manobras foram acertadas. À meia-noite a Comissão seria sequestrada e o palácio tomado, enquanto Espivent marcharia sobre a cidade de forma a chegar lá ao romper do dia. Um oficial foi despachado a Aubagne. O general recusou sob o pretexto da prudência, mas o seu séquito revelou o verdadeiro motivo da recusa. *"Nós,"* eles disseram ao mensageiro, *"escapulimos de Marselha como ladrões; queremos retornar a ela como conquistadores."*

Tal façanha parecia um tanto difícil com o exército de Aubagne, 600 ou 700 homens sem quadros e sem disciplina. Um único regimento, o 6º de Caçadores, exibia uma postura mais marcial. Mas Espivent contava com os marinheiros do *La Couronne*, os Guardas Nacionais da ordem em relações contínuas com ele, e acima de tudo com a bem conhecida inércia da Comissão.

Esta última tentou fortalecer-se através da adjunção de delegados da Guarda Nacional. Eles votaram a dissolução do conselho municipal, e a Comissão convocou os eleitores para o dia 3

de abril. Tivesse sido tomada em 24 de março, essa medida poderia talvez ter resolvido tudo, mas em 2 de abril ela não passava de um soco no ar.

No dia 3, ao receber as notícias de Versalhes, Espivent enviou uma ordem aos chefes dos batalhões reacionários para ficarem de prontidão. Às onze horas da noite oficiais Garibaldianos vieram informar o palácio que as tropas de Aubagne estavam se mobilizando. A Comissão recomeçou com o seu velho refrão: *"Deixe-os vir; estamos prontos para recebê-los."* À uma e meia eles decidiram bater em retirada, e por volta das quatro horas alguns homens tomavam posição próximos ao palácio. Cerca de uma centena de franco-atiradores estabeleceu-se na estação, onde a Comissão sequer pensara em posicionar uma bateria.

Às cinco horas Marselha estava em alerta. Algumas companhias reacionárias apareceram na praça do Palais de Justice e no curso Bonaparte; os marinheiros do *La Couronne* alinharam-se diante da Bolsa; os primeiros tiros foram disparados na estação.

As tropas de Espivent apresentaram-se em três pontos - a estação, a praça Castellane e La Plaine. Não obstante uma fina defesa, os franco-atiradores logo foram cercados e obrigados a recuar. Os Versalheses fuzilaram o chefe-de-estação Federalista sob os olhos do seu filho, um garoto de dezesseis anos, que jogou-se aos pés do oficial oferecendo a sua vida pela do pai. O segundo chefe-de-estação, Funel, conseguiu escapar tendo apenas o braço quebrado. As colunas de La Plaine e L'Esplanade empurraram os seus postos avançados até 300 jardas do palácio.

A Comissão, sempre nas nuvens, enviou uma embaixada a Espivent. Gaston Crémieux e Pélissier puseram-se em marcha, seguidos por uma imensa massa de homens e crianças, gritando *"Vive Paris!"* Nos postos avançados da praça Castellane, sede do comando da operação, o chefe do 6º Caçadores Villeneuve veio ter com os delegados. *"Quais são as suas intenções?"* perguntou Crémieux. *"Nós queremos restabelecer a ordem."* *"Como! você ousaria atirar no povo?"* exclamou Crémieux, e começou a discutir, quando o Versalhês ameaçou dar a ordem para os seus caçadores continuarem a avançar. Os delegados fizeram-se então conduzir até Espivent. Ele primeiro falou em mandar prendê-los, mas então concedeu-lhes cinco minutos para evacuar o palácio. Ao voltar Crémieux encontrou os caçadores debatendo-se na multidão, que tentava desarmá-los. Uma nova onda de gente, precedida por uma bandeira negra, chegou aplicando um vigoroso empurrão nos soldados. Um oficial alemão do comando de Espivent prendeu Pélissier mas os chefes Versalheses, vendo os seus homens vacilarem, ordenaram uma retirada.

A massa aplaudiu, acreditando que iriam debandar. Dois corpos de infantaria já haviam-se recusado a marchar, e a praça do Palácio estava cheia de grupos certos do sucesso. Subitamente por volta das dez horas os caçadores desembocaram pelas ruas de Rome e de l'Armény. O povo cercou-os aos gritos, quando muitos ergueram a coronha dos mosquetes. Um oficial tentou instar a sua companhia e fazê-los cruzar as baionetas, mas tombou com a cabeça perfurada por uma bala. Os seus homens ensaiaram uma carga contra os Federados, que tentaram refugiar-se mas foram feitos prisioneiros no palácio, seguidos pelos caçadores. As salvas dos Guardas Nacionais da ordem e dos caçadores do curso Bonaparte e da casa dos Freis Ignorantins, mantendo um fogo constante, eram respondidas pelos Federados das janelas do palácio.

A fuzilaria já prolongava-se por duas horas, e nenhum reforço havia chegado em apoio ao Federados. Inexpugnáveis no palácio, um sólido edifício quadrado, eles estavam não obstante vencidos, não tendo provisões ou munições suficientes, e teria bastado esperar com as armas prontas até que eles esgotassem os seus cartuchos. Mas o general do Sacré Cœur não ia contentar-se com um meio-triunfo desses. Essa era a sua primeira campanha; ele queria sangue e, acima de tudo, barulho. Desde as onze horas ele fazia bombardear o palácio a partir do topo de Notre Dame de la Garde, uma distância de mais ou menos 500 jardas. A fortaleza de St. Nicolas também abria fogo mas os seus obuses, menos precisos que os de Notre Dame, choviam sobre as mansões aristocráticas do curso Bonaparte, matando um desses heróicos guardas da ordem que atiravam por trás dos soldados. Às três horas o palácio içou uma bandeira de trégua. Espivent continuou a atirar. Um enviado foi até ele, mas ele insistia em uma rendição incondicional. Às cinco horas mais de 300 obuses haviam atravessado o edifício, ferindo muitos Federados. Pouco a pouco os defensores, vendo que não receberiam apoio, abandonaram o local. Fazia tempo que o palácio cessara o fogo, mas Espivent continuava o

seu bombardeio. O medo desse brutamontes era tão grande que ele continuou atirando obuses até o cair da noite. Às sete e meia os marinheiros do *La Couronne* e do *La Magnanime* assaltaram corajosamente o palácio, onde não havia mais ninguém.

Eles encontraram os reféns sãos e salvos, bem como os caçadores feitos prisioneiros pela manhã. Contudo a repressão Jesuítica foi atroz. Os homens da ordem prendiam gente ao acaso e arrastavam as suas vítimas para os depósitos de lâmpadas da estação. Lá um oficial fazia a triagem dos prisioneiros, fazia um sinal para um ou outro deles dar um passo à frente e estourava os seus miolos. Nos dias que se seguiram houve rumores de execuções sumárias no quartel, nas fortalezas e nas prisões. O número de mortos entre a população é desconhecido mas excedeu 150, além de muitos feridos que puderam esconder-se. Os Versalheses tiveram trinta mortos e cinquenta feridos. Mais de 900 pessoas foram atiradas nas casamatas do Château d'If e da fortaleza de St. Nicolas. Gaston Crémieux foi preso na portaria do cemitério Israelita. Ele expôs-se voluntariamente àqueles que o buscavam, fortalecido em sua fé e ainda acreditando nos juízes. O bravo Étienne também foi preso. Landeck, é lógico, saiu de cena a tempo.

No dia 5 Espivent fez a sua entrada triunfal, aclamado com selvagem frenesi pelos reacionários. Mas das fileiras mais distantes da multidão gritos e vaias ergueram-se contra os assassinos. Na praça St. Ferréol um capitão levou um tiro, e o povo apedrejou as janelas de uma casa de onde haviam partido vivas aos marinheiros.

Dois dias depois da batalha, ao desembarcar do *La Couronne*, o conselho municipal recuperou a sua voz para fustigar os vencidos.

A Guarda Nacional foi desarmada, uma feroz reação teve início, os Jesuítas voltaram ao comando e Espivent desfilava por toda a parte, recebendo ovações aos gritos de "*Vive Jésus! Viva o Sagrado Coração!*" O clube da Guarda Nacional foi fechado, Bouchet preso e os Radicais, insultados, perseguidos, viram mais uma vez qual é o preço de se abandonar o povo.

Narbonne também foi subjugada. No dia 30 de março o governador e o procurador-geral emitiram uma proclamação na qual falavam do "*punhado de homens facciosos,*" apresentaram-se como os protetores da verdadeira República e telegrafaram à toda parte o fracasso dos movimentos provinciais. "*Isso é razão,*" respondeu Digeon em um cartaz, "*para dobrar diante da força essa bandeira vermelha tingida pelo sangue de nossos mártires? Que outros consintam em viver eternamente oprimidos.*" Dito isso ele preparou-se para a batalha, e ergueu barricadas nas ruas que conduzem ao Paço Municipal. Sempre na vanguarda, as mulheres arrancaram paralelepípedos e empilharam mobília. Temendo uma resistência séria, as autoridades mandaram Marcou falar com o seu amigo Digeon. O Brutus de Carcassonne chegou ao Paço Municipal acompanhado por dois Republicanos de Limoux, para oferecer em nome do procurador-geral uma anistia plena e completa àqueles dispostos a evacuar o edifício. Eles ofereceram a Digeon vinte e quatro horas para ele ganhar a fronteira. Digeon reuniu o seu conselho e todos recusaram-se a fugir. Marcou apressou-se em informar às autoridades militares que agora podiam agir. O general Zentz foi enviado de imediato a Narbonne.

Às três horas da manhã um destacamento de Turcos fazia o reconhecimento das barricadas da rua du Pont. Em uma tentativa de fraternização, os Federados deram-lhes passagem, e foram recebidos com uma salva que matou dois homens e feriu três. No dia 31 às sete horas Zentz anunciou em uma proclamação que o bombardeio estava para ser reiniciado. Digeon imediatamente escreveu a ele, "*Eu tenho o direito de responder a essa ameaça selvagem na mesma moeda. Estou advertindo-o que se você bombardear a cidade, eu farei fuzilar os três prisioneiros que estão em meu poder.*" Como resposta Zentz prendeu o mensageiro e mandou servir conhaque ao destacamento de Turcos, as únicas tropas dispostas a marchar. Esses animais chegaram a Narbonne ansiosos por saquear, e já haviam pilhado três cafés. A luta estava para começar, quando o procurador-geral voltou a mandar dois enviados oferecendo anistia a todos aqueles que evacuassem o Paço Municipal antes que o fogo fosse aberto, mas a execução dos reféns seria punida com o massacre de todos os seus ocupantes. Digeon anotou essas condições ditadas por um dos enviados, leu-as para os Federados e disse-lhes que cada um estava livre para retirar-se. Nesse momento o procurador-geral apresentou-se com o destacamento de Turcos diante da varanda do jardim. Digeon correu até lá. O procurador discursava para a multidão, e quando falou em indulgência Digeon protestou dizendo que uma anistia acabara de ser prometida. O procurador afogou a discussão em um rufar de tambores,

leu a intimação legal diante do Paço Municipal e exigiu a entrega dos reféns, que foi atendida pelos soldados que haviam concordado em desertar.

Todas essas conferências haviam irritado profundamente a defesa. Além do quê, o Paço Municipal nada podia fazer contra um bombardeio que teria abalado a cidade. Digeon fez evacuar o edifício e trancou-se no gabinete do prefeito, resolvido a vender caro a sua vida; mas o povo carregou-o a despeito da sua resistência. O Paço Municipal estava vazio quando o destacamento de Turcos chegou. Eles saquearam todo o lugar, e oficiais foram vistos saindo de lá abarrotados com objetos furtados.

Não obstante as promessas formais de anistia, numerosos mandados de prisão foram decretados. Digeon recusou-se a fugir e escreveu ao procurador-geral que ele poderia prendê-lo. Um homem desses em Toulouse teria salvado o movimento e levantado todo o Sul.

* * * * *

Limoges teve um lampejo de esperança na data fatal de 4 de abril. Essa capital revolucionária do Centro não poderia assistir parada aos esforços de Paris. No dia 23 de março a Sociedade Popular centralizava todas as forças democráticas e passou um voto de agradecimento ao exército de Paris pela sua conduta do dia 18. Quando Versalhes pediu por voluntários, a Sociedade instou o conselho municipal a impedir tal incitação à guerra civil. As sociedades de trabalhadores despacharam um delegado a Paris logo após a proclamação da Comuna, para inquirir os seus princípios e requerer o envio de um comissário a Limoges. Os membros da Comuna responderam que isso era impossível no momento, que eles iriam considerar o pedido; e nunca mandaram ninguém. A Sociedade Popular foi assim obrigada a agir sozinha. Ela exigiu que o conselho municipal passasse em revista os Guardas Nacionais, certa de que isso resultaria em uma manifestação contra Versalhes. Com poucas exceções o conselho era composto por homens tímidos que tentaram ganhar tempo, quando foram divulgadas as notícias do dia 3 de abril. Ao ler nas paredes o triunfante telegrama de Versalhes na manhã do dia 4, os trabalhadores se revoltaram. Um destacamento de quinhentos soldados estava de partida para Versalhes; a multidão seguiu-os à estação e os trabalhadores insistiram para que eles se juntassem ao povo. Os soldados cercados e muito excitados confraternizaram e renderam as suas armas, muitas das quais foram levadas e escondidas na Sociedade Popular.

Fizeram rufar o alarme de imediato. O coronel dos couraceiros, Billet, que cavalgava pela cidade acompanhado por seus ordenanças, foi cercado pelo povo e obrigado a gritar, "*Vive la République!*" Às cinco horas a Guarda Nacional inteira estava em armas na praça de la Mairie. Os oficiais reuniram-se no Paço Municipal, onde um conselheiro propôs a proclamação da Comuna. O prefeito objetou mas os gritos ressoavam de todos os lados. O capitão Coissac encarregou-se de ir até a estação a fim de parar o trem que estava ao ponto de partir com as tropas. Os outros oficiais consultaram as suas companhias, que responderam com um grito unânime, "*Vive Paris! Abaixo Versalhes!*" Logo depois os batalhões que se aglomeravam diante do Paço Municipal, precedidos por dois conselheiros municipais em seus trajes oficiais, foram pedir ao general a libertação dos soldados presos no curso daquele dia. O general deu a ordem para soltá-los e, ao mesmo tempo, mandou avisar ao coronel Billet para preparar-se contra a insurreição. Da praça Tourny os Federados dirigiram-se ao palácio do governo e ocuparam-no a despeito da resistência dos Guardas Nacionais conservadores, e começaram a erguer algumas barricadas. Quando uns poucos soldados vieram da rua des Prisons, vários cidadãos adjuaram os oficiais a não iniciar uma guerra civil. Estes hesitaram, retiraram-se, quando o coronel Billet desembocou na praça de l'Église St. Michel à frente de cerca de cinquenta couraceiros, e ordenou a seus homens que avançassem com os sabres desembainhados. Eles dispararam as suas pistolas, os Federados responderam, e o coronel foi mortalmente ferido. Dando meia volta, o seu cavalo carregou-o até a praça St. Pierre, arrastando atrás de si os outros cavaleiros, e os Federados assim permaneceram senhores do terreno. Mas carentes de organização, eles debandaram à noite e deixaram o palácio. Vendo-se abandonada, a companhia que ocupava a estação retirou-se no dia seguinte. As prisões começaram, e muitos foram obrigados a se esconder.

* * * * *

Assim as revoltas das grandes cidades morreram uma a uma como as crateras laterais de um vulcão extinto. Os revolucionistas das províncias mostraram-se em toda a parte completamente

desorganizados, sem qualquer faculdade para exercer o poder. Vitoriosos desde o início em todos os lugares, a única coisa que os trabalhadores eram capazes de fazer era pronunciarem-se por Paris. Mas ao menos eles mostraram alguma vitalidade, generosidade e orgulho. Oitenta anos de dominação burguesa não haviam sido capazes de transformá-los em uma nação de mercenários; enquanto os Radicais que os combateram ou ficaram-lhes indiferentes mais uma vez atestaram a decrepitude e o egotismo da classe média, sempre pronta a trair o trabalhador em favor das classes "altas."

CAPÍTULO XIV

OS GRANDES RECURSOS DA COMUNA A GRANDE FRAQUEZA DO CONSELHO A NOMEAÇÃO DE CLUSERET O DECRETO REFERENTE AOS REFÉNS O COMITÊ CENTRAL - O BANCO

Após um armistício de setenta dias, Paris mais uma vez retomou sozinha a luta pela França. Já não era mais apenas pelo território que ela lutava, mas pelo próprio princípio fundamental da nação. Vitoriosa, a sua vitória não seria estéril como aquela do campo de batalha; regenerado, o povo iria lançar-se ao grande trabalho de refazer o edifício social; vencida, toda liberdade seria sufocada, a burguesia tornaria os seus chicotes em escorpiões, e toda uma geração iria deslizar para a tumba.

E Paris, tão generosa, tão fraterna, não tremeu diante da guerra civil iminente. Ela defendeu uma idéia que exaltava os seus batalhões. Enquanto os burgueses recusam-se a lutar, dizendo, "*Eu tenho uma família,*" o trabalhador diz, "*Eu luto pelos meus filhos.*"

Pela terceira vez desde 18 de março Paris não tinha senão uma alma. Os despachos oficiais, os jornalistas mercenários estabelecidos em Versalhes, pintavam-na como o pandemônio de todos os trapaceiros da Europa, descreviam os roubos, as prisões em massa, as orgias sem fim, detalhavam somas e nomes. De acordo com eles, mulheres honestas não mais ousavam aventurar-se nas ruas; 1.500.000 pessoas oprimidas por 20.000 rufiões estavam dedicando ardentes orações a Versalhes. Mas o viajante que corresse o risco de uma visita a Paris encontrava as ruas e boulevards tranquilos, apresentando o seu aspecto habitual. Os saqueadores haviam saqueado apenas a guilhotina, solenemente queimada diante da prefeitura do 11º distrito. De todos os bairros o mesmo murmúrio de execração erguia-se contra o assassinato dos prisioneiros e as ignóbeis cenas em Versalhes. A incoerência dos primeiros atos do Conselho mal foi notada, enquanto a ferocidade dos Versalheses era o tópico do dia. Pessoas chegando cheias de indignação contra Paris, vendo essa calma, essa união de corações, esses homens feridos gritando "*Vive la Commune!*" esses entusiásticos batalhões; ali Mont-Valérien vomitando morte, aqui homens vivendo como irmãos, em algumas poucas horas eram contagiadas pelo vírus parisiense.

Essa era uma febre de fé, de cega devoção e de esperança - de esperança acima de tudo. Qual outra rebelião estivera tão bem armada quanto aquela? Já não era mais um punhado de homens desesperados lutando por trás de uns poucos paralelepípedos, reduzidos a carregar os seus mosquetes com chumbo ou pedras. A Comuna de 1871, muito mais bem armada do que a de 1793, possuía no mínimo 60.000 homens, 200.000 mosquetes, 1.200 canhões, cinco fortalezas; um perímetro coberto por Montmartre, Belleville, o Panthéon erguendo-se acima de toda a cidade, munição suficiente para durar anos, e bilhões à sua disposição. O que mais é necessário para vencer? Um pouco de instinto revolucionário. Não havia um só homem no Paço Municipal que não se gabasse de possuí-lo.

A sessão durante a batalha de 3 de abril foi tempestuosa. Muitos injuriavam aquela investida irresponsável. Lefrançais, indignado por ter sido enganado, retirou-se da Comissão que, chamada a explicar-se, jogou toda a culpa nos generais. Os amigos destes últimos tomaram a sua defesa, pediam que se esperasse por notícias. Logo as desastrosas novidades foram trazidas, e eles não podiam mais hesitar. Para tal usurpação de autoridade não havia senão uma reparação possível. Flourens e Duval haviam-no feito voluntariamente. Os outros tinham que segui-los. Assim os mortos teriam sido apaziguados, loucuras desse tipo descartadas de uma vez por todas, e a autoridade da Comuna tornada clara para os mais refratários.

Mas os homens no Paço Municipal não eram tão inflexíveis. Muitos haviam lutado, conspirado juntos sob o Império, vivido nas mesmas prisões, identificado a Revolução com os seus amigos. E além disso os generais, eram eles sozinhos os culpados? Tantos batalhões não poderiam ter-se agitado por toda a noite sem que o Conselho soubesse de nada. Mesmo cegos ou surdos, eles não eram menos responsáveis. A bem da justiça eles deveriam ter-se dizimado. Eles sentiam isso, sem dúvida, e não ousaram atacar os generais.

Eles podiam ao menos tê-los demitido. Eles se contentaram em substituí-los na Comissão Executiva, e notificaram essa medida da forma mais respeitosa. *"A Comuna estava desejosa de deixar-lhes toda a liberdade na condução das operações militares; ela estava tão longe de desejar desagradá-los quanto de desejar diminuir a sua autoridade."* E contudo a sua negligência, a sua incapacidade havia sido mortal. A sua ignorância somente salvou-os da suspeita de ter traído. Essa indulgência estava cheia de promessas para o futuro.

Esse futuro queria dizer Cluseret. Desde os primeiros dias ele havia apossado o Comitê Central, os Ministros, em busca de uma patente de general, as suas mãos cheias de planos de guerra contra os prefeitos. O Comitê não queria saber dele. Ele então colou-se à Comissão Executiva, a qual no dia 2 de abril às sete horas da noite apontou-o delegado para a guerra, com a ordem de assumir os seus deveres imediatamente. A chamada para a investida fatal estava sendo soada naquele momento. Cluseret teve o cuidado de não tomar posse no seu posto, permitiu que os generais se arruinassem, e no dia 3 apareceu perante o Conselho para denunciar a sua *"infantilidade."* Era esse panfleteiro militar, sem nenhuma garantia senão a sua condecoração, conquistada contra os Socialistas em 1848, que havia bancado a marionete em três insurreições, quem os Socialistas de 1871 encarregavam da defesa da sua Revolução.

A escolha era execrável, a própria idéia de nomear um delegado errônea. O Conselho acabara de tomar a decisão de manter-se na defensiva. Guardar as linhas, regularizar os serviços, prover e administrar os batalhões, o melhor delegado teria sido o bom senso. Uma comissão composta de uns poucos homens ativos e laboriosos teria oferecido todas as garantias de segurança.

Além do mais, o Conselho deixou de apontar que tipo de defesa ele tinha em mente. A defesa das fortalezas, dos redutos, das posições acessórias, requeria milhares de homens, oficiais experientes, uma guerra tanto com a picareta quanto com o mosquete. A Guarda Nacional não era qualificada para tal tarefa. Por trás das muralhas, pelo contrário, ela tornava-se invencível. Teria bastado demolir as fortalezas do sul, fortificar Montmartre, o Panthéon e as colinas Chaumont, armar fortemente as muralhas, criar um segundo, um terceiro perímetro, para tornar Paris inacessível ou indefensável pelo inimigo. O Conselho não indicou nenhum desses sistemas, mas permitiu que seus delegados brincassem com os dois, e finalmente anulassem um pelo outro.

Se eles desejavam concentrar o poder militar através do apontamento de um delegado, por que não dissolver o Comitê Central? Este último agia, falava mais audaciosamente e muito melhor do que o Conselho que o excluía do Paço Municipal. O Comitê instalara-se na rua de l'Entrepôt, atrás da Casa da Alfândega, próximo ao seu berço. De lá em 5 de abril ele lançou uma fina proclamação: *"Trabalhadores, não se enganem quanto à importância do combate. É a luta entre o parasitismo e o trabalho, a exploração e a produção. Se vocês estão cansados de vegetar na ignorância e de charfurdar na miséria, se vocês querem que os seus filhos sejam homens usufruindo o benefício do seu trabalho, e não meros animais treinados para a oficina e o campo de batalha, se vocês não querem que as suas filhas, a quem vocês são incapazes de educar e de criar como ansiam, tornem-se instrumentos do prazer nos braços da aristocracia do dinheiro, se vocês afinal desejam o reino da justiça, trabalhadores, sejam inteligentes, despertem!"*

O Comitê certamente declarou em um outro cartaz que não tinha pretensões a qualquer poder político, mas o poder em tempos de revolução de si próprio pertence àqueles que o definem. Por oito dias o Conselho não soubera interpretar a Comuna, e toda a sua bagagem consistia em dois decretos insignificantes. O Comitê Central, pelo contrário, de forma muito distinta determinou o caráter desse debate, que havia-se tornado social, apontou por trás da luta pelas liberdades municipais essa esfinge devoradora, a questão do proletariado.

O Conselho poderia ter aproveitado a lição, endossado se necessário esse manifesto, e então,

referindo-se às protestações do Comitê, obrigado-o a dissolver-se. Isso era um tanto mais fácil pois o Comitê, muito debilitado pelas eleições, somente existia graças a quatro ou cinco membros e a seu eloquente porta-voz, Moreau. Mas o Conselho contentou-se com um brando protesto na sessão do dia 5, e como sempre deixou as coisas se acomodarem da melhor maneira possível.

Ele estava já flutuando de fraqueza em fraqueza; e contudo, se jamais ele acreditou em sua própria energia foi nesse dia. A selvageria dos Versalheses, o assassinato dos prisioneiros, de Flourens e Duval, havia excitado os mais tranquilos. Eles estavam ali cheios de vida havia três dias, esses bravos colegas e amigos. Os seus lugares vazios pareciam clamar por vingança. Bem, então, já que Versalhes lutava uma guerra de canibais, eles responderiam olho por olho, dente por dente. Além disso, se o Conselho não agisse, o povo, dizia-se, iria ele próprio vingar-se, e de forma ainda mais terrível. Eles decretaram que qualquer um acusado de cumplicidade com Versalhes seria julgado em quarenta e oito horas, e se culpado, retido como refém. A execução por Versalhes de um defensor da Comuna seria seguida pela de um refém - por três dizia o decreto, em número igual ou duplo dizia a proclamação.

Essas leituras diferentes traíam o estado perturbado das suas mentes. Somente o Conselho acreditava que havia assustado Versalhes. Os jornais burgueses gritaram "*Abominação!*" e o sr. Thiers, que fuzilava sem nenhum decreto, denunciou a ferocidade da Comuna. No fundo eles todos riam-se à socapa. Os reacionários de qualquer marca de há muito haviam fugido; só permaneciam em Paris a arraia miúda e alguns homens isolados que, se necessário, Versalhes estava pronta a sacrificar. Os membros do Conselho, em sua impetuosidade infantil, não viam os verdadeiros reféns fitando-os na face - o banco, o registro civil e o fundo dos domínios e dos pleiteantes. Esses eram os pontos sensíveis por onde segurar a burguesia. Sem arriscar um único homem, a Comuna só precisava estender a mão e fazer Versalhes negociar ou cometer suicídio.

Os tímidos delegados do 26 de março não eram os homens que iriam ousar isso. Ao permitir que o exército Versalhês escapasse, o Comitê Central cometera uma falta grave; a do Conselho era incomparavelmente mais danosa. Todos os rebeldes sérios começam por apreender as fontes de energia do inimigo - o tesouro. O Conselho da Comuna foi o único governo revolucionário que recusou-se a fazer isso. Enquanto aboliam o orçamento do culto público, que estava em Versalhes, eles dobravam os joelhos diante do orçamento da burguesia, que estava à sua mercê.

Houve então uma cena de total comédia, se é que é possível rir-se de uma negligência que causou tanto derramamento de sangue. Desde o 19 de março os governadores do banco viviam como homens condenados à morte, a cada dia esperando a execução do seu tesouro. Removê-lo para Versalhes era algo com o que não podiam sequer sonhar. Isso teria requerido de sessenta a oitenta fuzões e um corpo de exército. No dia 23 o seu governador, Rouland, não pôde mais aguentar e fugiu. O sub-governador, de Ploeuc, o substituiu. Na sua primeira entrevista com os delegados do Paço Municipal ele percebeu a sua timidez, endureceu, então pareceu relaxar, cedeu pouco a pouco, e pingou o seu dinheiro franco a franco. O banco, que Versalhes acreditava estar quase vazio, continha: moeda, 77 milhões; cédulas, 166 milhões; contas descontadas, 899 milhões; apólices por adiantamentos feitos, 120 milhões; ouro em barras, 11 milhões; jóias em depósito, 7 milhões; títulos públicos e outros em depósito, 900 milhões; isto é, 2 bilhões e 180 milhões de francos: 800 milhões em cédulas só requeriam a assinatura do caixa, uma assinatura facilmente feita. A Comuna tinha então três bilhões em suas mãos, dos quais mais de um bilhão realizados, o suficiente para comprar todos os generais e funcionários de Versalhes; como reféns, 90.000 depositantes de títulos, e os dois bilhões em circulação cuja garantia repousava em caixas na rua de la Vrillière.

No dia 29 de março o velho Beslay apresentou-se diante do tabernáculo. De Ploeuc havia arregimentado os seus 430 funcionários, armados com mosquetes sem cartuchos. Conduzido através das linhas desses guerreiros, Beslay humildemente rogou ao governador a grande gentileza de suprir o pagamento da Guarda Nacional. De Ploeuc respondeu sobranceiramente, falou em defender-se. "*Mas,*" disse Beslay, "*se, para evitar a efusão de sangue, a Comuna apontasse um governador.*" "*Um governador! nunca!*" disse de Ploeuc, que entendia esse homem; "*...mas um delegado! Se você fosse esse delegado nós poderíamos chegar a um entendimento.*" E, fazendo o patético, "*Vamos, sr. Beslay, ajude-me a salvar isso. Essa é a fortuna do seu país; essa é a fortuna da França.*"

Profundamente comovido, Beslay correu à Comissão Executiva, repetiu a sua lição ainda melhor por acreditar nela, e congratulou-se pelo seu saber financeiro. "O banco," disse ele, "é a fortuna do país: sem ele, nenhuma indústria, nenhum comércio. Se vocês o violarem, todas as suas notas não passarão de papel." Esse lixo circulou pelo Paço Municipal, e os Proudhonistas do Conselho, esquecendo-se que o seu mestre colocava a supressão do banco no topo do seu programa revolucionário, apoiaram o velho Beslay. Na própria Versalhes, o baluarte capitalista não tinha defensores mais inveterados do que aqueles do Paço Municipal. Se alguém houvesse ao menos proposto, "Vamos pelo menos ocupar o banco," mas a Comissão Executiva não tinha a audácia para fazer isso, e contentou-se em comissionar Beslay. De Ploeuc recebeu o bom homem de braços abertos, instalou-o no gabinete mais próximo, persuadindo-o mesmo a dormir no banco, fez dele o seu refém, e mais uma vez respirou aliviado.

Assim desde a primeira semana a Assembléia do Paço Municipal mostrou-se fraca diante dos autores da investida, fraca diante do Comitê Central, fraca diante do banco, superficial em seus decretos, na escolha do seu delegado ao Gabinete de Guerra, sem um plano militar, sem um programa, sem uma visão geral, e perdendo-se em discussões sem propósito. Os Radicais que haviam permanecido no Conselho viram o rumo que ele estava tomando e, sem inclinação para fazer o papel de mártires, apresentaram a sua renúncia.

Oh Revolução! tu não esperas o dia e a hora apropriados. Tu vens subitamente, cega e fatal como uma avalanche. O verdadeiro soldado do povo aceita o combate seja onde for que o acaso o lance. Erros, defecções, companheiros transigentes não o desanimam. Mesmo certo da derrota, ele luta ainda; a sua vitória é uma tênue sombra no futuro.

CAPÍTULO XV

OS PRIMEIROS COMBATES DE NEUILLY E ASNIÈRES ORGANIZAÇÃO E DERROTA DOS CONCILIADORES

O fiasco de 3 de abril intimidou os timorosos mas exaltou os fervorosos. Batalhões até então inertes despertaram; o arrastado armamento das fortalezas foi acelerado. Salvo Issy e Vanves, um tanto danificadas, as fortalezas estavam intactas. Toda Paris logo ouviu esses finos canhões de sete, que Trochu havia desdenhado, disparando tão robustamente e com tamanha pontaria, que na noite do dia 4 os Versalheses foram obrigados a evacuar o platô de Châtillon. As trincheiras que protegiam as fortalezas foram ocupadas. Les Moulineaux, Clamart, Le Val-Fleury ressoavam com a fuzilaria. À direita nós reocupamos Courbevoie, e a ponte de Neuilly foi guarnecida com uma barricada.

Dali nós continuávamos a ameaçar Versalhes, e Vinoy recebeu a ordem de tomar Neuilly. Na manhã do dia 6 Mont-Valérien, recentemente armada com projéteis de 24 libras, abriu fogo sobre Courbevoie. Após seis horas de bombardeio os Federados evacuaram a encruzilhada e tomaram posição atrás da grande barricada da ponte de Neuilly. Os Versalheses a canhoneavam enquanto ela era protegida pela Porte-Maillot.

Essa Porte-Maillot, que tornou-se legendária, possuía apenas uns poucos canhões expostos ao fogo vindo de cima de Mont-Valérien. Por quarenta e oito dias a Comuna encontrou homens dispostos a servir nesse posto indefensável. A sua coragem eletrificava a todos. A multidão ia ao Arco do Triunfo para vê-los, e os meninos mal esperavam pela explosão para correr em busca dos fragmentos dos obuses.

Intrepidamente os parisienses logo reapareceram nas primeiras escaramuças. Os próprios jornais burgueses lamentavam que tamanho ardor não tenha sido demonstrado contra os prussianos. O pânico do dia 3 de abril testemunhara feitos heróicos e o Conselho, com feliz inspiração, queria dar aos defensores da Comuna um funeral digno deles. Ele apelou ao povo. No dia 6 às duas horas uma multidão inumerável acorreu ao hospital Beaujon, aonde os mortos haviam sido transportados. Muitos, fuzilados após o combate, traziam nos braços as marcas deixadas pelas cordas. Houve cenas de partir o coração. Mães e esposas curvadas sobre esses corpos davam gritos de fúria e juravam vingança. Três imensos catafalcos, cada um contendo trinta e cinco ataúdes cobertos de crepe negra e adornados com bandeiras vermelhas, puxados por oito cavalos, rodavam lentamente rumo aos grandes boulevards, precedidos por clarins e pelos Vingadores de Paris. Delescluze e cinco membros da Comuna, a cabeça descoberta e portando seus lenços vermelhos, lideravam o luto. Atrás deles seguiam os

parentes das vítimas, as viúvas de hoje amparadas pelas viúvas de amanhã. Milhares e milhares, homens, mulheres e crianças com perpétuas nas casas dos seus botões, silenciosos, solenes, marchavam ao som dos tambores abafados. A intervalos, suaves frases musicais elevavam-se como o murmúrio espontâneo de uma dor longamente contida. Nos grandes boulevards nós somávamos 200.000, e 100.000 faces pálidas olhavam-nos das janelas. As mulheres soluçavam, muitas desmaiaram. Essa Via Sacra da Revolução, cena de tantas aflições e de tantas alegrias, talvez jamais tenha testemunhado tal comunhão de corações. Delescluze exclamou em êxtase, *"Que povo admirável! Irão eles ainda dizer que não passamos de um punhado de descontentes?"* No Père-Lachaise ele avançou até a tumba comum. Encarquilhado, curvado, sustentado apenas por sua fé indomável, esse homem moribundo reverenciou os mortos. *"Eu não vou fazer-lhes longos discursos; eles já nos custaram demasiado caro... Justiça para as famílias das vítimas; justiça para a grande cidade que, após cinco meses de cerco, traída pelo seu Governo, ainda tem em suas mãos o futuro da humanidade... Não choremos pelos nossos irmãos que tombaram heroicamente, mas juremos continuar o seu trabalho, e salvar a Liberdade, a Comuna, a República!"*

No dia seguinte os Versalheses canhonearam a barricada e a avenida de Neuilly. Os habitantes, a quem eles não tiveram a humanidade de prevenir, foram obrigados a buscar refúgio em seus porões. Por volta das quatro e meia o fogo dos Versalheses cessou e os Federados estavam recuperando o fôlego, quando os soldados desembocaram em massa diante da ponte. Surpreendidos, os Federados tentaram impedir o seu progresso, ferindo um general e matando dois, um dos quais, Besson, fora o responsável pela surpresa de Beaumont l'Argonne durante a marcha sobre Sedan. Mas os soldados em força esmagadora conseguiram avançar até o velho parque de Neuilly.

A perda desse ponto de acesso foi ainda mais séria por que Bergeret, em uma carta publicada no *Officiel*, vinha respondendo por Neuilly. A Comissão Executiva substituiu-o pelo polonês Dombrowski, que Garibaldi havia requisitado para o seu estado-maior durante a guerra nos Vosges. O estado-maior de Bergeret protestou e o seu falatório levou à prisão do seu chefe pelo Conselho, cada vez mais desconfiado. A própria Guarda Nacional recebeu o novo general com reservas. A Comissão teve de apresentá-lo a Paris e, desinformada, inventou uma lenda a seu favor. Dombrowski não demoraria a tornar essa lenda real.

No mesmo dia os Federados de Neuilly notaram um rapaz de baixa estatura usando um modesto uniforme, calmamente inspecionando as vanguardas no meio do tiroteio. Era Dombrowski. Em vez da explosiva e excitada bravura francesa, a fria e, como se assim fosse, inconsciente coragem do eslavo. Em algumas poucas horas o novo chefe havia conquistado todos os seus homens. O competente oficial logo se revelou. Durante a noite do dia 9, com dois batalhões de Montmartre e acompanhado por Vermorel, Dombrowski pegou os Versalheses de surpresa em Asnières, expulsou-os, capturou os seus canhões, e protegido pelos vagões blindados da estrada de ferro canhoneou Courbevoie e a ponte de Neuilly pelo flanco. Ao mesmo tempo o seu irmão assaltou o castelo de Bécon, que domina a estrada de Asnières a Courbevoie. Vinoy tendo tentado retomar esse posto na noite de 12 para 13, os seus homens foram vergonhosamente enxotados, e fugiram para Courbevoie da forma mais rápida que as suas pernas permitiam.

Paris não foi informada desse sucesso, tão defectivo era o serviço do estado-maior. Esse brilhante ataque foi o feito de um único homem, tal como a defesa das fortalezas foi um trabalho espontâneo da Guarda Nacional. Não havia até agora nenhuma direção. Qualquer um que cismasse em precipitar-se em alguma aventura simplesmente o fazia; qualquer um que quisesse canhões ou reforços ia pedi-los na praça Vendôme, no Comitê Central, no Paço Municipal do generalíssimo Cluseret.

Este último havia feito a sua estréia com uma asneira, convocando apenas os homens solteiros de dezessete a trinta e cinco anos, privando assim a Comuna dos seus mais enérgicos defensores, os homens grisalhos, os primeiros e os últimos sob o fogo em todas as nossas insurreições. Três dias mais tarde esse decreto teve de ser revogado. No dia 5, em seu relatório ao Conselho, esse profundo estrategista anunciou que o ataque de Versalhes escondia um movimento para a ocupação das fortalezas da margem direita, nesse momento nas mãos dos prussianos. Como Trochu, ele culpou o canhoneio dos últimos poucos dias pelo desperdício, como ele disse, das munições. E isso quando Paris estava abarrotada de pólvora e de obuses; quando as suas jovens tropas deveriam ter sido animadas e sustentadas pela

artilharia; quando os Versalheses de Châtillon incessantemente perseguidos pelo nosso fogo eram obrigados a retirarem-se todas as noites; quando somente um canhoneio ininterrupto podia salvar Neuilly.

O Conselho não era mais sábio em suas medidas de defesa. Ele decretou o serviço compulsório e o desarmamento dos refratários; mas as buscas, feitas ao acaso e sem a assistência da polícia, não obtiveram um homem ou cem mosquetes a mais. Ele votou pensões vitalícias para as viúvas, para os pais dos Federados mortos em combate, para os seus filhos uma anuidade até a idade de dezoito anos, e adotou os órfãos. Excelentes medidas estas, elevando os espíritos dos combatentes, caso assumissem que a Comuna seria vitoriosa. Não teria sido melhor, como nos casos de Duval e Dombrowski, dar de imediato alguns milhares de francos àqueles que tivessem direito? Na realidade, esses desafortunados pensionistas não receberam senão cinquenta francos da Comuna.

Essas medidas, incompletas, mal administradas, implicavam em uma falta de estudo e de reflexão. Os membros vinham ao Conselho como se a uma reunião pública, sem qualquer preparação, e lá prosseguiram sem qualquer método. Os decretos da véspera eram esquecidos, questões resolvidas apenas pela metade. O Conselho criou conselhos de guerra e cortes marciais, e permitiu que o Comitê Central regulasse o procedimento e as penalidades; ele organizou uma metade do serviço médico e Cluseret a outra; ele suprimiu a patente de general, e os oficiais superiores a retiveram, o delegado da Guerra a conferindo a eles. No meio de uma sessão, Félix Pyat saltou de sua cadeira para exigir a abolição da coluna Vendôme, enquanto Dombrowski fazia apelos desesperados por reforços.

Ele mal tinha 2.500 homens para segurar Neuilly, Asnières e toda a península de Gennevilliers, enquanto os Versalheses estavam acumulando as suas melhores tropas contra ele. De 14 a 17 de abril eles canhonearam o castelo de Bécon, e na manhã do dia 17 atacaram-no com uma brigada. Os 250 Federados que o ocupavam resistiram por seis horas e os sobreviventes retiraram-se para Asnières, trazendo o pânico com eles. Dombrowski, Okolowitz e uns poucos homens vigorosos lá acorreram, conseguiram restabelecer um pouco de ordem e fortificaram a cabeça de ponte. Quando Dombrowski pediu reforços o Gabinete de Guerra enviou-lhe apenas algumas companhias. No dia seguinte a nossa vanguarda foi surpreendida por fortes destacamentos, e os canhões de Courbevoie castigavam Asnières. Após uma luta indecisa, por volta das dez horas, vários batalhões, desgastados, abandonaram a parte sul da aldeia. Na parte norte o combate foi desesperado. A despeito de telegrama após telegrama Dombrowski recebeu apenas 300 homens. Às cinco horas da tarde os Versalheses fizeram um grande esforço e os Federados, exaustos, temendo por sua retirada, atiraram-se sobre a ponte de barcos, que eles cruzaram em desordem.

Os jornais reacionários fizeram muito barulho sobre essa retirada. Paris foi sacudida por ela. Essa feroz obstinação do combate começou a abrir os olhos dos otimistas. Até então muitas pessoas viam aquilo tudo como um terrível mal-entendido, e formavam grupos de conciliação. Quantos milhares em Paris falharam em entender o plano do sr. Thiers e da coalizão até o dia do massacre final! No dia 4 de abril alguns manufactureiros e comerciantes haviam criado a União Nacional de Câmaras Sindicais, tendo como programa a manutenção e a emancipação da República, o reconhecimento das franquias municipais de Paris. No mesmo dia no Bairro das Escolas, professores, doutores, advogados, engenheiros e estudantes afixaram o cartaz de um manifesto exigindo uma República democrática e laica, uma Comuna autônoma e a federação das comunas. Um grupo análogo produziu um cartaz contendo uma carta ao sr. Thiers: *"Você acredita em um motim, e vê-se face a face com convicções precisas e universais. A imensa maioria de Paris exige a República como um direito acima de qualquer discussão. Paris tem visto em toda a conduta da Assembléia o desígnio premeditado de restabelecer a monarquia."* Alguns dignitários das lojas maçônicas apelaram de imediato a Versalhes e ao Conselho: *"Parem a efusão desse sangue tão precioso."*

Finalmente, um certo número daqueles prefeitos e adjuntos que não haviam capitulado até a décima primeira hora, como Floquet, Corbon, Bonvalet, etc. fundaram pomposamente a Liga da União Republicana para os Direitos de Paris. Agora eles pediam o reconhecimento da República, o direito de Paris autogovernar-se e a custódia da cidade confiada exclusivamente à Guarda Nacional; tudo isso a Comuna havia querido - tudo isso eles haviam combatido de 19 a 25 de março.

Outros grupos estavam se formando. Todos concordavam em dois pontos - a consolidação da República e o reconhecimento dos direitos de Paris. Quase todos os jornais Comunaes reproduziram esse programa, e os jornais Republicanos o aceitaram. Os deputados de Paris foram os últimos a falar, e ainda assim para acusar Paris. Nesse tom lacrimoso e Jesuítico com o qual ele tem travestido a história, nessas enfadonhas frases sentimentais que servem para mascarar a aridez do seu coração e a pequenez da sua mente, esse rei dos gnomos, Louis Blanc, escreveu em nome dos seus colegas: *"Nenhum membro da maioria questionou até agora o princípio Republicano... Quanto àqueles engajados na insurreição, nós lhes dizemos que eles deveriam ter tremido só de pensar em agravar, em prolongar o flagelo da ocupação estrangeira ao acrescentar a ela o flagelo da discórdia civil."*

Foi isso que o sr. Thiers repetiu palavra por palavra aos primeiros conciliadores, os delegados da União Sindical, quando eles o procuraram em 8 de maio: *"Que a insurreição desarme-se; a Assembléia não pode desarmar-se. Mas Paris quer a República. A República existe; pela minha honra, enquanto eu estiver no poder, ela não sucumbirá. Mas Paris quer franquias municipais. A Câmara está preparando uma lei para todas as comunas; Paris não terá nem mais nem menos."* Os delegados leram um projeto de compromisso que falava de uma anistia geral e de uma suspensão das armas. O sr. Thiers deixou-os ler, não contestou formalmente um só artigo, e os delegados retornaram a Paris convencidos de que haviam descoberto a base de um entendimento.

Eles mal haviam saído quando o sr. Thiers acorreu à Assembléia, que acabara de dotar todas as comunas com o direito de eleger os seus prefeitos. O sr. Thiers ascendeu à tribuna, exigindo que esse direito fosse restrito a cidades com menos de 20.000 almas. Eles exclamaram-lhe, *"Isso já foi votado."* Ele persistiu, declarando que *"em uma república o Governo deve estar melhor armado por que a ordem é mais difícil de ser mantida;"* ameaçou apresentar a sua renúncia, e forçou a Assembléia a anular o seu voto.

No dia 10, a Liga dos Direitos de Paris fez soar os clarins e afixou uma solene declaração em um cartaz: *"Que o Governo deixe de contestar os fatos consumados de 18 de março. Que a reeleição geral da Comuna tenha prosseguimento... Se o Governo de Versalhes permanecer surdo a essas reivindicações legítimas, que fique bem entendido que toda Paris irá levantar-se para defendê-las."* No dia seguinte os delegados da Liga foram a Versalhes, e o sr. Thiers retomou o seu velho refrão, *"Que Paris se desarme,"* e não quis ouvir sobre armistício ou anistia. *"O perdão será estendido,"* disse ele, *"àqueles que desarmarem-se, salvo os assassinos de Clément-Thomas e de Lecomte."* Isso era para reservar-se a escolha de alguns milhares. Em suma, ele queria ser recolocado em sua posição de 18 de março com a vitória na barganha. No mesmo dia ele disse aos delegados das lojas maçônicas, *"Dirijam-se à Comuna; o que é desejado é a submissão dos insurgentes, e não a renúncia do poder legal."* Para facilitar essa submissão, no dia seguinte o *Officiel* de Versalhes comparou Paris à planície de Maratona infestada por um bando de *"bandidos e assassinos."* No dia 13 um deputado, Brunet, tendo perguntado se o Governo iria ou não celebrar a paz com Paris, a Assembléia adiou essa interpelação por um mês.

Depois de levar essas boas palmadas, a Liga foi ao Paço Municipal no dia 14. O Conselho, desconhecendo todas essas negociações, deixou-os inteiramente livres, e havia apenas proibido uma reunião na Bolsa anunciada por Tirards mal-disfarçados. O Conselho contentou-se em confrontar a Liga com a sua declaração do dia 10: *"Vocês disseram que se Versalhes permanecesse surda, toda Paris iria levantar-se. Versalhes permaneceu surda; levantem-se."* E para fazer de Paris o juiz, o Conselho lealmente publicou em seu *Officiel* o relatório dos conciliadores.

CAPÍTULO XVI

O MANIFESTO DO CONSELHO AS ELEIÇÕES COMPLEMENTARES DE 16 DE ABRIL MOSTRAM UMA MINORIA NO CONSELHO PRIMEIRAS DISPUTAS - OS GERMES DA DERROTA

Pela segunda vez a situação foi distintamente delimitada. Se o Conselho não sabia como definir a Comuna, não havia sido ela de uma maneira inconfundível, e diante dos olhos de toda Paris, definida como um campo de rebeldes, pelos combates, pelo bombardeio, pela fúria dos

Versalheses, e pelo malogro dos conciliadores? As eleições complementares de 16 de abril - a morte, eleições duplas, e renúncias haviam somado trinta e um assentos vagos - revelaram as forças efetivas da insurreição. A ilusão de 26 de março havia-se evaporado; os votos agora foram dados sob o fogo. Também os jornais da Comuna e os delegados das Câmaras Sindicais em vão exortaram os eleitores a ir às urnas. Dos 146.000 que haviam comparecido nesses distritos à eleição de 26 de março, vieram agora apenas 61.000. Os distritos dos conselheiros que haviam renunciado a seus assentos deram 16.000 em vez de 51.000 votos.

Era agora ou nunca o momento de explicar o seu programa à França. A Comissão Executiva havia no dia 6, em uma mensagem às províncias, protestado contra as calúnias de Versalhes, mas havia-se limitado à declaração de que Paris lutava por toda a França, e não apresentara nenhum programa. As protestações Republicanas do sr. Thiers, a hostilidade da extrema Esquerda, os decretos incoerentes, haviam completamente confundido as províncias. Era necessário corrigir isso imediatamente. No dia 19 uma comissão encarregada de redigir um programa apresentou o seu trabalho, ou antes, o trabalho de outrem. Triste e característico símbolo este; a declaração da Comuna não emanou do Conselho, não obstante os seus doze publicistas. Dos cinco membros encarregados da redação do projeto, somente Delescluze contribuiu com algumas passagens; a parte técnica foi o trabalho de um jornalista, Pierre Denis.

No *Grito do Povo* ele havia abraçado e formulado como uma lei o capricho de "*Paris uma cidade livre*," idealizado na primeira explosão de paixão das reuniões do Vauxhall. De acordo com esse legislador, Paris deveria tornar-se uma cidade Hanseática, coroando-se com todas as liberdades, e das alturas da sua orgulhosa fortaleza dizer às acorrentadas comunas da França, "*Imitem-me se puderem; mas atenção, eu nada farei por vocês senão dar-lhes o meu exemplo*." Esse plano encantador havia virado a cabeça de vários membros do Conselho, e muitos dos seus traços eram visíveis na declaração.

"O que Paris exige?" ela dizia. "*O reconhecimento da República. A autonomia absoluta da Comuna estendida a todas as localidades da França. Os direitos inerentes da Comuna são: o voto do orçamento comunal; o estabelecimento e a repartição dos impostos; a direção dos serviços locais; a organização da sua magistratura, da sua polícia interna e da educação; a administração dos bens comunais; a escolha e o direito permanente de controle sobre os magistrados e funcionários comunais; a garantia absoluta da liberdade individual, da liberdade de consciência e da liberdade de trabalho; a organização da defesa urbana e da Guarda Nacional; a Comuna sozinha encarregada da vigilância e da garantia do livre e justo exercício do direito de reunião e de publicidade... Paris nada mais quer... sob a condição de encontrar na grande administração central, a delegação das comunas federadas, a realização e a aplicação prática do mesmo princípio.*"

Quais seriam os poderes dessa delegação central, as obrigações recíprocas das Comunas? Isso a declaração não especificava. De acordo com esse texto, cada localidade possuiria o direito de fechar-se em sua autonomia. Mas o que esperar de autonomia na Baixa Bretanha, em nove décimos das Comunas francesas, mais da metade das quais não tem 600 habitantes, se a própria declaração parisiense violava os direitos mais elementares, encarregava a Comuna da vigilância do "*justo*" exercício do direito de reunião e de publicidade, esquecendo-se de mencionar o direito de associação? Isso é notório, e tem sido mais do que provado. As comunas rurais autônomas seriam um monstro com mil ventosas coladas ao flanco da Revolução.

Não! Milhares de mudos e de cegos não são aptos a concluir um pacto social. Fracos, desorganizados, presos a mil obstáculos, o povo do país só pode ser salvo pelas cidades, e o povo das cidades guiado por Paris. O fracasso de todas as insurreições provinciais, mesmo nas cidades maiores, comprovou isso suficientemente. Quando a declaração diz, "*A unidade tal qual tem-nos sido imposta até hoje pelo Império, pela monarquia e pelo parlamentarismo não passa de uma centralização despótica e pouco inteligente*," ela põe a nu o câncer que devora a França; mas quando ela acrescentou, "*A unidade política, como Paris a entende, é a associação voluntária de toda a iniciativa local*," ela mostrou que não sabe absolutamente nada a respeito das províncias.

A declaração continuava, no estilo de um discurso, às vezes com relevância: "*Paris trabalha e sofre por toda a França, cuja regeneração intelectual, moral, administrativa e econômica ela prepara através dos seus combates e do seu sofrimento... A revolução comunal, nascida da*

iniciativa popular do 18 de março, inaugura uma nova era." Mas em tudo isso não havia nada de definido. Por que não, retomando a fórmula do 28 de março, "*À comuna o que é comunal, à nação o que é nacional,*" definir a futura comuna, suficientemente estendida para dotá-la de vida política, suficientemente limitada para permitir que seus cidadãos combinem a sua ação social com facilidade, a comuna de 15.000 a 20.000 almas, a comuna-cantão, e claramente estabelecer os direitos destas e da França? Eles sequer falaram em federar as grandes cidades para a conquista de sua franquia comum. Tal como era, esse programa, obscuro, incompleto, impossível em muitos pontos, não poderia, apesar de algumas idéias generosas, contribuir muito para o esclarecimento das províncias.

Isso era apenas um projeto. Sem dúvida o Conselho iria discuti-lo. Ele foi votado após a primeira leitura. Nenhum debate, quase nenhuma observação. Essa assembléia, que dedicou quatro dias à discussão das contas comerciais vencidas, não teve sequer uma sessão para o estudo dessa declaração, o seu programa em caso de vitória, o seu testamento se ela sucumbisse.

Para tornar as coisas piores uma nova doença infectou o Conselho, os germes da qual, semeados por alguns dias, atingiram a sua maturidade plena por ocasião das eleições complementares. Os Românticos deram origem aos Casuístas, e ambos se chocaram no momento da verificação dos novos mandatos.

No dia 30 de março o Conselho havia validado seis eleições com uma maioria relativa. O relator da eleição do 16º propôs declarar eleitos todos os candidatos que houvessem obtido uma maioria absoluta. Os Casuístas ficaram indignados. "*Isso seria,*" disseram eles, "*o pior golpe que qualquer Governo poderia dar ao sufrágio universal.*" Mas era impossível continuar convocando os eleitores para sempre. Três dos mais devotados distritos não haviam retornado nenhum resultado; um deles, o 13º, estando privado dos seus melhores homens, que estavam lutando nos postos avançados. Um novo voto só serviria para colocar em um relevo mais acentuado o isolamento da Comuna; e então, é o momento da luta, quando o batalhão é dizimado, privado do seu chefe, a hora oportuna para insistir em uma promoção regular?

A discussão foi muito acalorada pois, nesse Paço Municipal fora da lei, sentavam-se paladinos da lei de ultrajante intransigência. Paris acabaria estrangulada por seus princípios salvadores. Em nome da sagrada autonomia, que proibia intervir na autonomia do seu vizinho, já a Comissão Executiva havia-se recusado a armar as comunas em torno de Paris que desejavam marchar contra Versalhes. O sr. Thiers não tomou nenhuma medida mais eficiente do que essa para isolar Paris.

* * * * *

Vinte e seis vozes contra treze votaram as conclusões do relatório. Vinte eleições somente foram declaradas válidas, o que era ilógico; uma com menos de 1.100 votos foi admitida, uma outra com 2.500 rejeitada. Todas as eleições deveriam ter sido validadas, ou então nenhuma delas. Quatro dos novos delegados eram jornalistas, apenas cinco eram trabalhadores. Onze enviados pelas reuniões públicas vieram fortalecer o partido dos Românticos. Dois cujas eleições haviam sido validadas pelo Conselho recusaram-se a tomar posse por que não haviam obtido a oitava parte dos votos. O autor da admirável *Resolução de Labiénus*, Rogeard, deixou-se enganar por um falso escrúpulo de legalidade - a única fraqueza desse homem generoso que devotou à Comuna a sua pura e brilhante eloquência. A sua renúncia privou o Conselho de um homem de bom senso, mas uma vez mais serviu para desmascarar o apocalíptico Félix Pyat.

* * * * *

Desde o 1º de abril, farejando a tempestade que se aproximava e professando o mesmo horror aos golpes quanto Panurge, Félix Pyat havia tentado deixar Paris, enviado a sua renúncia como membro da Comissão Executiva ao Conselho, e declarado que a sua presença em Versalhes era indispensável. Como os hussardos Versalheses tornavam esse passeio muito perigoso, ele havia condescendido em ficar, mas ao mesmo tempo assumindo duas máscaras, uma para o Paço Municipal e a outra para o público. No Conselho, nas sessões secretas, ele instava a medidas violentas com a vivacidade de um gato selvagem; no *Vingador* ele comportava-se pontificalmente, sacudindo os seus cabelos grisalhos e dizendo, "*Para as urnas, não para*

Versalhes!" Em seu próprio jornal ele tinha duas faces. Quando queria a supressão dos jornais ele assinava *O Vingador*, quando queria bajular assinava Félix Pyat. A derrota de Asnières voltou a enchê-lo de medo, e novamente ele procurou por uma saída. A renúncia de Rogeard a abriu. Ao abrigo desse puro nome Félix Pyat fez deslizar a sua renúncia. "A Comuna violou a lei," escreveu ele, "Eu não quero ser um cúmplice." E para proteger-se de qualquer retorno ao Conselho ele envolveu a dignidade deste último. Se, ele disse, ele persistisse, ele seria forçado para o seu grande pesar a apresentar a sua renúncia "antes da vitória."

Ele contava escapular como havia feito da Assembléia de Bordeaux; mas a sua patifaria causou repugnância ao Conselho. O *Vingador* acabara de denunciar a supressão de vários jornais reacionários, pedida muitas e muitas vezes por Félix Pyat. Vermorel denunciou essa duplicidade. Um membro: "Tem sido dito aqui que renúncias seriam consideradas traição." Um outro: "Um homem não deve abandonar o seu posto quando esse posto é um de perigo e de honra." Um terceiro pediu formalmente a prisão de Félix Pyat. "Eu lamento," disse um outro, "que não tenha sido distintamente estabelecido que a renúncia só pode ser oferecida diretamente aos eleitores." E Delescluze acrescentou, "Ninguém tem o direito de retirar-se por rancor pessoal ou por que alguma medida não se enquadra em seu ideal. Você então acredita que todo mundo aprova o que é feito aqui? Sim; há membros que têm permanecido, e que permanecerão até o fim, não obstante os insultos atirados a nós. Quanto a mim, eu estou decidido a permanecer em meu posto, e se nós não virmos a vitória, não seremos os últimos a tombar junto às muralhas ou sobre os escadarias do Paço Municipal."

Essas palavras varonis foram recebidas com uma prolongada ovação. A devoção de ninguém era mais meritória. Os hábitos de Delescluze, grave e laborioso, as suas elevadas aspirações, alienavam-no mais do que a qualquer outro de muitos dos seus colegas, frívolos ociosos, afeitos a picuinhas pessoais. Um dia, desgastado por esse caos, ele quis renunciar. Bastou dizer-lhe que a sua saída seria muito prejudicial à causa do povo para persuadi-lo a ficar e esperar, não pela vitória - tanto quanto Félix Pyat ele sabia que isso era impossível - mas pela morte que fecunda o futuro.

Surrado assim de todos os lados, e não ousando retrucar a Delescluze, Félix Pyat voltou-se para Vermorel a quem, na falta de outro argumento, chamou de "espião;" e como Vermorel era membro da Comissão de Segurança Pública, acusou-o no *Vingador* de desfazer-se das provas acumuladas contra ele na prefeitura de polícia. Esse membro da espécie Leporidæ chamou Vermorel de "bicho-da-seda." Tal era o seu estilo de discussão. Sob o véu do refinamento literário emboscavam-se as amenidades de um Billingsgate. Em 1848 no *Constituinte* ele chamou Proudhon de "porco;" e em 1871 no *Commune* ele chamou Tridon de "estrumeira." Ele era o único membro dessa Assembléia, onde havia trabalhadores de profissões rudes, que introduzia obscenidades nas discussões.

Respondendo no *Grito do Povo*, Vermorel desbancou-o com facilidade. Os eleitores de Félix Pyat enviaram-lhe três representações intimando-o a permanecer no cargo: "Você é um soldado; você tem que ficar em seu posto. Apenas nós temos o direito de revogá-lo." Inquirido por seus mandatários, ameaçado de prisão pelo Conselho, esse Grego escolheu o perigo menor, e retornou ao Paço Municipal com o rabo entre as pernas.

Versalhes estava exultante com essas ninharias miseráveis. Pela primeira vez o público familiarizava-se com o interior do Conselho, os seus círculos infinitesimais, feitos de amizades ou de antipatias puramente pessoais. Qualquer um que pertencesse a tal grupo tinha amplo apoio, fossem quais fossem as suas asneiras. Muito mais do que isso; para ter permissão de servir à Comuna era necessário pertencer a tal confraria. Muitos homens sinceramente devotados ofereciam-se, democratas experimentados, empregados inteligentes, desertores do Governo, até mesmo oficiais Republicanos. Eles eram presunçosamente recebidos por alguns incapazes recém-chegados da véspera, cuja devoção não iria durar até o 20 de maio. E contudo a insuficiência de pessoal e a carência de talento tornavam-se opressivas a cada dia. Os membros do Conselho queixavam-se de que nada estava progredindo. A Comissão Executiva não sabia como comandar, e nem os seus subordinados sabiam como obedecer; o Conselho delegava o poder e retinha-o ao mesmo tempo, interferia a cada instante nos menores detalhes do serviço; conduzia o governo, a administração e a defesa como a investida de 3 de abril.

NOSSAS PARISIENSES
SUSPENSÃO DE ARMAS PARA A EVACUAÇÃO DE NEUILLY
O EXÉRCITO DE VERSALHES E O DE PARIS

A gloriosa chama de Paris ainda escondia essas falhas. É preciso ter sido inflamado por ela para descrevê-la. Perto dela os jornais *Communards*, a despeito do seu romantismo, parecem pálidos e embotados. É verdade que a *mise en scène* era desprezível. Nas ruas, nos boulevards silenciosos, um batalhão de uma centena de homens partindo para a batalha ou voltando dela; uma mulher que segue, um transeunte que aplaude - isso é tudo. Mas esse é o drama da Revolução, simples e gigantesco como um drama de Æschylus.

O comandante em sua jaqueta, empoeirado, o seu cordão de prata chamuscado, os seus homens grisalhos ou jovens, os veteranos de junho de 1848 e os pupilos de março, o filho muitas vezes marchando ao lado do pai.

Essa mulher, que saúda ou acompanha-os, ela é a verdadeira parisiense. A andrógina impura, nascida no lodo do Império, a madona dos pornógrafos, de Dumas filho e de Feydeaux, seguiu os seus clientes a Versalhes ou trabalha a mina prussiana em St. Denis. Ela, que é agora suprema, é a parisiense, forte, devotada, trágica, sabendo como morrer do jeito que gosta. Uma cônjuge no trabalho, ela também será uma sócia na luta mortal. Uma formidável igualdade é esta para opor-se à burguesia. O proletário é duplamente forte - um coração e quatro mãos. No dia 24 de março um Federado dirigiu essas nobres palavras aos batalhões burgueses do 1º distrito, fazendo-os depor as suas armas: "*Acreditem-me, vocês não podem resistir; as suas esposas estão todas em prantos, e as nossas não choram.*"

Ela não retém o seu marido. Pelo contrário, ela instiga-o à batalha, traz-lhe a sua roupa branca e a sua sopa, como antes trazia-lhe à oficina. Muitas não voltariam, mas pegaram em armas. No platô de Châtillon elas foram as últimas a sofrer o fogo. As *cantinières*, simplesmente vestidas como trabalhadoras, não com trajes elegantes, tombaram às dúzias. No dia 3 de abril em Meudon a Cidadã Lachaise, *cantinière* do 66º batalhão, permaneceu o dia inteiro no campo de batalha, cuidando dos feridos, sozinha, sem um médico.

Se elas voltam, é para chamar às armas. Tendo formado um comitê central na prefeitura do 10º distrito, elas faziam proclamações inflamadas: "*Devemos vencer ou morrer. Vocês que dizem, 'Que importa o triunfo da nossa causa se eu perder aqueles a quem amo?' sabem que a única maneira de salvar aqueles que lhes são caros é lançarem-se à luta.*" Os seus comitês multiplicavam-se. Elas ofereciam-se à Comuna, exigindo armas, postos de risco, e queixando-se dos covardes que esquivavam-se do seu dever. Madame André Léo, com sua elegante pena, explicou o significado da Comuna, instou o delegado do Gabinete de Guerra a imbuir-se da "*febre sagrada que queima nos corações das mulheres.*" Uma jovem senhora russa, de berço nobre, educada, linda, rica, chamada Demitrieff, era a Théroigne de Méricourt dessa Revolução. O caráter proletário da Comuna foi cristalizado em Louise Michel, uma professora do 17º distrito. Gentil e paciente com as crianças, que a adoravam, na causa do povo a mãe tornou-se uma leoa. Ela havia organizado um corpo de enfermeiras de ambulâncias, que atendiam os feridos mesmo sob o fogo. Lá elas não tinham rivais. Elas também iam aos hospitais para salvar os seus amados camaradas das ásperas freiras; e os olhos dos moribundos brilhavam ao murmúrio dessas vozes gentis que falavam-lhes da República e de esperança.

Nessa peleja de devoção as crianças lutavam com os homens e as mulheres. Vitoriosos, os Versalheses levaram 660 deles, e muitos pereceram na batalha das ruas. Milhares serviram durante o cerco. Eles seguiam os batalhões às trincheiras, nas fortalezas, especialmente apegados aos canhões. Alguns artilheiros da Porte-Maillot eram meninos de treze a quatorze anos. Desabrigados, em campo aberto, eles realizaram façanhas de louco heroísmo.

Essa chama parisiense irradiava para além das muralhas. As municipalidades de Sceaux e de St. Denis uniram-se a Vincennes para protestar contra o bombardeio, reivindicar as franquias municipais e o estabelecimento da República. O seu calor era sentido mesmo nas províncias.

Eles começaram a pensar que Paris era inexpugnável, e riam muito dos despachos do sr. Thiers, dizendo em 3 de abril, "*Este dia é decisivo para o destino da insurreição;*" no dia 4, "*Os insurgentes sofreram hoje uma derrota decisiva;*" no dia 7, "*Este dia é decisivo;*" no dia 11,

"Medidas irresistíveis estão sendo preparadas em Versalhes;" no dia 12, *"Nós esperamos o momento decisivo."* E a despeito de tantos sucessos decisivos e medidas irresistíveis, o exército Versalhês era o tempo todo repellido por nossos postos avançados. As suas únicas vitórias decisivas foram contra as casas do perímetro e dos subúrbios.

As vizinhanças da Porte-Maillot, a avenida de la Grande Armée, e Ternes estavam continuamente acesas por conflagrações. Asnières e Levallois estavam enchendo-se de ruínas, os habitantes de Neuilly passando fome em seus porões. Os Versalheses lançaram apenas contra esses pontos 1.500 obuses por dia; e contudo o sr. Thiers escreveu a seus governadores, *"Se uns poucos disparos de canhão são ouvidos, isso não é um ato do Governo, mas de uns poucos insurgentes tentando fazer-nos acreditar que estão lutando, quando eles mal ousam mostrar-se."*

A Comuna assistia ao povo bombardeado de Paris, mas nada podia fazer por aqueles de Neuilly, posicionados entre dois fogos. Um grito de piedade ergueu-se de toda a imprensa. Todos os jornais pediam um armistício para a evacuação de Neuilly; os maçons e a Liga dos Direitos de Paris intermediaram. Com muita dificuldade, pois os generais não queriam um armistício, os delegados conseguiram uma suspensão do fogo por oito horas. O Conselho apontou cinco de seus membros para receber as pessoas bombardeadas; as municipalidades prepararam-lhes um abrigo, e alguns dos comitês femininos deixaram Paris para assisti-los.

Às nove horas da manhã do dia 25 os canhões da Porte-Maillot até Asnières foram silenciados. Milhares de parisienses foram visitar as ruínas da avenida e da Porte-Maillot, uma argamassa de terra, granito e fragmentos de obuses; ficavam parados, profundamente comovidos, diante dos artilheiros curvados sobre as suas famosas peças, e então dispersavam-se por toda Neuilly. A pequena cidade, outrora tão faceira, exibia sob a brilhante luz do sol as suas casas estilhaçadas. Nos limites convencionados estavam duas barreiras, uma de soldados de linha, a outra de Federados, separados uns dos outros por um intervalo de cerca de vinte jardas. Os Versalheses, escolhidos entre as suas tropas mais confiáveis, eram vigiados por oficiais com caras de gatos-pingados. Os parisienses, bons camaradas, aproximavam-se dos soldados, falavam com eles. Os oficiais imediatamente corriam gritando furiosamente. Quando um soldado deu uma resposta educada a duas senhoras, um oficial lançou-se sobre ele, arrancou-lhe o mosquete das mãos, e apontando a baioneta às parisienses gritou, *"É assim que se fala com elas."* Algumas pessoas que cruzaram para o outro lado foram feitas prisioneiras. Todavia chegou-se às cinco horas sem que nenhum massacre houvesse ocorrido. A avenida esvaziou-se. Cada parisiense ao voltar para casa carregou o seu saco de terra para as fortificações da Porte-Maillot, que viram-se restabelcidas como por mágica.

À noite os Versalheses voltaram a abrir fogo. Este não havia cessado contra as fortalezas do sul. Nesse mesmo dia o inimigo expôs daquele lado as baterias que havia estado construindo por duas semanas, - a primeira parte do plano do general Thiers.

Ele havia no dia 6 colocado todas as tropas sob o comando daquele MacMahon, trazendo ainda sobre si as manchas de Sedan. O exército a essa altura somava 46.000 homens, em sua maioria o resíduo das garagens, incapazes de qualquer ação séria. Para reforçá-lo e obter soldados, o sr. Thiers havia enviado Jules Favre para choramingar no ouvido de Bismarck. Os prussianos haviam libertado 60.000 prisioneiros a troco de condições mais duras de paz, e autorizado o seu confidente Thiers a aumentar para 130.000 homens o número de soldados em torno de Paris o que, de acordo com as preliminares de paz, não deveria ter excedido 40.000 homens. No dia 25 de abril o exército Versalhês compreendia cinco corpos, dois dos quais, aqueles de Douai e de Clinchant, compostos de prisioneiros libertados da Alemanha e uma reserva comandada por Vinoy, ao todo 110.000 homens. Ele foi aumentado para 170.000 recebendo rações, dos quais 130.000 eram combatentes. O sr. Thiers demonstrou uma real capacidade em organizá-los contra Paris. Os soldados estavam bem alimentados, bem vestidos, severamente inspecionados; a disciplina foi restabelecida. Ocorreram misteriosos desaparecimentos de oficiais culpados de expressar o seu horror diante dessa guerra fratricida. Contudo esse não era ainda o exército para um ataque, os homens sempre fraquejando diante de uma resistência firme. Apesar da bravata oficial, os generais dependiam da artilharia, à qual eles deviam os sucessos de Courbevoie e de Asnières. Paris só deveria ser subjugada pelo fogo.

À semelhança do primeiro cerco, Paris estava literalmente cercada de baionetas, mas desta vez

metade estrangeiras, metade francesas. O exército alemão, formando um semi-círculo do Marne a St. Denis, ocupando as fortalezas do leste e do norte; o exército Versalhês, fechando o círculo de St. Denis a Villeneuve St. Georges, senhor apenas de Mont-Valérien. Este último podia então atacar a Comuna somente pelo oeste e pelo sul. Os Federados tinham então as cinco fortalezas de Ivry, Bicêtre, Montrouge, Vanves e Issy para defender-se, com as trincheiras e postos avançados unindo-as umas às outras, e as principais aldeias, Neuilly, Asnières e St. Ouen.

O ponto vulnerável do perímetro em face dos Versalheses ficava no sudoeste, a saliência de Point du Jour, defendida pela fortaleza de Issy. Suficientemente coberta à direita pelo parque, o castelo de Issy e uma trincheira unindo-o ao Sena, comandado por nossas canhoneiras, essa fortaleza era observada do alto, à frente e à esquerda, pelas colinas de Bellevue, Meudon e Châtillon. O sr. Thiers armou essas colinas com peças de sítio que ele trouxera de Toulon, Cherbourg, Douai, Lyon e Besançon - 293 peças de artilharia - e o seu efeito era tal que desde os primeiros dias a fortaleza de Issy fora abalada. O general Cisse, encarregado do comando dessas operações, começou imediatamente a manobrar.

Esmagar a fortaleza de Issy e a de Vanves, que a protegia, então forçar o Point du Jour, de onde as tropas poderiam entrar em Paris, tal era o plano do sr. Thiers. O único objetivo das operações de St. Ouen a Neuilly era impedir o nosso ataque por Courbevoie.

Que forças e qual plano tinha em contrapartida a Comuna?

O censo acusava cerca de 96.000 homens e 4.000 oficiais na ativa da Guarda Nacional; na reserva, 100.000 homens e 3.500 oficiais. Trinta e seis corpos livres alegavam somar 3.450 homens. Feitas todas as deduções, 60.000 combatentes poderiam ter sido obtidos, caso soubessem organizá-los. Mas a debilidade do Conselho, a dificuldade de supervisão e de repressão, permitia que os menos bravos e aqueles menos necessitados de pagamento se esquivassem a todo controle. Muitos sucediam em confinar os seus serviços ao interior do perímetro de Paris. Portanto por insuficiência de ordem as forças efetivas permaneceram muito fracas, e a linha de St. Ouen a Ivry nunca foi defendida por mais de quinze ou dezesseis mil Federados.

A cavalaria existia somente no papel. Havia apenas 500 cavalos para mover os canhões ou os vagões, e para os oficiais e estafetas. O departamento de engenharia permaneceu em estado rudimentar, não obstante os ótimos decretos. Dos 1.200 canhões possuídos por Paris, somente 200 eram utilizados. Nunca houve mais de 500 artilheiros, enquanto o censo acusava 2.500.

Dombrowski ocupava a ponte de Asnières, Levallois e Neuilly com 4.000 ou 5.000 homens no máximo. Para proteger as suas posições ele tinha em Clichy e Asnières cerca de trinta peças de artilharia e dois vagões ferroviários blindados, os quais de 15 de abril a 22 de maio, mesmo depois da entrada dos Versalheses, não cessaram de rodar sobre os trilhos; em Levallois, uma dúzia de peças. Ele era assistido pelas muralhas do norte, e a valente Porte-Maillot o cobria em Neuilly.

Na margem esquerda, de Issy a Ivry, nas fortalezas, aldeias e trincheiras havia entre 10.000 e 11.000 Federados. A fortaleza de Issy tinha em média 600 homens e 50 peças de 7 e 12 centímetros, das quais dois terços estavam inativas. Os bastiões 72 e 73 davam-lhe um pequeno suporte, ajudados por quatro locomotivas blindadas estabelecidas sobre o viaduto de Point du Jour. Embaixo as canhoneiras, rearmadas, faziam fogo sobre Breteuil, Sèvres e Brimborion, ousando mesmo avançar até Châtillon e, expostas, canhoneavam Meudon. Um pouco de atiradores ocupavam o parque e o castelo de Issy, Molineaux, Le Val e as trincheiras que uniam as fortalezas de Issy e Vanves. Esta última, exposta como Issy, dava-lhe suporte valentemente com uma guarnição de 500 homens e cerca de 20 canhões. Os bastiões da muralha não eram capazes de dar-lhe muito suporte.

A fortaleza de Montrouge, com 350 homens e entre 10 e 15 peças de artilharia, tinha apenas que dar apoio à fortaleza de Vanves. A de Bicêtre, com 500 homens e 20 peças, tinha de atirar em objetos ocultos do seu ângulo de visão. Três redutos consideráveis a protegiam - Hautes Bruyères, com 500 homens e 20 peças; Moulin Saquet, com 700 homens e cerca de 14 peças; e Villejuif, com 300 homens e uns poucos morteiros. Na extrema esquerda, a fortaleza de Ivry e suas dependências tinha 500 homens e cerca de 400 peças. As aldeias intermediárias, Gentilly,

Cachan e Arcueil, eram ocupadas por 2.000 a 2.500 Federados.

O comando nominal das fortalezas do sul, primeiro confiado a Eudes, assistido por um ex-oficial de Garibaldi, La Cécilia, no dia 20 passou para as mãos do alsaciano Wetzel, um oficial do exército da Loire. Do seu quartel-general em Issy ele devia supervisionar as trincheiras de Issy e de Vanves e a defesa das fortalezas. Na realidade os seus comandantes, que eram mudados com frequência, faziam da maneira que mais lhes agradava.

Em meados de abril o comando de Issy a Arcueil foi confiado ao general Wroblewski, um dos melhores oficiais da insurreição polonesa, um jovem perito em ciência militar, bravo, metódico e astuto, que levava em conta tudo e todos; um excelente chefe para tropas jovens.

Todos esses oficiais gerais jamais receberam senão uma ordem: "*Defendam-se.*" Quanto a um plano geral, nunca houve um. Nem Cluseret nem Rossel mantinham conselhos de guerra.

Os homens eram também deixados por sua própria conta, não sendo cuidados nem controlados. Praticamente nenhuma, se alguma, substituição de tropas sob fogo jamais ocorreu. Todo o ônus pesava sobre os mesmos homens. Certos batalhões permaneciam vinte, trinta dias nas trincheiras, enquanto outros eram continuamente mantidos na reserva. Se alguns homens ficavam tão habituados a atirar que recusavam-se a voltar para casa, outros sentiam-se desencorajados, vinham mostrar as suas roupas cheias de vermes e pediam uma folga. Os generais eram obrigados a retê-los, não tendo ninguém para por em seu lugar.

Esse desleixo logo destruiu toda a disciplina. Os bravos queriam contar apenas consigo mesmos, e os outros esquivavam-se do serviço. Os oficiais faziam o mesmo, alguns deixavam os seus postos para assistir à luta de um local contíguo, outros voltavam para a cidade. A corte marcial sentenciou alguns deles a penas muito severas. O Conselho anulava as sentenças, e comutou uma condenação à morte para três anos de prisão.

Como eles desviaram-se do rigor, da disciplina regular da guerra, eles deveriam ter mudado o seu método e as suas táticas. Mas o Conselho estava agora ainda menos capaz de mostrar vontade própria do que estivera nos primeiros dias. Ele sempre se lamentava de que as coisas estavam paralisadas, mas não sabia pô-las para andar. No dia 26 a comissão militar declarou que ordens e decretos estavam sendo sistematicamente ignorados, e encarregou as municipalidades, o Comitê Central e os chefes de legião de reorganizar a Guarda Nacional. Nenhum desses mecanismos funcionava de forma metódica; o Conselho sequer pensara em organizar Paris por seções; o Comitê Central intrigava; os chefes de legião estavam agitados; certos membros do Conselho e generais sonhavam com uma ditadura militar. Em meio a essa luta fatal, o Conselho discutiu durante várias sessões se as cautelas de penhor a serem devolvidas gratuitamente a seus proprietários deveriam valer vinte ou trinta francos, e se o *Officiel* deveria ser vendido por cinco centavos.

Em fins de abril nenhum observador com um mínimo de perspicácia poderia deixar de ver que a defesa tornara-se impossível. Em Paris, homens ativos e devotados esgotavam as suas forças em enervantes lutas com os escritórios, os comitês, os sub-comitês, e as mil pretensiosas administrações rivais, muitas vezes perdendo todo um dia a fim de obter a posse de um único canhão. Nas muralhas, alguns artilheiros martelavam as linhas de Versalhes e, nada pedindo senão pão e munição, permaneceram em seus postos até serem desintegrados pelos obuses. As fortalezas, suas casamatas fraturadas, suas seteiras destruídas, lá de cima respondiam vigorosamente ao fogo. Bravos escaramuçadores, desprotegidos, saltavam de seus esconderijos sobre os soldados de linha. Toda essa devoção e fascinante heroísmo eram gastos em vão, como o vapor de um motor escapando por centenas de vazamentos.

CAPÍTULO XVIII

SERVIÇOS PÚBLICOS - FINANÇAS - GUERRA - POLÍCIA EXTERIOR - JUSTIÇA - EDUCAÇÃO - TRABALHO E CÂMBIO

A insuficiência e a debilidade da Comissão Executiva tornou-se tão chocante que no dia 20 o Conselho decidiu substituí-la pelos delegados das nove comissões, entre os quais ele havia distribuído as suas diferentes funções. Essas comissões foram renovadas no mesmo dia. Em geral elas estavam um tanto negligenciadas; e como um homem poderia comparecer às sessões diárias do Paço Municipal, à sua comissão e à sua prefeitura? Pois o Conselho havia

encarregado os seus membros da administração de seus respectivos distritos; e o trabalho real das várias comissões pesava sobre os delegados que haviam-na presidido desde a sua origem, e em sua maioria não haviam sido mudados em 20 de abril. Eles continuaram a agir, como havia sido até aqui, quase sozinhos. Antes de prosseguir com a nossa narrativa, examinaremos o seu trabalho em maior detalhe.

Duas das delegações requeriam apenas boa vontade - as do departamento de abastecimento e dos serviços públicos ou municipais. O abastecimento da cidade foi efetuado através da zona neutra onde o sr. Thiers, por mais ansioso que estivesse por matar Paris de fome, não podia impedir o suprimento regular de alimentos. Todos os capatazes tendo permanecido em seus postos, os serviços municipais nada sofreram. Quatro delegações - Finanças, Guerra, Segurança Pública e Exterior - requeriam uma aptidão especial. As três outras, Educação, Justiça, e Trabalho e Câmbio, tinham que expor os princípios filosóficos dessa revolução. Todos os delegados exceto Frankel, um trabalhador, pertenciam à pequena classe média.

A Comissão de Finanças centrava-se em Jourde que, com a sua inesgotável loquacidade, havia eclipsado o demasiado modesto Varlin. A tarefa imposta era conseguir toda manhã 675.000 francos para o pagamento dos serviços, alimentar 250.000 pessoas, e arcar com as despesas da guerra. Além dos 4.658.000 nos cofres do Tesouro, 214 milhões em ações e outros ativos haviam sido encontrados no Ministério; mas Jourde não podia ou não queria negociá-los, e para abastecer o seu erário ele tinha que lançar mão das rendas de todas as administrações - as agências do telégrafo e dos correios, circulação de mercadorias, contribuições diretas, alfândegas, mercados, tabaco, registros e selos, fundos municipais e impostos sobre ferrovias. O banco, pouco a pouco, pagou os 9.400.000 devidos à cidade, e até mesmo adiantou outros 7.290.000 por sua própria conta. De 20 de março a 30 de abril, 26 milhões foram assim consumidos. Durante o mesmo período o Gabinete de Guerra sozinho absorveu mais de vinte. A Intendência recebeu 1.813.000 francos, todas as municipalidades juntas 1.446.000, o Interior 103.000, Marinha 29.000, Justiça 5.500, Comércio 50.000, Educação "1.000" apenas, Exterior 112.000, Bombeiros 100.000, *Bibliothèque Nationale* 80.000, Comissão de Barricadas 44.500, Imprensa Nacional 100.000, Associação de Alfaiates e Sapateiros 24.882. Essas proporções permaneceram quase as mesmas de 1º de maio até a queda da Comuna. As despesas do segundo período subiram para cerca de vinte milhões. A soma total dos gastos da Comuna foi de cerca de 46.300.000 francos, dos quais 16.696.000 foram supridos pelo banco e o resto pelos vários serviços, a circulação de mercadorias contribuindo com quase doze milhões.

A maioria desses serviços estava sob a superintendência de trabalhadores ou ex-empregados subordinados, e foram todos prestados com uma quarta parte da sua força numérica ordinária. O diretor do departamento postal, Theisz, um entalhador, encontrou o Serviço um tanto desorganizado, os escritórios divisionários fechados, os selos escondidos ou extraviados, o material, carimbos, veículos, etc., extraviados, e os cofres vazios. Cartazes afixados no salão e nos pátios ordenavam que os empregados fossem para Versalhes sob pena de demissão, mas Theisz agiu com presteza e energia. Quando os empregados subordinados desavisados chegaram para organizar o serviço postal, ele falava com eles, discutia com eles e fechava as portas. Pouco a pouco eles cederam. Alguns funcionários que eram Socialistas também deram uma ajuda, e a direção dos vários serviços foi confiada aos antigos chefes de escritório. Os escritórios divisionários foram abertos, e em quarenta e oito horas a coleta e distribuição de cartas para Paris reorganizada. Quanto às cartas destinadas às províncias, espertos agentes lançavam-nas nas agências de St. Denis e em um perímetro de dez milhas, enquanto que para a introdução de cartas em Paris toda latitude era dada à iniciativa privada. Um conselho superior foi instituído, que aumentou o salário dos carteiros, separadores, carregadores, zeladores, diminuiu o tempo de serviço como extranumerário, e decidiu que a capacidade dos empregados deveria ser no futuro avaliada através de testes e exames.

A Casa da Moeda, dirigida por Camélinat, um montador em bronze, um dos mais ativos membros da Internacional, manufaturava os selos postais. Lá como nos Correios, o diretor Versalhês e os principais empregados haviam primeiro conferenciado, depois foram embora. Com a ajuda de alguns amigos Camélinat tomou bravamente o seu lugar, pôs tudo para funcionar, e com a contribuição de várias experiências profissionais, foram feitos melhoramentos no maquinário e novos métodos foram introduzidos. O banco, que havia escondido os seus lingotes, foi obrigado a fornecer 110.000 francos em ouro, com o qual moedas de cinco francos foram fundidas. Uma nova matriz havia sido desenhada, e ela estava para ser inaugurada quando os Versalheses entraram em Paris.

O departamento de Assistência Pública também dependia do de Finanças. Um homem do maior mérito, Treilhard, um velho exilado de 1851, reorganizou essa administração, que ele encontrou inteiramente fora de ordem. Alguns médicos e agentes do serviço haviam abandonado os hospitais; o diretor e o despenseiro do Petits-Ménages em Issy haviam fugido, obrigando assim muitos de seus pensionistas a ir mendigar na rua. Alguns empregados forçavam os nossos feridos a esperar às portas do hospital, enquanto as irmãs de caridade tentavam fazê-los envergonhar-se de seus gloriosos ferimentos; mas Treilhard logo pôs tudo em ordem e pela segunda vez desde 1792 os doentes e os enfermos encontraram amigos entre os guardas e abençoaram a Comuna. Esse homem compassivo e intelectual, que foi assassinado por um oficial Versalhês em 24 de maio no Panthéon, deixou um relatório muito elaborado sobre a supressão dos escritórios de caridade, que acorrentam os pobres ao Governo e ao clero. Ele propôs fazê-los substituir por um escritório de assistência em cada distrito, sob a direção de um comitê comunal.

A agência do Telégrafo, Registro e Domínios, inteligentemente dirigida pelo honesto Fontaine; o Serviço de Contribuições, inteiramente restabelecido por Faillet e Combault; a Imprensa Nacional, que Debock reorganizou e administrou com notável destreza, e os outros departamentos conectados com o de Finanças, ordinariamente reservados à grande burguesia, foram gerenciados com habilidade e economia - o salário máximo de 6.000 francos jamais foi atingido - por trabalhadores e empregados subordinados; e este não está entre os seus menores crimes aos olhos da burguesia Versalhês.

Comparado ao departamento de Finanças, o departamento da Guerra era uma região de escuridão e absoluta confusão. Oficiais e guardas abarrotavam as agências do Ministério, alguns pedindo munições e provisões, outros queixando-se por não serem revezados. Eles eram mandados de volta à praça Vendôme, mantida a despeito do bom senso, e dirigida pelo um tanto ambíguo coronel Henry Prudhomme. No andar de baixo o Comitê Central, lá instalado por Cluseret, trabalhando às pressas, perdia tempo e fôlego em sessões intermináveis, criticando o delegado da Guerra, divertia-se criando novas insígnias, recebia os descontentes do Ministério, exigia relatórios do estado-maior, arrogava-se a dar conselhos sobre as operações militares. Por sua vez o Comitê de Artilharia, fundado em 18 de março, discutia quanto à disposição dos canhões com o Gabinete de Guerra. Este último tinha as peças do Campo de Marte e o Comitê aquelas de Montmartre. Tentativas de criação de um parque central de artilharia, ou mesmo de apurar o número exato de peças, foram feitas em vão. Peças de longo alcance permaneceram até o último momento repousando ao longo das muralhas, enquanto as fortalezas tinham somente peças de sete e doze centímetros para responder aos enormes canhões da Marinha, e muitas vezes as munições enviadas não eram do calibre correspondente. O comissariado, assaltado por aventureiros de todo tipo, distribuía o seu material a esmo. A construção das barricadas, que deveriam formar um segundo e um terceiro perímetro, instituída em 9 de abril, foi deixada a cargo de um sujeito extravagante que propagava os trabalhos sem método e contra os planos de seus superiores. Todos os outros Serviços eram conduzidos no mesmo estilo, sem princípios fixos, sem limitação das suas respectivas áreas, as engrenagens da máquina não encaixando-se umas às outras. Nesse concerto sem um maestro cada músico tocava o que queria, confundindo a sua própria partitura com a do vizinho.

Uma mão firme e flexível logo teria restaurado a harmonia. A despeito da sua pretensão de repreender a Comuna, que ele dizia ser a *"sua filha que não deveria deixar-se desencaminhar,"* o Comitê Central não passava agora de um amontoado de falastrões destituídos de toda autoridade. Ele havia em grande medida sido renovado desde o estabelecimento da Comuna, e as muito disputadas eleições a ele - pois muitos aspiravam ao título de membro - haviam resultado em uma maioria de homens estouvados e negligentes. Em seu estado atual o Comitê derivava toda a sua importância dos ciúmes do Conselho. Monopolizado por valentões, o Comitê de Artilharia teria cedido de imediato à menor pressão. O comissariado e os outros serviços dependiam inteiramente da ação do delegado da Guerra.

Esticado em seu sofá o general fantasma rabiscava ordens, circulares, ora melancólico ora dominador, e nunca moveu um dedo para verificar a sua execução. Se algum membro do Conselho vinha incitá-lo, *"O que você está fazendo? Tal lugar está em perigo;"* ele respondia soberbamente, *"Todas as minhas precauções foram tomadas; dê tempo para que as minhas providências sejam cumpridas,"* e virava-se novamente. Um dia ele hostilizava o Comitê Central, que deixou o Ministério e foi instalar-se melindrado na rua de l'Entrepôt; uma semana mais tarde ele ia atrás do mesmo Comitê, trazendo-o de volta ao Gabinete de Guerra.

Vergonhosamente vaidoso, ele exibia cartas falsas de Todleben propondo planos de defesa, e gastava o seu tempo posando para correspondentes de jornais estrangeiros. Com uma afetação de orgulho ele nunca envergou um uniforme que, todavia, naquela época era a verdadeira vestimenta do proletário. O Conselho levou quase um mês para reconhecer que esse arrogante sem tutano não passava de um oficial fracassado do exército regular, não obstante a sua pose de inovador.

A esperança de muitos virou-se para o chefe do seu estado-maior, Rossel, um jovem Radical de vinte e oito anos de idade, com auto-domínio, austero, que propagava as suas extravagâncias revolucionárias juvenis. Um capitão de engenharia do exército de Metz, ele havia tentado resistir a Bazaine e escapou dos prussianos. Gambetta havia-o apontado coronel de engenharia no campo de Nevers, onde ele ainda estava largado em 18 de março. Ele estava deslumbrado; via em Paris o futuro da França e de si próprio; mandou às favas a sua comissão e correu para lá, onde alguns amigos alistaram-no na 17ª Legião. Ele era altivo, logo tornou-se impopular e foi preso em 3 de abril. Dois membros do Conselho, Malon e Gérardin, fizeram-no libertar e apresentaram-no a Cluseret, por quem ele foi aceito como chefe do estado-maior. Imaginando que o Comitê Central era um poder, Rossel tentou cair em suas boas graças, pareceu pedir conselhos a ele, e buscou os homens que ele pensou ser populares. A sua frieza, o seu vocabulário técnico, a clareza do seu discurso, o seu vestuário cuidado de grande homem encantaram os escritórios, mas aqueles que o estudaram com mais atenção notaram o seu olhar inseguro, sinal infalível de um espírito perturbado. Aos poucos o jovem oficial revolucionário ficou na moda, e a sua atitude consular não desagradava ao público, enfadado com a frouxidão de Cluseret.

Nada justificava, entretanto, essa aprovação. Chefe do estado-maior desde 5 de abril, ele permitiu que todos os Serviços seguissem o seu próprio caminho; o único que era organizado em uma certa medida, o Controle Geral de Informações, era fruto do trabalho de Moreau, que toda manhã supria o Gabinete de Guerra e a Comuna com relatórios detalhados, e frequentemente muito pitorescos, sobre as operações militares e a condição moral de Paris.

Essa era toda a polícia possuída pela Comuna. A Comissão de Segurança Pública, que deveria lançar luz sobre os mais secretos nichos, emitia apenas um brilho espasmódico.

O Comitê Central havia apontado Raoul Rigault, um rapaz de vinte e quatro anos com um grande envolvimento no movimento revolucionário, como delegado civil da prefeitura de polícia, mas sob a severa direção de Duval. Bem supervisionado Rigault poderia ter-se tornado um subalterno muito bom, e enquanto Duval viveu ele não cometeu erros. A imperdoável falha do Conselho foi colocá-lo na chefia de um serviço onde o menor descuido era mais perigoso do que nos postos avançados. Os seus amigos que, à exceção de uns poucos, Ferré, Regnard e dois ou três outros, eram tão jovens e tontos quanto ele próprio, desempenhavam as mais delicadas funções de modo um tanto infantil. A Comissão de Segurança Pública, que deveria ter supervisionado Rigault, só fazia seguir o seu exemplo. Lá eles viviam acima de tudo como alegres companheiros, aparentemente inconscientes de ter assumido a guarda e a responsabilidade por 100.000 vidas.

Não é de se admirar que os ratos logo estivessem dançando a cirandinha em torno da prefeitura de polícia. Jornais suprimidos de manhã eram vendidos à noite nas ruas; os conspiradores infiltravam-se em todos os serviços sem excitar as suspeitas de Rigault e de seus companheiros. Eles nunca descobriram nada; era sempre necessário fazê-lo por eles. Eles efetuavam prisões como marchas militares à luz do dia, com grandes reforços de Guardas Nacionais. Após o decreto dos reféns eles só conseguiram por as mãos em quatro ou cinco eclesiásticos de marca, o arcebispo galicano Darboy, um Bonapartista notório; seu grande-vigário, Lagarde; o pároco da Madeleine; Deguerry, uma espécie de De Morny de batina; o abade Allard, bispo de Surat; e alguns poucos Jesuítas desavergonhados. Alguns caíram em suas mãos por mera sorte, como o presidente da Corte de Apelação Bonjean e Jecker, o famoso inventor da expedição ao México.

Essa negligência criminosa, pela qual o povo pagou com o seu sangue, foi a salvação dos malfetores. Alguns Guardas Nacionais trouxeram à luz os mistérios do convento de Picpus, descobriram três mulheres desafortunadas trancadas em jaulas de grades, estranhos instrumentos, espartilhos de ferro, açoites, rodas de tortura, que lembravam estranhamente a Inquisição, um tratado sobre o aborto, e dois crânios ainda cobertos com cabelos. Uma das

prisioneiras, a única que ainda não havia perdido a razão, disse que havia estado nessa jaula por dez anos. A polícia contentou-se em enviar as freiras para St. Lazare. Alguns habitantes do 10º distrito descobriram esqueletos femininos nos porões da igreja de St. Laurent. A prefeitura só fez um inquérito de fachada que não deu em nada.

Em meio a todas essas falhas, entretanto, revelou-se a idéia humanitária, tão absolutamente sensata era essa revolução popular. O chefe da Agência de Segurança Pública, ao fazer um apelo ao público pelas vítimas da guerra, disse, "*A Comuna enviou pão a noventa e duas viúvas daqueles que nos estão matando. As viúvas não pertencem a nenhum partido. A República tem pão para toda indigência e cuida de todos os órfãos.*" Admiráveis palavras estas, dignas de Châlier e de Chaumette. Abarrotada de denúncias, a prefeitura declarou que não levaria em conta os informes anônimos. "*O homem,*" disse o *Officiel*, "*que não ousa assinar uma denúncia age a serviço de rancores pessoais e não do interesse público.*" Os reféns tiveram permissão de receber de fora alimento, roupa, livros, jornais, receber visitas de seus amigos e de repórteres de jornais estrangeiros. Uma oferta chegou a ser feita ao sr. Thiers para trocar os reféns de marca maior - o Arcebispo, Deguerry, Bonjean e Lagarde - unicamente por Blanqui. Para conduzir essa negociação o Vigário-Geral foi enviado a Versalhes, depois de ter jurado ao Arcebispo e ao delegado que voltaria à prisão em caso de insucesso. Mas o sr. Thiers julgou que Blanqui daria uma cabeça ao movimento enquanto os Ultramontanos, avidamente cobiçosos da sé episcopal de Paris, tiveram o cuidado de não salvar o galicano Darboy, cuja morte iria trazer-lhes um duplo lucro, deixando-lhes uma rica herança e um mártir a bom preço. O sr. Thiers recusou e Lagarde não voltou de Versalhes. O Conselho não puniu o Arcebispo por essa quebra de palavra, e poucos dias mais tarde pôs a sua irmã em liberdade. Mesmo nos dias de desespero o privilégio das mulheres jamais foi esquecido. As freiras culpadas de Picpus e as outras religiosas conduzidas a St. Lazare foram confinadas em uma parte especial do prédio.

A prefeitura e a delegação da Justiça também deram provas de humanidade ao melhorar o serviço das prisões. O Conselho por sua vez, esforçando-se em garantir a liberdade individual, decretou que toda prisão deveria ser imediatamente notificada ao delegado de Justiça, e que nenhuma busca domiciliar deveria ser feita sem um mandado regular. Quando alguns Guardas Nacionais mal orientados prenderam alguns indivíduos considerados suspeitos, o Conselho declarou no *Officiel* que todo ato arbitrário seria seguido de demissão e de processo imediato. Um batalhão em busca de armas na companhia de gás sentiu-se autorizado a apreender o cofre; o Conselho fez devolver o dinheiro imediatamente. O comissário de polícia que prendeu Gustave Chaudey, acusado de ter dado ordem de fogo em 22 de janeiro, havia também apreendido o dinheiro do prisioneiro; o Conselho destituiu o comissário. Para prevenir todo abuso de poder, ele abriu um inquérito para apurar a situação dos prisioneiros e os motivos da sua detenção, autorizando ao mesmo tempo todos os seus membros a visitá-los. Com isso Rigault pediu demissão, a qual foi aceita, pois ele estava começando a aborrecer a todos, e Delescluze fora obrigado a repreendê-lo. As suas peripécias enchiam as colunas dos jornais Versalheses, sempre atentos a um pretexto para um escândalo. Eles acusavam essa polícia infantil de aterrorizar Paris e descreviam os membros do Conselho, que recusavam-se a endossar as condenações da corte marcial, como assassinos. Os historiadores Figaristas têm alimentado essa lenda. Essa vil burguesia, que abaixou a cabeça diante das 30.000 prisões de dezembro, as *lettres de cachet* do Império, e aplaudiu as 50.000 prisões de maio, ainda uiva sobre as 800 ou 900 prisões feitas sob a Comuna. Elas nunca excederam esse número em dois meses de contenda, e dois terços deles só ficaram presos por poucos dias, muitos por apenas algumas horas. Mas as províncias, alimentadas unicamente pelas notícias da imprensa Versalhesa, acreditavam nessas invenções, amplificadas nas circulares telegrafadas pelo sr. Thiers aos governadores: "*Os insurgentes estão esvaziando as principais casas de Paris a fim de por a sua mobília à venda.*"

Esclarecer as províncias e provocar a sua intervenção, tal era o papel da delegação do Exterior a qual, sob um título mal escolhido, era somente segunda em importância ao Gabinete de Guerra. Desde 4 de abril - (eu irei mais tarde descrever esses movimentos) - os departamentos haviam estado inquietos. Exceto em Marselha, parcialmente desarmada, a Guarda Nacional tinha armas em toda a parte. No centro, leste, oeste e sul, poderosas divisões poderiam ter sido facilmente realizadas, as estações ocupadas, e com isso os reforços e a artilharia destinados a Versalhes interceptados.

A delegação contentou-se em enviar alguns poucos emissários, sem conhecimento das

localidades de destino, sem tato e sem autoridade. Isso foi mesmo explorado por traidores, que embolsaram o dinheiro e desviaram as instruções para Versalhes. Republicanos bem conhecidos, familiarizados com os hábitos das províncias, ofereceram os seus serviços em vão. Ali, como em toda a parte, era necessário ser um favorito. Enfim, para o trabalho de esclarecer e instigar a França à insurreição, uma soma de apenas 100.000 francos foi reservada.

A delegação propagou apenas um pequeno número de manifestos, um deles um verdadeiro e eloquente resumo da revolução parisiense, e duas mensagens aos camponeses, uma delas por madame André Léo, simples, fervorosa, bem ao alcance do campesinato: *"Irmão, você está sendo enganado. Nossos interesses são os mesmos. O que eu estou pedindo, você quer também. A franquia que eu peço é também sua... O que Paris afinal de contas quer é a terra para o lavrador, a ferramenta para o trabalhador."* Essa boa semente foi colocada em balões livres que, através de um engenhoso mecanismo, de tempos em tempos deixava cair os panfletos. Quantos não foram perdidos, caídos entre os espinhos!

Criada apenas para o exterior, essa delegação esqueceu inteiramente o resto do mundo. Por toda a Europa as classes trabalhadoras esperavam avidamente por notícias de Paris, eram do fundo do coração companheiros combatentes da grande cidade, multiplicavam as suas reuniões, passeatas e discursos. Pobres em sua maioria, os seus jornais combatiam corajosamente as calúnias da imprensa burguesa. O dever da delegação deveria ter sido estender a mão a esses inestimáveis auxiliares: ela não fez nada. Alguns desses jornais esgotaram os seus últimos recursos em defesa da Comuna, que permitiu que os seus defensores sucumbissem por falta de pão.

Sem experiência, sem recursos, a delegação não pôde lutar contra a astuta inteligência do sr. Thiers. Ela mostrou um grande zelo em proteger os estrangeiros, e enviou a rica prataria do Ministério para a Casa da Moeda, mas não realizou quase nenhum trabalho real.

Agora chegamos às delegações de importância vital. Já que ela tornara-se pela força dos eventos a campeã da Revolução, a Comuna deveria ter proclamado as aspirações do século e, caso estivesse fadada a morrer, deixar pelo menos sobre a sua tumba o seu testamento. Teria bastado declarar de maneira lúcida o conjunto de instituições pelas quais o partido revolucionário vinha lutando por quarenta anos.

O delegado da Justiça, um advogado, tinha apenas que fazer um sumário das reformas longamente exigidas por todos os Socialistas. Era o papel de uma revolução proletária mostrar à aristocracia do nosso sistema judiciário as despóticas e antiquadas doutrinas do Código Napoleão; o povo soberano jamais julgando a si próprio, mas julgado por uma casta emanada de uma autoridade que não a sua, a absurda hierarquia de juízes e tribunais, o tabelionato, os procuradores, 400.000 notários, advogados, delegados de polícia, escrivães, meirinhos, sugando a riqueza nacional em um montante de muitas centenas de milhões. Era de se esperar acima de tudo, de uma revolução feita em nome da Comuna, dotar a Comuna com um tribunal perante o qual o povo, ao ter restaurados os seus direitos, deveria fazer julgar todos os casos pelo júri, fossem civis ou comerciais, contravenções ou crimes; um tribunal final, com apelações apenas para informalidades, para demonstrar o quanto advogados, escrivães e delegados são descartáveis, e os notários substituídos por simples funcionários do registro. O delegado limitou-se no máximo a apontar notários, agentes da polícia e meirinhos fazendo jus a um salário fixo - apontamentos um tanto inúteis em tempo de guerra e que, além disso, tinham o defeito de consagrar o princípio da necessidade de tais funcionários. Quase nada de progressivo saiu dali. Foi decretado que, em caso de prisões, as minutas deveriam registrar os motivos e os nomes das testemunhas a ser intimidadas, e que os papéis, valores e efeitos dos prisioneiros deveriam ser depositados no Fundo dos Pleiteantes. Um outro decreto ordenou aos diretores de asilos de lunáticos que enviassem a declaração nominal e explanatória relativa a seus pacientes no prazo de quatro dias. Se o Conselho houvesse lançado alguma luz sobre essas instituições, sob cujo véo existem tantos crimes, a humanidade ter-lhe-ia ficado devedora. Entretanto, esses decretos jamais foram executados.

Teria o instinto prático compensado a falta de ciência por parte da delegação? Teria ela lançado luz sobre os mistérios dos porões de Picpus, os esqueletos de St. Laurent? Ela não pareceu ter tomado conhecimento deles, e a reação ridicularizou essas supostas descobertas. A delegação perdeu até mesmo a oportunidade de conquistar para a Comuna, nem que fosse por um só dia,

todos os Republicanos da França. Jecker estava em seu poder. Rico, corajoso, audacioso, ele sempre vivera na certeza da impunidade, sabendo-se que a legalidade burguesa não inflige nenhum castigo a crimes como a expedição Mexicana. Somente a Revolução poderia prostrá-lo. Nada era mais fácil do que processá-lo. Pretendendo ter sido feito de bobo pelo Império, Jecker ansiava por fazer revelações. Em uma corte pública, perante doze jurados selecionados ao acaso, sob os olhos do mundo, através dele a expedição Mexicana poderia ter sido peneirada, as intrigas do clero desvendadas, os bolsos dos ladrões revistados; poderia ter sido mostrado como a Imperatriz, Miramon e Morny puseram o complô de pé, por que causa e por quais homens a França havia perdido rios de sangue e centenas de milhões. Depois disso a expiação poderia cumprir-se à luz do dia, na praça de la Concorde, em face das Tulherias. Os poetas, que raramente tomam tiros, teriam talvez suspirado, mas o povo, a eterna vítima, teria aplaudido e dito, "*Somente a Revolução faz justiça.*" Eles negligenciaram até mesmo a ocasião de interrogar Jecker.

A delegação no departamento da Educação certamente teria escrito uma das mais finas páginas da Comuna pois, após tantos anos de estudo e de experimentação, essa questão deveria saltar para fora prontamente armada de um cérebro verdadeiramente revolucionário. A delegação não deixou um só memorial, um esboço, um discurso, uma linha que lhe servisse de testemunho no futuro. Contudo o delegado era um doutor, um estudante das universidades alemãs. Ele contentou-se em suprimir os cucifixos das salas de aula, e em fazer um apelo a todos que haviam estudado a questão do ensino. Uma comissão foi encarregada de organizar a instrução primária e profissional, cujo trabalho consistiu em anunciar a abertura de uma escola em 6 de maio. Uma outra comissão para a educação das mulheres foi nomeada no dia em que os Versalheses entraram em Paris.

A ação administrativa do delegado era confinada a decretos impraticáveis e a alguns poucos apontamentos. Dois homens devotados e talentosos, Elie Reclus e B. Gastineau, foram encarregados da reorganização da *Bibliothèque Nationale*. Eles proibiram o empréstimo de livros, pondo assim um fim à prática escandalosa através da qual alguns poucos privilegiados montavam bibliotecas privadas às custas de coleções públicas. A federação dos artistas, presidida por Courbet, eleito membro do Conselho em 16 de abril, ocupou-se da reabertura e da superintendência dos museus.

Nada teria sido conhecido das idéias dessa revolução na educação, não fossem por algumas poucas circulares das municipalidades. Muitas haviam reaberto as escolas abandonadas pelos Congregacionistas e pelos professores municipais, ou afastado os padres que haviam permanecido. A municipalidade do 20º distrito vestia e alimentava as crianças; no 4º distrito ela dizia, "*Ensinar as crianças a amar e respeitar os seus semelhantes, inspirá-las com o amor pela justiça, ensinar-lhes que devem instruir-se no interesse de todos, tais são os princípios de moralidade sobre os quais a educação comunal será baseada no futuro.*" A municipalidade do 17º distrito declarou que, "*Os professores das escolas e dos asilos infantis empregarão no futuro exclusivamente o método experimental e científico, aquele que sempre parte dos fatos físicos, morais e intelectuais.*" Mas essas fórmulas vagas não podiam suprir a carência de um programa completo.

Quem, então, falará pelo povo? A delegação do Trabalho e do Câmbio. Exclusivamente composta por Socialistas revolucionários, o seu propósito era, "*O estudo de todas as reformas a serem introduzidas nos serviços públicos da Comuna, ou nas relações dos trabalhadores e das trabalhadoras com os seus empregadores; a revisão do código comercial e do direito aduaneiro; a transformação de todos os impostos diretos e indiretos, o estabelecimento da estatística do trabalho.*" Ela pretendia coletar diretamente do povo o material para os decretos a serem submetidos à Comuna.

O delegado desse departamento, Léo Frankel, buscou a assistência de uma comissão de iniciativa composta por trabalhadores. Registros para a oferta e a procura de trabalho foram abertos em todos os distritos. A pedido de muitos trabalhadores o trabalho noturno nas padarias foi suprimido, uma medida tanto de higiene como de moralidade. A delegação preparou um projeto para a supressão das casa de penhores, um decreto abordando as suspensões de salários, e apoiou o decreto relativo às oficinas abandonadas por seus mestres fugitivos.

O seu plano devolvia gratuitamente os objetos penhorados às vítimas da guerra e aos necessitados. Aqueles que porventura se recusassem a confessar esta última condição

receberiam os seus objetos em troca de uma promessa de pagá-los em cinco anos. O relatório terminava com essas palavras: *"Fica bem entendido que a supressão das casas de penhores deverá ser sucedida por uma organização social que dê sérias garantias de apoio aos trabalhadores lançados ao desemprego. O estabelecimento da Comuna necessita de instituições que protejam o trabalhador da exploração pelo capital."*

O decreto que aboliu as suspensões de salários pôs um fim a uma das iniquidades mais gritantes do regime capitalista, essas multas infligidas muitas vezes sob o mais fútil pretexto pelo próprio empregador, que era assim ao mesmo tempo queixoso e juiz.

O decreto relativo às oficinas abandonadas fez restituição às massas, despossuídas havia séculos, da propriedade do seu próprio labor. A comissão de inquérito nomeada pelas Câmaras Sindicais deveria levantar as estatísticas e o inventário das oficinas abandonadas que seriam colocadas de volta nas mãos dos trabalhadores. Assim, *"os expropriadores foram por sua vez expropriados."* O século XIX não chegará ao fim sem ter iniciado essa revolução; cada progresso no maquinário torna-a mais próxima. Quanto mais a exploração do trabalho concentra-se em umas poucas mãos, mais a multidão trabalhadora é reunida em massa e disciplinada. Logo, consciente e unida, a classe produtiva não terá de confrontar, como a jovem França de 1789, senão um punhado de apropriadores privilegiados. O mais inveterado revolucionário Socialista é o monopolista.

Esse decreto sem dúvida continha lacunas e precisava de uma elaborada explanação, especialmente em relação às sociedades cooperativas às quais as oficinas seriam confiadas. Ele não era mais do que os outros aplicáveis nessa hora de emergência, e requeria um número de decretos suplementares; mas ele pelo menos deu alguma idéia das reivindicações da classe trabalhadora, e nada mais tivesse ela a seu crédito, pela mera criação da Comissão de Trabalho e Câmbio, a revolução de 18 de março teria feito mais pelos trabalhadores do que todas as Assembléias burguesas da França desde o 5 de maio de 1789.

A delegação do Trabalho desejava examinar cuidadosamente os contratos do comissariado. Ela demonstrou que, no caso dos contratos adjudicados ao menor lance, a queda dos preços reflete-se nos salários e não no lucro do contratador. *"E a Comuna é cega o suficiente para ser enganada por essas manobras,"* dizia o relatório, *"e logo nesse momento, quando o trabalhador ousa encarar a morte para não mais submeter-se a essa exploração."* O delegado requereu que a estimativa dos encargos especificasse o custo da mão de obra, que as encomendas deveriam ser preferencialmente feitas a corporações de trabalhadores, e os preços dos contratos fixados pelo arbitramento do comissariado, da Câmara Sindical da corporação e do delegado do Trabalho.

Para supervisionar a administração financeira de todas as delegações, o Conselho instituiu no mês de maio uma comissão superior encarregada da auditoria de suas contas. Ele decretou que os funcionários ou contratadores condenados por peculato ou roubo receberiam a pena de morte.

Em suma, à exceção da delegação do Trabalho onde eles realmente trabalharam, as delegações fundamentais não estiveram à altura de suas tarefas. Todas cometeram o mesmo erro. Durante dois meses eles tiveram em suas mãos os arquivos da burguesia desde 1789. Lá estava o Tribunal de Contas (um conselho judicial de contas) para revelar os mistérios da agiotagem oficial; o Conselho de Estado, com as sombrias deliberações do despotismo; a prefeitura de Polícia, os escandalosos subterrâneos do poder social; o Ministério da Justiça, a servilidade e os crimes da mais opressiva de todas as classes. No Paço Municipal jaziam depositados os registros ainda não explorados da primeira Revolução, daquelas de 1815, 1830, 1848, e todos os diplomatas da Europa temiam a abertura dos portfolios do Ministério das Relações Exteriores. Eles deveriam ter exposto aos olhos do povo a história íntima da Revolução, do Diretório, do primeiro Império, da monarquia de julho de 1848, e de Napoleão III. Eles publicaram apenas dois ou três fascículos. Os delegados dormiam ao lado desses tesouros, inconscientes, ao que parece, do seu valor.

Vendo esses advogados, esses doutores, esses publicistas, que permitiram que Jecker permanecesse calado e o Tribunal de Contas fechado, os Radicais não acreditaram em tamanha ignorância, e contentaram-se em explicar o enigma com a palavra *"Bonapartismo."* Uma acusação estúpida, desmentida por mil provas. Em justa honra aos delegados a amarga

verdade deve ser dita. A sua ignorância não era simulada, apenas demasiado real. Em grande parte ela era filha da opressão do passado.

CAPÍTULO XIX

A MAÇONARIA ADERE À COMUNA A PRIMEIRA EVACUAÇÃO DA FORTALEZA DE ISSY CRIAÇÃO DO COMITÉ DE SEGURANÇA PÚBLICA

O sr. Thiers estava plenamente consciente das falhas da Comuna, mas ele também conhecia a debilidade do seu próprio exército. Além disso, ele quis engrandecer-se ao brincar de soldado aos olhos dos prussianos. Com o fim de apaziguar os seus colegas, ávidos por um assalto a Paris, ele recebeu com arrogância os conciliadores, que multiplicavam as suas iniciativas e as suas capengas combinações.

Todo o mundo se intrometeu, desde o bom e visionário Considérant até o cínico Girardin, até o ex-ajudante-de-campo de Saisset, Schoelcher, que havia substituído o seu plano de batalha de 24 de março por um plano de conciliação. Esses encontros tornaram-se tópicos habituais de chacota. Desde a sua pomposa declaração, *"Toda Paris irá levantar-se,"* a Liga dos Direitos de Paris havia sumido completamente de vista. Era perfeitamente entendido que esses Radicais estavam em busca de algum artifício decente para escaparem ao perigo. No final de abril os seus movimentos insinceros serviram somente como contraste para desencadear a corajosa conduta da Maçonaria.

Tendo ido a Versalhes em 21 de abril para pedir um armistício, a Maçonaria queixou-se da lei municipal votada recentemente pela Assembléia. *"Como!"* respondeu o sr. Thiers, *"mas essa é a mais liberal que já tivemos na França nos últimos oitenta anos."* *"O sr. vai nos perdoar, mas o que dizer das instituições comunais de 1791?"* *"Ah! vocês querem repetir as loucuras dos nossos pais?"* *"Mas, afinal de contas, vocês estão então resolvidos a sacrificar Paris?"* *"Haverá algumas casas fuziladas, algumas pessoas vão morrer, mas a lei será restabelecida."* A Maçonaria fez afixar cartazes em Paris divulgando essa resposta horrorosa.

No dia 26 eles se reuniram no Châtelet, e vários deles propuseram que eles deveriam ir plantar as suas bandeiras nas muralhas. Isso foi respondido com mil vivas. O sr. Floquet, que com os olhos voltados para o futuro renunciara ao seu mandato, juntamente com Lockroy e Clémenceau, protestou contra essa cooperação da pequena classe média com o povo. A sua vozinha estridente foi abafada pelos gritos entusiásticos do salão. Ao convite de Ranvier, os Maçons foram ao Paço Municipal levando à frente a sua bandeira, onde foram recebidos pelo Conselho na Corte de Honra. *"Se no início ela não desejou agir,"* disse o seu porta-voz Thirifocq, *"foi por que a Maçonaria queria ter uma prova concreta de que Versalhes não queria saber de conciliação. Ela está hoje preparada a plantar a sua bandeira sobre a muralha. Se ela for atingida por uma única bala, a Maçonaria marchará com o mesmo ardor de vocês contra o inimigo comum."* Essa declaração foi aplaudida ruidosamente. Em nome da Comuna Jules Vallès estendeu o seu lenço vermelho, o qual foi amarrado à bandeira, e uma delegação do Conselho acompanhou os irmãos ao Templo Maçônico da rua Cadet.

Eles voltaram três dias mais tarde para redimir a sua palavra. O anúncio dessa intervenção havia dado uma grande esperança a Paris. Desde muito cedo pela manhã uma imensa multidão aglomerava-se nos acessos ao Carrousel, ponto de encontro de todas as lojas; e a despeito de alguns poucos Maçons reacionários que haviam afixado um cartaz de protesto, 10.000 irmãos representando cinquenta e cinco lojas estavam reunidos às dez horas no Carrousel. Seis membros do Conselho conduziram-nos ao Paço Municipal em meio à multidão e a uma alameda de batalhões. Tocando uma música de caráter solene e ritual, uma banda ia à frente da procissão; então vinham os oficiais superiores, os grão-mestres, os membros do Conselho, e os irmãos com a sua larga fita azul, verde, branca, vermelha ou negra, de acordo com o seu grau, agrupados em torno de sessenta e cinco estandartes que jamais haviam sido exibidos em público antes. O estandarte carregado à frente da procissão era a bandeira branca de Vincennes, estampando em letras vermelhas a inscrição fraternal e revolucionária, *"Ami-vos uns aos outros."* Uma loja feminina foi especialmente aplaudida.

Os estandartes e uma numerosa delegação foram introduzidos no Paço Municipal, onde os membros do Conselho esperavam para recebê-los no balcão da escadaria de honra. As

bandeiras foram fixadas ao longo dos degraus. Esses estandartes da paz lado a lado com a bandeira vermelha, essa pequena classe média juntando as mãos com o proletariado sob a orgulhosa imagem da República, esse gritos de fraternidade deslumbraram, animaram até mesmo os mais sisudos. Félix Pyat abandonou-se em uma rapsódia de palavras e antíteses retóricas. O velho Beslay foi muito mais eloquente em algumas poucas palavras, engasgadas por lágrimas verdadeiras. Um irmão solicitou a honra de ser o primeiro a plantar na muralha a bandeira da sua loja, *"La Persévérance,"* fundada em 1791, na era das grandes federações. Um membro do Conselho apresentou a bandeira vermelha: *"Que ela acompanhe as vossas bandeiras; que nenhuma mão daqui para a frente volte-nos um contra o outro."* E o orador da delegação, Thirifocq, apontando para a bandeira de Vincennes: *"Essa será a primeira a apresentar-se face às fileiras do inimigo. Nós diremos a eles, 'Soldados da mãe pátria, confraternizem conosco, venham abraçar-nos.' Se não formos atendidos, iremos juntar-nos às companhias de guerra."*

Quando os delegados deixaram o Paço Municipal, um balão livre marcado com os três pontos simbólicos ascendeu no ar, deixando cair aqui e ali o manifesto da Maçonaria. Depois que a imensa procissão mostrou as suas misteriosas bandeiras à Bastilha e aos boulevards, freneticamente aplaudidas, ela chegou por volta das duas horas à encruzilhada dos Champs-Élysées. Os obuses de Mont-Valérien obrigaram-nos a passar por ruas secundárias em seu caminho rumo ao Arco do Triunfo. Lá uma delegação de todos os veneráveis foi plantar as bandeiras nos postos mais perigosos, da Porte-Maillot até a Porte-Bineau. Quando a bandeira branca foi hasteada no posto avançado da Porte-Maillot os Versalheses cessaram o fogo.

Os delegados da Maçonaria e alguns membros do Conselho apontados por seus colegas para acompanhá-los avançaram, tendo à frente a sua bandeira, até a avenida de Neuilly. Na ponte de Courbevoie, diante da barricada Versalhesa, eles encontraram um oficial que conduziu-os até o general Montaudon, ele próprio um Maçon. Os parisienses explicaram o objetivo da sua manifestação, e propuseram uma trégua. O general propôs que eles enviassem uma delegação a Versalhes. Três delegados foram escolhidos, e os seus companheiros retornaram à cidade. À noite o silêncio reinava de St. Ouen a Neuilly, Dombrowski tendo tido a iniciativa pessoal de continuar a trégua. Pela primeira vez em vinte e cinco dias o sono de Paris não era perturbado pela detonação dos canhões.

No dia seguinte os delegados retornaram. O sr. Thiers mal dignara-se a recebê-los, mostrando-se impaciente, irritado, decidido a nada conceder e a não mais admitir qualquer outra delegação. A Maçonaria resolveu então marchar para a batalha com a sua insígnia.

À tarde a *Alliance Républicaine des Départements* fez um ato de adesão à Comuna. Millière, que havia praticamente aderido ao movimento sem ser capaz de ganhar a confiança do Paço Municipal, esforçou-se para agrupar os provincianos residentes em Paris. Quem não conhece a contribuição das províncias em sangue e recursos à grande cidade? Em meio aos 35.000 prisioneiros de origem francesa nos relatórios oficiais de Versalhes havia, de acordo com a sua própria declaração, apenas 9.000 nascidos em Paris. Cada grupo departamental iria esforçar-se para esclarecer o seu torrão natal, enviar circulares, proclamações, delegados. No dia 30 todos os grupos reuniram-se no pátio do Louvre para votar uma mensagem aos departamentos e todos, cerca de 15.000 homens encabeçados por Millière, foram ao Paço Municipal *"renovar a sua adesão ao patriótico trabalho da Comuna de Paris."*

A procissão passava ainda quando um sinistro rumor espalhou-se: a fortaleza de Issy havia sido evacuada.

Sob a cobertura de suas baterias os Versalheses haviam avançado e, na noite do 26 para o 27, haviam surpreendido o Moulinaux, através do qual o parque de Issy pode ser alcançado. No dia seguinte sessenta peças de poderoso calibre concentravam o seu fogo sobre a fortaleza, enquanto outras ocupavam Vanves, Montrouge, as canhoneiras e a muralha. Issy respondeu valentemente mas as nossas trincheiras, que deveriam ter sido cuidadas por Wetzell, estavam em má condição. No dia 29 o bombardeio foi redobrado e os projéteis sulcavam o parque. Às onze da noite os Versalheses cessaram o fogo e, na calma noturna, surpreenderam os Federados e ocuparam as trincheiras. Às cinco da manhã do dia 30 a fortaleza, que não recebera qualquer alerta desse incidente, viu-se cercada por um semi-círculo de Versalheses. Desconcertado, o comandante Mégy mandou pedir reforços mas não recebeu nenhum. A guarnição começou a alarmar-se e esses Federados, que haviam alegremente suportado uma

avalanche de obuses, apavoraram-se com uns poucos escaramuçadores. Mégy convocou um conselho, e a evacuação foi decidida. Os canhões foram pregados precipitadamente - tão mal que foram despregados na mesma noite - e o grosso da guarnição partiu. Alguns homens com diferentes noções do dever fizeram um ponto de honra de permanecer em seus postos. Durante o dia um oficial Versalhês intimou-os a renderem-se em um quarto de hora, sob pena de serem fuzilados. Eles sequer responderam.

Às três horas Cluseret e La Cécilia chegaram em Issy com algumas poucas companhias recrutadas às pressas. Elas mobilizaram-se como escaramuçadores, empurraram os Versalheses para fora do parque, e às seis horas os Federados reocuparam a fortaleza. À entrada eles encontraram uma criança, Dufour, próximo a um carrinho cheio de cápsulas e cartuchos, pronto a fazer-se explodir e, segundo acreditava, levar o arsenal do porão junto consigo. À noite Vermorel e Trinquet trouxeram outros reforços e nós reocupamos todas as nossas posições.

Aos primeiros rumores da evacuação, Guardas Nacionais haviam acorrido ao Paço Municipal para interpelar a Comissão Executiva. Ela negou ter dado qualquer ordem para evacuar a fortaleza e prometeu punir os traidores caso houvesse algum. À noite ela prendeu Cluseret à sua chegada da fortaleza de Issy. Estranhos rumores circulavam a seu respeito, e ele saiu do Ministério sem deixar o menor traço de qualquer trabalho útil que fosse. Quanto à defesa do interior, tudo o que ele havia feito fora enterrar canhões no Trocadéro os quais, ele disse, destinavam-se a perfurar Mont-Valérien. Em um período posterior, após a queda da Comuna, ele dedicou-se a descarregar toda a sua incapacidade sobre os seus colegas, tratando-os em revistas inglesas como tolos vaidosos e ignorantes, imputando vilanias a um homem como Delescluze, afirmando que a sua prisão havia arruinado tudo, e referindo-se modestamente a si próprio como a *"incarnação do povo."*

Esse pânico em Issy deu origem ao Comitê de Segurança Pública. Já em 28 de abril ao fim da sessão Miot, um dos melhores barbudos de 1848, erguera-se para requerer *"sem frases"* a criação de um Comitê de Segurança Pública, com autoridade sobre todas as Comissões. Premido a dar suas razões, ele majestosamente respondeu que achava o Comitê necessário. Havia apenas uma opinião quanto à necessidade de se fortalecer o controle e a ação centrais, pois a segunda Comissão Executiva mostrara-se tão impotente quanto a primeira, cada delegado seguindo o seu próprio caminho e decretando por sua própria conta. Mas o que significava esse título - Comitê de Segurança Pública - essa paródia do passado e espantinho de bobalhões? Ele destoava dessa revolução proletária, desse Paço Municipal, do qual o Comitê de Segurança Pública original arrancara Chaumette, Jacques Roux e os melhores amigos do povo. Mas os Românticos do Conselho tinham um conhecimento apenas superficial da história da Revolução, e esse título imponente os deliciou. Eles tê-lo iam votado ali naquela hora, não fosse a energia de alguns colegas que insistiram em uma discussão. *"Sim,"* disseram estes últimos, *"nós queremos uma Comissão vigorosa, mas não nos venham com esse pastiche revolucionário. Que a Comuna seja reformada; que ela deixe de ser esse pequeno parlamento falador, que anula de manhã, ao sabor dos seus caprichos, o que ela criou na véspera."* E eles propuseram um Comitê Executivo. Os votos ficaram igualmente divididos.

O incidente em Issy fez oscilar a balança. Em 1º de maio, 34 contra 28 aprovaram o título de Comitê de Segurança Pública. Quanto ao projeto integral, 48 votaram a favor e 23 contra. Vários votaram pelo Comitê independentemente do título, com o único objetivo de criar um poder forte. Muitos justificaram o seu voto. Alguns alegaram estar obedecendo ao *"mandat impératif"* dos seus eleitores. Alguns queriam *"fazer os covardes e os traidores tremem;"* outros simplesmente declararam, como Miot, que *"essa era uma medida indispensável."* Félix Pyat, que encorajara Miot e apoiara violentamente a proposição a fim de reconquistar a estima dos ultras, deu essa irrefutável razão: *"Sim: considerando que as palavras 'Salvação Pública' são absolutamente da mesma época que as palavras República Francesa e Comuna de Paris."* Mas Tridon: *"Não: por que eu não gosto de inúteis e ridículas roupas velhas jogadas fora."* Vermorel: *"Não: essas são apenas palavras, e o povo tem convivido demasiado tempo com palavras."* Longuet: *"Não acreditando mais em palavras de salvação, em talismãs e amuletos, eu voto Não."* Dezessete declararam-se coletivamente contra a instituição de um Comitê o qual, eles disseram, criaria uma ditadura, e outros alegaram o mesmo motivo, o que era bastante pueril. O Conselho permaneceu tão soberano que derrubou o Comitê oito dias depois.

Tendo protestado por esse voto, os oponentes deveriam ter feito a seguir o melhor da situação.

Tridon havia certamente dito, *"Eu não vejo nenhum homem para por em tal Comitê;"* uma razão ainda maior para não ceder o lugar aos Românticos. Em vez de chegar a um entendimento com aqueles colegas que desejavam concentrar o poder e não galvanizar um cadáver, os oponentes cruzaram os braços. *"Nós não podemos,"* eles disseram, *"apontar ninguém para uma instituição que consideramos inútil e fatal... Nós consideramos a abstenção como a única atitude digna, lógica e política."*

Estigmatizado assim por antecipação, foi criado um poder sem autoridade; houve apenas 37 votos. Ranvier, Arnaud, Léo Meillet, Gérardin e Félix Pyat foram nomeados. Os alarmistas podiam confortar-se. O único de real energia, o ereto e amável Ranvier, estava à mercê da sua cega cordialidade.

Os amigos da Comuna, os bravos soldados das trincheiras e das fortalezas, souberam então que havia uma minoria no Paço Municipal. Ela fez a sua aparição no momento exato em que Versalhes desvelava as suas baterias. Essa minoria que, com exceção de uma dezena de membros, compreendia os mais esclarecidos e os mais laboriosos membros do Conselho, nunca foi capaz de acomodar-se à situação. Esses homens jamais puderam compreender que a Comuna era uma barricada, e não um governo. Esse era o erro geral, a crença supersticiosa em sua longevidade governamental; daí, por exemplo, eles adiarem em sete meses a data para a restituição total das garantias às casas de penhores. Havia talvez tantos sonhadores na minoria quanto na maioria. Alguns formulavam os seus princípios como a cabeça de uma Medusa, e não fariam qualquer concessão mesmo em nome da vitória. Eles levaram a reação contra o princípio da autoridade aos limites do suicídio. *"Nós,"* eles disseram, *"lutávamos pela liberdade sob o Império; não a negaremos agora que chegamos ao poder."* Mesmo no exílio eles têm fantasiado que a Comuna pereceu por culpa de suas tendências autoritárias. Com um pouco de diplomacia, cedendo às circunstâncias e às fraquezas dos seus colegas, eles poderiam ter destacado da maioria todos os homens de real valor. Tridon viera ter com eles sem ser convidado, mas a sua era uma mente superior; eles deveriam ter feito avanços na direção dos outros, opondo idéias precisas aos meros arrogantes, e usando de verdadeira energia teriam reduzido os turbulentos. Eles permaneceram inflexíveis, obstinados, e contentaram-se com protestos veementes.

Daí em diante as divergências degeneraram em hostilidades. A sala do conselho era pequena, mal ventilada; a logo super-aquecida atmosfera incendiou os ânimos. As discussões tornaram-se cada vez mais azedas, e Félix Pyat transformou-as em ataques. Delescluze nunca falou senão de união, concórdia. O outro teria preferido a Comuna antes morta do que salva por um daqueles que fossem alvo do seu rancor, e ele odiava qualquer um que risse da sua loucura. Ele não se importava em desacreditar o Conselho, difamando os seus membros mais devotados, caso ressentisse uma transgressão à sua vaidade. Ele era capaz de mentir com perfeita impudência, burilar alguma infame calúnia, enlamear um colega e então, subitamente, em uma atitude emocional, abrir os braços e exclamar, *"Vamos nos abraçar."* Ele agora acusava Vermorel de ter vendido o seu jornal ao Império depois de tê-lo oferecido aos Orléanistas. Ele esvoaçava sobre os lobbies, as Comissões, um Barrère das mesas, aqui insinuador, ali espumando, acolá patriarcal. *"A Comuna! ora, ela é a minha criança! Eu tenho zelado por ela por vinte anos. Eu a tenho amamentado, eu a tenho acalentado."* A ouvi-lo, o 18 de março foi obra dele. Ele assim recrutava os ingênuos, os estouvados enviados ao Conselho pelas reuniões públicas e, a despeito da sua absoluta incapacidade, demonstrada pelo homem quando membro do primeiro executivo, a despeito de suas tentativas em tumultuar, ele obteve vinte e quatro vezes na eleição do Comitê de Segurança Pública. A áspide aproveitou-se disso para incitar a discórdia.

A divisão no seio do Conselho foi fatal, a mãe da derrota. Ela cessou - que o povo saiba disso bem como de suas falhas - quando eles pensaram no povo, quando eles puseram-se acima dessas miseráveis querelas pessoais. Eles seguiram o funeral de Pierre Leroux, que havia defendido os insurgentes de junho de 1848; ordenaram a demolição da igreja de Bréa, erigida em memória de um traidor justamente punido; do monumento expiatório, uma afronta à Revolução; não esqueceram-se dos prisioneiros políticos ainda no Bagnio, e enobreceram a praça d'Italie com o nome de Duval. Todos os decretos Socialistas passaram por unanimidade; pois apesar de diferirem eles eram todos Socialistas. Não houve senão uma voz no Conselho para expelir dois de seus membros culpados de alguma antiga ofensa, e ninguém nem mesmo no mais extremo perigo jamais ousou pronunciar a palavra capitulação.

CAPÍTULO XX

ROSSEL SUBSTITUI CLUSERET
AS RIVALIDADES
A DEFESA DA FORTALEZA DE ISSY

O último ato da segunda Comissão Executiva foi nomear Rossel delegado para a Guerra. Na mesma noite (30 de abril) ela mandou chamá-lo. Ele veio de imediato, recitou a história de cercos famosos, e prometeu tornar Paris inexpugnável. Ninguém pediu-lhe para por um plano no papel e ali e na hora, como em um palco, a sua nomeação foi assinada. Ele escreveu sem demora ao Conselho, *"Eu aceito essas difíceis funções, mas eu quero o seu total apoio a fim de não sucumbir sob o peso dessas circunstâncias."*

Rossel conhecia essas circunstâncias de cabo a rabo. Por vinte e cinco dias chefe do estado-maior, ele era o homem mais bem informado em Paris quanto a todos os seus recursos militares. Ele estava familiarizado com os membros do Conselho, do Comitê Central, os oficiais, as forças efetivas, o caráter das tropas que ele dispôs-se a conduzir.

Logo de início ele desafinou em sua resposta ao oficial Versalhês que intimara a fortaleza de Issy a render-se. *"Meu caro camarada, na próxima vez em que você permitir-se enviar-nos tão insolente intimação, eu farei fuzilar a sua bandeira de trégua. Seu devotado camarada."* Essa leviandade cínica cheirava ao *condottiere*. Certamente aquele que ameaçava fuzilar um soldado inocente, e agraciava com um *"meu caro"*, seu *"devotado camarada,"* a um colaborador de Gallifet, era estranho ao grande coração de Paris e de sua guerra civil.

Nenhum homem entendia Paris, a Guarda Nacional, menos do que Rossel. Ele imaginava que o *Tio Duchesne* era o verdadeiro porta-voz dos trabalhadores. Mal chegado ao Ministério, ele falou em colocar a Guarda Nacional em quartéis, em canhonear os fugitivos; ele queria desmembrar as legiões e formá-las em regimentos, com coronéis nomeados por ele próprio. O Comitê Central, ao qual os chefes de legião pertenciam, protestou, e os batalhões queixaram-se ao Conselho, que mandou chamar Rossel. Ele formulou o seu projeto de maneira profissional, em palavras sóbrias e precisas, tão diferentes das declamações de Pyat que o Conselho julgou ver um homem e ficou encantado. Ainda assim o seu projeto era a quebra da Guarda Nacional, e o Conselho não mais que a Comissão Executiva tinha um plano de defesa para ele. Ele certamente requereu que as municipalidades deveriam encarregar-se da concentração de armas, cavalos, e processar os refratários, mas não interpôs nenhuma condição *sine qua non*.

Ele não enviou nenhum relatório quanto à situação militar. Ele deu ordens para a construção de um segundo perímetro de barricadas, e de três cidadelas em Montmartre, no Trocadéro e no Panthéon, mas jamais preocupou-se pessoalmente com a sua execução. Ele estendeu o comando do general Wroblewski sobre todas as tropas e fortalezas da margem esquerda, mas três dias mais tarde voltou a restringi-lo para concedê-lo a La Cécilia, que não tinha nenhuma das qualidades necessárias a um comandante superior. Ele jamais deu aos generais qualquer instrução para o ataque ou a defesa. Apesar de alguns surtos e inícios, ele tinha na realidade tão pouca energia que nomeou Eudes comandante da segunda reserva ativa no momento mesmo em que, desobedecendo a ordens formais, este último abandonou a fortaleza de Issy, a qual ele vinha comandando desde a reocupação.

Os Versalheses haviam retomado o bombardeio com perfeita fúria. Os obuses, as bombas, martelavam as casamatas, a metralha forrava as trincheiras com ferro. Na noite do dia 1º para o dia 2 os Versalheses, sempre recorrendo a surpresas noturnas, atacaram a estação de Clamart, tomando-a quase sem luta, e o castelo de Issy, que eles tiveram de conquistar passo a passo. Na manhã do dia 2 a fortaleza viu-se novamente na mesma situação de três dias antes. Uma parte mesmo da aldeia de Issy estava nas mãos dos soldados. Durante o dia os franco-atiradores de Paris os desalojaram sob a ponta das baionetas. Eudes, que clamou em vão por reforços, foi ao Gabinete de Guerra para declarar que não iria continuar se Wetzel não fosse exonerado. Wetzel foi substituído por La Cécilia mas Eudes não retornou à fortaleza, e relegou o comando ao chefe do seu estado-maior.

Assim, desde o dia 3 estava evidente que tudo continuaria como sob Cluseret, e o Comitê Central cresceu em ousadia. Ele havia sido empurrado mais e mais para a sombra, pois a Comissão de Guerra mantinha-o à distância. As suas sessões, cada vez mais confusas e

vazias, eram pouco frequentadas - por cerca de dez membros, às vezes menos ainda. O empreendimento de Rossel contra as legiões devolveu-lhe um pouco de autoridade e de audácia. No dia 3, em comum acordo com os chefes de legião, eles resolveram requerer ao Conselho a direção e a administração do Gabinete de Guerra. Rossel farejou a trama, e fez prender um de seus membros; os outros em grande número, os chefes de legião com seus sabres à cintura, foram até o Paço Municipal onde foram recebidos por Félix Pyat, profundamente excitado pela singular presunção de que eles vinham para por as mãos nele. *"Nada está funcionando no Gabinete de Guerra,"* disseram eles, *"Todos os serviços estão em desordem. O Comitê Central se oferece para dirigi-los. O delegado conduzirá as operações, o Comitê cuidará da administração."* Félix Pyat aprovou a idéia e submeteu-a ao Conselho. A minoria ofendeu-se com as pretensões do Comitê, e falou mesmo em fazê-los prender. A maioria relegou a matéria ao Comitê de Segurança Pública, que lavrou um decreto admitindo a cooperação do Comitê Central. Rossel aceitou a situação e anunciou-a aos chefes de corpos. A Comissão de Guerra continuou, apesar de tudo isso, a desentender-se com o Comitê.

Os nossos homens pagaram caro por essas pequenas revoluções de gabinete. Exaustos, mal comandados, eles negligenciavam as suas vigílias e assim expunham-se a todo tipo de surpresa. A mais terrível teve lugar na noite de 3 para 4 de maio no reduto de Moulin Saquet, guarnecido por 500 homens nesse momento. Eles dormiam em suas tendas quando os Versalheses, tendo rendido os sentinelas, entraram no reduto e massacraram cerca de cinquenta Federados. Os soldados trespassaram as tendas com suas baionetas, retalhando os cadáveres, e então foram-se levando cinco peças e 200 prisioneiros. O capitão do 55º foi acusado de ter traído a senha. A verdade não é conhecida, pois - fato incrível! - o Conselho nunca investigou o incidente.

O sr. Thiers anunciou esse *"elegante golpe de mão"* em um despacho zombeteiro no sentido de que haviam matado duzentos homens; que *"tal era a vitória que a Comuna provavelmente anunciaria em seus boletins."* Levados para Versalhes, os prisioneiros foram recebidos pela elegante ralé que matava o seu tempo nos cafés de St. Germain, agora transformado no quartel-general da prostituição chique, ou que subia às colinas para observar os obuses chovendo sobre as paredes e sobre os parisienses. Mas o que era esse insípido entretenimento junto a um comboio de prisioneiros, em quem eles podiam bater, cuspir e injuriar, mil vezes renovando as agonias de Mathô?

A ferocidade simplesmente bestial dos soldados era muito menos horrível. Esses pobres diabos acreditavam firmemente que os Federados eram ladrões ou prussianos, e que torturavam os seus prisioneiros. Houve alguns que, levados para Paris, por um longo tempo recusavam todo alimento temendo ser envenenados. Os oficiais propagavam essas estórias horríveis; alguns acreditavam mesmo nelas. A grande maioria, chegando da Alemanha em um estado de extrema irritação contra Paris, dizia publicamente, *"Nós não daremos trégua a esses patifes,"* e eles firmaram o exemplo das execuções sumárias. No dia 25 de abril na Belle-Épine, próximo a Ville-Juif, quatro Guardas Nacionais foram surpreendidos por caçadores montados e, intimados a se render, deitaram as armas ao chão. Os soldados os conduziam quando um oficial apareceu e, sem mais nem menos, descarregou o seu revólver sobre eles. Dois foram mortos; os outros dois, dados como mortos, foram capazes de arrastar-se até a trincheira mais próxima, onde um deles expirou. O quarto foi transportado à ambulância. Outrora cercada pelos prussianos, Paris era agora rastreada por tigres.

Esses sinistros presságios da sorte que aguardava os vencidos deixavam o Conselho indignado, mas não o ilustravam. A desordem ficava maior com o perigo. Rossel não fazia nada acontecer. Pyat, a quem ele havia muitas vezes silenciado com uma palavra, abominava-o, e nunca cessou de minar a sua autoridade. *"Vocês estão vendo esse homem,"* dizia ele aos Românticos, *"bem, ele é um traidor - um Cesariano! Depois do plano Trochu, o plano Rossel."* No dia 8 de maio ele fez transferir a direção das operações militares para Dombrowski, deixando apenas funções nominais a Rossel que, informado disso na mesma noite, acorreu ao Comitê de Segurança Pública e forçou-o a revogar o decreto. No dia 4 Félix Pyat enviou ordens ao general Wroblewski sem informar Rossel. No dia seguinte Rossel queixou-se ao Comitê de Segurança Pública dessa interferência perniciososa, que confundia tudo. *"Sob essas circunstâncias eu não posso ser responsável,"* disse ele, e requereu a publicidade das sessões, já que sempre fora recebido em audiência privada. Em vez de forçá-lo a comunicar o seu plano, eles se divertiram fazendo-o passar por uma espécie de exame Maçônico. O ante-diluviano Miot perguntou-lhe quais eram os seus antecedentes democráticos. Rossel

extricou-se de forma muito inteligente. *"Eu não lhe direi que tenho estudado a questão da reforma social profundamente, mas eu abomino essa sociedade que acaba de trair a França de maneira tão ignóbil. Eu não sei qual será a nova ordem do Socialismo. Eu gosto dela em confiança e, de um modo ou de outro, ela será melhor do que a antiga."* Todos fizeram-lhe as perguntas que cada um escolheu pessoalmente, e não por meio do presidente. Ele respondeu-as todas com sangue frio e precisão, desarmando todos os seus escrúpulos e ganhando vivas, mas nada mais.

Houvesse ele possuído a cabeça forte que lhe creditavam, ele de há muito teria sondado a situação, compreendido que para essa luta sem precedentes novas táticas eram necessárias, encontrado um campo de batalha para esses soldados improvisados, organizado a defesa interna, e esperado Versalhes das alturas de Montmartre, no Trocadéro e Mont-Valérien. Mas ele sonhava com batalhas, no fundo não passava de um soldado acadêmico, original apenas no discurso e no estilo. Ao mesmo tempo em que sempre queixava-se da falta de disciplina e de homens, ele permitiu que o melhor sangue de Paris fosse derramado em combates estéreis fora da cidade, em desafios heróicos em Neuilly, Vanves e Issy.

Em Issy acima de tudo. Aquilo já não era mais uma fortaleza, dificilmente uma posição forte, mas um amontoado de terra e entulho martelado por obuses. As casamatas quebradas tinham a vista aberta para o campo, os paióis de pólvora estavam a céu aberto, metade do bastião 3 estava no fosso, podia-se entrar pela brecha com uma carreta. Dez peças no máximo respondiam ao fogo de sessenta peças de artilharia de Versalhes, enquanto a fuzilaria das trincheiras apontada contra as seteiras matava quase todos os artilheiros. No dia 3 os Versalheses renovaram as suas intimações à rendição; eles tiveram a palavra de Cambronne como resposta. O chefe do estado-maior deixado por Eudes também se fora, mas felizmente a fortaleza ficou nas valentes mãos do engenheiro Rist e de Julien, comandante do 14º batalhão do 11º distrito. É a eles e aos Federados que ficaram com eles que a honra dessa prodigiosa defesa pertence. Aqui estão algumas notas do seu diário militar.

4 de maio - Estamos recebendo balas explosivas que detonam com o som de coifas de percussão. Os vagões não vêm; a comida é pouca e os obuses de 7 centímetros, nossas melhores peças, logo vão faltar-nos. Os reforços prometidos todos os dias não aparecem. Dois chefes de batalhões estiveram com Rossel. Ele recebeu-os muito mal, e disse que tinha o direito de fuzilá-los por terem abandonado o seu posto. Eles explicaram a nossa situação. Rossel respondeu que uma fortaleza defende-se com a baioneta e citou o trabalho de Carnot. Mesmo assim ele prometeu reforços. A Maçonaria plantou a sua bandeira em nossas muralhas. Os Versalheses a derrubaram em um instante. Nossas ambulâncias estão cheias; a prisão e o corredor que leva a ela estão entupidos de cadáveres. Um ônibus-ambulância chega à noite. Colocamos lá dentro tantos feridos quanto possível. Durante a sua passagem da fortaleza para Issy os Versalheses fuzilam o ônibus.

5 de maio - O fogo do inimigo não cessa por um só momento. As nossas seteiras não mais existem; as peças da frente ainda respondem. Às duas horas nós recebemos dez vagões de obuses de 7 centímetros. Rossel veio. Ele olhou para as fortificações dos Versalheses por um longo tempo. Os 'enfants-perdus' que servem as peças do bastião 5 estão perdendo muitos homens; eles permanecem firmes. Os cadáveres nas masmorras formam agora uma camada de duas jardas de altura. Todas as nossas trincheiras, varridas pela artilharia, foram evacuadas. A trincheira dos Versalheses está a sessenta jardas da contra-escarpa. Eles avançam mais e mais. As precauções necessárias foram tomadas para o caso de um ataque esta noite. Todas as peças do flanco estão carregadas de metralha. Nós temos duas metralhadoras sobre o 'terre-plein' para varrer ao mesmo tempo o fosso e o declive.

6 de maio - A bateria de Fleury descarrega as suas seis rodadas sobre nós regularmente a cada cinco minutos. Uma cantineira acaba de ser trazida à ambulância, ferida na virilha esquerda. Por quatro dias três mulheres têm ido ao meio do fogo para atender os feridos. Essa agora está morrendo e pede-nos para lembrar de suas duas crianças pequenas. Não há mais comida. Comemos somente carne de cavalo. Noite: a muralha está indefensável.

7 de maio - Estamos recebendo até dez obuses por minuto. As muralhas estão totalmente sem cobertura. Todas as peças, salvo duas ou três, estão desmontadas. As fortificações dos Versalheses quase nos tocam. Há mais trinta mortos. Estamos ao ponto de sermos cercados.

CAPÍTULO XXI

A maior infâmia da qual a história moderna tenha guardado a lembrança cumpre-se nesta hora, Paris é bombardeada Jules Favre, Jules Simon, E. Picard, Trochu, Jules Ferry, E. Arago, Garnier-Pages, Pelletan Proclamação do Governo da Defesa Nacional a propósito do bombardeio prussiano

*Nós esmagamos um bairro inteiro de Paris
O sr. Thiers à Assembléia Nacional, Sessão de 5 de agosto de 1871*

PARIS É BOMBARDEADA
A FORTALEZA DE ISSY SUCUMBE
O CONSELHO ELEGE UM NOVO COMITÊ DE SEGURANÇA PÚBLICA
ROSSEL FOGE

Nós precisamos deixar essa heróica atmosfera para retornar às querelas do Conselho e do Comitê Central. Por que eles não realizam as suas sessões na Muette ou sob os olhos do público? Os obuses de Montretout, que acaba de desvelar a sua poderosa bateria, a atitude severa do povo, fariam-nos sem dúvida unir-se contra o inimigo comum. Ele começara a bater para quebrar.

Na manhã de 8 de maio setenta peças da marinha começaram a atacar a muralha do bastião 60 ao Point du Jour. Os obuses de Clamart já atingiam o cais de Javelle, e a bateria de Breteuil cobria o bairro de Grenelle com projéteis. Em algumas poucas horas metade de Passy tornou-se inabitável.

O sr. Thiers fez acompanhar os seus obuses de uma proclamação: *"Parisienses, o Governo não irá bombardear Paris, como os homens da Comuna não deixarão de dizer-lhes. Ele disparará os seus canhões... Ele sabe, ele terá entendido, mesmo que vocês não tenham dito isso em toda a parte, que tão logo os soldados cruzem a muralha vocês vão unir-se em torno da bandeira nacional."* E ele convidou os parisienses a abrir-lhe os portões. Qual foi a ação do Conselho em resposta a esse apelo à traição?

No dia 8 ele entrou em uma discussão aleatória sobre as minutas de suas sessões e a publicidade destas últimas, que um membro da maioria queria suprimir de todo. A minoria queixou-se do Comitê Central, que havia-se infiltrado em todos os serviços a despeito da Comissão de Guerra; ele havia tirado Varlin do comissariado, inteiramente reorganizado por ele. Eles perguntaram se o Governo chamava-se Comitê Central ou Comuna. Félix Pyat justificou-se acusando Rossel. *"Não é culpa do Comitê de Segurança Pública se Rossel não tem a força nem a inteligência para manter o Comitê Central no âmbito de suas funções."* Os amigos de Rossel responderam, acusando Pyat de interferir continuamente até mesmo em questões puramente militares. Se o Moulin Saquet fora surpreendido é por que Wroblewski, que comandava daquele lado, recebera uma ordem formal de Félix Pyat para apresentar-se em Issy. *"Isso é falso,"* disse Pyat, *"eu jamais dei tal ordem."* Eles deixaram-no enrolar-se totalmente e então mostraram a ordem, inteiramente escrita por ele de próprio punho. Ele a agarrou, rodou-a nas mãos, fingiu espanto, e foi finalmente obrigado a confessar. A discussão então reverteu ao Comitê Central - iriam dissolvê-lo, prender os seus membros, ou ceder-lhe a administração do Gabinete de Guerra? O Conselho, como sempre, não atrevia-se a decidir e, após um confuso debate, acatou a resolução de 3 de maio - o Comitê Central será subordinado à Comissão Militar.

Nesse exato momento estranhas cenas se passavam no Gabinete de Guerra. Os chefes de legião, que estavam cada vez mais agitados contra Rossel, haviam resolvido nesse dia pedir-lhe o relatório de todas as decisões que ele estava para tomar a respeito da Guarda Nacional. Rossel sabia desse projeto. À noite, quando eles chegaram ao Ministério, encontraram no pátio um pelotão armado e viram Rossel observando-os da janela. *"Vocês são audaciosos,"* disse ele, *"vocês sabiam que esse pelotão está aqui para fuzilá-los?"* Sem parecer muito preocupados, eles disseram: *"Não há necessidade de audácia; nós simplesmente viemos falar com você sobre a organização da Guarda Nacional."* Rossel relaxou, foi à janela e deu ordens ao pelotão para retirar-se. Essa demonstração burlesca não deixou de causar o seu efeito. Os chefes de legião criticaram o projeto dos regimentos ponto a ponto, demonstrando a sua impossibilidade. Cansado de discutir, Rossel disse-lhes, *"Eu estou*

plenamente ciente de que não tenho forças, mas eu afirmo que vocês também não têm. Vocês têm, digam-me? Bem, dêem-me a prova. Tragam-me 12.000 homens à praça de la Concorde amanhã às onze horas, e eu tentarei fazer alguma coisa." Ele queria fazer uma tentativa pela estação Clamart. Os chefes de legião engajaram-se em encontrar os homens, e passaram a noite toda em busca deles.

Enquanto essas disputas aconteciam, a fortaleza de Issy estava sendo evacuada. Desde a manhã ela havia sido reduzida à sua última extremidade. Qualquer dos defensores que se aproximasse dos canhões era um homem morto. À noite os oficiais se reuniram e chegaram à conclusão de que não podiam mais se aguentar. Daí os homens, empurrados de todos os lados pelos obuses, aglomeraram-se sob a abóbada da entrada, quando um obus do Moulin de Pierre caiu em seu meio, matando dezesseis deles. Rist, Julien e vários outros, que estavam teimosamente determinados a segurar aquelas ruínas, foram afinal obrigados a ceder. Por volta das sete horas a evacuação teve início. O comandante, Lisbonne, um dos membros do primeiro Comitê Central, um homem de coragem extraordinária, cobriu a retirada em meio a uma enxurrada de balas.

Algumas poucas horas mais tarde os Versalheses cruzaram o Sena, estabeleceram-se diante de Boulogne em frente aos bastiões do Point du Jour, e abriram uma trincheira a trezentas jardas da muralha. Por toda essa noite e por toda a manhã do dia 9 o Gabinete de Guerra e o Comitê de Segurança Pública nada souberam sobre a evacuação da fortaleza.

Ao meio-dia do dia 9 os batalhões requisitados por Rossel alinharam-se ao longo da praça de la Concorde. Rossel chegou a cavalo, mal olhou para as fileiras da frente, e então dirigiu-se aos chefes de legião, *"Não há bastante homens aqui para mim,"* e virando-se de imediato cavalcou para o Gabinete de Guerra, onde foi informado da evacuação da fortaleza de Issy. Ele tomou da sua pena e escreveu, *"A bandeira tricolor está hasteada na fortaleza de Issy, abandonada ontem à noite pela guarnição"* e, sem informar o Conselho ou o Comitê de Segurança Pública, deu ordem para imprimir dez mil cópias dessas duas linhas em um cartaz, quando seis mil era o número impresso habitualmente.

A seguir ele apresentou a sua renúncia: *"Cidadãos, membros da Comuna, eu sinto-me incapaz de continuar arcando com a responsabilidade de um comando onde todos deliberam e ninguém obedece. O Comitê Central de Artilharia tem deliberado e nada tem prescrito. A Comuna tem deliberado e nada resolve. O Comitê Central delibera e ainda não aprendeu a agir. Durante esse impasse o inimigo cercou a fortaleza de Issy por meio de ataques imprudentes, pelos quais eu os teria punido se tivesse a menor força militar à minha disposição."* Ele então narrou à sua própria maneira, e de forma muito inexata, a evacuação da fortaleza e a revista na praça de la Concorde; disse que em vez dos 12.000 homens prometidos havia apenas 7.000 e concluiu: *"Assim a nulidade do Comitê de Artilharia impediu a organização da artilharia; a hesitação do Comitê Central parou a administração; as torpes preocupações dos chefes de legião paralizaram a mobilização das tropas. Meu predecessor cometeu o erro de lutar contra essa absurda situação. Eu me retiro, e tenho a honra de pedir-lhes uma cela em Mazas."*

Ele assim julgou que limparia a sua reputação militar; mas ponto a ponto ele poderia ser categoricamente contestado. Por que você aceitou essa *"absurda"* situação com a qual você estava totalmente familiarizado? Por que você não estabeleceu qualquer condição ao entrar no Ministério em 1º de abril, nenhuma condição ao Conselho em 2 e 3 de maio? Por que você mandou embora pelo menos 7.000 homens esta manhã, ao mesmo tempo em que pretende não ter *"a menor força militar"* à sua disposição? Por que você nada sabia por quinze horas da evacuação de uma fortaleza, cuja segurança era o seu dever checar de hora em hora? Onde está o seu segundo perímetro? Por que nenhum trabalho foi feito em Montmartre e no Panthéon?

Rossel poderia talvez ter endereçado a sua censura ao Conselho, mas ele cometeu uma falha imperdoável ao enviar essas cartas aos jornais. Assim em menos de duas horas ele havia desalentado 8.000 combatentes, espalhado o pânico, estigmatizado os bravos homens de Issy, denunciado a debilidade da defesa ao inimigo, e isso no momento mesmo em que os Versalheses estavam celebrando a tomada de Issy.

Lá todos estavam comemorando. O sr. Thiers e MacMahon discursaram aos soldados que,

cantando, trouxeram para casa as poucas peças encontradas na fortaleza. A Assembléia suspendeu as suas sessões e veio à corte de mármore para aplaudir esses filhos do povo que julgavam-se vitoriosos. Um mês mais tarde o sr. Thiers disse da tribuna, *"Quando eu vejo esses filhos do nosso solo, muitas vezes desprovidos de uma educação que eleva, morrer por você, por nós, eu fico profundamente comovido."* Tocante emoção esta do caçador diante de sua matilha. Lembrem-se dessa confissão e do tipo de homens pelos quais vocês morrem, filhos do nosso solo!

E no Paço Municipal eles estavam ainda discutindo! Rigault recriminava. A maioria do Conselho havia-o nomeado procurador da Comuna a despeito da sua condenável leviandade na Prefeitura. A discussão tornava-se mais irada quando Delescluze entrou apressadamente e exclamou, *"Vocês discutem enquanto os cartazes dizem que a bandeira tricolor está hasteada na fortaleza de Issy. Eu faço um apelo a todos vocês. Eu havia esperado que a França seria salva por Paris, e a Europa pela França. A Comuna está fecundada por um poder de instinto revolucionário capaz de salvar o país. Deixem de lado hoje as suas animosidades. Nós devemos salvar o país. O Comitê de Segurança Pública não atendeu às nossas expectativas. Ele tem sido um obstáculo em vez de um estímulo. Com o quê ele está se ocupando? Com apontamentos individuais em vez de medidas gerais. Um decreto assinado por Meillet nomeia esse cidadão ele próprio governador da fortaleza de Bicêtre. Nós tínhamos um homem lá, um soldado, que era julgado muito severo. É desejável que todos sejam tão severos quanto ele. O seu Comitê de Segurança Pública está desfeito, esmagado sob o peso das memórias ligadas a ele. Eu digo que ele deve desaparecer."*

Trazida assim de volta ao sentido do seu dever, a Assembléia reuniu-se em comitê secreto, discutindo extensivamente o Comitê de Segurança Pública. O que ele fizera na última semana? Instalou o Comitê Central no Gabinete de Guerra, aumentou a desordem, sofreu dois desastres. Os seus membros perderam-se em detalhes, ou agiram como amadores nos serviços que prestaram. Um abandonou o Paço Municipal para ir fechar-se em uma fortaleza; se ao menos tivesse sido em Issy ou Vanves! Félix Pyat passava a maior parte do seu tempo no escritório do *Vingador* e lá destilava a sua ira em longos e elaborados artigos. Um membro do Comitê de Segurança Pública dispôs-se a defendê-lo, alegando o caráter vago dos seus atributos. Responderam-lhe que o Artigo 3 do decreto dava ao Comitê plenos poderes sobre todas as Comissões. Finalmente, depois de muitas horas, eles decidiram renovar o Comitê imediatamente; apontar um delegado civil para o Gabinete de Guerra; redigir uma proclamação; reunir-se, salvo em caso de emergência, somente três vezes por semana; estabelecer o novo Comitê permanentemente no Paço Municipal, enquanto os outros membros do Conselho ficariam regularmente em seus respectivos distritos. Delescluze foi nomeado delegado da Guerra.

Às dez da noite houve uma segunda reunião para a nomeação do novo Comitê. A maioria votou em Félix Pyat, um tanto exasperado pelos ataques da tarde, para a presidência. Ele abriu a sessão pedindo a prisão de Rossel. Agrupando astutamente aparências que pareciam provas aos olhos dos desconfiados, ele fez de Rossel o bode expiatório das falhas do Comitê, voltando a ira do Conselho contra ele. Por meia hora ele depreciou pelas costas um homem que ele não ousaria atacar frente a frente. *"Eu disse a vocês, cidadãos, que ele era um traidor. Vocês não acreditaram. Vocês são jovens; ao contrário dos nossos paragões da Convenção, vocês não aprenderam a desconfiar do poder militar."* Essa reminiscência deleitou os Românticos. Eles não tinham senão um sonho - ser Convencionais. Tal era a dificuldade dessa revolução de proletários em livrar-se do ouropel burguês.

A ira de Pyat não era necessária para convencer a Assembléia. O ato de Rossel fora condenável aos olhos dos menos preconceituosos. A sua prisão foi decretada por unanimidade, menos dois votos, e a Comissão de Guerra recebeu a ordem de executá-la.

A seguir eles passaram à nomeação do Comitê. A minoria, um pouco tranquilizada pela eleição de Delescluze e de Jourde, que parecia reconhecer o direito do Conselho de apontar os delegados, resolveu tomar parte no voto e pediu um lugar na lista da maioria. Essa foi uma excelente ocasião para por de lado todas as diferenças, e restabelecer a união contra Versalhes. Mas as pérfidas insinuações de Félix Pyat haviam induzido os Românticos a encarar os seus colegas da minoria como verdadeiros reacionários. Depois do seu discurso a sessão foi suspensa; pouco a pouco os membros da minoria viram-se sozinhos na sala do conselho. Eles procuraram pelos seus colegas e surpreenderam-nos deliberando em uma sala vizinha.

Após uma violenta altercação eles voltaram todos ao Conselho.

Um membro da minoria sugeriu que eles deveriam por um fim a essas vergonhosas divisões. Um Romântico respondeu pedindo a prisão da minoria facciosa e o Presidente, Pyat, estava ao ponto de esvaziar as ampolas da sua ira, quando Malon gritou-lhe, "*Silêncio! você é o gênio mau dessa revolução. Não continue a espalhar as suas suspeitas venenosas, a fomentar a discórdia. É a sua influência que está arruinando a Comuna!*" E Arnold, um dos fundadores do Comitê Central, "*Ainda serão esses camaradas de 1848 quem desfarão a revolução.*"

Mas era agora muito tarde para entrar na luta, e a minoria deveria expiar o seu doutrinário e a sua falta de tino. Toda a lista da maioria passou; Ranvier, Arnaud, Gambon, Delescluze e Eudes. A nomeação de Delescluze para o Gabinete de Guerra abriu uma vaga, houve um segundo voto dois dias mais tarde, e a minoria propôs Varlin. Abusando da sua vitória, a maioria cometeu a impropriedade de preferir Billioray, um dos membros de menor valor.

O Conselho encerrou a sessão à uma da manhã. "*Nós não os pegamos de jeito? e o que vocês acham do jeito com que eu cuidei de tudo?*" disse Félix Pyat aos seus amigos ao levantar-se da cadeira. Esse honesto mandatário, completamente absorvido na tarefa de "pegar" os seus colegas, havia esquecido de verificar a captura da fortaleza de Issy. E nessa mesma noite, vinte e seis horas após a evacuação, o Paço Municipal afixou um cartaz na porta das prefeituras, "*Não é verdade que a bandeira tricolor está hasteada na fortaleza de Issy. Os Versalheses não a ocupam, e não a ocuparão.*" Essa contradição era tão boa quanto a de Trochu a propósito de Metz.

Enquanto ocorriam essas tempestades no Paço Municipal, o Comitê Central mandara procurar Rossel, repreendera-o pelo cartaz daquela tarde e pelo número incomum de cópias impressas. Ele defendeu-se causticamente. "*Era o meu dever. Quanto maior o perigo, maior o dever de torná-lo conhecido pelo povo.*" Contudo ele não fizera nada desse tipo por ocasião da surpresa de Moulin-Saquet. Depois que ele saiu o Comitê deliberou longamente. Alguém disse, "*Nós estamos perdidos se não tivermos uma ditadura.*" Por alguns dias essa vinha sendo a idéia predominante no Comitê. Este votou um tanto seriamente que deveria haver um ditador, e que o ditador deveria ser Rossel. Uma delegação de cinco membros foi procurá-lo com um ar grave; ele veio ao Comitê, pretendeu refletir, e disse finalmente, "*É tarde demais. Eu já não sou mais um delegado. Eu apresentei a minha renúncia.*" Como alguns ficassem cada vez mais irritados com ele, Rossel reprovou-os e saiu. Em seu gabinete ele encontrou a Comissão de Guerra, Delescluze, Tridon, Avrial, Johannard, Varlin e Arnold, que haviam acabado de chegar.

Delescluze explicou a missão que tinham pela frente. Rossel escutou muito calmamente; disse que apesar de o decreto ser injusto, ia submeter-se a ele. Ele então descreveu a situação militar, as rivalidades de todo tipo que haviam-no continuamente paralizado, a debilidade do Conselho. "*Ele não soube,*" disse ele, "*como utilizar o Comitê Central, nem como rompê-lo na hora oportuna. Os nossos recursos são um tanto suficientes e eu estou pronto, da minha parte, a assumir toda a responsabilidade, mas sob a condição de ser apoiado por um poder forte e homogêneo. Eu não poderia perante a história arcar com a responsabilidade de certas repressões necessárias, sem o assentimento e o apoio da Comuna.*" Ele falou longamente naquele estilo claro e nervoso que, por duas vezes no Conselho, havia convencido os seus adversários mais decididos. Bastante impressionada com os seus argumentos, a Comissão retirou-se para outra sala. Delescluze declarou que não podia decidir-se a mandar prender Rossel até que o Conselho o houvesse escutado. Os seus colegas foram da mesma opinião, e deixaram o ex-delegado sob a guarda de Avrial e Johannard, os quais conduziram-no na manhã seguinte ao Paço Municipal. Avrial ficou com Rossel no gabinete do questor, enquanto Johannard foi comunicar a sua chegada ao Conselho.

Alguns queriam que Rossel fosse ouvido; a grande maioria, inseguros de si próprios, tinham medo que a sua voz convencesse o Conselho novamente, e argumentaram que isso seria contrário à equidade, citando o exemplo de Cluseret que fora preso sem ser ouvido, como se uma injustiça pudesse sancionar a outra. A admissão de Rossel foi recusada.

Gérardin, um membro do Conselho, dirigiu-se ao gabinete do questor. "*O que decidiu a Comuna?*" disse Avrial. "*Nada ainda,*" respondeu Gérardin, que havia não obstante acabado de deixar a sessão, e vendo o revólver de Avrial sobre a mesa ele disse a Rossel, "*O seu guardião cumpre o seu dever conscienciosamente.*" Rossel apressou-se em responder, "*Eu*

não suponho que essa precaução diga-me respeito. Além do quê, cidadão Avrial, eu dou-lhe a minha palavra de honra como soldado que não tentarei escapar."

Bastante cansado do seu posto de sentinela, Avrial já havia pedido ao Conselho para ser substituído. Não recebendo nenhuma resposta, ele pensou que poderia deixar o seu prisioneiro sob a guarda de um membro do Comitê de Segurança Pública - pois Gérardin ainda não fora exonerado de suas funções - e foi reunir-se ao Conselho. Quando ele voltou, Rossel e Gérardin haviam desaparecido. O ambicioso rapaz escapulira como uma doninha para fora dessa guerra civil, na qual ele havia-se descuidadamente lançado.

Pode-se adivinhar se Pyat poupou adjetivos contra o fugitivo. Tendo acabado de ser informado da descoberta de duas conspirações, o novo Comitê lançou uma desesperada proclamação: *"A traição infiltrou-se em nossas fileiras. O abandono da fortaleza de Issy, anunciado em um ímpio cartaz pelo patife que concedeu a sua rendição, foi apenas o primeiro ato do drama. Uma insurreição monárquica em nosso meio, coincidindo com a rendição de um de nossos portões, viria a seguir. Todos os fios do obscuro complô estão agora em nossas mãos. A maioria dos culpados estão presos. Que todos os olhos fiquem abertos, todas as armas prontas a golpear os traidores!"*

Aquilo estava descambando para o melodrama, quando sangue frio e precisão eram necessários. E o Comitê vangloriava-se estranhamente, quando pretendia ter prendido *"a maioria dos culpados"* e que tinha *"em suas mãos todos os fios do obscuro complô."*

CAPÍTULO XXII

AS CONSPIRAÇÕES CONTRA A COMUNA

A Comuna havia ensejado o surgimento das muitas variações do armador de complôs, do traidor de portões, do vendedor de conspirações. Trapaceiros vulgares, Jonathan Wilds da sarjeta, os quais uma sombra de polícia teria posto para correr, eles não tinham nenhuma outra força senão a debilidade da prefeitura e a negligência das delegações. As provas contra eles estão em uma certa medida ainda em poder dos Versalheses; mas eles próprios têm publicado muita coisa, têm frequentemente testemunhado uns contra os outros, e com informações privadas, com as oportunidades oferecidas pelo nosso exílio, seremos capazes de penetrar nesse reino da patifaria.

A partir de fins de março eles coletaram contribuições de todos os Ministérios de Versalhes, oferecendo-se por uns poucos vinténs a render alguns dos portões de Paris ou a raptar os membros do Conselho. Eles eram mais ou menos classificados por níveis. O coronel do estado-maior, Corbin, foi encarregado da organização dos Guardas Nacionais fiéis ainda em Paris. O comandante de um batalhão reacionário, Charpentier, um ex-oficial de adestramento de St. Cyr, ofereceu-lhe os seus serviços, foi aceito, e apresentou alguns de seus camaradas, Durouchoux, Demay e Gallimard. As suas instruções eram recrutar batalhões clandestinos, que deveriam ocupar os pontos estratégicos da cidade no dia em que o ataque geral atraísse todos os Federados às muralhas. Um oficial naval, Domalain, ofereceu-se para nesse momento surpreender Montmartre, o Paço Municipal, a praça Vendôme e o comissariado, com alguns milhares de voluntários que ele garantia ter à mão. Ele estabeleceu uma parceria com Charpentier.

Eles puseram-se a trabalhar a todo vapor, agruparam um número espantoso de pessoas em torno de postos oficiais, e logo deram notícia de 6.000 homens e 150 artilheiros armados de ferramentas para desativar os canhões. Todos esses bravos só esperavam por um sinal. Nesse meio tempo, dinheiro era obviamente necessário para manter aceso o seu zelo e Charpentier e Domalain, por intermédio de Durouchoux, obtiveram de fato várias centenas de milhares de francos dos Versalheses.

Por volta de fins de abril eles encontraram um temível rival na pessoa de La Mère de Beaufond, um ex-oficial naval e governador de Caiena *ad interim*. Em vez de rufar os tambores em busca de recrutas burgueses, uma idéia que ele declarou ser ridícula, Beaufond propôs paralisar a resistência por meio de astutos agentes que deveriam provocar defecções e desorganizar os serviços. O seu plano, em considerável conformidade com as noções do sr. Thiers, foi visto favoravelmente em Versalhes, que deu-lhe plenos poderes. Ele tomou como ajudantes dois homens de resolução, Laroque, um funcionário do banco, e Lasnier, um ex-oficial da legião de

Schoelcher.

Além desses, o Ministério tinha ainda outros sabujos - o alsaciano Aronshonne, coronel de um corpo livre durante a guerra, repudiado pelos seus próprios homens, que em Tours acusaram-no de roubo; Franzini, extraditado mais tarde pela Inglaterra e condenado por estelionato; Barral de Montaut, que audaciosamente apresentou-se ao Gabinete de Guerra e, graças ao seu desembaraço, fez-se nomear chefe da 7ª legião; o abade Cellini, capelão de não se sabe qual frota, patrocinado por Jules Simon; finalmente, os conspiradores de coração nobre, os grandes generais desdenhados pela revolução, Lullier, Du Bisson e Ganier d'Abin. Esses honestos Republicanos não podiam permitir que a Comuna arruinasse a República. Se eles aceitavam dinheiro de Versalhes, era somente com a intenção de salvar Paris e o partido Republicano dos homens do Paço Municipal. Eles queriam derrubar a Comuna, mas traí-la, oh! não, de jeito nenhum!

Um certo Brière de St. Lagier compilou minuciosos relatórios sobre todos esses cavalheiros e o secretário do sr. Thiers, Troncin-Dumersan, condenado três anos mais tarde por estelionato, viajava ininterruptamente entre Paris e Versalhes, trazia o dinheiro, supervisionava e retinha em sua mão todos os cordões dessas múltiplas conspirações, uma sendo frequentemente articulada atrás das costas da outra.

Daí, contínuas colisões. Os pilantras denunciavam-se mutuamente. Brière de St. Lagier escreveu: *"Eu rogo ao sr. Ministro do Interior que faça vigiar o sr. La Mère de Beaufond. Eu tenho fortes suspeitas de que ele é um Bonapartista. O dinheiro que ele tem recebido tem sido em grande parte usado para quitar os seus débitos."* A título de compensação um outro relatório dizia, *"Eu suspeito dos srs. Domalain, Charpentier e Brière de St. Lagier. Eles reúnem-se frequentemente no Peter e, em vez de ocuparem-se da grande causa da libertação, imitam Pantagrue. Eles passam por Orleanistas."*

O mais arrojado desses empreendedores, Beaufond, conseguiu estabelecer relações com o estado-maior do coronel Henry Prodhomme, com a Escola Militar, comandada por Vinot, e com o Gabinete de Guerra, onde o chefe da artilharia Guyet conseguiu confundir o serviço das munições. Os seus agentes, Lasnier e Laroque, trabalharam em cima de um certo Muley que, tendo logrado o Comitê Central, fez-se nomear chefe da 17ª legião, e em certa medida incapacitou-a. Um oficial da artilharia, o capitão Piguier, colocado à sua disposição pelo Ministério, traçou o plano das barricadas e um membro do bando pôde escrever em 8 de maio, *"Nenhum torpedo foi deitado; o exército pode entrar ao som dos clarins."* Ora eles tinham recurso ao suborno direto; ora assumindo o papel de fervorosos *Communards*, eles sabiam como extrair informação; enquanto a imprudência dos funcionários facilitava singularmente a sua tarefa. Oficiais do estado-maior, chefes de serviço, afeitos a assumir ares de consequência, discutiam as matérias mais delicadas nos cafés dos boulevards, infestados de espíões. Cournet, que havia sucedido a Rigault na prefeitura de polícia, apesar da gravidade da sua postura, não aperfeiçoou o serviço da segurança geral. Lullier, preso por duas vezes, escapando a cada vez, falava abertamente nos cafés em varrer a Comuna. Troncin-Dumersan, conhecido por vinte anos como agente de polícia do Ministério do Interior, passeava livremente pelos boulevards, passando os seus acólitos em revista. Os empreiteiros encarregados da fortificação de Montmartre todos os dias encontravam novos pretextos para adiar o início dos trabalhos; a Igreja de Bréa continuava intacta; o encarregado da demolição do monumento expiatório conseguiu postergá-la até a entrada das tropas. O mero acaso trouxe à tona o complô das Braçadeiras, e a fidelidade de Dombrowski expôs o de Vaysset.

Esse agente comercial fora a Versalhes para propor ao Ministério uma operação de abastecimento. Rejeitado, ele voltou novamente, mas dessa vez com a oferta de subornar Dombrowski. Sob o patrocínio do almirante Saisset - mais maluco do que nunca - ele montou a sua empresa na forma de uma sociedade comercial, encontrou acionistas, vinte mil francos para despesas incidentais, e entrou em comunicação com um ajudante-de-campo de Dombrowski chamado Hutzinger, empregado mais tarde pela polícia Versalhesa para espionar os exilados em Londres. Vaysset disse-lhe que Versalhes daria um milhão a Dombrowski se o general rendesse os portões ao seu comando. Dombrowski imediatamente informou o Comitê de Segurança Pública, e propôs deixar que um ou dois corpos do exército Versalhês entrassem na cidade, e então esmagá-los com batalhões aguardando em emboscada. O Comitê não quis arriscar-se em tal empreitada, mas ordenou a Dombrowski que prosseguisse com as negociações. Hutzinger acompanhou Vaysset a Versalhes e viu Saisset, que propôs entregar-se

como refém em garantia da execução das promessas feitas a Dombrowski. O almirante deveria mesmo, em uma certa noite, dirigir-se secretamente à praça Vendôme e prevenido, o Comitê de Segurança Pública preparava-se para prendê-lo, quando Barthélemy St. Hilaire dissuadiu Saisset dessa nova asneira.

Então o sr. Thiers começou a abandonar a esperança de tomar a cidade de surpresa. Esse era o seu hobby dos primeiros dias de maio. Baseando-se na palavra de um meirinho, que prometeu fazer render o portão Dauphine por seu amigo Laporte, chefe da 16ª legião, o sr. Thiers havia elaborado um plano completo, a despeito da repugnância de MacMahon e do exército, ávidos por uma entrada triunfal. Na noite de 3 de maio a totalidade das tropas da ativa e parte da reserva foram postas de pé, e o general Thiers foi dormir em Sèvres. À meia-noite as tropas foram concentradas no bosque de Boulogne diante do lago de baixo, seus olhos fixos nos portões fechados. Estes deveriam ser escancarados por uma companhia reacionária que formara-se em Passy sob as ordens de Wéry, um tenente do 38º, agindo como substituto do seu ex-comandante, Lavigne. Mas os inteligentes conspiradores haviam-se esquecido de avisar Lavigne, e a companhia escalada para render os Federados não tendo nenhuma ordem de seus superiores, suspeitou de uma emboscada e recusou o serviço. Dessa forma a vigília leal não foi substituída. Ao romper do dia, depois de esperar em vão por várias horas, as tropas retornaram a seus alojamentos. Dois dias mais tarde Laporte foi preso e solto novamente, um tanto cedo demais.

Adotando o plano do meirinho, Beaufond garantiu a rendição dos portões de Auteuil e Dauphine para a noite de 12 para 13 de maio. Fígado novamente, o sr. Thiers mobilizou toda a parafernália para a operação, e vários destacamentos foram dirigidos rumo ao Point du Jour, enquanto o exército ficou de prontidão para seguir. Mas no último instante as profundas combinações dos conspiradores foram frustradas e, como no dia 3, o exército teve que dar meia volta. Essa tentativa teve o conhecimento do Comitê de Segurança Pública, que nada soubera da primeira.

Lasnier foi preso no dia seguinte. O Comitê acabara de por as mãos nas braçadeiras tricolores que os Guardas Nacionais da ordem deveriam ter envergado à entrada do exército. A mulher Legros, que as fez, deixou de pagar as meninas que empregava. Uma delas, acreditando que o trabalho fora feito por conta da Comuna, foi reclamar o seu salário no Paço Municipal. Investigações feitas no estabelecimento de Legros levaram a Beaufond e seus cúmplices. Beaufond e Laroque conseguiram esconder-se; Troncin-Dumersan abalou-se para Versalhes. Charpentier restou assim como único senhor do terreno. Corbin instou-o a organizar os seus homens em dezenas e centenas, e traçou-lhe um plano completo para a tomada do Paço Municipal imediatamente após a entrada das tropas. Sempre imperturbável, Charpentier divertia-o dia após dia com notícias de conquistas frescas, falou de 20.000 recrutas, pediu dinamite para explodir as casas, e em verdadeiro estilo Pantagruélico devorava as somas consideráveis adiantadas a ele por Durouchoux.

No final das contas, toda a quadrilha de conspiradores não teve sucesso em obter a rendição de um único portão, mas eles emprestaram uma ajuda considerável à desorganização dos serviços. Ainda assim, uma grande cautela deve ser exercida ao avaliar-se os seus relatórios, muitas vezes inflados por sucessos imaginários para justificar o desembolso das centenas de milhares de francos que eles meteram em seus bolsos.

CAPÍTULO XXIII

*Foi pelo canhão e pela política que nós tomamos Paris
Sr. Thiers, Inquérito sobre o 18 de março*

A POLÍTICA DO SR. THIERS EM RELAÇÃO ÀS PROVÍNCIAS A EXTREMA ESQUERDA TRAI PARIS

Quem foi o grande conspirador contra Paris? A Extrema Esquerda.

Em 19 de março, o que restava ao sr. Thiers para governar a França? Ele não tinha um exército, nem canhões, nem as grandes cidades. Estas possuíam armas, e seus trabalhadores estavam de sobreaviso. Se essa pequena classe média que faz as províncias endossarem as revoluções da metrópole houvesse seguido o movimento, imitado os seus semelhantes de Paris, o sr. Thiers não poderia ter-lhes oposto um único regimento. Com o fim de subsistir, reter

as províncias, e induzi-las a suprir os soldados e os canhões que iriam reduzir Paris, quais eram os recursos do chefe da burguesia? Uma palavra e um punhado de homens. A palavra era República; os homens, os chefes reconhecidos do partido Republicano.

Ainda que os obtusos rurais latissem à mera menção da República e se recusassem a inseri-la em suas proclamações, o sr. Thiers, mais esperto, enchia vigorosamente a boca para falar dela e, distorcendo os votos da Assembléia, transformou-a na senha para os seus subalternos. Desde os primeiros levantes todos os oficiais provincianos repetiam o mesmo refrão: "*Nós defendemos a República contra as facções.*"

Isso era certamente alguma coisa; mas os votos rurais, o passado do sr. Thiers, destoavam dessas protestações Republicanas. Os ex-heróis da Defesa Nacional já não eram mais aceitáveis como fiadores nem mesmo pelas províncias. O sr. Thiers estava bem ciente disso, e invocou os mais puros entre os puros - os engalanados retornados do exílio. O seu prestígio estava ainda intacto aos olhos dos democratas provincianos. O sr. Thiers encontrava-os nos lobbies, dizia-lhes que eles tinham o destino da República em suas mãos, inflava-lhes a sua vaidade senil, e embrulhou-os com tanto sucesso que, a partir do dia 23, eles serviram-lhe como apoiadores. Quando os republicanos da pequena classe média provinciana viram o profundo Louis Blanc, o inteligente Schoelcher, e os mais famosos resmungões da vanguarda radical acorrerem a Versalhes e insultarem o Comitê Central e, por outro lado, não receberam um programa nem emissários capazes de Paris, eles viraram as costas e deixaram morrer a chama acesa pelos trabalhadores.

A canhonada de 3 de abril despertou-os um pouco. No dia 5 o conselho municipal de Lille, composto por notáveis Republicanos, falou de conciliação e conclamou o sr. Thiers a afirmar a República. O de Lyon redigiu uma mensagem semelhante; St. Omer enviou delegados a Versalhes; Troyes declarou que estava de "*coração e alma com os heróicos cidadãos que lutavam por suas convicções republicanas.*" Mâcon intimou o Governo e a Assembléia a por um fim a essa luta, através do reconhecimento das instituições republicanas. O Drôme, Var, Vaucluse, Ardèche, Loire, Savoie, Hérault, Gers e os Pireneus Orientais, vinte departamentos, emitiram mensagens semelhantes. Os trabalhadores de Rouen declararam a sua adesão à Comuna; os trabalhadores do Havre, rejeitados pelos Republicanos burgueses, constituíram um grupo independente. Em 16 de abril 600 homens, mulheres e crianças foram à estação de Grenoble para impedir a partida de tropas e munições para Versalhes. No dia 18 em Nîmes o povo, tendo à frente uma bandeira vermelha, marchou pela cidade aos gritos de "*Vive la Commune! Vive Paris! Abaixo Versalhes!*" Houve distúrbios em Bordeaux nos dias 16, 17 e 18. Alguns agentes da polícia foram presos, alguns oficiais maltratados, os quartéis da infantaria apedrejados, o povo gritando, "*Vive Paris! Morte aos traidores!*" O movimento espalhou-se até mesmo entre as classes agricultoras. Em Saincon no Cher, no Charité-sur-Loire, em Pouilly no Nièvre, os Guardas Nacionais em armas carregavam consigo a bandeira vermelha. Cosne seguiu no dia 18, Fleury-sur-Loire no 19. A bandeira vermelha esteve permanentemente içada no Ariège; em Foix eles pararam o transporte dos canhões; em Varilhes eles tentaram tirar dos trilhos os trens de munição. No Périgueux os trabalhadores da estação ferroviária confiscaram as metralhadoras.

No dia 15 de abril cinco delegados do conselho municipal de Lyon apresentaram-se ao sr. Thiers. Ele protestou a sua devoção à República, jurou que a Assembléia não iria tornar-se uma Assembléia Constituinte. Se ele escolhia os seus funcionários fora dos Republicanos, era com a finalidade de tratar todos os partidos com consideração, no interesse da própria República. Ele a defendia contra os homens do Paço Municipal, os seus piores inimigos, dizia ele; os delegados poderiam até mesmo certificar-se disso em Paris, e ele estava certamente pronto a fornecer-lhes os salvo-condutos. Além disso, se Lyon ousasse mexer-se, 30.000 homens estavam prontos para subjugar-la. Esse era o seu discurso típico. Todas as delegações recebiam a mesma resposta, dada com um ar de tal bonomia e tal familiaridade complacente que desarmava os provincianos.

Da presidência eles iam aos luminares da Extrema Esquerda, Louis Blanc, Schoelcher, Adam, e outros democratas eminentes que endossavam as palavras do sr. Thiers. Esses cavalheiros, se condescendiam em admitir que a causa de Paris não era de todo errada, declaravam-na mal iniciada e comprometida por um combate criminoso. Uma vez Paris desarmada eles veriam o que poderia ser feito. O oportunismo não é um produto do passado. Ele veio ao mundo em 19 de março de 1871, teve Louis Blanc & Cia. por padrinhos, e foi batizado com o sangue de

30.000 parisienses. *"Com quem deveriam eles tratar em Paris?"* perguntou Louis Blanc. *"Sem falar nas intrigas Bonapartistas e prussianas, o povo que estava lá tentando tomar o poder eram fanáticos, tolos ou velhacos."* E todos os Radicais empertigavam-se: *"Não deveríamos nós estar em Paris, se Paris estivesse certa?"* A maioria dos delegados, advogados, doutores e empresários, educados na veneração desses homens brilhantes, ouvindo além disso os rapazes falando como pontífices, voltavam para as províncias e, como a Esquerda havia-lhes pregado, pregavam por sua vez que era necessário abandonar a Comuna com o fim de salvar a República. Alguns poucos deles haviam visitado Paris; mas vendo as divisões do Paço Municipal, muitas vezes recebidos por homens incapazes de formular as suas idéias, ameaçados por Félix Pyat no *Vingador*, eles voltavam convencidos de que nada poderia emergir daquela desordem. Quando eles uma vez mais passavam por Versalhes os deputados da Esquerda triunfavam. *"Bem, o que foi que nós lhes dissemos?"* Até mesmo Martin-Bernard deu o coice em seus eleitores.

Em Paris havia gente que não podia acreditar em uma traição tão deslavada por parte da Esquerda, e adjurava-os ainda. *"O que vocês estão ainda fazendo em Versalhes, quando Versalhes está bombardeando Paris?"* dizia uma mensagem de fins de abril. *"Que figura vocês fazem de si mesmos, em meio a esses colegas que assassinam os seus eleitores? Se vocês persistirem em permanecer entre os inimigos de Paris, ao menos não se tornem cúmplices pelo seu silêncio. Como! vocês permitem que o sr. Thiers escreva aos departamentos, 'Os insurgentes estão esvaziando as principais casas de Paris a fim de colocar a mobília à venda,' e vocês não ascendem à tribuna para protestar! Como! toda a imprensa Bonapartista e rural pode inundar os departamentos com artigos infames, nos quais afirmam que em Paris o homicídio, violação e roubo reinam supremos, e vocês ficam em silêncio! Como! o sr. Thiers pode asseverar que os seus gendarmes não assassinam os prisioneiros; vocês não podem ignorar essas execuções atroz, e vocês ficam em silêncio! Ascendam à tribuna; digam aos departamentos a verdade, que os inimigos da Comuna ocultam deles. Mas os nossos inimigos, são eles inimigos de vocês também?"*

Um apelo inútil, do qual a covardia da Esquerda sabia como esquivar-se. Louis Blanc, em seu estilo de Tartufo, exclamava, *"Oh guerra civil! luta horrorosa! Os canhões trovejaram! Pessoas estão se matando e morrendo; e aqueles na Assembléia que dariam de bom grado a sua vida para ver esse problema sangüinário resolvido de forma pacífica estão condenados à tortura de não serem capazes de fazer um gesto, soltar um grito, dizer uma palavra."* Desde o nascimento das Assembléias francesas jamais se vira uma Esquerda tão ignominiosa. O espetáculo dos prisioneiros prostrados, injuriados, cuspidos, era incapaz de provocar um protesto nesses infames deputados parisienses. Um único, Tolain, pediu uma explicação pelo assassinato na Belle-Épine. Louis Blanc, Schoelcher, Greppo, Adam, Langlois, Brisson, etc., os Gérontes e os Scapins, santimonialmente contemplavam o bombardeio dos seus eleitores e, plenamente cientes do fácil olvido de Paris, sonhavam com a sua futura reeleição.

As suas calúnias foram capazes de sufocar a ação mas não a angústia das províncias. De coração e alma os trabalhadores da França estavam com Paris. Os empregados das estações ferroviárias interpelavam os soldados à sua passagem, adjurando-os a erguer as coronhas de suas armas; os cartazes oficiais eram rasgados à noite; os grandes centros enviavam mensagens às centenas; todos os jornais Republicanos clamavam pela paz, buscavam algum meio de conciliação entre Paris e Versalhes.

Paris e Versalhes! A agitação tornando-se crônica, o sr. Thiers acionou Dufaure, o Chapelier da moderna burguesia, um dos mais odiosos executores do seu trabalho sujo. Ele determinou que os seus procuradores processassem todos os escritores que aprovassem a Comuna, *"essa ditadura usurpada por estrangeiros e criminosos à solta, que sinaliza o seu reinado pelo arrombamento, invadindo residências privadas na calada da noite e pela força das armas,"* e por as mãos sobre *"os conciliadores que suplicam à Assembléia que não erga a sua nobre mão contra a mão manchada de sangue de seus inimigos."* Versalhes assim esperava inspirar o terror no momento das eleições municipais, que tiveram lugar em 30 de abril.

Elas eram em toda a parte Republicanas. Essas províncias, que haviam-se erguido contra Paris em junho de 1848 e nas eleições de 1849, não enviaram uma centena de voluntários em 1871, e só combateriam a Assembléia. Em Thiers (Puy-de-Dôme) o povo ocupou o Paço Municipal, içou a bandeira vermelha e tomou os telégrafos. Ocorreram distúrbios em Soupe, Nemours, Château-Landau, no distrito de Fontainebleau. Em Dordives (Loiret) os *Communards* plantaram

um álamo coroado pela bandeira vermelha em frente à prefeitura. Em Montargis eles ergueram a bandeira vermelha, afixaram um cartaz com o apelo da Comuna aos distritos rurais, e forçaram um advogado que tentara rasgar o cartaz a pedir perdão de joelhos. Em Coulommiers (Seine-et-Marne) uma manifestação teve lugar aos gritos de *"Vive la République! Vive la Commune!"*

Lyon ergueu-se em insurreição. Desde o 24 de março a bandeira tricolor tremulava ali, exceto na Guillotière onde o povo conservou a vermelha. Ao retornar ao Paço Municipal o Conselho havia requerido o reconhecimento dos direitos de Paris, a eleição de uma Assembléia Constituinte, e nomeou um oficial dos franco-atiradores, Bourras, comandante da Guarda Nacional. Enquanto o Conselho multiplicava os seus discursos e os seus requerimentos ao sr. Thiers, a Guarda Nacional estava novamente em movimento. Ela apresentou um programa ao conselho municipal, que o rejeitou oficialmente. O mau acolhimento dado aos delegados enviados a Versalhes aumentou a irritação. Quando as eleições comunais foram anunciadas para 30 de abril, o elemento revolucionário declarou que a lei municipal votada pela Assembléia não tinha validade, por que essa Assembléia não tinha poderes de uma constituinte. Dois delegados de Paris instaram o prefeito, Hénon, a adiar as eleições; e um dos atores do tumulto de 28 de setembro, Gaspard Blanc reapareceu em cena. Sempre no rastro dos Bonapartistas, os Radicais têm feito muito barulho quanto à presença desse personagem. Entretanto, à essa época ele ainda não passava de um dodivanas, e somente no exílio envergonhou a libré Imperial. No dia 27 no Brotteaux, em uma grande reunião pública, decidiu-se pela abstenção ao voto. Todos os comitês da Guillotière aderiram, e em uma sessão pública no dia 29 resolveram opor-se ao voto.

Em 30 de abril, dia das eleições, a Guillotière fez rufar a chamada desde as 6 da manhã; cidadãos armados arrebataram as urnas e postaram sentinelas à entrada do salão. Uma proclamação foi feita em um cartaz: *"A cidade de Lyon não pode continuar parada olhando enquanto sua irmã, a heróica cidade de Paris, é estrangulada. Os revolucionistas lyoneses de comum acordo nomearam uma Comissão Provisória. Os seus membros estão acima de tudo determinados, em vez de aceitar a derrota, a tornar em uma pilha de ruínas uma cidade covarde o suficiente para permitir o assassinato de Paris e da República."* A praça de la Mairie estava cheia de uma multidão excitada; o prefeito Crestin e o seu ajudante, que tentaram interferir, não foram ouvidos e uma Comissão Revolucionária instalou-se na Prefeitura.

Bourras enviou uma ordem aos comandantes da Guillotière para unir os seus batalhões. Eles perfilaram-se por volta das duas horas na corte Des Brosses. Um grande número de guardas desaprovava o movimento, contudo ninguém estava disposto a ser o soldado de Versalhes. A multidão cercou-os e finalmente desfez as fileiras; cerca de cem, conduzidos por seu capitão, foram à Prefeitura içar as suas cores-de-campo vermelhas. Mandaram buscar o prefeito, e a Comissão requereu que ele se juntasse ao movimento; mas ele recusou, como havia feito em 22 de março. Subitamente os canhões trovejaram.

Hénon e o seu conselho teriam desejado temporizar como no mês anterior; enquanto Valentin e Crouzat sonhavam com Espivent. Às cinco horas o 38º de linha desembocou pela ponte da Guillotière; a multidão penetrou nas fileiras dos soldados, conjurando-os a não atirar, e os oficiais foram constrangidos a levar os seus homens de volta para o quartel. Enquanto isso a Guillotière estava se fortificando. Uma grande barricada estendendo-se dos armazéns do Nouveau-Monde ao ângulo da Prefeitura barrava a Grande Rue; uma outra foi erguida à entrada da rua des Trois Rois; uma terceira a nível da rua de Chabrol.

Às seis e meia o 38º saiu do quartel, mas desta vez observado por um batalhão de caçadores. Valentin, Crouzat e o procurador da república marchavam à sua frente. Em frente à prefeitura a Lei do Motim foi lida; alguns tiros vieram em resposta, ferindo o prefeito. A cavalaria varreu a corte Des Brosses e a praça de la Mairie, enquanto duas peças de artilharia abriram fogo sobre o edifício. As suas portas logo se abriram e os ocupantes o abandonaram. As tropas entraram depois de ter matado o sentinela, determinado a montar guarda até o fim. Tem sido dito que cinco insurgentes, pegos de surpresa no interior do prédio, foram mortos por um oficial Versalhês com tiros do seu revólver.

A luta continuou durante parte da noite nas ruas da vizinhança e os soldados, atirando na escuridão, mataram cerca de cem dos seus próprios homens. As perdas dos *Communards* foram menores. Por volta das três da manhã estava tudo terminado.

Na Croix-Rousse alguns cidadãos haviam invadido a prefeitura e espalhado as cédulas de votação; o revés da Guillotière encurtou a sua resistência.

Os Versalheses tiraram vantagem dessa vitória para desarmar os batalhões da Guillotière; mas a população não permitiu, aglomerando-se à volta dos vitoriosos. Alguns monarquistas haviam sido eleitos durante o dia, mas como todo mundo considerou as eleições de 30 de abril sem validade, eles foram obrigados a submeter-se a um segundo voto, e nenhum deles foi reeleito. O movimento em favor de Paris continuou.

Esses conselheiros republicanos recém-eleitos poderiam ter efetivamente contrabalançado a autoridade de Versalhes; a imprensa avançada os encorajou. O *Tribune* de Bordeaux teve a honra de ser o primeiro a propor um congresso de todas as cidades da França, com o propósito de terminar a guerra civil, assegurar as franquias municipais e consolidar a República. O conselho municipal de Lyon divulgou um programa idêntico, convidando todas as municipalidades a enviar delegados a Lyon. Em 4 de maio os delegados dos conselhos das principais cidades do Hérault reuniram-se em Montpellier. O *Liberté* do Hérault, em um entusiasmado apelo reproduzido por cinquenta jornais, convocou a imprensa departamental a um congresso. Uma ação comum estava para tomar o lugar das agitações incoerentes das semanas recentes. Se as províncias compreendessem a sua própria força, o tempo, as suas necessidades - se elas encontrassem um grupo de homens à altura da ocasião, Versalhes, vendo-se entre Paris e os departamentos, teria sido obrigada a capitular diante da França Republicana. O sr. Thiers, com um vívido pressentimento do perigo, afetou a atitude de um Governo forte e proibiu energeticamente os congressos. "O Governo trairia a Assembléia, a França, a civilização," disse o *Officiel* de 8 de maio, "se permitisse os conclaves do Comunismo e da rebelião constituírem-se à margem do poder regular nascido do sufrágio universal." Picard, falando da tribuna sobre a instigação do congresso, disse, "Jamais houve uma tentativa mais criminosa do que essa. Fora da Assembléia não existe Direito." Os procuradores-gerais e os governadores receberam a ordem de impedir toda reunião. Alguns membros da Liga dos Direitos de Paris foram presos em seu caminho para Bordeaux.

Mais não era preciso para aterrorizar os Radicais. Os organizadores do congresso de Bordeaux ficaram quietos; os de Lyon escreveram uma deplorável mensagem a Versalhes, no sentido de que haviam somente tido a intenção de convocar uma assembléia de notáveis. Tendo alcançado o seu objetivo, o sr. Thiers nem deu-se ao trabalho de processá-los e permitiu mesmo que os delegados de dezoito departamentos redigissem as suas reclamações, e declarassem seriamente que eles "considerariam responsável aquele entre os dois combatentes que recusasse as suas condições." E contudo eles podiam sentir-se orgulhosos. O seu chefe havia feito menos. Gambetta retirara-se para a Espanha, para St. Sébastien, e lá, mudo, sem um sinal de simpatia por aqueles que se sacrificaram pela República, em um cínico *far niente* aguardou o resultado da guerra civil.

Assim a pequena classe média provinciana perdeu uma rara oportunidade de conquistar as suas liberdades, de novamente assumir o seu grande papel de 1792. Havia-se tornado óbvio o quanto o seu sangue e a sua inteligência haviam-se empobrecido por uma longa vassalagem política e pela completa ausência de toda vida municipal. De 19 de março ao 5 de abril eles haviam desertado os trabalhadores quando eles poderiam, se houvessem secundado os seus esforços, ter salvado e continuado a Revolução. Quando finalmente quiseram pronunciar-se eles viram-se sozinhos, o brinquedo e a chacota dos seus inimigos. Essa é a sua história desde Robespierre.

Portanto em 10 de maio o sr. Thiers assenhoreou-se completamente da situação. Fazendo uso de todas as armas, da corrupção bem como do patriotismo, mentindo em seus telegramas, fazendo os seus jornais mentirem, ora familiar, ora soberbo em suas entrevistas com as delegações, acionando ora os seus gendarmes, ora os deputados da Esquerda, ele fora bem sucedido em fazer gorar todas as tentativas de conciliação. Ele acabara de assinar a paz de Frankfurt e, livre desse lado, desembaraçado das províncias, ele ficou sozinho face a face com Paris.

Já era tempo. Cinco semanas de cerco haviam esgotado a paciência dos rurais; as suspeitas dos primeiros dias estavam se reavivando; eles imaginavam que o "pequeno burguês" estava procrastinando com o fim de poupar Paris. O *Union des Syndicats* acabara de publicar a reportagem de uma nova entrevista, na qual o sr. Thiers parecera relaxar. Um deputado da

Direita arremeteu-se à tribuna, acusando o sr. Thiers de protelar a entrada em Paris. Ele respondeu rudemente, *"A abertura pelo nosso exército de trincheiras a apenas seiscentas jardas de Paris não significa que nós não queremos entrar lá."* No dia seguinte, 12 de maio, a Direita voltou à carga. Teria sido verdade que o sr. Thiers teria dito ao prefeito de Bordeaux, *"Se os insurgentes cessarem as hostilidades, os portões de Paris serão escancarados por uma semana para todos exceto os assassinos dos generais?"* Seria possível que o Governo tivesse a intenção de arrancar alguns parisienses das garras da Assembléia? O sr. Thiers praguejou, choramingou. *"Você escolhe o dia para eu ser exilado, para a minha casa ser derrubada. Isso é uma indignidade. Eu sou obrigado a comandar atos terríveis; eu os comando. Eu preciso ter um voto de confiança."* Finalmente, a exasperação fazendo-o perder a paciência, ele retrucou o rosar dos rurais com um rugido. *"Eu lhes digo que há entre vocês homens imprudentes, que são apressados demais. Eles precisam ter mais oito dias. Ao fim desses oito dias não haverá mais perigo, e a tarefa será proporcional à sua coragem e à sua capacidade."*

Oito dias! Vocês estão ouvindo, membros da Comuna?

CAPÍTULO XXIV

A IMPOTÊNCIA DO SEGUNDO COMITÊ DE SEGURANÇA PÚBLICA EVACUAÇÃO DA FORTALEZA DE VANVES E DA ALDEIA DE ISSY O MANIFESTO DA MINORIA - A EXPLOSÃO NA AVENIDA RAPP QUEDA DA COLUNA VENDÔME

Por ocasião do advento do novo Comitê em 10 de maio a nossa situação militar não mudara na linha de St. Ouen a Neuilly, onde ambos os lados estavam face a face no mesmo nível; mas ela estava se tornando séria a partir de La Muette. A poderosa bateria de Montretout, a de Meudon, de Mont-Valérien, cobriam Passy de obuses e danificavam enormemente as muralhas. As trincheiras Versalhesas estendiam-se de Boulogne ao Sena. Os seus escaramuçadores estavam pressionando a aldeia de Issy, e ocuparam as trincheiras entre as fortalezas de Issy e de Vanves, a qual eles tentavam isolar de Montrouge. A negligência da defesa era ainda a mesma. As muralhas de La Muette à fortaleza de Vanves mal estavam armadas; as nossas canhoneiras suportavam quase sozinhas o fogo de Meudon, Clamart e Val-Fleury.

O primeiro ato do novo Comitê foi ordenar a demolição da casa do sr. Thiers. Esse ato tonto fez o bombardeador ganhar um palácio, que a Assembléia votou-lhe no dia seguinte. Então o Comitê divulgou a sua proclamação: *"A traição infiltrou-se,"* etc.

Delescluze divulgou uma por sua própria conta. Ele seguia arrastando-se, arfando em busca de ar, e poderia bem dizer, *"Se eu consultasse apenas as minhas forças eu teria recusado essa função. A situação é grave; mas quando eu contemplo o sublime futuro reservado aos nossos filhos, mesmo que não nos seja dado colher o que semeamos, eu ainda saudarei entusiasticamente a revolução do 18 de março."*

Ao entrar no Ministério ele encontrou o Comitê também elaborando uma proclamação. *"O Comitê Central declara que é o seu dever não permitir que essa revolução do 18 de março, que ele tão bem começou, sucumba. Ele derrubará impiedosamente toda resistência. Ele está determinado a por um fim a todas as controvérsias, eliminar os mal-intencionados, suprimir a rivalidade, a ignorância, e a incapacidade."* Isso era falar com mais autoridade do que o Conselho e, acima de tudo, elogiar-se estranhamente.

Já na primeira noite foi necessário reparar um desastre. A fortaleza de Vanves, sobre a qual estava agora concentrado todo o fogo anteriormente dirigido contra Issy, havia-se tornado quase indefensável e o seu comandante havia-a evacuado. Informado disso, Wroblewski tomou o comando de La Cécilia, que havia adoecido, e para lá acorreu na noite de 10 para 11 à frente do 187º e do 105º batalhões da célebre 11ª legião, a qual até o último dia não cessou de suprir a defesa com homens. Às quatro da manhã Wroblewski apareceu diante da encosta onde os Versalheses estavam estacionados, investiu-os à ponta das baionetas, colocou-os em fuga, tomou alguns prisioneiros e recuperou a fortaleza. Mais uma vez os nossos bravos Federados mostraram do que eram capazes quando bem comandados.

Durante o dia os Versalheses recomeçaram o bombardeio. Eles submergiram o convento Des Oiseaux e toda a aldeia de Issy, cuja rua principal era agora um amontoado de ruínas, sob uma

chuva de obuses e granadas carregadas de picrato de potássio. Na noite de 12 para 13 eles surpreenderam o Liceu de Vanves, e no dia 13 atacaram o seminário de Issy. Por cinco dias Brunel esgotou-se tentando trazer um pouco de ordem à defesa dessa aldeia. Rossel mandara buscar esse bravo membro do Conselho, a quem a inveja dos grupos mantinha à distância, e disse-lhe, "*A situação aqui está quase perdida; você assumiria a defesa de Issy?*" Brunel devotou-se, ergueu barricadas, pediu artilharia (havia apenas quatro peças), e novos batalhões para render os 2.000 homens que resistiam havia quarenta e um dias. Eles somente enviaram-lhe duzentos ou trezentos homens, com os quais ele tentou fazer alguma coisa fortificando o seminário que os Federados, sob uma enxurrada de obuses, eram incapazes de defender. Brunel organizou uma segunda linha de defesa nas casas da aldeia, e à noite dirigiu-se ao Gabinete de Guerra, onde Delescluze queria que ele participasse do Conselho de Guerra.

O primeiro e único Conselho de Guerra realizado sob a Comuna. Dombrowski, Wroblewski e La Cécilia estavam presentes. Muito entusiasmado, Dombrowski falou em levantar 100.000 homens. Mais prático, Wroblewski propôs concentrar contra as trincheiras do sul todos os esforços inutilmente despendidos em Neuilly. Depois de um longo debate não chegou-se a nenhuma conclusão. Quando Brunel chegou a sessão já estava concluída; assim ele foi obrigado a ir procurar Delescluze no Paço Municipal, e então refez os seus passos de volta a Issy. No portão de Versalhes ele percebeu os seus batalhões do outro lado da muralha. Estes, surdos ao comando de seus chefes, haviam evacuado a aldeia e queriam entrar de volta em Paris. Brunel proibiu a descida da ponte levadiça e tentou sair pelos portões de Vanves, onde a passagem foi-lhe recusada. Ele voltou ao Gabinete de Guerra, explicou a situação, pediu homens, vagueou a noite inteira à procura de alguns e às quatro da manhã partiu com 150 Federados, mas encontrou a aldeia inteiramente ocupada pelos Versalheses. Os oficiais de Issy foram passados pela corte marcial. Brunel prestou depoimento e queixou-se amargamente da condenável negligência que paralizara a defesa. Em resposta mandaram prendê-lo.

Ele não disse senão a verdade. A desordem do Gabinete de Guerra tornava quimérica toda resistência. Delescluze trouxera somente a sua devoção. De caráter fraco a despeito da sua aparente rigidez ele estava à mercê do estado-maior, ainda dirigido por Prodhomme que, tendo sobrevivido a todos os seus chefes, conseguira fazer-se passar por indispensável. O Comitê Central, encorajado pela timidez do Conselho, intrometia-se em toda a parte, publicava decretos e ordenava o pagamento de despesas sem submetê-las ao controle da Comissão Militar. Os membros da Comissão, homens de inteligência mas pertencentes à minoria, queixavam-se ao Comitê de Segurança Pública, o qual substituíam-os por Românticos. A disputa continuava do mesmo jeito, e cresceu tanto em violência que rumores de uma ruptura entre o Conselho e o Comitê Central espalharam-se entre as legiões.

Por sua vez, os Versalheses continuavam a avançar. Na noite de 13 para 14 a fortaleza de Vanves, que agora não disparava senão salvas ocasionais, estava praticamente extinta e não mais podia ser reacesa. Assediada de todos os lados, a guarnição bateu em retirada através das pedreiras de Montrouge, e os Versalheses ocuparam o que restara da fortaleza. Mais uma vez houve uma ovação em Versalhes.

Em 16 de maio nós não tínhamos um único homem da margem esquerda até o Petit Vanves, onde cerca de 2.000 Federados sob o comando de La Cécilia e Lisbonne estavam acampados. Nós tentamos retomar a aldeia de Issy, mas fomos repelidos. Dali em diante o inimigo poderia continuar a aproximar-se e armar os dois bastiões da fortaleza de Issy que faziam face à cidade. O seu fogo, neutralizado por um momento pelas muralhas, agora mostrava uma marcada superioridade e juntava-se às baterias que esmagavam o 16º distrito. Esse desafortunado bairro sofria agora um fogo de enfiada pela frente e pelo flanco partindo de quase cem peças de artilharia. De fato já era hora de se pensar na defesa do interior. Delescluze estendeu os poderes dos três generais aos bairros da cidade contíguos aos seus comandos; debandou o batalhão das barricadas, que não tivera absolutamente qualquer utilidade; confiou os trabalhos aos engenheiros militares e fez um apelo aos trabalhadores braçais. Mas todos os seus decretos não passavam de desperdício de papel, quando não eram sabotados por outros. Quando o delegado ofereceu aos trabalhadores 3 francos e 50 cêntimos, o Comitê de Segurança Pública na mesma coluna do *Officiel* oferecia-lhes 3 francos e 75 cêntimos.

O Comitê de Segurança Pública contribuiu à defesa através de um decreto obrigando todos os habitantes de Paris a munirem-se de um cartão civil, cuja emissão poderia ser requerida por

qualquer Guarda Nacional - um decreto tão impraticável e impraticado quanto o dos recrutas refratários. O Paço Municipal não inspirava respeito em ninguém; por trás de suas grandes palavras a impotência fazia-se sentir. No dia 12 alguns batalhões cercaram o banco e, como desejavam realizar uma busca, o velho Beslay não o permitiu, e os terríveis ditadores do Comitê de Segurança Pública desautorizaram o seu próprio agente. Isso foi motivo de pilhéria por parte do público - uma coisa terrível! Um último golpe, e estaria acabada a autoridade da Comuna; e esse golpe veio da minoria.

Esta estava exasperada ao ver os seus membros mais capazes expelidos dos serviços - Vermorel da Comissão de Segurança Pública, Longuet do *Officiel*, Varlin do Commissariado - e tomada pelo desalento diante da desordem do Gabinete de Guerra. Ela teve a desafortunada idéia de negar a sua própria responsabilidade, preparou um manifesto e trouxe-o à sessão do dia 15. Prevenida a maioria não compareceu, à exceção de quatro ou cinco membros. A minoria fez verificar as ausências e, em vez de esperar pela sessão seguinte, enviou a declaração aos jornais. *"A Comuna,"* dizia ela, *"abdica do seu poder em favor de uma ditadura, à qual ela deu o nome de Comitê de Segurança Pública. A maioria declarou-se irresponsável pelo seu voto. A minoria, pelo contrário, afirma que a Comuna deve-o ao movimento revolucionário para aceitar todas as responsabilidades. Quanto a nós, nós reivindicamos o direito de sozinhos respondermos por nossos atos, sem passarmos pela triagem de uma ditadura suprema. Nós nos retiramos para nossos distritos. Convencidos de que a questão da guerra tem primazia sobre todas as outras, nós deveremos passar o tempo não ocupado por nossas funções municipais em meio aos nossos irmãos da Guarda Nacional."*

Uma grande falha esta, e absolutamente imperdoável. A minoria não tinha o direito de clamar contra uma ditadura, tendo votado pelo segundo Comitê sem fazer qualquer reserva expressa. Ela não tinha o direito de dizer que os delegados eleitos pelo povo estavam usurpando a sua soberania, pois essa concentração de poder era um tanto accidental, necessitada pela batalha, e deixando o princípio da soberania popular intacto sob circunstâncias ordinárias. Teria sido mais digno desautorizar abertamente os atos do Comitê, e então propor eles próprios algo melhor. Teria sido lógico, já que *"a questão da guerra tem primazia sobre todas as outras,"* não debilitar moralmente a defesa desertando assim o Paço Municipal. Não fora para retê-los em seus distritos que os distritos haviam enviado delegados ao Conselho.

Vários membros da minoria levaram a questão às reuniões públicas, as quais instaram-nos a retornar a seus postos. Os do 4º distrito deram uma explicação no Théâtre-Lyrique, onde disseram *"que eram guiados pelo princípio de que a Comuna deveria ser apenas o agente executivo da vontade popular, manifestando-se continuamente, e indicando dia a dia o que deveria ser feito para assegurar o triunfo da revolução."* Sem dúvida esse princípio estava correto, e a revolução só pode estar segura através da legislação direta do povo. Mas era essa a hora de legislar, quando os canhões eram o poder supremo? E no meio do fogo, deve o *"agente executivo"* esperar que o soldado que luta por ele venha também trazer-lhe idéias?

Os jornais Versalheses exultaram com esse manifesto. Muitos dos que o assinaram compreenderam o seu erro, e quinze deles compareceram à sessão do dia 17. O Conselho jamais havia sido tão numeroso; a chamada foi respondida por sessenta e seis membros. Eles primeiro ocuparam-se de uma proposição levantada por um traidor. Barral de Montaut, chefe do estado-maior da 7ª legião, acabara de publicar que os Versalheses de Vanves haviam fuzilado uma operadora de ambulância da Comuna. Pressionado por Montaut, que conseguira conquistar a sua amizade, Urbain requereu que em represália cinco reféns deveriam ser fuzilados no interior de Paris, e mais cinco nos postos avançados. O Conselho passou à ordem do dia. Imediatamente após esse incidente, um membro da maioria interpelou a minoria. Ele demonstrou sem nenhuma dificuldade a futilidade das razões invocadas em seu manifesto e, cada vez mais excitado, chamou os seus adversários de Girondinos. *"Como! Girondinos!"* respondeu Frankel; *"pode-se ver que vocês deitam-se à noite e levantam-se de manhã com o 'Moniteur' de 1793, do contrário saberiam a diferença que existe entre nós Revolucionistas Socialistas e os Girondinos."* A discussão tornou-se acalorada. Vallès, que assinara o manifesto, disse, *"Eu tenho declarado que nós devemos chegar a um entendimento com a maioria; mas também eles devem respeitar a minoria, a qual é uma força;"* e ele pediu que todas as forças fossem voltadas contra o inimigo. O cidadão Miot respondeu severamente das profundezas da sua barba. Um membro da maioria falou em conciliação; imediatamente Félix Pyat, para reacender a sua ira, pediu que o manifesto fosse lido. Em vão Vaillant disse, com senso e justiça, *"Quando os nossos colegas voltam a nós desautorizando o seu programa, nós não devemos colocá-lo*

sob os seus olhos para encorajá-los a perseverar em seus erros," e uma ordem do dia conciliatória foi batida pela de Miot, redigida em termos ofensivos à minoria.

Subitamente uma tremenda explosão interrompeu a discussão. Billioray precipitou-se para dentro da sala com a notícia de que a fábrica de cartuchos da avenida Rapp acabara de ir pelos ares.

Todo o leste de Paris foi sacudido. Uma pirâmide de fogo, chumbo fundido, restos humanos, madeira incandescente e balas desprende-se do Campo de Marte a uma altura enorme e choveu sobre as redondezas. Quatro casas desabaram; mais de quarenta pessoas ficaram feridas, e a catástrofe teria sido ainda mais terrível se os bombeiros da Comuna não tivessem arrancado vagões de cartuchos e barris de pólvora do meio das chamas. Uma multidão enlouquecida ajunta-se, e acredita em um crime; alguns poucos indivíduos foram presos, e um artilheiro foi levado à Escola Militar.

Quem foi o culpado? Ninguém sabe. Nem o Conselho, nem o procurador da Comuna examinaram o incidente. Contudo o Comitê de Segurança Pública anunciou em uma proclamação que prendera quatro dos culpados, e Delescluze declarou que o caso deveria ser enviado perante a corte marcial. Nada mais falou-se sobre isso, ainda que fosse tanto o dever quanto o interesse do Conselho lançar luz sobre esse incidente. Um inquérito sério teria provavelmente revelado um crime. As mulheres, que normalmente deixavam a fábrica às sete horas, haviam nesse dia sido dispensadas às seis horas. Foi visto que Charpentier pediu dinamite a Corbin; teria sido muito útil aos conspiradores espalhar o pânico de uma única tacada no Gabinete de Guerra, na Escola Militar, no parque de artilharia e nas cabanas do Campo de Marte, que estavam sempre ocupadas por uns poucos Federados. Paris acreditava firmemente em um complô. Os reacionários disseram, *"Isso é a vingança pela coluna Vendôme."*

Ela havia sido derrubada na noite anterior com uma grande cerimônia. A sua demolição, cuja idéia havia estado um tanto em voga durante o primeiro cerco, foi decretada em 12 de abril. Essa inspiração, popular, humana, profunda, mostrando que uma guerra de classes deveria substituir a guerra entre as nações, visava ao mesmo tempo representar um golpe contra o efêmero triunfo do prussiano. As preparações um tanto dispendiosas, custando quase 15.000 francos, haviam sido muito retardadas, devido à indiferença do engenheiro e aos contínuos esforços de subornar os trabalhadores. No dia 16 de maio às duas horas, uma imensa multidão ocupou todas as ruas da vizinhança, um tanto ansiosa quanto ao resultado da operação. Os reacionários pressagiaram todo tipo de catástrofe; o engenheiro, pelo contrário, afirmou que não haveria nenhum choque; que a coluna iria partir-se em pedaços durante a queda. Ele havia-a serrado horizontalmente pouco acima do pedestal; um sulco inclinado deveria facilitar a queda para trás sobre uma vasta camada de gravetos, areia e esterco, acumulada na direção da rua de la Paix.

Uma corda presa ao topo da coluna foi torcida em torno de um cabrestante fixado à entrada da rua. A praça estava repleta de Guardas Nacionais; as janelas e os telhados cheios de espectadores curiosos. Na ausência dos srs. Jules Simon e Ferry, outrora partidários entusiastas da operação, Glais-Bizon felicitou o novo prefeito de polícia, Ferré, que acabara justamente de tomar o lugar de Cournet, e segredou-lhe que por quarenta anos havia sido o seu ardente desejo ver o monumento expiatório demolido. As bandas tocaram a *Marseillaise*, o cabrestante girou, a polia partiu-se e um homem foi ferido. Já rumores de traição circulavam em meio à multidão; mas uma segunda polia foi logo encontrada. Às cinco horas e um quarto um oficial apareceu na balaustrada por algum tempo, agitou uma bandeira tricolor e então fixou-a às grades. Às cinco e meia o cabrestante voltou a girar e, alguns minutos depois, a extremidade da coluna deslocou-se lentamente; ela cedeu pouco a pouco, e então, subitamente oscilando para a frente e para trás, quebrou-se e despencou com um gemido surdo. A cabeça de Bonaparte rolou pelo chão, e o seu braço parricida jazia amputado do tronco. Uma imensa aclamação, como a de um povo libertado de um jugo, ergueu-se no ar. As ruínas foram escaladas e saudadas por gritos entusiasmados, e a bandeira vermelha tremulou sobre o pedestal purificado, o qual nesse dia tornara-se o altar da raça humana.

O povo queria dividir entre si os fragmentos da coluna, mas foi impedido pela inoportuna interferência dos membros do Conselho presentes. Uma semana mais tarde os Versalheses os recolheram. Um dos primeiros atos da burguesia vitoriosa foi levantar de novo esse enorme

bloco, símbolo da sua soberania. Para erguer César ao seu pedestal eles precisaram de um andaime de 30.000 cadáveres. Como aquelas sob o Primeiro Império, que as mães de nossos dias jamais contemplem esse bronze sem chorar.

CAPÍTULO XXV

PARIS ÀS VÉSPERAS DA MORTE

A Paris da Comuna não tem senão três dias mais de vida; gravemos em nossa memória a sua luminosa fisionomia.

Aquele que soprou em tua vida essa ardente febre da história contemporânea, que palpitou em teus boulevards e chorou em teus *faubourgs*, que cantou as auroras das tuas revoluções e poucas semanas mais tarde banhou as mãos em pólvora por trás das tuas barricadas, aquele que pode ouvir sob as tuas pedras as vozes dos mártires de idéias sublimes e ler em cada uma das tuas ruas uma data de progresso humano, até mesmo ele faz menos justiça à tua grandeza original do que o estrangeiro, ainda que um Filisteu, que veio dar-te uma olhada durante os dias da Comuna. A atração da Paris rebelada foi tão forte que homens acorreram para lá vindos da América para contemplar esse espetáculo sem precedentes na história mundial - a maior cidade do continente europeu nas mãos dos proletários. Mesmo os pusilânimes foram atraídos a ela.

Nos primeiros dias de maio um de nossos amigos chegou - um dos mais tímidos homens das tímidas províncias. A sua parentela havia-o escoltado à sua partida com lágrimas nos olhos, como se ele estivesse baixando às regiões infernais. Ele disse a nós, "*O que há de verdade em todos os rumores que circulam por aí?*" "*Bem, venha e explore todos os recessos do covil.*"

Nós começamos pela Bastilha. Moleques jornaleiros gritam o *Palavra de Ordem* de Rochefort, o *Tio Duchêne*, o *Grito do Povo* de Jules Vallès, o *Vingador* de Félix Pyat, *La Commune*, *O Emancipado*, *O Pelourinho dos Alcaçuetes*. O *Officiel* é pouco procurado; os jornalistas do Conselho sufocam-no com a sua competição. O *Grito do Povo* tem uma circulação de 100.000 exemplares. Ele é o mais madrugador; ele levanta-se com o galo. Se tivermos um artigo de Vallès esta manhã, estamos com sorte; mas em vez dele Pierre Denis, com a sua autonomia às últimas consequências, faz-se ouvir com bastante frequência. Compre o *Tio Duchêne* apenas uma vez, ainda que ele tenha uma circulação de mais de 60.000 cópias. Tome o artigo de Félix Pyat no *Vingador* como um fino exemplo de intoxicação literária. A burguesia não tem melhores ajudantes do que esses grandiloquentes vaidosos e ignorantes. Este é o doutrinário jornal *La Commune*, no qual Millière às vezes escreve, e no qual Georges Duchêne repreende os homens moços e velhos do Paço Municipal com uma severidade que conviria mais a um caráter que não o seu. Não se esqueça do *Palavra de Ordem*, independentemente do que digam os Românticos. Ele foi um dos primeiros a apoiar a Revolução de 18 de março, e arremessou terríveis dardos contra os Versalheses.

Nos quiosques estão as caricaturas. Thiers, Picard e Jules Favre figuram como as Três Graças, agarrando-se às panças uns dos outros. Esse belo peixe, o *maquereau*, com escamas azuis-esverdeadas e preparando uma cama com a coroa imperial, é o marquês de Gallifet. *L'Avenir*, o porta-voz da *Ligue*. O *Século*, tornado muito hostil desde a prisão de Gustave Chaudey; e *La Vérité*, o jornal do ianque Portalis, estão empilhados, melancólicos e intactos. Muitos jornais reacionários foram suprimidos pela prefeitura, mas mesmo assim não estão mortos; pois um rapaz, sem nada de misterioso em sua atitude, os oferece a nós.

Leia, procure, ache um só apelo ao homicídio, à pilhagem, uma única linha cruel em todos esses jornais *Communards* excitados pela batalha, e então compare-os com os jornais Versalheses, exigindo fuzilamentos em massa tão logo as tropas tenham derrotado Paris.

Sigamos esses féretros que sobem a rua de la Roquette, e entremos com eles no cemitério Père Lachaise. Todos aqueles que morrem por Paris são sepultados com exéquias no grandioso lugar de repouso. A Comuna reclamou a honra de pagar por seus funerais; a sua bandeira vermelha flameja nos quatro cantos do carro funerário, seguido por alguns camaradas do batalhão, enquanto alguns passantes sempre juntam-se à procissão. Esta é uma esposa acompanhando o marido morto. Um membro do Conselho segue o caixão; ao pé da cova ele não fala de pêsames, mas de esperança, de vingança. A viúva aperta os filhos nos braços e diz a eles, "*Lembrem-se disso e gritem comigo, 'Vive la République! Vive la Commune!'*"

Voltando sobre os nossos passos, passamos pela prefeitura do 11º distrito. Ela está tarjada de negro, em luto pelo último plebiscito Imperial, do qual o povo de Paris foi inocente e tornou-se a vítima. Nós cruzamos a praça da Bastilha, alegre, animada pela feira do bolo de gengibre. Paris nada cederá aos canhões; ela até mesmo prolongou por uma semana a feira anual. As gangorras movem-se para a frente e para trás, as rodas da fortuna giram, barraqueiros anunciam as suas mercadorias de seis tostões, os charlatães seduzem os espectadores, e prometem metade da renda aos feridos.

Nós descemos por esses grandes boulevards. Uma multidão aperta-se contra o Circo Napoleão, onde 5.000 pessoas estão reunidas, enchendo-o da arena até o teto. Bandeirinhas, cada uma trazendo o nome de um departamento, exortam os provincianos à união. Esse encontro foi convocado por alguns comerciantes, que propõem aos cidadãos dos departamentos enviar delegados a seus respectivos deputados, na crença de que estes possam ser convencidos e a paz obtida por meio de explicações. Um homem alto e magro, de rosto triste, pede permissão para dirigir-se ao público e sobe à plataforma. Ele é Millièrè, a quem a multidão recebe com vivas. "Paz," disse ele, *"nós todos ansiamos por ela, cidadãos. Mas quem, então, começou a guerra? Quem atacou Paris em 18 de março? o sr. Thiers. Quem atacou-a em 2 de abril? o sr. Thiers. Quem tem falado de conciliação, múltiplas tentativas de paz? Paris. Quem as tem sempre rejeitado? o sr. Thiers. Conciliação! O sr. Dufaure disse, 'Ora, a insurreição é menos criminosa.' E aquilo que nem a Maçonaria, nem as ligas, nem os discursos, nem o que os conselheiros municipais das províncias puderam fazer, vocês esperam obter de uma deputação escolhida dentre os parisienses! Vejam, sem dar-se conta disso, vocês estão enervando a defesa. Não, chega de delegações, mas uma correspondência ativa com as províncias - é nisso que está a salvação!"* "Esse, então, é o energúmeno de quem estamos com tanto medo nas províncias!" exclamou o nosso amigo. "Sim, e esses milhares de homens de todas as condições, que em comum buscam a paz, consultam-se uns aos outros, respondem cortesmente, essa é a gente demente, o punhado de bandidos que tomou a capital."

Diante do quartel Prince Eugène nós notamos os 1.500 soldados que permaneceram em Paris em 18 de março, e a quem a Comuna hospeda sem exigir-lhes qualquer serviço. No topo do boulevard Magenta nós visitamos os numerosos esqueletos da igreja St. Laurent, dispostos na mesma ordem em que foram encontrados, sem caixões ou sudários. Sepultamentos em igrejas não são formalmente proibidos? Algumas, contudo, Notre Dame des Victoires especialmente, abundam em esqueletos. Não é o dever da Comuna expor esses procedimentos ilegais, que são talvez crimes?

Nos boulevards, de Bonne-Nouvelle à Opéra, encontramos a mesma Paris detendo-se diante das vitrines das lojas, sentada em frente aos cafés. Carruagens são raras, pois o segundo cerco tornou escassos os cavalos. Pela rua du 4 Septembre alcançamos a Bolsa de Valores, coroada pela bandeira vermelha, e a *Bibliothèque Nationale*, onde os leitores sentam-se à volta das longas mesas. Cruzando o Palais-Royal, cujas arcadas estão sempre ruidosas, chegamos ao museu do Louvre; as salas, cheias de quadros, estão abertas ao público. Os jornais Versalheses não obstante dizem que a Comuna está vendendo as coleções nacionais a estrangeiros.

Nós descemos a rua de Rivoli. À direita, na rua Castiglione, uma enorme barricada obstrui a entrada da praça Vendôme. O acesso à praça de la Concorde é barrado pelo reduto St. Florentin, estendendo-se ao Ministério da Marinha à sua direita e ao jardim das Tulherias à sua esquerda, com três seteiras de oito jardas de largura um tanto mal direcionadas. Uma enorme vala, desnudando todas as artérias da vida subterrânea, separa a praça do reduto. Os trabalhadores estão dando-lhe o último retoque, e cobrem as encostas com grama. Muitos transeuntes observam com curiosidade, e mais de uma frente inclina-se. Um corredor engenhosamente construído conduz-nos à praça de la Concorde. O altivo perfil da estátua de Estrasburgo destaca-se contra as bandeiras vermelhas. Os *Communards*, acusados de ignorar a França, substituíram devotadamente as coroas descoloridas do primeiro cerco por frescas flores primaveris.

Nós agora entramos na zona de batalha. A avenida dos Champs-Élysées estende a sua linha há muito deserta, cortada pela sinistra explosão dos obuses de Mont-Valérien e Courbevoie. Estes alcançam tão longe quanto o Palais de l'Industrie, cujos tesouros os funcionários da Comuna protegem corajosamente. À distância ergue-se a poderosa massa do Arco do Triunfo. Os

turistas dos primeiros dias desapareceram, pois a praça de l'Étoile tornou-se quase tão letal quanto as muralhas. Os obuses estilhaçam os baixos-relevos que Jules Simon mandara blindar contra os prussianos. O arco principal está emparedado para parar os obuses que passavam através dele. Por trás dessa barricada eles estão preparando-se para montar algumas peças sobre a plataforma, que é quase tão alta quanto Mont-Valérien.

Pelo *faubourg* St. Honoré nós passamos ao longo dos Champs-Élysées. No quadrilátero compreendido entre a avenida de la Grande Armée, a avenida des Ternes, as muralhas e a avenida Wagram não há uma só casa intacta. Você vê que o sr. Thiers *"não bombardeia Paris, como as pessoas da Comuna não deixarão de dizer."* Alguns fragmentos de um cartaz pendem de uma parede semi-destruída; é o discurso do sr. Thiers contra o rei Bomba, que um grupo de conciliadores fora bastante satírico ao reproduzir. *"Vocês sabem, cavalheiros,"* dizia ele aos burgueses de 1848, *"o que está ocorrendo em Palermo. Vocês todos tremaram de horror ao saber que durante quarenta e oito horas uma grande cidade tem sido bombardeada. Por quem? Teria sido por um inimigo estrangeiro exercendo os direitos de guerra? Não, cavalheiros, foi pelo seu próprio Governo. E porquê? Por que essa desafortunada cidade exige os seus direitos. Bem, então, por exigir os seus direitos ela sofreu quarenta e oito horas de bombardeio!"* Palermo foi mais feliz! Paris teve quarenta dias de bombardeio.

Nós temos alguma sorte em chegar ao boulevard Péreire pelo lado esquerdo da avenida des Ternes. Dali à Porte-Maillot cada ponto está carregado de perigo. Atentos a uma trégua momentânea alcançamos o portão, ou antes o amontoado de ruínas que marca o seu lugar. A estação já não mais existe, o túnel está obstruído, as muralhas escorregando para dentro dos fossos. E contudo há salamandras humanas que ousam movimentar-se em meio a essas ruínas. Em face do portão há três peças comandadas pelo capitão La Marseillaise; à direita, o capitão Rouchat com cinco peças; à esquerda, o capitão Martin com quatro. Monteret, que comanda esse posto pelas últimas cinco semanas, vive com eles nessa atmosfera de obuses. Mont-Valérien, Courbevoie e Bécon lançaram mais de oitocentos deles. Doze peças são servidas por dez homens, nus da cintura para cima, o corpo e os braços enegrecidos de pólvora, em uma torrente de transpiração, muitas vezes com uma mecha em cada mão. O único sobrevivente da primeira equipe, o marinheiro Bonaventure, viu vinte vezes os seus camaradas feitos em pedaços. E contudo eles resistem, e essas peças, continuamente desmontadas, são continuamente renovadas; os seus artilheiros somente queixam-se da falta de munição, pois os vagões já não ousam aproximar-se. Os Versalheses por muitas vezes tentaram, e podem tentar, surpresas. Monteret vigia dia e noite e pode, sem jactar-se, escrever ao Comitê de Segurança Pública que enquanto ele estiver ali os Versalheses não passarão pela Porte-Maillot.

Cada passo na direção de La Muette é um desafio à morte. Mas o nosso amigo precisa testemunhar toda a grandeza de Paris. Nas muralhas, próximo ao portão de La Muette, um oficial está agitando o seu quepe na direção do bosque de Boulogne; as balas assoviavam em torno dele. Este é Dombrowski, divertindo-se em insultar os Versalheses em suas trincheiras. Um membro do Conselho que está com ele consegue fazê-lo abandonar essa temeridade de mosqueteiro, e o general leva-nos ao castelo onde ele estabeleceu um quartel-general. Todas as salas estão perfuradas por obuses. Ainda assim ele permanece ali, e faz os seus homens permanecerem. Foi calculado que os seus ajudantes-de-campo sobrevivem em média oito dias. Nesse momento o sentinela do Belvedere entra correndo com o horror estampado na face; um obus atravessou o seu posto. *"Volte para lá,"* disse Dombrowski a ele, *"se não estiver destinado a morrer lá, você nada tem a temer."* Tal era a sua coragem - puro fatalismo. Ele não recebeu reforços a despeito dos seus despachos ao Gabinete de Guerra; acreditava perdido o jogo, e cansou de dizer isso.

Esse é o meu único opróbio, pois você não espera que eu vá pedir desculpas pelo fato de a Comuna ter permitido que estrangeiros morressem por ela. Não é essa a revolução de todos os proletários? Não deve o povo ao menos fazer justiça a essa grande raça polonesa, traída por todos os governos franceses?

Dombrowski acompanha-nos através de Passy até o Sena, e mostra-nos as muralhas quase abandonadas. Os obuses esmagam ou moem todos os acessos à linha férrea; o grande viaduto está cedendo em cem lugares; as locomotivas blindadas foram tombadas. A bateria Versalhesa da ilha Billancourt dispara à queima-roupa contra as nossas canhoneiras e põe uma a pique, *L'Estoc*, bem debaixo dos nossos olhos. Um rebocador chega a tempo, resgata a tripulação, e sobe o Sena sob o fogo que o segue até a ponte d'Iéna.

Um céu claro, um sol brilhante, um silêncio sereno envolve esse curso d'água, esse naufrágio, esses obuses espalhados. A morte parece mais cruel em meio à serenidade da natureza. Vamos saudar os nossos feridos em Passy. Um membro do Conselho, Lefrançais, está visitando a ambulância do dr. Demarquay, a quem ele questiona sobre o estado dos feridos. *"Eu não compartilho as suas opiniões,"* respondeu o doutor, *"e não posso desejar o triunfo da sua causa; mas eu jamais vi feridos preservarem mais calma e sangue frio durante operações. Eu atribuo essa coragem à energia das suas convicções."* Nós então visitamos os acamados; a maioria deles está ansiosa por saber quando serão capazes de retomar o serviço. Um rapaz de dezoito anos, cuja mão direita acaba de ser amputada, levanta a outra exclamando, *"Eu ainda tenho esta para o serviço da Comuna!"* Um oficial mortalmente ferido fica sabendo que a Comuna acaba de entregar o seu soldo à sua esposa e filhos. *"Eu não tinha direito a ele,"* ele respondeu. *"Estes, meu amigo, estes são os bêbados bestiais que, de acordo com Versalhes, formam o exército da Comuna."*

Nós retornamos pelo Campo de Marte; as suas cabanas estão mal guarnecidas. Outros quadros, uma disciplina diferente teria sido necessária para reter os batalhões aqui. Diante da Escola, a 1.500 jardas das muralhas e a poucos passos do Gabinete de Guerra, uma centena de peças de artilharia jazem inertes, carregadas de lama. Deixando à nossa direita o Gabinete de Guerra, esse centro de discórdia, entremos no Corpo Legislativo, transformado em oficina. Mil e quinhentas mulheres estão aqui, cosendo os sacos de areia destinados a vedar as brechas. Uma moça alta e elegante, Marthe, em torno da sua cintura o lenço vermelho de franja prateada dado pelos seus camaradas, distribui o trabalho. As horas de trabalho são encurtadas por alegres canções. Toda noite os salários são pagos e as mulheres recebem a soma total, oito cêntimos por saco, quando os ex-contratadores mal davam-lhes dois.

Nós agora prosseguimos ao longo dos cais, embalados em uma imperturbável calma. A Academia de Ciências promove as suas sessões de segunda-feira. Não foram os trabalhadores quem disseram, *"A República não quer nenhum sábio."* O sr. Delaunay está em sua cadeira. O sr. Elie de Beaumont percorre a correspondência e lê uma nota do seu colega, M. J. Bertrand, que fugiu para St. Germain. Nós encontraremos o relatório no *Officiel* da Comuna.

Nós não devemos deixar a margem esquerda sem antes visitar a prisão militar. Pergunte aos soldados se eles sofreram uma única ameaça, um único insulto em Paris; se eles não são tratados como camaradas, sujeitos a nenhuma regra excepcional, libertados quando dispostos a ajudar os irmãos parisienses.

Nesse meio tempo caiu a noite. Os teatros estão abrindo. O Lyrique está dando um grande espetáculo em benefício dos feridos, e a Opéra-Comique está preparando um outro. A Opéra promete-nos um espetáculo especial para a próxima segunda-feira, quando ouviremos o hino revolucionário de Gossec. Abandonados pelo seu empresário, os artistas da Gaieté dirigem eles próprios o seu teatro. O Gymnase, Châtelet, Théâtre-Français, Ambigu-Comique, Délassements, têm grandes platéias todas as noites. Passemos a espetáculos mais viris, tais como Paris não tem testemunhado desde 1793.

Dez igrejas abrem, e a Revolução monta os púlpitos. No velho bairro de Gravilliers, St. Nicolas des Champs enche-se com o poderoso murmúrio de muitas vozes. Uns poucos bicos de gás mal iluminam o enxame da multidão; e na extremidade mais distante, quase oculta pela sombra das abóbodas, paira a figura do Cristo coberta da popular ouriflora. O único ponto iluminado é a mesa de leitura em face do púlpito, forrada de vermelho. O órgão e o povo entoam a *Marseillaise*. O orador, superexcitado por esse cenário fantástico, abandona-se em apóstrofes extasiadas, que o eco repete como uma ameaça. O povo discute os eventos do dia, os meios de defesa; os membros do Conselho são severamente censurados, e vigorosas resoluções são votadas para serem apresentadas ao Paço Municipal no dia seguinte. Mulheres às vezes pedem para falar; em Batignolles elas têm um clube delas próprias. Sem dúvida, poucas idéias precisas surgem dessas reuniões febris, mas muitos encontram ali uma provisão de energia e de coragem.

São apenas nove horas, e podemos ainda chegar a tempo para o concerto das Tulherias. À entrada, cidadãs acompanhadas por comissários fazem uma coleta para as viúvas e órfãos da Comuna. Os imensos salões estão lotados por uma decente e alegre multidão. Pela primeira vez mulheres vestidas de forma respeitável estão sentadas nas formas da corte. Três orquestras estão tocando nas galerias, mas a alma da festa é a Salle des Maréchaux, onde

mademoiselle Agar recita *Les Châtiments* nesse mesmo lugar onde, dez meses antes, Bonaparte e o seu bando estavam entronizados. Mozart, Meyerbeer, Rossini, as grandes obras de arte expulsaram as obscenidades musicais do Império. Da ampla janela central as harmoniosas melodias reverberam no jardim; luzes jubilosas brilham como estrelas sobre a verde relva, dançam entre as árvores e colorem o jogo das fontes. No interior das pérgulas as pessoas riem; mas os nobres Champs-Élysées, escuros e desolados, parecem protestar contra esses mestres populares, a quem eles nunca reconheceram. Versalhes, ela também, protesta por meio dessa conflagração cujo pálido reflexo ilumina o Arco do Triunfo, e a sua massa sombria paira sobre a guerra civil.

Às onze horas como a multidão se retira, ouvimos um ruído vindo do lado da capela. O sr. Schoelcher acabara de ser preso. Ele foi levado à prefeitura onde, algumas poucas horas depois, o procurador Rigault o põe em liberdade.

Os boulevards estão movimentados pelo povo que sai dos teatros. No Café-Peters há uma escandalosa aglomeração de oficiais e prostitutas. Subitamente um destacamento de Guardas Nacionais aparece e leva-os dali. Nós os seguimos ao Paço Municipal onde Ranvier, que lá está de plantão, os recebe. Uma condenação sumária tem lugar: as mulheres para St. Lazare, os oficiais, com pás e picaretas, para as trincheiras.

Uma da manhã. Paris dorme tranquilamente. Tal é, meu amigo, a Paris do bandido. Você viu essa Paris pensando, chorando, combatendo, trabalhando, entusiástica, fraterna, severa face ao vício. Suas ruas livres durante o dia, são elas menos seguras no silêncio da noite? Desde que Paris passou a ter a sua própria polícia o crime desapareceu. Cada um é deixado a seus próprios instintos, e onde você vê a devassidão vitoriosa? Esses Federados, que poderiam auferir bilhões, vivem com soldos ridículos comparados aos seus salários habituais. Reconhece você finalmente essa Paris, sete vezes fuzilada desde 1789, e sempre pronta a levantar-se pela salvação da França? Onde está o seu programa, você pergunta? Ora, busque-o bem à sua frente, e não no vacilante Paço Municipal. Essas muralhas fumegantes, essas explosões de heroísmo, essas mulheres, esses homens de todas as profissões unidos, todos os trabalhadores do mundo aplaudindo o nosso combate, todos os monarcas, todos os burgueses amalgamados contra nós, não exprimem eles claro o suficiente o nosso pensamento comum, e que todos nós estamos lutando pela igualdade, pela emancipação do trabalho, pelo advento de uma sociedade social? Ai da França, se ela não compreender! Vá embora imediatamente; conte a todos o que é Paris. Se ela morrer, que vida restará a você? Quem mais, exceto Paris, terá a força suficiente para continuar a Revolução? Quem mais, exceto Paris, sufocará o monstro clerical? Vá, diga às províncias Republicanas, "*Esses proletários lutam por vocês também, que talvez sejam os exilados de amanhã.*" Quanto a essa classe, a abastecedora dos impérios, que sonha governar por meio de carnificinas periódicas, vá e diga-lhes, em um timbre alto o bastante para abafar os seus clamores, "*O sangue do povo adubará o campo revolucionário. A idéia de Paris irá erguer-se das suas entranhas incendiadas e tornar-se um inexorável agitador dos filhos dos massacrados.*"

CAPÍTULO XXVI

*O portão de St. Cloud acaba de abater-se. O general Douai precipitou-se por ele
O sr. Thiers aos Governadores, 21 de maio*

OS VERSALHESES ENTRAM EM PARIS NO DOMINGO, 21 DE MAIO, ÀS TRÊS HORAS DA TARDE O CONSELHO DA COMUNA DISSOLVE-SE

O grande ataque aproximava-se; a Assembléia perfilou-se em formação de batalha. Em 16 de maio ela recusou-se a reconhecer a República como o Governo da França, e votou orações públicas por 417 vozes de um total de 420. No dia 17 o exército estabeleceu as suas baterias de assalto diante dos portões de La Muette, Auteuil, St. Cloud, Point du Jour e Issy. As baterias da retaguarda continuavam a martelar a muralha do Point du Jour e a arrasar Passy. As peças do Château de Brécon arruinaram o cemitério de Montmartre, e alcançavam tão longe quanto a praça St. Pierre. Nós tínhamos cinco distritos sob o fogo da artilharia.

Na noite do dia 18 os Versalheses surpreenderam os Federados de Cachan, ao aproximarem-se deles gritando "*Vive la Commune!*" Entretanto, nós conseguimos impedir o seu

movimento rumo a Hautes-Bruyères. Os frades Dominicanos que do seu convento fizeram sinais ao inimigo foram presos e levados à fortaleza de Bicêtre.

19 de maio - Apesar da aproximação dos Versalheses, as nossas defesas não tornaram-se mais vigorosas. Os bastiões 72 e 73 lançavam uns poucos obuses ocasionais sobre a aldeia e a fortaleza de Issy. Do Point du Jour à Porte-Maillot nós tínhamos apenas o canhão do portão Dauphine para responder às centenas de peças Versalhesas e reprimir os seus trabalhos no bosque de Boulogne. Umhas poucas barricadas nos portões Bineau e Asnières e no boulevard d'Italie, dois redutos na praça de la Concorde e na rua Castiglione, um fosso na rua Royale e um outro no Trocadéro; isso era tudo o que o Conselho havia feito em sete semanas para a defesa do interior. Não havia nenhum trabalho na estação Montparnasse, no Panthéon, nas colinas Montmartre, onde duas ou três peças haviam sido disparadas no dia 14, apenas para matar os nossos próprios homens em Laval. Nos terraços das Tulherias cerca de doze trabalhadores cavavam melancolicamente um inútil fosso. O Comitê de Segurança Pública não podia, diziam eles, encontrar trabalhadores, quando tinham 1.500 homens ociosos no quartel Prince Eugène, 100.000 guardas sedentários e milhões de francos à mão. Uma vontade de ferro e uma firme direção ainda poderiam ter salvo tudo; e estávamos agora no período de coma, de imensa lassidão. As competições, querelas e intrigas haviam relaxado toda a energia. O Conselho ocupava-se com detalhes, com ninharias. O Comitê de Segurança Pública multiplicava as suas proclamações românticas, que não comoviam ninguém. O Comitê Central pensava somente em apossar-se de um poder que ele era incapaz de empunhar, e no dia 19 declarou-se administrador do Gabinete de Guerra. Os seus membros estavam tão convencidos do seu próprio poder que um deles ordenou, através de um decreto inserido no *Officiel*, que todos os habitantes de Paris "*se apresentassem em suas residências no prazo de quarenta e oito horas,*" sob pena de "*ter as suas escrituras no grande livro queimadas.*" Isso era um penduricalho do cartão civil.

Nossos melhores batalhões, dizimados, abandonados a si próprios, não passavam de destroços. Desde o início de abril havíamos perdido 4.000 homens, mortos ou feridos, e 3.500 feitos prisioneiros. Restavam-nos agora 2.000 homens de Asnières a Neuilly, 4.000 talvez de La Muette a Petit-Vanves. Os batalhões designados para os postos de Passy não estavam lá, ou ficavam nas casas distantes das muralhas; muitos dos seus oficiais haviam desaparecido. Nos bastiões 36 a 70, precisamente no ponto de ataque, não havia vinte artilheiros; os sentinelas estavam ausentes.

Era isso traição? Os conspiradores gabaram-se poucos dias mais tarde de ter desmantelado essas muralhas; mas o terrível bombardeio teria bastado para explicar essa deserção. Ainda assim houve uma imperdoável negligência. Dombrowski, cansado de lutar contra a inércia do Gabinete de Guerra, estava desencorajado, ia com excessiva frequência a seu alojamento na praça Vendôme, enquanto o Comitê de Segurança Pública, informado do abandono das muralhas, contentava-se em alertar o Gabinete de Guerra em vez de acorrer em socorro e tomar a situação nas mãos.

No sábado, 20 de maio, as baterias de assalto foram expostas; as detonações combinadas de 300 canhões navais e peças de sítio anunciaram o princípio do fim.

No mesmo dia Beaufond, a quem a prisão de Lasnier não havia desencorajado, enviou o seu emissário habitual para alertar o chefe do estado-maior de Versalhes que os portões de Montrouge, Vanves, Vaugirard, Point du Jour e Dauphine estavam inteiramente desertados. Ordens para concentrar as tropas foram imediatamente dadas. No dia 21 os Versalheses encontravam-se em prontidão, como estiveram nos dias 3 e 12, mas dessa vez o sucesso parecia certo; o portão de St. Cloud foi feito em pedaços.

Por vários dias alguns membros do Conselho vinham apontando essa brecha ao chefe do estado-maior, Henry Prodhomme. Ele respondeu à *la Cluseret* que as suas medidas estavam tomadas; que ele ia mesmo erguer uma terrível barricada blindada diante desse portão; mas ele não se mexeu. Na manhã de domingo Lefrançais, ao atravessar o fosso sobre as ruínas da ponte levadiça, a cerca de quinze jardas de distância deu de cara com as trincheiras Versalhesas. Confrontado com a iminência do perigo ele enviou uma nota a Delescluze, que foi perdida.

Às duas e meia, à sombra das Tulherias, um concerto gigantesco estava sendo oferecido em

benefício das viúvas e dos órfãos da Comuna. Milhares de pessoas haviam comparecido; os vistosos vestidos primaveris das mulheres coloriam as alamedas verdes; as pessoas inalavam avidamente o ar fresco exalado das grandes árvores. Na praça de la Concorde a duzentas jardas dali os obuses Versalheses explodiram, emitindo a sua nota dissonante em meio ao som festivo das bandas e o revigorante hálito da primavera.

Ao final do concerto um oficial do estado-maior ascendeu à plataforma do maestro da orquestra. *"Cidadãos,"* disse ele, *"o sr. Thiers prometeu entrar em Paris ontem. O sr. Thiers não entrou; ele não entrará. Eu os convido a vir aqui no próximo domingo, nesse mesmo local, para o nosso segundo concerto em benefício das viúvas e dos órfãos."*

Naquela mesma hora, naquele exato minuto, quase à distância de um tiro, a vanguarda dos Versalheses estava fazendo a sua entrada em Paris.

O aguardado sinal do portão de St. Cloud havia finalmente sido dado, mas não veio dos conspiradores oficiais. Um espião amador, Ducatel, estava passando pelas redondezas quando notou que tudo, portões e muralhas, estavam absolutamente desertos. Daí ele escalou o bastião 64, acenou com um lenço branco e gritou aos soldados nas trincheiras, *"Vocês podem entrar; não há ninguém aqui."* Um oficial da marinha adiantou-se, interrogou Ducatel, atravessou as ruínas da ponte levadiça, e certificou-se de que os bastiões e as casas da vizinhança estavam inteiramente abandonados. Retornando imediatamente às trincheiras, ele telegrafou a novidade aos generais mais próximos. As baterias de assalto cessaram o fogo e os soldados das trincheiras próximas cruzaram a muralha em pequenos pelotões. O sr. Thiers, MacMahon e o almirante Pothuan, que estavam justamente naquele momento em Mont-Valérien, telegrafaram a Versalhes para fazer mobilizar todas as divisões.

Ausente do seu quartel-general de La Muette desde cedo, Dombrowski retornou às quatro horas. Um comandante o encontrou e informou-o da entrada dos Versalheses. Dombrowski deixou o oficial terminar o seu relatório e então, virando-se para um de seus ajudantes-de-campo, com essa frieza que ele exagerava em circunstâncias críticas, disse, *"Mande buscar no Ministério da Marinha uma bateria de sete canhões; alerte tais e tais batalhões. Estou assumindo o comando eu próprio."* Ele também endereçou um despacho ao Comitê de Segurança Pública e ao Gabinete de Guerra, e enviou o batalhão de voluntários para ocupar o portão de Auteuil.

Às cinco horas Guardas Nacionais, sem quepes e sem armas, deram o grito de alarme nas ruas de Passy; alguns oficiais desembainharam os sabres tentando detê-los; os Federados saíram de casa, alguns municando as suas armas, outros insistindo que tratava-se de um alarme falso. O comandante dos voluntários reuniu todos os homens que conseguiu convencer e partiu.

Esses voluntários eram homens habituados ao fogo. Próximo à estação ferroviária eles viram os casacas vermelhas e receberam-nos com uma salva de balas. Um oficial Versalhês a cavalo, que lançara-se à frente com o sabre desembainhado tentando exortar os seus homens, caiu sob as nossas balas e os seus soldados recuaram. Os Federados estabeleceram-se solidamente sobre o viaduto e na abertura do boulevard Murat enquanto, ao mesmo tempo, erguiam uma barricada no cais em face da ponte d'Iéna.

O despacho de Dombrowski chegara ao Comitê de Segurança Pública. Billioray, de plantão nesse momento, partiu imediatamente para o Conselho. A Assembléia estava justamente procedendo ao julgamento de Cluseret e Vermorel estava falando. Sentado em uma cadeira, o ex-delegado escutava o orador com essa presunçosa indiferença que os ingênuos tomam por talento. Muito pálido, Billioray entrou e sentou-se por um momento; então, como Vermorel continuasse, ele gritou-lhe, *"Conclua! conclua! Eu tenho um comunicado da maior importância para a Assembléia; eu peço uma sessão secreta."*

Vermorel: *"Que o cidadão Billioray fale."*

Billioray levantou-se e leu um papel que tremia ligeiramente em sua mão. *"Dombrowski ao Gabinete de Guerra e ao Comitê de Segurança Pública. Os Versalheses entraram pelo portão de St. Cloud. Estou tomando medidas para fazê-los recuar. Se vocês puderem enviar-me reforços, eu respondo por tudo."*

Houve primeiro um silêncio de angústia, logo rompido por interpelações. *"Alguns batalhões*

marcharam para lá," respondeu Billioray; "o Comitê de Segurança Pública está vigilante."

A discussão foi novamente retomada, e naturalmente interrompida. O Conselho absolveu Cluseret; o ridículo *impeachment* proposto por Miot, baseado apenas em rumores, negligenciou o único fato incriminador - a inatividade de Cluseret durante a sua delegação. Eles então dividiram-se em grupos e comentaram o despacho. A confiança de Dombrowski, a asseveração de Billioray, pareceram um tanto suficientes aos românticos. Em parte pela fé no general, a solidez das muralhas, a imortalidade da causa; em parte com a responsabilidade do Comitê de Segurança Pública, a questão em pauta foi desconsiderada; que cada um saia em busca de informação e, em caso de necessidade, dirija-se ao seu próprio distrito.

O tempo foi perdido com conversa fiada; não houve moção nem debate; soaram oito horas, e o presidente suspendeu a sessão. A última sessão do Conselho! E não houve ninguém que requeresse um comitê permanente; ninguém que clamasse ao seu colega que esperasse aqui por notícias, que intimasse o Comitê de Segurança Pública às barras do Conselho. Não houve ninguém que insistisse que, nesse momento crítico de incerteza, quando talvez pudesse ser necessário improvisar um plano de defesa em questão de minutos, ou tomar uma grande resolução em caso de desastre, o posto dos guardiães de Paris era no centro, no Paço Municipal, e não em seus respectivos distritos.

Assim o Conselho da Comuna desapareceu da história e do Paço Municipal no momento de perigo supremo, quando os Versalheses penetravam em Paris.

A mesma prostração reinava no Gabinete de Guerra, onde eles haviam recebido a notícia às cinco horas. O Comitê Central foi ter com Delescluze, que pareceu muito calmo e disse o que muitos de fato acreditavam, que a luta nas ruas seria favorável à Comuna. O comandante da seção do Point du Jour tendo justamente chegado para relatar que nada de sério havia acontecido, o delegado aceitou as suas declarações sem corroboração. O chefe do estado-maior nem sequer pensou que valeria a pena ir fazer um reconhecimento pessoal, e por volta das oito horas ele fez afixar um cartaz com esse incrível despacho: *"O observatório do Arco do Triunfo nega a entrada dos Versalheses; pelo menos, ele não vê nada que se pareça com isso. O Comandante (Renaud) da seção acaba de deixar o meu gabinete, e declara que houve apenas um pânico, e que o portão de Auteuil não foi forçado; que se uns poucos Versalheses entraram, eles foram repelidos. Eu convoquei onze batalhões de reforços, chefiados por um igual número de oficiais do estado-maior, que não deverão deixá-los até que tenham-nos conduzido aos postos que deverão ocupar."*

A essa mesma hora o sr. Thiers telegrafou aos seus governadores, *"O portão de St. Cloud caiu sob o fogo dos nossos canhões. O general Douai arremeteu-se para dentro da cidade."* Uma dupla mentira. O portão de St. Cloud havia estado escancarado por três dias sem que os Versalheses ousassem cruzá-lo, e o general Douai rastejou para dentro de forma muito modesta, um homem de cada vez, introduzidos à traição.

À noite o Ministério pareceu despertar um pouco. Oficiais chegavam lá em busca de ordens. O estado-maior não iria permitir que o alarme fosse soado, sob o pretexto de que a população não deveria ser alarmada. Alguns membros do Conselho olharam com atenção o mapa de Paris finalmente, estudando esses pontos estratégicos que haviam sido esquecidos por seis semanas. Quando era necessário de imediato encontrar uma idéia, um método, e dar instruções precisas, o delegado trancou-se em seu gabinete com o fim de redigir uma proclamação.

Enquanto no meio de Paris, confiantes nos curadores da cidade, uns poucos homens, sem soldados, sem informação, preparavam a primeira resistência, os Versalheses continuavam a deslizar através das brechas das muralhas. Onda após onda a sua inundação crescia em silêncio, velada pelo crepúsculo. Gradativamente eles concentravam-se entre a linha férrea e as fortificações. Às oito horas eles eram numerosos o bastante para dividirem-se em duas colunas uma das quais, tomando à esquerda, corava os bastiões 66 e 67, enquanto a outra enfileirou-se à direita sobre a estrada para Versalhes. A primeira alojou-se no centro de Passy ocupando o asilo St. Périne, a igreja e a praça d'Auteuil; a outra, depois de varrer a rudimentar barricada sobre o cais no topo da rua Guillon, por volta da uma da manhã, pela rua Raynouard, escalou o Trocadéro, nem fortificado nem guarnecido desse lado, e apossou-se dele de imediato.

No Paço Municipal os membros do Comitê de Segurança Pública haviam-se afinal reunido. Apenas Billioray evaporara-se para não ser visto novamente. Eles nada sabiam quanto ao número e posição das tropas, mas sabiam que na escuridão da noite o inimigo havia entrado em Passy. Oficiais do estado-maior enviados à Muette em missão de reconhecimento voltaram com as notícias mais reconfortantes. Logo depois às onze horas um membro do Conselho, Assi, entrou na rua Beethoven onde as luzes haviam sido apagadas. Logo o seu cavalo recusou-se a avançar; ele escorregara em grandes poças de sangue, e Guardas Nacionais pareciam estar dormindo junto às paredes. Subitamente homens saltaram à sua frente. Estes eram Versalheses de tocaia; os que pareciam dormir eram Federados assassinados.

Os Versalheses estavam efetuando uma chacina no interior das muralhas de Paris, e Paris nada sabia. A noite estava clara, estrelada, suave, fragrante; os teatros estavam lotados, os boulevards borbulhando de vida e alegria, os cafés iluminados com um enxame de visitantes e os canhões estavam por toda a parte quietos - um silêncio inédito após três semanas. Se *"o mais fino exército que a França jamais teve"* houvesse avançado pelos cais e boulevards, inteiramente livres de barricadas, de um salto, sem disparar um só tiro, ele teria esmagado a Comuna de Paris.

Os voluntários resistiram sobre a linha férrea até a meia-noite; então, exaustos, deixados sem quaisquer reforços, eles recuaram para La Muette. O general Clinchant perseguiu-os, ocupou o portão de Auteuil, passou pelo de Passy e marchou sobre o quartel-general de Dombrowski. Cinquenta voluntários por algum tempo ainda opuseram uma escaramuça no castelo mas, flanqueados pelo leste, prestes a serem isolados do Trocadéro, à uma e meia da manhã eles bateram em retirada pelos Champs-Élysées.

Na margem esquerda o general Cissey havia a noite inteira concentrado as suas forças a cerca de 200 jardas das muralhas. À meia-noite os seus sapadores cruzaram o fosso, escalaram as muralhas, sem sequer topar com um só sentinela, e abriram os portões de Sèvres e Versalhes.

Às três da manhã os Versalheses inundavam Paris através das cinco feridas abertas pelos portões de Passy, Auteuil, St. Cloud, Sèvres e Versalhes. A maior parte do 15º distrito estava ocupado, a Muette tomada; tomada toda Passy e a colina do Trocadéro, tomado também o paiol da rua Beethoven, imensas catacumbas estendendo-se sob o 16º distrito, entupidas com 3.000 barris de pólvora, milhões de cartuchos, milhares de obuses. Às cinco horas o primeiro obus Versalhês caiu sobre a *Légion d'Honneur*. Como na manhã de 2 de dezembro, Paris estava adormecida.

CAPÍTULO XXVII

Os generais que conduziram a entrada em Paris são grandes homens de guerra
O sr. Thiers à Assembléia Nacional, 22 de maio 1871

SEGUNDA-FEIRA DIA 22 OS VERSALHESES INVADEM OS BAIRROS DO LESTE PARIS LEVANTA-SE

Às duas horas Dombrowski chegou ao Paço Municipal, pálido, abatido, o peito arranhado por pedras desenterradas pelos obuses. Ele contou ao Comitê de Segurança Pública sobre a entrada dos Versalheses, a surpresa de Passy, os seus inúteis esforços em reunir os homens. Como eles o pressionassem por notícias, como parecessem espantados diante de uma invasão tão rápida, tão pouco sabia o Comitê sobre a situação militar, Dombrowski, não os compreendendo, exclamou, *"Como! o Comitê de Segurança Pública toma-me por um traidor! A minha vida pertence à Comuna."* O seu gesto, a sua voz, eram testemunhas do seu amargo desespero.

A manhã estava morna e brilhante, como no dia anterior. A chamada às armas, o bater do sino, colocaram três ou quatro mil homens de pé, que acorreram rumo às Tulherias, o Paço Municipal e o Gabinete de Guerra; mas centenas de outros nesse momento haviam abandonado os seus postos, deixado Passy, e esvaziado o 15º distrito. Os Federados de Petit-Vanves voltaram para Paris às cinco horas, e vendo o Trocadéro ocupado pelos Versalheses, recusaram-se a resistir. Na margem esquerda, na praça St. Clothilde, alguns oficiais tentaram controlá-los mas foram repelidos pelos guardas. *"Esta é agora uma guerra de barricadas,"* disseram eles; *"cada um para o seu bairro"* Na *Légion d'Honneur* eles forçaram a sua passagem; a proclamação de

Delescluze havia-os desobrigado.

Assim começava essa fatal proclamação afixada em cartazes por todas as paredes: -

"Chega de militarismo! Chega de oficiais do estado-maior com seus uniformes bordados de ouro! Abram alas para o povo, para os combatentes de braços nus! A hora da guerra revolucionária chegou! O povo nada sabe sobre manobras estudadas. Mas quando têm uma arma na mão, paralelepípedos sob os pés, eles não temem todos os estrategistas da escola monárquica!"

Quando o Ministro da Guerra estigmatiza assim toda disciplina, quem irá obedecer daí para a frente? Quando ele repudia todo método, quem irá dar ouvidos à razão? Dessa maneira nós veremos centenas de homens recusando-se a deixar a calçada das suas ruas, não dando nenhum ouvido ao bairro vizinho em agonia, permanecendo imóveis até a última hora esperando que o exército venha e os esmague.

Às cinco da manhã a retirada oficial começou. O chefe do estado-maior, Henri Prodhomme, fez evacuar precipitadamente o Gabinete de Guerra, sem carregar consigo os papéis ou destruí-los. No dia seguinte eles caíram nas mãos dos Versalheses, e abasteceram as cortes marciais com milhares de vítimas.

Ao deixar o Ministério Delescluze encontrou Brunel que, colocado em liberdade somente na noite anterior, havia imediatamente reunido a sua legião e agora vinha oferecer os seus serviços, pois ele era um desses homens de convicções fortes demais para serem abaladas pela mais cruel injustiça. Delescluze deu-lhe a ordem de defender a praça de la Concorde. Brunel partiu para lá e posicionou 150 atiradores, três peças de 4 cm, uma de 12, duas de 7 sobre o terraço das Tulherias e à margem do rio. Ele supriu o reduto St. Florentin com uma metralhadora e uma peça de 4; o da rua Royale, à entrada da praça de la Concorde, com duas peças de 12.

Em frente a Brunel, na praça Beauvan, alguns homens da 8ª legião fizeram vãos esforços para deter os fugitivos de Passy e Auteuil, e então dispuseram-se a colocar o bairro em um estado apto à defesa. Barricadas foram erguidas no *faubourg* St. Honoré estendendo-se até a embaixada inglesa, na rua de Suresne e Ville-Levéque; obstáculos foram amontoados na praça St. Augustin, na abertura do boulevard Haussmann e em frente ao boulevard Malesherbes, quando os Versalheses se apresentaram.

Às primeiras horas da manhã eles haviam iniciado a sua marcha à frente. Às cinco e meia Douai, Clinchant e Ladmirault, passando ao longo das muralhas, desembocaram na avenida de la Grande Armée. Os artilheiros da Porte-Maillot, voltando-se, vislumbraram em sua retaguarda os Versalheses, seus vizinhos por cerca de dez horas. Nem um só sentinela havia-os denunciado. Monteret fez vazar os seus homens pelo Ternes; então, sozinho com uma criança, carregou um dos canhões da Porte-Maillot, disparou a sua última salva contra o inimigo e conseguiu escapar por Batignolles.

A coluna Douai subiu a avenida até a barricada do Arco do Triunfo, que eles tomaram sem luta, os Federados mal tendo tempo de levar embora os canhões que pretendiam posicionar no topo do Arco. Os soldados marcharam ao longo dos cais e aventuraram-se na silenciosa praça de la Concorde; subitamente o terraço das Tulherias acendeu-se; recebidos com uma salva à queima-roupa, os Versalheses só pararam de correr no Palais de l'Industrie, deixando muitos mortos para trás.

À esquerda os soldados ocuparam o Élysée abandonado, e pelas ruas Morny e Abbaticci desembocaram na praça Sr. Augustin onde, mal começadas, as barricadas não puderam resistir e por volta das sete e meia os Versalheses instalaram-se no quartel Pepinière. Os Federados formaram uma segunda linha na retaguarda, fechando o boulevard Malesherbes no topo da rua Boissy d'Anglas.

À esquerda de Douai, Clinchant e Admirault continuaram o seu movimento ao longo das muralhas. Os importantes trabalhos nos portões de Bineau, Courcelles, Asnières e Clichy, dirigidos contra as fortificações, tornaram-se inúteis e o Ternes foi ocupado sem disparar-se um só tiro. Ao mesmo tempo uma das divisões de Clinchant passou por fora das muralhas. Os batalhões Federados de serviço em Neuilly, Levallois-Perret e St. Ouen foram fuzilados pela

retaguarda - (esse foi o primeiro indício que tiveram da entrada dos Versalheses) - e muitos Federados foram feitos prisioneiros. Outros conseguiram retornar a Paris pelos portões de Bineau, Asnières e Clichy, espalhando o pânico e rumores de traição no 17º distrito.

A chamada rufara durante toda a noite em Batignolles, e convocara os guardas sedentários e os jovens. Um batalhão de engenheiros lançou-se à frente para encontrar os escaramuçadores de Clinchant, e começou a disparar diante do parque Monceau e da praça Wagram quando os Guardas Nacionais, confundidos por suas calças vermelhas, abriram um fogo letal sobre eles. Eles recuaram e deixaram o parque descoberto, que os Versalheses ocuparam, e então continuaram avançando para Batignolles. Lá eles foram detidos por barricadas erguendo-se de todos os lados; à esquerda, da praça Clichy à rua Lévis; no centro, nas ruas Leboutoux, La Condamine e des Dames; à direita, La Fourche, posição rival da praça Clichy, fora fortificada, e logo Batignolles formou um sério obstáculo para chegar-se a Montmartre, a nossa principal fortaleza.

Por dezessete horas esta observara em silêncio a entrada das tropas de Versalhes. Pela manhã as colunas de Douai e Ladmirault, com sua artilharia e seus vagões, haviam-se encontrado e emaranharam-se na praça du Trocadéro. Uns poucos obuses de Montmartre teriam transformado essa confusão em um caótico tumulto, e a menor oposição encontrada pelas tropas à sua entrada teria sido para Paris um segundo 18 de março; mas os canhões de Montmartre permaneceram mudos.

Uma monstruosa negligência, que por si só bastaria para condenar o Conselho, o Gabinete de Guerra e os delegados de Montmartre. Oitenta e cinco canhões e cerca de vinte metralhadoras estavam lá parados, sujos, em desordem, e ninguém durante essas oito semanas sequer pensou em limpá-los. Havia projéteis de 7 cm em abundância, mas não havia cartuchos. No Moulin de la Galette somente três peças de 24 cm estavam providas de carretas, mas não havia parapeitos, blindagens e nem mesmo plataformas. Às nove da manhã eles não haviam ainda disparado; depois da primeira descarga o coice fez capotar as carretas e precisou-se muito tempo para ajustá-las de novo. Essas três peças elas próprias tinham muito pouca munição. Quanto a fortificações e aterros, não havia nada; não mais que umas poucas barricadas ao pé dos boulevards externos haviam sido iniciadas. Às nove horas La Cécilia foi a Montmartre e encontrou a defesa nesse estado vergonhoso. Ele imediatamente endereçou despachos ao Paço Municipal, conjurando os membros do Conselho a vir eles próprios, ou pelo menos enviar reforços de homens e munições.

Algo semelhante ocorreu ao mesmo tempo na margem esquerda na Escola Militar. Face a face com o seu parque de artilharia, os Versalheses estiveram manobrando no Trocadéro desde uma da manhã sem tomarem um único tiro. De que ocupava-se, então, o governador da Escola?

Ao romper do dia a brigada Langourian atacou as cabanas do Campo de Marte. Os Federados defenderam-se por várias horas, e somente foram desalojados pelos obuses do Trocadéro, que provocaram um incêndio. Eles então recuaram para a Escola, e ao neutralizarem por um longo tempo o esforço das tropas, deram tempo ao 17º distrito de se levantar. Os cais até a *Légion d'Honneur*, as ruas de Lille, de l'Université e o boulevard St. Germain até a rua Solférino estavam erguendo barricadas. Meia dúzia dos conspiradores das Braçadeiras, conduzidos por Durouchoux e Vrignault, desciam a rua du Bac em grande velocidade quando um membro do Conselho, Sicard, prendeu-os em frente ao Petit St. Thomas. Uma bala atingiu Durouchoux; seus acólitos o carregaram e aproveitaram-se da ocasião para não aparecer de novo. A rua de Beaune, Verneuil e St. Pères foram postas em estado de defesa, e uma barricada foi erguida na rua de Sèvres na Abbaye-au-Bois.

À direita os soldados de Cisseey desceram a rua Vaugirard desimpedidos até a avenida du Maine; uma outra coluna enfileirou-se ao longo da linha férrea, e às seis e meia alcançou a estação de Montparnasse. Essa posição, de suprema importância, havia sido totalmente negligenciada; cerca de vinte homens a defendiam, eles logo ficaram sem cartuchos e foram obrigados a recuar para a rua de Rennes onde, sob o fogo das tropas, construíram uma barricada no topo da rua du Vieux Colombier. Em sua extrema direita Cisseey ocupou o portão de Vanves e posicionou-se ao longo de toda a linha férrea do oeste.

Paris despertou sob o rugido dos canhões e leu a proclamação de Delescluze. As lojas foram imediatamente fechadas de novo, os boulevards permaneceram vazios e Paris, a velha

insurgente, retomou a sua fisionomia combativa. Estafetas passavam em disparada pelas ruas e resíduos de batalhões vinham ao Paço Municipal, onde o Comitê Central, o Comitê de Artilharia e todos os serviços militares estavam concentrados.

Às nove horas vinte membros do Conselho haviam-se reunido. Um milagre! Lá estava Félix Pyat, que gritara *"Às armas!"* em seu jornal naquela manhã mesmo. Ela assumiu o seu ar patriarcal. *"Bem, meus amigos, a nossa última hora chegou. Oh! quanto a mim, que importa! Meu cabelo está grisalho, minha carreira encerrada. Que fim mais glorioso poderia eu esperar do que em uma barricada. Mas quando vejo à minha volta tantos na flor da juventude, eu tremo pelo futuro da Revolução!"* Então ele requereu que os nomes dos membros presentes deveriam ser registrados, com o fim de marcar distintamente aqueles fiéis ao seu dever. Ele assinou o seu nome e, com lágrimas nos olhos, o velho comediante saiu rapidamente em busca de um esconderijo, excedendo com a sua última covardia todas as suas vilanias passadas.

Uma estéril reunião essa, gasta na discussão das novidades do dia; nenhum impulso dado, nenhum sistema de defesa proposto. Os Federados foram abandonados às suas próprias inspirações - fadados a cuidarem de si próprios. Durante toda a noite anterior nem Dombrowski, nem o Gabinete de Guerra, nem o Paço Municipal haviam pensado nos batalhões fora da cidade. Dali em diante cada corpo nada tinha a esperar senão o que partisse da sua própria iniciativa, os recursos que fosse capaz de criar, e a inteligência dos seus chefes.

Na falta de direções, proclamações abundavam.

"Que os bons cidadãos levantem-se! Às barricadas! O inimigo está dentro das nossas muralhas. Nenhuma hesitação. À frente, pela Comuna e pela liberdade. Às armas!"

"Que Paris arpie-se em barricadas, e de trás dessas improvisadas muralhas ainda lance a seus inimigos o seu grito de guerra, de orgulho, de desafio, mas também de vitória; pois Paris com as suas barricadas é inexpugnável."

Grandes palavras; nada mais do que palavras.

Meio-dia - O general Cissey contornou a Escola Militar, e com isso forçou os seus últimos defensores. Os soldados invadiram a Esplanade des Invalides e entraram pela rua Grenelle St. Germain, quando a Escola do Estado-Maior explodiu e os pôs em fuga. Dois dos nossos canhões batiam de enfiada a rua de l'Université; quatro canhoneiras ancoradas sob o Pont-Royal abriram fogo sobre o Trocadéro. Pelo centro, no 8º distrito, os Versalheses escaramuçavam. Em Batignolles eles não avançavam, mas seus obuses fustigavam a rua Lévis. Nós também perdemos muitos homens na rua Cardinet, onde crianças estavam lutando furiosamente.

Malon e Jaclard, que dirigiam essa parte da defesa, haviam em vão desde a manhã pedido reforços a Montmartre; por volta de uma hora portanto eles próprios saíram em busca deles. Nenhum dos oficiais do estado-maior pôde dar-lhes a menor informação. Os Federados estavam vagando pelas ruas ou proseando em pequenos grupos. Malon queria trazê-los de volta consigo mas eles recusaram, dizendo que estavam reservando-se para a defesa da sua própria vizinhança. Os canhões de Montmartre estavam mudos, em falta de cartuchos; o Paço Municipal enviara apenas palavras.

Contudo havia dois generais na colina, Cluseret e La Cécilia, o ex-delegado exercendo a sua sonolenta incapacidade, enquanto La Cécilia, desconhecido no bairro, de imediato viu-se impotente.

Duas horas - O Paço Municipal havia novamente assumido o seu grande aspecto de março. À direita o Comitê de Segurança Pública e à esquerda o Gabinete de Guerra estavam em efervescência. O Comitê Central multiplicava as suas ordens e exclamava contra a incapacidade dos membros do Conselho, apesar de ser ele próprio incapaz de produzir uma única idéia precisa. O Comitê de Artilharia, mais assediado do que nunca, não conseguia administrar os seus canhões, não sabia a quem dá-los, e muitas vezes recusava peças às posições mais importantes.

Os delegados do Congresso de Lyon, conduzidos pelos srs. Jules Amigue e J. Larroque, vieram oferecer a sua intervenção mas não tinham nenhum mandato, e sequer sabiam se o sr. Thiers

os admitiria. Eles foram recebidos um tanto friamente. Além do quê, muitos no Paço Municipal acreditavam na vitória, e quase rejubilaram-se com a entrada dos Versalheses; pois de fato Paris parecia estar se levantando.

As barricadas aumentavam rapidamente. A da rua de Rivoli, destinada a proteger o Paço Municipal, foi erguida à entrada da praça St. Jacques, na esquina da rua St. Denis. Cinquenta trabalhadores fizeram o trabalho de alvenaria, enquanto enxames de crianças empurravam carrinhos cheios de terra da praça. Esse trabalho, profundo de várias jardas, alto de seis jardas, com fossos, seterias, fortificado, tão sólido quanto o reduto Florentin que levava semanas para ser erguido, foi completado em algumas poucas horas - um exemplo do que um esforço inteligente no momento certo poderia ter feito pela defesa de Paris. No 9º distrito, as ruas Auber, de la Chaussée d'Antin, de Châteaudun, a encruzilhada do *faubourg* Montmartre, Notre Dame de Lorette, de la Trinité e a rua des Martyrs tinham o calçamento arrancado. Os grandes acessos, La Chapelle, colinas Chaumont, Belleville, Ménilmontant, a rua de la Roquette, a Bastilha, os boulevards Voltaire e Richard Lenoir, a praça du Château d'Eau, os grandes boulevards especialmente do portão St. Denis; e na margem esquerda toda a extensão do boulevard Sr. Michel, o Panthéon, a rua St. Jacques, o Gobelins, e as principais avenidas do 13º distrito estavam sendo bloqueadas por barricadas. Uma grande parte desses trabalhos de defesa jamais foi completada.

Enquanto Paris preparava-se para a batalha final, Versalhes estava louca de alegria. A Assembléia havia-se reunido mais cedo, e o sr. Thiers não iria ceder a nenhum dos seus Ministros a glória de anunciar as primeiras chacinas em Paris. O seu aparecimento na tribuna foi saudado por ferozes aclamações. *"A causa da justiça, ordem, humanidade e civilização triunfou,"* berrou o homenzinho. *"Os generais que conduziram a entrada em Paris são grandes homens de guerra. A expiação será completa. Ela terá lugar em nome da lei, pela lei, com a lei."* Compreendendo essa promessa de um massacre, a Câmara ergueu-se como um só homem e através de um voto unânime, Direita, Esquerda, Centro, Clericais, Republicanos e Monarquistas, declarou que *"o exército Versalhês e o chefe do poder executivo foram dignos do país."*

A sessão foi imediatamente suspensa, os deputados partindo às pressas para a Lanterne de Diogène, Châtillon e Mont-Valérien, para todas as elevações de onde pudessem, como em um imenso Coliseu, observar a carnificina de Paris sem incorrer no menor perigo. A população de ociosos acompanhou-os e nessa estrada de Versalhes, deputados, cortesãos, mulheres do mundo, jornalistas, funcionários, picados pela mesma excitação, às vezes empilhados na mesma carruagem, exibiram diante dos prussianos e da França o espetáculo de uma saturnália da burguesia.

Depois das oito horas o exército parou de avançar, salvo no 8º distrito, onde a barricada diante da embaixada inglesa foi contornada pelos jardins. A nossa linha do *faubourg* St. Germain resistia do Sena à estação de Montparnasse, a qual estávamos canhoneando.

Ao cair da noite a fuzilaria arrefeceu, mas o canhoneio ainda prosseguia. Um clarão vermelho luzia nas Tulherias; o Ministério das Finanças estava em chamas. Ele havia durante todo o dia recebido parte dos obuses Versalheses destinados ao terraço das Tulherias, e os papéis empilhados em seus pavimentos superiores haviam pegado fogo. Os bombeiros da Comuna haviam a princípio extinguido esse incêndio, interferindo na defesa do reduto St. Florentin, mas ele logo acendeu-se de novo e tornou-se incontrolável.

Começaram então aquelas noite de horror onde, sob o rugir dos canhões, à luz vaga das casas em chamas, homens buscavam uns aos outros em meio a poças de sangue. A Paris da revolta havia-se aos poucos levantado. Os seus batalhões desciam rumo ao Paço Municipal tendo à frente bandas e a bandeira vermelha. Pequenos em número, um batalhão forte talvez de duzentos homens, mas resolutos, esses Federados marchavam à frente em silêncio; também se viam, mosquetes ao ombro, esses homens devotados à Revolução Social que ciúmes pessoais haviam mantido à distância. Mas nessa hora ninguém pensava em tais recriminações. Por causa da incapacidade dos chefes, deveriam os soldados desertar a sua bandeira? A Paris de 1871 representava contra Versalhes a Revolução Social e os novos destinos da nação; é preciso estar com ela ou contra ela, a despeito das falhas cometidas. Somente os covardes se abstêm. Todos os verdadeiros revolucionistas se levantaram, mesmo aqueles que não tinham quaisquer ilusões quanto ao desfecho da luta, ávidos em desafiar a morte no serviço da sua

causa imortal.

Dez horas - Nós prosseguimos rumo ao Paço Municipal. Um irritado grupo de Federados acabara de prender Dombrowski. Sem nenhum comando desde a manhã, o general dirigira-se com seus oficiais aos postos avançados de St. Ouen e, julgando terminado o seu papel, pretendia atravessar as linhas prussianas durante a noite e ganhar a fronteira. Um comandante, que mais tarde seria fuzilado como traidor, havia incitado os seus homens contra o general sob o pretexto de que este os estivesse traindo. Levado perante o Comitê de Segurança Pública, Dombrowski exclamou indignado, "*Eles dizem que eu sou um traidor!*" Os homens do Comitê receberam-no afetuosamente, e o incidente não teve maiores consequências.

Mensageiros chegavam ao Gabinete de Guerra vindos de todos os pontos da batalha. Um grande número de guardas e oficiais emitiam ordens e despachos em meio a um contínuo alvoroço. Os pátios internos estavam cheios de vagões e carruagens, os cavalos atrelados em prontidão; munições eram despachadas e trazidas, e nenhum traço de desencorajamento, ou mesmo de ansiedade, era visível, mas em toda parte uma atividade quase alegre.

À exceção dos bairros invadidos, as ruas e boulevards estavam iluminados como de costume. À entrada do *faubourg* Montmartre as luzes cessavam abruptamente, dando a aparência de um enorme buraco negro. Essa escuridão era guardada por sentinelas Federados, soltando de quando em vez o seu grito, "*Passe ao largo!*" Daquele ponto em diante somente um silêncio ameaçador. Essas sombras movendo-se na noite pareciam assumir formas gigantescas; alguém dir-se-ia assombrado por um sonho sinistro; os mais bravos estavam impressionados.

Houve noites mais ruidosas, mais brilhantes, mais grandiosas, quando os incêndios e o canhoneio envolveram Paris, mas nenhuma de aspecto mais lúgubre. Uma noite de meditação esta, a vigília da batalha. Nós buscávamos uns aos outros na penumbra, falando baixo, dando e recebendo conforto. Nas encruzilhadas nós consultávamos uns aos outros com o fim de examinar as nossas posições e então, ao trabalho! Agora a pá e o calçamento! Que a terra seja amontoada onde os obuses possam amortecer-se contra ela; que os colchões atirados pelas janelas sirvam de abrigo aos combatentes. Daqui em diante não deverá haver mais nenhum descanso; que as pedras cimentadas com ódio apertem-se umas às outras, como os ombros dos homens alinhados rumo ao campo de batalha. O inimigo pegou-nos de surpresa, indefesos. Possa ele amanhã encontrar uma Saragoça ou uma Moscou!

Todo transeunte era recrutado. "*Venha, cidadão, dê uma mão à República!*" Na Bastilha e nos boulevards interiores viam-se multidões de trabalhadores, alguns cavando o chão, outros carregando as pedras do calçamento; crianças empunhando pás e picaretas maiores do que elas próprias. As mulheres encorajavam os homens; a mão delicada da moça erguia o pesado alvião que abatia-se com um som agudo, espalhando faíscas de fogo. Levava uma hora para penetrar seriamente através do solo. Que importa! eles passarão a noite fazendo-o. Na noite de terça-feira, na intersecção da praça St. Jacques com o boulevard Sébastopol, muitas damas do mercado trabalharam por um longo tempo enchendo sacos e cestos de vime com terra.

E esses não eram mais os redutos tradicionais altos de dois pavimentos. Salvo quatro ou cinco nas ruas St. Honoré e de Rivoli, as barricadas de maio consistiam em umas poucas pedras de calçamento erguendo-se à altura de um homem; por trás delas às vezes um canhão ou uma metralhadora; e no meio, calçada por duas pedras, a bandeira vermelha, a cor da vingança. Atrás desses farrapos de muralhas trinta homens mantiveram regimentos inteiros em cheque.

Se esse esforço geral houvesse sido dirigido pela menor idéia de combinação, se Montmartre e o Panthéon houvessem cruzado o seu fogo, o exército Versalhês ter-se-ia desintegrado em Paris; mas os Federados, sem orientações, sem conhecimento militar, não viam além do seu próprio bairro, ou mesmo da sua própria rua; de forma que em vez de 200 barricadas estratégicas solidárias, fáceis de defender com 7.000 ou 8.000 homens, centenas delas estavam espalhadas, as quais era impossível armar suficientemente. O erro geral era a crença de que seriam atacados pela frente; enquanto os Versalheses, graças aos seus números, executavam movimentos pelo flanco em toda a parte.

À noite a linha Versalhesa estendia-se da estação de Batignolles à extremidade da linha férrea do oeste na margem esquerda, passando pela estação St. Lazare, o quartel Pepinière, a embaixada inglesa, o Palais de l'Industrie, o Corpo Legislativo, a rua de Bourgogne, o boulevard

des Invalides e a estação de Montparnasse. Para fazer face ao invasor não havia senão embriões de barricadas. Se em um esforço ele irrompesse através dessa linha ainda tão fraca, teria surpreendido o centro um tanto desarmado. Mas esses 130.000 homens não ousaram. Soldados e chefes tinham medo de Paris. Eles imaginavam que as ruas iam abrir-se sob os seus pés, que as casas cairiam sobre eles; prova disso é a fábula dos torpedos, dos esgotos minados, inventada mais tarde para justificar a sua indecisão. Na noite de segunda-feira, senhores de vários distritos, eles ainda tremiam, temerosos de alguma terrível surpresa. Eles precisaram de toda a tranquilidade da noite para recuperar-se da sua conquista e convencerem-se de que o Comitê de Defesa, apesar das suas bravatas, nada havia previsto ou preparado.

CAPÍTULO XXVIII

TERÇA-FEIRA DIA 23 MONTMARTRE É TOMADA - OS MASSACRES INDISCRIMINADOS NÓS PERDEMOS TERRENO - PARIS EM CHAMAS A ÚLTIMA NOITE DO PAÇO MUNICIPAL

Os defensores das barricadas dormiram sobre as suas pedras. Os postos avançados hostis estavam de vigília. Em Batignolles os grupos de reconhecimento Versalheses arrebataram um sentinela. O Federado gritou com todas as suas forças, "*Vive la Commune!*" e assim alertados, os seus camaradas puderam por-se de sobreaviso. Ele foi fuzilado ali e na hora. De forma similar caíram d'Assas e Barra.

Às duas horas La Cécilia, acompanhado pelos membros do Conselho, Lefrançais, Vermorel e Johannard, e os jornalistas Alphonse Humbert e G. Maroteau, trouxe um reforço de 100 homens a Batignolles. Aos protestos de Malon por ter deixado o bairro sem socorro o dia todo, o general respondeu, "*eu não sou obedecido.*"

Três horas - Às barricadas! A Comuna não está morta! O ar fresco da manhã banha as faces fatigadas e renova a esperança. O canhoneio do inimigo ao longo de toda a linha saúda o romper do dia. Os artilheiros da Comuna de Montparnasse às colinas Montmartre, que parecem despertar, respondem tão bem quanto podem.

Ladmirault, quase imóvel no dia anterior, agora lançava os seus homens ao longo das fortificações, tomando todos os portões da retaguarda de Neuilly a St. Ouen. À sua direita, Clinchant atacou pelo mesmo movimento todas as barricadas de Batignolles. A rua Cardinet cedeu primeiro, então as ruas Noblet, Truffaut, La Condamine e a parte inferior da avenida de Clichy. Subitamente o portão de St. Ouen abriu-se, e os Versalheses desaguararam em Paris; era a divisão Montaudon, que desde a noite anterior vinha operando no exterior. Os prussianos haviam cedido a zona neutra e assim, com a ajuda de Bismarck, Clinchant e Ladmirault foram capazes de tomar as colinas pelos dois flancos.

Quase cercado na prefeitura do 17º distrito, Malon ordenou a retirada para Montmartre, aonde um destacamento de vinte e cinco mulheres que vieram oferecer os seus serviços lideradas pelas cidadãs Dimitrieff e Louise Michel foram também enviadas.

Prosseguindo em seu caminho, Clinchant foi detido pela barricada da praça Clichy. Para subjugar esses paralelepípedos mal arrumados atrás dos quais resistiam no máximo cinquenta homens, foi necessário o esforço combinado dos Versalheses da rua de St. Pétersbourg e dos seus atiradores do Collège Chaptal. Não tendo mais obuses, os Federados carregaram com pedras e betume; esgotada a sua pólvora, eles recuaram para a rua des Carrières e Ladmirault, senhor da avenida St. Ouen, contornou a sua barricada pelo cemitério de Montmartre. Cerca de vinte guardas recusaram a rendição e foram de imediato fuzilados pelos Versalheses.

Na retaguarda o bairro des Épinettes ainda resistia por algum tempo; afinal toda resistência cessou e por volta das nove horas toda Batignolles estava nas mãos do exército.

O Paço Municipal nada sabia ainda do progresso das tropas quando Vermorel chegou apressadamente em busca de munições para Montmartre. Quando preparava-se para partir à frente dos vagões ele encontrou Ferré e, com o sorriso que era-lhe familiar, disse, "*Bem, Ferré, os membros da minoria lutam.*" Ferré respondeu, "*Os membros da maioria cumprirão o seu dever.*" Generosa emulação desses homens, que eram ambos devotados ao povo, e que iriam

morrer de forma tão nobre.

Vermorel não pôde levar os seus vagões até Montmartre, pois os Versalheses já estavam investindo as colinas. Senhores de Batignolles, bastava-lhes estender a mão para arrebatá-lo. As colinas pareciam mortas; durante a noite o pânico havia feito o seu trabalho traiçoeiro; um após o outro os batalhões encolheram, evaporaram. Indivíduos vistos mais tarde nas fileiras do exército incitaram defecções, espalharam notícias falsas, e a todo momento prendiam chefes civis e militares sob a acusação de traição. Somente cerca de cem homens alinhavam-se na parte norte da colina; umas poucas barricadas haviam sido iniciadas à noite, mas sem espírito; somente as mulheres haviam mostrado algum ardor.

De acordo com o seu hábito usual, Cluseret havia virado fumaça. Apesar dos seus despachos e das promessas do Paço Municipal, La Cécilia não havia recebido quaisquer reforços ou munições. Às nove horas, não ouvindo mais os canhões das colinas, ele correu até lá e comprovou que os artilheiros haviam ido embora. A chegada dos fugitivos de Batignolles às dez horas só trouxe o pânico. Os Versalheses poderiam ter-se apresentado; não havia lá 200 combatentes para recebê-los.

MacMahon entretanto somente ousou tentar o assalto com as suas melhores tropas, tão temível era essa posição, tão grande o renome de Montmartre. Dois corpos inteiros do exército assaltaram-na pelas ruas Lepic, Mercadet e a Chaussée Clignancourt. De tempos em tempos alguns tiros eram disparados de algumas casas; de imediato as colunas assustadas foram paralizadas e deram início a cercos regulares. Esses 20.000 homens, que cercaram Montmartre completamente, auxiliados pela artilharia estabelecida nos baluartes da muralha, levaram três horas para escalar essas posições, defendidas sem método por umas poucas dúzias de atiradores.

Às onze horas o cemitério foi tomado, e pouco depois as tropas alcançaram o Château-Rouge. Nas cercanias houve alguns tiroteios, mas os poucos homens obstinados que ainda lutavam logo foram mortos ou bateram em retirada, desencorajados pelo seu isolamento. Arrastando-se com dificuldade por todos os aclives que conduzem ao topo da colina, os Versalheses instalaram-se ao meio-dia no Moulin de la Galette, desceram à prefeitura pela praça St. Pierre, e ocuparam a totalidade do 18º distrito sem qualquer resistência.

Assim sem uma batalha, sem um assalto, sem uma protestação de desespero sequer, foi essa inexpugnável fortaleza abandonada, da qual umas poucas centenas de homens resolutos poderiam ter mantido todo o exército Versalhês em cheque, e obrigado a Assembléia a negociar.

Mal chegado a Montmartre o estado-maior Versalhês ofereceu um holocausto às crinas de Lecomte e Clément-Thomas. Quarenta e dois homens, três mulheres e quatro crianças foram conduzidos ao nº 6 da rua des Rosiers, e forçados a ajoelhar-se de cabeça descoberta diante da parede, ao pé da qual os generais haviam sido executados em 18 de março; a seguir eles foram mortos. Segurando a sua criança nos braços, uma mulher recusou-se a ajoelhar-se e gritou a seus companheiros, *"Mostrem a esses patifes que vocês sabem morrer de pé."*

No dia seguinte esses massacres continuaram. Cada lote de prisioneiros era obrigado a parar diante dessa parede marcada de balas, e era então despachado pela ladeira de onde se vê o caminho de St. Denis.

Batignolles e Montmartre testemunharam os primeiros massacres indiscriminados. Todo indivíduo portando um uniforme ou botas regulares era fuzilado rotineiramente, sem perguntas, e sem explicações. Dessa forma os Versalheses haviam estado assassinando desde a manhã na praça de Batignolles, praça do Paço Municipal e no portão de Clichy. O parque Monceaux era o seu principal matadouro no 17º distrito. Em Montmartre os centros de extermínio eram as colinas, o Élysée, cada degrau do qual estava coberto de cadáveres, e os boulevards exteriores.

A poucos passos de Montmartre a catástrofe não era conhecida. Na praça Blanche a barricada das mulheres resistiu por várias horas aos soldados de Clinchant; elas então recuaram rumo à barricada Pigalle, que caiu por volta das duas horas. O seu chefe foi conduzido à presença de um chefe de batalhão Versalhês. *"Quem é você?"* perguntou o oficial. *"Lévêque, pedreiro, membro do Comitê Central."* O Versalhês descarregou o revólver em seu rosto; os soldados acabaram de matá-lo.

Na outra margem do Sena a nossa defesa teve mais sucesso. Os Versalheses puderam desde a manhã ocupar o quartel Babylone e l'Abbaye-au-Bois, mas Varlin parou-os na encruzilhada de Croix-Rouge. Essa encruzilhada permanecerá célebre na defesa de Paris. Todas as ruas que dão acesso a ela haviam sido bloqueadas por poderosas barricadas, e esse baluarte somente foi abandonado quando o fogo e os obuses reduziram-no a uma pilha de escombros. Às margens do rio, nas ruas de l'Université, St. Dominique, St. Germain e de Grenelle, os 67º, 135º, 138º e 147º batalhões, apoiados pelos *enfants perdus* e pelos atiradores, resistiram obstinadamente. Na rua de Rennes e nos boulevards contíguos os Versalheses esgotaram a sua força. Na rua Vavin, onde Lisbonne conduzia a defesa, a resistência foi prodigiosa; essa sentinela avançada impediu por dois dias a invasão do Luxembourg.

Estávamos menos seguros em nossa extrema esquerda. Mais cedo nesse dia os Versalheses haviam investido contra o cemitério de Montparnasse, que nós defendíamos com um punhado de homens. Próximo ao restaurante Richefeu os Federados, deixando o inimigo aproximar-se, acionaram as suas metralhadoras; mas em vão, pois os Versalheses eram numerosos o bastante para cercar os poucos defensores do cemitério por todos os lados, e logo o assaltaram. De lá, passando pelas muralhas do 14º distrito, eles chegaram à praça St. Pierre. As fortificações da avenida d'Italie e da estrada de Châtillon, preparadas cuidadosamente havia um longo tempo mas sempre voltadas contra as muralhas, foram tomadas na retaguarda pela Chaussée du Maine, e toda a defesa da encruzilhada dos Quatre-Chemins foi concentrada em torno da igreja. Do alto do campanário cerca de uma dúzia de Federados de Montrouge davam apoio à barricada que bloqueava dois terços da Chaussée du Maine, defendida por trinta homens por várias horas. Finalmente, esgotados os seus cartuchos, a bandeira tricolor foi içada na prefeitura à mesma hora que em Montmartre. Dali em diante o caminho para a praça d'Enfer estava aberto, e os Versalheses chegaram lá depois de tomarem fogo do Observatoire, onde alguns Federados haviam fincado pé.

Atrás dessas linhas assim forçadas, outras defesas foram erguidas graças aos cuidados de Wroblewski. Tendo recebido a ordem de evacuar as fortalezas no dia anterior, o general havia respondido, "*Isso é traição ou um mal-entendido? Eu não evacuarei.*" Depois que Montmartre foi tomada, o general foi ter com Delescluze e exortou-o a transferir a defesa para a margem esquerda. O Sena, as fortalezas, o Panthéon e Bièvre formavam na sua opinião uma cidadela segura, com campos abertos para uma retirada; uma concepção muito justa esta com tropas regulares, mas não se pode deslocar à vontade o coração de uma insurreição, e os Federados estavam mais e mais determinados em permanecer em seus próprios bairros.

Wroblewski retornou ao seu quartel-general, reuniu os comandantes das fortalezas, prescreveu todas as disposições a serem tomadas para a sua defesa e voltou para retomar o comando da margem esquerda, dado a ele por decretos anteriores. Mas ao enviar ordens ao Panthéon, responderam-lhe que Lisbonne era o comandante lá. Sem deixar-se desanimar, Wroblewski colocou a seção à sua esquerda em um estado de defesa. Ele instalou uma bateria de quatro na Butte-aux-Cailles, uma posição dominante entre o Panthéon e as fortalezas; fortificou o boulevard d'Italie, de l'Hôpital e de la Gare. O seu quartel-general foi estabelecido na prefeitura des Gobelins, e a sua reserva na praça d'Italie, praça Jeanne d'Arc e em Bercy.

Nas outras extremidades de Paris o 14º e o 20º distritos também preparavam a sua defesa. O bravo Passedouet havia substituído du Bisson, que ainda ousava apresentar-se como chefe de legião de La Villette. Eles ergueram barricadas na Grande Rue de la Chapelle atrás da ferrovia de Estrasburgo, nas ruas d'Aubervilliers, de Flandre e no canal, de maneira a formar cinco linhas de defesa protegidas no flanco pelos boulevards e pelas fortificações. Canhões foram posicionados na usina de gás da rua Piquet, enquanto peças das muralhas foram carregadas pelos homens para as colinas Chaumont, e outras para a rua de Puebla. Uma bateria de seis foi montada no alto do Père-Lachaise, cobrindo Paris com seus retumbantes estampidos.

Uma muda e desolada Paris. Como no dia anterior, as lojas permaneceram fechadas e as ruas, alvejadas pelo sol, pareciam vazias e ameaçadoras. Estafetas passando a plena velocidade, peças de artilharia movidas de seus lugares, combatentes em marcha, eram os únicos a quebrar essa solidão. Gritos de "*Abram as venezianas!*" "*Levantem as cortinas!*" interrompiam às vezes o silêncio. Dois jornais, *O Tribuna do Povo* e *A Salvação Pública*, foram publicados não obstante os obuses Versalheses que caíam sobre a gráfica da rua Aboukir.

Uns poucos homens no Paço Municipal deram o melhor de si para cuidar de detalhes. Um

decreto autorizou os chefes de barricada a requisitar os necessários implementos e mantimentos; um outro condenava toda casa da qual partissem tiros contra Federados a ser queimada. À tarde o Comitê de Segurança Pública lançou um apelo aos soldados:--

"O povo de Paris jamais acreditará que vocês puderam levantar armas contra ele. Quando eles os encararem, as mãos de vocês recuarão de um ato que seria um verdadeiro fratricídio.

Cono nós, vocês também são proletários. Aquilo que vocês fizeram em 18 de março, vocês farão de novo. Venham a nós, irmãos, venham a nós; nossos braços estão abertos para recebê-los."

Simultaneamente o Comitê Central publicou um cartaz com um apelo semelhante - uma pueril mas generosa ilusão; e nesse ponto o povo de Paris concordava inteiramente com os seus mandatários. Apesar do frenesi da Assembléia, o fuzilamento dos feridos, o tratamento infligido aos prisioneiros por seis semanas, os trabalhadores não admitiam que os filhos do povo pudessem rasgar as entranhas dessa Paris que combatia por eles.

Às três horas Bonvalet e outros membros da Liga dos Direitos de Paris foram ao Paço Municipal, onde alguns membros do Conselho e do Comitê de Segurança Pública os receberam. Eles deploraram essa luta, propuseram-se a interferir, como tão bem haviam feito durante o cerco, e a levar até o sr. Thiers a expressão do seu descontentamento; além disso, eles puseram-se à disposição do Paço Municipal. *"Bem, então,"* responderam-lhes, *"ponham uma arma no ombro e corram para as barricadas!"* Antes desse apelo direto a Liga estivera com o Comitê Central, que teve a fraqueza de escutá-los.

Negociar no meio da batalha estava fora de questão. Dando seqüência ao seu sucesso em Montmartre, os Versalheses estavam nesse momento avançando rumo ao boulevard Ornano e à estação ferroviária do Norte. Às duas horas as barricadas da Chaussée Clignancourt foram abandonadas e na rua Myrrha, ao lado de Vermorel, Dombrowski tombou mortalmente ferido. Pela manhã Delescluze havia-lhe dito para tentar o que fosse possível nas vizinhanças de Montmartre; e sem esperança, sem soldados, suspeito desde a entrada dos Versalheses, tudo o que Dombrowski podia fazer era morrer. Ele expirou duas horas mais tarde no hospital Lariboisière. O seu corpo foi levado ao Paço Municipal, os homens das barricadas apresentando armas à sua passagem. A sua morte gloriosa havia desarmado as suspeitas.

Livre à sua esquerda dali em diante, Clinchant prosseguiu rumo ao 9º distrito. Uma coluna marchou pelas ruas Fontaine, St. Georges e Notre Dame de Lorette abaixo, e fez uma parada na encruzilhada; enquanto uma outra canhoneava o Colégio Rollin antes de penetrar na rua Trudaine, onde foi mantida em cheque até a noite.

Mais ao centro, no boulevard Haussmann, Douai pressionou de perto a barricada da loja Printemps e desalojou a tiros os Federados que ocupavam a igreja Trinité. Cinco peças posicionadas sob o pórtico da igreja foram então direcionadas contra a barricada muito importante que barrava a Chaussée d'Antin à entrada do boulevard. Um destacamento penetrou nas ruas Châteaudun e Lafayette, mas no cruzamento do *faubourg* Montmartre uma barricada de no máximo uma jarda de altura, defendida por vinte e cinco homens, segurou-os até a noite.

A ala direita de Douai estava ainda impotente contra a rua Royale. Ali Brunel sustentou por dois dias uma luta igualada apenas pela da Butte-aux-Cailles, da Bastilha e do Château d'Eau. A sua barricada principal, cruzando a rua transversalmente, era observada de cima pelas casas da vizinhança de onde os Versalheses dizimavam os Federados; e impressionado com a importância do posto a ele confiado, Brunel ordenou que aquelas casas assassinas fossem incendiadas. Ao cumprir essa ordem um Federado tomou um balaço no olho e retornou moribundo para o lado de Brunel, dizendo, *"Estou pagando com a vida pela ordem que você me deu. Vive la Commune!"* Todas as casas compreendidas entre o nº 13 e o *faubourg* St. Honoré foram engolidas pelas chamas e os Versalheses fugiram apavorados, salvo alguns que passaram para o lado dos Federados. Um deles envergou o uniforme parisiense e tornou-se o ordenança de Brunel.

À direita o boulevard Malesherbes, à esquerda o terraço das Tulherias o qual Bergeret ocupava desde o dia anterior, secundavam os esforços de Brunel. Sulcado por obuses, o boulevard Malesherbes era como um campo arado por lâminas gigantescas. O fogo de oitenta peças de artilharia do Quay d'Orsay, Passy, Campo de Marte e da Barrière de l'Étoile convergia sobre o

terraço das Tulherias e a barricada St. Florentin. Cerca de uma dúzia de peças dos Federados resistiam a essa avalanche. Posicionada no meio desse fogo cruzado, a praça de la Concorde estava atulhada de fragmentos de fontes e postes de iluminação. A estátua de Lille foi decapitada, a de Estrasburgo salpicada pela metralha.

Na margem esquerda os Versalheses abriam caminho de casa em casa. Os habitantes do bairro prestaram-lhes assistência, e por detrás das suas venezianas fechadas atiravam nos Federados que, indignados, forçaram e atearam fogo àquelas casas traiçoeiras. Os obuses Versalheses já haviam dado início ao incêndio, e o resto do bairro logo foi tomado pelas chamas. As tropas continuavam a ganhar terreno, ocuparam o Ministério da Guerra, a agência do telégrafo, e alcançaram o quartel Bellechasse e a rua de l'Université. As barricadas do cais e a rua du Bac foram marteladas pelos obuses; os batalhões Federados, que haviam por dois dias resistido na Légion d'Honneur, já não tinham outra saída senão os cais. Às cinco horas eles evacuaram esse local vil depois de incendiá-lo.

Às seis horas a barricada da Chaussée d'Antin foi perdida por nós; avançando pelas ruas vicinais o inimigo ocupara o Nouvel Opéra, inteiramente desmantelado, e do topo dos telhados os fuzileiros navais dominavam a barricada. Em vez de imitá-los e também ocuparem as casas os Federados, ali como em toda a parte, mantiveram-se obstinadamente atrás da barricada.

Às oito horas a barricada da rua Neuve des Capucines à entrada do boulevard cedeu ao fogo das peças de 4 cm estabelecidas à rua Caumartin. Os Versalheses aproximavam-se da praça Vendôme.

Em todos os pontos o exército havia feito um decidido progresso. A linha Versalhesa, começando da estação ferroviária do Norte, seguindo pelas ruas Rochechouart, Cadet, Drouot, cuja prefeitura foi tomada, e o boulevard des Italiens, estendia-se à praça Vendôme e à praça de la Concorde, passava ao longo da rua du Bac, Abbaye-au-Bois e o boulevard d'Enfer, terminando no bastião 81. Cercadas em seus flancos, a praça de la Concorde e a rua Royale destacavam-se como um promontório em meio a uma tempestade. Ladmiraull estava diante de La Villette; à sua direita Clinchant ocupava o 9º distrito; Douai apresentava-se à praça Vendôme; Vinoy apoiava Ciskey operando na margem esquerda. À essa hora os Federados mal retinham ainda metade de Paris.

O resto estava abandonado ao massacre. Ainda lutava-se em uma das extremidades da rua quando a parte conquistada já estava sendo saqueada. Ai de quem possuísse armas ou um uniforme! Ai de quem traísse o seu desalento! Ai de quem fosse denunciado por um inimigo político ou pessoal! Ele era arrastado dali. Cada corpo tinha o seu carrasco regular, o preboste; mas para agilizar o serviço havia prebostes suplementares nas ruas. As vítimas eram conduzidas lá - fuziladas. A fúria cega dos soldados encorajada pelos homens da ordem servia o seu ódio e liquidava os seus débitos. O roubo seguia-se ao massacre. As lojas dos comerciantes que haviam sido fornecedores da Comuna, ou a quem os lojistas concorrentes acusavam, eram submetidas à pilhagem; os soldados quebravam a sua mobília e carregavam os objetos de valor. Jóias, vinho, bebidas, provisões, tecidos, perfumaria, desapareciam em suas mochilas.

Quando o sr. Thiers foi informado da queda de Montmartre ele acreditou que a batalha terminara, e telegrafou aos governadores. Por seis semanas ele não cessara de anunciar que uma vez tomadas as muralhas os insurgentes fugiriam; mas ao contrário dos homens de Sedan, de Metz e da Defesa Nacional, Paris resistiu rua por rua, casa por casa, e em vez de rendê-las, incendiou-as.

Um ofuscante clarão ergueu-se ao cair da noite. As Tulherias estavam em chamas, bem como a Légion d'Honneur, o Conselho de Estado e o Tribunal de Contas. Detonações formidáveis vinham do palácio dos reis, cujas paredes estavam ruindo, as suas vastas cúpulas cedendo. Chamas ora lentas, ora rápidas como dardos, escapavam de uma centena de janelas; o fluxo rubro do Sena refletia os monumentos, redobrando assim a conflagração. Insufladas pelo vento leste, as chamas ardentes erguiam-se contra Versalhes e clamavam ao conquistador de Paris que ele não mais encontrará o seu lugar lá, e que esses monumentos monárquicos não mais abrigarão uma monarquia. As ruas du Bac, de Lille, La Croix-Rouge, projetavam colunas luminosas no ar; a rua Royale até St. Sulpice parecia uma parede de fogo dividida pelo Sena. Turbilhões de fumaça nublavam todo o oeste de Paris, e as espirais de fogo cuspidas por essas

fornalhas provocavam uma chuva de fagulhas que caía sobre os bairros da vizinhança.

Onze horas - Nós vamos ao Paço Municipal. Sentinelas em postos avançados remotos protegem-no contra qualquer surpresa; a longos intervalos um bico de gás bruxuleia na obscuridade; em várias barricadas há tochas, e até mesmo fogueiras de acampamento. A da praça St. Jacques defronte ao boulevard Sébastopol, feita de grandes árvores cujos galhos ondulam para a frente e para trás ao vento, murmurava e vibrava na temível escuridão.

A fachada do Paço Municipal estava enrubescida pelas chamas distantes; as estátuas, que os reflexos pareciam mover, tremiam em seus nichos. Os pátios interiores estavam cheios de gente e de tumulto. Vagões com munição de artilharia, carretas, ônibus, atulhados de munição, rolavam com grande ruído sob as abóbadas. As festas do barão Haussmann não suscitaram ecos tão sonoros. Vida e morte, agonia e risos, chocavam-se uns aos outros nessas escadarias, em cada pavimento, iluminados pela mesma luz ofuscante do gás.

Os saguões do térreo estavam obstruídos por Guardas Nacionais enrolados em seus cobertores. Os feridos jaziam gemendo em seus colchões ensanguentados; sangue gotejava das macas encostadas ao longo das paredes. Foi trazido um comandante que já não apresentava um aspecto humano; uma bala atravessou-lhe a face, arrancou-lhe os lábios e quebrou-lhe os dentes. Incapaz de articular um som, esse bravo sujeito ainda agitava uma bandeira vermelha, e convocava os que estavam descansando a substituí-lo no combate.

Na notória câmara de Valentine Haussmann o corpo de Dombrowski foi acomodado em uma cama de cetim azul. Um único círio lançava a sua luz lúgubre sobre o heróico soldado. Branca como a neve a sua face estava calma, o nariz fino, a boca delicada, a pequena barba loira apontando para fora. Dois ajudantes-de-campo sentados na obscuridade observavam em silêncio, um outro rabiscava apressadamente os últimos traços do seu general.

A dupla escadaria de mármore estava cheia de gente indo e vindo, os quais os sentinelas mal podiam manter à distância do gabinete do delegado. Delescluze assinava ordens, mudo e pálido como um espectro. A angústia desses dias mais recentes havia absorvido os seus últimos poderes vitais; a sua voz era apenas o hálito rouco de quem está para morrer; somente o olhar e o coração viviam ainda nesse atleta moribundo.

Dois ou três oficiais preparavam calmamente as ordens, autenticavam e enviavam os despachos; muitos oficiais e guardas rodeavam a mesa. Sem discursos, o mínimo de conversa entre os vários grupos. Se a esperança definhara, a resolução não era menor.

Quem são esses oficiais que puseram de lado os seus uniformes, esses membros do Conselho, esses funcionários que raparam as suas barbas? O que fazem eles aqui em meio a esses bravos homens? Ranvier, tendo encontrado assim disfarçados dois dos seus colegas, que durante o cerco estiveram entre os mais emplumados, interpelou-os e ameaçou fuzilá-los se não retornassem imediatamente a seus distritos.

Um grande exemplo não teria sido inútil. De hora em hora toda a disciplina ia a pique. Nesse mesmo momento o Comitê Central, acreditando-se investido do poder pela abdicação do Conselho, lançou um manifesto no qual estabelecia condições: *"Dissolução da Assembléia e da Comuna; saída do exército de Paris; o Governo provisoriamente confiado aos delegados das grandes cidades, que farão eleger uma Assembléia Constituinte; anistia mútua."* O ultimato de um conquistador. Esse sonho foi afixado em cartazes sobre algumas poucas paredes, e trouxe uma nova desordem à resistência.

De tempos em tempos um grande clamor erguia-se da praça. Um espião foi fuzilado contra a barricada da avenida Victoria. Alguns eram audaciosos o bastante para penetrar nos mais íntimos conselhos. Nessa noite no Paço Municipal Bergeret recebera a autorização verbal para incendiar as Tulherias, quando um indivíduo pretendendo ter sido enviado por ele pediu uma ordem por escrito. Ele estava ainda falando quando Bergeret retornou. *"Quem enviou você?"* disse ele ao personagem. *"Bergeret."* *"Quando você o viu?"* *"Aqui mesmo, ainda há pouco."*

Durante essa noite Raoul Rigault, recebendo ordens apenas de si próprio e sem consultar qualquer um dos seus colegas, dirigiu-se à prisão de Ste. Pélagie e anunciou a Chaudey que ele ia morrer. Chaudey protestou, disse que era um Republicano, e jurou que não havia dado a ordem de fogo em 22 de janeiro. Entretanto, ele fora naquela ocasião a única autoridade no

Paço Municipal. As suas protestações de nada valeram contra a resolução de Rigault. Conduzido à área de exercícios de Ste. Pélagie, Chaudey foi fuzilado, como também o foram três gendarmes feitos prisioneiros em 18 de março. Durante o primeiro cerco ele havia dito a alguns partidários da Comuna, "*Os mais fortes fuzilarão os outros.*" Ele morreu talvez por essas palavras.

CAPÍTULO XXIX

Nossos valentes soldados conduzem-se de maneira a inspirar a mais alta estima, a maior admiração no estrangeiro

Discurso do sr. Thiers à Assembléia Nacional em 24 de maio 1871

QUARTA-FEIRA DIA 24
OS MEMBROS DO CONSELHO EVACUAM O PAÇO MUNICIPAL
O PANTHÉON É TOMADO
OS VERSALHESES FUZILAM OS FEDERADOS ÀS CENTENAS
OS FEDERADOS FUZILAM SEIS REFÉNS - A NOITE DOS CANHÕES

Já sem reforços e sem munição, os defensores das barricadas viam-se agora até mesmo sem comida, e completamente dependentes dos recursos da vizinhança. Um tanto exauridos, muitos saíam em busca de algum alimento; não vendo-os retornar, os seus camaradas começavam a desesperar-se, enquanto os chefes das barricadas extenuavam-se tentando retê-los.

Às nove horas Brunel recebeu a ordem de evacuar a rua Royale. Ele foi às Tulherias dizer a Bergeret que podia ainda resistir, mas à meia-noite o Comitê de Segurança Pública novamente enviou-lhe uma ordem formal de retirada. Forçado a abandonar esse posto que ele tão bem defendera por dois dias, o bravo comandante removeu primeiro os seus feridos e então os seus canhões pela rua St. Florentin. Os Federados vieram a seguir; quando no topo da rua Castiglione eles foram assaltados por tiros.

Eram os Versalheses que, senhores da rua de la Paix e da rua Neuve des Capucines, haviam invadido a praça Vendôme inteiramente deserta, e pelo Hôtel-du-Rhin contornaram a barricada da rua Castiglione. Abandonando a rua de Rivoli, os Federados de Brunel forçaram as grades do jardim, subiram pelos cais e reganharam o Paço Municipal. O inimigo não ousou persegui-los e somente ao romper do dia ocupou o Ministério da Marinha, abandonado fazia um longo tempo.

Pelo resto da noite os canhões permaneceram silenciosos. O Paço Municipal havia perdido a sua animação. Os Federados dormiram na praça; nas repartições os membros dos comitês e os oficiais buscaram alguns momentos de repouso. Às três horas um oficial do estado-maior veio de Notre Dame, ocupada por um destacamento de Federados. Ele veio dizer ao Comitê de Segurança Pública que o Hôtel-Dieu abrigava oitocentos doentes que poderiam sofrer com a proximidade da luta, e o Comitê comandou a evacuação da catedral com o fim de salvar essa gente desafortunada.

E agora o sol surgia, eclipsando o fulgor dos incêndios; o dia nasceu radiante, mas sem um raio de esperança para a Comuna. Paris já não tinha uma ala direita; o seu centro estava partido; assumir a ofensiva era impossível. O prolongamento da resistência só poderia agora servir para prestar um testemunho da sua fé.

Às primeiras horas da manhã os Versalheses moveram-se em todos os pontos. Eles avançaram rumo ao Louvre, o Palais-Royal, o Banco, o Comptoir d'Escompte, a praça Montholon, o boulevard Ornano e a linha da ferrovia do Norte. A partir das quatro horas eles canhonearam o Palais-Royal, em torno do qual batalhas desesperadas estavam sendo travadas. Por volta das sete horas eles estavam no Banco e na Bolsa; dali eles desceram a St. Eustache, onde encontraram uma resistência obstinada. Muitas crianças lutaram ao lado dos homens; e quando os Federados foram flanqueados e massacrados, essas crianças tiveram a honra de não merecerem exceção.

Na margem esquerda as tropas marcharam com dificuldade ao longo dos cais e de toda aquela parte do 6º distrito que fica às margens do Sena. No centro a barricada da Croix-Rouge fora evacuada durante a noite, bem como a da rua de Rennes, que trinta homens haviam defendido por dois dias. Os Versalheses foram então capazes de entrar nas ruas d'Assas e Notre-Dame-des-Champs. Na extrema direita eles alcançaram o Val de Grâce, e avançaram rumo ao

Panthéon.

Às oito horas quinze membros do Conselho reuniram-se no Paço Municipal e decidiram evacuá-lo. Dois somente protestaram. Seccionado por ruas estreitas e bem defendidas por barricadas, o 3º distrito protegia o flanco do Paço Municipal, impedindo todo ataque pela frente ou pelos cais. Sob tais condições de defesa recuar era o mesmo que fugir, privar a Comuna do pouco prestígio que ainda restava a ela; mas não mais que nos dias anteriores eram eles capazes de enunciar duas idéias sensatas. Eles temiam tudo, por ser ignorantes de tudo. Já o comandante do Palais Royal havia recebido a ordem de evacuar esse edifício, depois de ter-lhe ateado fogo. Ele havia protestado e declarado que poderia ainda resistir, mas a ordem foi repetida. O estado de estupefação era tal, que um membro propôs uma retirada para Belleville. Sendo assim, eles bem poderiam abandonar o Château d'Eau e a Bastilha de imediato. Como sempre, o tempo foi gasto em conversa fiada. O governador do Paço Municipal ia e vinha impaciente.

Subitamente as chamas irromperam do topo do campanário; uma hora depois o Paço Municipal era um braseiro só. O velho edifício, testemunha de tantos perjúrios, onde o povo por tantas vezes instalou poderes que mais tarde o fuzilaram, agora rachava e tombava com o seu verdadeiro senhor. Ao ruído dos pavilhões desintegrando-se, das abóbadas e chaminés desmoronando, das detonações surdas e das estrondosas explosões, misturavam-se os agudos estampidos dos canhões da grande barricada St. Jacques, que varriam a rua de Rivoli.

O Gabinete de Guerra e todos os serviços transferiram-se para a prefeitura do 11º distrito. Delescluze havia protestado contra a deserção do Paço Municipal, e previu que essa retirada desencorajaria muitos combatentes.

No dia seguinte eles deixaram a Imprensa Nacional, onde o *Officiel* da Comuna apareceu no dia 24 pela última vez. Como um *Officiel* que se respeita, ele estava um dia atrasado; ele continha as proclamações do dia anterior e uns poucos detalhes da batalha, mas nada além da manhã de terça-feira.

Essa fuga do Paço Municipal, cortando a defesa em duas, aumentou a dificuldade das comunicações. Os oficiais do estado-maior que não haviam desaparecido alcançaram o novo quartel-general a grande custo; eles foram parados em todas as barricadas e obrigados a carregar pedras de calçamento. Ao apresentar os seus despachos clamando urgência, respondiam-lhes, "*Hoje não há mais patentes.*" A ira que eles haviam inspirado por um longo tempo foi desafogada nessa mesma manhã. Na rua Sedaine próximo à praça Voltaire um jovem oficial do estado-maior, o conde de Beaufort, foi reconhecido pelos guardas do 166º batalhão, a quem ele havia ameaçado alguns dias antes no Gabinete de Guerra. Preso por ter tentado violar as ordens do posto, Beaufort perdeu as estribeiras e levantou a ameaça de expurgar o batalhão. Agora, no dia anterior próximo à Madeleine, o batalhão perdera sessenta homens e acreditava em uma vingança da parte de Beaufort. Esse oficial foi preso e levado perante uma corte marcial instalada em uma loja do boulevard Voltaire. Beaufort apresentou certificados tais que as acusações foram abandonadas. Não obstante os juizes decidiram que ele deveria servir no batalhão como simples guarda. Alguns dos presentes objetaram e nomearam-no capitão. Ele saiu de lá triunfante. Ignorando a sua explicação, a multidão resmungou ao vê-lo livre. Um guarda avançou sobre ele e Beaufort teve a imprudência de sacar o revólver. Ele foi imediatamente agarrado e levado de volta à loja. O chefe do estado-maior não ousou vir em socorro do seu oficial. Delescluze veio às pressas, pediu uma prorrogação, disse que Beauford deveria ser julgado; mas a multidão não quis ouvir ninguém, e foi necessário ceder a fim de evitar um terrível motim. Conduzido ao espaço aberto situado atrás da prefeitura, Beauford foi fuzilado.

Bem próximo a essa explosão de fúria, no Père-Lachaise, Dombrowski estava recebendo as suas últimas honras. O seu corpo havia sido transportado até lá durante a noite, e durante a passagem pela Bastilha uma cena tocante tivera lugar. Os Federados dessas barricadas haviam parado o cortejo e colocado o corpo ao pé da Coluna de Julho; alguns homens formaram um círculo com tochas nas mãos e todos os Federados, um após o outro, vieram depositar um último beijo na fronte do general, enquanto os tambores rufavam uma saudação. Envolvido em uma bandeira vermelha, o corpo foi então colocado no caixão. Vermorel, o irmão do general, seus ajudantes-de-campo e cerca de 200 guardas estavam de pé, a cabeça descoberta. "*¡Ah! está ele,*" gritou Vermorel, "*que foi acusado de traição! Um dos primeiros, ele deu a sua vida*

pela Comuna. E nós, o que fazemos aqui em vez de imitá-lo?" Ele prosseguiu, estigmatizando a covardia e o pânico. Habitualmente intrincado, o seu discurso agora dele fluía inflamado pela paixão, como metal fundido. *"Juremos não sair daqui senão em busca da morte!"* Essa foi a sua última palavra; ele iria mantê-la. A intervalos, o canhão a alguns passos dali cobrira a sua voz; poucos dos homens presentes puderam evitar as lágrimas.

Felizes daqueles que podem ter tais funerais! Felizes daqueles sepultados durante a batalha, saudados por seus canhões, chorados por seus camaradas.

Naquela mesma hora o agente Versalhês que se gabara de ser capaz de corromper Dombrowski estava sendo fuzilado. Por volta do meio-dia os Versalheses, vigorosamente dando sequência ao seu ataque na margem esquerda, haviam assaltado a Escola de Belas-Artes, o Instituto e a Casa da Moeda, a qual o seu diretor Camélinat deixou somente no último minuto. Ao ponto de ser isolado na ilha Notre Dame, Ferré dera a ordem de evacuar a Prefeitura de Polícia e destruí-la. Os 450 prisioneiros detidos por ofensas menores foram, contudo, postos primeiro em liberdade; apenas um, Vaysset, foi retido e fuzilado no Pont-Neuf diante da estátua de Henri IV. Imediatamente antes de morrer ele pronunciou essas estranhas palavras, *"Vocês responderão pela minha morte ao conde de Fabrice."*

Negligenciando a Prefeitura, os Versalheses entraram na rua Tarranes e nas vias contíguas. Eles foram mantidos em cheque por duas horas pela barricada da praça de l'Abbaye, que os habitantes do quarteirão ajudaram a flanquear. Dezoito Federados foram fuzilados. Mais à direita as tropas penetraram na praça St. Sulpice, onde ocuparam a prefeitura do 6º distrito; dali eles entraram na rua St. Sulpice por um lado, e pelo outro penetraram pela rua de Vaugirard nos jardins do Luxembourg. Após dois dias de luta os bravos Federados da rua Vavin recuaram, e em sua retirada fizeram explodir o paiol dos jardins do Luxembourg. Essa comoção suspendeu o combate por um momento. O Palácio do Luxembourg não foi defendido. Alguns soldados cruzaram o jardim, quebraram as grades em face da rua Soufflot, atravessaram o boulevard e surpreenderam a primeira barricada naquela rua.

Três barricadas foram erguidas diante do Panthéon; a primeira à entrada da rua Soufflot - esta acabara de ser tomada; a segunda no centro; a terceira estendendo-se da prefeitura do 5º distrito à Escola de Direito. Varlin e Lisbonne, que haviam escapado por pouco da Croix-Rouge, haviam-se novamente apressado em encarar o inimigo. Infelizmente os Federados não mais ouviam a nenhum chefe, permaneciam na defensiva e, em vez de atacar o punhado de soldados expostos à entrada da rua Soufflot, deram tempo para que os reforços chegassem.

O grosso dos Versalheses alcançaram o boulevard St. Michel pelas ruas Racine e de l'École de Médecine, que as mulheres defendiam. A ponte St. Michel cessou fogo por falta de munição, permitindo que os soldados passassem sobre o boulevard de uma só vez e chegassem até a praça Maubert, enquanto ao mesmo tempo à direita eles subiram a rua Mouffetard. Às quatro horas a colina Ste. Geneviève, abandonada precipitadamente, foi invadida por todas as suas ladeiras e seus poucos defensores se dispersaram. Assim o Panthéon, como Montmartre, caiu quase sem luta. Assim como em Montmartre também, os massacres começaram na mesma hora. Quarenta prisioneiros foram fuzilados um após o outro na rua St. Jacques, sob os olhos e pelas ordens de um coronel.

Rigault foi morto nessa vizinhança. Ao ver um oficial Federado bater à porta de uma casa na rua Gay-Lussac, os soldados atiraram sem atingi-lo. A porta abriu-se e Rigault entrou. Os soldados vieram à toda, invadiram a casa, agarraram o proprietário, que identificou-se e apressou-se em entregar Rigault. Os soldados estavam arrastando-o ao Luxembourg quando, na rua Royal-Collard, um coronel do estado-maior Versalhês encontrou a escolta e perguntou o nome do prisioneiro. Rigault respondeu bravamente, *"Vive la Commune! Abaixo os assassinos!"* Ele foi imediatamente encostado à parede e fuzilado. Que esse final corajoso seja-lhe creditado!

Quando a queda do Panthéon, tão valentemente defendido em junho de 1848, ficou conhecida na prefeitura do 11º distrito, eles de imediato bradaram contra os traidores; mas o que então haviam o Conselho e o Comitê de Segurança Pública feito pela defesa desse posto capital? Na prefeitura, tal como no Paço Municipal, eles estavam deliberando.

Às duas horas os membros do Conselho, do Comitê Central, oficiais superiores e os chefes dos serviços estavam reunidos na biblioteca. Delescluze falou primeiro, em meio a um profundo

silêncio pois o menor sussurro teria abafado a sua voz agonizante. Ele diz que nem tudo está perdido; que eles devem fazer um grande esforço e resistir até o último homem. Aclamações o interromperam. Ele exortou cada um a manifestar a sua opinião. "*Eu proponho,*" disse ele, "*que todos os membros da Comuna, envergando as suas faixas, passem em revista todos os batalhões que puderem ser reunidos no boulevard Voltaire. Nós então marcharemos à frente deles aos pontos que devem ser conquistados.*"

A idéia pareceu grandiosa, e arrebatou todos os presentes. Desde a sessão em que ele dissera que certos delegados do povo saberiam como morrer em seu posto, jamais uma fala de Delescluze havia tão profundamente comovido os corações. A fuzilaria à distância, os canhões do Père-Lachaise, os confusos clamores dos batalhões que cercavam a prefeitura, misturavam-se à sua voz e às vezes a abafavam. Vejam, em meio a essa derrota, esse velho homem ereto, de olhos luminosos, a mão direita erguida desafiando o desespero, esses homens armados recém-saídos da batalha retendo a respiração para escutar essa voz que parecia ascender de uma tumba. Não houve cena mais solene nas mil tragédias desse dia.

Houve uma super-abundância das mais vigorosas resoluções. Aberta sobre a mesa jazia uma grande caixa de dinamite; um gesto imprudente poderia ter feito explodir a prefeitura. Eles falaram em suprimir as pontes, em fazer saltar os esgotos. Qual era a utilidade dessa conversa grandiosa? Munições muito diferentes eram necessárias agora. Onde está o engenheiro-chefe que disse que a um gesto seu um abismo iria abrir-se e engolir o inimigo? Ele se foi. Foi-se também o chefe do estado-maior. Desde a execução de Beauford, ele havia sentido um vento mau soprando sobre as suas dragonas. Mais moções foram feitas, e moções ainda serão feitas até o fim. O Comitê Central condescendeu em declarar que iria subordinar-se ao Comitê de Segurança Pública. Pareceu afinal decidido que o chefe da 11ª legião deveria agrupar todos os Federados que haviam-se refugiado no 11º distrito; talvez ele pudesse ter sucesso em formar as colunas das quais falara Delescluze.

O Delegado da Guerra visitou então as defesas. Sólidas preparações estavam sendo feitas na Bastilha. Na rua St. Antoine, à entrada da praça, uma barricada equipada com três peças de artilharia estava sendo finalizada; uma outra à entrada do *faubourg* cobria as ruas de Charenton e de la Roquette; mas aqui, como em toda a parte, os flancos não eram guardados. Cartuchos, obuses, estavam empilhados ao longo das casas, expostos a todos os projéteis. Os acessos ao 11º distrito foram apressadamente armados, e à intersecção dos boulevards Voltaire e Richard-Lenoir uma barricada estava sendo erguida com tonéis, paralelepípedos e grandes fardos de papel. Inacessível pela frente, essa barreira seria também contornada. Diante dela, à entrada do boulevard Voltaire na praça do Château d'Eau, uma parede de paralelepípedos alta de duas jardas foi erguida. Por trás dessa muralha mortal, assistidos por duas peças de artilharia, os Federados paralizaram por vinte e quatro horas todas as colunas Versalhesas que desembocaram na praça do Château d'Eau. À direita o fundo das ruas Oberkampf, d'Angoulême, do *faubourg* du Temple, a rua Fontaine-au-Roi e a avenida des Amandiers já estavam na defensiva. Mais acima no 10º distrito Brunel, chegado nessa mesma manhã da rua Royale, estava novamente na primeira linha, como Lisbonne, como Varlin, ansiosos por novos perigos. Uma larga barricada cortava a intersecção dos boulevards Magenta e Strasbourg; a rua du Château d'Eau estava bloqueada, e as obras dos portões St. Martin e St. Denis, nas quais havia-se trabalhado dia e noite, estavam se enchendo de combatentes.

Por volta das dez horas os Versalheses haviam sido capazes de apossar-se da estação ferroviária do Norte, contornando a rua Stephenson e as barricadas da rua Dunkerque; mas a ferrovia de Estrasburgo, a segunda linha de defesa de La Villette, suportaram o seu choque, e a nossa artilharia fustigou-os enormemente. Nas colinas Chaumont, Ranvier, que dirigia a defesa nessa área, instalara três morteiros de 12 cm, duas peças de 7 próximas ao Temple de la Sybille, e duas peças de 7 na colina mais baixa, enquanto cinco canhões visavam de enfiada a rua Puebla e protegiam a Rotonde. Nas Carrières d'Amérique havia duas baterias de três peças; a artilharia do Père-Lachaise disparava incessantemente contra os bairros invadidos, apoiada por canhões de grosso calibre do bastião 24.

O 9º distrito estava tomado por tiroteios. Nós perdemos muito terreno no *faubourg* Poissonnière. Apesar do seu sucesso nas Halles os Versalheses não foram capazes de entrar no 3º distrito, abrigado pelo longo braço do boulevard Sébastopol, e nós comandávamos a rua Turbigo pelo quartel Prince Eugène. Quase totalmente ocupado, o 2º distrito ainda resistia às margens do Sena; do Pont-Neuf as barricadas da avenida Victoria e do cais de Gèvres

resistiram até a noite. As nossas canhoneiras tendo sido abandonadas, o inimigo recolheu-as e rearmou-as.

O único sucesso da nossa defesa foi na Butte aux Cailles onde, sob a impulsão de Wroblewski, ela transformou-se em ofensiva. Durante a noite os Versalheses haviam examinado as nossas posições, e ao romper do dia eles montaram o assalto. Os Federados não esperaram por eles, e foram à frente para encontrá-los. Por quatro vezes os Versalheses foram repelidos, por quatro vezes eles retornaram; por quatro vezes eles recuaram e os soldados, desencorajados, não mais obedeciam a seus oficiais.

Assim La Villette e a Butte aux Cailles, as duas extremidades da nossa defesa, não cederam terreno; mas que lacunas ao longo da linha! De uma Paris que era toda sua no domingo, os Federados agora somente possuíam o 11º, 12º, 19º e 20º distritos, e apenas uma parte do 3º, 5º e 13º.

Nesse dia os massacres ganharam aquela furiosa intensidade, que em poucas horas deixou o Dia de São Bartolomeu muito para trás. Até então somente os Federados ou pessoas denunciadas haviam sido mortas; agora os soldados não viam amigo ou inimigo. Quando o Versalhês fixava os olhos em você, você tinha que morrer; quando ele revistava uma casa, nada escapava-lhe. *"Esses já não são mais soldados cumprindo um dever,"* disse um jornal conservador, *La France*. E de fato essas eram hienas, sedentas de sangue e de pilhagem. Em alguns lugares bastava ter um relógio para ser fuzilado. Os cadáveres eram revistados, e os correspondentes dos jornais estrangeiros chamavam esses roubos de *"o último confisco."* E no mesmo dia o sr. Thiers teve a afronta de dizer à Assembléia: *"Nossos valentes soldados conduzem-se de tal maneira a inspirar os países estrangeiros com a mais alta estima e admiração."*

Então foi inventada também a lenda das *pétroleuses* que, nascida do medo e propagada pela imprensa, custou a vida de centenas de infelizes mulheres. Foi espalhado o rumor de que megeras estavam atirando petróleo aceso nos porões. Toda mulher mal-vestida, ou carregando uma lata de leite, um balde, uma garrafa vazia, era apontada como uma *pétroleuse*, sua roupa era rasgada em farrapos, ela era empurrada para a parede mais próxima e morta com disparos de revólver. O lado monstruosamente idiota da lenda é que as *pétroleuses* estavam supostamente operando nos bairros ocupados pelo exército.

Os fugitivos dos bairros invadidos trouxeram as notícias desses massacres à prefeitura do 11º distrito. Lá, em menor escala e mais ameaçadora, reinava a mesma confusão do Paço Municipal. Os estreitos pátios estavam cheios de vagões, cartuchos e pólvora; cada degrau da escadaria principal estava ocupado por mulheres cosendo sacos para as barricadas. Na Sala dos Casamentos, para onde Ferré transferira a agência da Segurança Pública, o delegado, assistido por dois secretários, dava ordens, assinava passes livres, questionava as pessoas trazidas a ele com a maior calma, e pronunciava as suas decisões de uma voz polida, suave e baixa. Mais ao fundo, nas salas ocupadas pelo Gabinete de Guerra, alguns oficiais e chefes de serviços recebiam e expediam despachos; alguns deles, como no Paço Municipal, cumprindo o seu dever com perfeito sangue frio. Nessa hora alguns homens revelaram uma extraordinária força de caráter, especialmente entre os atores secundários do movimento. Eles sentiam que tudo estava perdido, que eles estavam para morrer, talvez até mesmo nas mãos da sua própria gente, pois a febre da suspeita atingira o seu mais alto grau de paroxismo; contudo eles permaneciam na fornalha, o coração calmo, a mente lúcida. Jamais tivera um Governo, com exceção da Defesa Nacional, mais recursos, mais inteligência e mais heroísmo à sua disposição do que o Conselho da Comuna; jamais houve um tão inferior a seus eleitores.

Às sete e meia um grande alarido foi ouvido diante da prisão de la Roquette, para onde os trezentos reféns detidos até então em Mazas haviam sido transportados na véspera. Em meio a uma multidão de guardas exasperados pelos massacres estava um delegado da Comissão de Segurança Pública, que disse, *"Já que fuzilam os nossos homens, seis reféns serão executados. Quem formará o pelotão?"* *"Eu! Eu!"* gritaram de todos os lados. Um deu um passo à frente e disse, *"Eu vingo o meu pai;"* um outro, *"Eu vingo o meu irmão."* *"Quanto a mim,"* disse um guarda, *"eles fuzilaram a minha esposa."* Cada um alegou o seu direito à vingança. Trinta homens foram escolhidos e entraram na prisão.

O delegado examinou o registro da prisão, apontou o Arcebispo Darboy, o Presidente Bonjean,

o banqueiro Jecker, os Jesuítas Allard, Clerc e Ducoudray; no último instante Jecker foi substituído pelo cura Deguerry.

Eles foram levados ao pátio de exercício. Darboy gaguejou, *"Eu não sou inimigo da Comuna. Eu fiz tudo o que pude. Eu escrevi duas vezes a Versalhes."* Ele recuperou-se um pouco quando viu que a morte era inevitável. Bonjean não conseguia equilibrar-se em suas pernas. *"Quem nos condena?"* disse ele. *"A justiça do povo."* *"Oh, essa não é a correta,"* respondeu o Presidente. Um dos padres atirou-se contra o cubículo do sentinela e descobriu o peito. Eles foram conduzidos mais além e, por um caminho lateral, encontraram o pelotão de fuzilamento. Alguns homens os insultaram; o delegado ordenou silêncio de imediato. Os reféns posicionaram-se contra o muro, e o oficial do pelotão disse-lhes, *"Não é a nós que vocês devem acusar por sua morte, mas aos Versalheses, que estão fuzilando os prisioneiros."* Ele então deu o sinal e as armas foram disparadas. Os reféns tombaram em linha, à mesma distância um do outro. Darboy somente continuava de pé, ferido na cabeça, uma mão erguida. Uma segunda salva deitou-o ao lado dos outros.

A justiça cega das revoluções pune nos primeiros a chegar os crimes acumulados da sua casta.

Às oito horas os Versalheses assediaram a barricada do portão Sr. Martin. Os seus obuses já haviam ateado fogo ao teatro fazia tempo e os Federados, pressionados por esse incêndio, foram obrigados a recuar.

Nessa noite os Versalheses acamparam defronte à ferrovia de Estrasburgo, a rua St. Denis, o Paço Municipal (ocupado por volta das nove horas pelas tropas de Vinoy), a Escola Politécnica, Madelonnettes, e o parque Montsouris. Eles apresentavam uma espécie de leque, do qual o ponto fixo era formado pelo Pont-au-Change, o lado direito pelo 13º distrito, o esquerdo pelas ruas do *faubourg* St. Martin e a rua de Flandre, o arco pelas fortificações. O leque estava para se fechar em Belleville, que formava o centro.

Paris continuava a queimar furiosamente. O portão Sr. Martin, a igreja Sr. Eustache, a rua Royale, a rua de Rivoli, as Tulherias, o Palais-Royal, o Paço Municipal, o Théâtre-Lyrique, a margem esquerda da Légion d'Honneur ao Palais de Justice e à Prefeitura de Polícia, destacavam-se em vermelho contra a escuridão da noite. Os caprichos do fogo exibiam uma arquitetura ardente de arcos, cúpulas, edifícios fantasmagóricos. Um grande volume de fumaça, nuvens de fagulhas flutuando no ar, atestavam formidáveis explosões; a cada minuto estrelas acendiam-se e morriam contra o horizonte. Esses eram os canhões da fortaleza de Bicêtre, do Père-Lachaise e das colinas Chaumont, que disparavam contra os bairros ocupados. As baterias Versalhesas respondiam do Panthéon, Trocadéro e Montmartre. Agora os estampidos seguiam-se a intervalos regulares; agora havia um trovejar contínuo ao longo de toda a linha. Eles apontavam a esmo, cegamente, loucamente. Os obuses muitas vezes explodiam em meio à sua carreira; a cidade inteira estava envolvida em um turbilhão de fogo e fumaça.

Que homens esse punhado de combatentes que, sem chefes, sem esperança, sem retaguarda, disputavam as suas últimas calçadas como se isso implicasse em vitória! A reação hipócrita acusou-os do crime de incendiarismo, como se na guerra o fogo não fosse uma arma legítima; como se os obuses Versalheses não tivessem incendiado pelo menos tantos edifícios quanto os dos Federados; como se a especulação privada de certos homens da ordem não tivesse a sua parcela nas ruínas. E essa mesma burguesia que falou em *"queimar tudo"* diante dos prussianos, chama de patife essa gente por que preferem sepultar-se nas ruínas do que abandonar a sua fé, a sua propriedade, as suas famílias, a uma coalizão de déspotas mil vezes mais cruel e mais duradoura do que o estrangeiro.

Às onze horas dois oficiais entraram na sala de Delescluze e informaram-no da execução dos reféns. Ele escutou a narrativa sem parar de escrever e então perguntou apenas, *"Como morreram eles?"* Quando os oficiais haviam partido, Delescluze virou-se para o amigo que estava trabalhando com ele e, escondendo o rosto em suas mãos, *"Que guerra!"* exclamou ele, *"que guerra!"* Mas ele conhecia revoluções bem demais para perder-se em reflexões inúteis e, dominando as suas emoções, ele exclamou, *"Nós saberemos como morrer!"*

Durante toda a noite os despachos se sucediam sem interrupção, todos pedindo canhões e homens sob a ameaça de abandonar tal ou tal posição. Mas onde encontrar canhões? E homens começavam a ficar tão raros quanto o bronze.

CAPÍTULO XXX

QUINTA-FEIRA DIA 25
TODA A MARGEM ESQUERDA CAI NAS MÃOS DAS TROPAS
DELESCLUZE MORRE
OS BRASSARDIERS ESTIMULAM O MASSACRE
OS MEMBROS DO CONSELHO EVACUAM A PREFEITURA DO 11º DISTRITO

Uns poucos milhares de homens não poderiam manter indefinidamente uma linha de batalha de várias milhas de comprimento. Quando a noite caiu, muitos Federados abandonaram as suas barricadas a fim de ter um pequeno descanso. Os Versalheses, que estavam de sobreaviso, apossaram-se das suas defesas e o romper da aurora viu a tricolor onde na véspera estava hasteada a bandeira vermelha.

Na escuridão os Federados evacuaram a maior parte do 10º distrito, cujas peças de artilharia foram transportadas ao Château d'Eau. Brunel e os bravos *pupilles de la Commune* continuavam firmes na rua Magnan e no cais Jemappes, as tropas ocupando o topo do boulevard Magenta.

Na margem esquerda os Versalheses instalaram baterias na praça d'Enfer, no Luxembourg e no bastião 81. Mais de cinquenta canhões e metralhadoras estavam apontadas contra a Butte aux Cailles; pois, desesperando de tomá-la de assalto, Ciskey desejava esmagá-la com a sua artilharia. Wroblewski por sua vez não permaneceu inativo. Além do 175º e do 176º batalhões, ele tinha sob o seu comando o legendário 101º, que era para as tropas da Comuna o que a 32ª brigada fora para o exército da Itália. Desde o 3 de abril o 101º não havia descansado. Dia e noite as suas armas não esfriavam, eles haviam percorrido as trincheiras, as aldeias, os campos; os Versalheses de Neuilly, de Asnières, dez vezes haviam fugido diante deles. Eles haviam tomado três canhões deles os quais, como fiéis mastins, seguiam-nos a toda parte. Eram todos cidadãos do 13º distrito e do bairro Mouffetard, indisciplinados, indisciplináveis, selvagens, brutos, suas roupas e bandeira rotas, obedecendo a uma única ordem, marchar adiante, amotinando-se quando inativos, mal saídos do fogo desejavam mergulhar nele de novo. Sérizier comandava-os, melhor dizendo, seguia-os; pois de fato a sua ira era o seu único comandante. Quando presentes na frente eles tentavam surpresas, tomavam postos avançados, mantinham os soldados em alarme. Sem cobertura à sua direita desde a queda do Panthéon, Wroblewski garantiu as suas comunicações com o Sena através de uma barricada sobre a ponte de Austerlitz, e equipou a praça Jeanne d'Arc com canhões com o fim de conter as tropas que se aventurassem ao longo da estação ferroviária.

Nesse dia o sr. Thiers ousou telegrafar às províncias que o marechal MacMahon acabara de intimar, pela última vez, os Federados à rendição. Essa foi uma odiosa mentira que veio juntar-se a tantas outras. Como Cavaignac em 1848, o sr. Thiers desejava pelo contrário prolongar a batalha. Ele sabia que os seus obuses estavam ateando fogo em Paris, que o massacre dos prisioneiros, dos feridos, fatalmente levaria à execução dos reféns. Mas o que lhe importava a sorte de alguns padres e alguns gendarmes? O que importava à burguesia se esta triunfasse sobre ruínas - se sobre essas ruínas ela pudesse escrever, "*Paris foi à guerra contra os privilegiados; Paris não existe mais!*"

O Paço Municipal e o Panthéon em poder das tropas, todos os seus esforços se concentraram sobre o Château d'Eau, a Bastilha e a Butte aux Cailles. Às quatro horas Clinchant retomou a sua marcha rumo ao Château d'Eau. Uma coluna, partindo da rua Paradis, subiu as ruas do Château d'Eau e de Bondy; uma outra avançou contra a barricada dos boulevards Magenta e Strasbourg; uma terceira prosseguiu da rua des Jeuneurs entre os boulevards e a rua Turbigo. O corpo Douai à direita apoiava esse movimento, e empreendeu a subida ao 3º distrito pelas ruas Charlot e de Saintonge. Vinoy avançou rumo à Bastilha pelas ruelas que vão dar na rua St. Antoine e pelos cais das margens esquerda e direita. Com uma estratégia mais modesta Ciskey canhoneava a Butte aux Cailles, diante da qual os seus homens haviam por tantas vezes sido postos para correr.

As fortalezas foram o teatro de cenas dolorosas. Wroblewski, cuja ala esquerda era coberta por elas, contava preservá-las através da energia do membro do Conselho que assumira as funções de delegado. Na noite anterior o comandante de Montrouge abandonara essa fortaleza e recuara para Bicêtre com a sua guarnição. A fortaleza de Bicêtre não resistiu por muito mais

tempo. Os batalhões declararam que queriam retornar à cidade com o fim de defender os seus bairros e o delegado, a despeito das suas ameaças, não foi capaz de detê-los; portanto, depois de ter pregado os seus canhões, toda a guarnição retornou a Paris. Os Versalheses ocuparam as duas fortalezas evacuadas, e lá instalaram de imediato baterias contra a fortaleza de Ivry e contra a Butte aux Cailles.

O ataque geral contra a Butte não começou até o meio-dia. Os Versalheses seguiram as muralhas até a avenida d'Italie e a estrada de Choisy com a intenção de garantir a praça d'Italie, que eles atacaram pelo lado dos Gobelins. As avenidas d'Italie e de Choisy eram defendidas por poderosas barricadas que eles não podiam sequer sonhar em forçar; mas a do boulevard St. Marcel, protegida de um lado pelo incêndio dos Gobelins, podia ser contornada pelos numerosos jardins cortando o bairro, e os Versalheses conseguiram fazê-lo. Eles se apossaram primeiro da rua des Cordillières St. Marcel, onde vinte Federados que recusaram a rendição foram massacrados, e então entraram nos jardins. Por três horas uma longa e obstinada fuzilaria envolveu a Butte aux Cailles, martelada pelos canhões Versalheses, seis vezes mais numerosos do que os de Wroblewski.

A guarnição de Ivry chegou por volta de uma hora. Ao deixar a fortaleza eles acionaram uma mina que fez saltar dois bastiões. Logo depois os Versalheses penetraram na fortaleza abandonada, e então não houve luta, como o sr. Thiers tentou fazer parecer em um daqueles boletins nos quais ele muito espertamente misturava verdades e falsidades.

Na margem direita, por volta das dez horas os Versalheses chegaram à barricada do *faubourg* St. Denis próxima à prisão St. Lazare, flanquearam e fuzilaram dezessete Federados. Dali eles foram ocupar a barricada St. Laurent na junção do boulevard Sébastopol, montaram baterias contra o Château d'Eau e pela rua des Récollets ganharam o cais Valmy. À noite o seu acesso ao boulevard St. Martin foi retardado pela rua de Lanery, contra a qual eles atiraram do teatro Ambigu-Comique. No 3º distrito eles foram parados na ruas Meslay, Nazareth, du Vert-Bois, Charlot e de Saintonge. Invadido por todos os lados, o 2º distrito ainda disputava a sua rua Montorgueil. Mais próximo ao Sena, Vinoy conseguiu entrar no Grenier d'Abondance por vias vicinais e com o fim de desalojá-lo os Federados atearam fogo a esse prédio, de onde se vê a Bastilha.

Três horas - Os Versalheses penetravam cada vez mais no 13º distrito. Quando os seus obuses atingiram a prisão da avenida d'Italie os Federados fizeram evacuar os prisioneiros, entre os quais os Dominicanos de Arcueil que haviam sido trazidos para Paris juntamente com a guarnição de Bicêtre. A visão desses homens duplamente odiosos exasperou os combatentes cujas armas, por assim dizer, dispararam espontaneamente, e uma dúzia dos apóstolos da Inquisição caiu sob as balas no momento em que corriam pela avenida. Todos os outros prisioneiros foram respeitados.

Desde a manhã Wroblewski recebera a ordem de recuar para o 11º distrito. Ele persistiu em aguentar-se e havia deslocado o centro da sua resistência para uma pequena distância à sua retaguarda, na praça Jeanne d'Arc. Mas os Versalheses, senhores da avenida des Gobelins, fizeram a junção com as colunas das avenidas d'Italie e Choisy no 13º distrito. Um dos seus destacamentos continuou a avançar em fila ao longo das muralhas, alcançou o aterro da ferrovia de Orléans, e os casacas-vermelhas já estavam apontando no boulevard St. Marcel. Quase cercado de todos os lados, Wroblewski foi afinal forçado a consentir em uma retirada. Além do quê, os chefes subalternos haviam como o seu general recebido a ordem de recuar; e assim, protegido pelo fogo da ponte Austerlitz o hábil defensor da Butte aux Cailles passou o Sena em boa ordem com os seus canhões e mil homens. Um certo número de Federados que obstinaram-se em ficar para trás no 13º distrito foram cercados e feitos prisioneiros.

Os Versalheses não ousaram perturbar a retirada de Wroblewski, apesar de controlarem parte do boulevard St. Marcel, a estação de Orléans e de suas canhoneiras estarem subindo o Sena. Estas foram retidas por um momento à entrada do canal St. Martin mas ao arrancarem a todo vapor superaram o obstáculo, e à noite deram assistência ao ataque contra o 11º distrito.

A margem esquerda inteira pertencia agora ao inimigo; a Bastilha e o Château d'Eau tornaram-se o centro do combate.

No boulevard Voltaire podia-se ver agora todos os homens verdadeiramente devotados que não

havia perecido, ou cuja presença não era indispensável em seus bairros. Um dos mais ativos era Vermorel, que durante toda a luta exibiu uma coragem composta a um tempo de ardor e frieza. Montado a cavalo, o seu lenço vermelho atado à sua volta, ele cavalgava de barricada em barricada, encorajando os homens, buscando e trazendo reforços. Na prefeitura uma outra reunião realizou-se por volta das doze horas. Vinte e dois membros do Conselho estavam presentes; cerca de dez mais estavam defendendo os seus distritos, os outros haviam desaparecido. Arnold explicou que na noite anterior o secretário de Mr. Washburne, o embaixador dos Estados Unidos, viera oferecer a mediação dos alemães. A Comuna, ele disse, só precisava agora enviar comissários a Vincennes para acertar as condições de um armistício. Apresentado à reunião, o secretário renovou essa declaração e a discussão teve início. Delescluze manifestou uma grande relutância em aceitar esse plano. Que motivos induziam o estrangeiro a intervir? Por um fim à conflagração e preservar a sua garantia, foi-lhe respondido. Mas a sua garantia era o Governo de Versalhes, cujo triunfo já não era duvidoso a essa altura. Outros asseveraram com gravidade que a inveterada defesa de Paris inspirara admiração ao prussiano. Ninguém perguntou se essa insensata proposição não escondia alguma cilada; se o pretense secretário não era simplesmente um espião. Eles agarraram-se como náufragos a essa última chance de salvação. Arnold até mesmo propôs a base de um armistício similar ao do Comitê Central. Quatro dos membros presentes, entre eles Delescluze, foram encarregados de acompanhar o secretário americano a Vincennes.

Às três horas eles chegaram ao portão de Vincennes, mas o comissário de polícia recusou-se a deixá-los passar. Eles mostraram os seus lenços, seus cartões de membros do Conselho. O comissário insistiu em um salvo-conduto da Comissão de Segurança Pública. Enquanto a discussão prosseguia, alguns Federados apareceram. "*Aonde vocês estão indo?*" disseram eles. "*A Vincennes.*" "*Para que?*" "*Em uma missão.*" Uma penosa controvérsia teve início. Os Federados suspeitaram que os membros do Conselho pretendiam evadir-se, e estavam mesmo ao ponto de maltratá-los, quando alguém reconheceu Delescluze. O seu nome salvou os outros; mas o comissário ainda insistia em um salvo-conduto.

Um dos delegados correu à prefeitura do 11º distrito para providenciá-lo mas, mesmo com a ordem de Ferré, os guardas recusaram-se a baixar a ponte levadiça. Delescluze dirigiu-se a eles, disse que o bem comum de todos estava em jogo; mas súplicas e ameaças mostraram-se igualmente incapazes de afastar as suspeitas de uma defecção. Delescluze voltou tremendo de cima a baixo. Por um momento ele fora suspeito de covardia; isso foi para ele um golpe mortal.

Diante da prefeitura ele encontrou uma multidão gritando por causa de algumas bandeiras coroadas por águias que acabavam de ser, segundo eles, tomadas dos Versalheses. Feridos estavam sendo trazidos da Bastilha. Mademoiselle Dimitrieff, ela própria ferida, amparava Frankel, ferido na barricada do *faubourg* St. Antoine. Wroblewski chegara justamente da Butte aux Cailles, e Delescluze ofereceu-lhe a posição de comandante-em-chefe. "*Você tem uns poucos milhares de homens resolutos?*" perguntou Wroblewski. "*Um pouco, no máximo,*" respondeu o delegado. Wroblewski não podia aceitar qualquer responsabilidade de comando sob condições tão desiguais, e continuou a lutar como um simples soldado. Ele era o único general da Comuna que mostrara as qualidades de um chefe-de-corpo. Ele sempre pediu que lhe enviassem aqueles batalhões que todos os outros haviam recusado, aceitando utilizá-los.

O ataque estava cada vez mais próximo do Château d'Eau. Construído com o objetivo de controlar os *faubourgs* e abrindo-se para oito grandes avenidas, esse lugar não havia sido realmente fortificado. Senhores do teatro Folies-Dramatiques e da rua do Château d'Eau, os Versalheses contornaram o quartel Prince Eugène para atacá-lo. Casa por casa eles arrancaram a rua Magnan dos *pupilles de la Commune*. Depois de encarar o inimigo por quatro dias, Brunel tombou ferido na coxa. Os *pupilles* carregaram-no em uma maca através da praça do Château d'Eau em meio a uma enxurrada de balas.

Da rua Magnan os Versalheses logo alcançaram o quartel e os Federados, muito pouco numerosos para defender esse vasto monumento, tiveram de evacuá-lo.

A queda dessa posição deixou descoberta a rua Turbigo, permitindo assim que os Versalheses ocupassem toda a parte superior do 3º distrito, e cercassem o Conservatoire des Arts et Métiers. Após uma luta um tanto longa os Federados abandonaram a barricada do Conservatoire, deixando para trás uma metralhadora carregada. Uma mulher também ficou. Tão

logo os soldados entraram na área de alcance da peça, ela descarregou a metralhadora sobre eles.

As barricadas do boulevard Voltaire e do teatro Dejaset deviam daí em diante sustentar todo o fogo do quartel Prince Eugène, dos boulevards Magenta e St. Martin, e das ruas du Temple e Turbigo. Por trás do seu frágil abrigo os Federados receberam essa avalanche garbosamente. Quantos homens têm sido chamados heróis, sem jamais ter exibido uma centésima parte dessa simples coragem, sem nenhum efeito teatral, sem uma história, que resplandeceu durante aqueles dias em mil pontos de Paris! No Château d'Eau uma moça de dezenove anos, rósea e encantadora, de cabelos negros e anelados, trajando um uniforme de fuzileiro naval, lutou desesperadamente por todo um dia. No mesmo lugar um tenente foi morto em frente à barricada; um menino de quinze anos, Dauteuille, foi catar o quepe do defunto sob uma chuva de balas, e trouxe-o de volta em meio aos vivas dos seus companheiros.

Pois na batalha das ruas, assim como no campo aberto, as crianças mostraram-se tão bravas quanto os homens. Na barricada do *faubourg* du Temple o mais incansável artilheiro era uma criança. Tomada a barricada, todos os seus defensores foram fuzilados, e a vez da criança também chegou. Ele pediu por três minutos de graça; *"para que pudesse levar à sua mãe, que morava em frente, o seu relógio de prata, para que ela ao menos não fique sem nada."* Involuntariamente comovido, o oficial deixou-o ir pensando que jamais o veria de novo, mas três minutos depois a criança gritou, *"Aqui estou eu!"* pulou para a calçada, e agilmente inclinou-se contra a parede próximo aos cadáveres dos seus camaradas. Paris jamais morrerá enquanto gerar uma gente desse tipo.

A praça do Château d'Eau foi devastada como se por um ciclone. As paredes ruíam sob os obuses e as bombas; blocos enormes eram projetados para o alto; os leões das fontes perfurados ou derrubados, o tanque de água sobre elas fraturado. O fogo escapava de vinte casas. As árvores estavam sem folhas, e os seus galhos partidos pendiam como membros a ponto de soltar-se do corpo. Revirados, os jardins emanavam nuvens de pó. A mão invisível da morte pousava sobre cada pedra.

Às sete menos um quarto próximo à prefeitura do 11^o distrito, vimos Delescluze, Jourde e cerca de cem Federados marchando na direção do Château d'Eau. Delescluze usava a sua roupa ordinária, chapéu, casaco e calças pretas, o seu lenço vermelho, pouco evidente como era o seu hábito, amarrado à cintura. Sem armas, ele apoiava-se em uma bengala. Apreensivos quanto a algum pânico no Château d'Eau, nós seguimos o delegado. Alguns de nós paramos na igreja St. Ambroise para obter armas. Encontramos então um comerciante da Alsácia que, exasperado com aqueles que traíram a sua terra, estivera lutando por cinco dias, e acabara de ser severamente ferido; um pouco mais além Lisbonne que, como Brunel, tendo por tantas vezes desafiado a morte, havia afinal tombado no Château d'Eau; estava sendo trazido de volta quase morto; e finalmente Vermorel, ferido ao lado de Lisbonne, a quem Theisz e Jaclard carregavam em uma maca, deixando atrás de si grossas gotas de sangue. Ficamos assim um pouco para trás de Delescluze. A cerca de oitenta jardas da barricada os guardas que o acompanhavam se detiveram, pois os projéteis obscureciam a entrada do boulevard.

Delescluze ainda seguia em frente. Veja a cena; nós a testemunhamos; que ela seja gravada nos anais da história. O sol estava se pondo. O velho exilado, alheio ao fato de estarem-no seguindo ou não, ainda avançava no mesmo passo, o único ser vivo na rua. Chegando à barricada, ele inclinou-se para a esquerda e subiu sobre os paralelepípedos. Pela última vez a sua face austera, emoldurada por sua barba branca, apareceu-nos voltada para a morte. Subitamente Delescluze desapareceu. Ele caíra como se atingido por um raio na praça do Château d'Eau.

Alguns homens tentaram levantá-lo. Três dos quatro caíram mortos. A única coisa que importava agora era a barricada, a união dos seus poucos defensores. Um membro do Conselho, Johannard, quase no meio do boulevard, erguendo a sua arma e chorando de raiva, gritou àqueles que hesitavam, *"Não! vocês não são dignos de defender a Comuna!"* A noite caía. Nós retornamos com o coração partido, deixando abandonado aos ultrajes de um adversário sem respeito pela morte, o corpo do nosso amigo.

Ele não havia avisado a ninguém, nem mesmo a seus amigos mais íntimos. Em silêncio, tendo por confidente somente a sua severa consciência, Delescluze caminhou para a barricada como

os velhos *Montagnards* marchavam para o cadafalso. Uma vida movimentada esgotara as suas forças; não restava-lhe senão um sopro, e ele o deu. Os Versalheses roubaram o seu corpo, mas a sua memória permanecerá cristalizada no coração do povo enquanto a França for a pátria da Revolução. Ele viveu apenas pela Justiça. Esse era o seu talento, a sua ciência, a estrela guia da sua vida. Ele proclamava-a, confessava-a, durante trinta anos de exílio, prisões, insultos, desdenhando as perseguições que o esmagavam. Um Jacobino, ele tombou com os homens do povo para defendê-la. Era a sua recompensa morrer por ela, as mãos livres, em plena luz do dia, na hora em que escolheu, sem afligir-se à visão do carrasco.

Compare a conduta do Ministro da Guerra da Comuna com a covardia do Ministro e dos generais Bonapartistas escapando da morte ao render as suas espadas.

Por toda a noite os Versalheses atacaram a entrada do boulevard Voltaire, protegida pelo incêndio das duas casas da esquina. Do lado da Bastilha eles não foram além da praça Royale, mas estavam irrompendo no 12º distrito. Ao abrigo das paredes do cais, eles haviam no curso desse dia penetrado sob a ponte Austerlitz; à noite, protegidos por suas canhoneiras e pelas baterias do Jardin des Plantes, eles avançaram até Mazas.

A nossa ala direita resistia melhor. Os Versalheses não haviam conseguido ir além da linha férrea do Leste. De longe eles atacavam a rua d'Aubervilliers, apoiados pelo fogo da Rotonde. Ranvier canhoneava Montmartre vigorosamente, quando um despacho do Comitê de Segurança Pública informou-o que a bandeira vermelha estava hasteada no Moulin de la Galette. Incapaz de acreditar nisso, Ranvier recusou-se a cessar fogo.

À noite os Versalheses formavam uma linha segmentada em frente aos Federados, começando na ferrovia do Leste, passando pelo Château d'Eau e pela Bastilha, e terminando na ferrovia de Lyon. Não restava à Comuna senão dois distritos intactos, o 19º e o 20º, e cerca de metade do 11º e do 12º.

A Paris de Versalhes já não apresentava um aspecto civilizado. Medo, ódio, e uma brutalidade diabólica sufocavam todo sentimento de humanidade. Era uma *"furiosa loucura"* universal, dizia o *Siècle* no dia 26. *"Não mais se distingue o justo do injusto, o inocente do culpado. A vida dos cidadãos não vale mais do que um fio de cabelo. Por um grito, por uma palavra, você é preso, fuzilado."* As entradas de ar dos porões foram vedadas por ordem do exército, que queria dar crédito à lenda das *pétroleuses*. Os Guardas Nacionais da ordem rastejaram para fora das suas tocaias, vaidosos das suas braçadeiras, oferecendo os seus serviços aos oficiais, saqueando as casas, reivindicando a honra de presidir aos fuzilamentos. No 10º distrito o ex-prefeito, Dubail, assistido pelo comandante do 109º batalhão, conduzia os soldados na caça àqueles que estiveram outrora sob a sua administração. Graças aos *brassardiers* a maré de prisioneiros cresceu tanto que foi necessário centralizar a carnificina. As vítimas eram empurradas para as prefeituras, os quartéis, edifícios públicos, onde cortes policiais foram organizadas, e fuzilava-se em lotes. Quando a fuzilaria mostrava-se insuficiente, a metralhadora matava-os por atacado. Nem todos morriam na mesma hora, e à noite erguiam-se dessas pilhas ensanguentadas gritos medonhos de agonia.

As sombras da noite traziam de volta o espetáculo dos incêndios. Onde os raios de sol mostravam apenas nuvens sombrias, pirâmides de fogo apareciam agora. O Grenier d'Abondance iluminava o Sena muito além das fortificações. Inteiramente perfurada pelos obuses, que haviam ateado fogo ao seu topo de coroas e bandeiras, a Bastilha ardia como uma tocha gigante. O boulevard Voltaire estava queimando para os lados do Château d'Eau.

A morte de Delescluze havia sido tão simples e tão rápida, que mesmo na prefeitura do 11º distrito duvidavam dela. Por volta da meia-noite alguns membros do Conselho concordaram em evacuar a prefeitura. Como! sempre fuja diante da pólvora e dos tiros! Foi a Bastilha tomada? O boulevard Voltaire já não resiste mais? Toda a estratégia do Comitê de Segurança Pública, todo o seu plano de batalha, era recuar. Às duas da manhã, quando foi necessário um membro da Comuna para dar apoio à barricada do Château d'Eau, somente Gambon foi encontrado, dormindo em um canto. Um oficial acordou-o e desculpou-se. O valoroso Republicano respondeu, *"Tanto poderia ser eu como qualquer outro; eu sobrevivi,"* e ele partiu. Mas as balas já varriam o boulevard Voltaire até a igreja St. Ambroise. A barricada foi desertada.

O comandante Ségoyer foi capturado pelos facínoras que defendiam a Bastilha e, sem respeito pelas leis da guerra, foi imediatamente fuzilado
O sr. Thiers aos Governadores, 27 de maio

A RESISTÊNCIA É CENTRADA EM BELLEVILLE
 SEXTA-FEIRA, DIA 26
 QUARENTA E OITO REFÉNS SÃO FUZILADOS NA RUA HAXO
 SÁBADO, DIA 27
 TODO O 20º DISTRITO É INVADIDO - O PÈRE-LACHAISE É TOMADO
 DOMINGO, DIA 28
 A BATALHA TERMINA ÀS ONZE DA MANHÃ
 SEGUNDA-FEIRA, DIA 29
 O FORTE DE VINCENNES SE RENDE

Continuando com as suas surpresas noturnas, os soldados apossaram-se das barricadas abandonadas da rua d'Aubervilliers e do boulevard de la Chapelle. Do lado da Bastilha eles ocuparam a barricada da rua St. Antoine na esquina da rua Castex, a estação ferroviária de Lyon e a prisão Mazas; na terceira, todas as defesas abandonadas do mercado e da praça du Temple. Eles alcançaram as primeiras casas do boulevard Voltaire, e estabeleceram-se nos Magasins Réunis.

Na escuridão da noite um oficial Versalhês foi surpreendido por nossos postos avançados da Bastilha e fuzilado; *"sem respeito pelas leis da guerra,"* disse o sr. Thiers no dia seguinte. Como se durante os quatro dias em que estivera fuzilando impiedosamente milhares de prisioneiros, velhos, mulheres e crianças, o sr. Thiers obedecesse qualquer outra lei senão a da selva.

O ataque recomeçou ao romper do dia. Em La Villette os Versalheses, cruzando a rua d'Aubervilliers, viraram e ocuparam a usina de gás abandonada; no centro, chegaram ao Cirque Napoleon; à direita, no 12º distrito, invadiram os bastiões mais próximos ao rio sem uma luta. Um destacamento escalou o aterro da ferrovia Vincennes e ocupou a estação, enquanto um outro apossou-se do boulevard Mazas, da avenida Lacuée, e penetrou no *faubourg* St. Antoine. A Bastilha viu-se assim pressionada de perto no seu flanco direito, enquanto as tropas da praça Royale atacaram-na pela direita pelo boulevard Beaumarchais.

O sol já não brilhava. Esses cinco dias de canhoneio haviam trazido a chuva que geralmente acompanha as grandes batalhas. A fuzilaria perdera a sua voz aguda e rápida, mas continuava a rugir em tons abafados. Os homens, assediados, molhados até os ossos, mal distinguiam através da bruma o ponto de onde vinha o ataque. Os obuses de uma bateria Versalhesa estabelecida na estação da ferrovia de Orléans perturbavam a entrada do *faubourg* St. Antoine. Às sete horas foi anunciada a presença de soldados no topo do *faubourg*. Os Federados acorreram para lá com os seus canhões. Se eles não os detivessem, a Bastilha seria contornada.

Eles não tiveram sucesso. A rua d'Aligre e a avenida Lacuée rivalizaram-se em devoção. Entrincheirados nas casas, os Federados caíram mas não cederam nem recuaram; e graças ao seu sacrifício a Bastilha disputou por seis horas as suas barricadas estilhaçadas e as suas casas arruinadas. Cada pedra guarda a sua lenda nesse estuário da Revolução. Encaixada aqui na parede está uma bala disparada em 1789 contra a fortaleza. Inclinando-se contra a mesma parede os filhos dos combatentes de Junho lutaram pelo mesmo terreno que os seus pais. Aqui os conservadores de 1848 deram vazão à sua ira; mas o que era a sua fúria comparada à de 1871? A casa na esquina da rua de la Roquette, o ângulo da rua de Charenton, desapareceram como o cenário de um teatro, e em meio a essas ruínas, sob essas vigas em chamas, alguns homens disparavam os seus canhões, vinte vezes ergueram a bandeira vermelha, derrubada pelas balas Versalhesas por igual número de vezes. Mesmo sabendo-se impotente para triunfar sobre todo um exército, esse velho e glorioso sítio pelo menos sucumbirá de forma honorável.

Quantos havia ali ao meio-dia? Centenas, já que à noite centenas de cadáveres jaziam em torno da barricada principal. Na rua Crozatier eles estavam mortos; também na rua d'Aligre eles foram mortos, na luta ou após o combate. E como eles morreram! Na rua Crozatier um artilheiro do exército, que passara-se para o lado do povo em 18 de março, foi cercado. *"Nós vamos fuzilá-lo,"* gritaram os soldados. Ele deu de ombros e respondeu, *"Vocês só podem me matar"*

uma vez!" Mais adiante um velho estava lutando; em um refinamento de crueldade o oficial quis fuzilá-lo sobre uma pilha de lixo. "Eu lutei bravamente," disse o velho; "eu tenho o direito de não morrer na lama."

De fato eles morreram bem por toda a parte. Preso nesse mesmo dia na margem esquerda do Sena, Millière foi levado ao estado-maior de Ciskey. Esse general Imperial, arruinado pela mais vil corrupção, e que terminou a sua carreira ministerial como um traidor, havia transformado o seu quartel-general no Luxembourg em um dos açougues da margem esquerda. O papel de Millière na Comuna fora de mera conciliação, e a sua polêmica nos jornais inteiramente doutrinária e do mais elevado caráter; mas o ódio dos oficiais por todo Socialista, o ódio de Jules Favre, estava à sua espera. O seu assassino, o capitão do estado-maior Garcin, narrou o seu crime de cabeça erguida. Perante a história é preciso que deixêmo-lo falar.

"Millière foi trazido quando estávamos tomando o café da manhã com o general no restaurante De Tournon, próximo ao Luxembourg. Nós ouvimos um grande alarido, e saímos. Disseram-me, 'Esse é Millière.' Eu cuidei para que a multidão não fizesse justiça com as próprias mãos. Ele não entrou no Luxembourg; ele foi parado no portão. Eu dirigi-me a ele e disse, 'Você é Millière?' 'Sim, mas você sabe que eu sou um deputado.' 'Pode ser, mas eu acho que você perdeu o seu caráter de deputado. Além disso, há um deputado entre nós, o sr. de Quinsonnas, que poderá reconhecê-lo.'

"Eu então disse a Millière que as ordens do general eram que ele deveria ser fuzilado. Ele disse-me, 'Por que?'

"Eu respondi-lhe, 'Eu só sei o seu nome. Eu tenho lido artigos seus que revoltaram-me' (provavelmente os artigos sobre Jules Favre). 'Você é uma víbora, que se esmaga com o pé. Você detesta a sociedade.' Ele parou, dizendo com um ar significativo, 'Oh, sim! Eu de fato odeio essa sociedade.' 'Bem, ela vai removê-lo do seu seio; você vai ser fuzilado.' 'Isso é justiça sumária, barbaridade, crueldade.' 'E toda a crueldade que você cometeu, isso nada conta para você? De qualquer maneira, já que você diz que é Millière, não há nada mais que possa ser feito.'

"O general ordenara que ele deveria ser fuzilado no Panthéon, de joelhos, para pedir perdão à sociedade por todo o mal que havia feito. Ele recusou-se a ser fuzilado de joelhos. Eu disse a ele, 'Essa é a ordem; você será fuzilado de joelhos, e não de outra forma.' Ele representou uma pequena comédia, abrindo o casaco e mostrando o peito nu ao pelotão de fuzilamento. Eu disse a ele, 'Você está representando; você quer que eles digam como você morreu; morra tranquilo, assim será melhor.' 'Eu sou livre no meu próprio interesse e em nome da minha Causa de fazer como quiser.' 'Que seja; ajoelhe-se.' Então ele disse a mim, 'Eu só o farei se você mandar dois homens forçarem-me.' Eu fiz forçarem-no a joelhar-se, e então a sua execução teve prosseguimento. Ele gritou, 'Viva a humanidade!' Ele estava a ponto de gritar mais alguma coisa quando caiu morto."

Um oficial escalou os degraus, aproximou-se do corpo, e disparou o seu fuzil na têmpora esquerda. A cabeça de Millière saltou e, caindo de novo, negra de pólvora, parecia olhar para o frontispício do monumento.

"Viva a humanidade!" A frase implica em duas causas. *"Eu me importo tanto pela liberdade dos outros povos quanto pela da França,"* disse um Federado a um reacionário. Assim como em 1793, Paris combate por todos os oprimidos em 1871.

A Bastilha sucumbiu por volta das duas horas. La Villette continuava a lutar ainda. Pela manhã a barricada na esquina do boulevard com a rua de Flandre fora rendida pelo seu comandante. Os Federados concentraram-se na retaguarda ao longo da linha do canal, e ergueram uma barricada na rua de Crimée. A Rotonde, destinada a sustentar o choque principal, foi reforçada por uma barricada no cais de Loire. O 269º, que por dois dias havia feito frente ao inimigo, recomeçou a luta por trás dessas novas posições. Como essa linha de La Villette era de grande extensão, Ranvier e Passedouet foram buscar reforços no 20º distrito, onde os remanescentes de todos os batalhões refugiaram-se.

Eles aglomeravam-se em torno da prefeitura, que distribuía alojamentos e ordens de comida. Próximo à igreja os vagões e os cavalos eram ruidosamente acomodados. O quartel-general e os diferentes serviços foram estabelecidos na rua Haxo na Cité Vincennes, uma série de

construções interseccionadas por jardins.

As numerosíssimas barricadas nas inextricáveis ruas de Ménilmontant estavam quase todas voltadas para o boulevard. O caminho estratégico, que nesse ponto domina o Père-Lachaise, as colinas Chaumont e o boulevard exterior, sequer foi guardado.

Do alto das muralhas os prussianos estavam visivelmente em armas. De acordo com os termos de uma convenção previamente concluída entre Versalhes e o príncipe da Saxônia, o exército alemão investira Paris ao norte e a leste desde segunda-feira. Ele interrompera a ferrovia do Norte, guarnecera a linha do canal a partir de St. Denis, posicionara sentinelas de St. Denis a Charenton, erigira barricadas em todas as estradas. A partir das cinco da tarde de quinta-feira, 5.000 bávaros desceram em marcha de Fontenay, Nogent e Charenton, formando um cordão impenetrável do Marne a Montreuil; e durante a noite um outro corpo de 5.000 homens ocupou Vincennes, com oitenta peças de artilharia. Às nove horas ele investiu a fortaleza e desarmou os Federados, que queriam retornar a Paris. Ele fez ainda melhor - encurralou a caça para Versalhes. Já durante o cerco os prussianos haviam dado um apoio indireto ao exército Versalhês; o seu cínico conluio com os conservadores franceses mostrou-se sem máscaras durante os oito dias de maio. De todos os crimes do sr. Thiers, um dos mais odiosos certamente terá sido a sua introdução dos conquistadores da França em nossas discórdias civis, e ter implorado a sua ajuda com o fim de esmagar Paris.

Por volta do meio-dia o fogo irrompeu na parte oeste das docas de La Villette, um imenso depósito de petróleo, essências e materiais combustíveis, deflagrado pelos obuses de ambos os lados. Esse incêndio forçou-nos a deixar as barricadas das ruas de Flandre e Riquet. Ao tentar atravessar o canal com botes, os Versalheses foram detidos pelas barricadas da rua de Crimée e da Rotonde.

Vinoy continuava a subir pelo 12º distrito depois de ter deixado na Bastilha os poucos milhares de homens necessários aos confiscos e às execuções. A barricada da rua de Reully na esquina do *faubourg* St. Antoine resistiu umas poucas horas aos soldados que a canhoneavam do boulevard Mazas. Ao mesmo tempo os Versalheses, marchando ao longo do boulevard Mazas e da rua Picpus, moveram-se rumo à praça do Trône, que eles tentaram flanquear pelas muralhas. A artilharia preparava e cobria os seus menores movimentos. Geralmente eles carregavam as peças na esquina das ruas que desejavam reduzir, avançavam-nas, disparavam, e recuavam-nas de volta para o abrigo. Os Federados só podiam atingir esse inimigo invisível do alto; mas era impossível centralizar a artilharia da Comuna, pois cada barricada queria ter a posse do seu canhão sem importar-se para onde era carregado.

Já não havia mais autoridade de qualquer tipo. No quartel-general uma balbúrdia de oficiais desnorteados. A marcha do inimigo só era conhecida pela chegada dos sobreviventes dos batalhões. Tal era a confusão que nesse lugar, mortal para traidores, podia-se ver, trajando um uniforme de general, du Bisson, expulso de La Villette. Os poucos membros do Conselho que podiam ser encontrados no 20º distrito vagavam ao acaso, absolutamente ignorados; mas eles não haviam desistido de deliberar. Na sexta-feira havia doze deles na rua Haxo, quando o Comitê Central chegou e reivindicou a ditadura. Ela foi-lhes concedida, apesar de alguns que protestaram, Varlin sendo acrescentado ao seu número. Não se ouvia mais falar do Comitê de Segurança Pública.

O único dos seus membros que teve algum papel foi Ranvier, esplendidamente enérgico nos combates. Durante esses dias ele foi a alma de La Villette e Belleville, exortando os homens, cuidando de tudo. No dia 26 ele publicou uma proclamação: *"Cidadãos do 20º distrito! Se sucumbirmos vocês sabem a sorte que lhes está reservada. Às armas! Estejam vigilantes, sobretudo à noite. Eu peço-lhes que executem as nossas ordens fielmente. Dêem o seu apoio ao 19º distrito; ajudem-no a repelir o inimigo. Nisso está a sua segurança. Não fiquem esperando que Belleville seja ela própria atacada. Para a frente, então. Vive la République!"*

Mas muito poucos leram ou obedeceram. Os obuses vindo de Montmartre, que desde o dia anterior esmagavam Belleville e Ménilmontant, os gritos, a visão dos feridos arrastando-se de casa em casa em busca de socorro, os sinais demasiado evidentes do fim próximo, precipitaram os fenômenos ordinários da derrota. As pessoas tornaram-se ferozes e desconfiadas. Qualquer indivíduo sem um uniforme corria o risco de ser fuzilado se não tivesse um nome bem conhecido para recomendá-lo. As notícias que vinham de todos os pontos de

Paris aumentavam a angústia e o desespero. Sabia-se que os soldados não manifestavam nenhuma piedade; que eles despachavam os feridos, matando até mesmo os médicos; que todo indivíduo apanhado em um uniforme da Guarda Nacional, calçando botas regulares, ou cujas roupas mostrassem traços de divisas recentemente arrancadas, era fuzilado na rua ou no quintal de sua casa; que os combatentes que se rendiam sob a promessa de ter a sua vida poupada eram massacrados; que milhares de homens, mulheres, crianças e idosos eram levados a Versalhes de cabeça descoberta, e frequentemente mortos no caminho; que bastava ser parente de um combatente ou oferecer-lhe refúgio para compartilhar a sua sina; as inúmeras execuções das assim chamadas *pétroleuses* eram relatadas.

Por volta das seis horas quarenta e oito gendarmes, eclesiásticos e civis subiram em marcha pela rua Haxo entre um destacamento de Federados. A princípio pensou-se que eles eram prisioneiros recém-capturados, e eles desfilaram em meio a um perfeito silêncio. Mas espalhou-se o rumor de que eles eram os reféns de La Roquette, e que eles estavam sendo levados para morrer. A multidão aumentou, seguiu-os, insultou-os, mas não tocou neles. Às seis e meia o cortejo chegou à Cité Vincennes; os portões fecharam-se sobre eles, e a multidão dispersou-se pela vizinhança.

A escolta empurrou os reféns tumultuosamente contra uma espécie de trincheira ao pé de um muro. Os fuzis estavam sendo apontados, quando um membro do Conselho disse, "*O que vocês estão fazendo? Há um paiol aqui; vocês vão fazer-nos explodir.*" Com isso ele esperava adiar a execução. Outros, um tanto confusos, iam de grupo em grupo, tentando discutir, apaziguar a fúria. Eles foram repelidos, ameaçados, e a sua notoriedade mal bastou para salvá-los da morte.

Os fuzis dispararam de todos os lados; aos poucos os reféns tombaram. Do lado de fora a multidão aplaudia. E contudo, durante dois dias os soldados feitos prisioneiros passaram por Belleville sem excitar um murmúrio; mas esses gendarmes, esses espiões, esses padres, que por vinte anos inteiros haviam pisoteado Paris, representavam o Império, a burguesia, os massacres sob as suas mais odiosas formas.

Nessa mesma manhã Jecker, o cúmplice de Morny, fora fuzilado. O Conselho não soubera como puni-lo; a justiça do povo pousou sobre ele. Um pelotão de quatro Federados foi buscá-lo em La Roquette. Ele parecia calmamente resignado, e até mesmo proseou no caminho. "*Vocês estão enganados,*" disse ele, "*se pensam que eu lucrei com esse negócio. Essa gente me trapaceou.*" Ele foi executado no campo aberto, contíguo ao Père-Lachaise para o lado de Charonne.

Durante esse dia as tropas não executaram nenhum grande movimento. Os corpos Douai e Clinchant foram estacionados no boulevard Richard-Lenoir. A barricada dupla à retaguarda do Bataclan deteve a invasão do boulevard Voltaire; um general Versalhês foi morto na rua St. Sébastien; a praça do Trône ainda resistia por meio da barricada Phillippe-Auguste. A Rotonde e as docas de La Villette também prolongaram a sua resistência. Por volta do fim do dia o incêndio estendeu-se à parte das docas mais próxima da prefeitura.

À noite o exército confinou a defesa à área entre as fortificações e uma linha curva indo dos matadouros de La Villette ao portão de Vincennes, passando pelo canal Sr. Martin, o boulevard Richard-Lenoir e a rua do *faubourg* St. Antoine - Ladmirault e Vinoy ocupando as duas extremidades, Douai e Clinchant no centro.

A noite da sexta-feira para o sábado foi sombria e febril em Ménilmontant e Belleville, devastadas pelos obuses. À esquina de cada rua os sentinelas exigiam a senha (Bouchotte-Belleville), e frequentemente mesmo isso não bastava, e a pessoa precisava provar que fora enviada em alguma missão. Todo chefe de barricada reivindicava o direito de impedir a sua passagem. Os remanescentes dos batalhões continuavam a chegar em desordem, e atulhavam todas as casas. Como a maioria não encontrava mais abrigo, repousavam a céu aberto, em meio aos obuses, sempre saudados com gritos de "*Vive la Commune!*"

Na rua principal de Belleville alguns Guardas Nacionais carregavam caixões sobre os seus mosquetes cruzados, alguns homens os precedendo com tochas, os tambores rufando. Esses combatentes, que em meio aos obuses enterravam silenciosamente os seus camaradas, apareciam em tocante grandeza. Eles estavam eles próprios às portas da morte.

Durante a noite as barricadas da rua d'Allemagne foram abandonadas. Um máximo de mil homens havia por dois dias mantido em cheque os 25.000 soldados de Ladmirault. Quase todos esses bravos homens eram guardas sedentários ou crianças.

A úmida e fraca claridade da manhã de sábado descobriu uma sinistra perspectiva. A bruma estava densa e penetrante, o solo saturado de umidade. Nuvens de fumaça branca erguiam-se lentamente acima da chuva; era a fuzilaria. Os Federados estremeceram sob as suas capas encharcadas.

Desde o romper do dia as barricadas do caminho estratégico, os portões de Montreuil e Bagnolet, foram ocupadas pelas tropas que sem resistência invadiram Charonne. Às sete horas eles se estabeleceram na praça do Trône, cujas defesas haviam sido abandonadas. À entrada do boulevard Voltaire os Versalheses assentaram uma bateria de seis peças voltada contra a prefeitura do 11º distrito. Dali em diante certos da vitória, os oficiais queriam triunfar fazendo barulho. Essa barricada, contra a qual eles dispararam durante todo o dia 27, não tinha senão duas peças da mais irregular projeção. Muitos obuses Versalheses desviaram-se para as pernas da estátua de Voltaire que, com o seu sorriso sardônico, parecia lembrar a seus descendentes burgueses a *"bela surra"* que ele havia-lhes prometido.

Em La Villette os soldados desviaram-se da linha em todos os lados, passaram pelas fortificações e atacaram as ruas Puebla e de Crimée. A sua ala esquerda, ainda engajada na parte superior do 10º distrito, empenhava-se em apossar-se de todas as ruas que conduzem ao boulevard de La Villette. As suas baterias da rua de Flandre, das muralhas e da Rotonde juntaram o seu fogo ao de Montmartre, e soterraram as colinas Chaumont com obuses. A barricada da rua Puebla cedeu por volta das dez horas. Um marinheiro que ficara sozinho escondido por trás dos paralelepípedos esperou pelos Versalheses, descarregou o seu revólver neles, e então, saltou para o meio deles de machadinha na mão. O inimigo espalhou-se por todas as ruas adjacentes até a rua Ménadier, firmemente defendida por nossos atiradores. Na praça des Fêtes duas de nossas peças visavam a rua de Crimée de enfiada e protegiam o nosso flanco direito.

Às onze horas nove ou dez membros do Conselho reuniram-se na rua Haxo. Um deles, Jules Allix, que os seus colegas haviam sido obrigados a internar como louco durante a Comuna, chegou radiante. Segundo ele, ia dar tudo certo; os bairros do centro estavam desmantelados; eles só precisavam descer até lá. Outros julgavam que rendendo-se aos prussianos, que os entregariam aos Versalheses, eles poderiam por um fim aos massacres. Um ou dois membros demonstraram o absurdo dessa esperança e que, além disso, os Federados não permitiriam que ninguém deixasse Paris. Eles não foram ouvidos. Uma nota solene estava sendo redigida quando Ranvier, que andava por todos os lados catando homens um a um para a defesa das colinas Chaumont, interrompeu a sua deliberação exclamando, *"Por que vocês não vão lutar em vez de ficar discutindo!"* Eles se dispersaram em diferentes direções, e essa foi a última reunião desses homens de eternas deliberações.

Nesse momento os Versalheses ocupavam o bastião 16. Ao meio-dia espalhou-se o rumor de que as tropas estavam entrando pela rua de Paris e pelas muralhas. Uma multidão de homens e mulheres expulsos de suas casas pelos obuses aglomeraram-se junto ao portão de Romainville, pedindo em altos brados que os deixassem fugir para os campos das redondezas. À uma hora a ponte levadiça foi baixada para deixar entrar alguns membros da Maçonaria, que haviam ido pedir às autoridades alemãs que permitissem a passagem dos fugitivos. A multidão precipitou-se pelo portão e dispersou-se por entre as casas da aldeia des Lilas. Quando algumas mulheres e crianças tentaram ir mais além e cruzar a barricada que bloqueava a estrada, o sargento da gendarmaria de Romainville lançou-se sobre eles, gritando aos prussianos, *"Atirem! vamos, atirem nessa canalha!"* Um soldado prussiano atirou, ferindo uma mulher.

Nesse meio tempo a ponte levadiça fora reerguida. Por volta das quatro horas o coronel Parent, montado a cavalo e precedido por um clarim, ousou por sua própria conta ir pedir às tropas prussianas a permissão de passagem. Inútil degradação. O oficial respondeu que não tinha ordens, e que iria consultar St. Denis.

No mesmo dia um membro do Conselho que ainda acreditava em uma intervenção americana, Arnold, foi aos postos avançados alemães levar uma carta para Mr. Washburne. Ele foi

mandado de um oficial a outro, recebido de forma um tanto rude, e despachado de volta com a promessa de que a sua carta seria encaminhada ao embaixador.

Por volta das duas horas vários batalhões Versalheses, tendo varrido a rota estratégica, alcançaram a rua de Crimée pela rua des Lilas e os campos abertos das fortificações, mas foram detidos na rua de Bellevue. Da praça du Marché três canhões juntaram o seu fogo ao da praça des Fêtes com o fim de proteger as colinas Chaumont. Essas peças foram servidas o dia inteiro por apenas cinco artilheiros, os braços nus, sem testemunhas, sem precisar de chefes ou de ordens. Às cinco horas os canhões das colinas calaram-se, não tendo mais munição, e os seus artilheiros juntaram-se aos escaramuçadores das ruas Ménadier, Fessart e des Annelets.

Às cinco horas Ferré trouxe à rua Haxo os soldados de linha do quartel Prince Eugène, removidos desde a quarta-feira para a prisão de La Petite Roquette, que acabara de ser evacuada, bem como a Grande Roquette. A multidão olhou para eles sem proferir uma só ameaça, pois não sentiam ódio pelos soldados, que como eles pertenciam ao povo. Eles foram instalados na igreja de Belleville. A sua chegada causou uma diversão fatal. O povo correu para vê-los passar, e a praça des Fêtes foi desmantelada. Os Versalheses vieram e ocuparam-na, e os últimos defensores das colinas recuaram para o *faubourg* du Temple e para a rua de Paris.

Enquanto a nossa frente estava cedendo fomos atacados pela retaguarda. Desde as quatro horas os Versalheses haviam estado mantendo o Père-Lachaise sob sítio, em cujo interior não havia mais que 200 Federados, resolutos mas sem disciplina ou precaução. Os oficiais não haviam sido capazes de fazê-los fortificar os muros. Cinco mil Versalheses aproximaram-se do perímetro vindo de todos os lados, enquanto a artilharia do bastião sulcava o interior. As peças da Comuna mal tinham alguma munição desde o início da tarde. Às seis horas os Versalheses, não ousando apesar do seu número escalar os muros, canhonearam o grande portão do cemitério que logo cedeu não obstante a barricada que o bloqueava. Então uma luta desesperada teve início. Abrigados por trás dos túmulos, os Federados disputaram o seu refúgio metro por metro; eles atracaram-se com o inimigo em uma medonha luta corpo a corpo; nas criptas eles lutaram com baionetas. Os oponentes rolavam e morriam na mesma tumba. O descer prematuro da noite não pôs um fim ao desespero.

No sábado à noite só restavam aos Federados parte do 11º e do 20º distritos. Os Versalheses estavam acampados na praça des Fêtes, rua Fessart, rua Pradier até a rua Rebeval onde, como no boulevard, eles foram detidos. O quadrilátero compreendido entre as ruas do *faubourg* du Temple, Folie Méricourt, de la Roquette e o boulevard exterior estava em parte ocupado pelos Federados. Douai e Clinchant esperavam no boulevard Richard-Lenoir o momento em que Vinoy e Ladmirault houvessem tomado as colinas, forçando assim os Federados contra os seus canhões.

Que noite para os poucos combatentes das últimas horas! Chovia torrencialmente. O incêndio de La Villette iluminava essa escuridão com o seu fulgor ofuscante. Os obuses continuavam a martelar Belleville; eles foram tão longe quanto Bagnolet e feriram alguns soldados prussianos.

Os feridos chegavam em grande número à prefeitura do 20º distrito. Não havia médicos, nem medicamentos, nem colchões, nem cobertores, e os infelizes expiravam sem socorro. Alguns espiões surpreendidos com o uniforme da Guarda Nacional estavam lá e foram fuzilados no pátio. Os *Vingadores de Flourens* chegaram liderados por seu capitão, um fino e elegante rapaz, cambaleando sobre a sua sela. A cantineira, delirante, um lenço atado à um sangramento sobre a frente, praguejava, exortava os homens com o urro de uma leoa ferida. Das mãos convulsivas as armas disparavam ao acaso. O ruído dos vagões, as ameaças, as lamentações, a fuzilaria, o assóvio dos obuses, misturados em um tumulto enlouquecedor, e quem nessas horas horripilantes não se sentiria abandonado pela razão? Cada momento trazia consigo um novo desastre. Um guarda chegava correndo e dizia, "*A barricada Pradier foi abandonada!*;" um outro, "*Precisamos de homens na rua Rebeval!*;" um terceiro, "*Estão fugindo na rua des Prés.*" Para ouvir esses dobres fúnebres não havia senão uns poucos membros do Conselho presentes, entre eles Trinquet, Ferré, Varlin e Ranvier. Desesperados com a sua impotência, alquebrados por esses oito dias, sem dormir e sem esperança, os mais fortes estavam perdidos de aflição.

A partir das quatro horas Vinoy e Ladmirault lançaram as suas tropas ao longo das muralhas sobre a indefesa rota estratégica, e logo efetuaram uma junção no portão Romainville. Por volta das cinco as tropas ocuparam a barricada da rua Rebeval no boulevard de La Villette, e pela rua Vincent e a passagem du Renard atacaram as barricadas da rua de Paris por detrás. A prefeitura do 20º distrito não foi tomada até as oito horas. A barricada da rua de Paris na esquina do boulevard foi defendida pelo comandante do 191º e cinco ou seis guardas, que resistiram até que as suas munições se esgotaram.

Uma coluna partiu do boulevard Philippe-Auguste, penetrou na Roquette por volta das nove horas e liberou os reféns que estavam lá. Senhores do Père-Lachaise desde a véspera, os Versalheses poderiam ter penetrado pelo menos desde as nove horas da noite na prisão abandonada. Esse atraso de doze horas mostra de forma suficiente o seu desprezo pela vida dos reféns. Quatro destes - entre os quais estava o bispo Surat - que haviam fugido na tarde de sábado, haviam sido recapturados nas barricadas da vizinhança e fuzilados defronte à Petite Roquette.

Às nove horas a resistência estava reduzida ao pequeno quadrado formado pelas ruas do *Faubourg* du Temple, des Trois Bornes, des Trois Couronnes e o boulevard de Belleville. Duas ou três ruas do 20º distrito ainda continuavam a lutar, entre outras a rua Ramponeau. Uma pequena falange de cinquenta homens conduzida por Varlin, Ferré e Gambon, faixas vermelhas à cintura, fuzil ao ombro, desceu marchando a rua des Champs, e do 20º distrito desembocou no boulevard. Um gigante Garibaldiano carregava uma imensa bandeira vermelha à frente deles. Eles entraram no 11º distrito. Varlin e seus colegas iam defender a barricada da rua do *faubourg* du Temple e da rua Fontaine au Roi. Pela frente ela estava inacessível; senhores do hospital St. Louis, os Versalheses puderam contorná-la pelas ruas St. Maur e Bichat.

Às dez horas os Federados quase não tinham mais canhões, e dois terços do exército os cercavam. Que importava isso? Nas ruas do *Faubourg* du Temple, Oberkampf, St. Maur e Parmentier eles ainda queriam lutar. Havia barricadas que não podiam ser contornadas e casas sem saídas. A artilharia Versalhesa golpeou-os até os Federados esgotarem a sua munição. Usado o último cartucho, soterrados por obuses, eles se jogaram sobre os mosquetes eriçados à sua volta.

Aos poucos a fuzilaria arrefeceu, tudo estava em silêncio. Por volta das dez horas o último canhão Federado foi descarregado na rua de Paris, que os Versalheses haviam tomado. Com um terrível estampido a peça carregada com um tiro duplo exalou o último suspiro da Comuna de Paris.

A última barricada dos dias de Maio estava na rua Ramponeau. Por um quarto de hora um único Federado a defendeu. Por três vezes ele partiu o mastro da bandeira Versalhesa hasteada na barricada da rua de Paris. Como recompensa pela sua coragem, esse último soldado da Comuna conseguiu escapar.

Às onze horas estava tudo acabado. A praça de la Concorde resistira por dois dias, a Butte aux Cailles dois, La Villette três, o boulevard Voltaire dois dias e meio. Dos setenta e nove membros do Conselho desempenhando funções em 21 de maio, um, Delescluze, morreu nas barricadas; dois, Durand e Rigault, foram fuzilados; dois, Brunel e Vermorel (que morreu poucos dias depois em Versalhes), estavam gravemente feridos; três, Oudet, Protot e Frankel, ligeiramente. Os Versalheses perderam poucos homens. Nós tivemos 3.000 mortos ou feridos. As perdas do exército em Junho de 1848 e a resistência dos insurgentes foram relativamente menos sérias. Mas os insurgentes de Junho tiveram de encarar apenas 30.000 homens; os de Maio combateram contra 130.000 soldados. A luta de Junho durou apenas três dias; a dos Federados oito semanas. Às vésperas de Junho o exército revolucionário estava intacto; em 21 de maio ele estava dizimado. Os mais valentes defensores tombaram nos postos avançados. O que esses 15.000 homens, inutilmente sacrificados fora da cidade, não poderiam ter feito dentro de Paris? O que os bravos homens de Neuilly, Asnières, Issy, Vanves e Cachan, não poderiam ter feito no Panthéon e em Montmartre?

A ocupação da fortaleza de Vincennes teve lugar na segunda-feira dia 29. Desarmada em conformidade com as estipulações do tratado de paz, essa fortaleza fora incapaz de ter qualquer participação na luta. A sua guarnição consistia de 350 homens e vinte e quatro oficiais, comandados pelo chefe de legião Faltot, um veterano das guerras da Polónia e de

Garibaldi, um dos mais ativos homens do 18 de Março. Ofereceram-lhe o mais perfeitamente seguro asilo, mas ele respondeu que a honra proibia-o de desertar os seus companheiros de armas.

No sábado um coronel do estado-maior Versalhês veio negociar uma capitulação. Faltot pediu passaportes em branco, não para si próprio, mas para alguns dos seus oficiais de nacionalidade estrangeira, e na recusa dos Versalheses, Faltot cometeu o erro de apelar aos alemães. Mas MacMahon, prevendo um cerco, solicitara a assistência do Príncipe da Saxônia, e o alemão estava de sobreaviso em nome do seu oficial co-irmão. Durante as negociações o general Vinoy dera um jeito de manter comunicações com o lugar, onde alguns indivíduos desonrosos ofereceram-se para reduzir os Federados intratáveis. Entre estes últimos estava Merlet, guarda-geral de engenharia e artilharia, um ex-oficial não-comissionado, capaz, enérgico, e um tanto resolvido a mandar tudo pelos ares antes de render-se. O paiol continha 1.000 quilogramas de pólvora e 400.000 cartuchos.

Às oito horas da manhã de domingo ouviu-se um disparo no quarto de Merlet. Ele foi encontrado caído no chão, a cabeça perfurada por um tiro de revólver. A desordem no cômodo atestava uma luta; e um capitão do 99º liberado mais tarde pelos Versalheses, B----, admitiu que havia dispersado os elementos da pilha elétrica com a qual Merlet intencionava fazer saltar a fortaleza.

Por volta do meio-dia da segunda-feira o coronel Versalhês renovou a proposta de uma rendição. A luta em Paris estava terminada fazia vinte e quatro horas. Os oficiais deliberaram; concordou-se em abrir os portões, e às três horas os Versalheses entraram. Tendo deposto as suas armas, a guarnição alinhou-se no fundo do pátio. Nove oficiais foram encarcerados à parte.

À noite, nos fossos, a cem jardas do ponto onde o duque d'Enghien havia tombado, esses nove oficiais formaram em linha diante de um pelotão de fuzilamento. Um deles, o coronel Delorme, virou-se para o Versalhês que estava no comando com essas palavras, "*Sinta o meu pulso; veja se eu estou com medo.*"

CAPÍTULO XXXII

Nós somos uma gente honesta; é pelas leis ordinárias que a justiça será feita. Nós não faremos recurso senão à lei
O sr. Thiers à Assembléia Nacional, 22 de maio 1871

Honesto, honesto lago!
Shakespeare

A FÚRIA VERSALHESA - OS MATADOUROS - AS CORTES MILITARES A MORTE DE VARLIN - OS SEPULTAMENTOS

A ordem reinava em Paris. Por toda a parte ruínas, morte, crepitações sinistras. Os oficiais passeavam provocativamente tilintando os seus sabres; os oficiais não-comissionados imitavam a sua arrogância. Soldados acampavam em todas as ruas principais. Alguns, estupefatos pela fadiga e pelo morticínio, dormiam sobre a calçada; outros preparavam a sua sopa ao lado dos cadáveres, cantarolando as canções da sua terra natal.

A bandeira tricolor pendia de todas as janelas para evitar que as casas fossem revistadas. Armas, caixas de cartuchos e uniformes estavam empilhados na sarjeta dos bairros populares. Diante das portas, mulheres sentadas com a cabeça enterrada nas mãos, olhando fixamente para a rua, esperando por um filho ou um marido que jamais retornaria.

Nos bairros ricos a alegria não conhecia limites. Os fujões dos dois cercos, os manifestantes da praça Vendôme, muitos imigrantes de Versalhes, haviam novamente se apossado dos boulevards. Na terça-feira esse populacho de luvas de pelica seguiu os prisioneiros, aclamou os gendarmes que conduziam os comboios, aplaudindo à visão dos furgões ensanguentados. Os civis empenhavam-se em superar os militares em leviandade. Esse daqui, que não se aventurara além do Café du Helder, narrava a tomada do Château d'Eau, gabando-se de ter fuzilado a sua dúzia de prisioneiros. Como turistas em uma viagem de lazer, mulheres elegantes e joviais iam visitar os cadáveres e, para apreciar a visão dos valorosos mortos, erguiam com

a ponta de suas sombrinhas as suas últimas cobertas.

"*Habitantes de Paris*," disse MacMahon no dia 28 ao meio-dia, "*Paris está libertada! Hoje a luta terminou. A ordem, o trabalho e a segurança vão reviver.*"

A "*Paris libertada*" foi dividida em quatro comandos sob as ordens dos generais Vinoy, Ladmirault, Cissey e Douai, e mais uma vez submetida ao regime de estado de sítio que a Comuna havia cancelado. Não havia mais nenhum Governo em Paris senão o do exército que massacrava Paris. Os transeuntes eram constrangidos a desmontar as barricadas, e qualquer sinal de impaciência implicava em prisão, qualquer imprecação, em morte. Cartazes anunciavam que qualquer um que possuísse armas seria imediatamente enviado perante uma corte marcial; que qualquer casa da qual partissem tiros sofreria execução sumária. Todos os lugares públicos eram fechados às onze horas, e dali em diante somente oficiais uniformizados podiam circular livremente. Patrulhas montadas enchiam as ruas. A entrada na cidade tornou-se difícil e sair dela, impossível. Estando os comerciantes impedidos de ir e vir, o abastecimento estava ao ponto de entrar em colapso.

"*Terminada a luta*," o exército transformou-se em um vasto pelotão de carrascos. No domingo mais de 5.000 prisioneiros capturados na vizinhança do Père-Lachaise foram levados à prisão de La Roquette. Um chefe de batalhão postado à entrada examinava-os e dizia, "*Para a direita*," ou "*Para a esquerda*." Os da esquerda eram fuzilados. Seus bolsos esvaziados, eles eram alinhados à uma parede e massacrados. Dois ou três padres inclinados sobre os seus breviários resmungavam as orações para os agonizantes.

Do domingo à manhã de segunda-feira somente em La Roquette mais de 1.900 pessoas foram assim chacinadas. O sangue escorria em largas poças para os esgotos da prisão. A mesma carnificina teve lugar na Escola Militar e no parque Monceaux.

Esses eram os açougues sem frases. Em outros lugares os prisioneiros foram conduzidos perante as cortes policiais que proliferavam em Paris desde a segunda-feira. Estas não haviam surgido por acaso nem, como acreditou-se, em meio à fúria da luta. Ficou provado perante as cortes marciais que o número e a sede dessas cortes policiais, com as suas respectivas jurisdições, haviam sido apontados em Versalhes antes da entrada das tropas. Uma das mais célebres foi a do teatro Châtelet, presidida pelo coronel Fabre. Milhares de prisioneiros eram primeiro confinados no palco e na platéia, sob as armas dos soldados posicionados nos camarotes; então, pouco a pouco, como ovelhas conduzidas à porta do açougue, de ala em ala eles eram empurrados para o salão onde, em torno de uma grande mesa, sentavam-se oficiais do exército e da Guarda Nacional honesta, o sabre entre as pernas, um charuto na boca. O interrogatório durava quinze segundos. "*Você pegou em armas? Você serviu à Comuna? Mostre-me as suas mãos.*" Se a atitude resoluta do prisioneiro sugerisse a de um combatente, se o seu rosto fosse desagradável, sem perguntar o seu nome, a sua profissão, sem nada anotar em nenhum registro, ele era *classificado*. "*Você?*" diziam ao seguinte, e assim por diante até o fim da fila, sem excetuar as mulheres, crianças e idosos. Quando por um capricho um prisioneiro era poupado, era chamado *ordinário* e reservado para Versalhes. Ninguém era liberado.

Os *classificados* eram de imediato encaminhados aos carrascos, que levavam-nos para o jardim ou pátio mais próximo. Do Châtelet, por exemplo, eles eram levados ao quartel Lebau. Ali, mal as portas se fechavam os gendarmes disparavam sem sequer agrupar as vítimas diante de um pelotão. Alguns, apenas feridos, corriam ao longo dos muros, os gendarmes perseguindo-os e atirando até que tombassem mortos. Moreau do Comitê Central pereceu na mão de uma dessas quadrilhas. Surpreendido na noite de terça-feira na rua de Rivoli, ele foi conduzido ao Châtelet e fuzilado no dia seguinte. Os condenados da corte policial do Luxembourg eram conduzidos ao jardim e colocados contra um terraço. Havia tantas vítimas que os soldados, cansados, eram obrigados a descansar as suas armas sobre os próprios moribundos. A parede do terraço estava coberta de massa encefálica; os carrascos patinavam em poças de sangue.

O massacre assim processou-se, organizado de forma metódica, no quartel Dupleix, no Liceu Bonaparte, nas estações ferroviárias do Norte e do Leste, no Jardin des Plantes, em muitas prefeituras e quartéis, ao mesmo tempo como nos abatedouros. Grandes furgões abertos vinham buscar os cadáveres, e iam descarregá-los na praça ou em qualquer espaço aberto da vizinhança.

As vítimas morriam simplesmente, sem fanfarronada. Muitos cruzavam os braços diante dos mosquetes, e eles próprios davam a ordem de fogo. Mulheres e crianças seguiam os seus maridos e os seus pais, gritando aos soldados, "*Fuzilem-nos com eles!*" E eram fuzilados. Mulheres até então estranhas à luta foram vistas descendo às ruas, exasperadas com essa carnificina, esbofetear os oficiais, e então jogar-se contra uma parede esperando pela morte.

Em Junho de 1848 Cavaignac havia prometido o perdão, e depois massacrou. O sr. Thiers jurou fazer cumprir a lei, e deu carta branca ao exército. Os oficiais retornados da Alemanha podiam agora saciar à vontade a sua indignação contra Paris, que os insultara ao resistir quando eles haviam capitulado; os Bonapartistas descarregar contra os Republicanos os velhos ódios do Império; os jovens oficiais recém-formados em St. Cyr fazer o seu estágio de insolência contra os "*civis.*" Um general (Cissey mais provavelmente) deu a ordem de fuzilar o sr. Cernuschi, cujo crime consistia em ter oferecido 100.000 francos à campanha anti-plebiscitária de 1870. Qualquer indivíduo de alguma notoriedade popular estava com a morte garantida. O dr. Tony Moilin, que não tivera nenhum papel na Comuna, mas estivera implicado em vários julgamentos políticos durante o Império, foi em alguns instantes julgado e condenado à morte; "*não,*" os juízes condescenderam em dizer-lhe, "*que ele tenha cometido qualquer ato que merecesse a morte, mas por que ele era um chefe do partido Socialista, um desses homens de quem um Governo prudente e sábio deve livrar-se quando encontra uma ocasião legítima.*" Os Radicais da Câmara, cujo ódio pela Comuna fora demonstrado da forma mais clara, não ousaram por os pés em Paris com medo de serem incluídos nos massacres.

Não dispondo de polícia nem de informações precisas, o exército matava a esmo. Qualquer transeunte que chamasse um homem por um nome revolucionário fazia-o ser fuzilado por soldados ansiosos por ganhar o prêmio. Em Grenelle eles fuzilaram um pseudo-Billioray, não obstante os seus protestos desesperados; na praça Vendôme eles fuzilaram um pseudo-Brunel nos apartamentos de madame Fould. O *Gaulois* publicou a narrativa de um cirurgião militar que "*conhecia*" Vallès e esteve presente à sua execução; uma testemunha ocular declarou que vira Lefrançais ser fuzilado na terça-feira na rua de la Banque. O verdadeiro Billioray foi julgado no mês de agosto; Brunel, Vallès e Lefrançais conseguiram escapar da França. Membros e funcionários da Comuna foram assim fuzilados, e frequentemente por várias vezes sucessivas, na pessoa de indivíduos que eram mais ou menos parecidos com eles.

Ai de Varlin! esse não iria escapar. No domingo 28 de maio ele foi reconhecido na rua Lafayette e conduzido, melhor dizendo arrastado, ao pé das colinas de Montmartre perante o general comandante. Os Versalheses levaram-no para ser fuzilado na rua des Rosiers. Por uma hora, uma hora mortal, Varlin foi arrastado pelas ruas de Montmartre, suas mãos atadas às costas, sob uma avalanche de pancadas e de insultos. A sua cabeça jovem e pensativa, que jamais abrigou outros pensamentos que não fossem de fraternidade, rasgada pelos sabres, logo já não passava de uma massa de sangue, de carne lacerada, o olho projetando-se para fora da órbita. Ao chegar à rua des Rosiers ele já não caminhava; tiveram de carregá-lo. Puseram-no no chão e o fuzilaram. Os desgraçados desmembraram o seu corpo aos golpes das coronhas dos seus mosquetes.

O Monte dos Mártires não tem nenhum mais glorioso do que Varlin. Que ele também seja cristalizado no grande coração da classe trabalhadora! Toda a vida de Varlin foi um exemplo. Totalmente sozinho, pela mera força da sua vontade, ele se educara, dedicando ao estudo as raras horas que restavam-lhe à noite ao sair da oficina; aprendendo não com a visão de ascender à burguesia, como muitos outros, mas para instruir e emancipar o povo. Ele era o coração e a alma das associações de trabalhadores ao fim do Império. Infatigável, modesto, falando pouco, sempre na hora certa, e então iluminando com uma única palavra uma discussão confusa, ele preservara esse instinto revolucionário que muitas vezes se perde no trabalhador educado. Um dos primeiros a erguer-se em 18 de Março, trabalhando durante toda a Comuna, ele esteve nas barricadas entre os últimos. A sua morte foi toda em honra aos trabalhadores. É a Varlin e a Delescluze que essa história deve ser dedicada, se houver espaço no frontispício para qualquer outro nome além do de Paris.

Os jornalistas Versalheses cuspiram em seu cadáver; disseram que algumas centenas de milhares de francos haviam sido encontrados com ele. Retornando a Paris no rastro do exército, eles o seguiam como chacais. Os do *demi-monde*, sobretudo, estavam loucamente tomados por uma histeria sanguinária. A coalizão de 21 de março estava refeita. Todos rugiam em uníssono contra os trabalhadores vencidos. Longe de moderarem o massacre, eles o

encorajavam, publicavam os nomes, os esconderijos dos que deveriam ser mortos, propalando invenções calculadas para manter vivo o terror da burguesia. A cada fuzilaria eles gritavam pedindo bis.

Eu cito ao acaso, e poderia citar páginas inteiras: *"Precisamos fazer uma caça aos Communards"* (Bien Public). *"Nenhum dos malfeitores em cujas mãos Paris esteve por dois meses será considerado um político. Eles serão tratados como os bandidos que são, como os mais horripilantes monstros jamais vistos na história da humanidade. Muitos jornais falam em reerguer o cadafalso destruído por eles, a fim de nem mesmo conceder-lhes a honra de serem fuzilados"* (Moniteur Universel). *"Vamos, pessoas honestas, fazer um esforço para por um fim a esse verme democrático e internacional"* (Figaro). *"Esses homens, que mataram por matar e para roubar, estão presos, e temos que responder, Piedade! Essas mulheres horrorosas, que apunhalaram o peito de oficiais moribundos, estão presas, e temos que gritar, Piedade!"* (Patrie).

Para encorajar os carrascos, como se isso fosse necessário, a imprensa atirava-lhes flores.

"Que admirável a atitude de nossos oficiais e soldados!" disse o Figaro. *"Somente ao soldado francês é dado recuperar-se tão rápido e tão bem."* *"Que honra!"* clamou o Journal des Débats. *"O nosso exército vingou os seus desastres através de uma inestimável vitória."*

Assim, o exército extraiu de Paris uma vingança pelas suas derrotas. Paris era um inimigo como a Prússia, um motivo a mais para não ser poupada, pois o exército tinha o seu prestígio a reconquistar. Para completar a similitude, após a vitória houve um triunfo. Os Romanos jamais faziam isso após lutas civis. O sr. Thiers não se envergonhou, sob os olhos do estrangeiro, perante uma Paris ainda fumegante, em fazer desfilar as suas tropas em uma grande revista. Quem então ousará culpar os Federados por ter resistido ao exército de Versalhes, como tê-lo-ia feito aos prussianos?

E quando é que estrangeiros mostraram uma fúria semelhante? A própria morte não parecia saciar o seu rancor. No domingo dia 28, próximo à prefeitura do 11º distrito, cerca de cinquenta prisioneiros acabavam de ser fuzilados. Movidos não por uma curiosidade indigna, mas pelo desejo sincero de saber a verdade, nós fomos, sob o risco de sermos reconhecidos, até os cadáveres que jaziam sobre a calçada. Uma mulher lá estava estendida, a sua saia levantada; do seu corpo dilacerado projetavam-se as entranhas, com as quais um fuzileiro naval divertia-se remexendo com a ponta da sua baioneta. A poucos passos dali os oficiais deixavam-no fazer isso. Com o fim de desonrar esses cadáveres os vitoriosos haviam colocado inscrições sobre o seu peito, *"assassino," "ladrão," "bêbado,"* e enfiaram gargalos de garrafas na boca de alguns deles.

Como justificar tal selvageria? Os relatórios oficiais somente mencionam muito poucas mortes entre os Versalheses - 877 durante todo o tempo das operações, de 3 de abril até 28 de maio. A fúria Versalhesa não tinha então desculpa para todas essas represálias. Quando um punhado de homens exasperados, para vingar milhares dos seus irmãos, fuzila sessenta e três dos seus mais inveterados inimigos entre os quase 300 que tinha em suas mãos, a reação hipócrita cobre a sua face e protesta em nome da justiça. O que dirá então essa justiça, quando forem julgados aqueles que, metodicamente, sem qualquer ansiedade quanto ao resultado do combate e, acima de tudo, terminada a batalha, fuzilam 20.000 pessoas, das quais três quartos não tomaram parte na luta? Ainda assim alguns lampejos de humanidade foram mostrados pelos soldados, e alguns foram vistos voltando das execuções de cabeça baixa; mas os oficiais jamais relaxaram por um segundo em sua ferocidade. Mesmo depois do domingo eles ainda massacravam os prisioneiros, gritavam *"Bravo!"* nas execuções. À coragem das vítimas classificavam como insolência. Que sejam responsáveis perante Paris, a França, a nova geração, por esses atos de infâmia.

Por fim o cheiro da carnificina começou a sufocar até mesmo os mais frenéticos. A peste, se não a piedade, estava chegando. Miríades de moscas vojavam sobre os cadáveres putrefeitos. As ruas estavam cheias de pássaros mortos. O *Avenir Libéral*, cantando os louvores das proclamações de MacMahon, aplicava as palavras de Flèchier: *"Ele se esconde, mas a sua glória o encontra."* A glória do Turenne de 1871 traiu-o mesmo até o Sena. Em certas ruas os cadáveres obstruíam a passagem, contemplando os transeuntes com os seus olhos opacos. No *faubourg* St. Antoine eles eram vistos por toda a parte em pilhas, metade

brancos com cloreto de cal. Na Escola Politécnica eles ocupavam um espaço de 100 jardas de comprimento e três de altura. Em Passy, que não foi um dos grandes centros de execuções, havia 1.100 próximos ao Trocadéro. Estes, cobertos por uma fina camada de terra, também mostravam os seus perfis espectrais. *"Quem não se lembra,"* disse o *Temps*, *"mesmo que não a tenha visto somente por um breve momento, a praça, não, o cemitério da Torre St. Jacques? Do meio do seu solo úmido recentemente revolvido pela pá, daqui e dali sobressaíam cabeças, braços, pés e mãos. O perfil de cadáveres, vestidos com o uniforme da Guarda Nacional, eram vistos impressos contra o solo. Era horrível. Um odor podre e repugnante elevava-se desse jardim, e ocasionalmente em alguns lugares tornava-se fétido."* A chuva e o calor tendo precipitado a putrefação, os cadáveres inchados reapareceram. A glória de MacMahon mostrava-se bem demais. Os jornais estavam ficando com medo. *"Esses patifes,"* disse um deles, *"que causaram-nos tanto dano em vida, não devem ter a permissão de continuar a fazê-lo depois de mortos."* E aqueles que haviam instigado o massacre gritaram *"Chega!"*

"Não matem mais," disse o *Paris Journal* de 2 de junho, *"mesmo os assassinos, mesmo os incendiários. Não matem mais. Não é o perdão deles o que pedimos, mas um adiamento."* *"Chega de execuções, chega de sangue, chega de vítimas,"* disse o *Nationale* de 1º de junho. E o *Opinion Nationale* do mesmo dia: *"Uma séria investigação dos acusados é imperativa. Deseja-se ver morrer somente os realmente culpados."*

As execuções arrefeceram, e teve início a limpeza. Carretas de todo tipo, furgões, ônibus, vieram recolher os cadáveres e atravessavam a cidade. Desde a grande peste de Londres e de Marselha não se viam tamanhos carregamentos de carne humana. Essas exumações provaram que um grande número de pessoas haviam sido enterradas vivas. Fuzilados de forma imperfeita e atirados juntamente com as pilhas de mortos na vala comum, eles haviam engolido terra e apresentavam as contorções da sua violenta agonia. Alguns cadáveres foram recolhidos aos pedaços. Era necessário fechá-los o quanto antes em vagões lacrados e levá-los o mais rápido possível aos cemitérios, onde imensas valas de cal devoravam essas massas pútridas.

Os cemitérios de Paris absorveram tudo o que puderam. As vítimas, colocadas lado a lado, sem qualquer outra cobertura exceto as suas roupas, enchiam enormes fossas no Père-Lachaise, Montmartre e Montparnasse, onde o povo em piedosa memória virá anualmente em peregrinação. Outros, menos afortunados, foram transportados para fora da cidade. Em Charonne, Bagnolet, Bicêtre, etc., as trincheiras cavadas durante o primeiro cerco foram utilizadas. *"Nada há a temer das emanações cadavéricas,"* disse *La Liberté*, *"um sangue impuro irá aguardar o solo do lavrador, fecundando-o. O falecido delegado de guerra será capaz de passar em revista os seus fiéis seguidores à hora da meia-noite; a senha será 'Incendiarismo e assassinato'."* Mulheres à beira da lúgubre trincheira empenhavam-se em reconhecer esses restos. A polícia esperava que o seu luto as traísse, a fim de prender essas *"fêmeas dos insurgentes."*

O sepultamento de um número tão grande de cadáveres logo tornou-se demasiado difícil, e eles foram queimados nas casamatas das fortificações; mas por falta de ventilação a combustão era incompleta, e os corpos foram reduzidos a uma pasta. Nas colinas Chaumont os cadáveres, empilhados em montes enormes, foram encharcados com petróleo e queimados ao ar livre.

Os massacres indiscriminados duraram até os primeiros dias de junho, e as execuções sumárias até meados daquele mês. Por um longo tempo dramas misteriosos tiveram lugar no bosque de Boulogne. O número exato de vítimas da Semana Sangrenta jamais será conhecido. O chefe da justiça militar admitiu 17.000 fuzilamentos; o conselho municipal de Paris arcou com as despesas de sepultamento de 17.000 cadáveres; mas um grande número de pessoas foram mortas fora de Paris ou queimadas. Não há exagero em dizer-se 20.000, pelo menos.

Muitos campos de batalha têm exibido um número maior de mortos, mas esses pelo menos caem na fúria do combate. O século não testemunhou semelhante carnificina após a batalha concluída; não há nada que se compare a isso na história das nossas lutas civis. O Dia de São Bartolomeu, ou o Junho de 1848, ou o 2 de Dezembro, não equivaleriam senão a um episódio dos massacres de Maio. Até mesmo os grandes carrascos de Roma e dos tempos modernos empalidecem diante do duque de Magenta. Somente as hecatombes dos conquistadores asiáticos, as festas do Daomé, poderiam dar alguma idéia dessa matança de proletários.

Tal foi a repressão *"pelas leis, com as leis."* E durante essas atrocidades de um tipo incomparavelmente pior que o búlgaro, a burguesia, erguendo aos céus as suas mãos encharcadas de sangue, determinou-se a incitar o mundo inteiro contra esse povo que, após dois meses de dominação e o massacre de milhares dos seus, havia derramado o sangue de sessenta e três prisioneiros.

Todos os poderes sociais abafaram o estertor das vítimas com o seu aplauso. Os padres, esses grandes consagradores do assassinato, celebraram a vitória em um solene serviço, ao qual a Assembléia inteira compareceu. O reino de Jesus estava para começar.

CAPÍTULO XXXII

*A causa da justiça, da ordem, da humanidade, da civilização, triunfou
O sr. Thiers à Assembléia Nacional, 22 de maio 1871*

OS COMBOIOS DE PRISIONEIROS A ORANGERIE - AS PRISÕES - OS DELADORES - A IMPRENSA A ESQUERDA INSULTA OS VENCIDOS MANIFESTAÇÕES EM PAÍSES ESTRANGEIROS

Felizes dos mortos! Eles não tiveram que escalar o Calvário dos prisioneiros.

Com tais fuzilamentos em massa, pode-se imaginar o número de prisões. Houve uma *razzia* furiosa; homens, mulheres, crianças, parisienses, provincianos, estrangeiros, uma multidão de gente de todos os sexos e idades, de todos os partidos e de toda condição. Todos os ocupantes de uma casa, todos os habitantes de uma rua, foram levados em bloco. Uma suspeita, uma palavra, uma atitude duvidosa, bastavam para que alguém fosse apreendido pelos soldados. Do dia 21 ao dia 30 de maio eles pegaram assim 40.000 pessoas.

Esses prisioneiros foram formados em longas colunas, às vezes livres, às vezes como em Junho de 1848 amarrados com cordas de maneira a formar um único corpo. Qualquer um que se recusasse a marchar era espetado com a baioneta e, se resistisse, fuzilado na hora, às vezes atado à cauda de um cavalo. Em frente às igrejas dos bairros ricos os cativos eram forçados a ajoelhar-se, a cabeça descoberta, em meio a uma infame ralé de lacaios, elegantes e prostitutas, que gritavam, *"Morte! morte! Para que ir mais longe; fuzilem-nos aqui!"* Nos Champs-Élysées eles queriam romper as fileiras para sentir o gosto do sangue.

Os prisioneiros foram levados para Versalhes. Gallifet os esperava em La Muette. Dentro da cidade ele escoltava as colunas, parando sob as janelas dos clubes aristocráticos para ganhar aclamações e hurras. Nos portões de Paris ele arrecadava o seu dízimo, caminhava diante das fileiras e, com o seu olhar de lobo esfomeado, *"Você parece inteligente,"* dizia ele a alguém; *"saia da fila."* *"Você tem um relógio,"* dizia ele a outro; *"você deve ter sido um funcionário da Comuna,"* e colocava-o de lado. No dia 26, em um único comboio, ele escolheu oitenta e três homens e três mulheres, fê-los alinhar-se ao longo da rampa das fortificações, e mandou fuzilá-los. Então ele disse aos camaradas dos mortos, *"Meu nome é Gallifet. Os seus jornais de Paris caluniaram-me o suficiente. Eu colho a minha vingança."* No domingo dia 28 ele disse, *"Aqueles com cabelos brancos, saiam da fila."* Cento e onze cativos deram um passo a frente. *"Vocês,"* continuou Gallifet, *"vocês viveram Junho de 1848; vocês são mais culpados do que os outros,"* e mandou atirar os seus cadáveres nas fortificações.

Terminado esse expurgo os comboios tomavam a estrada de Versalhes, comprimidos entre duas colunas de cavalaria. Parecia a população de uma cidade arrastada para longe por hordas ferozes. Rapazes, homens de barbas grisalhas, soldados, janotas, toda e cada condição; o mais delicado e o mais rude confundidos no mesmo vórtex. Muitas mulheres, algumas com algemas nos punhos; uma delas com o seu bebê, que apertava o pescoço da mãe com as suas mãozinhas apavoradas; uma outra, o braço quebrado, a camiseta manchada de sangue; uma outra deprimida, amparada pelo braço de uma vizinha mais forte; uma outra em atitude majestosa, desafiando a dor e os insultos; sempre essa mulher do povo que, depois de levar o pão às trincheiras e consolar os moribundos, desesperançosamente -

"Desencorajada de dar à luz a infelizes,"

ansiava pela morte redentora.

A sua atitude, que inspirou admiração aos jornais estrangeiros, exasperava a ferocidade Versalhesa. *"Ao ver os comboios das mulheres insurgentes,"* dizia o Figaro, *"sente-se a contragosto uma espécie de piedade; mas sentimo-nos reconfortados em pensar que todos os bordéis da capital foram escancarados pela Guarda Nacional, que os patrocinava, e que a maioria dessas senhoras eram habitantes desses estabelecimentos."*

Ofegantes, cobertos de sujeira, imbecilizados pela fadiga, fome e sede, queimados pelo sol, os comboios arrastavam-se por horas na poeira superaquecida das estradas, atormentados pelos gritos, pelas pancadas dos caçadores montados. Os prussianos não haviam tratado assim tão cruelmente esses soldados quando, prisioneiros eles próprios alguns meses antes, foram levados de Metz e de Sedan. Os cativos que tombavam eram às vezes fuzilados, às vezes apenas jogados nas carretas que os seguiam.

À entrada de Versalhes a multidão os esperava, sempre a *"elite"* da sociedade francesa, deputados, funcionários, padres, oficiais, mulheres de todo tipo. A fúria do 4 de Abril e dos comboios anteriores foi superada na mesma medida em que o mar cresce na maré equinocial. As avenidas de Paris e de St. Cloud estavam ladeadas por selvagens, que seguiam os comboios com vociferações, pancadas, cobriam-nos com lixo e pedaços de garrafas quebradas. *"Vêem-se,"* disse o jornal liberal-conservador, o *Siècle*, de 30 de maio, *"mulheres, não prostitutas, mas senhoras elegantes, insultar os prisioneiros à sua passagem, e mesmo golpeá-los com as suas sombrinhas."* Ai de quem não insultasse os vencidos! Ai de quem deixasse escapar um gesto de comiseração! Ele era imediatamente apreendido, levado ao posto, ou então simplesmente forçado a integrar o comboio. Pavoroso retrocesso da natureza humana, ainda mais horrendo por contrastar com a elegância do vestuário! Oficiais prussianos vieram de St. Denis uma vez mais para ver que classes governantes eles haviam tido como adversários.

Os primeiros comboios eram obrigados a desfilar como um espetáculo pelas ruas de Versalhes; outros eram estacionados durante horas na tórrida praça d'Armes a alguns passos de suas frondosas árvores, cuja sombra era-lhes negada. Os prisioneiros eram então distribuídos em quatro depósitos, os porões das Grandes-Écuries, a Orangerie do castelo, as docas de Satory e os terrenos de equitação da Escola de St. Cyr. Nesses porões úmidos e nauseabundos, onde a luz e o ar só penetravam por estreitas aberturas, homens, crianças, algumas das quais não tinham ainda dez anos, eram empilhados sem palha durante os primeiros dias. Quando ganhavam alguma, ela logo era reduzida a mero esterco. Nenhuma água para se lavar; nenhum meio de trocar os seus farrapos, pois os parentes que tentavam trazer-lhes roupa limpa eram brutalmente mandados embora de volta. Duas vezes ao dia, eles recebiam um líquido amarelado em um cocho, um mingau. Os gendarmes vendiam tabaco a preços exorbitantes, e confiscavam-no a fim de vendê-lo novamente. Não havia médicos. A gangrena atacava os feridos; surtos de oftalmia espalhavam-se; o delírio tornou-se crônico. À noite ouviam-se os gritos dos acometidos de febre e dos enlouquecidos. Diante deles os gendarmes quedavam impassíveis, as armas carregadas.

Mesmo esses horrores eram superados pela Fosse-aux-Lions, uma catacumba sem ar, totalmente escura, a antecâmara da tumba, sob a grande escadaria de mármore vermelho do terraço. Qualquer um que fosse notado como perigoso, ou qualquer um que houvesse simplesmente desagradado ao cabo, era jogado ali. Os mais robustos só podiam suportá-la por uns poucos dias. Ao sair de lá, tontos, a mente vazia, ofuscados pela luz do dia, eles desmaiavam. Felizes daqueles que cruzaram olhares com suas esposas. As esposas dos cativos apertavam-se contra as grades exteriores da Orangerie, esforçando-se em distinguir alguém em meio à indistinta manada. Elas arrancavam os cabelos, imploravam aos gendarmes, que as empurravam de volta, golpeavam-nas, chamavam-lhes de nomes infames.

O inferno à luz do dia eram as docas do platô de Satory, um vasto paralelogramo fechado por muralhas. O solo é argiloso, e a mínima chuva o encharca. Os primeiros a chegar foram colocados no interior dos prédios, que podiam abrigar cerca de mil e trezentas pessoas, os outros ficaram do lado de fora, de cabeça descoberta, pois os seus chapéus haviam sido arrancados em Paris ou em Versalhes. Os gendarmes estavam de serviço, por serem mais confiáveis, mais durões do que os soldados.

Às oito horas da noite da terça-feira, um comboio composto principalmente de mulheres chegou às docas. *"Muitas de nós,"* relatou-me uma delas, a esposa de um chefe de legião, *"haviam*

morrido no caminho; nada deram-nos de comer ou de beber desde a manhã."

"Ainda não havia escurecido. Nós vimos uma grande multidão de prisioneiros. As mulheres estavam à parte em uma barraca à entrada. Nós nos juntamos a elas.

"Disseram-nos que havia um tanque e, morrendo de sede, nós corremos para lá. A primeira que bebeu gritou alto, e vomitou. 'Oh, os desgraçados! fazem-nos beber o sangue da nossa própria gente.' Pois desde a tarde os prisioneiros iam lá para lavar as suas feridas; mas a sede atormentava-nos de forma tão cruel, que algumas tiveram a coragem de umedecer a boca nessa água ensanguentada.

"A cabana já estava cheia, e fizeram-nos deitar no chão em grupos de mais ou menos 200. Um oficial veio e disse-nos, 'Criaturas vis! ouçam a ordem que lhes dou. Gendarmes, a primeira que se mover, atire nessas----!'

"Às dez horas nós ouvimos estampidos bem perto. Nós nos levantamos de um salto. 'Deitem-se, canalhas!' gritaram os gendarmes apontando as armas para a gente. Eram alguns prisioneiros sendo fuzilados a alguns passos de nós. Nós pensamos que as balas iam passar pelas nossas cabeças. Os gendarmes que haviam acabado de atirar vieram render os nossos guardiães. Nós passamos a noite inteira vigiadas por homens ainda quentes de um massacre. Eles resmungavam com aquelas que contorciam-se de terror e de frio. 'Não fique impaciente; a sua hora está chegando.' Quando o dia clareou nós vimos os mortos. Os gendarmes diziam uns aos outros, 'Oh! essa não é uma bela colheita?'

"À noite os prisioneiros ouviram um som de pás e martelos na muralha do sul. A fuzilaria, as ameaças haviam-nos enlouquecido. Eles esperavam a morte de todos os lados e em todas as formas; eles pensaram que dessa vez seriam detonados. Buracos abriram-se e metralhadoras apareceram, algumas das quais foram disparadas."

Na noite de sexta-feira uma tempestade de várias horas desabou sobre o campo. Sob pena de serem fuzilados, os prisioneiros foram forçados a ficar deitados a noite inteira na lama. Cerca de vinte morreram de frio.

O campo de Satory logo tornou-se o Longchamp da alta sociedade de Versalhes. O capitão Aubrey fazia as honras recebendo as senhoras, deputados, literatos, mostrando-lhes os seus súditos chafurdando na lama, devorando uns poucos biscoitos, tomando copos de água do tanque no qual os gendarmes não faziam cerimônia em aliviar-se. Alguns enlouqueciam e arremessavam a cabeça contra as paredes; outros uivavam, arrancando as barbas e os cabelos. Uma nuvem fétida erguia-se dessa massa viva de trapos e horrores. "Existem," disse o *Indépendance Française*, "vários milhares de pessoas envenenadas com lixo e vermes espalhando infecções no raio de uma milha. Canhões estão apontados contra esses patifes encurralados como bestas selvagens. Os habitantes de Paris têm medo da epidemia resultante do sepultamento dos insurgentes mortos na cidade. Aqueles a quem o *Officiel de Paris* chamava de 'rurais' têm muito mais medo da epidemia resultante da presença dos insurgentes vivos em Satory."

Essa é a gente honesta de Versalhes, que acabara de promover o triunfo da "causa da justiça, ordem, humanidade e civilização." Quão bons e humanos, a despeito do bombardeio e dos sofrimentos do cerco, esses bandidos de Paris haviam sido, sobretudo se comparados a essa gente honesta! Quem alguma vez maltratou um prisioneiro na Paris da Comuna? Que mulher pereceu ou foi insultada? Qual canto obscuro das prisões de Paris escondeu uma única das milhares de torturas praticadas a céu aberto em Versalhes?

Do dia 24 de maio aos primeiros dias de junho os comboios não cessaram de despejar-se nessas profundezas. As prisões continuavam a acontecer em grandes fornadas dia e noite. A polícia acompanhava os soldados e, sob o pretexto de confiscos, forçavam as fechaduras, apossando-se de objetos de valor. Vários oficiais foram posteriormente condenados pela apropriação de objetos confiscados. Eles prendiam não somente as pessoas comprometidas nos últimos acontecimentos, denunciadas por seus uniformes ou por documentos encontrados nas prefeituras e no Gabinete de Guerra, mas qualquer um conhecido por suas idéias republicanas. Eles prenderam também os abastecedores da Comuna, e até mesmo músicos que jamais haviam cruzado as muralhas. Os atendentes das ambulâncias tiveram a mesma sorte. E contudo durante o cerco um delegado da Comuna, tendo inspecionado as ambulâncias de

emergência, havia dito ao seu pessoal, *"Eu estou ciente de que a maioria de vocês são amigos do Governo de Versalhes, mas eu espero que vocês vivam o suficiente para reconhecer o seu engano. Eu não me preocupo em saber se aqueles a serviço dos feridos são monarquistas ou republicanos. Eu vejo que vocês cumprem a sua tarefa dignamente. Eu lhes agradeço por isso. Eu relatarei isso à Comuna."*

Alguns pobres diabos haviam buscado refúgio nas Catacumbas. Eles foram caçados com tochas. Assistidos por cães os agentes da polícia atiravam em qualquer sombra suspeita. Batidas foram organizadas nas florestas dos arredores de Paris. A polícia vigiava todas as estações, todos os portos da França. Passaportes deviam ser renovados e visados em Versalhes. Os mestres dos barcos estavam sob vigilância. No dia 26 Jules Favre havia solenemente requerido às potências estrangeiras a extradição dos fugitivos, sob o pretexto de que a batalha das ruas não era um ato político.

A extradição florescia em Paris. O medo fechava todas as portas. Não havia nenhum santuário para os fugitivos. Poucos amigos restaram - nenhum camarada. Por toda a parte recusas impiedosas ou delações. Médicos renovaram as infâmias de 1834, e entregavam os feridos. Todo instinto covarde veio à superfície, e Paris expôs lamaçais de infâmia de cuja existência ela não havia suspeitado nem mesmo sob o Império. As pessoas honestas, donas das ruas, tinham os seus rivais, os seus credores, presos como *Communards*, e formaram comitês de inquérito em seus distritos. A Comuna havia rejeitado os delatores; a polícia da ordem recebeu-os de braços abertos. As delações atingiram a fabulosa altitude de 399.823, das quais 5% no máximo eram assinadas.

Uma parte bastante considerável dessas denúncias partiu da imprensa. Por várias semanas ela não cessou de atizar a ira e o pânico da burguesia. O sr. Thiers, reeditando um dos absurdos de Junho de 1848, falou em um boletim de *"líquidos tóxicos coletados destinados a envenenar os soldados."* Todas as invenções daquela época foram novamente retomadas, adaptadas ao momento, e horrivelmente amplificadas; câmaras nos esgotos com todos os fios preparados, 8.000 *pétroleuses* recrutadas, casas marcadas com um sinal para queimar, bombas, injetores, ovos cheios de petróleo, balas envenenadas, gendarmes assados, marinheiros enforcados, mulheres estupradas, prostitutas recrutadas, infinitos roubos - tudo isso era impresso, e os patetas acreditavam em tudo. Alguns jornais eram especialistas em falsas ordens de incêndio; assinaturas falsas, cujos originais nunca foram apresentados, mas que seriam admitidas como prova positiva pelas cortes marciais e por historiadores honestos. Quando sentia que a fúria da burguesia estava fraquejando, a imprensa a insuflava novamente, cada jornal superando o outro em vilania. *"Paris, nós sabemos,"* dizia o *Bien Public*, *"nada mais quer do que poder dormir de novo; mesmo perturbando-a, nós a despertaremos."* E em 8 de junho o Figaro ainda traçava planos de massacres. O escritor revolucionário que der-se ao trabalho de compilar extratos da imprensa reacionária de maio e junho de 1871, dos inquéritos parlamentares, dos panfletos burgueses, e histórias da Comuna - uma mistura tão monstruosa quanto a do caldeirão das bruxas - fará mais pela edificação e pela justiça futura do povo do que todo um bando de agitadores falastrões.

Houve, para a honra da França, alguns traços de generosidade, e mesmo de heroísmo, em meio a essa epidemia de covardia. Vermorel, ferido, foi acolhido pela esposa de um zelador e conseguiu por umas poucas horas passar por seu filho. A mãe de um soldado Versalhês deu asilo a vários membros do Conselho da Comuna. Um grande número de insurgentes foi salvo por pessoas anônimas; e contudo nos primeiros dias era uma questão de morte, mais tarde de deportação, acolher os vencidos. As mulheres uma vez mais mostraram o seu grande coração.

A média de prisões foi mantida em junho e julho em cem por dia. Em Belleville, Ménilmontant, no 13º distrito, em certas ruas, somente mulheres idosas ficaram para trás. Em seus relatórios mentirosos, os Versalheses admitiram 38.568 prisioneiros, entre os quais havia 1.058 mulheres e 651 crianças, das quais quarenta e sete tinham treze anos, vinte e uma tinham doze, quatro tinham dez, e uma tinha sete, como se houvessem por algum método secreto contado as manadas que eles alimentavam em cochos. O número de presos muito provavelmente atingiu 50.000 pessoas.

Os erros eram inúmeros. Algumas mulheres daquela sociedade alegre que iam de narinas dilatadas contemplar os cadáveres dos Federados eram incluídas por engano nas *razzias* e conduzidas a Satory onde, com as roupas em farrapos, devoradas pelos vermes, pareciam-se

bastante com as *pétroleuses* imaginárias dos seus jornais.

Milhares de indivíduos foram obrigados a esconder-se; milhares ganharam as fronteiras. Uma idéia das perdas gerais pode ser observada no fato de que nas eleições complementares de julho houve 100.000 eleitores a menos do que em fevereiro. A indústria de Paris foi esmagada com isso. A maioria dos trabalhadores que davam a esse ramo da manufatura o seu toque artístico pereceram, foram presos ou emigraram em massa. No mês de outubro o conselho municipal provou em um relatório oficial que certas indústrias foram obrigadas a recusar encomendas por falta de mão de obra.

A selvageria das buscas, o número de prisões, juntando-se ao desespero da derrota, arrancaram dessa cidade - privada de sua última gota de sangue - algumas supremas convulsões. Em Belleville, em Montmartre, no 13º distrito, tiros foram disparados de algumas casas. No Café du Helder, na rua de Rennes, na rua de la Paix, praça de la Madeleine, soldados e oficiais tombaram, atingidos por mãos invisíveis; próximo ao quartel Pépinière um general levou um tiro. Com ingênua impudência, os jornais Versalheses especulavam que a fúria popular não havia sido acalmada, e não podiam entender *"a razão, mesmo a mais fútil, do ódio que alguém podia ter por soldados que tinham a aparência mais inofensiva do mundo"* (La Cloche).

A Esquerda seguiu absolutamente até o fim a linha que havia traçado para si em 19 de março. Depois de impedir as províncias de vir em socorro de Paris e votar o seu agradecimento ao exército, ela também juntou as suas maledicências às dos rurais. Louis Blanc, que em 1877 iria defender a bandeira vermelha, escreveu ao Figaro para estigmatizar os vencidos, para curvar-se diante dos seus juízes, e declarar a *"indignação pública legítima."* Essa Extrema Esquerda, que cinco anos mais tarde seria tomada de entusiasmo pela anistia, não iria ouvir os gemidos dos 20.000 fuzilados e nem mesmo, a despeito de estar a menos de cem jardas deles, os gritos da Orangerie. Em Junho de 1848 as sombrias imprecações de Lammennais abateram-se sobre os massacres, e Pierre Leroux defendeu os insurgentes. Os grande filósofos da Assembléia Rural, Católicos ou Positivistas, foram todos um só contra os trabalhadores. Deliciado em ver-se livre dos Socialistas, Gambetta voltou correndo de St. Sébastien e em um solene discurso em Bordeaux declarou que o Governo que fora capaz de esmagar Paris *"havia pelo menos nisso provado ser legítimo."*

Houve alguns homens de coragem nas províncias. O *Droits de l'Homme* de Montpellier, o *Émancipation* de Toulouse, o *National du Loiret*, e vários jornais avançados publicaram os assassinatos dos vencedores. A maioria desses jornais foram processados e suprimidos. Alguns movimentos tiveram lugar; um início de motim em Pamiers (Ariège) e em Voiron (Isère). Em Lyon o exército foi confinado em seus quartéis e o governador, Valentin, fez fechar a cidade com o fim de prender os fugitivos de Paris. Houve prisões em Bordeaux.

Em Bruxelas Victor Hugo protestou contra a declaração do governo belga, que prometeu entregar os fugitivos. Louis Blanc e Schoelcher escreveram-lhe uma carta cheia de censuras, e a sua casa foi apedrejada por uma turba elegante. Bebel no Parlamento alemão e Whalley na Câmara dos Comuns em Londres denunciaram a fúria Versalhesa. García López declarou da tribuna das Cortes, *"Nós admiramos essa grande revolução, a qual ninguém pode apreciar com justiça hoje."*

Trabalhadores de países estrangeiros solenizaram as exéquias dos seus irmãos de Paris. Em Londres, Bruxelas, Zürich, Genebra, Leipzig e Berlim, reuniões grandiosas proclamaram-se em acordo com a Comuna, devotaram os açougueiros à execração universal, e declararam cúmplices desses crimes os Governos que não haviam feito quaisquer exprobações. Todos os jornais Socialistas glorificaram a luta dos vencidos. A grande voz da Internacional narrou o seu esforço em um eloquente discurso, e confiou a sua memória aos trabalhadores de todo o mundo.

À entrada triunfal de Moltke à frente do vitorioso exército prussiano em Berlim, os trabalhadores receberam-nos com hurras à Comuna, e em vários lugares o povo foi atropelado pela cavalaria.

CAPÍTULO XXXIV

*A conciliação, é o anjo que plana após a tempestade
Dufaure à Assembléia Nacional 26 de abril 1871*

OS PONTÕES - AS FORTALEZAS - AS PRISÕES - OS PRIMEIROS JULGAMENTOS

Os lagos humanos de Versalhes e Satory logo estavam transbordando. Desde os primeiros dias de junho os prisioneiros foram destinados aos portos marítimos e amontoados em vagões de gado cujos tetos, hermeticamente fechados, não deixavam passar o ar. Em um canto havia uma pilha de biscoitos; mas eles próprios atirados sobre essa pilha, os prisioneiros logo reduziram-na a um mero farelo. Por vinte e quatro horas, e às vezes por trinta e duas horas, eles ficaram sem nada para beber. Eles lutavam nesse aperto por um pouco de ar, um pouco de espaço. Enlouquecidos, alguns atiravam-se sobre os seus camaradas. Um dia em La Ferté-Bernard gritos saíram de um vagão. O chefe da escolta parou o comboio; os policiais descarregaram os seus revólveres através do teto. O silêncio voltou a reinar, e os caixões rolantes partiram novamente à toda velocidade.

De junho a setembro 28.000 prisioneiros foram assim despejados nos portos, nas fortalezas e nas ilhas oceânicas, de Cherbourg à Gironde. Vinte cinco pontões receberam 20.000, as fortalezas e as ilhas, 8.087.

Nos pontões as torturas eram infligidas por regulação. As tradições de Junho e Dezembro foram religiosamente observadas com as vítimas de 1871. Trancafiados em jaulas feitas de pranchas de madeira e barras de ferro, os prisioneiros recebiam apenas uma fração de luz através dos portalós fixos com pregos. Ventilação, não havia nenhuma. Em poucas horas as exalações eram insuportáveis. Os sentinelas iam e vinham por esse zoológico com ordem de atirar ao menor alarme. Canhões carregados com metralha dominavam as baterias. Não havia redes ou cobertores, e para comer apenas biscoitos, pão e feijão, mas nenhum vinho ou tabaco. Os habitantes de Brest e Cherbourg haviam enviado algumas provisões e pequenos agrados, mas os oficiais os devolveram.

Essa crueldade foi relaxada de alguma forma com o tempo. Os prisioneiros receberam uma rede para cada dois, algumas camisas, algumas blusas, e de vez em quando algum vinho. Eles tinham permissão de lavarem-se, subir ao convés para respirar um pouco de ar fresco. Os marinheiros mostraram alguma humanidade, mas os fuzileiros navais eram sempre os mesmos bandidos dos dias de Maio, e a tripulação era frequentemente obrigada a arrancar os prisioneiros das mãos deles.

O regime dos pontões variava de acordo com os oficiais. O segundo oficial em Brest, comandante do *Ville de Lyon*, proibiu o insulto aos prisioneiros; enquanto o mestre de armas do *Breslau* tratava-os como criminosos. Em Cherbourg um dos tenentes do *Tage*, Clémenceau, era feroz. O comandante do *Bayard* transformou o seu barco em uma Orangerie em miniatura. Essa embarcação testemunhou talvez os atos mais abomináveis que já mancharam a história da marinha francesa. O silêncio absoluto era a regra a bordo. Tão logo alguém falava nas jaulas, o sentinela ameaçava e disparava várias vezes. Por uma reclamação, ou mero esquecimento de uma regra, os prisioneiros eram amarrados às barras da gaiola pelos tornozelos e punhos.

As masmorras em terra firme eram tão terríveis quanto os pontões. Em Quélern até quarenta prisioneiros eram trancados na mesma casamata. As mais baixas eram letais. As cloacas esvaziavam-se nelas, e pela manhã o piso cobria-se com cerca de duas polegadas de matérias fecais. Ao lado destas havia alojamentos salubres vagos, mas eles não transferiam os prisioneiros para lá. Um dia Jules Simon veio, julgou que os seus ex-eleitores pareciam mal, e decidiu que deveria recorrer à severidade. Élisée Reclus havia aberto uma escola e tentava fazer sair da ignorância cento e cinquenta e um prisioneiros que não sabiam ler nem escrever. O Ministro da Educação Pública fez suspender as aulas, e a pequena biblioteca que os prisioneiros haviam montado com enormes sacrifícios, fechada.

Os prisioneiros das fortalezas, como os dos pontões, eram alimentados com biscoitos e toucinho; mais tarde, sopa e caldo foram acrescentados aos domingos; facas e garfos eram proibidos; foi necessária uma luta de vários dias para se conseguir colheres. O lucro do cantineiro que, de acordo com a lista de encargos, deveria limitar-se a um décimo, chegava até a quinhentos por cento.

Na fortaleza Boyard homens e mulheres eram enclausurados no mesmo compartimento, separados apenas por uma tela. As mulheres eram forçadas a fazer as suas abluções sob os olhos dos sentinelas. Às vezes os seus maridos estavam no compartimento vizinho. "Nós

notamos," escreveu um prisioneiro, "uma jovem e linda mulher, de vinte anos de idade, que desmaiava toda vez em que era obrigada a despir-se."

De acordo com muitas provas que recolhemos, a prisão mais cruel era a de St. Marcouf. Lá os prisioneiros permaneciam por mais de seis meses privados de ar, luz e tabaco, proibidos de falar, e tendo como único alimento farelo de biscoito preto e sebo rançoso. Todos foram acometidos de escorbuto.

Essa severidade contínua levou a melhor sobre as mais robustas constituições; houve em consequência 2.000 doentes nos hospitais. Os relatórios oficiais admitem 1.179 mortos entre 33.665 prisioneiros civis. Essa cifra evidentemente está abaixo da verdade. Durante os primeiros dias em Versalhes um certo número de indivíduos foram mortos, e outros morreram sem ser contados. Não havia estatísticas antes da transferência aos pontões. Não há exagero em dizer-se que 2.000 prisioneiros morreram enquanto nas mãos dos Versalheses. Um grande número pereceu depois de anemia e de doenças contraídas durante o seu cativeiro.

Uma pequena idéia das torturas nos pontões e nas fortalezas pode ser depreendida daquelas que eram praticadas abertamente em Versalhes, sob os olhos do Governo, da Câmara e dos Radicais. O coronel Gaillard, chefe da justiça militar, dissera aos soldados que guardavam os prisioneiros nos Chantiers, *"Assim que você virem qualquer um mover-se, levantar os braços, atirem; sou eu quem lhes dá a ordem."*

No grenier d'Abondance da ferrovia do Oeste havia oitocentas mulheres. Semana após semana elas dormiram sobre a palha, incapazes de trocar de roupa. Ao menor ruído, discussão, os guardas atiravam-se sobre elas, golpeavam-nas, mais especialmente sobre os seios. Charles-Mercereau, um ex-Cent-Garde, governador desse antro, fazia amarrar aquelas que o desagradavam, e então espancava-as com a sua bengala. Ele trazia a seus domínios as senhoras de Versalhes, ávidas por *pétroleuses*, e diante delas dizia a suas vítimas, *"Vamos, molecas, abaixem os olhos."* E de fato isso era o mínimo que as nossas mulheres Federadas podiam fazer diante dessas pessoas honestas.

Prostitutas recolhidas nas *razzias*, e cuidadosamente lá mantidas para espionar as outras prisioneiras, abandonavam-se publicamente aos guardas. Os protestos das mulheres da Comuna eram punidos com surras de corda. Com um refinamento de infâmia, os Versalheses queriam rebaixar essas valentes mulheres ao nível das outras. Todas as prisioneiras eram sujeitas a inspeção.

A dignidade e a natureza ultrajada vingavam-se através de crises terríveis. *"Onde está o meu pai? Onde está o meu marido? e o meu filho? Como! sozinha, muito sozinha, e todos esses covardes contra mim! Eu, a mãe, a laboriosa esposa, sujeita ao chicote, insulto, e maculada por essas mãos impuras por ter defendido a liberdade!"* Muitas enlouqueceram. Todas tiveram os seus momentos de loucura. As que estavam grávidas abortaram ou tiveram filhos prematuros.

Os padres não eram menos deficientes nas prisões do que nos fuzilamentos. O capelão de Richemont disse aos prisioneiros, *"Eu sei que estou aqui em uma floresta de Bondy, mas o meu dever,"* etc. No dia de Sta. Madalena o bispo de Algiers, fazendo uma delicada alusão à santa do dia, disse a elas, *"Que elas sejam todas Madalenas, mas não arrependidas; que Madalena não incendiou nem assassinou;"* e outras amenidades evangélicas.

As crianças eram confinadas em uma parte da prisão das mulheres, e eram tratadas da mesma forma brutal. Um cabo, secretário de Mercereau, abriu o estômago de um menino com um pontapé; um outro recebeu a bastonada, e passou um longo tempo na enfermaria. O filho de Ranvier, de doze anos de idade, foi cruelmente espancado por recusar-se a trair o esconderijo do pai.

Todos esses desafortunados prisioneiros dos pontões, fortalezas e casas de correção foram devorados por vermes por vários meses antes que os seus casos fossem examinados. O Moloch Versalhês detinha mais vítimas do que podia digerir. Após os primeiros dia de junho ele expeliu 1.090 pessoas reclamadas pelos reacionários. Mas como montar acusações contra 36.000 prisioneiros? Estava tudo bem para Dufaure largar todos os agentes de polícia do Império nas prisões; no mês de agosto apenas 4.000 prisioneiros haviam sido interrogados.

Ainda assim era necessário saciar a ira da burguesia, que desejava um julgamento sensacionalista. Um poucas celebridades que haviam escapado ao massacre haviam sido presas, alguns membros do Conselho da Comuna, do Comitê Central, Rossel, Rochefort, etc. O sr. Thiers e Dufaure prepararam um grande espetáculo.

Esse deveria ser um julgamento modelo, servir como um tipo para a jurisprudência das cortes marciais, pois os prisioneiros deveriam ser julgados pelos mesmos soldados que haviam-nos vencido. O velho procurador e o seu presidente empregaram toda a sua esperteza casuística para baixar o nível do debate. Eles recusaram o caráter político dos acusados, e reduziram a insurreição a um crime ordinário, garantindo assim para si próprios o direito de impedir uma defesa efetiva, e a vantagem de condenações a trabalhos forçados e à morte, penas que a hipócrita burguesia pretende ter abolido para os crimes políticos. A terceira corte marcial foi cuidadosamente selecionada. O comissário escolhido foi Gaveau, um baixo energúmeno que havia manifestado sinais de alienação mental, e havia agredido os prisioneiros nas ruas de Versalhes; o presidente, Merlin, um coronel da engenharia, um dos capituladores do exército de Bazaine; o resto um sortimento de Bonapartistas de confiança. Sedan e Metz iriam julgar Paris.

A cerimônia teve início em 7 de agosto, em um grande salão de dois mil lugares. Personagens de destaque reclinavam-se nas poltronas de veludo vermelho; deputados ocupavam trezentos assentos; o resto pertencia à burguesia notável, as famílias "*honestas*," a aristocracia da prostituição, e a imprensa ululante. Esses jornalistas falantes, esses vestidos brilhantes, essas faces sorridentes, essas brincando com leques, esses alegres buquês, esses binóculos de ópera apontados em todas as direções, lembravam uma das mais elegantes *premières* do teatro. Os oficiais do estado-maior, em uniforme completo, conduziam elegantemente as senhoras aos seus assentos, sem esquecer-se de fazer a indispensável mesura.

Toda essa escória estremeceu quando os prisioneiros entraram. Havia dezessete: Ferré, Assi, Jourde, Paschal Grousset, Régère, Billioray, Courbet, Urbain, Victor Clément, Trinquet, Champy, Rastoul, Verdure, Decamps, Parent, membros do Conselho da Comuna; Ferrat e Lullier, membros do Comitê Central.

Gaveau leu o ato de acusação. Essa revolução nasceu de dois complôs, um do partido revolucionário e o outro da Internacional; Paris sublevou-se em 18 de março em resposta ao apelo de uns poucos vilões; o Comitê Central ordenara a execução de Lecomte e Clément-Thomas; a manifestação da praça Vendôme era uma manifestação desarmada; o cirurgião-chefe do exército fora assassinado quando fazia um supremo apelo à conciliação; a Comuna cometera roubos de todo tipo; os implementos das freiras de Picpus foram transformados em instrumentos de ortopedia; a explosão dos arsenais Rapp fora um trabalho da Comuna; desejando insuflar um ódio violento ao inimigo no coração dos Federados, Ferré presidira à execução dos reféns de La Roquette, incendiara o Ministério das Finanças, como prova o fac-símile de uma ordem escrita de próprio punho, "*Queimar Finanças!*" Cada um dos membros do Conselho da Comuna tinha que responder por fatos relativos às suas funções particulares, e coletivamente por todos os decretos publicados. Essa acusação, digna de um policial de baixo escalão, comunicada antecipadamente ao sr. Thiers, de fato fez da causa um simples caso de roubo e de incêndiarismo.

Isso tomou uma sessão inteira. No dia seguinte Ferré, interrogado primeiro, recusou-se a responder, e colocou as suas conclusões sobre a mesa. "*As conclusões do incendiário Ferré não têm nenhuma relevância!*" gritou Gaveau, e as testemunhas contra ele foram chamadas. Quatorze entre as vinte e quatro eram da polícia; os outros eram padres ou funcionários do Governo. Um perito em caligrafia, célebre nos tribunais por suas trapalhadas, afirmou que a ordem "*Queimar Finanças!*" fora certamente escrita por Ferré. Em vão o acusado requereu que a assinatura da ordem fosse comparada com a sua, que figurava com frequência no registro da polícia; que ao menos o original fosse apresentado, e não o fac-símile. Gaveau exclamou indignado, "*Ora, isso é falta de confiança!*"

Assim definidos desde o início a trama e o caráter dos seus juízes, os acusados poderiam ter declinado qualquer debate; eles cometeram o erro de aceitá-lo. Se ao menos eles houvessem altivamente reivindicado o seu caráter político! Mas não foi assim; alguns até mesmo o negaram. Limitando-se às suas defesas pessoais, quase todos abandonaram a revolução de 18 de Março, cujo mandato eles haviam solicitado ou aceitado. A sua preocupação com a sua própria segurança foi traída por tristes defecções. Mas do próprio banco dos réus a voz do

povo que acabara de ser negada ergueu-se vingativamente. Um trabalhador dessa brava raça parisiense, o primeiro em trabalho, estudo e combate, um membro do Conselho da Comuna, inteligente e convicto, modesto no Conselho, um dos mais proeminentes na luta, o sapateiro Trinquet reivindicou a honra de ter cumprido o seu mandato até o fim. *"Eu fui,"* disse ele, *"enviado à Comuna pelos meus concidadãos; eu paguei com a minha pessoa; eu estive nas barricadas, e eu lamento não ter morrido lá; eu não deveria hoje assistir a esse triste espetáculo de colegas que, depois de ter participado da ação, não mais arcarão com a sua parcela de responsabilidade. Eu sou um insurgente; eu não o nego."*

Os interrogatórios arrastaram-se com uma obstinada lentidão durante dezessete sessões. Sempre o mesmo público de soldados, burgueses, cortesãos, apupando os acusados; as mesmas testemunhas, padres, agentes da polícia e funcionários; a mesma fúria na acusação, o mesmo cinismo no tribunal, os mesmos uivos da imprensa. Os massacres não a haviam saciado. Ela gritava contra os acusados, exigia a sua morte, e todos os dias arrastava-os pela lama das suas reportagens. Os correspondentes estrangeiros estavam revoltados. O *Standard*, um grande crítico da Comuna, disse, *"Qualquer coisa mais escandalosa do que o tom da imprensa venal durante esse julgamento é impossível de imaginar."* Alguns dos acusados tendo requerido a proteção do presidente, Merlin adotou a defesa dos jornais.

Então veio o discurso do promotor à corte. Para permanecer fiel à suas instruções, Gaveau deveria demonstrar que Paris lutara por seis semanas com o fim de permitir que uns poucos indivíduos roubassem o resto dos cofres públicos, queimassem algumas casas, e fuzilassem alguns gendarmes. Esse membro engalanado da lei jogou fora como soldado tudo o que construiu como magistrado. *"A Comuna,"* disse ele, *"agiu como um Governo,"* e cinco minutos depois ele recusou aos membros do Conselho da Comuna o caráter de homens políticos. Passando em revista os diferentes acusados, ele disse de Ferré, *"Eu estaria perdendo o meu tempo e o seu discutindo as numerosas acusações que pesam sobre ele,"* de Jourde, *"Os números que ele deu a vocês são um tanto imaginários. Eu não gastarei o seu tempo discutindo-os."* Durante a batalha nas ruas Jourde recebera a ordem do Comitê de Segurança Pública de entregar mil francos a cada membro do Conselho. Somente cerca de trinta haviam recebido essa soma. Gaveau disse, *"Eles dividiram milhões entre si;"* e um homem desse tipo deve ter acreditado nisso. Qual soberano jamais abandonou o poder sem carregar milhões? Ele acusou Grousset longamente de ter roubado papel para imprimir o seu jornal; um outro de ter vivido com uma amante. Um rude *lansquenê*, incapaz de entender que quanto mais rebaixava os homens maior tornava essa Revolução, tão vital apesar de todas as defecções e incapacidades.

A platéia enfatizava essa acusação com frenéticos aplausos. À sua conclusão houve apelos como em um teatro. Merlin deu permissão ao advogado de Ferré para falar, mas Ferré declarou que desejava ele próprio defender-se, e começou lendo:--

"Depois da conclusão do tratado de paz em consequência da vergonhosa capitulação de Paris, a República estava em perigo, os homens que haviam sucedido ao Império caídos em meio a lama e sangue"----

Merlin - *"Caídos em meio a lama e sangue? Aqui eu preciso interrompê-lo. Não estava o seu Governo na mesma situação?"*

Ferré - *"Agarrados ao poder e, apesar de curvados sob o desprezo do público, eles preparavam nas sombras um golpe de estado; eles persistiam em recusar a Paris a eleição do seu conselho municipal"----*

Gaveau - *"Isso não é verdade."*

Merlin - *"O que você está dizendo, Ferré, é falso. Continue, mas pela terceira vez eu devo interrompê-lo."*

Ferré - *"Os jornais honestos e sinceros foram suprimidos, os melhores patriotas condenados à morte"----*

Gaveau - *"O prisioneiro não pode continuar a ler isso. Eu devo pedir a aplicação da lei."*

Ferré - *"Os Monarquistas estavam preparando a partição da França. Por fim, na noite de 18 de*

março, eles acreditaram-se prontos, e tentaram desarmar a Guarda Nacional, e a prisão em massa dos Republicanos"----

Merlin - *"Vamos, sente-se. Eu permito que o seu advogado fale."*

O advogado de Ferré requereu que o seu cliente tivesse permissão de ler as últimas sentenças da sua declaração, e Merlin concordou.

Ferré - *"Um membro da Comuna, eu estou nas mãos dos vitoriosos. Eles querem a minha cabeça; eles podem tomá-la. Eu jamais salvarei a minha vida através da covardia. Livre vivi, assim morrerei. Só acrescento uma palavra. A fortuna é caprichosa; eu confio ao futuro o zelo da minha memória e da minha vingança."*

Merlin - *"A memória de um assassino!"*

Gaveau - *"É aos trabalhos forçados que tais manifestos devem ser enviados."*

Merlin - *"Tudo isso não responde aos atos pelos quais você está aqui."*

Ferré - *"Isso significa que eu aceito a sina que está reservada para mim."*

Durante esse duelo entre Merlin e Ferré o salão ficara em silêncio. Ferozes apupos explodiram quando Ferré concluiu. O presidente foi obrigado a suspender a sessão, e os juízes estavam saindo quando um advogado requereu que uma nota deveria ser tomada para a defesa que o presidente chamara Ferré de "assassino."

A platéia respondeu com vaias. O advogado indignado virou-se para o tribunal, para os assentos da imprensa, para o público. Gritos de cólera ergueram-se de todos os cantos do salão, abafando a sua voz por vários minutos. Merlin, que estava radiante, por fim obteve silêncio, e respondeu com arrogância, *"Eu reconheço que fiz uso da expressão de que falou o advogado. A corte toma nota das suas conclusões."*

No dia anterior, como um advogado chamou-lhe a atenção, *"Nós todos devemos responder, não à opinião pública de hoje, mas à história, que nos julgará;"* Merlin respondera cinicamente, *"História! Nesse dia nós não estaremos mais aqui!"* A burguesia francesa havia encontrado o seu Jeffries.

O salão encheu-se cedo no dia seguinte. A curiosidade do público, a ansiedade dos juízes, eram extremas. Com o fim de acusar os seus adversários de todos os crimes de uma só vez, Gaveau havia por dois dias falado de política, história, socialismo. Teria bastado responder a cada um desses argumentos para dar à causa o caráter político que ele lhe negava, se um dos prisioneiros ao menos se levantasse e, menos preocupado com a sua própria pessoa do que com a Comuna, seguisse a acusação passo a passo, opusesse às grotescas teorias de conspiração a eterna provocação das classes privilegiadas; descrever como Paris entregou-se ao Governo da Defesa Nacional, foi traída por ele, e então atacada por Versalhes, abandonada; os proletários organizando todos os serviços da grande cidade, e em um estado de guerra, cercada pela traição, governando por dois meses sem espiões policiais e sem execuções, permanecendo pobre apesar dos milhões no banco; se ele confrontasse os sessenta e três reféns com os 20.000 assassinados, denunciar os pontões, as cadeias, entupidos com 40.000 seres infelizes; tomar o mundo como testemunha em nome da verdade, da justiça, do futuro, e fazer da acusada Comuna o acusador.

O presidente poderia tê-lo interrompido, os gritos do público afogado a sua reivindicação, a corte após as primeiras palavras tê-lo declarado fora da lei. Tal homem, reduzido ao silêncio, teria como o Danton amordaçado encontrado um gesto, um grito, que teria perfurado as paredes e lançado o seu anátema à cabeça do tribunal.

Os vencidos deixaram passar a oportunidade da vingança. Em vez de apresentarem uma defesa coletiva ou manterem um silêncio que teria salvo a sua dignidade, os acusados deixaram a defesa nas mãos dos advogados. Cada um desses cavalheiros desenvolveu um ponto para salvar o seu cliente, mesmo que fosse às custas dos seus advogados co-irmãos. Um deles era também advogado do Figaro e confidente da Imperatriz; um outro, um dos manifestantes da praça Vendôme, rogou à corte que não confundisse a sua causa com a dos patifes ao seu lado.

Houve patrocínios de causa escandalosos. Esse aviltamento não desarmou o tribunal nem o público. A todo momento Gaveau saltava de sua poltrona. "*Você é um sujeito insolente,*" disse ele a um advogado. "*Se há algo absurdo aqui, é você.*" A platéia aplaudia, sempre pronta a lançar-se sobre os prisioneiros. No dia 31 de agosto a sua fúria subiu a um tal tom que Merlin ameaçou evacuar a corte.

Em 2 de setembro a corte fingiu deliberar o dia inteiro. Às nove da noite ela retornou à sessão, e Merlin leu o julgamento. Ferré e Lullier foram condenados à morte; Trinquet e Urbain a trabalhos forçados perpétuos; Assi, Billioray, Champy, Régère, Grousset, Verdure e Ferrat ao transporte a uma fortaleza; Courbet a seis meses e Victor Clément a três meses de prisão. Decamps e Parent foram absolvidos. A platéia retirou-se muito desapontada com apenas duas condenações à morte.

No final das contas, esse processo judicial não provou nada. Poderia a Revolução de 18 de Março ser apreciada pela conduta de atores secundários, e Delescluze, Varlin, Vermorel, Tridon, Moreau e muitos outros, pela atitude de Lullier, Decamps, Victor Clément ou Billioray? E mesmo se a postura de Ferré e de Trinquet não tenha provado que havia homens no Conselho da Comuna, o que então provou a defecção da maioria senão que esse movimento havia sido o trabalho de todos, e não de algumas poucas grandes mentes; que nessa crise somente o povo havia sido grandioso, apenas ele havia sido revolucionário; que a Revolução deveria ser encontrada no povo, e não no Governo da Comuna?

A burguesia, pelo contrário, havia exibido toda a sua hediondez. O público, o tribunal, haviam estado no mesmo nível. Algumas testemunhas haviam perjurado manifestamente. Durante os debates, nos saguões, nos cafés, todos os aventureiros que haviam-se empenhado em ludibriar a Comuna arrogavam-se impudentemente o sucesso do exército. Ao abrir uma subscrição para Ducatel o Figaro conseguira 100.000 francos e uma Legion d'Honneur para ele. Seduzidos por esse sucesso, todos os conspiradores exigiram a sua gorjeta e a sua medalha. Os partidários de Beaufond-Lasnier, os de Charpentier-Domalain, saíram de forma, narravam a sua proeza, cada um e todos jurando que haviam traído melhor do que os seus rivais.

Enquanto a sociedade era vingada em Versalhes, a Corte de Apelação vingava a honra de Jules Favre. Imediatamente após a Comuna, o Ministro das Relações Exteriores fizera prender Laluyé, que era culpado de ter comunicado a Millièrre os documentos publicados no *Vingador*. O honesto Ministro, não tendo conseguido fazer fuzilar o seu inimigo como um *Communard*, intimou-o perante a Corte de Apelação por libelo. Aqui o ex-membro do Governo de Defesa Nacional, ex-Ministro das Relações Exteriores, deputado de Paris, confessou publicamente que havia cometido contrafações, mas alegou ter feito isso para assegurar uma fortuna a seus filhos. Essa comovente confissão derreteu os *patres familias* do júri, e Laluyé foi condenado a um ano de prisão. Seis meses mais tarde ele morreu em St. Pélagie. Jules Favre teve uma tremenda sorte. Em menos de seis meses a fuzilaria e a masmorra haviam-no livrado de dois temíveis inimigos.

Enquanto a terceira corte marcial estava discutindo com os advogados, a quarta cuidava dos seus negócios sem muitas frases. Em 16 de agosto, quase imediatamente após a sua abertura, ela já havia pronunciado duas sentenças de morte. Se uma corte tinha o seu Jeffries, a outra tinha o seu Trestailon no coronel Boisdénemetz, uma espécie de javali selvagem, um beberrão que via tudo em vermelho, por vezes espirituoso, e correspondente do Figaro. Em 4 de setembro algumas mulheres foram trazidas a ele, acusadas de incendiar a Legion d'Honneur. Esse era o julgamento das *pétroleuses*. As oito mil fúrias recrutadas anunciadas pelos jornais da ordem haviam-se reduzido ao número de cinco. O inquérito provou que as assim chamadas *pétroleuses* eram apenas enfermeiras de ambulância com um grande coração. Uma delas, Rétoffe, disse, "*Eu teria cuidado de um soldado de Versalhes tão bem quanto dos da Guarda Nacional.*" "*Por que,*" um outro perguntou, "*você ficou para trás depois que todo o batalhão fugiu?*" "*Havia feridos e moribundos,*" respondeu ela com simplicidade. As testemunhas da acusação elas próprias declararam que não haviam visto nenhuma delas provocando incêndios; mas a sua sorte havia sido decidida antecipadamente. Entre duas sessões Boisdénemetz havia gritado em um café, "*Morte a todas essas putas!*"

Três advogados em cinco haviam desertado o tribunal. "*Onde estão eles?*" disse o presidente. "*Eles pediram permissão para ir ao campo,*" respondeu o comissário. A corte encarregou soldados de defender essas pobres mulheres. Um deles, o intendente Bordelais, fez esse fino

discurso: *"Eu defiro à sabedoria do tribunal."*

A sua cliente, Suétens, foi condenada à morte, como também o foram Rétiffe e Marchais, *"por ter tentado mudar a forma de Governo;"* as duas outras a deportação e confinamento. Uma das condenadas, virando-se para o oficial que leu a sentença, exclamou-lhe de uma voz comovente, *"E quem alimentará a minha criança?"*

Tua criança! Veja, ele está aqui!

Alguns dias mais tarde, perante o mesmo Boisdemetz, quinze crianças de Paris apareceram; o mais velho tinha dezesseis anos, o mais jovem, tão pequeno que mal podia ser visto no banco dos réus, tinha onze. Eles usavam blusas azuis e quepes militares.

"Druet," disse o soldado, *"o que fazia o seu pai?"*

"Ele era um mecânico."

"Por que você não trabalhou como ele?"

"Por que não havia trabalho para mim."

"Bouverat, por que você entrou para os 'Pupilles de la Commune'?"

"Para ter o que comer."

"Você foi preso por vadiagem?"

"Sim, duas vezes; a segunda vez por roubar um par de meias."

"Cagnoncle, você foi 'Enfant de la Commune'?"

"Sim, senhor."

"Por que você deixou a sua família?"

"Por que não havia pão."

"Você deu muitos tiros?"

"Cinquenta, mais ou menos."

"Lescot, por que você deixou a sua mãe?"

"Por que ela não podia me manter."

"Quantas crianças havia com você?"

"Três."

"Você foi ferido?"

"Sim, uma bala na cabeça."

"Leberg, você esteve com um mestre, e foi surpreendido pegando a caixa de dinheiro. Quanto você pegou?"

"Dez moedas."

"Esse dinheiro não queimou a sua mão?"

E você, homem de mãos sujas! essas palavras não queimam os seus lábios? Sinistros idiotas! que não entendem que antes dessas crianças, atiradas à rua sem educação, sem esperança, pela necessidade que você causou a elas, o culpado é você, soldado enfeitado de lacinhos, você, o ministro público de uma sociedade na qual crianças de doze anos de idade, capazes e querendo trabalhar, são forçadas a roubar a fim de ter um par de meias, e não têm outra

alternativa senão cair sob as balas para não morrer de fome!

CAPÍTULO XXXV

Em Versalhes, todos os meios foram empregados para assegurar a mais séria, a mais atenta, a mais completa instrução de todos os processos que foram julgados... Eu tenho portanto que os julgamentos que foram proferidos não são apenas em direito, de acordo com todas as nossas leis, inatacáveis, mas que, para a consciência mais escrupulosa, eles são julgamentos que disseram a verdade. -- ('Muito bem! muito bem!')
Dufaure, Discurso contra a Anistia, Sessão de 18 de Maio 1876

Os conselhos de guerra julgaram, eu o admito, da melhor maneira
Allain Targé, deputado Gambettista, sessão de 19 de Maio 1876

AS CORTES MARCIAIS - AS EXECUÇÕES - BALANÇO DAS CONDENAÇÕES

Vinte e seis cortes marciais, vinte e seis metralhadoras judiciais, estavam em ação em Versalhes, Mont-Valérien, Paris, Vincennes, St. Cloud, Sèvres, St. Germain, Rambouillet, até em Chartres. Na composição desses tribunais, não apenas toda a aparência de justiça, mas até mesmo todas as regras militares, haviam sido desprezadas. A Assembléia sequer preocupou-se em definir as suas prerrogativas. E esses oficiais, ainda quentes da batalha, e para quem toda resistência, mesmo a mais legítima, é um crime, foram soltos em cima de seus inimigos indefesos sem qualquer outra jurisprudência senão o seu capricho, sem qualquer outro freio senão a sua humanidade, sem qualquer outra instrução senão a sua comissão. Com tais janissários e um código penal abrangendo tudo em sua elástica obscuridade, não havia necessidade de leis excepcionais para atingir toda Paris. Logo viram-se as mais extravagantes teorias inventadas e propagadas nesses covis judiciais. Assim, o fato de estar no local do crime constitui uma cumplicidade legal; com esses magistrados isso era um dogma.

Em vez de levar as cortes marciais até os portos, os prisioneiros foram forçados a empreender mais uma vez a dolorosa jornada do mar até Versalhes. Alguns, como Élisée Reclus, haviam assim passado por quatorze prisões. Dos pontões eles foram conduzidos à estação ferroviária a pé, as mãos algemadas; mas em Brest, quando marcharam pelas ruas mostrando as suas correntes, os transeuntes tiraram o chapéu à sua passagem.

À exceção de alguns prisioneiros de destaque, cujos julgamentos eu narrarei de forma breve, o grosso dos prisioneiros foi jogado perante os tribunais após um inquérito que nem sempre sequer assegurara-se da sua identidade. Demasiado pobres para ter um defensor, essas pessoas desafortunadas, sem guias, sem testemunhas de defesa - as que apontavam não ousavam vir com medo de ser presas - somente apareciam e desapareciam perante o tribunal. A acusação, o inquérito e a sentença eram despachados em alguns poucos minutos. "Você lutou em Issy, em Neuilly? Sentenciado à deportação." "Como! perpétua? E minha esposa, minhas crianças?" A um outro: "Você serviu nos batalhões da Comuna?" "E quem teria alimentado a minha família quando a oficina e a fábrica estavam fechadas?" Novamente sentenciado à deportação. "E você? Culpado por uma prisão ilegal. Aos trabalhos forçados." Em 14 de outubro, em menos de dois meses, a primeira e a segunda cortes haviam pronunciado mais de seiscentas sentenças.

Se eu pudesse contar o martirólogo dos milhares que assim desfilaram em sombrias fileiras, Guardas Nacionais, mulheres, crianças, idosos, atendentes de ambulâncias, médicos, funcionários, dessa cidade dizimada! É você quem eu honraria, você acima de todos, você, o anônimo, a quem eu daria o primeiro lugar, como você o tomou no trabalho das barricadas, onde você obscuramente cumpriu o seu dever. O drama real da corte marcial não foi nessas sessões solenes nas quais o acusado, o tribunal, os advogados, prepararam-se para a audiência pública, mas nesses salões que só conheceram os infelizes, ignorados pelo mundo inteiro, face a face com um tribunal tão inexorável quanto o fuzil. Quantos desses humildes defensores da Comuna ergueram a cabeça com mais orgulho do que os seus chefes, e cujo heroísmo ninguém poderá descrever! Quando a insolência, os insultos, os grotescos argumentos dos conspícuos juízes forem conhecidos, pode-se adivinhar com que ignomínia os acusados desconhecidos foram esmagados na sombra dessas novas cortes policiais. Quem vingará essas hecatombes de homens desconhecidos, executados em silêncio, como os últimos combatentes do Père-Lachaise na escuridão da noite?

Os jornais não deixaram nenhum traço dos seus julgamentos; mas na falta do nome das vítimas, eu posso espalhar os de alguns juízes aos quatro ventos da história.

Outrora, nos dias de honra do exército francês, em 1795, após Quiberon, foi necessário ameaçar os oficiais da República com a morte, para formar as cortes marciais destinadas a julgar a gente da Vendeia. E contudo esses vencidos haviam, sob os canhões, com armas inglesas, atacado o seu país pela retaguarda, enquanto as Potências em coalizão a golpeavam pela frente. Em 1871 os cúmplices de Bazaine solicitaram a honra de julgar os vencidos dessa Paris que havia sido o baluarte da honra nacional. Durante longos meses 1.509 oficiais desse infame exército, que não tem uma só hora a perder para a sua reabilitação e para o estudo, 14 generais, 266 coronéis e tenentes-coronéis, e 284 comandantes, são sagrados juízes e comissários. Como escolher em meio a esse elenco de bestialidade? Quando menciono uns poucos presidentes ao acaso - Merlin, Boisdénemetz, Jobey, Delaporte, Dulac, Barthel, Donnat, Aubert - estarei sendo injusto com cem outros.

Merlin e Boisdénemetz são conhecidos. O coronel Delaporte era da espécie de Gallifet. Velho, esgotado, hipocondríaco, ele só revivia após uma sentença de morte. Foi ele quem pronunciou o maior número delas, auxiliado pelo escrevente da corte, Duplan, que preparava as sentenças com antecedência, e mais tarde cometia as mais impudentes contrafações nas minutas. Jobey havia, diziam, perdido um filho na luta contra a Comuna e agora colhia a sua vingança. O seu olhinho franzido procurava pela angústia no rosto do infeliz a quem ele condenava. Todo apelo ao bom senso era para ele um insulto.

"Ele ficaria feliz," dizia ele, "em cozinhar os advogados junto com os culpados."

E contudo tão poucos advogados cumpriram o seu dever! Muitos haviam declarado que não se podia decentemente prestar assistência a tais prisioneiros. Outros queriam ser requisitados. Com quatro ou cinco exceções, esses defensores indignos banquetevam com os oficiais. Advogados e comissários comunicavam uns aos outros os seus meios de ataque ou defesa; os oficiais anunciavam vereditos com antecedência. O advogado Riché gabava-se de ter redigido o ato de acusação contra Rossel. Os advogados oficialmente designados não respondiam à convocação.

Esses juízes ignorantes, fazendo uma ostentação de violência, insultando os prisioneiros, testemunhas e advogados, eram dignamente secundados pelos comissários. Um deles, Grimal, vendeu aos jornais venais os papéis de prisioneiros célebres. Gaveau, um selvagem simplório, sem uma sombra de talento, morreu alguns meses mais tarde em um manicômio. Ansioso por exhibir-se, Bourboulon concentrava-se em efeitos de oratória. Barthélemy, bebedor de cerveja, loiro e gordo, fazia trocadilhos ao pedir a cabeça dos acusados. Charrière, ainda um capitão aos cinquenta e cinco anos, uma espécie de gato selvagem, um imbecil e mentiroso pretensioso, dizia que havia feito *"um voto de crueldade a César."* Jouesne, notório no exército por sua estupidez, compensava-a através de uma teimosa animosidade. Não era necessário muito nessas cortes. As mais implacáveis, considerando tudo, eram a terceira, quarta e sexta cortes, e a décima terceira em St. Cloud, que gabava-se publicamente de não absolver ninguém.

Isso é o bastante em relação aos juízes e à justiça que a burguesia ofereceu aos proletários que ela não havia fuzilado. Eu gostaria de poder seguir passo a passo a sua jurisprudência fanfarrã, tomar os julgamentos um a um, mostrar as leis violadas, as mais elementares regras de procedimento desprezadas, os documentos falsificados, as provas distorcidas, os prisioneiros condenados a trabalhos forçados e à morte sem o que teria sido uma sombra de prova perante um júri sério; o cinismo das cortes policiais da Restauração e das Comissões Mistas de Dezembro enxertado na brutalidade do soldado que vinga a sua casta. Tal trabalho requereria uma longa labuta técnica. Eu indicarei apenas as linhas gerais. Além do quê, não foram esses julgamentos já julgados?

Em 1871 o Governo Versalhês requereu da Suíça a extradição do governador da Escola Militar, em 1876 a do delegado Frankel da Hungria, ambos condenados à morte por assassinato e incediarismo. Eles foram de imediato presos. A Suíça liberal e a Hungria rural, considerando os atos da Comuna como crimes comuns, estavam prontas a entregar os prisioneiros se Versalhes fornecesse a prova legal requerida pelos tratados de extradição, de que eles haviam cometido os atos pelos quais haviam sido condenados. O Governo Versalhês somente produziu as

sentenças das cortes marciais, e não pôde acrescentar o menor *"traço de prova ou qualquer evidência precisa estabelecendo a culpabilidade."* Os prisioneiros tiveram que ser libertados.

Em 8 de setembro Rossel compareceu perante a terceira corte. A sua defesa consistiu em dizer que ele servira a Comuna na esperança de que a insurreição ressuscitasse a guerra contra a Prússia. Merlin tratou o prisioneiro com a maior consideração, e ele em troca manifestou o mais profundo respeito pelo exército. Mas um exemplo era necessário para soldados românticos, e Rossel foi condenado à morte.

No dia 21 Rochefort foi sentenciado à internação em uma fortaleza. Os Bonapartistas da corte estavam especialmente de olho no autor da *Lanterne*. Merlin havia defendido Pierre Bonaparte. Gaveau acusou o prisioneiro de ter ultrajado a pessoa do Imperador. Trochu, a quem Rochefort havia convocado como testemunha de defesa, respondeu com uma carta insultuosa ao homem que durante o cerco sacrificara por ele a sua popularidade.

O jornalismo revolucionário teve a honra de contar algumas vítimas entre as suas fileiras. O jovem Maroteau por causa de dois artigos - dois apenas - no *Salut Public* foi condenado à morte; Alphonse Humbert, por três ou quatro artigos no *Tio Duchesne*, a trabalhos forçados à perpetuidade.

Outros jornalistas foram condenados à internação. Qual foi o seu crime? Ter defendido a Comuna. Contudo a Comuna havia-se contentado em suprimir os jornais que defendiam Versalhes. De fato, a função das cortes marciais era exterminar o partido revolucionário.

O medo do futuro tornara-os implacáveis. Após os inúmeros assassinatos na rua des Rosiers, eles também queriam oferecer um holocausto às crinas de Lecomte e Clément-Thomas. Os reais carrascos não seriam encontrados. A explosão de fúria que custou a vida aos dois generais havia sido espontânea, súbita como a que em 1789 matou Flesselles, Foulon e Berthier. Os atores do drama eram incontáveis, e com isso todos os traços deles haviam sido perdidos. Os juízes militares selecionavam os acusados a esmo, da mesma forma em que os seus colegas haviam nas colinas Montmartre fuzilado os primeiros que apareceram.

"Simon Mayer," dizia o relatório, *"tentou até o último instante defender os prisioneiros, e Kazdansky fez o melhor que pôde para opor-se à consumação das ameaças de morte. A multidão insultou-o e rasgou o seu laço dourado."* Herpin-Lacroix fizera esforços desesperados; Lagrange, que recusara-se a formar o pelotão de fuzilamento, sentiu-se tão seguro em sua inocência que veio entregar-se aos juízes de livre e espontânea vontade. O relatório fez dele o principal acusado, juntamente com Simon Mayer, Kazdansky, Herpin-Lacroix, e um sargento de linha, Verdagnier, que em 18 de março erguera a coroa de sua arma.

O julgamento foi conduzido pelo coronel Aubert, um beato zombeteiro e melodramático. Apesar dos seus esforços e do comissário, não foi encontrada a mais remota prova contra os prisioneiros. Os próprios oficiais do exército, companheiros do general Lecomte, depuseram a seu favor. *"Simon Mayer fez tudo o que era possível para salvar-nos,"* disse o comandante Poussargue. Esse oficial ouvira uma voz gritar, *"Não matem nem mesmo os traidores sem julgamento; formem uma corte marcial;"* textualmente as palavras de Herpin-Lacroix. De todos os acusados ele só reconhecia Mayer. Um outro oficial ofereceu um depoimento semelhante. Verdagnier provou que na hora das execuções estava nas cabanas de Courcelles. A acusação negou tudo, mas sem ser capaz de produzir uma só testemunha. Ribemont provou que resistira aos assaltantes na sala da rua des Rosiers. Masselot nada tinha contra si senão o testemunho de algumas mulheres hostis, pretendendo que ele se gabara de ter atirado nos generais. O capitão Beugnot, ajudante-de-campo do Ministro, e presente à execução, afirmou ao contrário que os generais haviam sido cercados pelos soldados; Mailliefu, que a frente do pelotão era composta por nove soldados, cujos regimentos ele nomeou.

Não havia sequer falsas testemunhas oficiais, como no julgamento dos membros da Comuna; e contudo a acusação, longe de deixá-los escapar de suas garras, era mais implacável justamente com aqueles homens que haviam arriscado as suas vidas para salvar os generais. O comissário ameaçou prender uma testemunha que depôs entusiasticamente em favor de um prisioneiro. Após várias sessões eles descobriram que estavam julgando um indivíduo por outro. O presidente ordenou à imprensa que abafasse o incidente. Cada sessão, cada novo depoimento, inocentava os prisioneiros e tornava uma condenação mais impossível. Contudo

em 18 de novembro Verdagnier, Mayer, Herpin-Lacroix, Masselot, Leblond e Aldenhoff foram condenados à morte; os outros a penalidades variando de trabalhos forçados a detenção. Um desses condenados à morte, Leblond, tinha apenas quinze anos de idade.

Dada essa satisfação ao exército, as cortes, como bons cortesãos, vingaram as ofensas contra o sr. Thiers. O funcionário Fontaine, encarregado pela Comuna da demolição da casa daquele que demolira centenas de casas, compareceu perante a quinta corte marcial, que esforçou-se ao máximo para fazê-lo parecer um ladrão. Todos sabiam que a mobília e a prataria do sr. Thiers fora enviada ao Garde-Meuble, os objetos de arte aos museus, os livros à biblioteca pública, os lençóis às ambulâncias, e que após a entrada das tropas o homenzinho retomara a posse da maioria desses objetos. Como alguns haviam perecido no incêndio das Tulherias, o relatório acusou Fontaine de tê-los subtraído, ainda que somente duas medalhas sem valor houvessem sido encontradas em sua casa. A essa acusação, da qual ele acreditava-se protegido por uma longa vida de probidade e honra, Fontaine só pôde responder com lágrimas. Os Figaristas riram muito disso, e ele foi condenado a vinte anos de trabalhos forçados.

Em 28 de novembro a Assembléia recomeçou a sua fuzilaria. Astutamente estendendo aos deputados o direito de comutar as penalidades, o sr. Thiers fez nomear uma Comissão de Perdão pela Câmara. Ela era composta de quinze membros, fornecedores da Comissão Mista de 1852, grandes proprietários, Monarquistas inveterados. Um deles, o marquês de Quinsonnas, havia durante a batalha das ruas supervisionado as execuções no Luxembourg. O presidente, Martel, era um velho sátiro, que vendia os seus perdões a belas solicitadoras.

Os primeiros casos que eles examinaram foram os de Rossel e Ferré. A imprensa Liberal intercedia ardentemente pelo jovem oficial. Em sua mente inquieta, sem opiniões políticas alienadas, que havia tão soberbamente virado as costas à Comuna, a burguesia logo reconheceu um dos seus filhos pródigos. Ele havia além disso feito um *mea culpa*. A imprensa publicou as suas memórias, nas quais ele injuriava a Comuna e os Federados. Dia a dia eles descreviam a vida do prisioneiro, os seus sublimes colóquios com um pastor Protestante, as suas pungentes entrevistas com a sua família. De Ferré nenhuma palavra, exceto que ele era "horroroso." A sua mãe morrera louca; o seu irmão foi trancafiado como louco em uma masmorra de Versalhes; o seu pai era um prisioneiro na cidadela de Fouras; a sua irmã, uma moça de dezenove anos, silenciosa, resignada, estóica, ocupava-se dia e noite em ganhar os vinte francos que enviava semanalmente ao seu irmão. Ela havia recusado a ajuda dos seus amigos, não desejando compartilhar com ninguém a honra de cumprir o seu piedoso dever. De fato, não se pode imaginar nada mais "horroroso."

Por doze semanas a morte esteve suspensa sobre a cabeça dos condenados. Por fim em 28 de novembro, às seis horas da manhã disseram-lhes que eles deveriam morrer. Ferré pulou da cama sem trair a menor emoção, declinou a visita do capelão, escreveu aos tribunais militares para pedir a liberação do seu pai, e à sua irmã que ela o fizesse enterrar de maneira que os seus amigos fossem capazes de voltar a encontrá-lo. Um tanto surpreso a princípio, Rossel a seguir conversou com o seu pastor. Ele escreveu uma carta pedindo que a sua morte não fosse vingada - uma precaução bastante inútil - e dirigiu uns poucos agradecimentos a Jesus Cristo. Como camarada na morte eles tiveram um sargento do 45º de linha, Bourgeois, que passara-se para a Comuna e que mostrava a mesma calma de Ferré. Rossel ficou indignado quando o algemaram; Ferré e Bourgeois não se dignaram a protestar.

O dia mal começava a raiar; fazia um frio intenso. Diante da colina de Satory 5.000 homens em armas em torno de três estacas brancas, cada uma guardada por doze carrascos. O coronel Merlin comandava, encampando assim as três funções de conquistador, juiz e carrasco. Alguns observadores curiosos, oficiais e jornalistas, compunham todo o público.

Às sete horas as carretas dos condenados apareceram; os tambores rufaram uma saudação, os clarins soaram. Os prisioneiros desceram, escoltados por gendarmes. Ao passar diante de um grupo de oficiais Rossel fez-lhes continência. Correndo os olhos por todo o drama com um ar indiferente, o bravo Bourgeois inclinou-se contra a estaca do meio. Ferré chegou por último, vestido de negro e fumando um charuto, sem nenhum movimento nos músculos de sua face. Ele caminhou com um passo firme e regular e inclinou-se sobre a terceira estaca.

Assistido por seu advogado e seu pastor, Rossel pediu permissão para comandar o fogo. Merlin

recusou. Rossel quis apertar-lhe a mão, para prestar uma homenagem à sua sentença. Isso foi recusado. Durante essas negociações Ferré e Bourgeois permaneceram imóveis, silenciosos. Para por um fim às efusões de Rossel um oficial foi obrigado a dizer-lhe que ele estava prolongando a tortura dos outros dois. Por fim eles o vendaram. Ferré arrancou a venda e, ajustando os seus óculos, olhou os soldados direto no rosto.

Lida a sentença, os ajudantes baixaram seus sabres, as armas foram descarregadas. Rossel e Bourgeois tombaram. Ferré permanecia de pé; ele fora apenas atingido do lado. Atiraram de novo e ele caiu. Um soldado posicionou o fuzil sobre o seu ouvido e estourou-lhe os miolos.

A um gesto de Merlin um floreio de clarins ouviu-se e, emulando os costumes do canibais, as tropas desfilaram em triunfo diante dos cadáveres. Que gritos de horror a burguesia não teria soltado se diante dos reféns executados os Federados marchassem ao som de música!

Os corpos de Rossel e Ferré foram reclamados por suas famílias; o de Bourgeois desapareceu na vala comum do cemitério St. Louis. O povo não dissociará a sua memória da de Ferré, pois ambos morreram com a mesma coragem pela causa que serviram com a mesma devoção.

A imprensa Liberal reservou as suas lágrimas para Rossel. Alguns jornais provincianos de coragem prestaram honras a todas as vítimas, e devotaram ao ódio da França a Comissão de Perdão - a "*Comissão de Assassinos*," como um deputado, Ordinaire Jr., disse na Assembléia. Processados perante júris, todos esses jornais foram absolvidos.

Dois dias depois da execução de Satory, a Comissão de Perdão ordenou que Gaston Crémieux fosse morto. Seis meses haviam-se passado desde a sua condenação, e essa longa protelação parecia ter tornado o homicídio impossível. Mas a Comissão rural queria vingança pelo seu famoso discurso de Bordeaux. Às sete horas da manhã de 30 de novembro Gaston Crémieux foi levado ao Prado, uma vasta planície à beira-mar. Ele disse aos seus guardiães, "*Eu vou mostrar como um Republicano deve morrer.*" Ele foi posto contra a mesma estaca onde um mês antes o soldado Paquis fora fuzilado por ter passado para o lado da insurreição.

Gaston Crémieux desejou ter os olhos desvendados e dar ele próprio a ordem de fogo. Eles consentiram. Então dirigindo-se aos soldados, "*Apontem para o peito; não toquem em minha cabeça. Fogo! Vive la Répub...*" A última palavra foi cortada pela morte. Como em Satory, a dança dos soldados em torno do cadáver veio a seguir.

A morte desse jovem entusiasta causou uma profunda impressão na cidade. Registros colocados à porta da sua casa encheram-se em poucas horas com milhares de assinaturas. Os revolucionistas de Marselha não esquecerão os seus filhos.

No mesmo dia a sexta corte vingou a morte de Chaudey. Esta fora ordenada e supervisionada exclusivamente por Raoul Rigault. Os homens que formaram o pelotão estavam no estrangeiro. Préau de Védel, o principal acusado, então detido em Ste. Pélagie por uma ofensa menor, havia apenas segurado a lanterna. Mas a jurisprudência dos oficiais atribuía a simples agentes a mesma responsabilidade dos chefes. Préau de Védel foi condenado à morte.

Em 4 de dezembro apareceu no salão da terceira corte uma espécie de fantasma, pálido e complacente. Era Lisbonne, que por seis meses vinha arrastando os ferimentos que recebera no Château d'Eau. O mesmo perante a corte marcial que durante a Comuna e em Buzenval, esse mais bravo dos bravos declarou-se orgulhoso por ter lutado e somente negou as acusações de pilhagem. Outros juízes ter-se-iam sentido honrados em poupar um tal inimigo; os Versalheses condenaram-no à morte.

Alguns dias mais tarde essa mesma corte marcial ouviu a voz de uma mulher. "*Eu não me defenderei; eu não serei defendida*," gritou Louise Michel. "*Eu pertenço à revolução social inteiramente, e eu declaro que aceito a responsabilidade de todos os meus atos. Eu a aceito inteiramente e sem reservas. Vocês acusam-me de ter participado na execução dos generais. A isso eu respondo, sim. Se eu estivesse em Montmartre quando eles quiseram atirar no povo, eu não teria hesitado em comandar eu mesma o fogo contra aqueles que deram tais ordens. Quanto aos incêndios de Paris, sim, eu participei deles. Eu quis opor uma barreira de chamas aos invasores de Versalhes. Eu não tenho cúmplices; eu agi por minha conta própria.*"

O comissário Dailly pediu a pena de morte.

Louise Michel - O que eu peço a vocês, que auto-intitulam-se uma corte marcial, que auto-proclamam-se meus juízes, que não se escondem como a Comissão de Perdão, é o campo de Satory, onde os meus irmãos já tombaram. Eu devo ser eliminada da sociedade; vocês receberam a ordem de fazer isso. Bem, o Comissário da República está certo. Como parece que todo coração que bate pela liberdade só tem direito a uma pequena quantidade de chumbo, eu também reivindico a minha parcela. Se vocês deixarem-me viver, eu não cessarei de clamar por vingança, e eu denunciarei à vingança dos meus irmãos os assassinos da Comissão de Perdão.

O *Presidente* - Eu não posso permitir que você continue.

Louise Michel - Eu já terminei. Se vocês não forem covardes, matem-me.

Eles não tiveram a coragem de matá-la de um só golpe. Ela foi condenada à internação em uma fortaleza.

Louise Michel não ficou sozinha em sua corajosa atitude. Muitas outras, entre as quais podemos mencionar Lemel e Augustine Chiffon, mostraram aos Versalheses que mulheres terríveis são essas parisienses, mesmo vencidas, mesmo acorrentadas.

O caso das execuções de La Roquette foi julgado no início de 1872. Ali, como nos julgamentos sobre Clément-Thomas e Chaudey, eles não tinham nenhum dos atores reais exceto Genton, que havia executado a ordem. Quase todas as testemunhas, ex-reféns, prestaram depoimento com a raiva natural de quem havia tremido. A acusação, recusando-se a acreditar em um impulso de fúria, havia inventado uma ridícula corte marcial imaginária, que teria discutido e ordenado a morte dos prisioneiros. Ela asseverou que um dos acusados comandara o fogo e estava ao ponto de condená-lo, a despeito dos solenes protestos de Genton, quando o verdadeiro chefe do pelotão de fuzilamento, que acabara de ser encontrado moribundo em uma prisão, foi trazido perante a corte. Genton foi condenado à morte. O seu advogado havia-o odiosamente difamado, depois fugiu, e a corte recusou-se a permitir-lhe um segundo defensor.

O caso mais importante que se seguiu foi o dos Dominicanos de Arcueil. Nenhuma execução havia sido menos premeditada. Esses frades haviam tombado ao cruzar a avenida d'Italie, fuzilados pelos homens do 101º. O relatório acusou Sérizier, que naquela hora sequer estava na avenida. A única testemunha levantada contra ele disse, "*Eu próprio não afirmo nada; eu ouvi falar isso.*" Mas nós conhecemos os íntimos elos que unem exército e clero. Sérizier foi condenado à morte, como o foi também um de seus tenentes, Bouin, contra quem nenhuma única testemunha pôde ser trazida à corte. A corte aproveitou-se da ocasião para pronunciar sentenças de morte contra Wroblewski, que naquela hora estava na Butte-aux-Cailles, e contra Frankel, que estava lutando na Bastilha.

Em 12 de março o caso da rua Haxo foi examinado pela sexta corte, ainda presidida por Delaporte. Os carrascos dos reféns eram tão obscuros quanto os da rua des Rosiers. O indiciamento recaiu sobre o diretor da prisão, François, que por um longo tempo resistira a entregar os seus prisioneiros, e sobre vinte e duas pessoas denunciadas por rumores que revelaram-se contraditórios durante o julgamento. Nenhuma das testemunhas reconheceu os acusados. Delaporte multiplicava as suas ameaças com um tal cinismo que o comissário Rustaud, mesmo tendo dado provas da sua animosidade nos julgamentos anteriores, não pôde conter-se e exclamou, "*Mas você quer condenar todos eles?*" Ele foi no dia seguinte substituído pelo idiota Charrière. Apesar de tudo isso, o indiciamento esfarelava-se de hora em hora diante dos desmentidos das testemunhas. Mesmo assim, nenhum dos prisioneiros escapou. Sete foram condenados à morte, nove a trabalhos forçados, e os outros à internação.

A Comissão de Perdão esperava, com o fuzil na mão, pelas presas encaminhadas a ela pelas cortes marciais. Em 22 de fevereiro de 1872 ela fuzilou três dos assim chamados assassinos de Clément-Thomas e Lecomte, mesmo aqueles cuja inocência ficara tão claramente evidenciada no julgamento - Herpin-Lacroix, Lagrange e Verdagnier. Eretos na estaca do 28 de Novembro, eles gritaram "*Vive la Commune!*" e morreram, suas faces radiantes. Em 19 de março Préau de Védel foi executado. Em 30 de abril foi a vez de Genton. Os ferimentos que ele recebera em maio estavam reabertos, e ele arrastou-se ao alto da colina em suas muletas. Chegando à estaca ele as atirou longe, gritou "*Vive la Commune!*" e tombou sob o fogo. Em 25

de maio as três estacas foram novamente ocupadas por Sérizier, Bouin e Boudin, este último condenado como chefe do pelotão que defronte das Tulherias executara um Versalhês que tentava impedir a construção das barricadas da rua Richelieu. Eles disseram aos soldados do pelotão, "*Nós somos filhos do povo, e vocês também são. Nós lhes mostraremos que os filhos de Paris sabem como morrer.*" E eles também tombaram, gritando, "*Vive la Commune!*"

Esses homens que marchavam para a morte tão corajosamente, que com um gesto desafiavam o mosquete, que ao morrer gritavam que a sua causa vivia, essas vozes retumbantes, esses olhares firmes, desconcertavam os soldados profundamente. Os mosquetes tremiam, e quase à queima-roupa eles raramente matavam na primeira descarga. Em vista disso na execução seguinte em 6 de julho o comandante Colin, que presidia a esses fuzilamentos, ordenou que os olhos das vítimas fossem vendados. Havia dois deles - Baudoin, acusado de atear fogo à igreja St. Éloi, e de matar um indivíduo que atirara nos Federados; e Rouilhac, um insurgente que atirara em um burguês que estava delatando Federados. Ambos empurraram os sargentos que vieram vendar-lhes os olhos. Colin deu a ordem de amarrá-los à estaca. Por três vezes Baudoin arreventou as cordas; Rouilhac lutava desesperadamente. O padre que veio assistir os soldados recebeu alguns socos no peito. Por fim, subjugados, eles gritaram, "*Nos morremos pela boa causa.*" Eles foram destroçados pelas balas. Depois da marcha habitual um oficial com pretensões de psicólogo, movendo com a ponta da bota os fragmentos de cérebro que escorriam, comentou com um colega, "*É com isso que eles pensavam.*"

Em junho de 1872, todos os casos célebres concluídos, a justiça militar vingou a morte de um Federado, o capitão Beaufort. Não há senão uma explicação para esse estranho fato, a de que Beaufort pertencia aos Versalheses. Nós temos recebido importantes provas nesse sentido. Em todo caso, se Delescluze ou Varlin houvessem sido fuzilados pelos Federados, Versalhes não teria vingado as suas mortes.

Três dos quatro acusados estavam presentes, Deschamps, Denivelle e madame Lachaise, a célebre cantineira do 66º. Ela seguira Beaufort perante o conselho reunido no boulevard Voltaire e, tendo ouvido as explicações, dera o melhor de si para protegê-lo. O indiciamento não obstante fez dela a principal instigadora da sua morte. Baseando-se no depoimento escrito de uma testemunha que não seria encontrada, e que jamais fora confrontada com ela, o comissário acusou madame Lachaise de ter profanado o corpo de Beauford. Diante dessa abominável acusação essa nobre mulher desfez-se em lágrimas. Assim como Denivelle e Deschamps, ela foi condenada à morte.

A imaginação obscena de soldados com hábitos argelinos encarregou-se de poluir os acusados. Ao julgar um amigo íntimo de Rigault, o coronel Dulac pretendeu que a amizade deles fora de um caráter infame. A despeito dos protestos indignados do prisioneiro, o vil oficial persistiu.

A imprensa burguesa, longe de estigmatizar, aplaudia. Sem trégua, sem lassidão, desde a abertura das cortes marciais ela acompanhou todos os julgamentos com o mesmo coro de imprecções e as mesmas difamações. Quando algumas pessoas protestaram contra essas execuções tanto tempo após a batalha, Francisque Sarcey escreveu, "*O machado deveria ser parafusado à mão do carrasco.*"

Até então a Comissão de Perdão só havia fuzilado três de cada vez. Em 24 de julho ela chacinou quatro - François, o diretor de La Roquette, Aubry, Dalivoust e de St. Omer, condenado pelo caso da rua Haxo. De St. Omer era mais do que suspeito, e na prisão os seus camaradas mantinham distância dele. Diante dos mosquetes eles gritaram "*Vive la Commune!*" Ele respondeu, "*Abaixo com ela!*"

Em 18 de setembro Lolive (acusado de ter participado da execução do Arcebispo), Denivelle e Deschamps foram executados. Estes últimos gritaram, "*Viva a República Universal e Social! Abaixo os covardes!*" Em 22 de janeiro de 1873, dezenove meses após a batalha nas ruas, a Comissão de Perdão amarrou mais três vítimas às suas estacas - Phillippe, membro do Conselho da Comuna, culpado de ter defendido energicamente a Bercy; Benot, que ateou fogo às Tulherias; e Decamps, condenado pelo incêndio da rua de Lille, apesar de não terem sido capazes de apresentar qualquer prova que fosse contra ele. "*Eu morro inocente,*" gritou ele. "*Abaixo Thiers!*" Phillippe e Benot: "*Viva a República Social! Vive la Commune!*" Eles tombaram, sem trair a coragem dos soldados da Revolução de 18 de Março.

Essa foi a última execução em Satory. O sangue de vinte e cinco vítimas enrubesceu as estacas da Comissão de Perdão. Em 1875 ela fez fuzilar um jovem soldado em Vincennes, acusado da morte do detetive Vizentini, atirado no Sena por centenas de mãos na manifestação da Bastilha.

Os movimentos das províncias foram julgados por cortes marciais ou por cortes de apelação, dependendo do departamento estar ou não sob estado de sítio. Por toda a parte esperou-se pelo resultado da luta em Paris. Imediatamente após a derrota de Paris a reação floresceu. As cortes marciais de Espivent deram início a esses julgamentos. Ele teve o seu Gaveau na pessoa do comandante Villeneuve, um dos bombardeadores do 4 de Abril, o seu Merlin e o seu Boisdemetz nos coronéis Thomassin e Douat. Em 12 de junho Gaston Crémieux, Étienne, Pélissier, Roux, Bouchet, e todos aqueles que pudessem estar conectados com o movimento de 23 de Março apareceram perante os soldados. A pretensiosa cabeça-dura de Villeneuve serviu como modelo do discurso do promotor militar com o qual a França foi inundada. Crémieux, Étienne, Pélissier e Roux foram condenados à morte. Para a reação jesuítica burguesa, isso não era o bastante. Espivent declarara através da Corte de Cassação que o departamento de Bouches-du-Rhône estava sob estado de sítio desde 9 de agosto de 1870 em virtude de um decreto da Imperatriz, que não fora publicado no boletim de leis nem sancionado pelo Senado, e nem sequer promulgado. Munido dessa arma, ele perseguiu todos os que estivessem marcados pela mão da Congregação. O conselheiro municipal David Bosc, um armador milionário e ex-delegado da Comissão, foi acusado de ter roubado um relógio de prata de um agente de polícia, e só foi absolvido por uma pequena maioria das vozes. No dia seguinte o coronel-presidente foi substituído pelo tenente-coronel do 4º de Caçadores, Donnat, semi-enlouquecido pelo consumo de absinto. Um trabalhador de setenta e cinco anos de idade foi condenado a dez anos de trabalhos forçados, e a vinte anos de suspensão dos seus direitos civis e políticos, por ter no dia 4 de setembro prendido por meia hora um agente de polícia que o enviara a Caiena em 1852. Uma anciã demente, provedora dos Jesuítas que fora presa por alguns momentos em 4 de setembro, acusou o ex-comandante da Guarda Civil pela sua prisão. Ela própria contradisse essa acusação, que foi ainda desfeita por álibis e inúmeras provas. O ex-comandante foi condenado a cinco anos de prisão e a dez anos de suspensão dos seus direitos civis. Um dos soldados-juizes disse após cometer esse crime, *"Deve-se ter convicções políticas muito profundas para condenar em casos desse tipo."* Com esses cínicos colaboradores Espivent podia satisfazer todo o seu ódio. Ele pediu às cortes de Versalhes que lhe entregassem um membro do Conselho da Comuna, Amouroux, que fora delegado em Marselha por um tempo. *"Eu o estou processando por manipulação de soldados,"* escreveu Espivent, *"um crime passível de morte; e eu estou convencido que essa punição será aplicada a ele."*

A corte marcial de Lyon não era muito inferior. Quarenta e quatro pessoas foram processadas pelo movimento de 22 de Março, e trinta e duas condenadas a penalidades variando de internação a prisão. A insurreição do 30 de Abril forneceu setenta prisioneiros, recolhidos a esmo em Lyon, como era o costume em Versalhes. Chamado a testemunhar, o prefeito da Guillotiére, Crestin, não reconheceu entre eles nenhum dos que ele vira naquele dia em sua prefeitura. Presidentes das cortes, os coronéis Marion e Rébillot.

Em Limoges, Dubois e Roubeyrol, democratas estimados por toda a cidade, receberam a pena de morte à revelia, como principais atores do movimento de 4 de Abril; dois foram condenados a vinte anos de prisão por terem-se gabado de saber quem atirara no coronel Billet. Um outro pegou dez anos por ter distribuído munições.

Os vereditos do júri variavam. Nos Basses-Pyrénées em 8 de agosto ele absolveu Duportal e as quatro ou cinco pessoas acusadas do movimento de Toulouse. A mesma absolvição ocorreu em Rhodéz, onde Digeon e os acusados de Narbonne compareceram após uma detenção preliminar de oito meses. Um público simpatizante encheu o salão e os acessos do tribunal, aclamando os acusados à sua saída. A atitude enérgica de Digeon mais uma vez mostrou a robusta fôrma do seu caráter.

O júri de Riom condenou vinte e um prisioneiros pelos casos de St. Étienne, entre os quais estava Amouroux, que apenas enviara dois delegados. Um jovem trabalhador, Caton, distinguiu-se por sua inteligência e firmeza.

O júri de Orléans foi severo com os acusados de Montargis, todos condenados à prisão, e atroz

com os de Cosnes e Newry-sur-Loire, onde não houvera resistência. Houve vinte e três ao todo, dos quais três eram mulheres. O seu único crime fora desfilar com uma bandeira vermelha e gritar "*Vive Paris! Abaixo Versalhes!*" Malardier, um ex-representante do povo, que só chegou na véspera da manifestação e não tomou parte nela, foi condenado a quinze anos de prisão. Nenhum dos acusados foi poupado. Os proprietários do Loiret vingaram o alarme dos seus camaradas proprietários do Nièvre.

Os movimentos de Coulommiers, Nîmes, Dordives e Voiron deram origem a algumas convicções.

No mês de junho de 1872 a maior parte do trabalho da repressão estava concluído. Dos 36.309 prisioneiros admitidos pelos Versalheses, homens, mulheres e crianças, sem contar os 5.000 prisioneiros militares, 1.179 haviam morrido na prisão segundo eles; 22.326 haviam sido liberados após os longos meses de inverno nos pontões, fortalezas e prisões; 10.488 trazidos perante as cortes marciais, que condenaram 8.525 deles. As perseguições não cessaram. Com o advento de MacMahon em 24 de maio de 1873 houve uma recrudescência. Em 1º de janeiro de 1873 o resumo geral da justiça Versalhesa dava 10.137 condenações pronunciadas na presença dos acusados, e 3.313 à sua revelia. As sentenças proferidas foram assim distribuídas:--

Condenações à morte	270 dos quais 8 mulheres
Trabalhos forçados	410 dos quais 29 mulheres
Transporte a fortaleza	3.989 dos quais 20 mulheres
Transporte simples	3.507 dos quais 16 mulheres e 1 criança
Detenção	1.269 dos quais 8 mulheres
Confinamento	64 dos quais 10 mulheres
Trabalhos forçados em obras públicas	29
Prisão até três meses	432
Prisão de 3 meses a um ano	1.622 dos quais 50 mulheres e 1 criança
Prisão por mais de um ano	1.344 dos quais 15 mulheres e 4 crianças
Banimento	322
Vigilância da polícia	117 dos quais 1 mulher
Multas	9
Crianças com menos de 16 anos enviadas a casas de correção	56
Total	13.440 dos quais 157 mulheres e 62 crianças

Esse resumo não contém as sentenças pronunciadas pelas cortes marciais fora da jurisdição de Versalhes nem as das cortes de apelação. Nós devemos portanto acrescentar 15 condenações à morte, 22 de trabalhos forçados, 28 de transporte a fortaleza, 29 de transporte simples, 74 de detenção, 13 de confinamento, e um certo número de encarcerações. O número total de condenados em Paris e nas províncias excede 13.700, entre os quais estavam 170 mulheres e 62 crianças.

Três quartos dos 10.000 condenados presenciais - 7.418 de 10.137 - eram simples guardas ou oficiais não-comissionados, 1.942 oficiais subalternos. Havia apenas 225 oficiais superiores, 29 membros do Conselho da Comuna, 49 do Comitê Central. Apesar da sua jurisprudência selvagem, dos inquiridos e dos falsos testemunhos, as cortes marciais haviam sido incapazes

de atribuir a nove décimos dos condenados - 9.285 - qualquer outro crime além de portar armas ou de exercer uma função pública. Dos 766 condenados pelos assim chamados crimes comuns, 276 eram por simples prisões, 171 pela batalha nas ruas, 132 por crimes classificados como "outros" no relatório, todos evidentemente por atos de guerra. Não obstante o grande número de homens em liberdade condicional designadamente incluídos nesses processos, quase três quartos dos condenados - 7.119 - não tinham antecedentes judiciais; 524 haviam incorrido em condenação por contravenção à ordem pública (casos políticos ou policiais simples); 2.381 por crimes ou contravenções, que o relatório teve o cuidado de não especificar. Por fim essa insurreição, provocada e conduzida por estrangeiros de acordo com a imprensa burguesa, não forneceu senão 396 prisioneiros de origem estrangeira.

Esse é o balanço de 1874. Os anos seguintes adicionaram novas condenações. O número de cortes foi reduzido, mas a sua instituição foi mantida e os processos continuam. Mesmo agora, seis anos após a derrota, as prisões e condenações não cessaram.

CAPÍTULO XXXVI

Os deportados são mais felizes do que os nossos soldados, pois os nossos soldados têm tarefas a cumprir... enquanto o deportado vive no meio das flores do seu jardim
Discurso do Almirante Fourichon, Ministro da Marinha, contra a Anistia,
Sessão de 17 de maio 1876

São sobretudo os republicanos que não devem querer a anistia
Victor Lefranc, Sessão de 18 de maio 1876

NOVA CALEDÔNIA - EXÍLIO BALANÇO DA VINGANÇA BURGUESA A CÂMARA LIBERAL E A ANISTIA

A dois dias de viagem da França há uma colônia carente de braços, rica o bastante para enriquecer milhares de famílias. Após cada vitória contra os trabalhadores parisienses a burguesia tem sempre preferido enviar as suas vítimas às antípodas do que fecundar a Argélia com eles. A República de 1848 tinha Nouka-Hiva; a Assembléia Versalhesa, a Nova Caledônia. É a esse rochedo, a seis mil léguas da sua terra natal, que ela decidiu transportar aqueles condenados à prisão perpétua. "O Conselho de Governo," disse o relator da lei, "dá ao transportado uma família e um lar." A metralhadora era mais honesta.

Os condenados ao transporte foram amontoados em quatro depósitos, Forte Boyard, St. Martin de Ré, Oléron e Quélern, onde por longos meses eles definharam entre o desespero e a esperança, a qual jamais abandona o perseguido político. Um dia, quando eles acreditavam-se quase esquecidos, um chamado brutal ressoava. À enfermaria! Um médico olhava para eles, questionava-os, não escutava as suas respostas e dizia, "Apto a partir!" E então adeus família, país, sociedade, vida humana, a caminho do sepulcro dos antípodas. E feliz daquele condenado apenas ao transporte. Ele podia pela última vez apertar uma mão amiga, ver lágrimas em olhos carinhosos, dar um último beijo. Mas o escravo das galés da Comuna verá apenas o capataz. Ao toque do apito ele deve despir-se, ser revistado, então ter o uniforme de viagem atirado sobre si e, sem um adeus, embarcar na prisão flutuante.

O navio de transporte era um pontão móvel. Grandes jaulas montadas no convés de artilharia encerravam os prisioneiros. À noite elas tornavam-se centros de infecção. Durante o dia as pessoas não tinham senão meia hora para subir ao convés e respirar um pouco de ar fresco. Em torno das gaiolas os carcereiros ficavam de pé resmungando, punindo com o buraco negro a mínima infração às regras. Alguns seres infelizes fizeram toda a viagem no fundo do casco, às vezes quase nus, por terem-se recusado a satisfazer um capricho. Como os homens, as mulheres também eram mandadas ao buraco negro; as freiras que as vigiavam eram piores do que os carcereiros. Por cinco meses eles tiveram de viver dessa maneira promíscua na jaula, na sujeira dos seus vizinhos, alimentados com biscoitos frequentemente mofados, toucinho, com água quase salgada; ora queimados pelos trópicos, ora congelados pelo frio do Sul, ou pelos respingos das ondas quebrando-se sobre o convés de artilharia. E que espectros eram quando chegavam! Quando o *Orne* baixou âncora ao largo de Melbourne havia 360 acometidos de escorbuto entre os 588 prisioneiros. Eles inspiraram piedade até mesmo aos rudes colonos da Austrália. Os habitantes de Melbourne vieram em seu socorro, coletando 40.000 francos em

poucas horas. O comandante do *Orne* recusou-se a transferir a soma aos prisioneiros, mesmo que fosse na forma de roupas, ferramentas e itens de necessidade básica.

O *Danaë* foi o primeiro navio a partir, em 3 de maio de 1872; o *Guerrière*, *Garonne*, *Var*, *Sibylle*, *Orne*, *Calvados*, *Virginie*, etc. foram a seguir. Por volta de 1º de julho de 1875, 3.859 prisioneiros haviam desembarcado na Nova Caledônia.

Esse sepulcro Caledoniano tinha três círculos: a península Ducos, não distante de Noumea, capital da Nova Caledônia, para aqueles condenados ao transporte a uma fortaleza - 805 homens e 6 mulheres; a ilha des Pins, trinta milhas a sudeste da ilha principal, para aqueles condenados ao transporte simples - 2.795 homens e 13 mulheres; e bem em segundo plano, pior que a morte, o *bagnio* da ilha Nou, para 240 escravos das galés.

A península Ducos, um estreito gargalo de terra comandado por canhões e sua boca guardada por soldados, sem um curso d'água, sem verdura, é atravessada por áridas colinas e vales pantanosos. Como único abrigo os condenados encontraram umas poucas choupanas dilapidadas; como única mobília, uma panela e uma rede. A ilha des Pins, um platô perfeitamente desolado no centro com terras férteis na periferia, mas nas mãos dos frades Maristas, que exploram o trabalho dos nativos. Nada estava preparado para a chegada dos condenados. Os primeiros a chegar vagavam pelos bosques; somente muito tempo depois eles receberam tendas ruins e redes. Incitados pelos missionários os nativos fugiam deles, ou vendiam-lhes provisões a preços enormes.

A administração deveria ter fornecido o vestuário indispensável. Nenhuma das regras prescritas foi observada. Os quepes e as botas logo ficaram rotos, e como a imensa maioria dos condenados não tinham meios de qualquer natureza, tiveram que suportar o sol e a estação chuvosa de cabeça descoberta e de pés descalços. Elas não tinham tabaco nem sabão; não havia conhaque para misturar à água salobra.

Os prisioneiros não deixaram-se desanimar por essas dificuldades iniciais. Laboriosos, ativos, com essa aptidão universal do trabalhador parisiense, eles sentiram-se à altura de superar as primeiras dificuldades. O relator da lei havia exaltado os mil recursos da Nova Caledônia - pesqueiros, pecuária, mineração - e representaram essa emigração compulsória como a fundação de um novo Império francês no Pacífico. Os condenados esperavam sentir-se em casa nessa terra longínqua. Esses proletários eram imunes à falsa dignidade afetada pelo burguês proscrito; longe de recusar o trabalho, eles o buscavam. Na ilha des Pins havia um hospital, um aqueduto, armazéns administrativos cuja construção precisava ser terminada, uma longa estrada a ser construída; 2.000 condenados se apresentaram; somente 800 foram empregados, e seus salários jamais excederam 85 cêntimos por dia. Alguns daqueles rejeitados pela Administração então pediram concessões de território; concederam-lhes umas poucas jardas de terra, e a preços exorbitantes algumas sementes e ferramentas. Com esforços extremos eles mal podiam fazer o solo produzir uns poucos legumes. Os outros, que nada possuíam, dedicaram-se à indústria privada e ofereceram os seus serviços aos comerciantes de Noumea. Mas sufocada pelo regime militar, paralizada pela burocracia oficial, e na verdade dispondo de recursos realmente escassos, a colônia só pôde dar trabalho a cerca de 500 deles no máximo. Além do mais, muitos daqueles que haviam-se dedicado à agricultura logo foram obrigados a abandonar tudo e retornar à ilha des Pins.

Essa foi a era de ouro dos deportados. Em meados de 1873 um despacho do Ministério da Marinha chegou a Noumea. O Governo Versalhês suspendeu todos os créditos administrativos de suporte aos trabalhos públicos. "*Se for admitido*," dizia ele, "*o direito ao trabalho do condenado, logo ver-se-á o ressurgimento do escandaloso exemplo das oficinas nacionais de 1848.*" Perfeitamente lógico isso. Versalhes não tem nenhuma obrigação de criar meios de trabalho para aqueles a quem ela privou da liberdade de trabalhar. Portanto as oficinas foram fechadas. Os bosques da ilha des Pins ofereciam valiosas matérias-primas aos moveleiros, e alguns dos condenados manufaturavam mobília em muita demanda em Noumea. Eles receberam ordem para parar. E no dia 13 de dezembro o Ministro da Marinha ousou pronunciar da tribuna que a maioria dos condenados recusavam todo tipo de trabalho.

Nesse exato momento em que a Administração restringia assim a vida dos deportados, ela intimou as suas esposas ao Ministério da Marinha, onde a mais encantadora imagem da Nova Caledônia foi exibida a elas. Lá elas encontrariam, à sua chegada, uma casa, um pedaço de

chão, sementes e ferramentas. Desconfiadas de alguma cilada, a maioria delas recusou-se a partir enquanto não fossem convidadas pelos próprios maridos. Sessenta e nove delas, entretanto, caíram na conversa e embarcaram a bordo do *Fénélon*, com mulheres enviadas pela Assistência Pública como ajudantes para os colonos. Ao desembarcar, essas desafortunadas esposas dos condenados encontraram apenas o desespero e a miséria dos seus maridos. O Governo recusou-se a mandá-las de volta à metrópole.

Assim lá estavam milhares de homens acostumados ao trabalho, à atividade intelectual, encurralados, ociosos e miseráveis, alguns na estreita península, outros na ilha des Pins, sem roupas, mal alimentados, sob as ordens de brutos de revólver na mão, em precário contato com o mundo salvo por umas poucas cartas, e estas ainda são retidas por três semanas em Noumea. No início devaneios sem fim, então o desencorajamento e o sombrio desespero; casos de loucura ocorreram, e afinal a morte. O primeiro liberado foi o professor Verdure, membro do Conselho da Comuna. O comissário da corte marcial não o acusara senão de um crime. *"Ele era um filantropo Utópico."* Ele queria abrir uma escola na península; a permissão foi-lhe negada. Inútil, longe da esposa e da filha, ele definhou e morreu. Em uma manhã de 1873 os carcereiros e os padres viram no sinuoso caminho que leva ao cemitério um caixão coberto de flores carregado por alguns dos condenados. Atrás deles caminhavam 800 amigos em profundo silêncio. *"O caixão,"* um deles disse-nos, *"baixou à cova. Um amigo disse umas poucas palavras de adeus; cada um atirou a sua pequena flor vermelha, gritando, 'Vive la République! Vive la Commune!' e tudo estava terminado."* Em novembro na ilha des Pins, Albert Grandier, da equipe do *Rappel*, morreu. O seu coração ficara na França, com uma irmã que ele adorava. Todos os dias ele ia à beira-mar esperar por ela; até que enlouqueceu. A Administração recusou-se a admiti-lo em um asilo. Ele escapou dos amigos que cuidavam dele, e em uma manhã foi encontrado morto de frio nos pântanos, não muito longe do caminho que leva ao mar.

Esses pelo menos têm o consolo de sofrer na companhia dos seus iguais. Mas os condenados acorrentados no antro dos facínoras! *"Eu não conheço senão um bagnio,"* respondeu o Ministro republicano, Victor Lefranc, a uma mãe implorando pelo filho. E de fato não ha senão um *bagnio*, onde heróis como Trinquet e Lisbonne, homens de compacta devoção e probidade como Fontaine, Roques, o prefeito de Puteaux (tantos nomes vêm à mente que envergonho-me de mencionar só uns poucos), jornalistas de elevado caráter como Brissac e Humbert, alguns cujo único crime foi cumprir um mandado de prisão, foram acorrentados por cinco anos a assassinos e ladrões, sofrendo os seus insultos, e atados à noite à mesma cama de campanha. Os Versalheses querem mais do que o corpo; eles precisam alcançar a mente revolucionária, envolvê-la em uma atmosfera de fedor e vício, a fim de fazê-la falhar e soçobrar. Os *"delinquentes"* da Comuna, assimilados aos criminosos, sujeitos à mesma labuta, à mesma lei do porrete e do chicote, são alvo de um ódio especial dos carcereiros, que incitam os condenados contra eles. De tempos em tempos uma carta escapa, e até mesmo chega a nós. Assim escreve um membro do Conselho da Comuna, um homem de trinta e três anos, outrora em saúde robusta:--

ST. LOUIS

"... O trabalho no campo é considerado o mais severo. Ele inclui a escavação de pedras, aterros, etc. Ele só é interrompido na manhã de domingo para o serviço religioso. Como alimento nós temos café sem açúcar às cinco da manhã, 700 gramas de pão, e 100 gramas de feijão; à noite um pequeno pedaço de carne; e finalmente 69 centilitros de vinho por semana. Quando eu sou capaz de comprar um quarto de libra de pão, a minha saúde deixa menos a desejar. Já alguns de nós não estão mais aqui. Muitos estão atacados de anemia. Quinze dos sessenta em St. Louis estão no hospital. Tudo isso não seria nada se não fosse a convivência com homens de paixões infames. Há cinquenta de nós em um compartimento. Quanto aos empregos, lojas, e escritórios, os Communards são excluídos deles."

Um outro escreve:

ILHA NOU, 15 de fevereiro.

"Eu me isolo o tanto quanto posso, mas há horas em que devo estar no bagnio sob pena de morte. Há horas em que eu tenho de defender as minhas rações da voracidade dos meus companheiros, quando eu devo submeter-me à familiaridade de um Mano ou de um Lathauer. Isso é horrível, e eu enrubesço de vergonha quando penso que tornei-me quase insensível a toda essa infâmia. Esses patifes são covardes, e não são os que menos nos atormentam. Isso

é o suficiente para enlouquecer qualquer um, e eu acredito que muitos dentre nós ficarão loucos. Berezowski, esse homem desafortunado, que tanto sofreu por oito anos, está quase demente, e é doloroso olhar para ele. Isso é terrível, e eu não ousou pensar nisso. Quantos meses, anos, nós ainda temos que passar nesse bagnio? Eu tremo só de pensar. Apesar de tudo, pode crer que eu não deixar-me-ei esmagar; a minha consciência está tranquila, e eu sou forte. Só a minha saúde poderia trair-me e ser vencida, mas de mim eu estou seguro, e jamais me desviarei."

Um terceiro:

"Eu tenho sofrido muito; o bagnio de Toulon, as correntes, o uniforme dos condenados e, o que é ainda pior, o ignóbil contato com os criminosos - tudo isso eu tenho tido que suportar. Eu tenho, é verdade, um consolo em meio a tanto sofrimento - a minha consciência tranquila, o amor dos meus velhos pais, e a estima de homens como você... Por quantas vezes tenho estado desencorajado! Que desespero, que dúvidas têm-me arrebatado! Eu acreditava na humanidade, e todas as minhas ilusões perderam-se uma a uma; uma grande mudança abateu-se sobre mim, e eu quase fracassei em resistir a tantas desilusões."

Ainda outro:

"Eu não me iludo; esses anos estão inteiramente perdidos para mim; não só a minha saúde está abalada, mas eu sinto-me rebaixar a cada dia. Essa vida é realmente demasiado dura de se suportar, sem livros (salvo os da biblioteca Mame), neste bagnio sórdido, expostos a todos os insultos, a todas as pancadarias; trancados nas cavernas com grades; nas oficinas tratados como animais; insultados pelos carcereiros e pelos companheiros de corrente, nós devemos nos submeter a tudo isso sem um murmúrio, a mínima infração acarretando punições terríveis - a cela, a ração de pão reduzida a um quarto, os ferros, os parafusos nos polegares, o chicote. É ignominioso, e eu tremo só de pensar nisso. Muitos de nossos camaradas estão sob grilhões duplos no pelotão correccional, sujeitos à labuta mais dura, morrendo de fome, empurrados para a frente a golpes de bengala, muitas vezes com tiros de revólver, incapazes de se comunicar conosco, que não podemos sequer passar-lhes um bocado de pão. Isso é terrível, e eu temo que tudo isso não vai acabar tão cedo. Mas protestos serão feitos; nós não seremos abandonados; seria horrível se formos abandonados aqui. Eu estou incapacitado para o trabalho, portanto eu estou certo quando digo que esses anos estão completamente perdidos, e isso leva-me ao desespero; contudo eu estava determinado a estudar; mas o que se pode fazer sem livros e sem um guia? Nós estamos quase sem notícias. Ainda assim nós sabemos que a República está se afirmando dia a dia; a nossa esperança está nisso, mas eu não ousou acreditar nela; nós já tivemos tantas decepções."

Quantos deles ainda vivem hoje? Não se sabe. Maroteau partiu em março de 1875. A Comissão de Perdão aumentou a sua sentença; comutou Satory para a ilha Nou. Aos vinte e cinco anos de idade ele morreu no bagnio por dois artigos, quando os chacais da imprensa Versalhesa, da qual cada linha tem exigido e obtido o massacre, assolam a nossa Paris. Até o último momento a sua coragem não o abandonou. "Morrer não é um grande problema," disse ele aos amigos em torno do seu leito de morte; "mas eu teria preferido a estaca de Satory a este catre sórdido. Meus amigos, pensem em mim! O que vai ser da minha mãe?"

Ouçam esses dobres fúnebres executados por um dos condenados:--

ILHA NOU (TRABALHOS DE LIMEKILIN), 18 de abril.

"Eu não posso deixar de dizer que muitos amigos estão morrendo, e que cinco sucumbiram este mês."

15 de maio.

"O velho Audant, um dos deportados de 2 de dezembro, foi libertado para sempre de suas correntes. Ele estava doente, velho (cinquenta e nove), e a nossa labuta venceu-o. Um dia, esgotado, atacado pela bronquite aguda, ele não foi capaz de levantar-se; ainda assim ele foi obrigado a retomar o trabalho. Dois dias depois ele pediu para consultar o médico. Atiraram-no na masmorra. Cinco dias depois ele morreu no hospital; e uns poucos dias mais tarde um outro, Gobert, seguiu-o à tumba."

CANALA, 25 de dezembro.

"... Acrescente a isso a morte de velhos e bons amigos. Depois de Maroteau, Morten, Mars, Lecolle, a quem nós enterramos faz um mês."

Eles morrem, mas nenhum deles fraquejou. Os condenados políticos são homens; eles conseguem afundar no piche sem se sujarem. Foi o inspetor geral Raboul quem deixou escapar essa confissão. O que é o vangloriado heroísmo de uma hora do mártir cristão comparado a esses homens que, dia após dia, nas infatigáveis e impiedosas garras dos carcereiros, mantêm inabalada a sua fé revolucionária e a sua dignidade?

E conhecemos nós pelo menos todos os seus sofrimentos? Somente por mera sorte foi erguida uma ponta do véu. Em 19 de março de 1874, Rochefort, Jourde, Paschal Grousset e três outros, condenados à deportação, conseguiram escapar a bordo de um navio australiano. Eles desembarcaram em segurança na Austrália, e a informação que eles trouxeram consigo lançou um pouco de luz sobre o covil. Foi então que ficamos sabendo que os condenados da Comuna haviam sofrido torturas adicionais; que a tortura do parafuso nos dedos, que mutilava as mãos, ainda é praticada no *bagnio*; que quatro condenados haviam sido fuzilados na ilha des Pins por um simples assalto, algo que teria sido punido com uns poucos meses de prisão por um tribunal ordinário; que a severidade e os insultos dos carcereiros pareciam ter a intenção de provocar um levante, o qual serviria para justificar o envio ao *bagnio* de todos os condenados. Os condenados iriam pagar caro por essas revelações. O Governo Versalhês enviou imediatamente o contra-almirante Ribourt, e o parafuso da tortura foi apertado mais forte do que nunca. Aqueles que haviam obtido permissão para passar pequenos períodos de tempo na ilha principal foram novamente confinados na península Ducos ou na ilha des Pins; a pesca foi proibida; cada carta selada confiscada; o direito de catar lenha na floresta para cozinhar suprimido. Os carcereiros redobram a sua brutalidade, atiravam nos condenados que se aventurassem além dos limites, ou que não voltassem a suas cabanas na hora regulamentar. Alguns comerciantes de Noumea, acusados de ter facilitado a fuga de Rochefort e de seus amigos, foram expelidos da ilha.

Ribourt trouxera consigo a demissão do governador, La Richerie, ex-governador de Caiena, que à força de rapina fizera uma grande fortuna na Nova Caledônia. Evidentemente não foi por sua desonestidade, mas pela fuga de 19 de março que ele foi punido. O governo provisório foi confiado ao coronel Alleyron, que tornara-se famoso pelos massacres de Maio. Alleyron decretou que todo prisioneiro deveria ceder ao Estado metade do seu dia de trabalho, sob pena de receber apenas o alimento estritamente necessário, 700 gramas de pão, 1 centilitro de óleo e 60 gramas de legumes secos. Como os prisioneiros protestassem, ele começou por aplicar o decreto a cinquenta e sete pessoas, quatro das quais eram mulheres.

Pois as mulheres eram sujeitas ao mesmo tratamento rigoroso que os homens, e elas haviam corajosamente reivindicado o direito de compartilhar a sina comum de todos. Louise Michel e Lemel, a quem eles desejaram separar dos seus camaradas, declararam que iriam matar-se se a lei fosse violada. Insultadas pelos carcereiros, abusadas por vezes na ordem do dia do comandante da península, mal supridas de vestidos, mais de uma vez elas foram obrigadas a usar roupas masculinas.

A chegada no início de 1876 do novo governador, De Pritzbuier, pôs um fim à curta porém brilhante carreira de Alleyron. Pritzbuier, um Protestante renegado tornado notório Jesuíta, e enviado à Nova Caledônia pelas tendências Jesuíticas do Ministério, encontrou com seus ares repugnantes meios e maneiras de agravar ainda mais a miséria dos condenados. Ele foi guiado nessa tarefa pelo coronel Charrière, diretor geral da Penitenciária da Nova Caledônia, que declarou serem os criminosos do *bagnio* muito mais honoráveis do que os condenados políticos. Pritzbuier renovou a ordem do seu predecessor, acrescentando que os condenados que em um ano não fossem capazes de criar recursos suficientes para si próprios não mais receberiam rações integrais; e finalmente, que a Administração pretendia exonerar-se ao fim de um certo tempo de todas as despesas relativas aos condenados. Um agente foi apontado para atuar como intermediário entre eles e os comerciantes de Noumea. Mas todos os decretos do mundo não podem estender o comércio ou a indústria de uma terra sem recursos naturais. Havia sido dito, provado centenas de vezes, que a Nova Caledônia não era capaz de dar emprego a esses milhares de homens, que teriam prosperado em uma colônia vital e florescente. Os poucos que encontraram emprego haviam provado a sua inteligência, e arrebataram várias medalhas ou foram honoravelmente mencionados na exibição de Noumea. Os menos favorecidos - centenas deles - sofriram sob o decreto de 1875. Na realidade, a

imensa maioria dos condenados à deportação estão agora sujeitos aos trabalhos forçados. Os regulamentos colocados em vigor desde a fuga de Rochefort jamais foram mitigados. As esposas, as mães dos condenados, só têm permissão de comunicarem-se com eles em raros intervalos, e sob os olhares dos carcereiros. Mais de uma têm sido expelidas da colônia.

A despeito dos muitos esforços em quebrá-los, a honra da maioria dos prisioneiros não cedeu; muito mais do que isso, ela é um exemplo para os outros. Apesar de as cortes marciais terem misturado aos condenados da Comuna um mau elemento, totalmente estranho a essa revolução, contravenções comuns são muito raras. A sua condenação por contravenção política, o contato com os melhores trabalhadores, refez mesmo a consciência de muitos homens com antecedentes mais do que lamentáveis. A maioria dos condenados são punidos apenas por infrações ao regulamento ou por tentativas de fuga; tentativas quase sempre condenadas ao fracasso por antecipação. Como fugir sem dinheiro e sem confederados? Não houve senão quinze fugas bem sucedidas. Em meados de março de 1875, vinte prisioneiros da ilha des Pins, entre os quais estava o membro do Conselho da Comuna Rastoul, fugiram em um barco que eles haviam secretamente construído. A sua sorte nunca foi conhecida, mas poucos dias após a sua fuga os destroços de uma embarcação foram encontrados junto aos recifes. Em novembro de 1876 Trinquet e alguns dos seus camaradas conseguiram evadir-se em um navio a vapor. Eles foram perseguidos, dominados. Dois deles jogaram-se ao mar para escapar a seus perseguidores. Um morreu; o outro, Trinquet, foi devolvido à vida e ao *bagno*.

* * * * *

Diante de tais abismos de miséria os exilados não têm como falar dos seus sofrimentos, mas eles podem dizer em uma palavra que não macularam a honra da Causa. Milhares de trabalhadores, com as suas famílias, atirados indefesos, sem recursos, em um país estranho, falando uma língua estrangeira, empregados, professores, ainda mais desamparados, têm conseguido à força de sua energia ganhar a sua sobrevivência. Os trabalhadores da Comuna de Paris conquistaram um lugar honrado nas oficinas de países estrangeiros. Eles até mesmo tornaram prósperas, especialmente na Bélgica, indústrias até então decadentes; eles imprimiram a certas manufaturas o segredo do gosto parisiense. A proscricção dos *Communards*, como outrora a dos Protestantes, expulsou para além das fronteiras uma parte da riqueza nacional. Os exilados das assim chamadas profissões liberais, frequentemente mais desafortunados do que os trabalhadores, não têm mostrado menos coragem. Alguns ocupam postos de confiança; alguém talvez condenado à morte como incendiário, ou a trabalhos forçados por pilhagem, é professor em uma grande universidade ou examina candidatos a escolas do Governo. A despeito das dificuldades iniciais, doença, desemprego, nenhum exilado desviou-se, e nenhuma única condenação perante uma corte criminal ocorreu. Nenhuma só mulher prostituiu-se. Contudo são as mulheres quem arcam com a maior parcela da miséria comum. Entre esses milhares de exilados não têm sido descobertos senão dois ou três espíões; e houve somente um, Landeck, que estabeleceu um jornal de denúncias mais ignóbil do que o *Figaro*. Justiça logo foi feita, pois nenhuma proscricção foi mais zelosa da sua dignidade. Um ex-membro do Conselho da Comuna teve de defender-se perante os refugiados por ter recebido dinheiro dos deputados da Extrema Esquerda. Jamais a reunião comemorativa do 18 de Março teve um comparecimento melhor do que a de 1876 durante o debate sobre a anistia, pois cada um e todos ter-se-iam envergonhado de esconder as suas cores em tal momento. Sem dúvida, como qualquer outra proscricção, a de 1871 tem os seus grupos e as suas animosidades, mas todas essas opiniões desaparecem por trás da bandeira vermelha escoltando o caixão de um camarada. Sem dúvida tem havido manifestos virulentos que, entretanto, somente afetam os seus autores. Enfim, esses exilados não esqueceram os seus irmãos da Nova Caledônia, e abriram para eles uma subscrição permanente, que tem a sua sede em Londres. Uma ajuda pobre, sem dúvida; mas esse óbolo dos exilados vai dizer ao desafortunado condenado da Comuna, "*Coragem, irmão! teus camaradas não esquecem de ti; eles te honram.*" É a mão dos feridos estendida aos moribundos.

* * * * *

Vinte e cinco mil homens, mulheres e crianças mortos durante a batalha ou nos massacres subsequentes; no mínimo três mil mortos nas prisões, nos pontões, nas fortalezas, ou em consequência de enfermidades contraídas durante o seu cativeiro; treze mil e setecentos condenados, a maioria pelo resto da vida; setenta mil mulheres, crianças e idosos privados dos seus arrimos naturais ou enxotados da França; cento e onze mil vítimas pelo menos; - esse é o

balanço da vingança burguesa contra a solitária insurreição do 18 de Março.

Que lição de vigor revolucionário dada aos trabalhadores! As classes governantes atiram na multidão sem dar-se o trabalho de selecionar os reféns. A sua vingança não tem a duração de uma hora; nem os anos nem as vítimas a saciam; eles fazem dela uma função administrativa, metódica e contínua.

Por quatro anos a Assembléia Rural permitiu que as cortes marciais operassem e o elemento Liberal, que tantas eleições enviaram em grande número, de imediato seguiu a trilha dos Rurais. Uma ou duas moções pela anistia foram asfixiadas pela questão prévia. Quando a Assembléia Rural rompeu-se no mês de janeiro de 1876, ela havia removido uns poucos condenados de uma parte da Nova Caledônia para a outra, reduzido uns poucos termos de prisão, e dado perdão pleno a seiscentas pessoas condenadas às penas menores. O reservatório da Nova Caledônia permaneceu intacto.

Mas nas eleições gerais o povo não esqueceu-se dos vencidos. Em todas as grandes cidades, *Anistia* era a palavra de ordem; ela estava inscrita no topo de todos os programas democráticos; em todas as reuniões públicas a questão era cobrada dos candidatos. Com lágrimas nos olhos e a mão sobre os seus fraternos corações, os Radicais comprometeram-se em pedir uma anistia livre e completa; até mesmo os Liberais prometeram *"apagar os últimos traços das nossas discórdias civis,"* como a burguesia tem o hábito de dizer quando condescende em fazer lavar a calçada que ela própria encardiu de sangue.

As eleições de Fevereiro de 1876 foram Republicanas. As famosas camadas Gambettistas haviam aflorado à superfície. Uma multidão de advogados, proprietários Liberais, havia arrebatado as províncias em nome da liberdade, reformas, apaziguamento. O Ministro da reação, Buffet, foi derrotado em toda a frente, mesmo nos redutos Rurais. Os jornais Radicais declararam a República democrática fundada de uma vez por todas; e um deles em seu entusiasmo clamou, *"Malditos sejamos se não encerrarmos a era das revoluções!"*

As esperanças de anistia tornaram-se agora uma certeza. Sem dúvida esse era o obséquio pelo qual a Câmara reparativa assinalaria o seu jovial advento. Um comboio de condenados estava para velejar para a Nova Caledônia. Victor Hugo intimou o Presidente, MacMahon, a adiar a partida até a discussão e a decisão certamente favorável das duas Câmaras. Uma petição organizada às pressas em poucos dias reuniu cem mil assinaturas. Logo a questão da anistia ofuscou todas as outras, e o Ministério insistiu em uma discussão imediata.

Cinco proposições haviam sido colocadas sobre a mesa. Somente uma pedia uma anistia plena e completa. As outras excluía os crimes qualificados como comuns, entre os quais estavam classificados os artigos de jornais. A Câmara apontou uma comissão encarregada de redigir um relatório. Sete de um total de dez comissários declararam-se contra todas as proposições.

As novas camadas estavam se manifestando. Era sempre essa mesma classe média, vazia de idéias e de coragem, dura com o povo, tímida diante de César, chicaneira e jesuítica. Os trabalhadores já fuzilados em Junho de 1848 por uma Assembléia de Republicanos veriam em 1876 uma Assembléia Republicana rebitar a corrente forjada pelos Rurais.

A moção por uma anistia plena e completa foi apoiada por esses mesmos Radicais que haviam combatido a Comuna ou encorajado o sr. Thiers. Eles eram agora os leões democráticos de uma Paris privada de uma imprensa Socialista, sem tribunas populares, sem uma história da Comuna, vigiada pelas cortes marciais, sempre em busca de mais vítimas, viúva de todos os eleitores revolucionários. Nessa cidade que ele ajudara a sangrar, havia distritos que disputavam a honra de eleger Louis Blanc. O deputado de Montmartre era o mesmo homem que, no 18 de Março, congratulara Lecomte pela captura dos canhões - o sr. Clémenceau.

Ele fez um relato estéril, distorcido e tímido das causas imediatas do 18 de Março, mas teve um grande cuidado em não tocar nas causas verdadeiras. A fim de tornar os vencidos mais interessantes, outros Radicais empenharam-se em rebaixá-los. *"Vocês estão absolutamente enganados quanto ao caráter dessa revolução,"* disse o sr. Lockroy muito grandiosamente. *"Vocês vêem nela uma revolução social, onde nada mais houve senão um surto histérico e um ataque de febre."* O sr. Floquet, nomeado no distrito mais revolucionário, aquele em que Delescluze havia tombado, chamou o movimento *"detestável."* O sr. Marcou sabiamente declarou que a Comuna era *"um anacronismo."*

Ninguém nem mesmo na Extrema Esquerda ousou dizer corajosamente ao país a verdade. *"Sim, eles estavam certos em aferrarem-se às suas armas, esses parisienses, que lembravam-se de Junho e de Dezembro; sim, eles estavam certos ao insistir que os monarquistas estavam tramando uma revolução; sim, eles estavam certos em lutar até a morte contra o advento do padre."* Ninguém ousou falar dos massacres, chamar o Governo às falas pelo banho de sangue. Eles foram ainda menos eloquentes do que a *Enquête Parlementaire*. Fica evidente nessa fraca e superficial discussão que eles queriam apenas redimir a palavra que deram aos seus eleitores.

Para advogados que desceram tão baixo a resposta era bastante fácil. Como o sr. Thiers e Jules Favre haviam feito em 21 de março de 1871, o Ministro Dufaure estabeleceu pertinentemente a verdadeira questão em foco. *"Não, cavalheiros,"* disse ele, *"esse não foi um movimento comunal; essa foi em suas idéias, em seus pensamentos, e mesmo em seus atos, a mais Radical revolução jamais empreendida no mundo."* E o relator da Comissão: *"Houve horas em nossa história contemporânea em que a anistia pode ter sido uma necessidade, mas a insurreição de 18 de Março não pode sob nenhum ponto de vista ser comparada a nossas guerras civis. Eu vejo uma insurreição formidável, uma insurreição criminosa, uma insurreição contra toda a sociedade. Não, nada nos obriga a devolver aos condenados da Comuna os direitos de cidadãos."* A imensa maioria aplaudiu Dufaure, cantando louvores às cortes marciais, e nem um só Radical teve a coragem de protestar, de desafiar o Ministro a produzir um só documento, um só julgamento regular. Teria sido fácil retorquir a essa Extrema Esquerda: *"Silêncio, fariseus, que permitem que o povo seja massacrado e então vêm suplicar por ele; mudos ou hostis durante a batalha, grandiloquentes após a sua derrota."* O almirante Fourichon negou que os condenados da Comuna são colocados em pé de igualdade com os outros; negou os seus maus-tratos; disse que os condenados viviam em um verdadeiro jardim florido. Quando alguns intransigentes asseveraram que *"A tortura foi restabelecida,"* essa deliciosa resposta foi-lhes concedida, *"É a nós que vocês submetem à tortura."*

Em 18 de maio de 1876, 396 votos contra 50 rejeitaram a anistia plena e completa. Gambetta não votou. No dia seguinte eles discutiram uma proposição de anistia que excluía os condenados por atos qualificados pelas cortes marciais como crimes comuns. A Comissão mais uma vez rejeitou essa moção, dizendo que isso devia ser deixado à mercê do Governo, que havia prometido um considerável número de perdões. Os Radicais discutiram um pouco para salvar as aparências. O sr. Floquet disse, *"Não é em uma questão de generosidade e de misericórdia que deveríamos jamais por em dúvida as intenções do Governo;"* e a proposição foi derrubada.

Dois dias mais tarde no Senado, Victor Hugo clamou pela anistia em um discurso no qual estabeleceu uma comparação entre os defensores da Comuna e os homens de 2 de Dezembro. A sua proposição sequer foi discutida.

Dois meses depois MacMahon completou essa hipócrita comédia ao escrever ao Ministro da Guerra, *"Daqui em diante nenhum processo deverá ter lugar, exceto se comandado pelo unânime sentimento de pessoas honestas."* Os oficiais honestos entenderam. As condenações continuaram. Algumas pessoas condenadas à revelia, que haviam-se aventurado a retornar à França embaladas pelas esperanças dos primeiros dias, haviam sido capturadas; as sentenças contra elas foram confirmadas. Os organizadores de grupos de trabalhadores eram impiedosamente atingidos quando a sua conexão com a Comuna podia ser estabelecida. Em novembro de 1876 as cortes marciais pronunciaram sentenças de morte.

Essa impiedosa tenacidade alarmou a opinião pública a tal ponto que os Radicais foram mais uma vez obrigados a mexerem-se um pouco. Em fins de 1876 eles requereram que a Câmara deveria por um fim aos processos, ou pelo menos limitá-los. Uma lei ilusória foi votada; o Senado a derrubou; os nossos Liberais contavam com isso.

A misericórdia de MacMahon estava à altura do resto. No dia seguinte à rejeição da moção por uma anistia, Dufaure instalara uma Comissão de Perdão consultiva, composta de funcionários e reacionários cuidadosamente selecionados por ele próprio. Os estabelecimentos penitenciários da França continham então 1.600 pessoas condenadas por participação na Comuna, e o número de deportados subiu para cerca de 4.400. A nova Comissão deu continuidade ao sistema da anterior, comutou algumas penas, concedeu perdões de umas poucas semanas ou de uns poucos meses, liberando mesmo dois ou três condenados que estavam mortos. Um ano

após a sua instituição ela havia trazido da Nova Caledônia um máximo de cem entre os menos interessantes dos prisioneiros.

Assim a Câmara Liberal continuou a vingança da Assembléia Rural; assim a República burguesa parecia aos trabalhadores tão hostil aos seus direitos, mais implacável talvez do que os Monarquistas, justificando o comentário de um dos Ministros do sr. Thiers, "*São acima de tudo os Republicanos quem devem ser adversos à anistia.*" Uma vez mais foi justificado o instinto do povo de 18 de Março, quando perceberam na república conservadora concedida a eles pelo sr. Thiers uma opressão anônima pior do que o jugo Imperial.

* * * * *

No presente momento, seis anos após os massacres, quase quinze mil homens, mulheres e crianças são mantidos na Nova Caledônia ou no exílio.

Que esperança resta? Nenhuma. A burguesia tem estado demasiado assustada. Os clamores pela anistia, a ostentação das eleições, não irão perturbar os republicanos ou monarquistas conservadores. Todas as aparentes concessões serão umas tantas outras ciladas. Os mais valentes, os mais devotados, morrerão no *bagnio*, na península Ducos, na ilha des Pins.

Cabe aos trabalhadores cumprir o seu dever o tanto quanto for possível hoje.

Após a insurreição Feniana os irlandeses abriram centenas de subscrições públicas em benefício das vítimas. Quase £1.200 foram devotadas à sua defesa perante os tribunais. Os três homens enforcados em Manchester receberam na manhã da sua execução a promessa formal de que nada faltaria às suas famílias. Essa promessa foi mantida. Os pais de um, a esposa de um outro, foram amparados, as crianças foram educadas, dotadas. Apenas na Irlanda as doações para as famílias excederam £5.000. Quando a anistia parcial foi concedida todo o povo irlandês acorreu em socorro dos anistiados. O jornal único, o *Irishman*, em poucas semanas recebeu £1.000, em sua maioria em subscrições de um *penny* ou seis *penny*. Em uma única doação os irlandeses da América enviaram-lhes £4.000, e os mais pobres dos irlandeses pobres, emigrantes da Nova Zelândia, mais de £240. E isso não foi o impulso de um dia. Em 1874 o Fundo das Famílias de Prisioneiros Políticos ainda recebia £425. O total das subscrições excedeu £10.000. Enfim, em 1876, uns poucos Fenianos fretaram um navio e foram buscar alguns de seus camaradas ainda retidos na Austrália.

Na França todas as subscrições para as famílias dos condenados da Comuna não chegam a £8.000. As vítimas irlandesas somam apenas algumas centenas; as de Versalhes devem ser contadas aos milhares.

Nada tem sido feito pelos condenados deportados. Os Greppos, Louis Blanc & Cia. que, sem nenhum mandato, sem nenhuma fiscalização, arrogaram-se o direito de centralizar as subscrições, de distribuí-las a seu bel prazer, formaram assim para si próprios uma clientela das famílias daqueles a quem eles traíram. Eles têm-se recusado a transferir qualquer coisa aos condenados, quer dizer aos mais necessitados, que a seis mil léguas da França penam sem recursos e sem nenhuma possibilidade de trabalho.

Você está compreendendo, trabalhador, você que está livre? Você agora conhece toda a situação, e sabe quem são os homens. Lembre-se dos vencidos não por um dia, mas em todas as horas. Mulher, você cuja devoção sustenta e eleva a coragem dessa gente, que a agonia dos prisioneiros assombre-a como um interminável pesadelo. Que todas as oficinas a cada semana ponham de lado uma parte dos seus salários. Que as subscrições não mais sejam enviadas ao comitê de Versalhes, mas encaminhadas a mãos leais. Que o partido Socialista ateste os seus princípios de solidariedade internacional e o seu poder, salvando aqueles que tombaram por ele.